UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Leila Piovesan Garcia Paiva

PONTO E VÍNCULO:
Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas

Sorocaba/SP
2018

Leila Piovesan Garcia Paiva

PONTO E VÍNCULO:
Jornalismo Literário
e Reportagens Seriadas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora:
Professora Doutora Monica Martinez

Sorocaba/SP
2018

Ficha Catalográfica

Paiva, Leila Piovesan Garcia.
P169p Ponto e vínculo: jornalismo literário e reportagens seriadas / Leila Piovesan Garcia Paiva. -- Sorocaba, 2018.
259f.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Martinez.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2018.

1. Jornalismo. 2. Estilo literário. 2. Comunicação impressa. 3. Comunicação digital. I. Martinez, Monica, orient. II. Título. III. Jornalismo literário e reportagens seriadas. IV. Universidade de Sorocaba.

Leila Piovesan Garcia Paiva

PONTO E VÍNCULO:
Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovada em: 14 / 11 / 2018

BANCA EXAMINADORA:

Profa. dra. Monica Martinez
Universidade de Sorocaba

Prof. dr. Edvaldo Pereira Lima
Universidade de São Paulo

Prof. dr. John S. Bak
Universidade de Lorraine

Para Catarina, minha filha, porque todas as conquistas são nossas, querida.
Aos meus mestres, especialmente para Monica, John e Ed, também aos colegas de profissão e pesquisadores, pessoas que dedicam suas vidas a registrar e estudar a história humana, e sabem que nenhuma narrativa tem fim, todas têm ponto e vírgula, ou melhor, ponto e vínculo.

AGRADECIMENTOS

Eu não lembro exatamente quando, mas em algum momento da minha infância eu percebi que ninguém se torna alguém por si só. E que todos precisamos de muitos mentores durante a própria jornada até que os vários retornos com elixir ocorram. Pensando nisso, me apego à frase rotineira da professora Monica Martinez, frente aos meus inúmeros *Piovedramas*: "Ninguém faz um mestrado sozinho. O título é individual, mas abarca uma rede extensa de apoio".

E foram muitos os apoios nesta minha jornada. A começar por Deus, a quem creio e às vezes invoco sem perceber por estar tão presente na minha vida e fazer um milagre aqui. À minha filha, Catarina, meu bem maior, que me inspira por sua bondade e pela maturidade singular no auge da adolescência. Aos meus pais, Pedro e Teresa, meus principais mentores, que me deram a vida inúmeras vezes ao me apoiar em todas as iniciativas, sem questioná-las, por acreditarem em mim.

Ao meu marido, Alessandro, que apesar das dificuldades nossas, se mostra a cada dia um companheiro aberto para todas as jornadas possíveis e inimagináveis. Ao meu irmão, Lucas, por ser meu porto de otimismo, e financeiro também. Ao meu primo Osley Miravetti, por me motivar e me ajudar sempre com sua alegria e presteza. E à minha tia Clarice Piovezan, pela confiança e motivação eternas.

Finalmente, agradeço à minha querida professora Monica Martinez, a quem agora chamo de amiga, com todo carinho, por ser única e, assim, motivo de inspiração integral. Por me acolher em 2011, durante a especialização. Por manter-se vigilante ao meu processo de evolução dos últimos anos e por me convidar para esta aventura, acolhendo todas as minhas fraquezas. A ela agradeço também a dedicação singular nesta pesquisa, pelos compartilhamentos todos de conhecimento e contatos, pelas colaborações, pelos incentivos, pelo otimismo e pela fé, em mim, na vida, no processo de pesquisa, nos resultados, nas pessoas e em Deus. Por me inspirar mesmo no silêncio. Obrigada, de coração, por me dar o maior bem, o exemplo.

Ao professor Edvaldo Pereira Lima, por ser inspiração de inquietude e otimismo, exemplo profissional e mestre atencioso. Por tudo que já fez, criou e ainda desenvolverá. Por toda a colaboração à ciência brasileira e amor ao jornalismo. Obrigada! Ao professor John S. Bak, pela alegria, entusiasmo e presteza, não somente comigo, mas com todo corpo científico do mundo, por dedicar a vida à colaboração da ciência. Obrigada! Às minhas queridas mestras, Miriam Cristina Carlos da Silva e Mara Rovida Martini, pelo sorriso diário e amor empregado em cada aula, pela vontade inspiradora de libertar-nos. E ao professor Paulo Celso da Silva, pelo entusiasmo e exemplo. Gratidão!

Agradeço o empenho do corpo docente e demais funcionários do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Aos meus colegas, todos, do programa, pela alegria, amizade e troca. Em especial à Vanessa Heidemann, pela amizade e presteza. À Bruna Camargo, pela disponibilidade e companheirismo. Aos colegas aqui entrevistados, em especial Daniela Jacinto, pela confiança e presteza.

Às demais pessoas, amigos e parentes, que dedicaram um tempo para me motivar e me desejar o melhor. Obrigada! A todos vocês desejo que a jornada seja sempre sinuosa, cheia de aventuras e aprendizados, que as cavernas sejam curtas e que os retornos sejam sempre à luz divina.

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Eliane Brum

RESUMO

Este estudo tem como tema observar, no contexto dos estudos de Jornalismo Literário (JL), como está sendo desenvolvida a produção de Reportagens Seriadas (RS) na imprensa escrita brasileira da contemporaneidade. Para isso nos embasamos nas fundamentações teóricas de Lima, (2009; 2016); Martinez (2008; 2016; 2017) e Bak (2011; 2018). A abordagem metodológica é de Análise de Conteúdo, sob o olhar de Bardin (2016), Martinez e Pessoni (2015), empregando como *corpus* uma reportagem seriada de cada uma das cinco regiões do país, além de uma produção local (Sorocaba, SP) – todas desenvolvidas por profissionais formados em jornalismo, publicadas em jornais registrados na Associação Nacional de Jornais (ANJ) e que, além da versão impressa, tivessem o portal digital atuante. Os resultados apontam a existência de relação entre as amostras com o JL; que os profissionais que o desenvolvem têm idade média de 42 anos, sendo 20 deles de carreira; que são especialistas em diversas áreas, com liberdade de atuação na pauta. Concluiu-se que a média das produções é de 15 textos, distribuídos em 4,8 edições diferentes e sequenciais, e que metade dessas edições conta com artigos autorais de pessoas da comunidade. Observou-se também a precariedade de sintonia e vínculo entre as edições impressas e as digitais das amostras; e que as RS não ocorrem nos grandes veículos de circulação nacional, porém, em empresas de tradição e sobreviventes do mercado impresso jornalístico contemporâneo, que motivam de forma editorial o desenvolvimento de reportagens seriadas, mas que a iniciativa é centralizada no repórter. Os resultados também sinalizam a vastidão de possibilidades de estudos futuros.

Palavras-Chaves: Comunicação. Jornalismo Literário. Jornalismo impresso. Jornalismo digital. Reportagens seriadas.

ABSTRACT

This study has as a theme to observe, in the context of the studies of Literary Journalism (LJ), how the production of Serial Reportages (SR) is being developed in the Brazilian written press of contemporaneity. For this we rely on the theoretical foundations of Lima, (2009, 2016); Martinez (2008, 2016, 2017) and Bak (2011, 2018). The methodological approach is of Content Analysis, under the watchful eye of Bardin (2016), Martinez and Pessoni (2015), employing as corpus a serial reportages of each of the five regions of the country, besides a local production (Sorocaba, SP) - all developed by professionals trained in journalism, published in newspapers registered with the National Association of Newspapers (NAN – ANJ in portuguese) and that, besides the printed version, had the active site. The results indicate the existence of relationship between the samples with the LJ; that the professionals who develop it have an average age of 42 years, 20 of them of career; who are experts in several areas, with freedom of action on the agenda. It was concluded that the average of the productions is of 15 texts, distributed in 4,8 different and sequential editions, and that half of these editions count on articles authors of people of the community. It was also observed the precariousness of syntony and link between the printed and digital editions of the samples; and that SR does not occur in the large vehicles of national circulation, but in companies of tradition and survivors of the contemporary print market, which motivate editorially the development of serial reportages, but that the initiative is centralized in the reporter. The results also signal the breadth of possibilities for future studies.

Keywords: Communication. Literary Journalism. Printed journalism. Digital journalism. Serial reportages.

LISTA DE QUADROS

Quadro1 – Relação da amostra 1 com os 10 pilares do JL 47
Quadro2 – Perfil do profissional e atuação na amostra 1 48
Quadro3 – Perfil do jornal da amostra 1.....49
Quadro4 – Perfil da amostra 1.....51
Quadro5 - Relação da amostra 2 com os 10 pilares do JL 53
Quadro6 - Perfil do jornal da amostra 2.....54
Quadro7 - Perfil do profissional e atuação na amostra 2 56
Quadro8 - Perfil da amostra 2.....60
Quadro9 - Relação da amostra 3 com os 10 pilares do JL 63
Quadro10 - Perfil do profissional e atuação na amostra 3.....67
Quadro11 - Perfil do jornal da amostra 3.....68
Quadro12 - Perfil da amostra 3.....69
Quadro13 - Perfil do jornal da amostra 4.....72
Quadro14 - Perfil do profissional e atuação na amostra 4.....73
Quadro15 - Relação da amostra 4 com os 10 pilares do JL 74
Quadro16 - Perfil da amostra 4.....76
Quadro17 - Perfil da amostra 5.....77
Quadro18 - Perfil do jornal da amostra 5.....78
Quadro19 - Perfil do profissional e atuação na amostra 5.....78
Quadro20 - Relação da amostra 5 com os 10 pilares do JL 79
Quadro21 - Perfil do jornal da amostra 6.....83
Quadro22 - Perfil do profissional e atuação na amostra 6 84
Quadro23 - Relação da amostra 6 com os 10 pilares do JL 85
Quadro24 - Perfil da amostra 6.....89
Quadro25 – Perfil dos profissionais e desempenho nas amostras 93
Quadro26 – Perfil dos jornais analisados 95
Quadro27 – Perfil do desempenho das amostras 96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ordem de análise cronológica do *corpus* 45
Figura 2 – Recorte de capa para visualização da linha fina (amostra1) 50
Figura 3 – Recorte para visualização de *box* explicativo (amostra 1) 51
Figura 4 – Ilustração da jornada da reportagem (amostra 2) 55
Figura 5 – Recorte de capa para visualização da chamada (amostra 2) 58
Figura 6 – Recorte para visualização de ícone do *hotsite* (amostra 2) 59
Figura 7 – Recorte para visualização da postagem (amostra 2) 61
Figura 8 – Recorte para visualização de *boxes* explicativos (amostra 3) 64
Figura 9 – Recorte para visualização da foto de abertura (amostra 4) 72
Figura 10 – Recorte para visualização do selo (amostra 4) 75
Figura 11 – Recorte para visualização do selo (amostra 5) 80
Figura 12 – Recorte para visualização dos *boxes* explicativos (amostra 5) 81
Figura 13 – Recorte para visualização do cabeçalho (amostra 6) 86
Figura 14 – Recorte da capa para visualização da chamada (amostra 6) 87
Figura 15 – Recorte para visualização de ícones multimídia e *hotsite* (amostra 6) 88
Figura 16 - Ilustração do perfil dos profissionais 94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Desempenho de acesso aos *links* (amostra 1) 52
Gráfico 2 – Desempenho de acesso aos *links* (amostra 3) 70
Gráfico 3 – Desempenho de acesso aos *links* (amostra 5) 77
Gráfico 4 – Relação das amostras com os 10 pilares do JL 92
Gráfico 5 – Relação das edições e respectivas divulgações 97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....17

2 TEORIAS.....22
2.1 Jornalismo Literário.....22
2.1.1 O termo Jornalismo Literário.....22
2.1.2 Origem do Jornalismo Literário 23
2.1.3 Jornalismo Literário no Brasil 24
2.1.4 Emenda Antropofágica 25
2.1.5 Jornalismo Literário brasileiro 27
2.2 Reportagens Seriadas 32
2.2.1 Possível Origem 32
2.2.2 Folhetins 33
2.2.3 Do Romance ao Entretenimento 34
2.2.4 As séries no Jornalismo 36
2.3 Comunicação Vincular 40

3 METODOLOGIA 41
3.1 *Corpus* 44

4 ANÁLISES 47
4.1 Amostra 1 – Norte – A Crítica.....47
4.2 Amostra 2 – Nordeste – Diario de Pernambuco.....53
4.3 Amostra 3 – Local – Cruzeiro do Sul.....62
4.4 Amostra 4 – Sul – Correio do Povo 71
4.5 Amostra 5 – Sudeste – Tribuna de Minas.....76
4.6 Amostra 6 – Centro-Oeste – Correio Braziliense.....83

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES 90
5.1 Conclusões 92
5.2 Considerações 99

REFERÊNCIAS 102

APÊNDICES 109
Apêndice A - Norte 109
Apêndice B – A Crítica.....109
Apêndice C – Currículo de Ana Célia Ossame de Figueiredo.....109
Apêndice D – Produção de *Profissionais do Sexo*.....109
Apêndice E – Facebook – A Crítica.....110
Apêndice F – Entrevista com Ana Célia Ossame de Figueiredo.....110
Apêndice G – Referências do *Corpus* Analisado Amostra 1.....111
Apêndice H – Nordeste 112
Apêndice I – Diario de Pernambuco.....112
Apêndice J – Currículo de Maria Carolina Santos.....113
Apêndice L – Produção de *SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião*.....113
Apêndice M – Facebook – Diario de Pernambuco.....113
Apêndice N – Entrevista com Maria Carolina Santos.....114
Apêndice O – Referências do *Corpus* Analisado Amostra 2.....117
Apêndice P – Local 118
Apêndice Q – Cruzeiro do Sul.....119
Apêndice R – Currículo de Daniela Jacinto.....119
Apêndice S – Produção de *Quilombo Os Camargo – Apagão Histórico*.....119
Apêndice T – Facebook – Cruzeiro do Sul.....120
Apêndice U – Entrevista com Daniela Jacinto.....120
Apêndice V – Referências do *Corpus* Analisado Amostra 3.....121
Apêndice X – Sul 122
Apêndice Y – Correio do Povo.....122
Apêndice Z – Currículo de Paulo Tavares.....122
Apêndice AA – Produção de *'Zumbis' no Volante*.....123
Apêndice BB – Facebook – Correio do Povo.....123
Apêndice CC – Entrevista com Paulo Tavares.....123
Apêndice DD – Referências do *Corpus* Analisado Amostra 4.....124
Apêndice EE – Sudeste.....125
Apêndice FF – Tribuna de Minas.....125

Apêndice GG – Currrículo de Daniela Arbex.....125
Apêndice HH – Produção de *Vidas Roubadas*.....126
Apêndice II – Facebook – Tribuna de Minas.....127
Apêndice JJ – Entrevista com Daniela Arbex.....127
Apêndice LL – Referências do *Corpus* Analisado Amostra 5.....128
Apêndice MM – Centro-Oeste.....129
Apêndice NN – Correio Braziliense.....130
Apêndice OO – Currículo de Guilherme Goulart.....130
Apêndice PP – Produção de *Conexão Brasília*.....130
Apêndice QQ – Facebook – Correio Braziliense.....131
Apêndice RR – Entrevista com Guilherme Goulart.....131
Apêndice SS – Referências do *Corpus* Analisado Amostra 6.....132

ANEXOS.....134
Anexo A – Print da página do A Crítica no Facebook.....134
Anexo B - Print da página do Diario de Pernambuco no Facebook.....135
Anexo C - Print da página do Cruzeiro do Sul no Facebook.....137
Anexo D - Print da página do Correio do Povo no Facebook.....138
Anexo E - Print da página do Tribuna de Minas no Facebook.....139
Anexo F - Print da página do Correio Braziliense no Facebook.....141
Anexo G – Versão Digital da produção de A Crítica.....143
Anexo H – Versão Digital da produção do Diario de Pernambuco.....151
Anexo I – Versão Digital da produção de Cruzeiro do Sul.....153
Anexo J – Versão Digital da produção de Correio do Povo.....162
Anexo L – Versão Digital da produção de Tribuna de Minas.....172
Anexo M – Versão Digital da produção do Correio Braziliense.....190
Anexo N - Versão Impressa da produção de A Crítica.....193
Anexo O - Versão Impressa da produção do Diario de Pernambuco.....199
Anexo P - Versão Impressa da produção do Cruzeiro do Sul.....212
Anexo Q - Versão Impressa da produção do Correio do Povo.....222
Anexo R - Versão Impressa da produção do Tribuna de Minas.....231
Anexo S - Versão Impressa da produção do Correio Braziliense.....242

1 INTRODUÇÃO

A decisão de estudar reportagens seriadas foi tomada em 17 de dezembro de 2014, por sugestão da orientadora desta pesquisa, professora doutora Monica Martinez, em conversa informal com esta pesquisadora, Leila Piovesan Garcia Paiva - que usa o nome social e profissional Leila Gapy -, nas dependências do departamento de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso).

Na ocasião, o encontro ocorreu a convite da orientadora para apresentação e aproximação da academia. Oportunidade em que a pesquisadora encerrava quase 15 anos de trabalho no jornal local, *Cruzeiro do Sul* - onde entrou aos 18 anos, como cobradora do caixa e, em mais de uma década, passando por diversos departamentos, deixou a empresa por vontade própria como jornalista profissional e repórter especial.

Vale lembrar que, neste período de atuação profissional, a fim de melhorar sua produção jornalística associada à insatisfação com a forma como conduzia inúmeras pautas diárias, a pesquisadora buscou pela especialização em Jornalismo Literário por meio do curso *lato sensu* da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), concluído em 2012. Nas palavras dela, um divisor de águas na carreira.

Isso porque, além de possibilitar localizar seus pares, a especialização possibilitou maior traquejo na condução de pautas complexas, além de olhar desadestrado para ocorrências diárias. Um dos exemplos singulares desenvolvido pela jornalista durante o curso, sob a orientação do professor doutor Celso Falaschi, foi publicado pelo referido jornal em forma de reportagem seriada, em 2013.

Trata-se da história de uma sobrevivente da bomba atômica de Nagasaki (1945), que migrou para o Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, onde viveu mais de 60 anos (GAPY, 2013). Na oportunidade, além de aprender a fragmentar o assunto, sem desmembrá-lo, com cinco publicações sequenciais, a jornalista entendeu a linha condutória da Jornada do Herói e da Grande Reportagem.

Considerada bem-sucedida devido à recepção dos leitores - por meio de abordagens físicas, telefonemas, recebimento de e-mails e envolvimento nas redes sociais, que somavam, em 2014, 1.500 acessos digitais na primeira edição e a manutenção da média de 500 visualizações nas demais -, a série trouxe à jornalista o entendimento de que assuntos complexos (MORIN, 2000) demandam, não apenas fôlego do profissional, mas um espaço

identificatório na edição e de tempo ampliado para desenvolvimento. O que talvez somentte uma reportagem seriada possa oferecer.

Fragmentação essa que também favorece a formação de vínculo do leitor com a produção, despertando a experiência (CONTRERA, 2009; BAITELLO JÚNIOR, 2014) por meio da empatia e afetos que a escrita criativa provoca (LIMA, 2009); tornando-se pedagoga e transformadora no processo humano evolutivo (BAK, 2017).

Essa experiência foi o passaporte para que a pesquisadora desenvolvesse outras produções seriadas, entre elas uma coleção de 16 perfis de pessoas anônimas publicados entre o final de 2013 e o ano de 2014. Além de contarem a história de um personagem central, os perfis traziam informações relevantes que, por fim, resultavam em reportagens. Produção que a levou a vencer o prêmio jornalístico da Prefeitura de Sorocaba em 2014, categoria Série de Reportagens/Especial (GAPY, 2014).

No entanto, por diversos motivos, o ingresso à academia não foi imediato. Somente dois anos depois, em dezembro de 2016, ambas se reencontraram e desenharam o projeto de pesquisa. A partir dali, a definição do assunto/*corpus* a ser estudado ocorreu por sugestão da orientadora que, devido à experiência jornalística e acadêmica, conseguiu rapidamente mapear a possibilidade inédita de estudo. Um argumento irrefutável para seguir.

Desde então, vários estudos que integram o projeto têm sido conduzidos e os resultados apresentados à comunidade científica (2017/2018). Um deles é a revisão de literatura (GAPY, 2017). Resultado inicial da pesquisa, quando, na tentativa de mapear as peças de cinco regiões do país, percebeu-se de imediato alguns pontos de deficiência no arquivamento e hospedagem virtual das reportagens seriadas produzidas pela imprensa brasileira.

Isso porque, apesar da grande maioria dos repórteres dos jornais do Brasil ter formação superior em jornalismo (CALDEIRA, 2014) e os manuais de redação estarem disponíveis, o termo Reportagem Seriada (RS) quase não é usado. A principal associação das produções é com o termo Série de Reportagem. Que embora a definição seja similar à Reportagem Seriada, conforme os dois manuais de redação mais usados atualmente, da *Folha de S.Paulo* e do *Estado de S.Paulo*, na prática, série é entendida como sinônimo de Coleção de Reportagens.

Coleção relacionada à publicação de uma Grande Reportagem, ou seja, disponibilizada em cadernos especiais. Como as buscas pelas amostras ocorreram de forma

aleatória por meio do portal Google, um exemplo indicado nos resultados foi a produção multimídia "As Quatro Estações de Iracema e Dirceu", do *Diário Catarinense*, em 2015, que na verdade se trata de uma produção especial (GAPY, 2017) de única edição. Outro exemplo foram as duas peças encaminhadas pela jornalista Letícia Duarte, que até 2017 era repórter especial do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre (RS).

O caderno "Filho da Rua" (2012) tinha 16 páginas e versa sobre o acompanhamento, por três anos, de um menino negligenciado pelo Estado. Já o caderno "Refugiados" (2012) de 16 páginas e edição única também, aborda a história de uma família Síria rumo à Europa. O mesmo aconteceu com Daniela Arbex, da *Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora (MG), que indicou como possibilidade de estudo o caderno especial "Expedição Rio São Francisco" (2016), com 16 páginas, sobre a vida dos moradores ao redor do famoso rio brasileiro.

Situação similar ocorreu também com Elaíze Farias, atualmente sócia-proprietária do site *Amazônia Real*, que indicou um especial virtual sobre a ameaça de extinção das terras indígenas Sawré Muybu, dos Munduruku, por conta das madeireiras (2017), com quatro links. Na ocasião do primeiro contato, ela mencionou a expressão "reportagens especiais extensas", desvinculando a relação ao nosso foco em edições distintas.

Num segundo contato, insistindo em sua interpretação a cerca do termo, a jornalista encaminhou um caderno especial de oito páginas, produzido por ela para *A Crítica*, de Manaus (AM), em 2012, sobre a ameaça do garimpo ao povo Yanomami. Neste contato, a jornalista justificou a interpretação garantindo, do seu ponto de vista, a inexistência de produções publicadas em edições seriadas, afirmando a morte, a curto prazo, dos impressos e o salto das agências e sites de notícias, com especiais multimídias.

As chamadas suítes, os desdobramentos de um determinado assunto em edições sequenciais, também foram mencionadas de forma equivocada como séries de reportagens. O que fez com que muitos números e algoritmos fossem somados à nossa palavra-chave. Isso ocorreu com frequência na busca por peças que representassem o sul no país.

A série de *suítes* a respeito da Greve dos Caminhoneiros (maio de 2018), produzida integralmente pelo jornal sulista *A Hora do Vale*, de Lajeado (RS), foi vencedora até de prêmio regional na categoria Série de Reportagens e gentilmente encaminhada pelo principal repórter da produção, Thiago Maurique (2018), com 13 edições de seis páginas em média, mas também não se alinhava com o que buscávamos.

Logo foi possível observar que o primeiro obstáculo encontrado, portanto, era quanto a definição do termo ideal e do que realmente é Reportagem Seriada, além de sua popularização.

Outra questão observada é a falta de organização e coerência de uma publicação do jornal impresso *versus* o jornal online. Muitas das produções seriadas de forma impressa não são catalogadas na rede digital de forma eficaz para acessível localização, pois não existem *links* sequenciais ou notas explicativas ao leitor-internauta, detalhando que se trata de parte de uma série; além da inexistência de *tags* similares em todas as matérias/reportagens para facilitação de localização das demais partes em portais de buscas.

Um exemplo é a reportagem seriada "Encarcerados", de Michele de Carvalho Ferreira, produzida em 2017 para o jornal *Diário Popular*, de Pelotas (RS). A série foi vencedora de prêmio regional e na página do jornal há menção a duas edições. Mas nenhuma delas, na versão digital, leva à outra ou explica, por fim, quantas partes realmente compõem a produção, e/ou sinalizam *links* para texto integral da versão impressa.

Em contato com as redações dos jornais foram localizados um terceiro e quatro problemas. Muitos dos e-mails para contatar as redações são genéricos, alguns desatualizados – inclusive de pessoas desligadas há anos dos veículos -; e quando reais, as mensagens não são retornadas, principalmente quando o assunto é uma pesquisa sobre a atuação interna da publicação. A recepção e devolutiva parece mais eficaz quando o contato é sobre sugestão de pauta.

Isso também ocorreu quando procuramos por Michele no *Diário Popular* e também com a equipe do *Zero Hora* onde, segundo algumas matérias recentemente publicadas, possivelmente a jornalista trabalha atualmente. O outro problema é que poucos jornalistas estão verdadeiramente acessíveis, com os contatos divulgados nas redes. E estes, quando estão, quase sempre não têm sua produção organizada, menos ainda o currículo pronto ou tempo realmente livre para o atendimento.

Isso ocorreu com Elaíze Farias e Silvia Bessa, esta segunda do *Diário de Pernambuco*. Embora solícitas e atenciosas, a primeira enviou um currículo recém-elaborado, assumindo que não o tinha pronto. E a segunda deixou de retornar no meio do processo de pesquisa. Foi percebido então que muitos profissionais não fazem essa organização nem para si mesmos e, quase sempre, agem de forma evasiva quando o assunto é sobre eles próprios, conforme mencionou Daniela da Costa Jacinto.

"Não estou acostumada a falar sobre mim ou minhas experiências. Esta é a primeira vez", afirmou Jacinto (2018), ainda que mostrando entusiasmo com a iniciativa. Neste caminho foi preciso paciência para mapear a produções, partindo então de uma organização própria sobre a definição – produção de Grande Reportagem, publicada de forma fragmentada e em duas ou mais edições diferentes, sequenciais e identificadas -, produzida por um jornalista profissional – com curso superior em jornalismo -, e publicada em veículo impresso com portal atuante, associado à Associação Nacional dos Jornais (ANJ) – como forma de legalidade da empresa.

Somente a partir dessa organização de pesquisa é que as amostras começaram a ser localizadas, juntamente de seus profissionais e representantes de empresas, com disponibilidade de arquivos em PDF das edições, das respectivas capas, além de *links* para todos os textos, a captação de informações pessoais do jornalista e dos dados dos jornais. Vale destacar aqui que, a partir da localização do nome da amostra e do autor, o contato foi otimizado.

Destaque para Guilherme Goulart, do *Correio Braziliense*, Brasília (DF), que tinha tudo à mão e prontamente, de um dia para o outro, disponibilizou, retornou e respondeu todas as solicitações. Os demais também colaboraram de forma solícita, mas com menos rapidez. As exceções de retorno ficaram por conta da chefia da *Tribuna de Minas* (MG) e *Correio do Povo* (RS), que não concluíram o envio de informações dos veículos.

Importante ainda colocar aqui que, após as análises e conclusão desta pesquisa, numa nova busca, a título de curiosidade, outras peças interessantes foram localizadas. Como a série de três cadernos especiais sequencias, escrita por Dimitri Túlio, do *O Povo* (Fortaleza, CE), de 2007, intitulados "Mares do Sertão", "Deserto do Sertão" e "Chuvas do Sertão". Ele mesmo, em 2006, fez uma grande reportagem e mais uma série de dez dias sobre a exploração sexual infantil nas rodovias do estado cearense.

No próprio *Cruzeiro do Sul* foi localizada a produção seriada de Carolina Santana, feita em 2015 sobre a desinstitucionalização manicomial. Antes da localização de Guilherme Goulart, por exemplo, com a opção pela análise mais recente, de 2018, já havíamos localizado a reportagem seriada "Césio 137 – 30 anos de um inimigo invisível" – produzido por ele juntamente com Natalia Lambert; além da produção de oito edições de três páginas tabloide cada, sobre "Mulheres no Mercado de Trabalho", desenvolvida por Ana Paulo Lisboa e Tainá Sigmaringa, ambas de 2017.

Se somarmos a elas os casos de estudos localizados na revisão de literatura, mais as amostras desta pesquisa, observaremos que a produção jornalística seriada é existente e sólida. Resta-nos saber então como é feita.

2 TEORIAS

2.1 JORNALISMO LITERÁRIO

2.1.1 O termo Jornalismo Literário

Nosso principal foco de estudo, o Jornalismo Literário, o JL - como o chamaremos daqui para frente -, dispõe historicamente de outros nomes como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não-Ficção; e está popularmente associado ao movimento e época do Novo Jornalismo, dos anos 60 estadunidenses.

Porém, é importante destacar que este trabalho não tem por objetivo discutir a falta de consenso sobre o termo Jornalismo Literário, principalmente porque o tema já foi profundamente abordado em outros estudos (MARTINEZ, 2017). No entanto, destacamos aqui dois pontos fundamentais para o entendimento acerca da questão.

O primeiro deles é que nos apegamos à ideia de que boa parte dos estudiosos internacionais adota o termo Jornalismo Literário devido à compreensão ampla de que os textos em consideração são narrativos, embora não se tenha intenção de afirmar que a denominação seja perfeita ou a única cabível.

Para isso, nos associamos à ideia de que "futuras discussões entre acadêmicos poderão construir culturalmente uma nomenclatura definitiva, se tal nomenclatura for possível" (HARTSOCK, 2000, p. 11, tradução nossa). O segundo ponto é o de que há tempo das primeiras sistematizações que definiam o Jornalismo Literário como algo que "quem lê sabe que é" (KRAMER, 1995).

Além disto, como Bak, entendemos que já há validação suficiente no campo para não ficarmos apenas nestas questões e avançarmos nos estudos. Entendemos que atualmente já haveria legitimação e repertório suficientes para se parar de se referir ao Jornalismo Literário como apenas um gênero, como propõe Tom Wolfe ou uma forma como entendem os estudiosos Norman Sims e John Hartsock, e começarmos a chamá-lo pelo que de fato é: uma disciplina (BAK, 2011; 2018).

2.1.2 Origem do Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário ganhou evidência internacional na década de 1960, por iniciativas encabeçadas por jornalistas estadunidenses como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe, que chegaram a afirmar, naquele período, que haviam encontrado uma nova forma de contar histórias reais. Apelidando-o, então, de o Novo Jornalismo. No entanto, o JL, como é carinhosamente chamado pelos adeptos, tem história muito tempo antes dos seus anos dourados da década 1960.

> Apesar de todo mérito que tiveram, o fato é que a invenção não é um dos itens da longa e honrosa lista de créditos dos jornalistas estadunidenses. A verdade é que a saga do Jornalismo Literário começa muito antes (MARTINEZ, 2016, p. 29).

Apoiando-nos em estudos teóricos que apontam o contar histórias como um dos pontos fortes do JL, podemos ousar e afirmar que o nascimento da disciplina ocorreu junto da concepção de civilização humana. “Tempo em que o ser humano se deu conta de que era finito e que, para lidar com o irremediável fato de sua mortalidade começou a questionar, pensar, simbolizar e, sobretudo, comunicar inquietações e descobertas” (MARTINEZ, 2016, p. 29).

Esta concepção descrita é alicerçada na ideia de que o JL, mais que o jornalismo tradicional, dá a devida ou mais atenção à oralidade, aos sentimentos, na forma como as pessoas se comunicam. Sendo observada e destacada a importância da descrição de cenas, fatos e expressões na escrita antes mesmo da combinação de texto e imagem.

Exatamente como ocorreu com as obras como a Odisseia, de Homero (VII a.C.), aos estudos dos primeiros filósofos gregos como Platão, Sócrates e Aristóteles (I a.C.). E por onde passaram também, por exemplo, os livros minuciosamente reproduzidos à mão pelos monges da Igreja Católica antes do surgimento da prensa que criou a imprensa, a partir da criação do alemão Johann Gutemberg (séc. XV).

O que também alavancou o aperfeiçoamento, acesso e customização da escrita. “Graças à tipografia, que acelera e barateia o processo de reprodução, a escrita, a leitura e, consequentemente, o acesso ao saber se populariza na Europa renascentista”, (MARTINEZ, 2016, p. 30).

Tanto é fato que, como ainda destaca Martinez (2016, p. 31), o estudioso Norman Sims defende que o JL, na verdade, até os dias atuais muito se inspira nos escritores do século XVII, como Daniel Dafoe, com seu Robinson Crusoé; Gustave Flaubert, com sua Madame Bovary; e Honoré de Balzac, com sua Comédia Humana.

Vale lembrar que, conforme conclui o pesquisador John S. Bak, em seu livro *Literary Journalism across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences* (2011), pode-se dizer que o JL nasceu em várias partes do mundo, em períodos distintos e/ou simultâneos (dentro de uma mesma evolução humana e global); embora sejam trajetórias que ainda estão sendo agrupadas ou formadas e em processo de compreensão.

2.1.3 Jornalismo Literário no Brasil

Já no Brasil, por exemplo, segundo Martinez, a demora da chegada da prensa e criação da imprensa, assim como diversas censuras governamentais retardaram o processo evolutivo do jornalismo e do JL, por consequência.

> Do ponto de vista histórico, os estudos em Jornalismo Literário compartilham naturalmente o mesmo *delay* de três séculos que os de Jornalismo como um todo apresentam no país. Isso porque a implantação de gráficas na então colônia portuguesa só seria autorizada em 1808, com a chegada ao Rio de Janeiro da corte lusitana em sua fuga das invasões napoleônicas. [...] Por ser inspirada na imprensa francesa, fortemente politizada, a imprensa nacional em consolidação enfrentou dificuldades significativas em momentos políticos de grande autoritarismo. No caso brasileiro, nominadamente em fases lideradas por ditaduras militares: 1) A República Velha, iniciada com o golpe da declaração da República (1889-1930); 2) A República Nova (1930-1964), em particular na Era Vargas (1930-1945); 3) Finalmente, a ditadura de 1964 (1964-1985) (STARLING; SCHWARCZ, 2015) – talvez o mais estudado período do ponto de vistas de estudos de jornalismo. Isso provavelmente porque os pesquisadores brasileiros dos anos 1970/1980 sofreram o duro impacto das restrições de liberdade sob o regime militar (MARTINEZ, 2017).

Ainda assim, os escritores Euclides da Cunha e João do Rio fizeram história no desenvolvimento desta modalidade na virada do século XX para o XXI.

> O engenheiro carioca Euclides da Cunha (1866-1909), provavelmente o autor nacional mais estudado em Jornalismo Literário, cobriu a insurreição de Canudos para o jornal O Estado de S. Paulo em 1897. Pelos cinco anos seguintes, usou o material excedente para escrever Os Sertões, lançado em 1902, obra traduzida nos anos 1940 para o inglês e até hoje no catálogo da editora da Universidade de Chicago (CUNHA, 1944). Já João do Rio era o pseudônimo do multimídia da época Paulo Barreto (1881-19210), que fazia imersões na sociedade carioca da época para fazer relatos de profundidade como o do seu livro As Religiões do Rio (RIO, 1976) (MARTINEZ, 2017).

Mas foi justamente na década de 1960, durante a Ditadura Militar (1964-1985), enquanto os autores estadunidenses ostentavam seu “achado”, que o jornalista José Hamilton Ribeiro e outros colegas da antiga e extinta revista Realidade, da editora Abril,

faziam JL como habilidade excepcional. Situação que seria depois estudada e descrita por Bak (2011; 2018) como tempo de terreno fértil à criatividade que insiste em vingar.

> O Jornalismo Literário e reportagem literária foram igualmente produtivos em tempos de crises sociais e políticas que um dado governo quis ou não que seu corpo político conhecesse. Há exemplos impressionantes de como jornalistas de várias nações autocráticas têm contornado ditadores, juntas entrincheiradas e caudilhos armados para produzir peças que estão em pé de igualdade com as dos jornalistas literários de nações mais livres (BAK, 2011; apud MARTINEZ, IUAMA, GAPY, 2018).

Histórico que mesmo tendo sido esquecido pela imprensa durante o *boom* tecnológico dos anos 1970, 1980 e 1990, emerge com força pós-internet e propõe a própria reconstrução, agora já com repertório (MARTINEZ, 2016).

2.1.4 Emenda antropofágica

Interessante destacar que nos últimos anos, antropofagias entre os conceitos brasileiros, estadunidenses e europeus foram ocorrendo, principalmente devido à atuação da Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário (IALJS, em inglês).

Para explicar esse processo mais atual, é preciso lembrar que em 2011 o pesquisador estadunidense John S. Bak, teórico da comunicação e literatura, reuniu em seu livro *Literary Journalism across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*, escrito juntamente com Reynolds, 16 ensaios de diferentes pesquisadores ao redor do mundo sobre a forma como fazem Jornalismo Literário em seus países.

O livro foi resultado de um percurso de Bak junto à IALJS, fundada por ele mesmo em 2006. Este resultado era a ânsia do pesquisador para entender a prática do JL no mundo e como ela se firmava através do tempo. Desta forma, na introdução do livro o estudioso acabou por fazer um manifesto sócio-jornalístico das semelhanças que envolvia o desenvolvimento do JL em diferentes partes do mundo, embora se oponha ainda hoje a manifestos.

Primeiro ele destaca que as narrativas em JL irão sobreviver e prosperar porque são únicas para cada nação e suas culturas alteram a percepção e atuação do JL. Apesar dele mesmo reconhecer que suas raízes estão, de alguma forma, estabelecidas nas origens estadunidenses ou europeias. Mas na prática, apesar da era das notícias eletrônicas, o Jornalismo Literário parece pronto a revolucionar nossa maneira de ler e apreciar a literatura.

Desta forma, Bak sinaliza a eficácia social do emprego do JL, afirmando que em muitas recentes democracias a modalidade tornou-se a voz social, responsável e respeitável da mídia. Ele garante que a aposta contemporânea no jornalismo como literário, mas no jornalismo sobre literatura. E reconhece as limitações de alcançar semelhanças em cunho global, visto que a fórmula se impõe a cada realidade distinta.

Dois exemplos são os conceitos de literatura e de verdade, que são variantes para cada nação e dependem, não só da história local, como da cultura. Na visão de Hartsock, por exemplo, que expõe em seu ensaio que a Rússia pós-revolucionária, a realidade objetiva é produto do pensamento burguês, fabricado para dar às massas uma aparência de verdade e, portanto, a ilusão de liberdade.

> O comentário de Edvaldo Pereira Lima em sua história do Jornalismo Literário brasileiro: "A liberdade de expressão e a democracia são fundamentais para a prosperidade do Jornalismo Literário". Embora indubitavelmente verdadeiro, o corolário da afirmação de que nações com imprensas controladas pelo estado não tiveram Jornalismo Literário não procede, como os autores Peiqin Chen, Sonja Merljak Zdovc e Soenke Zehle deixam claro em seus ensaios para este livro. O Jornalismo Literário e reportagem literária foram igualmente produtivos em tempos de crises sociais e políticas que um dado governo quisesse ou não que seu corpo político conhecesse. Há exemplos impressionantes de como jornalistas de várias nações autocráticas têm contornado ditadores, juntas entrincheiradas e com caudilhos armados, para produzir peças que estão em pé de igualdade com as dos jornalistas literários de nações mais livres. No Chile, por exemplo, Gonzalo Saavedra Vergara descreve como a imprensa chilena, antes e depois do cruel regime de Augusto Pinochet, usou o Jornalismo Literário como um bálsamo para curar as feridas políticas do país (BAK, 2011 apud MARTINEZ; IUAMA; GAPY; 2017, p. 236).

Segundo Bak, a opressão tem fomentado o crescimento do Jornalismo Literário tanto quanto, senão mais, do que a liberdade. O direito de saber e contar está acima da realidade vivida. “Tendo sido negada a liberdade de expressar a verdade, jornalistas censurados simplesmente experimentaram técnicas literárias para expressar a verdade de maneiras subversivas” (BAK, 2011 apud MARTINEZ; IUAMA; GAPY; 2017, p. 237).

Além deste recurso, os jornalistas literários têm se valido da ficção para falar sobre a verdade, estabelecendo dois níveis de verdade. Na sequência, Bak menciona a função pedagógica do JL, favorecendo a compreensão do mundo complexo, principalmente para nações devastadas pelas guerras ou violência, como os africanos e asiáticos (2017).

Uma das principais críticas a respeito do desempenho internacional do JL é o fato de muitos jornalistas se valerem de histórias tristes (BAK, 2017). Assim, o pesquisador sinaliza que a modalidade não está, necessariamente, atrelada a este sentido. Porém, a necessidade de estudos em Jornalismo Literário Avançado fica mais evidente quando o

pesquisador destaca a necessidade do conhecimento profundo de história, sociologia e economia para ampliação da consciência interdisciplinar.

Ele destaca por fim que não podemos comparar o desempenho do JL em diferentes localidades, ou alcançar a fórmula universal, mas sim estarmos atentos às mudanças sociais e os empregos de criatividade e inovação que, por muitas vezes, foram deixadas na estante.

2.1.5 Jornalismo Literário brasileiro

No caso brasileiro é preciso ter em mãos o referencial estadunidense (BAK, 2011; HARTSOCK, 2000; CONNERY, 1992). Thomas Kennerly Wolfe, falecido em maio de 2018 aos 88 anos, foi um jornalista e escritor estadunidense, conhecido por seus textos irônicos e considerado um dos fundadores do *new journalism*, movimento jornalístico dos anos 1960. Embora ele mesmo, em *Radical Chique e O Novo Jornalismo* (p.40-60, 1963), dizia não se considerar desta forma.

Ao contrário, ele lembrava que, antes dele, vieram outros como Jimmy Breslin, Gay Talese, Truman Capote, Joan Didion, John Hersey e Lilian Ross. E que não era nenhum movimento (o *new journalism*), de que não havia manifestos ou reuniões de fiéis. "O que sabia-se era que, de repente, havia uma espécie de excitação artística no jornalismo e que isso em si já era uma novidade" (WOLFE, 2004, p.41).

Neste capítulo, intitulado "A Tomada de Poder", ele narra os passos do então chamado Novo Jornalismo, "Nome que pegou, mas eu nunca gostei", mencionou. Na obra, ele revela como os jornalistas da época, misturados a romancistas atuantes em redações – como da *The New Yorker* e *Herald Tribune*, "de repente" se deram conta de que poderiam se valer dos recursos literários para contar uma história real.

> Se acompanha-se de perto o progresso do Novo Jornalismo ao longo dos anos 60, vê-se acontecer uma coisa interessante: os jornalistas aprendendo do nada as técnicas do realismo – especialmente do tipo que se encontra em Fielding, Smollett, Balzac, Dickens e Gogol. Por meio de experiência e erro, por "instinto" mais que pela teoria, os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu "imediatismo", sua "realidade concreta", seu "envolvimento emocional", sua qualidade "absorvente" ou "fascinante" (WOLFE, 2004, p. 53).

Antes de listar os principais recursos, ele pontuou a necessidade do repórter ser um verdadeiro detetive, além de sentimental. Na sequência, ele afirmou que "esse poder extraordinário" da narravida se originava sobre tudo de quatro recursos, "descobriram eles" (WOLFE, 2004, p. 53-55,):

1) **Construção cena a cena** – "Contar a história passando de cena para cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica";
2) **Diálogo completo** – "Para poder testemunhar de fato as cenas da vida das outras pessoas no momento em que ocorriam – registravam diálogos completos";
3) **Ponto de vista da terceira pessoa** – "A técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem experimenta";
4) **Descrição simbólica** – "Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, maneiras de viajar, comer, comportamentos, olhares, estilo de vida", o chamado *status de vida.*

Interessante lembrar que após concluir a fórmula, o próprio Wolfe lembrou que Balzac e Dickens já se valiam delas e que, de alguma forma, registraram uma época, cada um a sua maneira.

Já o criador do programa de Jornalismo Narrativo da *Nieman Foundation*, braço da Universidade de Harvard (EUA), Mark Kramer, jornalista e escritor, coorganizou em 1995 juntamente com Norman Sims a antologia *Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction* (Ballantine Books, 1995), onde ele reflete sobre os tópicos decisivos no campo da narrativa de não ficção, a que ele chama de anti-hipocrisia.

Vale lembrar que na época, mais do que atualmente, o termo ainda era bastante discutido e, apesar daquele Novo Jornalismo identificar o gênero naquele momento, iniciava-se a abertura de espaço para o termo Narrativas de Não-ficção e, na sequência, o Jornalismo Literário, tal como optamos aqui. Este último, o próprio Kramer sinalizava intuitivamente que iria definir a modalidade nos anos seguintes.

No texto - apresentado à comunidade brasileira em 2007, durante o Seminário Brasileiro de Jornalismo Literário, organizado pela então Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), atualmente Instituto Esvaldo Pereira Lima (EPL) -, o professor lembrava que, apesar da evidência do gênero na década de 1960, com Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolfe e Joan Didion, a modalidade tinha linhagem própria e fora enraizada séculos antes.

Desta forma, Kramer destacava a contribuição de Daniel Defoe, Mark Twain e Stephen Crane, ainda nos séculos 18 e 19, e que no começo do século 20, antes e após a

Segunda Guerra Mundial, havia contado com trabalhos de James Agee, Ernest Hemingway, A.J. Leibling, Joseph Mitchell, Lillian Ross e John Steinbeck.

> A consciência pública de que se trata de um gênero diferente dos outros também cresceu, embora lentamente e milhares de leitores o procuram. Mas o que ele tem sido realmente é o "você-sabe-quando-você-vê"? (KRAMER, 1995).

Na sequência, Kramer (1995) listou peculiaridades definidas e derivadas de trabalhos e autores já citados:

1) **Imersão** – "Jornalistas literários imergem no universo do assunto e em pesquisas de profundidade", ou seja, jornalistas literários são, acima de tudo, mais exatos do que os jornalistas diários.
2) **Exatidão** – "Jornalistas literários firmam pactos claros e abertos com leitores e fontes no que se refere à exatidão", traçam a veracidade, já nos primeiros parágrafos, por meio da franqueza e de vivências práticas, tanto com:
   (a) a relação do autor com o leitor;
   (b) a relação do escritor com suas fontes;
3) **Acontecimentos rotineiros** – "O trabalho de conquistar acessos legítimos por longos períodos força os autores a procurarem seu material em lugares abertos à visitação e, indo contra seus próprios anseios, evitar os lugares restritos";
4) **Voz autoral** – "Jornalistas literários escrevem com uma voz interior informal, sincera, humana e irônica";
5) **Estilo próprio** – "Uma marca do Jornalismo Literário que se pode identificar desde o começo de um texto é sua linguagem eficiente, particular e informal";
6) **Vários pontos de vista** – "Escrevem de um ponto de vista flexível e móvel, a partir do qual contam histórias, situam e fazem os leitores girar em torno do tema";
7) **Estrutura** – "Conta, na medida em que narrativa primária, histórias e digressões se misturam para ampliar e para recompor fatos";
8) **Dar sentido** – "Jornalistas literários desenvolvem sentidos porque criam de acordo com as contínuas reações dos leitores. Enquanto vivenciam um texto, os leitores são inclinados a se importar sobre como se deu uma situação e o que acontece logo em seguida com os personagens".

Kramer encerra o texto mencionando o visível crescimento do JL, já no século 20. Segundo ele, o início do século definiu as rotinas de trabalho e não excluiu o jornalismo, instalando por consequência, uma desesperança generalizada. Neste sentido, Kramer sinalizou o que Bak (2011) falaria anos depois. Que o cenário caótico fomentou a ânsia popular por entendimento da complexidade e fez emergir a criatividade necessária.

Desta forma, destacamos que os brasileiros, caminhando em simultâneo com esse amadurecimento externo, já teriam estruturas que nortearam a atual prática, com os

primeiros passos desenvolvidos em 1993 por Lima, e em 2005 por Felipe Pena. Na sequência, aprimorado por Lima (2009) em dez pilares compilados:

> 1. **Exatidão e precisão:** quebrando o paradigma de que jornalismo literário tem texto floreado, adjetivado, Lima enfatiza que o texto feito por jornalistas-escritores é baseado na apuração criteriosa (LIMA, 2009, p. 372, apud MARTINEZ, 2016);
> 2. **Contar uma história:** o autor recorda a propensão humana a narrar histórias. "Artificialmente, o jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo. Pelo exagero, o que se gerou foi um modo de comunicação social muitas vezes asséptico, que o leitor logo esquece" (LIMA, 2009, p. 358, apud MARTINEZ, 2016, p. 47);
> 3. **Humanização:** o fator humano é marca do JL na visão de Lima. "Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações" (LIMA, 2009, p. 359, apud MARTINEZ, 2016, p. 47);
> 4. **Compreensão:** princípio essencial do jornalismo literário é a visão compreensiva da realidade, com sua função de disseminar conhecimentos. "Compreender é diferente de explicar. A explicação adota uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo" (LIMA, 2009, p. 366, apud MARTINEZ, 2016, p. 47);
> 5. **Universalização temática:** como o jornalismo literário busca principalmente tocar os leitores pelos aspectos humanos envolvidos, não está fechado à leitura de não especialistas em dado assunto, como editorias clássicas de jornais e revistas. Isso porque, como diz Lima, (...) "o autor está em busca, em qualquer assunto, dos temas subjacentes que o tornam universal" (LIMA, 2009, p. 367, apud MARTINEZ, 2016, p. 47);
> **6. Estilo próprio e voz autoral:** habilidade narrativa é condição imprescindível para a prática do jornalismo literário. Mais do que virtuoses literárias, demandam-se jornalistas-escritores com visão compreensiva da realidade: "O autor não é um mero compilador de dados, esforçado moleque de recados que transmite as versões dos fatos moldados conforme os interesses de suas fontes, nem se esconde, submisso, por trás das afirmações dos especialistas" (LIMA, 2009, p. 369, apud MARTINEZ, 2016, p. 48);
> 7. **Imersão:** Lima lembra que há apenas uma forma de o jornalista literário compreender a realidade: mergulhando na própria. "Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem. E então escreve" (LIMA, 2009, p. 373, apud MARTINEZ, 2016, p. 47);

> 8. **Simbolismo:** o repórter evidentemente atua na captação de realidades simbólicas e não na realidade primária, biopsicofísica. "É o simbolismo que me permite fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal. Um dos meios de emprego do simbolismo é o uso de metáforas, o recurso de linguagem que me permite substituir uma coisa por outra que ela não é, mas que todo mundo entende" (LIMA, 2009, p. 379, apud MARTINEZ, 2016, p. 48).
> 9. **Criatividade:** "Todo autor é um criador. (...) Primeiro, ele é um repórter (...) – alguém que mergulha nas entranhas agradáveis ou horripilantes da realidade para conhece-las bem, destrinchá-las, trazê-las à luz da compreensão. Em seguida, é um escritor, alguém que organiza sua história do que ouviu e viveu numa narrativa consistente, representação simbólica de ações, cenários e personagens reais. Nas duas pontas do seu trabalho, precisa ser criativo. Isto é, precisa ter engenhosidade, gerar o novo" (LIMA, 2009, p. 384, apud MARTINEZ, 2016, p. 48);
> 10. **Responsabilidade ética:** o último princípio filosófico apontado por Lima é a habilidade de responder de forma ética às complexas demandas sociais de nosso tempo. "O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso" (LIMA, 2009, p. 389, apud MARTINEZ, 2016, p. 48):

Aliado a isso, outras duas noções são vitais para compreensão do manifesto brasileiro. A primeira é a de que as noções de literatura e jornalismo variam de uma nação para a outra (BAK, 2011 apud MARTINEZ; IUAMA, GAPY, 2017) e assim sendo, que trata de gênero jornalístico diferenciado, como explica Lima, em seu livro *Jornalismo Literário para Iniciantes* (CLUBE DOS AUTORES, 2010):

> Estilo diferenciado de prática da reportagem e do ensaio jornalístico, o Jornalismo Literário ocupa um lugar especial na cultura contemporânea. Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente. Pois são precisamente as diferenças que marcam este tipo muito particular de jornalismo, quando comparado aos padrões mais conhecidos, que lhe dão identidade toda própria, uma força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável (LIMA, 2010, p. 9).

A segunda é a de que é "um gênero fronteiriço, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito" (MARTINEZ, 2016, p. 27). E que envolve, inclusive, outras ciências como sociologia, antropologia, psicologia, mitologia, semiótica, neurologia, conforme destaca Lima (2009) ao referir-se ao gênero na composição avançada.

Porém, um gênero com função social indiscutível (DOMINGUES, 2016) e em franca expansão (MARTINEZ, 2016, p. 53), podendo ser localizado nas grandes reportagens, reportagens seriadas, livro-reportagens (LIMA, 2009), biografias, perfis, ensaios e memórias (VILAS-BOAS, 2003), e/ou, como mais recentemente, nas mais diversas plataformas de comunicação, inclusive na composição (por que não?) de narrativas curtas

como obituários e haicais (MARTINEZ, 2016, p. 281, 341, 361), dependendo apenas da habilidade do jornalista.

2.2 REPORTAGENS SERIADAS

2.2.1 Possível origem

Se levarmos afinco a questão da fragmentação, da divisão por assunto ou edição, iniciaremos esta discussão nos primórdios da comunicação humana, quando o ser humano optou por desenhar determinadas cenas ou falar certas frases, o que nos remonta às primeiras organizações cerebrais de pensamentos, às escolhas do porquê isso e não aquilo.

> Primeiro em estelas e obeliscos, mais tarde em papiros, pergaminho e finalmente papel, são gravadas lembranças de vitórias, registros de história de classes, grupos e indivíduos que dominavam as sociedades históricas (LE GOFF, 2003 apud MARTINEZ, 2016, p. 71).

O fato é que, no aprofundamento da pesquisa, chegamos ao surgimento da pontuação na escrita, e a subsequente estruturação, que já eram passos das fragmentações. Escalar um verbo e um ponto final numa oração é fracionar o parágrafo, possivelmente, por assunto, para que ele tenha coerência num todo, no corpo do texto.

Logo, então, podemos mencionar como exemplo mais real de fragmentação nos primórdios, por assunto ou capítulo (como preferir), Os Dez Mandamentos (possivelmente 1.300 a.C), que teriam sido escritos por Deus em dez etapas em tábuas de pedra entregues ao profeta Moisés (EXÔDO, 34 – 1).

Dando um salto na história da escrita, na era vitoriana outro exemplo nos chama atenção, quando a britânica Emily Brontë publicou, em 1847, seu famoso *O Morro dos Ventos Uivantes* em três partes, originando, após sua morte, o livro que atualmente é referência em literatura mundial.

Com ideia similar, o francês Victor Hugo publicou, em 1863, em cinco peças distintas, *Os Miseráveis*. Cada uma delas era separada por assuntos que, ao final, se interligavam e narravam a miséria humana (real) em torno da Revolução Francesa (1789-1799) por meio da trajetória do personagem fictício de Jean Valjean.

E é neste momento que alcançamos um termo mundialmente conhecido, o folhetim, englobado pela literatura e desenvolvido a partir do século retrasado.

2.2.2 Folhetins

O termo folhetim foi concebido na França na década de 1830, como um gênero narrativo estabelecido pelo jornalista francês Émile de Girardin (1802-1881) – vale lembrar que antes disso o termo referia-se à crítica literária. Girardin tinha um jornal chamado *Le Presse* juntamente com Armand Dutacq. Observando o coeficiente entre produção e venda, percebeu que poderia tirar vantagens financeiras no desenvolvimento de folhetins, como o conhecemos, tornando-se assim, precursor do gênero.

> O romance-folhetim teve sua inauguração oficial em 5 de agosto de 1836, quando o *La presse* começa a publicar Lazarillo de Tormes em partes diárias. Porém Lazarillo de Tornes ainda era uma obra que não fora criada originalmente para ser publicada por pedaços em rodapés de jornais, como aconteceria em seguida. O folhetim faz sucesso e é incorporado à lógica capitalista, pois "publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento de vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante" (PENA, 1996, p. 29 apud SOUZA JÚNIOR, 2011).

Depois de estabelecido, o gênero foi incorporado por diversos jornais e praticado por importantes romancistas. Dois anos depois de ser criado na França, chegou ao Brasil. A primeira publicação fragmentada foi *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, em 1838 no *Jornal do Commercio*, de Pernambuco.

De acordo com Meyer, o primeiro folhetim publicado em português é de 1844, *Mistérios de Paris,* de Éugene Sue, composto de 90 partes e publicado originalmente em 1943 (MEYER, 1996, p. 283). Vale lembrar que os folhetins democratizaram o acesso à literatura no Brasil, assim como estimularam sua produção. Souza Júnior (2011) nos conta que, antes disso, os romances eram pouco acessíveis, exigindo impressão na Europa, o que elevava seu custo por aqui.

O importante é destacar que, a partir do momento em que o gênero foi estabelecido, ganhou papel de protagonista na história da literatura, tanto do lado dos escritores quanto do lado mercadológico dos jornais.

Se de um lado estavam as "novas condição de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando" (MEYER, 1996, p.59), do outro estava a experiência do consumidor poder "participar dessas aventuras e se autoidentificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida particular" (BAKHTIN, 1998, p. 421).

Costa Serra (1997) destaca que esse olhar para o método subdividiu, posteriormente, o folhetim em dois, um chamado de Romance em Folhetim – preocupado com a

organização interna, comprometido com a estruturação literária -, enquanto o Romance-Folhetim, que voltado ao grande público busca entretê-lo e aceita intervenções externas de condução.

Acompanhando o raciocínio, Lajolo e Zilberman (1996, p. 19) destacam que a relação de causa-consequência entre "leitor principiante, narrador permissivo e tolerante" e que esse narrador usaria recursos ou "procedimentos de sedução", exatamente "como a retomada de eventos apresentados em capítulos anteriores, explicação do aparecimento de novos personagens, simulação de reações do leitor e legitimação das mesmas, ou seja, procedimentos associados ao folhetim" (SOUZA JÚNIOR, 2011).

O pesquisador concorda com o pensamento de Tinhorão (1994) de que, embora muitos historiadores sequer citem o folhetim, o gênero influenciou a criação das principais técnicas do romance brasileiro. Segundo Souza Júnior, a principal prova disso é que os primeiros romances brasileiro nasceram na sequência do desenvolvimento dos folhetins e, por consequência, gestaram os primeiros grandes romancistas tupiniquins, como José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908).

2.2.3 Do romance ao entretenimento

Precisamos lembrar que desde então a literatura evoluiu e que o desenvolvimento dos capítulos dos romances acompanharam a transformação social, afinando a estruturação e amarração entre as peças de forma que, ainda hoje, dão ao leitor a sensação de que ele precisa prosseguir a leitura, exatamente como mencionamos a concepção dos folhetins.

A noção de estruturação também pode ser encontrada na construção de histórias de vida em jornalismo por meio da proposta de monomito do mitólogo estadunidense Joseph Campbell, que chegou aos 17 passos depois de estudar a composição do alicerce de religiões e seus simbolismos míticos relacionados à vida humana (PENSAMENTO, 1995).

Essa base, apoiada na vida real, serviu para que Christopher Vogler escrevesse *A Jornada do Escritor* – Estrutura Mítica para Escritores (ALEPH, 2015) – adaptado e usado no cinema, principalmente a partir dos anos 1960. Como exemplos, temos os filmes de George Lucas e Steven Spielberg (LIMA, 2004).

O proposto por Vogler é uma forma organizada de entreter o leitor e fazê-lo seguir acompanhando a narrativa até o final da história. O item 1 (um), o Mundo Comum, é o lugar comum do personagem, quase sempre descrito para criar empatia com o leitor de vida comum.

Já o item 6 (seis), a Aproximação da Caverna Oculta, é o clímax da história, o suspense que o leva para o item 7 (sete), Provação Suprema, deixado para o meio do texto, propositalmente conduzindo o leitor até lá; enquanto somente no final, do item 8 (oito) em diante, o personagem alcança o objetivo do desfecho.

Esta proposta tem acompanhado a estruturação de romances e, posteriormente, criações do cinema e dramaturgia, como as famosas telenovelas brasileiras. Exatamente aqui vale lembrar que nenhum setor mercadológico pesquisa mais o consumidor que o setor de entretenimento.

Mercado que já percebeu que, mais recentemente, os avanços tecnológicos têm favorecido para mudanças comportamentais no consumo televisivo e digital. Essas mudanças têm provocado alteração também no método e resultado da produção de conteúdos.

Como exemplo, citamos a histórica produção televisiva, que posteriormente transferiu-se para a sétima arte. A novela, que do italiano é a unificação de narração com imaginário, tem por sua vez a origem nas primeiras reuniões de contos, como nas obras de Edgar Allan Poe (1808-1849) e Mark Twain (1835-1910).

Porém, foi transformada em produto midiático no Brasil em 1951, com a divulgação de *Sua Vida Me Pertence*, exibida com 15 capítulos pela Rede Tupi (WIKIPEDIA, 2018), desde então a TV brasileira tem emendado uma trama a outra, chegando a produções com mais de 200 capítulos e recordes de audiência.

De lá pra cá também, um braço da novela nasceu, as chamadas minisséries. Ironicamente, seu surgimento ocorreu na rede Cultura, entre 1981 e 1982, com a transposição teatral de obras literárias que, por sua vez, também nasceram de folhetins. No entanto, a primeira minissérie historicamente registrada foi divulgada em 1984.

A produção foi exibida pela antiga rede Manchete, com *Santa Marta Fabril S.A.*, inspirada na obra de Abílio Pereira de Almeida (LOPES, GRECO, 2010). Essa estratégia alcançou o cinema. Como a produção de Steven Spielberg sobre a franquia de Indiana Jones, estrelado por Harrison Ford no papel de Henry Jones Júnior (1981, 1984, 1989, 2008 – e com promessa para quinta edição em 2021).

Sobre esse *case*, Spielberg mencionou, em entrevista para Susan Lacy – cineasta que documentou sua carreira para a rede HBO (SPIELBERG, 2016) -, que o apego do público com o personagem fez com que saga do professor reverberasse por décadas. Situação

similar ocorreu com os livros e franquias da saga Harry Potter, da inglesa J. K. Rowling e tantos outros.

A maioria utilizando, assumidamente, a jornada do herói de Campbell e Vogler. Democratizada, desde 1997, pela pioneira no *streaming*, a estadunidense Netflix, que nasceu como locadora/vendedora de filmes pelo correio, passando para provedora desses conteúdos em forma digital, alcançou a produção de filmes e seriados exclusivos, em 2012.

As pesquisas de mercado e o consumo global e local têm feito a multinacional investir cada vez mais nos mais diferentes segmentos de produções. Recentemente, o vice-presidente da empresa, Erik Barmark, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* (YUGE, 2018), disse que o segredo do sucesso da provedora está exatamente em mesclar produções exclusivas de cunho global com produções locais.

Na oportunidade, sutilmente, ele mencionou que o apego do consumidor com os personagens, aliada à possibilidade de "revivê-los" sempre que desejar, conforme possibilita o portal, favorece para o crescimento de produções estendidas como séries, a exemplo de Stranger Things (2016), dos irmãos Ross e Matt Duffer.

Um sucesso calculado por números no mercado dos negócios, já que a empresa soma 120 milhões de assinantes no mundo e um faturamento de US$3,8 bilhões somente em 2017.

2.2.4 As séries no jornalismo

Conforme Martinez (2016), desde 1776 já haveria liberdade de expressão da mídia dos Estados Unidos, o que para alguns autores estaria relacionado ao sistema capitalista (SODRÉ, 2011; apud MARTINEZ, 2016), enquanto na América Espanhola já existia tipografias desde o século XVI. Contudo, o primeiro jornal impresso no Brasil data de 1808, a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Já a primeira série de reportagens de que se tem notícia em solo brasileiro é, por coincidência, exemplo de Jornalismo Literário, e foi desenvolvida quase 100 anos após a concepção da imprensa brasileira. Trata-se da cobertura jornalística da Guerra de Canudos (1896-1897), feita pelo engenheiro, escritor e jornalista carioca Euclides da Cunha (1866-1909), para o jornal *O Estado de S.Paulo* em 1897.

Cunha sai da capital paulista acreditando na idéia comum de que a história tem um único lado, o dos republicanos, uma vez que o movimento a ser por ele coberto, ameaçava

o futuro e pretendia recuperar a monarquia. Mas ao pisar no sertão nordestino, ele descobre outra realidade.

Os rebeldes que ameaçavam a ordem nacional eram agricultores, excluídos socialmente que, em meio às dificuldades da seca sertaneja, acreditavam numa salvação milagrosa proposta por Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), o messias à época, mais conhecido por Antonio Conselheiro, morto em 1897 após quatro grandes ofensivas militares organizadas pela elite, a quem suas ações questionadoras não agradavam.

> [...] Chegam à uma hora em grande número novos prisioneiros - sintoma claro de enfraquecimento entre os rebeldes. Eram esperados. Agitara-se pouco depois do meio-dia uma bandeira branca no cento dos últimos casebres e os ataques cessaram imediatamente do nosso lado. Rendiam-se, afinal. Entretanto não soaram os clarins. Um grande silencio avassalou as linhas e o acampamento. Mesmo em sua obra ficcional, Dickens tirava partido de seu treino jornalístico, como em Nicholas Nickleby, onde chega a visitar estabelecimentos de ensino para retratar com fidelidade os apuros pelos quais passam os órfãos A bandeira, um trapo nervosamente agitado, desapareceu; e, logo depois, dois sertanejos, saindo de um atravancamento impenetrável, se apresentaram ao comandante de um dos batalhões. Foram para logo conduzidos à presença do comandante-em-chefe, na comissão de engenharia.
>
> *Antônio, o Beatinho*
>
> Um deles era Antônio, o Beatinho, acólito e auxiliar do Conselheiro. Mulato claro e alto, excessivamente pálido e magro, ereto o busto adelgaçado. Levantava, com altivez de resignado, a fronte. A barba rala e curta emolduravalhe o rosto pequeno animado de olhos inteligentes e límpidos. Vestia camisa de azulão e, a exemplo do chefe da grei, arrimava-se a um bordão a que se esteava, andando. Veio com outro companheiro, entre algumas praças, seguido de um séquito de curiosos. Ao chegar à presença do general, tirou tranqüilamente o gorro azul, de listras e bordas brancas, de linho; e quedou, correto, esperando a primeira palavra do triunfador. Não foi perdida uma sílaba única do diálogo prontamente travado.
>
> - Quem é você ?
>
> - Saiba o seu doutor general que sou Antônio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião e não agüenta mais.
>
> E rodava lentamente o gorro nas mãos lançando sobre circunstantes um olhar sereno.
>
> - Bem. E o Conselheiro ?
>
> - O nosso bom Conselheiro está no céu ...
>
> *Morte de Conselheiro*
>
> Explicou então que aquele, agravando-se antigo ferimento, que recebera de um estilhaço de granada atingindo-o quando em certa ocasião passava da igreja para o Santuário, morrera a 22 de setembro, de uma disenteria, uma "caminheira" - expressão horrendamente cômica que pôs repentinamente um burburinho de risos irreprimidos naquele lance doloroso e grave.
>
> O Beato não os percebeu. Fingiu, talvez, não os perceber. Quedou imóvel, face impenetrável e tranqüila, de frecha sobre o general, olhar a um tempo humilde e firme. [...] (CUNHA, 1963: 456-457; apud MARTINEZ, 2009).

De acordo com Martinez, um dos pontos de ligação de Cunha com o JL contemporâneo é a tentativa de, em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns, com seus problemas e limitações.

Apesar de inúmeras matérias a respeito do conflito e desdobramentos posteriores (com 55 documentos, entre telegramas e cartas) - e que por fim possibilitaram ao autor escrever *Os Sertões*, lançado em 1902 e traduzido na década de 1940 para o inglês (CUNHA, 1944 *apud* MARTINEZ, 2016) -, a produção se assemelha com a proposta aqui firmada, mas trata-se de uma coleção de *suítes*.

Logo, o pontapé inicial necessário aqui foi de fato definir o que é série de reportagens e reportagens seriadas. Nos valemos do Manual de Redação em Jornalismo do jornal *Folha de S.Paulo* (2018), que define Série de Reportagens como "uma sequência periódica de reportagens veiculadas em jornais escritos ou televisivos que trata de um assunto em particular durante determinado intervalo de tempo, podendo ser diário, semanal ou mensal" (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 42).

Porém, com a associação da palavra série como sinônimo de coleção, optamos aqui por usar a definição acima descrita com o termo Reportagem Seriada (RS), por acreditarmos que se afina melhor com o propósito deste estudo.

Não obstante a fragmentação da notícia estar se mostrando uma crescente tendência mundial nas últimas décadas, principalmente como forma de valorização do marketing jornalístico (PAIVA, 2016) – exatamente como nos primórdios dos folhetins -, até onde temos conhecimento não existe ainda um estudo específico sobre a história da fragmentação da notícia em reportagens seriadas, nem um manual sobre como fazê-las (MARTINEZ, GAPY, 2017).

Desta forma, observamos que a fundamentação teórica de grandes reportagens (uma irmã gêmea bivitelínia das reportagens seriadas), assim como mães dos livros-reportagem, é bastante estudada e acompanha a estruturação compilada por Lima em 2009. Nesta linha de raciocínio, o que temos em estudo mais próximo do propósito das reportagens seriadas é o livro *Páginas Ampliadas:* o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura, do teórico brasileiro Edvaldo Pereira Lima (MANOLE, 2009). Nele, Lima fundamenta o nascimento do livro-reportagem numa crítica singular feita pela pesquisadora Cremilda Medina, que aponta duas origens para a produção:

> Da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto de outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade (MEDINA apud LIMA, 2009, p. 33).

Na sequência, ele menciona que, em alguns casos, o livro-reportagem é resultado da grande reportagem ou reportagens seriadas - uma iniciativa que esbarra nas dos romances oriundos dos folhetins. Tanto é que, neste âmbito, temos como exemplo recente os livros de Daniela Arbex, *Cova 312* (GERAÇÃO, 2015) - resultante de uma reportagem seriada publicada no jornal *Tribuna de Minas* em 2002 - e *Holocausto Brasileiro* (GERAÇÃO, 2013) – resultante de outra produção seriada publicada no mesmo jornal em 2011.

> No entanto, Lima em Páginas Ampliadas não fala especificamente sobre as séries ou como fazê-las. Mas o teórico detalha a fórmula de como o jornalista pode criar, estruturar e desenvolver um livro-reportagem pautado pelo JL. Dicas valiosas que podem e devem ser usadas na composição de séries de reportagens. Como, por exemplo, quando ele explica que as informações podem ser divididas por capítulos pautados por assuntos. Separando-os então com base nos fundamentos da literatura, deixando para a apresentação (primeiros capítulos), uma espécie de aperitivo do conflito que é posicionado no meio no livro e desvendado por completo no final. Sinalizando a eficiência da amarração no sentido de "prender" o leitor, de texto em texto, até a última linha (MARTINEZ, GAPY, 2017)

Importante mencionar que a teorização deste trabalho, até onde entendemos, carece de fontes históricas a respeito do desenvolvimento e evolução das Reportagens Seriadas no Brasil (GAPY, MARTINEZ, 2017). Em contrapartida, observa-se atuante cenário de constante evolução, já que inúmeras iniciativas foram localizadas, como o especial de 90 anos do Grupo Folha (2011).

No material, 90 reportagens premiadas e de destaque produzidas pelo veículo são listadas, sendo a primeira de 21 de junho de 1959, intitulada "Um rio desafia o Brasil", de Mário Mazzei Guimarães, que se trata de "Série de 16 reportagens com enfoque econômico sobre a região cortada pelo rio São Francisco e suas carências. Recebeu o prêmio Esso de Jornalismo" (FOLHA DE S. PAULO, 2011). Nesta mesma lista, outras seis produções são citadas, todas premiadas nacionalmente.

E se de um lado foi localizada produção existente até os dias atuais, resta-nos verificar a forma como as peças estão sendo desenvolvidas. Vale lembrar que, a respeito da histórica produção estadunidense, a famosa produção de Truman Capote, o livro A Sangue Frio, publicado no início de 1966, é um livro-reportagem resultado de uma reportagem seriada que primeiro foi feita e divulgada, em quatro edições, na revista New Yorker em setembro de 1965 (NEW YORKER, 1965).

Interessante pontuar também, em termos de produção contemporânea afinada com esta proposta, que o projeto *Black Hawk Down*, do jornalista Mark Bowden, é resultado de uma iniciativa – até onde sabemos -, pioneira nos Estados Unidos -, de seriar

simultâneamente de forma impressa e digital uma grande reportagem. O projeto é resultado de uma longa e vasta pesquisa feita em quatro anos a respeito da Batalha de Mogadíscio, na Somália, em outubro de 1993.

Na ocasião, uma força-tarefa americana buscava pelo líder rebelde somali Mohamed Farrah Aidid e travou batalha conta a milícia de Aidid. Neste entrave, um dos principais eventos foi a queda de dois helicópteros estadunidenses chamados Black Hawk (falcão negro), e a tentativa do exercíto de resgatar as tripulações. O episódio, que entrou para a história dos EUA equiparando-se à Guerra do Vietnã (1955-1975), foi o estopim para a pesquisa de Bowden, que tem hoje 67 anos, mas que na época já era um veterano correspondente do jornal *The Philadelphia Inquirer* – fundado em 1829 e o terceiro mais antigo e sobrevivente impresso diário dos EUA.

A pesquisa resultou em uma reportagem seriada em 29 capítulos sequenciais, publicada no *The Philadelphia Inquirer* em 1997 e no *hotsite* exclusivo criado por Bowden, entrando em seguida para a história do jornalismo estadunidense como exemplo se produção seriada multimídia, já que o portal dispõe, até hoje, de anexação de documentos escaneados, fotos e até áudios, incluindo participação dos leitores por meio do registro de dúvidas e opiniões.

O material resultou num livro-reportagem publicado em 1999, *Black Hawk Down: A Story of Modern War*, vencedor de vários prêmios jornalísticos internacionais, e tornou-se filme em 2001, vencendo dois Oscares no ano seguinte. Sobre essa peça, que alavancou a carreira de Bowden, ele mencionou na ocasião ao próprio *The Philadelphia Inquirer*, que a disposição do materal em formato impresso e digital multimídia era para atender os novos e jovens leitores que também eram tão atraídos pelo jornalismo profundo, quanto outras gerações futuras. Segundo ele, nada iria substituir a linguagem como o meio de pensamento, a história bem escrita, originalmente relatada, ou o ensaio bem fundamentado.

2.3 COMUNICAÇÃO VINCULAR

O que observamos até aqui é que é possível vincular um conteúdo escrito com o leitor consumidor por meio da experiência. Principalmente se partirmos da concepção de afeto de Neves, onde a palavra deriva do latim *affectus*, sendo um "estado psíquico ou moral (bom ou mau), afeição, disposição da alma, estado físico, sentimento, vontade" (NEVES, 2009, apud HEIDEMANN, 2018, p. 25).

Já Baitello Junior vai além, pontuando que os vínculos, a partir dos afetos, são primordiais para o sistema humano comunicativo (2014, p. 96). Esses afetamentos contribuem de diferentes formas, para diversas áreas do conhecimento, favorecendo a criação de vínculos profundos:

> Não sabemos exatamente de que forma as emoções dos outros afetam as nossas. Existe uma tese [...] que sustenta que o processo se inicia no corpo, e que as emoções vêm depois. A linguagem corporal da outra pessoa afeta o nosso próprio corpo, criando uma reverberação emocional que nos leva a experimentar sentimentos condizentes com os dela (WAAL, 2010, p. 120; apud HEIDEMANN, 2018).

E é exatamente desta forma, pelo afeto como experiência e criação de vínculo, que formamos a comunicação. A premissa maior é de que se afeta, comunica. Como nos explica Contrera: "Toda a comunicação é uma tentativa de reu-nião com o mundo, de estabelecer um vínculo que possa ser ponte entre a consciência e o sentimento primordial de fazer parte, de pertencer" (CONTRERA, 2007, p. 3).

Nesta experiência, associamos o pensamento à teoria do alemão Harry Pross, de que o corpo é a primeira mídia, o primeiro meio de comunicação do homem. Para isso, "se concordamos que processos comunicativos são construções de vínculos, então temos também de dizer que a rede dos objetos com os quais nos comunicamos encontra-se em franca expansão" (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 84-94).

3 METODOLOGIA

Este estudo emprega a abordagem metodológica proposta pela francesa Laurence Bardin (2016), que oferece um conjunto de técnicas de análise e sistematização de narrativas que é um dos mais empregados na área dos estudos em jornalismo (MARTINEZ, PESSONI, 2015):

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de transcrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011; apud MARTINEZ; PESSONI, 2015).

Neste caso em especial, a metodologia da pesquisa será desempenhada em três etapas: **1)** os dez pilares do Jornalismo Literário, segundo Edvaldo Pereira Lima (MARTINEZ, 2009; 2016), serão entendidos como as categorias de análise em cada uma

das amostras textuais do *corpus*; **2)** da associação dos currículos e métodos dos autores junto aos estudos sobre conceito, história e desenvolvimento do JL conforme Monica Martinez (2016); e **3)** análise de dados históricos da publicação e de acesso associada às possibilidades futuras e novas perspectivas, conforme nos propõe John S. Bak (2011; 2018), Martinez (2016) e Lima (2016). Dessa forma, a análise será:

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário

A primeira parte da análise do *corpus* observa em cada uma das reportagens seriadas se há elementos que as associem aos dez pilares do Jornalismo Literário brasileiro, segundo Lima (2009). Vale destacar que a sequência dos itens é de Lima, mas as análises não acompanham a sequência.

1) **Exatidão e precisão** – fundamento original do jornalismo;
2) **Contar uma história** – habilidade em estruturação aprimorada;
3) **Humanização** – retratando personagens centrais com empatia e respeito;
4) **Compreensão** – disseminando conhecimento de forma ampla e completa;
5) **Universalização temática** – apoiados em sentimentos universais;
6) **Estilo próprio ou voz autoral** – habilidade de narrar sem se esconder;
7) **Imersão** – mergulhando na realidade a ponto de senti-la;
8) **Simbolismo** – usando metáforas para melhor entendimento coletivo;
9) **Criatividade** – com organização consciente da narrativa e linguagem diferenciada;
10) **Responsabilidade ética** – responsabilidade técnica e moral.

Parte B – Associação do currículo e método dos autores junto aos estudos do JL

A segunda parte da análise do *corpus* busca associar a trajetória do autor e o desenvolvimento das reportagens seriadas junto aos estudos sobre conceito, história e métodos do JL conforme Monica Martinez (2016). “Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente” (LIMA, 2010, p. 9 apud MARTINEZ, 2016). Para isso, nos valemos de duas principais observações, visto ser esta uma modalidade para poucos:

> **Formação profissional.** Os expoentes mais significativos de Jornalismo Literário em geral possuem uma cosmovisão de mundo humanizante e abrangente, que tenta ser compreensiva (KÜNSCH, 2014; MARTINO, 2014) para dar conta de relatar o complexo mundo em que vivemos (MORIN, 2007). Essa visão ampla exige, além do domínio de recursos literários e técnicas jornalísticas, conhecimento em vários campos, como história, sociologia, psicologia, antropologia, entre outras. Pede, também, um profissional com sensibilidade apurada para a questão da alteridade, isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo. Afinal, sabemos de antemão o que já conhecemos sobre o mundo alheia. Interessa descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes.
> **O mercado profissional.** Uma vez que se tenha um profissional qualificado para a prática, é necessário um campo fértil para acolher esse material produzido. A grande crítica ao Jornalismo Literário é a de que não há mais espaço para ele no mundo contemporâneo. A experiência, contudo, nos revela que há espaço sim, embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência. Mesmo nos diários de grande circulação, como *Folha de S.Paulo* e *Estado de S. Paulo*, no caso paulista, é possível encontrar profissionais de desempenho notável. Há, também no mundo atual, jornalistas responsáveis por muitos veículos corporativos que, caso possuam a visão necessária, estão em posição de influenciar os gestores a abrir espaços para as boas práticas. Às vezes os espaços parecem não ser aproveitados não pela sua ausência, mas pela falta de planejamento. Um exemplo são as efemérides de cobertura anuais, como dia das mães e pais, que poderiam ser melhor aproveitadas se os responsáveis planejassem um calendário anual que previsse o tratamento mais aprofundado e criativo nestas ocasiões, a exemplo do que ocorre nas publicações estadunidenses (MARTINEZ, 2016).

Parte C – Análise de dados históricos da publicação e de acesso associada às possibilidades futuras

A terceira parte do estudo busca relacionar os dados históricos e de desenvolvimento da produção, juntamente com análise de exposição, por meio dos números de acesso, associando-os às possibilidades e perspectivas futuras, já que pode ser localizado "nas mais diversas plataformas de comunicação, inclusive na composição de narrativas curtas como obituários e haicai, dependendo apenas da habilidade do jornalista" (MARTINEZ, 2016, p. 281, 341, 361).

Neste caso então, nos apegamos à proposta original do jornalismo, de prestar um serviço social, mas do JL como mecanismo para ampliação da compreensão e transformação do mundo (LIMA, 2009; BAK, 2011; MARTINEZ, 2016), valendo-se do vínculo (BAK, 2017) por meio da empatia descrita na narrativa criativa (LIMA, 2009). Logo, a busca na amostra será por num desempenho pedagógico e cirúrgico do JL, como proposta de disciplina (BAK, 2018) para que o leitor consiga acompanhar a produção seriada.

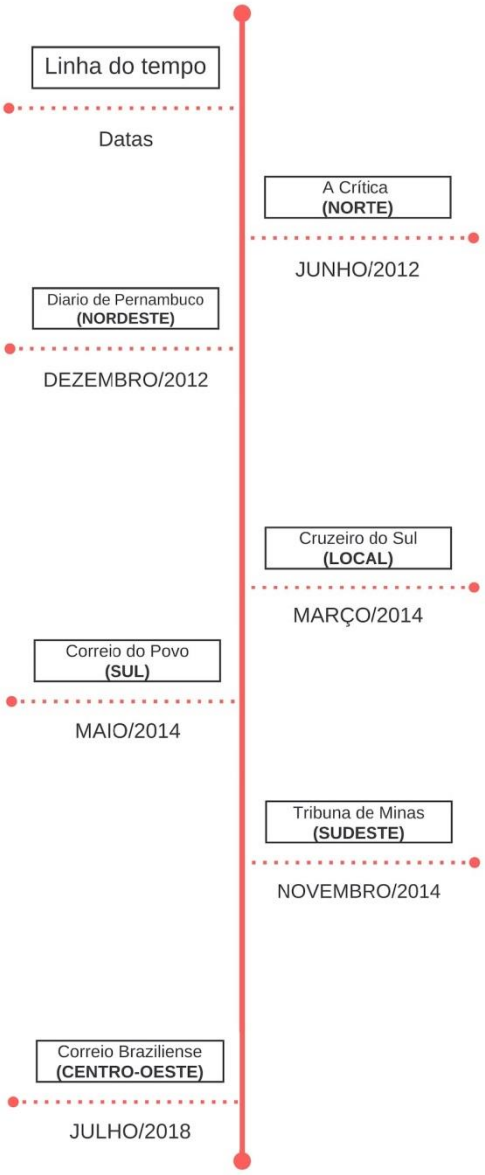
3.1 Corpus

O *corpus* escolhido para este estudo é composto por seis produções diferentes, oriundas das cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) e mais uma produção local (Sorocaba-SP). A localização e seleção das amostras ocorreram de forma simplificada e aleatória, com o uso das palavras-chave "Série de Reportagem" e "Reportagem Seriada" no portal de buscas do Google.

O material de análise é constituído por reportagens seriadas produzidas por jornalistas profissionais e publicadas em jornais impressos associados à Associação Nacional dos Jornais (ANJ) que têm portais eletrônicos oficiais atuantes, assim como páginas oficiais no site de relacionamento virtual *Facebook*.

Desta forma, houve reunião de arquivos em PDF das reportagens inteiras e as respectivas capas das edições impressas (Anexos N-S); dos currículos dos autores e entrevistas sobre as produções (Apêndices A-SS); dos históricos dos veículos e dados de acessos digitais (Apêndices A-SS) – coletados por meio de *survey* - arquivos em PDF e documentos foram disponibilizados pelos autores; os *links* digitais foram localizados virtualmente; já as informações do jornal e referidas publicações foram solicitadas à direção dos veículos e enviadas por e-mail. A distribuição para análise do *corpus* foi feita por ordem cronológica da produção, observe:

Figura 1: Ordem de análise cronológica do *corpus*



Fonte: Elaboração própria.

1) **Região Norte – amostra 1, de junho de 2012**

Jornal *A Crítica*, de Manaus (AM), produção de Ana Celia Ossame de Figueiredo. Reportagem seriada intitulada “Profissionais do Sexo” soma seis (6) matérias e dois (2) artigos autorais divididos em três edições, um total de três páginas *standard*, com publicação sequencial diária - sábado, domingo e segunda-feira -, nos dias 2, 3 e 4 de junho de 2012, no caderno de Cidades (Apêndices A-G, Anexos A, G, N).

2) **Região Nordeste – amostra 2, de dezembro de 2012**

Jornal *Diario de Pernambuco*, Recife (PE), produção de Maria Carolina Santos. Reportagem seriada intitulada "SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião" soma 23 matérias divididas em seis (6) edições, um total de 12 páginas *standard*, com publicação sequencial diária - de sábado à quinta-feira -, nos dias 8, 9, 10, 11, 12 e 13 de dezembro de 2012, no caderno Viver (Apêndices H-O, Anexos B, H, O).

3) **Local – amostra 3, de março de 2014**

Jornal *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba (SP), produção de Daniela da Costa Jacinto. Reportagem seriada intitulada "Quilombo Os Camargo – Apagão Histórico" soma 18 matérias divididas em quatro (4) edições, um total de seis (6) páginas no formato *standard*, com publicação semanal - aos domingos -, nos dias 16, 23 e 30 de março e 6 de abril de 2014, no caderno Cidades (Apêndices P-V, Anexos C, I, P).

4) **Região Sul – amostra 4, de maio de 2014**

Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre (RS), produção de Paulo Roberto Tavares. Reportagem seriada intitulada "'Zumbis' no Volante" soma 13 matérias e um (1) artigo autoral divididos em quatro edições, um total de cinco (5) páginas no formato *tabloide*, com publicação sequencial diária – domingo, segunda, terça e quarta-feira -, nos dias 4, 5, 6 e 7 de maio de 2014, no caderno Especial (Apêndices X-DD, Anexos D, J, Q).

5) **Região Sudeste – amostra 5, de novembro de 2014**

Jornal *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora (MG), produção de Daniela Arbex. Reportagem seriada intitulada "Vidas Roubadas" soma 15 matérias divididas em cinco (5) edições, um total de seis (6) páginas *standard*, com publicação sequencial alternada – domingo, terça, quarta, sexta e terça-feira -, nos dias 2, 4, 5, 7 e 11 de novembro de 2014, no caderno Geral (Apêndices EE-LL, Anexos E, L, R).

6) **Região Centro-Oeste – amostra 6, de julho de 2018**

Jornal *Correio Braziliense*, Brasília (DF), produção de Guilherme Goulart e Jéssica Eufrásio, com edição de Guilherme Goulart. Reportagem seriada intitulada "Conexão Brasília" soma 19 matérias e oito (8) artigos autorais divididos em oito (8) edições, um total de dez (10) páginas *standard*, com publicação sequencial diária - de domingo a domingo -, nos dias 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de julho de 2018, no caderno de Cidades (Apêndices MM-SS, Anexos F, M, S).

4 ANÁLISES

4.1 - 1ª Amostra – Norte (Apêndices A-G, Anexos A, G, N)

Jornal *A Crítica*, produção "Profissionais do Sexo", de Ana Celia Ossame de Figueiredo (2012).

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário
Parte B – Associação do currículo e método da autora junto aos estudos do JL
Parte C – Análise de dados históricos das publicações e de acesso associada às possibilidades futuras

É fácil observar que a produção de Figueiredo carrega os elementos do Jornalismo Literário (LIMA, 2009). A começar pelo assunto, claramente com apelo social. A jornalista aproveita-se simbolicamente da data de alusão às profissionais, 2 de junho - Dia Internacional das Prostitutas -, data do início da publicação, para falar da história da profissão em Manaus (AM), da situação discriminatória das personagens, da vulnerabilidade física e as consequências socioculturais penosas às vidas das protagonistas.

Quadro 1 – Associação dos 10 pilares e a 1ª amostra

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
X	X	X	X	X	X	X	-	X	X

Fonte: Elaboração própria.

Figueiredo é criativa ao fisgar o leitor amazonense logo na primeira reportagem com a proposta de recontar a narrativa histórica da época áurea dos cabarés luxuosos do início

do século passado, época do ciclo da Borracha (1879-1912), quando ricos seringalistas frequentavam os ambientes - uma narrativa cultural que também faz parte do imaginário local. Mas ela mergulha no assunto é precisa ao listar 12 antigos prostíbulos manauenses, suas respectivas localizações e no que se transformaram.

Assim como propõe, na segunda edição, a compreensão ampliada do assunto quando situa o leitor sobre esse processo histórico, documentado pela pesquisa de Paulo Marreiro dos Santos Júnior. Mas é na responsabilidade ética, destacada ainda na primeira edição, que nos apegamos como exemplo de JL:

> As prostitutas ganharam *status* de ocupação registrada, [...] mas isso não foi suficiente para melhorar de maneira efetiva a vida delas, conforme explica a presidente das Prostitutas e Ex-Prostitutas do Amazonas, Sebastiana dos Santos Barata. Com a maioria carregando dramas pessoais e familiares suficientes para comover qualquer ouvinte, o objetivo da entidade, criada em 2005, é mais do que orientar sobre a prevenção de doenças DSTs e Aids. [...] Uma das características dessa profissão secular é a violência. A entidade foca nesse ponto, buscando reduzir os índices de violência e agressão que costumam marcar a relação com os clientes (FIGUEIREDO, 2012; 2 jul 2012, caderno Cidades, p. C1; Anexo N).

A humanização é configurada pela jornalista na última edição, quando é narrada a história de Jaqueline Oliveira, ex-prostituta dos anos 1980 que buscava naquela época o sustento do filho, tendo vivenciado os detalhes penosos que rondam a profissão. O único pilar do JL não localizado foi o simbolismo. Com um texto ao estilo tradicional, é observada a voz autoral na forma como elenca informações e localização dos textos. Em nenhum momento, nem na fala dos personagens, a autora se vale de metáforas.

Quadro 2 – Perfil profissional e de desempenho na pauta

	NOME	**IDADE**	**CARREIRA**	**FORMAÇÃO**	**CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO**	**PAUTA**
1ª	FIGUEIREDO	50 anos	27 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social

Fonte: Elaboração própria (dados de 2012).

Ana Celia Ossame de Figueiredo, que tem hoje 56 anos, tinha na época da publicação (junho de 2012) exatamente 50 anos. E se atualmente destaca mais de 30 anos de profissão, naquele momento já contava com 24. Ou seja, podemos afirmar que já era uma jornalista veterana. O repertório voltado às produções de cunho sociail, com carreira em editorias de Cidades, Cultura e Educação, vão de encontro com o que Kunsch e Martino (2014) vêm chamar de “expoente com cosmovisão”. Um profissional, segundo Martinez, que domina

recursos literários e técnicas jornalísticas, associando-os a vários campos do conhecimento. Qualidade essencial para a leitura e tradução do atual mundo complexo.

Dessa forma, se pensarmos que a vasta jornada profissional é também capaz de empoderar o profissional de forma que ele mesmo se paute, organize e desenvolva qualquer tipo de pauta. O fato da jornalista estar atenta aos estudos da academia, como destaca na entrevista sobre a dissertação de Paulo Marreiro dos Santos Júnior (2006), intitulada *Pobreza e Prostituição na Belle Epoque Manauara* (PUC-SP); de relacionar o estudo à problemática da cidade; assim como ao bate-papo rotineiro com o motorista do jornal, que sabia de todas as localizações, destaca o faro apurado dela.

> Fiz as matérias e elas foram publicadas de acordo com disponibilidade de espaço na editoria de Cidades. Não havia necessidade de ser fazer um caderno especial sobre o tema e nem de um projeto gráfico especial [...]. Levei uma semana para concluir tudo e fiz os textos paralelamente ao trabalho diário de reportagem. [...] O jornal produzia cadernos em série para alguns temas como política, aniversário de Manaus, educação. Um tema como esse não teria espaço para um caderno especial, a menos que se descobrisse um fato marcante envolvendo alguma personalidade política ou cultural, o que não era o caso (FIGUEIREDO, 2018; Apêndice F).

Ou seja, o fato dela propor a pauta já seriada e assumindo a autonomia da produção, ela evita a morosidade do trabalho do marketing junto aos comerciantes que, às vezes, demoram fechar negócio, exatamente como exige as produções de cadernos especiais, para nós evidencia que "há espaço sim (para o JL), embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência", como nos lembra Martinez (2016).

Por essa razão, ao observarmos que Figueiredo não se valeu da poética (PAZ, 1956) para narrar a reportagem, preferindo mexer com a lembrança fantasiosa do leitor amazonense de forma subliminar, é possível suspeitar que o estilo objetivo empregado era orientação editorial cultural. Isso porque o jornal *A Crítica* é um veículo com quase 70 anos de atuação histórica e o segundo maior na cidade, com atuação em todo o estado.

Quadro 3: Perfil do jornal A Crítica

	REGIÃO	**JORNAL**	**FUNDAÇÃO**	**ASSINANTES/ TIRAGEM**	**FACEBOOK**	**ACESSOS PORTAL**
1ª	NORTE Manaus (AM)	A Crítica	19/04/1949 69 anos	25 mil/ 35 mil (semana / final de semana)	471.872 seguidores	4 milhões ao mês

Fonte: Elaboração própria.

O veículo, que atualmente conta com uma tiragem diária de 25 mil exemplares e 35 mil aos finais de semana, enquanto o portal (reformulado em 2015) contabiliza 4 milhões de acessos mensais, soma 471.872 seguidores da página do *Facebook*, o que o tradicionalmente conceituado na região Norte há 70 anos (GRAÇA, 2018; SOUZA, 2018; Apêndice B).

Além disso, o que foi observado na versão impressa é que nenhuma das três edições da reportagem seriada contou com chamada nas capas (Anexo N). Contudo, o fato de ter sido publicada entre as edições de sábado e segunda-feira nos leva a supor a ideia de evidenciar a produção, já que aos finais de semana a tiragem cresce em 10 mil exemplares – o que já acontecia em 2012 -, chamando assim o leitor a alavancar as vendas do exemplar de segunda-feira, quando o número da tiragem é menor.

Figura 2 – Recorte para visualização da linha fina



Fonte: A Crítica, 2 jun 2012, pág. C1 – Anexo N

Figura 3 – Recorte para visualização do box explicativo



Regulamentação foi insuficiente

Atividade está na Classificação Brasileira de Ocupações e com isso elas podem contribuir para a previdência e se aposentar

As prostitutas ganharam o status de ocupação registrada, sendo as profissionais do sexo, ou seja, mulheres que ganham a vida em ruas, bordéis, motéis etc, praticando atos sexuais variados, como registra a Classificação Brasileira de Ocupações.

Mas isso ainda não foi suficiente para melhorar de maneira efetiva a vida delas, conforme explica a presidente das Prostitutas e Ex-Prostitutas do Amazonas, Sebastiana dos Santos Barata. Com a maioria carregando dramas pessoais e familiares suficientes para comover qualquer ouvinte, os objetivos da entidade, criada em 2005, é mais do que orientar sobre a prevenção a doenças como DSTs e Aids. "Reconheço ser difícil, mas lutamos para convencê-las de que devem procurar um outro modo de ganhar a vida", afirma.

A tarefa é ingrata e sem muito sucesso. De acordo com Sebastiana, a permanência nessa atividade é baseada na desesperança de que é impossível tomar outro caminho, até porque nunca falta clientela, mesmo para aquelas que já têm mais de 60 anos e estão na atividade há mais de 40 anos. "Essas já não sabem

Amanhã

Na segunda parte dessa série de reportagens, A CRÍTICA faz um mergulho na história e mostra que o glamour da *Belle Époque* manuara escondia a pobreza e o sofrimento das amazonenses diante da exuberância de francesas e polacas.

Clovis Miranda

As margens do Mindu, onde hoje é o Millenium Shopping, funcionava o Verônica

Fonte: A Crítica, 2 jun 2012, pág. C1 – Anexo N

O mesmo pode-se observar ao notar os avisos sobre a série na diagramação das três edições internas. Na primeira edição da série, observamos que há menção à reportagem ser seriada na linha fina de abertura. Mais abaixo, na mesma página, há um *box* explicativo (figura 3) avisando o leitor que a série continua no dia seguinte e sobre o que exatamente tratará. Esse *box* explicativo acompanha toda a produção, na segunda e na terceira publicação ele está diagramado da mesma forma. Assim, é possível entender que houve preocupação com o leitor ao propor acompanhamento do assunto.

As três principais matérias que encabeçam a série em suas respectivas edições foram igualmente publicadas no portal online do jornal e as demais matérias menores também, com exceção dos artigos autorais (Anexo G). Porém, nenhuma das edições/*links* se relaciona entre si. Ou seja, na versão digital não houve a preocupação de levar o leitor a ler as demais partes que compõem a série.

Quadro 4: Perfil da produção da amostra 1

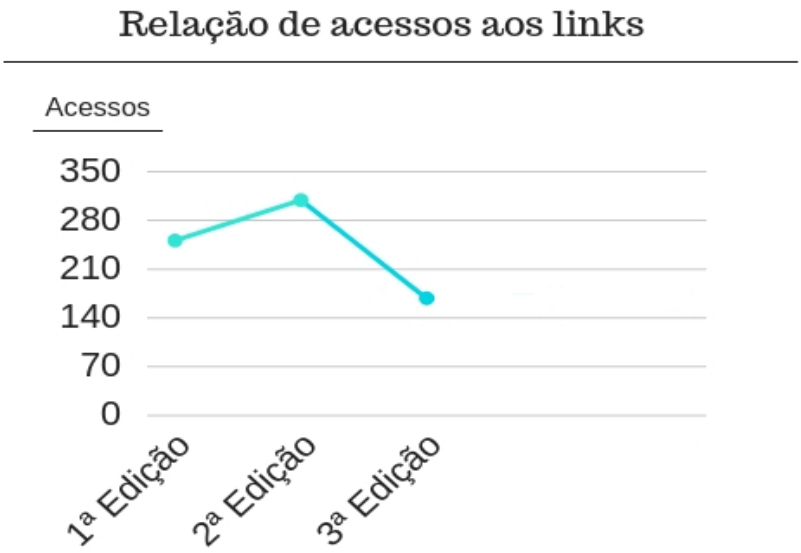
AMOSTRAS	ANO	EDIÇÕES	CHAMADAS DE CAPA	TEXTOS	POST. FACEBOOK	ENVOL. FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
1ª Norte	2012	3	Não	6 + 2art.	2	17	3	725 (+2014)

Fonte: Elaboração própria.

Além disso, se levarmos em consideração que as duas primeiras matérias publicadas no portal, de 2 e 3 de junho de 2012, carregam os textos das respectivas edições (Apêndice D; Anexos G e N) são as mais acessadas, com 250 e 308 acessos, respectivamente, e que

ambas também foram postadas na página oficial do jornal no *Facebook*, conforme exemplo abaixo (Apêndice E), entenderemos a relação de acessos aos *links* e a queda de visualização para 167, ou seja, em mais de 40% na relação à última edição, que não foi publicada na página. Levando em consideração que o site foi reformulado em 2014 (GRAÇA, 2018; Apêndice B).

Gráfico 1: Desempenho de acessos aos três links da amostra 1



Fonte: Elaboração própria, com dados de 2014 a 2018.

Dessa forma, concluímos na ausência de chamada nas capas na versão impressa, da correlação entre os *links* do portal online e a falta da continuidade de divulgação no *Facebook* na terceira edição, que há uma ponta solta dentro do propósito de divulgação da reportagem relacionado ao marketing/comercial do produto principal do jornal, mesmo que indireto e principalmente em atendimento aos leitores virtuais.

Se levada em consideração a força social da pauta, é sinalizada a necessidade de melhor planejamento de divulgação, tanto com as chamadas de capa do impresso, quanto na relação dos links associados entre si e postagens no Facebook, já que o jornal conta com expressivo número de seguidores na página. Isso porque, no que tange a concepção do Jornalismo Literário e seu desenvolvimento, a proposta é cumprida, tanto textualmente, com os pilares do JL (LIMA, 2009), quanto pedagogicamente.

4.2 - 2ª Amostra – Nordeste (Apêndices H-O, Anexos B, H, O)

Jornal Diario de Pernambuco, produção "SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião", de Maria Carolina Santos (2012)

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário

Parte B – Associação do currículo e método da autora junto aos estudos do JL

Parte C – Análise de dados históricos das publicações e de acesso associada às possibilidades futuras

Produção de fôlego esta, além de exemplo de planejamento e desempenho profissional. Os dez pilares do Jornalismo Literário são facilmente encontrados nesta grande produção seriada, intitulada "SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião" contou com 23 matérias divididas em seis edições, um total de 12 páginas *standard*. A publicação foi sequencial diária – de sábado a quinta-feira -, nos dias 8, 9, 10, 11, 12 e 13 de dezembro de 2012, no caderno Viver.

Quadro 5 – Associação dos 10 pilares e a 2ª amostra

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Elaboração própria.

E mais uma vez a começar pela pauta, o centenário do nascimento de Luiz Gonzaga do Nascimento – uma das figuras pioneiras e mais expressivas da música popular brasileira -, realmente não poderia deixar de ser destaque no jornal mais antigo em circulação na América Latina (SANTIAGO, 2018; Apêndice I).

Lá se vão 193 anos de história que permeia a memória da imprensa brasileira e, quando da época da produção, em dezembro de 2012, o veículo já era um veterano sobrevivente de guerra, com 187 anos de atuação ininterrupta - segundo maior na cidade, porém líder na *web* em todo o estado – com 1.352.208 seguidores no Facebook e mais de 2 milhões de acessos no portal (SANTIAGO, 2018; Apêndice I).

Quadro 6: Perfil do jornal Diario de Pernambuco

	REGIÃO	JORNAL	FUNDAÇÃO	ASSINANTES/ TIRAGEM	FACEBOOK	ACESSOS PORTAL
2ª	NORDESTE Recife (PE)	Diário de Pernambuco	07/11/1825 193 anos	16 mil do impresso; 2 mil online	1.352.208 seguidores	2 milhões ao mês

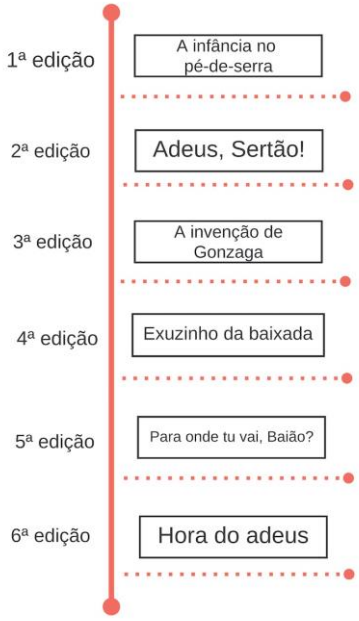
Fonte: Elaboração própria.

O destaque principal de Santos se dá à imersão no universo sertanejo, baião e de Gonzaga:

> "Como sabia que era uma data muito importante não só por ser o Gonzaga, mas também por ele ser pernambucano, acho que no começo do ano (2012) já havia falado com minha editora à época, Ivana Moura, para que não perdêssemos essa pauta. Já havia viajado para Exu, a cidade natal dele, em uma viagem da Secretaria de Cultura do Estado, em dezembro de 2011, o que aumentou muito minha vontade de fazer essa pauta. [...] A minha preparação para pegar a pauta talvez tenha começado mesmo em dezembro de 2011. Entre esta data e até escrever o projeto, eu li todas as biografias de Luiz Gonzaga, comprando algumas em sebos pela internet, entrevistei alguns biógrafos (como Dominique Dryefuss, autor da principal) e reli alguns livros que eu achava que seriam importantes para a pauta, como Os sertões, de Euclides da Cunha, e Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, além de ter lido biografias de ídolos de Gonzaga, como Lampião e Padre Cícero" (SANTOS, 2018; Apêndice N).

Como se não bastasse, a jornalista viajou ao longo de dois meses para produzir a reportagem e escreveu, inclusive, durante as férias de setembro daquele ano. Mas esse mergulho no universo de Luiz Gonzaga, uma figura importante para a cultura nordestina, está visível no desenvolvimento dos textos. Se observarmos, existe inclusive uma jornada do herói delineada entre as edições, exatamente como Monica Martinez (2008) nos propõe, exclusivamente voltada para o jornalismo.

Figura 4: apontamento da jornada da reportagem



Fonte: Elaboração própria.

Com enredos de partida do lugar comum, da infância sertaneja dificultosa, a recusa da aventura até o estopim emocional, a caverna profunda, cheia de desafios de sobrevivência no cenário musical brasileiro da época, alcançando a redenção, com a morte e a memória de Rei em torno da obra. Além disso, a repórter permeia a história do personagem e narra sua vida e obra, entrelaçando o tempo presente com extrema criatividade e estruturação.

> Filho do sanfoneiro de oito baixos Januário dos Santos e da cantadora de novenas Ana Batista de Jesus, a quem chamava de Santana, Luiz Gonzaga do Nascimento recebeu este nome por sugestão do vigário: nasceu no dia de santa Luiza e no mês do nascimento de Jesus. Na fazenda Caiçara, ao lado da sede do povo do de Araripe, se falou que naquela madrugada do dia 13 de dezembro de 1912, uma estrela cadente havia cortado o céu. Era sinal de boa sorte à criança. [...] Menino esperto, Gonzaga espera os pais irem para a roça para pegar os oito baixos de Januário. [...] Morando numa casinha simples no centro de Exu, Priscilla Vicente dos Santos, de 97 anos, é a única testemunha viva da infância de Gonzaga. [...] Os donos de mil e cem hectares de terras de Araripe até hoje a família Alencar, fundadora do município de Exu (SANTOS, 2012, 8 de dez. Caderno Viver, p. F4; Anexo O).

Essa desenvoltura com a história de Gonzaga, que permeia textos e a disposição da diagramação, com *boxes* explicativos durante todo o decorrer da série, sinaliza a

profundidade da pesquisa de Santos e a iniciativa de ampliar a compreensão do leitor. Na primeira edição, por exemplo, ela explica o contexto histórico da época da infância do personagem, embalada pela Guerra dos Trinta Anos que abalou economicamente Exu, terra natal do protagonista. Essa disposição prossegue nas edições seguintes, quando há explicação do contexto histórico dos anos 1940 no Brasil, na segunda edição, a época áurea do rádio, anos de 1950 e 1960, e por aí em diante.

Humanização também não falta. Não são raras as vezes que a autora dá voz ao povo sertanejo ao permitir-se colocar expressões regionais. Assim como mostrar que o Rei também era feito de carne e osso, que ora errava, ora poetizava. Como quando resgata fala de Gonzaga, na biografia por ele ditada, sobre a briga severa que teve com os pais, estopim para deixar o sertão, na segunda edição. "[...] 'açoitado com uma violência, com uma brutalidade da que jamais a julgara capaz'. Dois anos depois, em 1968, ele nem citou o episódio em seu depoimento para o Museu da Imagem e do Som. 'Fugi de casa porque queria casar e minha mãe não gostou'" (SANTOS, 2012; Anexo O).

Maria Carolina dos Santos, que tem hoje 35 anos, tinha na época da publicação (dezembro de 2012), exatamente 29 anos. Se no mesmo depoimento ela diz que começou a trabalhar no jornal aos 22, logo após formar-se, e que antes havia estagiado no mesmo veículo, é possível concluir que a jornalista tinha ao menos seis anos de estrada. Ainda não era uma veterana, mas também não era uma foca, como são chamados os iniciantes.

Quadro 7: perfil do profissional e de desempenho na amostra 2

	NOME	**IDADE**	**CARREIRA**	**FORMAÇÃO**	**CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO**	**PAUTA**
2ª	SANTOS	29 anos	7 anos	Graduada	Livre/exclusivo	Sociocultural

Fonte: Elaboração própria.

Dada sua experiência e interesse com assuntos culturais e digitais, é fácil perceber o desempenho singular quando, por todo um ano até que a produção fosse concluída, nas doze páginas da reportagem Santos mescla história, literatura e psicologia, que permitiu-a ter tempo para traduzir a pauta amplamente complexa, visto a irônica complexidade humana do herói.

> O DP tinha um pequeno time de repórteres especiais que geralmente faziam os cadernos e séries. Então, para que o caderno/série sobre Gonzaga não acabasse indo para alguém de fora da minha editoria, preparei com antecedência um projeto para a data: fiz uma pré-pesquisa e me deparei com um assunto

> gigantesco. Fiz então uma divisão. Uma série que iria (re)contar a história de Gonzaga, para ser lançada ao longo da semana, e na data do centenário, um caderno especial com uma revisitação ao imaginário das músicas de Gonzaga. Eu era setorista de música, mas isso não garantia que a pauta iria ser minha. Mas eu a queria muito. Produzi a série de meados de agosto até meados de dezembro de 2012. Mas lembro que em agosto eu fiz algumas pautas do dia. As viagens começaram no dia 22 de setembro e se estenderam por outubro. Fomos para cidades perto, em bate e volta, passamos 12 (ou 16?, não lembro) por várias cidades do Sertão e também fomos (eu e a fotógrafa Blenda Souto Maior) para o Rio de Janeiro, onde entrevistamos familiares de Gonzaga que moram na baixada fluminense e a filha dele. Como havia um *deadline* muito claro, 13 de dezembro de 2012, desde o começo sabíamos o prazo. Em novembro, eu tinha que tirar férias, era o meu limite. Tirei 20 dias, mas trabalhei (ou tentei) boa parte desses dias. Então, de meados de setembro a meados de dezembro - com 20 dias de férias no meio - trabalhei exclusivamente no conteúdo (SANTOS, 2018; Apêndice N).

Neste ponto é possível perceber também que a jornalista materializa o que Martinez vem nos falar sobre a principal crítica ao Jornalismo Literário, que é a de que não há mais espaço para ele no mundo contemporâneo digital. “A experiência, contudo, nos revela que há espaço sim, embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência” (MARTINEZ, 2016).

A persistência de Santos está na preparação e no desenvolvimento estratégico da pauta, ela se antecipa aos fatos e se apodera da cultura interna do veículo, pensando nos atos, calculados passo a passo. Ela conta que não só dividiu a pauta de forma seriada, como desenhou o *hotsite* inteiro, propondo sugestões para diagramação digital, já pensando na vinculação entre impresso e online.

O fato de prever que um caderno especial ainda seria pouco para tratar de Luiz Gonzaga e, intuitivamente, pescar o leitor com doses diárias de história bem contada, partindo da edição mais lida, a de sábado, sinaliza a visão amadurecida da profissional com o produto final. Vale acrescentar que esse planejamento da jornalista possibilitou que a equipe comercial conseguisse desempenho publicitário, já que a propagada da empresa de telefonia Vivo calça todos os rodapés, de todas as edições, independente da página determinada àquela publicação (Anexo O).

Importante pontuar aqui também que, das seis edições impressas, apenas a capa da primeira edição foi localizada. Os PDFs das demais capas das edições seguintes não estão disponíveis no *hotsite* da série e nem no arquivo digital para os assinantes – que têm acesso integral somente a partir de 2014. Os demais arquivos faltantes foram solicitados à chefia-

executiva, mas não foram enviados. Desta forma, o que foi possível observar é que na primeira edição, do sábado, 8 de dezembro de 2012 (Anexo O), praticamente a capa toda destacava a produção e convidava o leitor a acompanhar a série.

Em contrapartida, em entrevista, a jornalista disse que todas as edições daquele período contaram com chamadas na capa e que no dia do centenário – 13 de dezembro -, foi publicado um caderno especial a respeito das músicas do personagem. Porém, o caderno também não foi disponibilizado em PDF no *hotsite*, que contam apenas o que seria a última edição da série, em página dupla (Anexo H), e também não está nos arquivos do jornal aos assinantes. Segundo Santos, o conteúdo foi espalhado pelo *hotsite* com formato digital devido a proposta sonora. O que é possível localizar.

Figura 5: recorte da capa para visualização da chamada



Fonte: Recorte da capa jornal Diário de Pernambuco, 8 dez. 2012 (Anexo O).

No entanto, há uma iniciativa do jornal ao convidar o leitor a mergulhar no mundo do Rei do Baião quando o avisa que se trata de uma produção seriada na primeira edição - e nas seguintes, nas páginas internas. Uma ilustração que remete o leitor ao *hotsite* foi publicada em todas as páginas da reportagem impressa (Figura 6). Percebe-se que não houve um aviso explicito, no estilo “amanhã falaremos de...”. Mas os assuntos tratados davam a deixa de continuidade.

Figura 6: recorte para visualização do ícone de *hotsite*



DIARIO de PERNAMBUCO - Recife, segunda-feira, 10 de dezembro de 2012 viver D5

Essa é a dança da moda

"No Rio tá tudo mudado/ Nas noites de São João/ Em vez de polca e rancheira/ O povo só dança e só pede o baião", a música *A dança da moda* dava bem o tom do que acontecia naquele ano de 1950: Gonzaga era rei. E estava com novo parceiro, que surgiu durante a primeira visita do sanfoneiro ao Recife, na volta do Exu para o Rio de Janeiro. Uma noite, no hotel, ele recebeu a visita de um estudante de medicina. Sem muita conversa, José de Souza Dantas Filho apresentou logo três futuros clássicos do repertório da dupla: *Acauã*, *A volta da asa branca* e *Vem, morena*. Gonzaga, que sempre estava atrás de um letrista, ficou extasiado. "Humberto era um poeta versátil, que versejava sobre qualquer tema. Zé Dantas aprofundava mais o Sertão. Ele era mais 'brabo', mais cabra macho", contou, em entrevista à Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Mas era necessário escolher entre Zé Dantas e Humberto Teixeira, que eram de associações de direitos autorais diferentes e Gonzaga, sendo de uma associação, não poderia assinar músicas com um parceiro de outra. Zé Dantas foi o escolhido.

Com o sucesso nas rádios, Luiz Gonzaga não parava em casa. Para acompanhar a sanfona, montou o que conhecemos hoje como trio pé-de-serra. "Eu vinha cantando sozinho, mas eu precisava de um ritmo. Porque a música nordestina precisava de couro. Couro que eu digo é couro de cachorro, couro de bode... negócio pra bater. Primeiramente eu criei a zabumba baseado nas bandas de couro lá do Sertão. Aquelas que nós chamamos de "esquenta muié". Mas a zabumba só... eu fiquei assim, com a asa quebrada. Eu precisava descobrir um instrumento bastante vibrante, agudo, pra brigar com a zabumba. Até que vi no Recife passar um menino vendendo cavaco chinês, aquele tubo nas costas, tocando o "tingling". E ele fazia aquilo com uma certa cadência, né. Aí pronto: achei o marido da zabumba!", contou, em entrevista à TV Cultura.

Com Catamilho na zabumba e Zequinha no triângulo, o sanfoneiro fez shows históricos nos auditórios das rádios paulistas e cariocas. Quando tocava na Rádio Cultura era necessário a polícia fechar a rua, de tanta gente que queria ver O rei do baião. No Recife, lotou os auditórios das rádios Clube e Tamandaré. O prestígio aumentava e o baião, levado por Gonzaga, entrava em todas as classes sociais. Em 1947 ele se apresentou no banquete oferecido à primeira-dama argentina Eva Perón e também no jantar oferecido por Eurico Gaspar Dutra na visita do presidente norte-americano Harry Truman. Nos corredores da gravadora RCA Victor o comentário era de que a fábrica só produzia discos de Gonzaga. O sanfoneiro aproveitava o sucesso para fazer turnês e divulgar seu projeto de música nordestina. De 1947 a 1955 Gonzaga reinou absoluto. Pouco tempo depois do lançamento de *Xote das meninas*, o baião já dava sinais de cansaço.

PAULO VANDERLEY/DIVULGACAO

No palco, com Salário Mínimo e Custo de vida

hotsite

/hotsite.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga

Fonte: Diario de Pernambuco, 10 dez 2012, caderno Viver, p. D5 (Anexo O)

Por exemplo, na primeira edição, o título é infância. Na segunda, o rompimento com os pais na juventude. E assim por diante, dando a entender que existe continuidade. Assim como na última edição o assunto é sua morte e obra deixada. Além disso, a antecedência da publicação, contando a partir de 8 de dezembro, dava a noção de tempo ao leitor de que, até a data festiva, o famoso 13 de dezembro, a produção continuaria a ser publicada. Observa-se então planejamento e empenho na divulgação.

As seis edições da versão impressa foram publicadas, em arquivo PDF, no *hotsite* (Anexo H) criado exclusivamente para o centenário de Luiz Gonzaga. À medida que ia sendo publicada, a edição era postada no portal, que por sua vez, também trazia, a cada dia, uma novidade. A autora lembra que desenhou o *hotsite* inteiro, propôs um *Quiz* musical – para saber se o público conhecia de fato as letras do Rei, imagens de capas antigas, do arquivo do Diario, com ilustrações de chamadas para notícias sobre ele, além de um blogue e bastidores da reportagem (Anexo H).

Deste conteúdo, apenas o blogue saiu do ar. E devido às características da proposta, não existe uma forma de avaliar o desempenho dos acessos naquele momento da divulgação, já que a somatória é de 200 mil acessos até setembro de 2018. Além disso, é

preciso levar em consideração que, conforme e-mail do editor-executivo (Apêndice I), Vandeck Santiago, o portal foi reformulado em 2014, desde então, não é possível saber se os 200 mil acessos somam as visualizações anteriores ao processo ou a partir da reformulação. De acordo com ele, mais da metade dos funcionários do jornal foram demitidos nos últimos anos e não há registro sobre essa conta.

Quadro 8: perfil de desempenho da amostra

AMOSTRA	ANO	EDIÇÕES	CHAMADAS DE CAPA	TEXTOS	POST. FACEBOOK	ENVOL. FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
2ª Nordeste	2012	5	5	23	4	1.146	1	200 mil (+2014)

Fonte: Elaboração própria.

Outro dado importante é que, antes da reportagem seriada ser publicada, o jornal divulgou no *Facebook*, em 6 de dezembro de 2012, um *teaser* de pouco mais de um minuto de duração, com o resumo da produção, chamando os leitores a acompanhá-la. No total o vídeo somou 55 envolvimentos e 750 visualizações (Anexo B). No dia 11 de novembro, na antevéspera do centenário, foram feitas duas publicações na página oficial do jornal.

Na primeira lembrando o leitor da série e o *link* para o *hotsite* (Anexo B). Na segunda, mais tarde, o link para o *hotsite* foi divulgado juntamente com um verso de Luiz Gonzaga, somando 304 envolvimentos (Figura 7). Depois, somente em 4 de julho de 2013, quase um ano depois, foi publicado o link do *hotsite* novamente com a *hastag* #arquivodp, mencionando a produção especial. Nesta postagem foram somadas 38 envolvimentos.

Figura 7 – Recorte da postagem no Facebook


Diario de Pernambuco
Página curtida · 11 de dezembro de 2012 ·
"Numa de sua viagens pelo Brasil, Gonzaguinha encontrou uma senhora nordestina, baixinha, que o abordou:
- Você não é o filho do Gonzagão?
- Sou, sim, senhora!
- É filho do Gonzagão?
- Sou eu mesmo.... Ver mais
131
22 comentários 151 compartilhamentos
Curtir
Comentar
Compartilhar
Mais relevantes
Diana Sampaio A sanfona só faltava falar...
Curtir · Responder · 5 a
Marcio Pires saudades do rei do baião
Curtir · Responder · 5 a
Andrea Farias Só queria ter visto a cara do Gonzaguinha ouvindo essa "pérola"! kkkk

Além disso, destacamos uma questão relevante na divulgação dos textos do impresso em forma de arquivos de PDFs no *hotsite*. A iniciativa é louvável por conta do poder histórico e de arquivo de memória brasileira. Vale pontuar aqui que, seis anos depois, o *hotsite* continua sendo fonte de pesquisa associada ao nome de Luiz Gonzaga quando usado o mecanismo de busca do Google, sendo um dos primeiros endereços eletrônicos a ser listado.

Mas no acesso ao conteúdo, além do dispositivo não estar no formato responsivo (se adequando ao tamanho de tela de diferentes aparelhos), poderia ser otimizado caso também estivesse disponível como recurso digital, em formato html para facilitar a compreensão do leitor. Além disso, poderia ter sido vinculado com uma propaganda matriz – na época -, fomentando a manutenção de sua hospedagem já que, de acordo com o editor-executivo, Vandeck Santiago, que na época já era editor, esses acessos virtuais não alteram o caixa. No entanto, a respeito ao Jornalismo Literário, é possível afirmar que a pauta pedagógica foi cumprida.

4.3 - 3ª Amostra – Local (Apêndices P-V, Anexos C, I, P)

Jornal Cruzeiro do Sul, produção "Quilombo os Camargo – Apagão Histórico", de Daniela da Costa Jacinto (2014)

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário

Parte B – Associação do currículo e método da autora junto aos estudos do JL

Parte C – Análise de dados históricos da publicação e de acesso associada às possibilidades futuras

Observa-se em vários momentos e em praticamente todos os 18 textos que a jornalista Daniela Jacinto, como assina sua matéria, seguiu à risca a linha da exatidão e texto objetivo de jornal diário. Mas os dez elementos do Jornalismo Literário, a começar pelo assunto, são claramente localizados na produção dela. Mais uma vez, a começar pela pauta. Um assunto relevante como a trajetória do povo negro em terras tupiniquins, desde a chegada aos dias atuais, passando não só pela escravidão, como também ela ignorância dos tempos contemporâneos.

Quadro 9 – Associação dos 10 pilares do JL e a 3ª amostra

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Elaboração própria.

No exemplo abaixo ela pontua dados históricos importantes, como data, nomes e valores culturais. Evidenciando que teve acesso ao documento, o mais importante do enredo.

> Documentos queimados, invasões de territórios, expulsões, ameaças. Os negros sabiam da dificuldade que enfrentariam ao serem proprietários de terras, mas quando ganhavam um pedacinho de chão de seu "sinhô" ou mesmo conseguiam comprar parte de terras que pertenciam a seus donos, faziam o que estava ao seu alcance para garantir esses direitos às futuras gerações. Com o tempo, os vestígios de suas histórias foram sendo apagados, às senzalas destruídas, algumas prefeituras, câmaras e cartórios sofreram incêndios e assim grande parte do conhecimento do povo afrobrasileiro deve-se aos relatos orais, passados de geração em geração. Vivem, ainda nos dias de hoje, marcados e com medo. Os descendentes do escravo alforriado José Joaquim de Camargo são receosos e desconfiados, e confessam que temem morrer (JACINTO, 2014, Cruzeiro do Sul, 30 mar., caderno Cidades, p. A7; Anexo P).

A jornalista conta várias histórias no decorrer da reportagem intitulada “Quilombo os Camargo – Apagão Histórico” publicada no jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba (SP), que soma 18 matérias divididas em quatro edições, um total de seis páginas *standard* com publicação semanal, sempre aos domingos – 16, 23 e 30 de março e 6 de abril de 2014, no caderno de Cidades (Anexo P).

A série engloba inúmeros personagens, humanizando o texto a todo momento com universalização temática de sentimentos. Mescla, com criatividade, narrativas de personagens vivos com falecidos e históricos. Abaixo, por exemplo, ela inicia o texto dando o tom que foi o pós-escravatura, possibilitando ao leitor entender a dimensão dos problemas enfrentados até os dias de hoje pelos descendentes. Observe que há enredo entre passado, presente e futuro.

> No bairro Votocel, separadas da população ali residente por um matagal, moram 15 famílias remanescentes de quilombos. A situação é de pobreza extrema e os descendente do escravo José Joaquim de Camargo vivem ali em um aglomerado de barracos, sem direito à água e luz elétrica, que alguns possuem devido a "gatos". "Algumas famílias fizeram a instalação de modo irregular porque estamos cansados de pedir e termos esses benefícios negados, apesar do programa Luz Para Todos, do governo, essa luz não chega pra nós", diz Rosana Vieira Noronha, responsável pela comunidade. Rosana é casada com o irmão de João, tataraneto de José Joaquim. Rosana consegue sustentar os quatro filhos, uma sobrinha e um irmão vendendo frutas como abacate e banana e ainda catando material para reciclagem. "A igreja também nos ajuda", conta ela, que já tentou desenvolver um projeto de pesca, mas não conseguiu. "Aqui nada

> acontece. Estamos esquecidos e ainda separados das pessoas pelo matagal" (JACINTO, 2014, Cruzeiro do Sul, 16 mar., caderno Cidades, p. A9; Anexo P).

São vários os trechos alicerçados em personagens. Apesar da condução textual histórica, a autora sempre coloca um personagem real para endossar o que diz. Ao expor que a descendente conta com a ajuda da igreja para sobreviver, a autora conta uma narrativa em torno dos desdobramentos da negligência política do Estado.

Em todas as edições, conforme o assunto foi avançando, a autora foi acrescentando matérias secundárias e quadros explicativos para ampliar a compreensão do leitor a respeito do assunto. Destacamos aqui (figura 8) o papel do *layout* nessa imersão por meio das tabelas, listas das comunidades e lista de legalizações, possibilitando ao leitor a contextualização do assunto.

Figura 8 – Recorte para visualização de boxes com listas e tabela



Apartamentos decorados e muito confortáveis

Realização: midza.com.br — Coordenação de vendas futuras: AE Patrimônio, aepatrimonio.com.br — Projeto: Rafael Aquino arquitetura — Rede Administradora: Atlantica Hotels

e aprovado na Prefeitura Municipal de Sorocaba, conforme Alvará de Licença de Obras n 205/14, SEMDB/DUCON/SIP. Imagens meramente ilustrativas sujeitos à alteração. Comercialização proibida.

Comunidades da região

Nome	Localidade
Cafundó	Salto de Pirapora
Camargo	Votorantim, Sorocaba, Salto de Pirapora, Araçoiaba da Serra, Piedade e Sarapuí
Carmo	São Roque
Caxambu	Sarapuí
Fazenda Pilar	Pilar do Sul
Fazendinha dos Pretos	Salto de Pirapora
Jaó	Itapeva

Das mulheres negras tiraram até o leite

Destemidas e consideradas audaciosas, conforme registrado no livro "Mulheres Negras do Brasil", de autoria de Schuma Schumaher e Érico Vital Brasil, as africanas aparecem nos registros de levantes em navios. Em um desses momentos, em 1702, homens e mulheres cativos apoderaram-se de armas e lançaram-se sobre a tripulação. Depois de meia hora, dois mortos e outros feridos, os rebelados foram controlados. No dia seguinte, foram enforcados e ficaram pendurados no mastro. Durante a travessia, muitas negras se atiravam no mar, temendo o mal maior que as esperava.

Chegando aqui no Brasil, elas tiveram de se submeter aos mais variados tipos de serviços, começando pelos domésticos até a lavoura e a extração mineral, no caso daquelas que vieram para a região sudeste. Em todos os cantos do país, elas foram obrigadas a dormir com outros escravos, com a finalidade de reprodução, a satisfazer os desejos sexuais de seus patrões, e ainda tinham de amamentar os filhos das sinhás.

Apartadas de seus parentes, de seus amores, de seus filhos, eram tratadas como coisa. Os anúncios publicados em jornais da época mostram como eram vistas essas mulheres: "Vende-se por preço commodo uma preta sadia e moça, com muito e bom leite, com uma filha parda de 3 annos, muito bonita, tendo perdido há pouco um filho de 10 dias; trata-se na rua da Pedreira da Glória, 30". Em outro anúncio, o negócio rendia até mesmo aluguel: "Aluga-se uma de côr parda-livre com cria de um mez, e afflança-se a boa qualidade do leite. Quem precisar dirija-se a esta typographia". Em ambos os anúncios nota-se que a mulher africana era considerada uma mercadoria, que podia ser vendida ou mesmo alugada. Atenção para o termo empregado no segundo anúncio, que se refere ao filho como "cria".

DIVULGAÇÃO/GABINETE DE LEITURA SOROCABANO

Ama de leite.

Aluga-se uma de côr parda-livre, com cria de um mez, e afflança-se a boa qualidade do leite. Quem precisar dirija-se a esta typographia.

A mulher africana era considerada uma mercadoria

Guerreiras

Em meados do século 16 até a década de 1850 foram traficados para o Brasil em torno de 4 milhões de pessoas, entre congos, angolas, benguelas, caçanges, minas e outros, dos mais diversos povos e grupos étnicos que habitavam as vilas, cidades e regiões do continente africano, cita o livro "Mulheres Negras do Brasil", que faz parte do acervo do Gabinete de Leitura Sorocabano. "A estratégia era trazer negros de línguas diferentes, povos diferentes, para que não se comunicassem e não organizassem motins", completa João Fernandes, tataraneto do escravo alforriado José Joaquim de Camargo. "Daí que foi criada a cupópita, para que eles tivessem uma única língua e pudessem se comunicar", diz.

Entre os grupos escravizados, as mulheres correspondiam a 20% dos homens. Apesar dos maus tratos sofridos, não baixaram suas cabeças. Muitas delas fugiram e foram líderes de quilombos. No livro consultado durante a pesquisa consta que foram encontrados alguns escritos sobre uma rainha, não se sabe se africana ou brasileira, de nome Teresa, que teria sido líder do quilombo de Quariterê, no Mato Grosso. Esse quilombo contava com parlamento e sistema de defesa com armas. A rainha tinha um conselheiro e a comunidade mantinha alt cultura de algodão e alimentos; como possuíam teares, também fabricavam tecidos.

Como surgiam os quilombolos e quilombolas

Os negros fugiam e se escondiam nas matas, outros tantos eram libertados e, desse modo, passavam a ocupar regiões inexploradas do País, formando comunidades com um modo de vida próprio. Assim surgiram os quilombos.

Os grupos atualmente chamados de remanescentes de comunidade de quilombos são os que permaneceram morando nas terras originalmente ocupadas pelos seus antepassados, escravos do período colonial. Ainda hoje a luta desses grupos é para garantir os territórios que conseguiram preservar durante séculos de resistência. Em alguns casos tentaram recuperar terras que lhes foram tiradas indevidamente. Assegurar o controle dessas terras é condição necessária e fundamental para a preservação de suas identidades culturais e para que tenham acesso a políticas públicas visando ao desenvolvimento sustentável das comunidades.

Em 1988 foram aprovados dispositivos transitórios na Constituição Federal reconhecendo a propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas. Os dispositivos impuseram ao Estado o dever de emitir-lhes os títulos respectivos. Esse ato, seja por compensação, seja por reparação à opressão histórica sofrida pelos descendentes dos africanos escravizados, reconheceu as terras de quilombos como patrimônio cultural, associado à previsão de tombamento de todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos como grupos formadores da sociedade.

Pela primeira vez na história foi reconhecida a existência da população negra no Brasil, acompanhada de um elemento inovador: a identidade etno-histórica como critério de identificação do grupo. Nos processos de regularização fundiária passam a ser levados em conta a propriedade coletiva e os componentes relativos às diferenças étnicas e culturais. E também o acesso à saúde, educação, água, luz, saneamento, etc. Do ponto de vista sociológico, quilombo é uma categoria relativamente recente, que deu nova significação ao que era conhecido como comunidades negras rurais.

(Fonte: Fundação Itesp: sua história e realizações. Evolução das políticas agrária e fundiária no Estado de São Paulo)

Tituladas no Estado de São Paulo

Território Quilombola	Comunidade	Nº de Comunidades	Nº de Famílias	Área (ha)	Município/UF	Órgão Expedidor	Data
Porto dos Pilões	Porto dos Pilões	1	51	5.908,6824	Iporanga/SP	Itesp	15/01/01
São Pedro	São Pedro	1	39	4.558,1986	Eldorado e Iporanga/SP	Itesp	15/01/01
Maria Rosa	Maria Rosa	1	20	3.375,6682	Iporanga/SP	Itesp	16/01/01
Ivaporunduva (1º título)	Ivaporunduva	1	102	672,2844	Eldorado/SP	Itesp	20/09/03
Pedro Cubas	Pedro Cubas	1	40	2.443,7210	Eldorado/SP	Itesp	20/09/03
Galvão	Galvão	1	32	1.869,5711	Eldorado e Iporanga/SP	Itesp	19/01/07
Ivaporunduva (2º título)	Ivaporunduva			2.035,1200	Eldorado/SP	Incra	20/05/10

* A comunidade Praia Grande, situada em Iporanga e composta por 26 famílias, não consta no site do Incra e no entanto estava incluída nos dados do Itesp, e com previsão para titulação em 2008. (Fonte: Registros do Itesp de 2008 e site do Incra com dados de dezembro de 2013)

Fonte: JACINTO, 2014, Cruzeiro do Sul, 6 abr., caderno Cidades, p. A7 (Anexo P)

Ao trazer para o texto informações explicativas para a regulamentação de terras quilombolas e auxiliar esta explicação citando a legislação, a autora está ampliando a compreensão do assunto, favorecendo ao leitor um entendimento eficaz, exatamente como prevê a regra prima e máster do jornalismo.

> Morar em um lindo casarão, com 12 cômodos e muito espaço para brincar. Que criança não gostaria de viver em um local como esse? Luiz Carlos Batista de Camargo e sua irmã Neri contam que adoravam. No quintal tinha um enorme pau de madeira, onde tapavam o rosto para contar até 10 e sair atrás dos outros, que estavam escondidos. Mal sabiam que era um tronco onde muita gente já tinha apanhado. Também era comum as crianças brincarem entre correntes e algemas, maiores e mais grossas que as da polícia. Sabiam que ali tinha sido uma senzala no passado, algo que para eles soava bem distante. Por serem brancos, nunca desconfiaram que bem ali, o seu bisavô tinha vivido durante anos como escravo (JACINTO, 30 mar. 2014, Cruzeiro do Sul, caderno Cidades, p. A7; Anexo P).

Mesclar lembranças da infância com o passado historicamente difícil dos ancestrais é trazer para a narrativa, e para o imaginário do leitor, sentimentos que se contrastam. A ingenuidade da idade áurea e as dores da vida adulta das raízes, associadas à história oral universaliza a narrativa. Nas primeiras frases a autora mexe com o sentimento de desejo de vida feliz por meio de um lar amplo, em seguida menciona a brincadeira de esconde-esconde, evidenciando a ingenuidade, rompida na sequência pelo manuseio de peças que outrora fizeram integrantes da mesma família sofrerem.

Há uma referência sutil e subliminar na brincadeira com os sentimentos do leitor, em mostrar a ignorância contemporânea a respeito de um assunto que pertence à humanidade. Ao observar todos os textos é possível perceber que a autora cumpriu com os critérios de texto jornalístico convencional e ousou pouco, contextualizou a todo momento, e abusou das expressões orais somente entre aspas, como quando menciona “tudo quanto é nome”, no texto da terceira edição, e relata o suicídio de uma ancestral do personagem Luiz Carlos Batista Camargo.

Porém, em vários momentos, conforme a série amadurece e principalmente nos textos secundários, conhecidos como boxes, é possível perceber que a autora se arrisca mais. Neste exemplo, ela inicia a pequena história centralizando o leitor quanto à violência que os personagens ocultos sofriam, como a madrinha de Batista Camargo, forçando esse leitor a, de imediato, tomar partido das vítimas, apoiar a revolta e até aceitar o desfecho fatídico. A escolha desse enredo expõe a voz autoral da jornalista.

Nesta amostra, a imersão da autora fica clara, principalmente quando ela relata histórias de lugares distintos e ainda complementa a narrativa destacando os municípios por onde os personagens passaram no decorrer do período escravista. Jacinto usa pouco simbolismo, ou quase nenhum. Mas abaixo, arriscamos a apontar um sutil e subliminar exemplo, camuflado por uma pequena história contada, quase como uma fábula.

> Quem mora no bairro Cubatão, em Votorantim, está acostuma do a ouvir relatos dos vizinhos sobre um homem de capa preta que é visto rondando a região durante a noite. Dizem que é a alma do capitão do mato, que vaga até hoje por conta dos maus tratos aos negros. Mesmo quem mora no bairro há me nos tempo que os mais antigos, já presenciou algo que pode ser considera do uma situação um tanto quanto inusitada. Gisele Navarro, 38 anos, conta que mora há 5 anos no local e que duvidava das histórias que ouvia. "Um vizinho, de idade avançada, costumava dizer que sempre via o homem com chapelão e capa preta sentado na esquina. E dizia que aquele era o capitão do mato. Um dia, meu cachorro estava latindo muito e achei estranho por que não tinha ninguém, quando me aproximei vi um homem alto, com chapéu largo e capa preta, que ficava ainda abrindo os braços e balançando a capa como se provocasse o cachorro" (JACINTO, 06 abr. 2014, Cruzeiro do Sul, caderno Cidades, p. A7; Anexo P).

Já na última edição da série, visivelmente sentindo-se mais a vontade e após uma longa narrativa apoiada num período histórico penoso e sofrido para a comunidade afro-brasileira, a autora se permite dar destaque à uma história oral popular. É quando ela conta a "lenda" do fantasma do capitão do mato – personagem real e muito conhecido no período escravista; um homem, com corporal grande e forte, sempre integrante da equipe de funcionários das fazendas, encarregado de literalmente caçar escravos fujões, manter a ordem na senzala e aplicar castigos aos escravos, quando ordenado.

Obviamente que neste contexto, apoiando-se na antropofagia de diversas religiões (como o catolicismo dos portugueses e a umbanda ou candomblé dos africanos), imaginar e propagar a lenda de uma maldição que assola a alma maldosa e que outrora foi causadora de tanta dor ao povo negro, é uma espécie de revide, mesmo que imaginário, para a comunidade citada. Maldizer uma reputação, usando deste misticismo e mexendo com a crença dos que vieram depois, aqui neste trecho, pode ser considerado até uma espécie de justiça. Apontamos então o simbolismo.

Se partirmos da ideia de Meyer (1996), que propunha a produção seriada como forma de entretenimento e que os textos eram estruturados de forma a resgatar o que foi dito no capitulo anterior, além de, a partir do meio do texto, propor uma espécie de gancho, observamos que nesta amostra que os textos principais englobam assuntos que se esgotam. Quando a repórter conta, na primeira edição, que "Quilombolas aguardam pela delimitação de território para serem reconhecidos", ela esgota essa abertura. Não voltando mais ao assunto desta espera pela documentação.

Na segunda edição, quando menciona que os descendentes mostram como era feito o caminho, a autora evidencia que a comunidade sabe do que está falando, principalmente porque é endossado pela matéria seguinte "A trajetória passada de pais para filhos". Ela finaliza esse resgate da memória nesta edição, não voltando mais ao assunto. O mesmo

acontece na terceira e quarta edição. Os únicos assuntos que voltam vez ou outra são os "causos", que causam certo entretenimento.

Quadro 10 – Perfil profissional e de desempenho pauta

	NOME	IDADE	CARREIRA	FORMAÇÃO	CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO	PAUTA
3ª	JACINTO	38 anos	18 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social

Fonte: Elaboração própria.

Tanto Lima (2009) quanto Martinez (2016) vêm nos dizer que não raramente as pautas mais aprofundadas são desenvolvidas por repórteres experientes, que têm segurança, currículo e reputação para cavar espaço dentro de redações cada vez mais enxutas, além de forças para brigar por espaços. Neste sentido, observamos no currículo da jornalista, que hoje tem 22 anos de experiência, mas que em 2014, quando a série foi produzida, que ela já dispunha de 18 anos na estrada. Esta maioridade possivelmente a fez ter prontidão para observar que aquela simples orientação de registro seria injusta, visualizando uma pauta de dimensão mais complexa.

Além disso, a experiência lhe deu a segurança necessária para a atuação. Como ela mesma relata "lembro-me de me comprometer em dar devida atenção. Eu não poderia deixar uma pauta como aquela virar apenas um registro de rodapé" (JACINTO, 2018; Apêndice U). Na sequência, ela relata ter enfrentado o então chefe-de-reportagem pela oportunidade de escrever a série.

> Infelizmente, naquela ocasião, foi preciso brigar. [...] Fui firme com o pauteiro. Me neguei a fazer o registro e exigi tempo para mim e para pauta. Contrariado, ele impôs uma condição. De que eu lidasse com essa demanda extra sem prejudicar a rotina da equipe ou meu trabalho diário (JACINTO, 2018; Apêndice U).

Se pensarmos que o jornal *Cruzeiro do Sul* tem atualmente 115 anos, e na época, 111, e que soma 17.204 assinantes da versão impressa e mais 430 da versão digital, com acesso mensal de 3,5 milhões – sendo contabilizados 280.588 seguidores no Facebook -, percebemos porque o veterano tem perfil conservador na região metropolitana de Sorocaba (SP).

Quadro 11 – Perfil do jornal Cruzeiro do Sul

	REGIÃO	JORNAL	FUNDAÇÃO	ASSINANTES/ TIRAGEM	FACEBOOK	ACESSOS PORTAL
3ª	LOCAL Sorocaba (SP)	Jornal Cruzeiro do Sul	12/06/1903 115 anos	17.204	280.588 seguidores	3,5 milhões ao mês

Fonte: Elaboração própria.

Esse embate, porém, não evitou que ela chorasse após chegar em casa, como ela diz, "de tristeza e raiva. [...] Acredito que a minha experiência como repórter me fez ver, em apenas uma conversa, o quanto importante era aquele assunto, não só para os que o requeriam, mas para toda a comunidade sorocabana" (JACINTO, 2018; Apêndice U). No entanto, quando ela afirma que rascunhou a estratégia e/ou não sabia, por fim, em quantas edições cobriria o assunto, percebemos uma relação que Lima e Martinez vem nos dizer a respeito da dificuldade dos atuais jornais em lidar com equipes enxutas e a concorrência com a internet ou TV.

Isso fica claro quando ela conta que "realmente não fui poupada. Tive que inserir essa investigação no meio de outras pautas. Lembro que uma ocasião fui ao centro, por outro motivo, e aproveitei passar no Gabinete de Leitura para observar documentos e jornais antigos" (JACINTO, 2018; Apêndice U).

A metodologia improvisada da repórter que tem de inserir a composição da série na rotina diária do jornal, sem prejudica-la, parece também ter ido para a edição. Observamos que tanto na versão impressa quanto na online, não há planejamento de série. Ou seja, não há diagramação exclusiva, uso de selos ou *boxes* explicativos ao leitor, avisando-o de que se trata de uma série e favorecendo para que busque as edições anteriores e/ou aguarde pelas próximas. Isso fica evidente nas chamadas de capa (Anexo P).

1ª Edição – 16 de março de 2014
- Duas páginas (A8-A9), chamada simples na capa.

2ª Edição – 23 de março de 2014
- Uma página (A10), chamada simples, mas com foto, na capa.

3ª Edição – 30 de março de 2014
- Uma página (A7), chamada de destaque com foto na capa.

4ª Edição – 6 de abril de 2014
- Duas páginas (A6-A7), chamada simples na capa.

Aqui é possível observar que o que parece ir ganhando corpo e destaque, acaba sem razão. Enquanto na primeira reportagem há uma chamada simples, na segunda a chamada, que prossegue simples, ganha uma foto. Já na terceira, a chamada é de destaque, com foto ampla. Mas na quarta edição, o aviso retorna às raízes, sendo o mais simples possível. Aqui dá para perceber que a edição do jornal não relacionou as reportagens entre si, como uma série e deixou-a a mercê do espaço, sem planejamento. Mas a jornalista assume essa falta quando diz que:

> Diferente do que se pensa a respeito de uma reportagem seriada, que geralmente é concluída antes da primeira publicação, eu escrevi as reportagens por edição, quase em simultâneo com o que era publicado. Eu realmente não fui poupada. Tive que inserir essa investigação no meio de outras pautas. Lembro que em uma ocasião fui ao centro, por outro motivo, e aproveitei passar no Gabinete de Leitura para observar documentos e jornais antigos. Já para visitar os pontos, fazia isso semanalmente, tentando casar as demais demandas com a localização a ser visitada. Até por isso não houve, em nenhum momento, chamada de capa ou menu descritivo na página da edição, mencionando que aquele assunto se tratava de uma série de reportagens. Bem na real, eu não tinha certeza de quantas edições seriam. Por isso não foi feito selo ou o mínimo de marketing em cima. Costumo dizer que foi 'na raça' mesmo (JACINTO, 2018; Apêndice U).

O mesmo ocorre com a versão online. Todas as principais matérias de cada edição geraram um *link*. Como foram quatro edições, existem quatro *links*. As matérias principais não são associadas entre si, sequer entre as matérias menores que compõem a reportagem na mesma edição impressa, mas não foram carregadas para o mesmo *link*. Essa atenção é a mesma refletida na divulgação online. Na publicação do *Facebook*, tido pela administração como um auxílio de melhor divulgação atual, a série não é exposta por inteira, se quer relacionada. Apenas uma matéria, a principal da segunda edição é publicada.

Quadro 12 – Perfil de desempenho da amostra

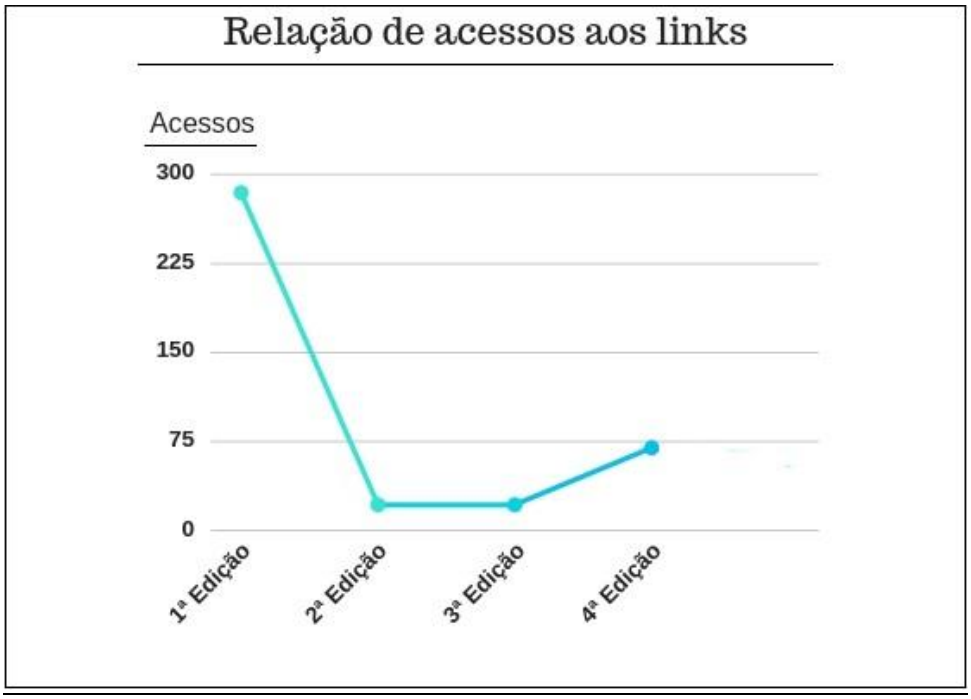
AMOSTRA	ANO	EDIÇÕES	CHAMADAS DE CAPA	TEXTOS	POST. FACEBOOK	ENVOL. FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
3ª local	2014	4	4	18	1	204	4	395

Fonte: Elaboração própria.

O que é possível, por alguma forma, observar nos números de acesso online. Enquanto a primeira reportagem conta 284 acessos, a segunda e a terceira têm 21 cada uma – mesmo a segunda tendo sido publicada. Enquanto a última, que não foi publicada no

Facebook e teve chamada simples na capa impressa, contabiliza 69 acessos. O que evidencia a não relação entre mecanismos de divulgação.

Gráfico 2 - Desempenho de acessos aos quatro links da amostra 2



Fonte: Elaboração própria.

Lembrando também que, ao observar o currículo dela (Apêndice R), notamos que a profissional mantém interesse rotineiro pelos estudos, visto que as datas de formação são sequenciais, desde a graduação. Exemplo: 1ª graduação em jornalismo (1995-1998), 2ª graduação em pedagogia (2004-2006), especialização em arte e cultura (2011-2012).

Ou seja, o intervalo entre uma qualificação e outra é de cinco anos em média. Se levarmos em consideração os cursos diversos e trabalhos desenvolvidos, percebemos que as lacunas são mínimas. Essa busca contínua por aprimoramento é observada também; em 22 anos de atuação, ela migrou para diferentes áreas. Mantendo-se em cada uma delas tempo suficiente para a especialização, como no jornalismo digital, 10 anos, e no impresso cultural, 7 anos.

Embora não tenha se tornado editora, a jornalista admitiu saber o ofício es evitar a alteração definitiva de função devido o prazer que a reportagem lhe dá. O resultado está no que Bak (2011) vem nos dizer sobre escrever sobre o "mágico no mundano e o nós nos eles". Dar voz a um povo descendentes de escravos, evidenciar suas dificuldades reais,

suas lembranças de infância e o passado sombrio dos antepassados, mesclando com crenças de justiça e esperança, é fazer JL.

"Sinto que essa história merecia mais atenção, queria escrever um livro-reportagem. Atualizar e provocar mais as autoridades. Fazer justiça deixando a memória, agora escrita. Afinal, esse roteiro ainda não saiu do papel. Mas está em muitos corações", afirmou (JACINTO, 2018; Apêndice U).

4.4 - 4ª Amostra – Sul (Apêndices X-DD, Anexos D, J, Q)

Jornal Correio do Povo, produção "'Zumbis' no Volante", de Paulo Tavares (2014)

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário

Parte B – Associação do currículo e método da autora junto aos estudos do JL

Parte C – Análise de dados históricos da publicação e de acesso associada às possibilidades futuras

"A cocaína se transformou no novo 'estimulante' dos caminhoneiros". É com essa afirmação que o jornalista Paulo Tavares abre a primeira das 23 matérias da reportagem seriada (Anexo Q) intitulada "'Zumbis' no Volante", publicada em quatro edições, de 4 a 7 de maio de 2014, no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre (RS). A produção, diagramada em caderno especial tamanho tabloide, contou com a participação do fotógrafo Mauro Schaefer, que ilustra esse primeiro texto de abertura com uma foto impactante, onde um caminhoneiro consome cocaína na boleia do veículo, sentado ao volante.

Figura 9 – Recorte da matéria de abertura - destaque para foto de Mauro Schaefer



‘Zumbis’ assombram as rodovias do Sul

Caminhoneiros drogados trafegam diariamente pela malha rodoviária brasileira. Alguns deixaram de lado as anfetaminas e passaram a usar cocaína. Muitos recorrem ao submundo do tráfico para comprar as drogas. Outros optam pelas tele-entregas.

ZUMBIS NO VOLANTE

A cocaína se transformou no novo “estimulante” dos caminhoneiros. Estudos comprovam que esses profissionais estão trocando a anfetamina pelo pó, na ilusão de que poderão suportar por mais tempo as longas jornadas de trabalho, que muitas vezes se estendem por mais de 16 horas. Estudos da Universidade de São Paulo (USP) e de instituições ligadas ao trânsito mostram que pelo menos 33% dos motoristas de caminhão utilizam “porcarias” – como dizem – para cumprir a carga horária. O **Correio do Povo** inicia neste domingo uma série de reportagens, que se estende até quarta-feira, mostrando a situação dos “zumbis do volante”.

A USP fez um estudo com caminhoneiros que circulavam pelas rodovias federais do Rio e de São Paulo. De 308 profissionais entrevistados, 10 (3,5%) usavam cocaína. No interior paulista, o resultado foi mais preocupante: quase 13 profissionais dirigiam sob o efeito de substâncias tóxicas. Um dos fatores que torna o problema mais grave é que a frota de caminhões, no Brasil, atualmente, é de 2,2 milhões, rodando por todo o país.

Dados da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte Terrestre mostram que 75% dos acidentes envolvendo caminhões ocorrem por falha humana, principalmente por conta da fadiga e, em alguns casos, é possível comprovar que o motorista estava sob o efeito de alguma substância ilegal.

Um dos acidentes ocorridos em solo gaúcho vitimou o jornalista Paulo Ferreira, o Paulão, e o cinegrafista Ezequiel Barbosa, da TV Bandeirantes, que em 2012 morreram atingidos por um caminhão, na ERS 122, em Farroupilha. Testes de laboratório comprovaram a existência de anfetamina no organismo do caminhoneiro.

Para comprovar esta dura realidade, equipes do **Correio do Povo** e da TV Record/RS percorreram 2.258 quilômetros entre RS e SC trafegando pelas rodovias com maior circulação de caminhões, parando em postos de combustíveis onde a concentração de caminhoneiros é frequente. Em cinco dias, os repórteres entraram em um mundo diferente do que a maioria das pessoas está acostumada, vivenciando a degradação e as dificuldades por que passam esses profissionais e as pessoas que vivem no entorno. Nesta segunda-feira, os telejornais da Record também exibirão a reportagem.

Fonte: Correio do Povo, 04 mai. 2014, caderno Especial, p.20 (Anexo Q)

A pauta, de cunho social, era desafiadora, porém necessária. Se pensarmos que o *Correio do Povo* é um tradicional jornal com 123 anos, fundado pelo jornalista Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior – que também criou toda a rede Guaíba -, e que em 1984 alcançou 94 mil exemplares em circulação estadual e em 2007 somava tiragem de 150 mil impressos, podemos entender o atento olhar à produção (CORREIO DO POVO, 2015; 2018; ESTADÃO, 2007; Apêndice Y, Anexo Q).

Quadro 13 – perfil do jornal Correio do Povo

	REGIÃO	**JORNAL**	**FUNDAÇÃO**	**ASSINANTES/ TIRAGEM**	**FACEBOOK**	**ACESSOS PORTAL**
4ª	SUL Porto Alegre (RS)	Correio do Povo	01/10/1895 123 anos	-	405.909 seguidores	-

Fonte: Elaboração própria.

Há anos a imprensa do país – que tem parte de sua economia movida pelo setor de transporte rodoviário -, menciona a problemática em torno do consumo de drogas associada ao trânsito nas rodovias e as fatídicas consequências envolvendo mortes. Tavares sabia dessa necessidade urgente, visto que a ponta do *iceberg* são os alarmantes números de acidentes de trânsito relacionados a caminhoneiros e consumo de drogas, descritos no

texto “Polêmica parece não ter fim”, ainda na primeira edição (TAVARES, 2014, Anexo Q).

Na época da produção, há 4 anos, ele tinha 52 anos e uma longa trajetória pela imprensa escrita rio-grandense, desde a passagem pelo dia a dia do *Zero Hora* como subeditor (1988-1992), o assessoramento ao Conselho Estadual de Educação (RS) entre 1995 a 1997 até os trabalhos junto à Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) do Estado do Rio Grande do Sul (2003 a 2008) (Apêndice Z).

Quadro 14 – perfil profissional e de desempenho na pauta

	NOME	**IDADE**	**CARREIRA**	**FORMAÇÃO**	**CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO**	**PAUTA**
4ª	TAVARES	51 anos	30 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social

Fonte: Elaboração própria.

Sendo aqueles últimos seis anos antes da produção de trabalhados exclusivamente como editor do caderno de Polícia no referido jornal (TAVARES, 2018; Apêndice CC). Tanto Tavares sabia, que além de sugerir a pauta e iniciar pesquisa antecipada, fez questão de contextualizar a complexidade no primeiro texto:

> “Dados da Confederação dos Trabalhadores em Transportes Terrestres mostram que 75% dos acidentes envolvendo caminhões ocorrem por falha humana, principalmente por conta de fadiga e em alguns casos é possível comprovar que o caminhoneiro estava sob efeito de alguma substância ilegal. Um dos acidentes ocorridos em solo gaúcho vitimou o jornalista Paulo Ferreira, o Paulão, e o cinegrafista Ezequiel Barbosa, da TV Bandeirantes, que em 2012 foram atingidos por um caminhão, na ERS 122, em Farroupilha. Testes de laboratório comprovaram a existência de anfetamina no organismo do caminhoneiro. Para comprovar essa dura realidade equipe do Correio do Povo [...] percorreu 2.258 quilômetros entre RS e SC, trafegando em rodovias com maior concentração de caminhões, parando em postos de combustíveis onde a concentração de caminhoneiros é frequente. Em cinco dias os repórteres entraram num mundo diferente do que a maioria das pessoas está acostumada [...]” (TAVARES, 4 maio 2014 a, caderno Especial, p.20, Anexo Q).

Depois de passar uma semana viajando entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e somar mais de 2 mil quilômetros rodados, o jornalista tinha em mãos duas certezas. A primeira de que os personagens principais eram verdadeiros ‘Zumbis’ no trânsito – menção ao termo de origem africana e que significa morto-vivo, em alta à época, principalmente pelo sucesso da série *The Walking Dead*, da TV estadunidense FOX -, devido ao consumo de drogas e consequente ausência de reflexos ao volante.

E a segunda de que seria uma produção seriada, por ser mais prática, para não cansar o leitor (referência ao assunto delicado) e manter certa curiosidade (a respeito da edição seguinte), como afirmou o jornalista em entrevista em setembro passado, por e-mail (TAVARES, 2018; Apêndice CC). Se a unidade foi dada pela chefia de reportagem, encabeçada até hoje por Luciamem Wink, nos textos, Tavares cumpre quase todos os requisitos pontuados por Lima (2009) como pilares do Jornalismo Literário brasileiro.

Quadro 15 – Associação dos 10 pilares do JL e a 4ª amostra

1º	**2º**	**3º**	**4º**	**5º**	**6º**	**7º**	**8º**	**9º**	**10º**
-	X	X	X	X	X	X	-	X	X

Elaboração própria.

Entre eles, é possível destacar a imersão e a responsabilidade ética. A primeira a respeito da viagem, descrita no texto de abertura e no artigo final. Já a responsabilidade ética é visível, não só pela pauta em si, mas em todo o texto. Tanto no respeito ao anonimato dos personagens, quanto aos assuntos abordados, como, por exemplo, o caso de um personagem que assumiu ter ficado 96 horas acordado – momento em que é mencionada a importância de Lei do Descanso (12.619) e a prostituição de menores.

> Ele tem 28 anos, é natural de Goiânia (GO) e está na estrada há sete anos. Percorrendo o país de Norte a Sul, Pedro (o nome é fictício), precisa ficar o máximo que pode ao volante, correndo o risco de perder dinheiro se ocorrer algum atraso nas entregas das cargas. Na noite fria de 25 de abril, Pedro estava num posto de combustível, na cidade portuária de Itajaí (SC). Conversava com colegas de profissão, sentado num banco. O contato com a imprensa se deu de forma natural, sem se preocupar com a presença do jornalistas, o caminhoneiro admitiu ter cocaína, sem constrangimento, assim como os demais (TAVARES, 4 maio 2014 a, caderno Especial, p.21, Anexo Q).

O fato do jornalista não cumprir os pilares da Exatidão – devido à ausência de nomes reais de personagens e não especificar detalhadamente os locais de abordagem -, e ainda não usar de Simbolismos como auxílio à escrita, optando pelo estilo tradicional da escrita jornalística, não invalida a afirmação de que a amostra é exemplo de Jornalismo Literário. Obviamente que o traquejo do repórter, oriundo da longa carreira profissional, facilitou a concepção da pauta e, depois, a reportagem, com desenvolvimento simultâneo à demanda diária da redação.

Se textualmente e até imageticamente a proposta social do jornalismo literário foi cumprida, inclusive com a conclusão destacando a dificuldade governamental de constatar

e fiscalizar, além dos apontamentos sugestivos de solução por meio de leis trabalhistas, é possível afirmar também que a amostra alcançou o desempenho pedagógico, conforme nos propõe Lima (2009), Martinez (2016) e Bak (2017, 2018).

Ao propor um caderno especial, com chamada expressiva na capa impressa de todas as edições, assim como criação de selo de identificação (figura 10) para melhor auxiliar o leitor no acompanhamento e aproveitar-se dos minúsculos espaços para preencher com *boxes* em complementares, o jornalista evidencia o amadurecimento e comprometimento com a ampliação da compreensão do leitor.

Figura 10 – Recorte para visualização do selo



Morto-vivo por 96 horas

Histórias de verdadeiras loucuras feitas por caminhoneiros usando rebite ao volante são abundantes. É o caso de um desses profissionais que, em 24 de abril, estava em um posto de combustível, em Carazinho. Ele deu uma parada, segundo disse, para "descansar" e partiria no dia seguinte para São Paulo, com uma carga de hortifrutigranjeiros. Com 1,80 m de altura, comunicativo, Antônio (o nome é fictício), 20 anos, após estacionar no meio de outros "brutos" – apelido dos caminhões –, desceu da cabine e foi conversando com quem estava por perto. Oriundo de uma cidade próxima de Três Passos, com sotaque típico dos descendentes de italianos, quando soube que dois dos presentes eram repórteres do **Correio do Povo** e da TV Record RS, comentou sobre o caso Bernardo, perguntando se havia novidade.

Durante a conversa, não se negou a falar sobre o uso do rebite com o rebite.

Estava cansado, mas precisava chegar no horário a São Paulo. Um colega lhe ofereceu um comprimido. "Se nos atrasamos, muitas vezes perdemos a vez de descarregar", conta Antônio. "Temos que ir para o fim da fila e perdemos a carga, que é perecível, e dinheiro", justifica. Em junho de 2012, em uma viagem para Pernambuco, saindo de Porto Alegre, não teve dúvidas: usou a anfetamina para "render mais". Diluiu quatro comprimidos em uma garrafa de água mineral, sem gás. Resultado: ficou 96 horas com os olhos abertos, sem saber ao certo se estava dormindo ou acordado.

Por sorte não se envolveu em nenhum acidente. Quando chegou ao destino, estava confuso em relação ao horário. "Olhava no relógio e ele marcava 11h", lembra. "Pensava que ainda era noite. Achava que era impossível ser aquele horário e ter sol", relata. A sensação causada, de

A partir desta segunda-feira, a TV Record RS apresenta uma série de reportagens sobre o assunto em seus telejornais.

ZUMBIS NO VOLANTE

GAROTAS DE PROGRAMA

Drogas e sexo presentes nos pontos de parada

Não são apenas drogas que os caminhoneiros podem comprar nos postos de combustível, quando param. O sexo também é oferecido. Em Carazinho, em um posto de combustível da entrada da cidade, garotas, em uma versão gaúcha de *call girl*, oferecem o "serviço" aos motoristas por R$ 50,00. Uma delas, Jeniffer, disse ter 18 anos, apesar de aparentar bem menos. Ela e uma amiga visitam o local todas as noites, como ocorreu na noite de 24 de abril. Normalmente quando chegam já agendaram algum programa. Em outras ocasiões, recebem uma oferta.

Jeniffer não larga o telefone celular, pois é através do aparelho que os caminhoneiros solicitam o serviço. "Como repetem muito a mesma rota, já me conhecem", diz. "Eles têm o meu número e quando estão chegando na cidade, me ligam", completa. Elas normalmente permanecem por 2 horas (das 20h às 22h) fazendo *trottoir* por entre os caminhões e as carretas.

Ela afirma que não há saídas para motéis. O programa é feito na boleia do caminhão. Algumas vezes, salienta ela, o caminhoneiro não procura exatamente sexo. Quer desabafar, falar da vida e da família. "Eles falam

MAURO SCHAEFER

Fonte: Correio do Povo, 5 mai. 2014, caderno Especial, p. 19 (Anexo Q)

Dessa forma, a crítica aqui se faz apenas pela ausência de vinculação da produção ao produto digital. Se na versão impressa ouve atenção na diagramação, na online esse fator foi esquecido. A série gerou quatro *links*, respectivos a cada uma das edições, que englobam todas as matérias. Porém, os endereços não vinculam uma produção à outra, avisando ao leitor de outras partes. Isso ocorre ao leitor de forma intuitiva devido à ausência de conclusão do assunto em cada edição.

Além disso, até hoje o jornal não tem facilmente em mãos – ou não vê necessidade de divulgar -, os dados de acesso ao portal ou número de visualização em cada um dos quatro *links* gerados da reportagem. O que dificulta a análise mais profunda da sistematização produção x impresso x digital. O que se sabe é que o veículo conta atualmente com

404.634 seguidores na página oficial do *Facebook* e que o arquivo da rede aponta que exceto a edição de abertura da série, as três edições seguintes foram postadas (Apêndice Y).

Quadro 16 – perfil de desempenho da amostra

AMOSTRA	ANO	EDIÇÕES	CHAMADAS DE CAPA	TEXTOS	POST. FACEBOOK	ENVOL. FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
4ª Sul	2014	4	4	13 + 1 art.	3	3	4	_

Fonte: Elaboração própria.

Porém, juntas as postagens somam apenas três envolvimentos – duas curtidas e um comentário (Anexo D). Um mecanismo que poderia auxiliar o veículo a alavancar o consumo no portal e fidelizar o leitor virtual, como em outrora ocorreu com o impresso. No entanto o jornalista é categórico em afirmar que esse descompasso entre a divulgação do impresso e o digital é coisa do passado, de quando o impresso era o carro-chefe do jornal. Situação que garante ter mudado, ou invertido. Com produções exclusivas para a versão online.

No entanto, ele destaca o sucesso da produção com os desdobramentos profissionais, atrelado ao reconhecimento junto a prêmios como do Ministério Público do Trabalho (MPT), referente à região sul do Brasil, da Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI), e do Sindicato das Empresas de Transportes de Carga e Logística no Estado do Rio Grande do Sul (Setcergs) de Jornalismo (TAVARES, 2018; Apêndice CC).

4.5 - 5ª Amostra – Sudeste (Apêndices EE-LL, Anexos E, L, R)

Jornal Tribuna de Minas, produção “Vidas Roubadas”, de Daniela Arbex (2014)

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário

Parte B – Associação do currículo e método da autora junto aos estudos do JL

Parte C – Análise de dados históricos e de acesso associada às possibilidades futuras

A expressão “Vidas Roubadas” intitula a reportagem seriada de Daniela Arbex, publicada em cinco edições, de 2, 4, 5, 7 e 11 de novembro de 2014, no jornal Tribuna de Minas, em Minas Gerais (ARBEX, 2014; Anexo R). Trata-se de uma produção que durou três meses para ser desenvolvida, durante o segundo semestre de 2014. O acompanhamento da desinstitucionalização manicomial, ocorrida em todo o país por força de lei.

A série de 15 textos parte das histórias de vida de pacientes segregados por décadas nos hospitais psiquiátricos de Barbacena, Juiz de Fora e Belo Horizonte e alcança os detalhes da inserção social, com convívio comunitário, desde a criação de documentos civis, como Título de Eleitor, à liberdade de andar pelas ruas urbanas e participação em oficinas inclusivas, como de jardinagem.

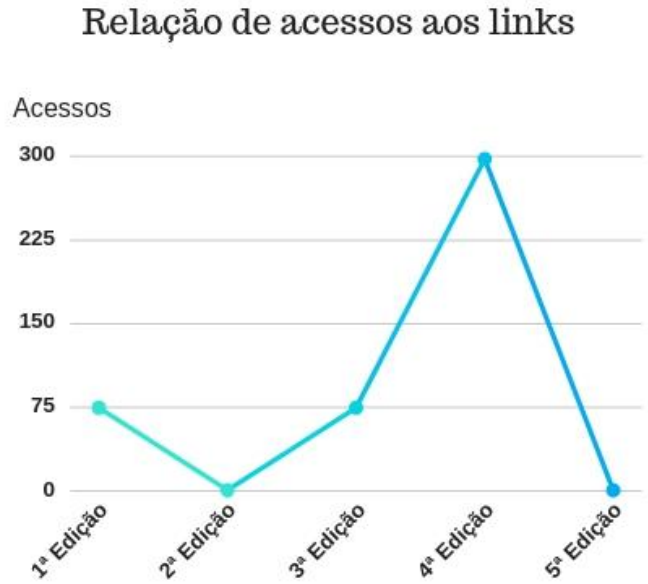
Quadro 17 – perfil de desempenho da amostra

AMOSTRA	ANO	EDIÇÕES	CHAMADAS DE CAPA	TEXTOS	POST. FACEBOOK	ENVOL. FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
5ª Sudeste	2014	5	4	15	4	39.434	5	445 *

Fonte: Elaboração própria, *com dados a partir de 2014 e de apenas 3 links

Dessa amostra os números acesso virtual ao portal não são conclusivos e impedem uma análise profunda de consumo. Além de ter sido reformulado entre 2011 e 2014, a direção do jornal não informou o número de acesso mensal ao portal, e dos cinco *links* gerados para a versão online - cada um com o nome da matéria principal da respectiva edição e demais textos seguintes, apenas três tiveram apontamentos, a primeira e a terceira edição, com 74 acessos cada, e a quarta, com 297 (Gráfico 3) (Apêndice II).

Gráfico 3 – desempenho dos acessos aos links da amostra 5



Fonte: Elaboração própria. Dados inexistentes da 2ª e 5ª edição; das demais a partir de 2014.

Interessante destacar que exatamente esses três *links* foram associados às postagens no *Facebook*, que contabiliza atualmente 256.927 seguidores. Um *teaser* publicado em 30 de outubro (antes do início da série, no dia 2 de novembro), chamou os leitores para acompanhar a produção, somando 2.293 envolvimentos e 37 mil visualizações.

Depois, o link da terceira edição contabiliza 52 envolvimentos, enquanto que a quarta e penúltima matéria soma 89 envolvimentos com o internauta. Para um jornal que atualmente tem 37 anos, com tiragem diária de 10 mil exemplares e 15 mil aos domingos, numa cidade, a quarta mais populosa do estado, com 560 mil habitantes, a localização do número de consumo torna-se uma incógnita.

Quadro 18 – perfil do jornal Tribuna de Minas

	REGIÃO	**JORNAL**	**FUNDAÇÃO**	**ASSINANTES/ TIRAGEM**	**FACEBOOK**	**ACESSOS PORTAL**
5ª	SUDESTE Juiz de Fora (MG)	Tribuna de Minas	01/09/1981 37 anos	10 mil/15 mil (semana/ domingos)	256.927 Seguidores	-

Fonte: Elaboração própria.

Há quatro anos, a jornalista que tem hoje 45 anos de idade, lembra-se que a cidade parou para acompanhar a produção. “Pela manhã era possível ver gente nas filas das bancas de jornal”, comenta por e-mail (ARBEX, 2018; Apêndice JJ). É preciso pensar que a fórmula de sucesso neste caso pode estar atrelada a dois elementos não palpáveis: um título cirúrgico, que dá dimensão social e humana da pauta, associado ao nome de Arbex, dá à comunidade juiz-forana há mais de 20 anos um componente de qualidade, a informação.

Quadro 19 – perfil profissional e de desempenho na pauta

	NOME	**IDADE**	**CARREIRA**	**FORMAÇÃO**	**CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO**	**PAUTA**
5ª	ARBEX	41 anos	19 anos	Graduada	Livre/exclusivo	Social

Fonte: Elaboração própria.

Mineira nascida em Juiz de Fora, Arbex começou a trabalhar cedo, em 1995, no então único jornal da cidade. E desde aquela época, mostrou a que veio, pautando, a cada ano, a imprensa nacional. Pois veja, em 1998 fez o primeiro especial, com três reportagens

sobre a preservação da aldeia dos índios Maxakalis, que teve desdobramento em 1999. Naquele mesmo ano fez outro especial sobre HIV após estupro e o tabu sobre o assunto.

Em 2000, após exaustiva investigação, denunciou fraudes no atendimento da Santa Casa local, o que inviabilizava melhorias e ampliação do hospital. Em 2002 expôs os porões da Ditadura Militar e as ações de encobertamento dos crimes por parte do Exército brasileiro – o que viraria depois o *best-seller* Cova 312 (ARBEX, 2016). Em 2003 fez a primeira reportagem denunciando os maus-tratos a pacientes do hospital psiquiátrico.

Já em 2008 desbancou um político do poder, após 20 anos de corrupção, o chamado caso Koji. Até que em 2009 soube, por meio de denúncia, sobre a rede de maus-tratos para fomento da venda dos corpos de pacientes psiquiátricos do Hospital Colônia de Barbacena às faculdades de medicina mineiras. Depois de pesquisa, árdua investigação e flagrantes, publicou a série, intitulada "Holocausto Brasileiro" em 2011, que deu origem ao livro homônimo (2013) e seu primeiro Jabuti (2014), com mais de 300 mil cópias vendidas (Apêndice JJ).

Então, segundo ela, acompanhar a desistitucionalização dos pacientes em 2014 era só uma questão de tempo, de acontecer. E assim, ao propor aos leitores, mais uma vez, porém com outro olhar, a continuação da saga dos segregados pacientes daquela região – que compõe o maior corredor manicomial do país -, nas palavras dela, era uma resposta social. Logo, era óbvio que os leitores iriam às bancas descobri-la, garante.

Quadro 20 – Associação dos 10 pilares do JL e a 5ª amostra

1º	**2º**	**3º**	**4º**	**5º**	**6º**	**7º**	**8º**	**9º**	**10º**
X	X	X	X	X	X	X	-	X	X

Elaboração própria.

"No 'holocausto', a cidade também parou. O retorno era físico, nas ruas. Obviamente que nesta resposta, de 2014, não ocorreu na mesma proporção. Mas ocorreu", (ARBEX, 2018, Apêndice JJ). Nesta produção, então, Arbex se vale de todos os recursos que conhece. Como se emendasse a premiada série do Holocausto Brasileiro à de Vidas Roubadas, ela inicia a reportagem com um título interessante: "Passo final da indústria da loucura". Sim, é uma referência à produção anterior, a desistitucionalização é o desfecho.

A escolha, mais uma vez por seriar o material aconteceu pelos mesmos motivos de sempre, praticidade (por não ter de esperar contrapartida do comercial, como ocorre em

cadernos especiais), pelo jornal ser pequeno e ter de dar conta das demais demandas do dia e, em contrapartida, fidelizar o leitor dando a ele tempo, de uma edição para o outra, para compreender a complexidade do assunto.

"Em 2015, por exemplo, eu fiz um caderno especial, como uma coleção de matérias sobre o Rio São Francisco. Isso demandou planejamento extra, com venda antecipada da produção. Nem sempre temos essa possibilidade, de esperar", explica ela (Apêndice JJ). Arbex diz que, por ser repórter especial, pode se dedicar com exclusividade e isso lhe exige documentar todos os passos. "Costumo dizer que minha liberdade (editorial) e segurança estão associados aos fundamentos da pauta. Se eu tiver documentação, terei toda a liberdade que quiser" (ARBEX, 2018; Apêndice JJ).

Por conta disso, ela terminou toda reportagem antes de iniciar a publicação e que o fato de ter edições intercaladas ocorreu devido espaço, para que a produção não fosse editada ou cortada. "Não acredito que tenha atrapalhado o acompanhamento do leitor" (ARBEX, 2018). Tanto é que por conta disso, participou de todo o processo de publicação, da escolha das fotos, da proposta de diagramação, da criação do selo (figura 11), títulos. "Isso é interessante, é prazeroso. Nós somos um jornal pequeno, mas forte no estado e até no país, várias vezes pautamos a grande mídia", (ARBEX, 2018; Apêndice JJ).

Figura 11 – Observação do selo informativo

Histórias reconstruídas

Série de reportagens termina, mostrando que é possível mudar trajetórias fora dos manicômios

DANIELA ARBEX
Repórter



"Não desperdice a sua loucura." Com o slogan bem-humorado, a Rádio Piraí está mudando não só a história dos participantes do projeto do Centro de Convivência do Departamento de Saúde Mental, mas a forma como eles estão sendo vistos. Há um ano no ar, o programa exibido mensalmente nas redes sociais é feito por pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, bipolaridade e outros tipos de transtorno mental. Juntos, os integrantes estão conseguindo provar que a doença é apenas uma faceta da trajetória deles. Com sonhos e desejo de conquistar um lugar ao sol, os criadores dos quadros "Cuca fresca", "Cada um no seu quadrado" o resultado, ele resgatou sua autoestima e o respeito da família", salienta a psicanalista. Ilka refere-se a Walmir dos Santos Costa, o locutor da rádio que passou mais de 13 anos dos 44 de vida institucionalizado. Internado pela primeira vez aos 13 anos, ele só voltou a ver a família aos 21. "Passei por eletrochoque, cheguei a tomar injeção de entorta, vivi situações difíceis. Depois que minha família se afastou de mim, mergulhei nas drogas por 20 anos", relembra. A guinada na sua vida aconteceu há quatro anos, quando ele deixou a Clínica Aragão Villar e conheceu o Centro de Convivência, localizado na Rua Tiradentes, no Bairro Santa Helena. "Antigamente me chamavam de maluco, debochavam. Depois que passei a frequentar o centro, é que vi o que é viver em sociedade e ter liberdade, o que eu nunca tive. Hoje sou respeitado na minha comunidade. Agora estou



Fonte: Tribuna de Minas, 11 nov. 2014, caderno Geral, p. 4 (Anexo R).

É possível observar que a repórter percorre os caminhos desse novo processo de atuação profissional (reportagem – edição) observado, edição a edição: 1ª A proposta de fechamento dos hospitais, a casa nova e os números; 2ª Os primeiros passos para inserção social; 3ª O desafio de não deixar acontecer novamente e o prosseguimento dos tratamentos; 4ª A necessária mudança na cultura social; 5ª A oportunidade de reescrever a própria história. Além de abarcar os assuntos que permeiam a desistitucionalização, Arbex é justa ao dar espaço similar em todas as abordagens.

Trata-se da responsabilidade social permitir que o leitor compreenda, mais do que aceite, a necessidade de transformação que a pauta sugere. Por essa razão, a jornalista humaniza, linha por linha, com personagens que têm nomes, idades, repertórios, sentimentos e esperanças. Como quando conta a história de André Jesus da Silva, de 31 anos, paciente com problemas mentais e ex-usuário de drogas, que tinha pressa em se mudar para a casa nova, almejando uma vida mais tranquila, regada à churrasco aos finais de semana.

A exatidão e a imersão da jornalista é visível quando *boxes* explicativos vão preenchendo os cantos das páginas diagramadas e informam o leitor do porquê das coisas, assim como seus referidos dados (Figura 12).

Figura 12 – Recorte da primeira edição para visualização dos boxes explicativos



Paciente quer resgatar cidadania

José da Silva, 61 anos, também quer deixar para trás mais de três décadas de isolamento nos hospitais psiquiátricos por onde passou. "Isso é uma casa de verdade", diz, sorrindo, o homem que nunca teve realmente um lar. Quando criança, Silva e os três irmãos foram abandonados pela mãe e deixados sozinhos em um casebre na Zona Rural de Bicas. Ficaram por dias sem comida e sem a supervisão de um adulto, até que foram resgatados por vizinhos. Logo depois, eles foram separados, já que cada um foi entregue a uma família diferente. Um dos irmãos de José teve as mãos queimadas pela mulher que o criou como forma de castigo após o menino "mexer nas coisas dos outros".

Já José ficou com Tereza de Paula Oliveira, aposentada que ainda reside em Bicas e hoje tem 76 anos. Segundo

Grupo visita futura moradia depois de anos de internação

RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL

1984

Juiz de Fora contava com **1.723 leitos** em seis hospitais psiquiátricos. Não havia centros de atenção psicossocial (Caps)

2004

As vagas foram reduzidas para **580**, mas, na época, o dinheiro economizado com a extinção dos leitos psiquiátricos de baixa qualidade não foi reinvestido no setor. A cidade contava com apenas um Caps e uma residência terapêutica. Dois anos depois, foi criado o primeiro e único centro de convivência do Departamento de Saúde Mental

2014

Com o fechamento dos hospitais Cedofeita, Serro Azul, São Marcos, Clínica Pinho Masini, Aragão Villar e São Domingos, restam hoje **224 leitos** psiquiátricos na Casa de Saúde Esperança, cuja gestão foi assumida pelo município no ano anterior. Atualmente, Juiz de Fora possui cinco Caps, dois com funcionamento 24 horas e outro em transição para este modelo, além de 19 residências terapêuticas com 190 moradores. Outras três estão sendo implantadas

Fonte: Tribuna de Minas, 2 nov. 2014, caderno Geral, p. 4 (Anexo R).

Ao escolher terminar a série de forma positiva, com edição que conta com foto dos personagens demonstrando felicidade, a repórter propõe um sinal de transformação no percurso por ela contado.

> Dias de isolamento ficam para trás – Flávia Beatriz Mendes, 34, estudante do ensino médio, também experimenta o gosto da convivência social. Assim como Walmir e Geraldo, ela participa da rádio e deixa para trás os dias de isolamento em casa após diagnóstico de esquizofrenia. A doença se manifestou anos depois de uma infância de maus-tratos, quando ouvia a mãe dizer que sentia vontade de lança-la pela janela. Hoje ela faz piada dos próprios problemas, e tem uma definição própria para a loucura. 'Para mim é bom ser diferente porque se todos fossem iguais não teria graça. Loucura não é simplesmente viver isolado numa camisa de força. Ser louco é incomodar as pessoas que se acham muito certinhas. Neste sentido eu sou louca, sim', e ri" (ARBEX, Tribuna de Minas, 11 nov. 2014, caderno Geral, p. 4; Anexo R).

A crítica aqui está associada às várias frentes relativas à divulgação. Se por um lado o desempenho de Arbex com o texto é visivelmente árduo e abrangente, abarcando o assunto de forma a ampliar a consciência de mundo da comunidade. Por outro, apesar dela ter se dedicado à diagramação e arte, a veiculação é questionável. Primeiro o intervalo irregular e não explicativo entre uma edição e outra. Segundo a falta de linearidade nas chamadas de capa, que não cria identificação visual com a diagramação interna, impedindo o leitor de criar o sentimento de pertencimento.

Além deles, o fato das páginas do impresso não serem limpas e exclusivas para série, apesar de diagramadas como num grande *box*, matérias sem relação à reportagem propõem certa confusão ao leitor. Com relação à vinculação entre impresso e digital, é possível perceber também falta de malícia ou planejamento. Apesar do veículo acertar ao fazer o *teaser* chamando o leitor pelo *Facebook* (Apêndice II, Anexo E) para o acompanhamento, o que percebemos é que a falta de continuidade nas postagens possivelmente distrai o leitor menos antenado.

Isso sem contar com a ausência de associação entre os links criados durante as edições impressas. Esses endereços abarcam todos os textos relacionados sobre o assunto na edição, mas não associam que tratam-se de componentes de uma reportagem seriada, sem ao menos a transferência do selo impresso, possivelmente impedindo o leitor virtual de ter a oportunidade de acompanhar toda a produção. É bem verdade que a jornalista

afirmou ser esse um processo pelo qual o jornal está passando, em melhorias focadas nas publicações virtuais. Mas por enquanto, não foi possível observar.

4.6 - 6ª Amostra – Centro-Oeste (Apêndices MM-SS, Anexos F, M, S)

Jornal Correio Braziliense, produção "Conexão Brasília", de Guilherme Goulart (2018)

Parte A – Relação das amostras textuais com o Jornalismo Literário

Parte B – Associação do currículo e método da autora junto aos estudos do JL

Parte C – Análise de dados históricos das produções e de acesso associada às possibilidades futuras

Há seis anos como subeditor do caderno de Cidades do Correio Braziliense, em Brasília, no Distrito Federal, um dos principais jornais do país - com 51 mil assinantes e 50 milhões de acessos no portal ao mês -, Guilherme Goulart diz que sente falta de escrever, principalmente produções de fôlego (Apêndices NN, OO, RR).

Quadro 21 – perfil do jornal Correio Braziliense

REGIÃO	JORNAL	FUNDAÇÃO	ASSINANTES	FACEBOOK	ACESSOS
Centro-Oeste	Correio Braziliense	21/04/1960 68 anos	56 mil (25 mil do impresso)	725.649 seguidores	50 milhões ao mês

Fonte: Elaboração própria.

Por essa razão, num dia de folga, lembrou-se de algumas reportagens seriadas que já havia feito, como a da história do crime organizado de Brasília, publicada em 2004, quando ainda era repórter, e a mais recente, do "Césio 137 – Um inimigo invisível", que fez em parceria com Natalia Lambert em 2017 (GOULART, 2018; Apêndice RR).

> A ideia de fazer a pauta (Conexão Brasília) foi minha. [...] Pensei em vários temas, mas de repente me deu um estalo e eu pensei em mobilidade. Pois me daria um leque de possibilidades com relação à publicação, com textos, imagens, site, vídeos, além do assunto ser interessante e necessário. Esse foi o primeiro passo, pensar na proposta e desenhá-la. O segundo passo foi submeter a ideia ao editor, José Carlos Vieira. E ele gostou, gostou bastante (GOULART, 2018, Apêndice RR).

Porém, mesmo o gaúcho tendo 42 anos e mais de 20 de experiência jornalística – com passagem pelo *Zero Hora* (RS) e especialização no Reino Unido, devido a complexidade da pauta, uma vez que se tratava de quase sete décadas de história -, o passo seguinte foi pedir ajuda para o desenvolvimento. "Foi quando eu sugeri a Jéssica (Eufrásio). Ela é foca, recém-formada. Na verdade, na época do desenvolvimento da pauta (início de 2018) ela não tinha nem o registro de profissional ainda, mas o nome dela me veio rapidamente porque ela é muito boa" (GOULART, 2018; Apêndice RR).

Quadro 22 – perfil do profissional e desempenho na pauta

NOME	IDADE	TEMPO/PROFISSÃO	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO	PAUTA
Goulart	42 anos	22 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Socioeconômica

Elaboração própria.

E assim que a pauta e a participação da colega foram aprovadas, o combinado entre eles e a chefia de redação foi de que a produção da Conexão Brasília não afetaria a demanda diária e seria feita em simultâneo, principalmente porque, nas palavras dele, "é sabido que as redações de jornais estão cada vez mais enxutas e a do Correio Braziliense não é diferente". Porém, uma orientação lhe ocorreu à colega iniciante.

> A única orientação que dei, foi de que eu queria um texto diferente, mais literário, cheio de detalhes. Nós utilizamos o acervo do Correio, que é muito bom, vasto e rico de informação, então focamos muito na pesquisa. E depois saímos às ruas. E não foi fácil fazer, porque o texto ia e voltava várias vezes. Demorávamos em média duas semanas para concluir a produção de cada década estudada. O bacana é que construímos uma relação muito boa, de respeito, e íamos agregando um ao material do outro (GOULART, 2018; Apêndice RR).

Por conta dessa persistência e esmero, ele lembra que a conclusão do material da primeira edição, da década de 1950, norteou o desenvolvimento das demais. Um dos detalhes é o tempo verbal usado com criatividade no presente, convidando o leitor a mergulhar na história daquele período, como se o que ele estava lendo tivesse sido escrito no mesmo dia. Outros detalhes são os recursos literários usados, exatamente como propõe o Jornalismo Literário, segundo Lima (2009), que mesclam iniciativas poéticas às informações precisas, oriundas da imersão da pesquisa documental. Como no texto de abertura:

> Brasília é da terra. Da lama, da poeira, do suor do operário. Desacreditado, o cerrado se doa em nome da nova capital do Brasil. Máquinas pesadas tomam decisões. Determinam a paisagem, da árvore retorcida ao bicho. Casebres se misturam ao vaivém frenético de um canteiro de obras. A cidade corre contra o

> tempo para provar do que é capaz. Enquanto cariocas - opositores à empreitada - navegam nas insinuantes ondas da bossa nova, os candangos desafiam estradas isoladas para se arriscar nas águas de um amanhã incerto. São os anos 1950 no Planalto Central. A epopeia tem a escala como diferença. É monumental. Enxerga-se além do solo avermelhado. O presidente Juscelino Kubitschek comanda a empreitada. Caminha lado a lado com seu João, dona Maria e 6,2 mil fulanos e beltranas na região em 1956. De ônibus, caminhão, avião, trem e carroça; no lombo do cavalo e do burro; ou mesmo a pé, o Brasil se movimenta em direção a Brasília. É a interiorização do país continental na esteira do Plano de Metas, os 50 anos em 5. Logo, a população do DF aumentará 953%. Alcançará, em 1959, 65.288 habitantes, segundo o Censo Experimental de Brasília (GOULART, EUFRÁSIO, 15 jul. 2018, caderno Cidades, p. 16 – Anexo S).

Quadro 23 – Associação dos 10 pilares do JL e a 6ª amostra

1º	**2º**	**3º**	**4º**	**5º**	**6º**	**7º**	**8º**	**9º**	**10º**
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Elaboração própria.

O fato da proposta ter sido atemporal, possibilitou-lhes flexibilizar a programação. Tanto é que tudo foi pensado antes, toda produção, tempo verbal, diagramação e publicação. Pesquisavam e escreviam. Depois afinavam os próximos passos. Segundo Goulart, optaram por seriar o material pela facilidade, já que a ideia de um caderno especial demanda aumento no número de páginas e, por consequência, precisa ser vendido, com trabalho feito pelo marketing.

"Fora que eu gosto, por exemplo, dessa ideia de 'leia amanhã'. Acho que quem gostou começou mesmo a acompanhar e foi buscar por todas as edições. Acho que é mais prático e vantajoso para o repórter, por conta do espaço" (GOULART, 2018; Apêndice RR). Apesar da flexibilidade na produção, a programação previa a publicação para maio de 2018. Mas devido a Copa do Mundo, entre junho e julho, os espaços oportunos no jornal impresso começaram a ser reduzidos e dar espaço para publicações sobre o campeonato mundial.

"Então optamos por esperar a Copa passar e planejamos a publicação para segunda quinzena de julho, porque também seria antes das Eleições", recorda (GOULART, 2018; Apêndice RR). Dessa forma foi possível planejar abertura e fechamento da reportagem aos domingos, com página dupla limpa, e durante o desenvolvimento, páginas inteiras, igualmente limpas, uma para cada década de mobilidade.

Concluída com antecedência, afinada com esmero e separado material de apoio, como fotos e vídeos, no final do campeonato mundial de futebol, Goulart sentou-se com

Marcelo Ramos, chefe da diagramação do jornal, e iniciaram juntos o projeto gráfico, com apoio da equipe da arte do jornal e de Jéssica Eufrásio.

Detalhe que, além da alteração na cor de fundo da página, associada à cores envelhecidas que sinalizavam tratar-se de uma história antiga, o design contou com cabeçalho ilustrativo de meios de transportes, como caminhão, carro, bicicleta, moto e avião, que abrilhantavam a edição.

Figura 13 – Observação do cabeçalho com design



Fonte: Correio Braziliense, 15 jul. 2018, caderno Cidades, p. 16 (Anexo S).

Depois, em cima do projeto para o impresso, o *hotsite* para versão online foi concebido, com a proposta de linha do tempo e anexação de vídeos. Detalhe que o cabeçalho de veículos, na versão digital, tinha movimento, mostrando originalidade. “Estabelecemos um padrão de design também a partir da primeira edição, na década de 1950, para caracterização e identificação do leitor”. Essa versão online, diz ele, mas por conta de equipe enxuta e demanda de trabalho diário, ele assume que deu muito trabalho. “Acho que um endereço exclusivo ajudou o leitor a entender a proposta” (GOULART, 2018; Apêndice RR).

Assim, a reportagem seriada “Conexão Brasília” foi produzida pelos jornalistas Guilherme Goulart e Jéssica Eufrásio, e subeditada por Guilherme Goulart, publicada no jornal Correio Braziliense, de Brasília (DF). Ao todo a produção soma 19 matérias e oito (8) artigos autorais divididos em oito edições, um total de dez páginas *standard*. A

publicação foi sequencial diária, de domingo a domingo, nos dias 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de julho de 2018, no caderno de Cidades (Anexo S).

Vale destacar a linearidade cronológica da produção (Anexo S). Obviamente que a jornada obedeceu a passagem do tempo. Mas a forma do contar sinalizou preocupação com a ampliação da compreensão do macro ao detalhe ao leitor. Exemplos de exatidão, regressão histórica e atualização são muitos.

Em cada edição houve planejamento, uma matéria principal que encabeçava a década e justificava o título, com personagens conhecidos e anônimos da cidade, que era abarcada por boxes explicativos do período sócio-político e histórico da capital federal, além de olhos com detalhes, como ampliação de vocabulário ao explicar expressões antigas.

Cada edição também contou com um artigo opinativo de autoridades, especialistas e estudiosos atrelados à área de transporte de Brasília, deixando nítido o convite de acolhimento à participação da comunidade, além de ampliação lateral do assunto. Com 56 mil assinaturas, sendo 25 mil do impresso e outras 31 mil da versão online (Apêndice NN).

Figura 14 – Chamada de capa



Fonte: Correio Braziliense, 15 jul. 2018, capa (Anexo S)

A reportagem seriada Conexão Brasília contou com chamada de capa todos os dias da publicação com exceção da sexta-feira, dia 20 de julho. Nos demais dias houve alteração na forma de divulgação, três deles contaram com chamada associada ao design da diagramação, outros três com chamadas simples e uma delas com destaque na parte superior associada à foto e *hotsite*.

Figura 15 – ícone informativo ao vídeo do personagem e associação ao *hotsite*



largas e sinalização precária convidam à imprudência. Logo ocorrem os primeiros acidentes graves. As colisões têm frequência quase diária. Em 4 de maio de 1960, o **Correio Braziliense** registra o atropelamento fatal do "sr. Temistocles Ribeiro de Carvalho (brasileiro, casado, de 29 anos)", "ontem, às 2,15 da madrugada". A reportagem — "Encontrado morto no Eixo Rodoviário" — denuncia a fuga do motorista.

É preciso tomar providências. A solução é deslocar homens da despreparada Guarda Especial de Brasília (GEB), vinculada à Novacap, para fiscalizar motoristas. A ordem é parar, com prisão, os apressadinhos. A Divisão de Trânsito do Departamento Federal de Segurança Pública faz ações educativas e instala lombadas nas superquadras do Plano Piloto. Pouco adianta: 90% das colisões têm como vilão o excesso de velocidade. Em 1964, o total de vítimas do asfalto passa de 100 em março.

Hora do rush

Com voos nacionais e internacionais, o Aeroporto de Brasília é o terceiro mais movimentado do país. Dois meses após a inauguração, 26.811 passageiros desembarcam na capital. Quem chega se surpreende com a cidade desestruturada, os monumentos em construção e a imensidão pouco arborizada. Apesar disso, o Distrito Federal toma forma. A Cidade Livre — ou Núcleo Bandeirante — perde o reinado. Ganha a concorrência do Plano Piloto, Paranoá, Gama, Taguatinga, Planaltina, Sobradinho e Candangolândia.

A expansão territorial impõe obstáculos além da segregação social e exige alternativas de locomoção. Viações particulares, como Pioneira, Planeta e São Sebastião, atendem aos moradores das cidades-satélites, algumas com papa-filas na frota. Mas veículos

Os ônibus vinham lotados, especialmente na hora do rush. Na W3, eles enchiam mais"

Carlos Caetano, funcionário da TCB por 53 anos

Veja vídeo com Carlos Caetano no tablet e no site do CORREIO.

Clássico

Inventado nos EUA na 2ª Guerra Mundial, o papa-filas chegou ao Brasil em 1957. O veículo tinha uma carroceria de ônibus sobre uma carreta tracionada por um cavalo de caminhão. Transportava 120 passageiros, um absurdo para a época — por isso, o apelido. O papa-filas logo saiu de circulação por ser lento, pesado e ruidoso.

sujos, tarifas caras e ameaças de greve viram rotina. O governo arrisca soluções. Em 8 de maio de 1961, cria a Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília Ltda., a TCB. As operações começam em 1º de junho, com 35 ônibus.

Entre os primeiros contratados, está o goiano Carlos Caetano. Em 21 de novembro, o mais novo cobrador da estatal cumpre a tarefa na linha circular W3 Sul—L2 Sul. "Os ônibus vinham lotados, especialmente na hora do rush. Na W3, eles enchiam mais e, em geral, os passageiros eram operários. Depois, as viagens passaram a ter mais funcionários do governo", relembra.

Carlos testemunha o progresso. "Os ônibus circulavam entre locais como a Praça dos Três Poderes, Taguatinga e Vila Planalto. Eram veículos bem diferentes. Hoje, eles são maiores, modernos e confortáveis", compara, aos 79 anos. O aposentado passa mais de cinco décadas na TCB.

Perigo na W3

É tempo de instabilidade política. O presidente da República, Jânio Quadros, renuncia, e o sucessor, João Goulart, é deposto. O Brasil acaba amordaçado pela ditadura em abril de 1964. Terminais rodoviários e aéreo viram pontos estratégicos do regime. Deixar o país depende de autorização do governo. Embarques no aeroporto ocorrem por grupos de cinco passageiros.

Em 13 de março de 1967, a regulação do transporte ganha um aliado: o Detran. O engenheiro civil Fernando Dias comanda a Engenharia de Trânsito da autarquia. "Criamos uma comissão para sinalização. Não havia nada. Tão logo o departamento foi instituído, deu-se início aos exames de admissão. Antes, eram promovidos pelo Detran de Goiás, com uma banca que vinha de Goiânia para aplicar provas", detalha, aos 84 anos, o chefe do Detran no DF em 1969.

Na Asa Sul, a W3 bomba. É a pista mais movimentada no fim da década. A imprudência assusta. Pedestres reclamam da bandalheira dos motoristas. A frouxidão na vigilância viária contrasta com a repressão militar, que sufoca a liberdade e prejudica a rotina acadêmica. Em 1968, 200 policiais invadem a UnB e atacam 500 estudantes. Em seguida, o governo decreta o AI-5. Os anos de chumbo estão à espreita na década de 1970.

O fato de Brasília ter sido idealizada sob premissas modernistas, que segmentam a cidade em setores, acaba por criar enormes vazios urbanos, o que fomenta o aumento das distâncias a serem percorridas nos deslocamentos diários. Um fator que desestimula isso é o fato de o Plano Piloto concentrar grande parte dos empregos do DF. Isso incentiva movimentos pendulares (casa—trabalho, casa—estudo), resultando em um baixíssimo índice de Passageiros por Quilômetro (IPK). Para os operadores do transporte público coletivo por ônibus, essa taxa é considerada ineficiente economicamente. Assim, o custo recai aos usuários, que são obrigados a se deslocar em espaços inadequados e em péssimo estado de conservação.

A recente crise dos combustíveis mostrou a dependência das pessoas em relação aos veículos motorizados individuais. Cabe enfatizar que as características de Brasília e do DF tornam-se um desestímulo à mobilidade urbana sustentável, pois prejudicam qualquer tipo de deslocamento. Ainda, privilegiam os modos individuais motorizados, tornando o sonho de ter uma "cidade para pessoas" cada vez mais distante diante do entrave do tombamento de um projeto baseado em uma cidade para carros.

Um exemplo nítido é o Eixo Rodoviário, utilizado ao longo de seis dias da semana por motores a uma velocidade máxima permitida de 80km/h. Por que, então, não enterrá-lo? Faria-se um grande túnel subterrâneo para os carros e liberaria-se o nível superior às pessoas, com espaços de convivência, ciclovias e VLT. A mudança estimularia deslocamentos a pé e de bicicleta entre as quadras 100 e 200. Grande parte dos moradores deixaria os carros nas garagens para percorrer o "Eixão do Lazer Eterno (ELE)" em pequenas e médias distâncias, tornando a cidade mais amigável, viva, segura, saudável e sustentável.

Eis que surge a pergunta: e o tombamento? Simples. O desenho será mantido. O que muda é a maneira como ele será utilizado. Se não adequarmos uma jovem senhora de 58 anos chamada Brasília às tendências atuais, ela poderá, quem sabe, perder seus filhos e netos pouco a pouco. Outros questionamentos vêm à tona. Será que, havendo uma nova crise do petróleo, a jovem senhora sobreviverá? E, por fim, será que o mais adequado é estar na contramão do novo paradigma da mobilidade urbana?

LINHA DO TEMPO

1960-1969

- Jornais registram os dois primeiros acidentes de trânsito, um dia antes da fundação de Brasília
- Inaugurada, em 12 de março de 1960, a Rodoviária do Plano Piloto
- Aberta a estação de passageiros do Aeroporto de Brasília, que passa a receber voos da Pan American, na rota Buenos Aires—Nova York, e da Varig, com destino aos Estados Unidos
- A máxima "cabeça, tronco e rodas" nasce em Brasília. A primeira corrida automobilística ocorre dois dias após a inauguração. O Grande Prêmio Juscelino Kubitschek inclui Avenida das Nações, Eixo Rodoviário e Praça dos Três Poderes
- O governo inicia a urbanização da Cidade Livre em agosto de 1960. Algumas vias são asfaltadas e viram mão única
- Em 23 de abril de 1961, a EPTG é inaugurada
- Em 21 de abril de 1962, ocorre a primeira edição dos Mil Quilômetros de Brasília, campeonato disputado nas pistas da cidade
- Em 14 de julho de 1965, cria-se o Departamento de Tráfego e Concessões, com responsabilidade sobre itinerários, horários, tarifas e autorizações
- Saem as primeiras permissões de táxi em 1966
- Em 1967, o Departamento de Tráfego e Concessões emplaca 19.351 veículos. São 17.875 particulares e oficiais, 433 ônibus e 1.043 táxis
- A viagem inaugural da linha férrea, construída pelo Exército, é feita em 14 de março de 1967. O trem chega à Estação Bernardo Sayão, entre Núcleo Bandeirante e Guará
- Em 21 de abril de 1968, aponta no terminal ferroviário do DF o primeiro trem de passageiros
- A média mensal de passageiros nos 110 ônibus da TCB em 1968 é de 2,7 milhões. Hoje, em todas as empresas do DF, o índice é de 32 milhões de usuários

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do CORREIO.

Fonte: Correio Braziliense, 16 jul. 2018, caderno Cidades, p. 15 (Anexo S)

Vale destacar que em todas as chamadas de capa o leitor foi avisado que tratava-se de uma série de reportagem. Além disso, todas as edições contaram com menção de material seriado, chamados de capítulos, além de ícones similares aos de Internet (figura 15), no canto superior informando o leitor que há vídeo do personagem e lembrando o leitor de que era possível acompanhar a versão online, na parte inferior da figura, destacando que a produção contava com mais recursos multimídia. E tanto a primeira, quanto a última edição, deram destaque para o recado de material seriado, observe a linha fina da abertura:

> São 58 anos de fundação e quase sete décadas de mobilidade em Brasília. Ônibus, caminhão, carro, motocicleta, avião, bicicleta, van, trem, metrô. Cada meio de locomoção ajuda a explicar como o cerrado bruto e selvagem se transformou em capital federal. O Correio começa a publicar hoje uma série de reportagens sobre o desenvolvimento do transporte na cidade e o papel dele para a transformação do Brasil. Dos paus-de-arara ao *boom* de veículos; das rodovias transbrasilianas ao metrô; das bicicletas aos sistemas de transporte por aplicativo. As dificuldades, limitações e possíveis soluções serão abordadas nas próximas edições do jornal e no site. Dados históricos, estatísticos e populacionais, além de artigos assinados por especialistas, servirão para sustentar o recorte das

> narrativas. No primeiro capítulo, a importância de ônibus e caminhões para a construção de Brasília (GOULART, EUFRÁSIO, 15 jul 2018, caderno Cidades, p. 16; Anexo S).

Desde 2008 o jornal é interativo em diversas mídias, com versão para *iPad* desde 2011 e contabiliza 50 milhões de acessos ao portal digital mensalmente, além dos 725.649 seguidores no Facebook, um dos maiores do país, atrás somente de *Folha de S.Paulo*, O *Estado de S.Paulo* e *Zero Hora*. O que sugere ser a página uma locomotiva para divulgação. No caso de Conexão Brasília, houve divulgação na página oficial do jornal em três oportunidades, no começo, no meio e no fim da produção. Além de uma referência de arquivo.

A primeira postagem ocorreu em 16 de julho de 2018, com o chamado segundo capítulo, e 133 envolvimentos. No dia 18 de julho de 2018, a postagem somou 36 envolvimentos. Por fim, na última edição, no dia 22 de julho, última edição, o jornal divulgou a série completa no *hotsite* e contou com 64 envolvimentos. Um mês e meio depois, em 30 de agosto de 2018, uma lembrança foi compartilhada juntamente com um vídeo curto sobre a produção. No total foram 12 envolvimentos e 1.500 visualizações no vídeo (Apêndice QQ, Anexo F).

Esses dados resultaram na soma de 17.500 acessos ao hotsite em três meses, entre a publicação, em julho, e outubro de 2018. Uma média de 5.800 acessos por mês. A título de comparação, a série "Césio 137 – 30 anos de um inimigo invisível", publicada em setembro de 2017, com cinco edições e menos recursos multimídia, contabilizou em 13 meses, desde a publicação à outubro de 2018, 50 mil acessos ao hotsite, uma média de 3.800 acessos por mês.

Quadro 24 – desempenho da amostra 6

ANO	EDIÇÕES	TEXTOS	POSTAGENS/ FACEBOOK	ENVOLVIMENTOS/ FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
2018	8 diárias	19	4 (quatro)	155/1.500 visualizações	1 (um)	17.500

Fonte: Elaboração própria.

Segundo Goulart o Correio tem uma tradição de fazer séries. E é por meio das séries que o jornal da capital, fundado por Assis Chateaubriand a pedido do então presidente Juscelino Kubitschek, com 68 anos de existência, costuma conquistar vários prêmios importantes, dando visibilidade ao produto que, por consequência, fomenta trabalhos

complexos. Tanto é que o jornal foi premiado pela *Society for News Design* (SND), devido design inovador, o que o fez reconhecido internacionalmente por linguagem e visual contemporâneos.

Assim, a produção de Goulart é finalista no prêmio da Confederação Nacional do Transporte (CNT) deste ano. Está para sair o resultado. "A do Césio 137 (2017), eu e a Natália Lambert, ganhamos o prêmio dos Procuradores Regionais deste ano. O Correio apoia e investe sim, o impresso é forte e o online está crescendo, então é natural sair nas duas plataformas".

Ao que se percebe que o *Correio Braziliense* está atento às inovações tecnológicas e ao crescimento do consumidor internauta, associando essa nova demanda às raízes tradicionais do jornalismo impresso.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES

Este estudo buscou descobrir como as produções de reportagens seriadas na imprensa escrita no Brasil estão sendo desenvolvidas na contemporaneidade e se esse desenvolvimento está associado ao Jornalismo Literário, no contexto dos estudos nacionais e internacionais.

Para viabilizar essa associação, usamos como fundamenração teórica a função pedagógica e transformadora do JL, assim como os dez pilares que o identifica em solo brasileiro, segundo Edvaldo Pereira Lima (1993; 2009); o emprego de métodos e técnicas transdisciplinares conforme Monica Martinez (2008; 2016; 2017); e a noção de Jornalismo Literário como disciplina (BAK, 2011; 2018).

Com abordagem metodológica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011; 2016; MARTINEZ; PESSONI, 2015), o *corpus* foi concebido com a busca de uma reportagem seriada de cada uma das cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste), além de uma produção local da cidade onde a pesquisa está sendo realizada (Sorocaba, SP).

O rastreamento das seis amostras foi feito por meio de buscas no portal Google (MUGNAINI; STREHL 2008 apud GAPY, 2017), tendo como critério o idioma português, a produção com número mínimo de três edições sequenciais, realizada por jornalistas profissionais formados, publicadas nos últimos sete anos (2018-2012) em jornais

impressos e que tenham portais online atuante, devidamente regulamentados na Associação Nacional dos Jornais (ANJ).

Dessa forma as produções selecionados foram 1º "Profissionais do Sexo" (2012), de Ana Celia Ossame de Figueiredo, para *A Crítica*, de Manaus (AM-Norte); 2ª "SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião" (2012), de Maria Carolina Santos, para o *Diário de Pernambuco*, de Recife (PE-Nordeste); 3º "Quilombo os Camargo – Apagão Histórico" (2014), de Daniela da Costa Jacinto, para o jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba (SP-Local); 4º "'Zumbis' no Volante" (2014), de Paulo Roberto Tavares, para o *Correio do Povo*, de Porto Alegre (RS-Sul); 5º "Vidas Roubadas" (2014), de Daniela Arbex, para *A Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora (MG-Sudeste); 6º "Conexão Brasília" (2018), de Guilherme Goulart, para o *Correio Braziliense*, de Brasília (DF-Centro-Oeste).

Antes, porém, de objetivarmos os principais resultados é preciso destacar que a localização das peças acima citadas foi morosa e dificultosa, primeiramente devido a inexistência de associação da produção com o termo Reportagem Seriada nos canais de busca e portais jornalísticos, e a falta de organização e vinculação entre as produções e o termo Série de Reportagens e similares.

Desta forma, foi preciso um intenso trabalho de localização de ao menos uma edição e o nome do profissional para que este fosse abordado e elucidasse as características da amostra. Vale destacar também que o termo Série de Reportagens e similares está associado ao entendimento dos profissionais como sinônimo de coleção de matérias publicadas como Grande Reportagem ou suítes.

O que nos sinaliza a importância e necessidade de melhor definição termológica. Daí sugerirmos, nesta dissertação, a adoção do termo Reportagem Seriada, que nos parece ser mais preciso. Outro dado importante a ser levado em consideração é a alteração da pesquisa durante o processo de qualificação. A partir daquele momento houve ampliação do estudo, partindo da associação dos textos seriados com os pilares do JL, alcançando a disposição gráfica e midiática do produto jornalístico ao leitor, além de avaliação de consumo.

Para isso, novos dados e documentos foram solicitados, por meio de e-mail, aos autores das amostras, como a capa das edições das respectivas produções, assim como informações dos referidos veículos e desenvolvimento do consumo. Infelizmente parte desses dados não foi reunido, e o que foi percebido de imediato é que parte dos jornais analisados não tem esses dados em mãos ou não quis fornecê-los. O que inviabilizou as

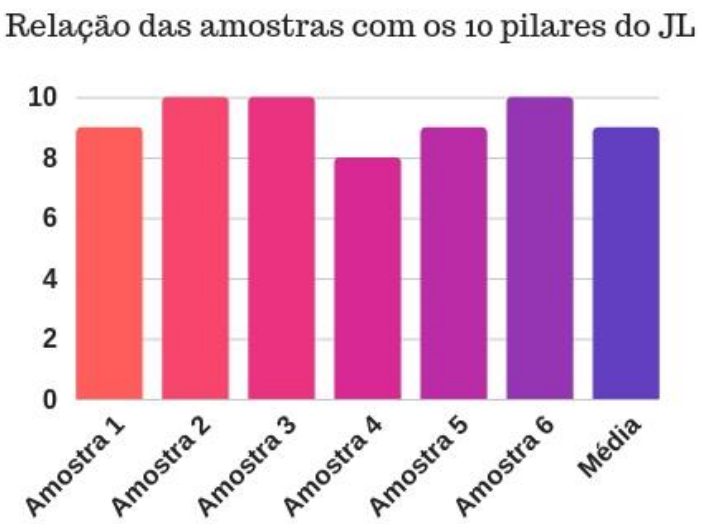
análises em alguns pontos e sugere continuação persistente da pesquisa num futuro momento.

5.1 Algumas conclusões

.

O primeiro resultado buscado e alcançado aponta para o uso intuitivo dos pilares propostos por Lima (2009) em 100% das peças. Dentre os dez pilares listados, observamos que os mais usados, mais de uma vez e em quase todos os textos, são os da imersão, exatidão, compreensão e humanização. Enquanto o menos usado é o do simbolismo. Somados os números de pilares localizados nos textos das seis amostras e relacionando-os aos dez (10) listados por Lima (2009), o resultado é que 9,34 deles são utilizados para desenvolvimento dos textos. Confira abaixo:

Gráfico 4 – Análise geral das amostras em relação ao JL



Fonte: Elaboração própria.

Importante destacar que todas as produções têm pauta de cunho social, desenvolvidas na localidade do jornal, com personagens locais. As narrativas são transformadoras, mas focadas na universalidade de sentimentos, apoiadas principalmente em dramas. Além disso, vale salientar que o uso dos pilares é intuitivo por parte de todos porque nenhum dos autores tem especialização para desenvolvimento ou estudos acadêmicos a respeito do JL,

conforme Lima (2009) e Bak (2018) nos propõem. Além disso, entre os seis profissionais que tiveram a carreira analisada, quatro têm especializações, mas não em Jornalismo Literário: Figueiredo em Marketing; Jacinto em Arte e Cultura, além de dupla gradução; Tavares em Ciências Políticas e Goulart em Técnicas de Entrevista e Assessoria de Imprensa.

Já Santos e Arbex, apesar de não terem especialização, têm carreira voltada ao desenvolvimento de peças associadas às técnicas literárias. Santos desenvolve sites de conteúdo cultural e Arbex escreve livros-reportagem desde 2012. Vale destacar que entre esses profissionais existe um perfil, com a média de idade para o desenvolvimento das amostras de 42 anos, sendo ao menos 20 anos de carreira atuante. Observe:

Quadro 25 – Perfil profissional dos autores e desempenho com as amostras

	NOME	**IDADE**	**CARREIRA**	**FORMAÇÃO**	**CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO**	**PAUTA**
1ª	FIGUEIREDO	50 anos	27 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social
2ª	SANTOS	29 anos	7 anos	Graduada	Livre/exclusivo	Sociocultural
3ª	JACINTO	38 anos	18 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social
4ª	TAVARES	51 anos	30 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Social
5ª	ARBEX	41 anos	19 anos	Graduada	Livre/exclusivo	Social
6ª	GOULART	42 anos	22 anos	Especialista	Livre/simultâneo	Socioeconômico
M		**42anos**	**20,5 anos**	**Especialista**	**Livre/simultâneo**	**Social**

Elaboração própria. *Dados dos autores na data das publicações.

Essa experiência na reportagem está atralada ao tempo de carreira, idade biológica, preparação educacional e perfil profissional, que nos indicam achados importantes. Por exemplo, todos os jornalistas se disseram livres para conceber a pauta, ou seja, tiveram liberdade de se autopautar. Obviamente que em alguns casos há detalhes relevantes como o de Daniela Jacinto, que se pautou ao verificar que o assunto rendia mais que um registro e encabeçou um embate com o editor.

Carolina Santos, sabendo que o jornal dispunha de equipe específica para especiais, se antecipou estrategicamente e desenhou a Reportagem Seriada. E Daniela Arbex tem a possibilidade, mesmo nos dias atuais – com redações cada vez mais enxutas -, de ser uma repórter especial e desenvolver o que desejar, da forma como puder. No entanto, vale lembrar que talvez seja também, dentre todos profissionais, Arbex foi a que mais alçou

voos altos em produções de fôlego na carreira – muito provavelmente pelo casamento de perfil pessoal *versus* jornal pequeno, como ela mesma concorda.

Outro componente interessante da pesquisa é que - exceto Arbex e, em partes, Santos, que teve algum tempo para desenvolver a peça com exclusividade -, os demais jornalistas tiveram que produzir a Reportagem Seriada em simultâneo com a demanda diária do jornal impresso. Então eles se anteciparam e/ou não tinham data específica para publicação, com temas atemporais, podendo assim desenvolvê-las a seu tempo e modo. Sinalizando que é possível (e talvez melhor) que os temas tratados sejam mesmo atemporais e locais, já que viagens longas e distantes demandam tempo e dinheiro, além de sobrecarga à equipe que fica na redação (VILAS-BOAS, 2016).

Figura 16 – Perfil dos profissionais analisados



Fonte: Elaboração própria.

Juntamente com isso é preciso mencionar que, apesar de cada profissional ter sua história de vida e meio (geografia e ambiente), ele está atrelado às necessidades de sua empresa, pois todos inclinaram suas pautas à raíz do jornalismo, de transformação, com temas de cunho social e desenvolvimento humano, com inclinação a desfechos esperançosos ou com sugestões de solução, exatamente como nos propõe as narrativas de transformação (LIMA, 2009).

Quadro 26 – Perfil dos jornais localizados e analisados

	REGIÃO	JORNAL	FUNDAÇÃO	ASSINANTES/ TIRAGEM	FACEBOOK	ACESSOS PORTAL
1ª	NORTE Manaus (AM)	A Crítica	19/04/1949 69 anos	25 mil/ 35 mil (semana / final de semana)	471.872 seguidores	4 milhões ao mês
2ª	NORDESTE Recife (PE)	Diário de Pernambuco	07/11/1825 193 anos	16 mil do impresso; 2 mil online	1.352.208 seguidores	2 milhões ao mês
3ª	LOCAL Sorocaba (SP)	Jornal Cruzeiro do Sul	12/06/1903 115 anos	17.204	280.588 seguidores	3,5 milhões ao mês
4ª	SUL Porto Alegre (RS)	Correio do Povo	01/10/1895 123 anos	-	405.909 seguidores	-
5ª	SUDESTE Juiz de Fora (MG)	Tribuna de Minas	01/09/1981 37 anos	10 mil/15 mil (semana/ domingos)	256.927 seguidores	-
6ª	CENTRO-OESTE Brasília (DF)	Correio Braziliense	21/04/1960 58 anos	56 mil (26 mil – impresso / 35 mil online)	725.649 seguidores	50 milhões ao mês

Fonte: Elaboração própria.

Neste processo de análise é preciso pensar que, ao avaliar o perfil geral dos jornais com produções estudadas, foi possível perceber que quatro estão em capitais, sendo apenas um deles o veículo principal da cidade, como o caso do Correio Braziliense, em Brasília (DF). Os outros três, *A Crítica*, de Manaus (AM); *Diario de Pernambuco*, no Recife (PE); e *Correio do Povo*, de Porto Alegre (RS), apesar de estarem nos grandes centros, não são os líderes em suas respectivas localidades – o que nos sugere iato entre produção e comércio.

São veículos que carregam números e perfis próximos, ocupando todos o segundo lugar em produção e venda local, de acordo com seus representantes (SOUZA; SANTIAGO; TAVARES, 2018). Já o jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba (SP), e a *Tribuna de Minas*, em Juiz de Fora (MG), que por coincidência estão no Sudeste, são

jornais próximos das capitais e similares, em números e atuações, além de líderes em suas localidades.

O que nos lembra que as mestiçagens, inovações e ousadias quase sempre não ocorrem nos centros, mas nas periferias, onde a liberdade possivelmente é maior, sem o peso do sucesso permanente ou a rapidez jornalística que ronda os grandes veículos, conforme Lima (2009).

Com relação ao desempenho das amostras, as descobertas não são conclusivas, no geral, por carência de dados, como no caso da *Tribuna de Minas* e *Correio do Povo*, que não nos passaram o número de acesso aos *links* e média de visualizações no portal ao mês. Outra questão importante é que os dados dos portais do *A Crítica* e do *Diário de Pernambuco* não são absolutos, visto que ambos foram reformulados em 2014 e 2015 e as chefias não têm certeza de que os números são reais a partir das respectivas publicações.

Quadro 27 – Perfil do desempenho das amostras

AMOSTRAS	ANO	EDIÇÕES	CHAMADAS DE CAPA	TEXTOS	POST. FACEBOOK	ENVOL. FACEBOOK	LINK/ PORTAL	ACESSOS/ PORTAL
1ª Norte	2012	3	Nenhuma	6 + 2art.	2	17	3	725 (+2015)
2ª Nordeste	2012	5	5	23	4	1.146	1	200 mil (+2014)
3ª local	2014	4	4	18	1	204	4	395
4ª Sul	2014	4	4	13 + 1 art.	3	3	4	_
5ª Sudeste	2014	5	4	15	4	39.434	5	445 *
6ª Centro-Oeste	2018	8	7	19 + 8 art.	4	1.744	1	17.500
Média		4,83	82,7%**	15,5 + 50% art.	62%***	-	-	-

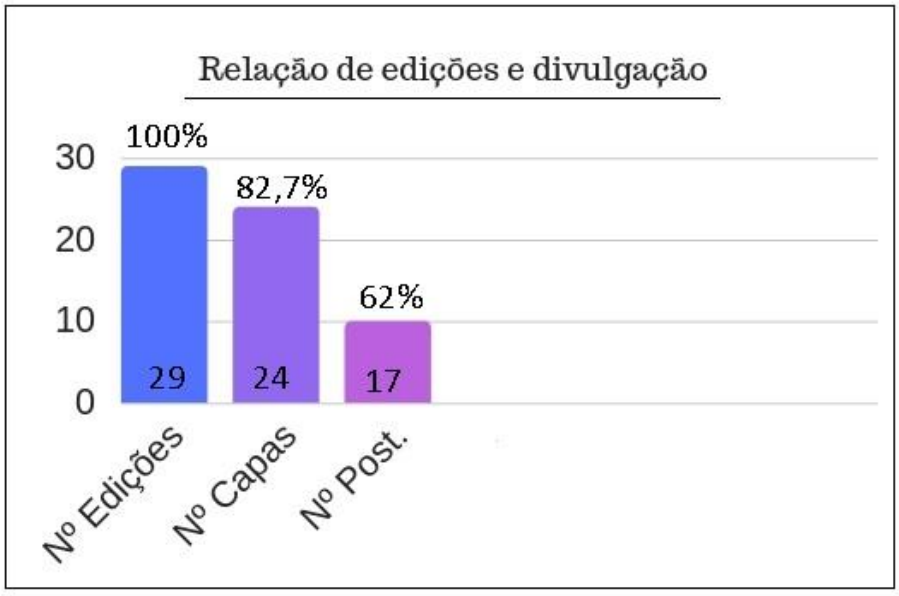
Fonte: Elaboração própria. *A amostra produziu cinco edições e cinco links, mas o jornal informou o número de acesso apenas em três deles. **O número de chamadas de capa foi comparado ao número de edições impressas. ***O número de postagens no Facebook também foi comparado ao número de edições do impresso.

Ainda assim o quadro 27, acima, nos traz outros achados importantes. Como, por exemplo, que as produções de Reportagens Seriadas contam com cerca de 15 textos desenvolvidos e que 50% delas se valem de artigos autorais a mais para ampliação dos assuntos, dividido na média 4,8 edições.

Outros dois achados de destaque são que 82,7% das edições contam com chamadas na capa do jornal impresso – evidenciando que 17,3% são esquecidas ou ficam a mercê de espaços diários; o outro é que apenas 62% das edições com *links* criados contam com

postagens no *Facebook* – que poderia se valer da disseminação gratuita para quantificar os acessos, visto que, nos dados atuais, os jornais têm média de 20 mil impressos diários (com exceção do Correio do Povo, que não passou dado) e cerca de meio milhão de seguidores no *Facebook*, o que possivelmente alavanca o número de acessos ao portal, se comparado ao número de assinantes do impresso.

Gráfico 5 – número de edições *versus* divulgação



Fonte: Elaboração própria.

Entendemos neste caso, então, a partir das análises, que há relação entre o Jornalismo Literário e as seis amostras de reportagens seriadas, desenvolvidas intuitivamente por profissionais sem formação específica, mas com multíplos conhecimentos e áreas, além de vasta experiência jornalística, desenvolvida em média por 20 anos de carreira; exatamente como explicou Martinez (2016; 2017). Entendemos também que esses profissionais são maduros profissionalmente e pessoalmente, a ponto de enxergarem pautas escondidas na rotina diária e maçante de jornais diários, empoderados a ponto de se pautarem e conduzirem as produções em simultâneo com as demandas diárias.

Que são profissionais atentos às formas de veiculação, principalmente impressa. Com desempenho e zelo pessoal que, em todos os casos, ultrapassaram os limites de suas funções, e em alguns casos, lhe permitiram alçar voos maiores de composição multimídia. Como nos casos de Carolina Santos, que enriqueceu a produção – digna de um

colecionador -, com seu conhecimento em jornalismo digital, propondo design diferenciado de outras produções e associação eficaz entre impresso e online, se valendo, por exemplo, da ilustração criativa a partir do artesanato sertanejo.

Outro caso interessante é o de Guilherme Goulart, que se aproveita do cargo de subeditor para pensar em produtos que agreguem ao veículo que ele representa, se valendo de inovações jornalísticas e midiáticas que vão além do texto, passando pela forma de publicação e veiculação. Neste caso em especial, vale um adendo de que a equipe de arte e diagramação acolheu a proposta e inovou com o produto. Brindando o leitor brasiliense com um impresso digno de coleção e um site capaz de auxiliar pesquisas futuras a respeito de história do Brasil.

Além de ter sido o único veículo a assumir que investe em produções seriadas com o objetivo de fidelizar o leitor, aprofundar temas e alcançar reconhecimentos nacionais e internacionais. Aqui, importante destacar, que Daniela Arbex assumiu ter o jornal – *Tribuna de Minas* -, objetivo de reconhecimento jornalístico nacional e internacional, além de buscar pautar a grande imprensa, tornando-se cada vez mais um veículo de referência em qualidade de informação.

Percebemos também que as produções não ocorrem nos grandes veículos, porém em empresas de tradição e sobreviventes do mercado contemporâneo impresso jornalístico, que dadas as mais variadas características, 66% das amostras ainda buscam pela divulgação de materiais de singular e profundo desenvolvimento – enquanto *Cruzeiro do Sul* e *A Crítica* o fazem por iniciativa exclusiva do repórter.

Em contrapartida, também observamos que dentre as produções avaliadas, a maioria (quatro) ainda não despertou totalmente para a urgência em atender o leitor- internauta (demanda virtual) e, por essa razão, não se atentam à vinculação eficaz do produto com o consumidor, mostrando negligência com as chamadas de capa e design editorial para identificação e fidelização por meio de avisos sequenciais igualmente digitais. Enquanto que o Correio Braziliente e o Diario de Pernambuco se mostram à frente de seu tempo, extamente como fez e afirmou Bowden, no *Black Hawk Down*, pelo *The Philadelphia Inquere*, em 1997.

Também foi observado que não há preocupação integral com a associação do impresso com a versão online do jornal, impedindo que o grande público (evidente nos números de acessos aos portais e seguidores do *Facebook*) associe a produção como um todo, porém seriado. Por último, percebemos que não há também um desempenho

comercial rápido e eficaz, com iniciativas organizadas, de contribuição para desenvolvimento dessas produções, principalmente as digitais, que poderiam contar com propagandas a longo prazo, financiando o ciclo de produção similar.

5.2 Considerações

Diante da existência do desenvolvimento intuitivo do jornalismo literário brasileiro, entendemos a teoria de Lima (2009), Martinez (2016) e Bak (2011), de que o repertório do jornalista, a bagagem oriunda de casa, a vida curricular e profissional têm influência em sua produção. Assim como há terreno fértil para o desenvolvimento do JL mesmo em terrenos hostis e dificultosos (BAK, 2011).

No entanto, observamos que todo esse desenvolvimento da série ainda é latente quanto aos potenciais do jornalismo literário. Evidenciando a urgência em incorporá-lo como disciplina (BAK, 2018). Isso fica claro na observação que o empenho é individual e há a falta de associação entre a equipe de texto, foto, diagramação e divulgação.

Isso nos remete à fala de Bak pela Universidade de Sorocaba também em 2017. “Talvez o principal desafio hoje, do jornalismo, é ser lido” (MARTINEZ, GAPY; 2018). Sendo assim, enquanto o consumo de séries no entretenimento só cresce, percebemos então que só resta ao jornalismo se apoderar de fato, como a indústria do entretenimento, das ferramentas já disponíveis.

O fato é que essa jornada em busca do resultado antropofágico (ANDRADE, 1928) resulta em mais questões e sugestões de pesquisas futuras:

Será que ao viabilizar de forma mais rápida e acessível ao profissional jornalista o Jornalismo Literário como disciplina, seja na graduação ou no *lato sensu*, conforme nos propõe Bak (2011; 2017; 2018) e nos mostra Lima (2016), não encurtaria o tempo que o profissional leva para realmente empoderar-se e encabeçar novas e complexas produções?

Esse tempo encurtado para o profissional – que neste estudo sinaliza a espera de 20 anos -, não fomentaria a prática do JL nas redações? Não facilitaria ao leitor brasileiro (jovem 20-40 anos, com Ensino Fundamental e emprego operacional (IBGE, 2018)), a compreensão da realidade complexa (MORIN, 1997) e desenvolvimento do pensamento crítico para evolução humana?

Esse encurtamento para empoderamento promovido pelo JL, o fomento de seu desenvolvimento e a facilitação ao pensamento não possibilitariam, enfim, a emancipação

do Jornalismo Literário, provocando amadurecimento unilateral e criação de novas demandas de estudos?

Não seria o caso do JL ser ampliado para além do texto e abarcar sintonia com a arte do design em publicações, um auxílio aos recursos multimídia para ampliação da assimilação do leitor contemporâneo? Como associação de vídeos e fotografias igualmente diferentes (Martinez, 2016) da produção tradicional?

Diante de todas essas amplas questões que deverão ser abarcadas em estudos futuros, traçamos aqui algumas sugestões, uma proposta para a serialização de produções de fôlego cunhadas pelo Jornalismo Literário.

Algumas sugestões para produção são:

- Fomento do entendimento de planejamento e antecedência do profissional junto à pauta;

- Desenvolvimento prático e paciente, com tempo para lapidação do texto e, se for o caso, reformulação do projeto;

- Fragmentação mínima de três edições, com publicação a partir do dia de maior circulação;

- Conclusão total da pauta antes do inicío da publicação – para evitar interrupção em casos diversos junto ao autor;

- Fomento da visão de trabalho em equipe, com entendimento da participação e auxílio do repórter na elaboração, desenvolvimento e edição - para esmero com títulos, olhos, linhas finas, escolhas de fotos, vídeos;

- Padronização na diagramação do impresso, com recursos visuais de identificação de produção seriada, com chamadas de capa, chapéus, selos, boxes de avisos sobre sequência, assunto e link digital;

- Endereço único digital em *hotsite* responsivo (para visualização em diferentes aparelhos), com acervo do impresso em PDF no menu, além de disponibilização da produção integral em formato digital;

- Ampliação do assunto no formato digital, com auxílio de recursos multimídia, como áudios antigos, documentos, mais fotos, vídeos curtos, bastidores e linha do tempo para entendimento da proposta;

- Postagem sequencial e initerrupta da produção nas redes sociais, com abertura com *teaser* e conclusão com vídeo de bastidores;

- Investimento nos mecanismos digitais para evitar reformulação, atualização e perda de dados.

O fato dos estudos em Jornalismo Literário estarem se encaminhando mundialmente para constituírem uma disciplina pode fazer com que os seus gêneros possíveis, como a reportagem seriada, também avancem em termos de conceituação e prática. Com isso, o ganho social seria múltiplo, desde o profissional, que não demoraria tanto tempo para desenvolver as habilidades em JL, fomentando produções de fôlego com mais frequência; quanto o jornal, oferecendo produtos de qualidade diferenciada – já que o estilo é pessoal e os pilares são vários -, podendo, inclusive, fomentar a venda do impresso e propaganda na versão digital; quanto a sociedade civil, com peças que propõem conhecimento plural, formação de pensamento crítico, além de transformação e evolução humana. Esta última nossa maior inspiração.

REFERÊNCIAS

A CRÍTICA. https://www.acritica.com/. Acesso em: 25 ago. 2018.

A HORA DO VALE. https://www.jornalahora.com.br/. Acesso em: 20 ago. 2018.

AMAZÔNIA REAL. http://amazoniareal.com.br/. Acesso em: 10 mar. 2018.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropofágico. In: ANDRADE, Oswald de. **Do pau-Brasil à antropofagia e às utopias.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. p. 3-10.

ARBEX, Daniela. **Cova 312**. São Paulo: Geração, 2015.

_____. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração, 2013.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconografia:** reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAK, John S. Literary Journalism as an Academic Discipline: Weighing the Pros and Cons. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16, 2018, São Paulo. Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). São Paulo: 2018. Disponível em: file:///C:/Users/teste/Downloads/1453-5413-1-PB.pdf. Acesso em 10 dez. 2018.

BAK, John S.; REYNOLDS, B. **Literary Journalism across the globe:** Journalistic Traditions and Transnational Influences. Boston: Massachusetts Press, 2011.

BALZAC, Honoré. **A comédia humana**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

BÍBLIA. **Êxodo.** São Paulo, Ave Maria, 78ª Edição, 1991, p. 101-144.

BOWDEN, Mark. **Black Hawk Down** – A Story of Modern War. New York: New American Library, 1999.

_____. Black Hawk Down Projetc. **The Philadelphia Inquirer**. Disponível em: http://inquirer.philly.com/packages/somalia/sitemap.asp. Acesso em 20 set. 2018.

BRITES, Maria José; AMARAL, Inês; CATARINO, Fernando. A era das "fake news": o digital storytelling como promotor do pensamento crítico. **Journal of Digital Media & Interaction**. Vol. 1, No. 1, 2018, pp. 85-98. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/55530/1/2018_Brites_Amaral_Catarino_AEraDasFakeNews.pdf. Acesso em: 5 ago. 2018.

BRONTE, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. São Paulo: Land Mark, 2015.

CALDEIRA, João Paulo. Os números sobre o mercado de jornalismo no Brasil**. O jornal de todos os Brasis**. Disponível: https://jornalggn.com.br/noticia/os-numeros-sobre-o-mercado-de-jornalismo-no-brasil. Acesso em: 5 ago. 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **In cold blood**. New Yorker. Disponível em: https://www.newyorker.com/magazine/1965/09/25/in-cold-blood-the-last-to-see-them-alive. Acesso em: 5 jul. 2018.

CARREIRA, Krishma. **Robôs executam as tarefas mais elementares do jornalista**. Disponível em: https://www.academia.edu/31848631/ROB%C3%94S_EXECUTAM_AS_TAREFAS_MAIS_ELEMENTARES_DO_JORNALISTA?auto=download. Acesso em: 5 jun. 2017.

_____. **Jornalismo automatizado**: perspectivas de (re)definição de funções entre algoritmos de jornalistas. Disponível em: https://www.academia.edu/29738887/JORNALISMO_AUTOMATIZADO-_perspectivas_de_re_defini%C3%A7%C3%A3o_de_fun%C3%A7%C3%B5es_entre_algoritmos_e_jornalistas. Acesso em: 5 jun. 2017.

CONTRERA, Malena. **Do lado de fora do jardim encantado**: comunicação e desencantamento do mundo. E-compós, Brasília, v. 12, n. 3, p.1-14, set./dez. 2009. Disponível em: http://www.e-compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/432/384. Acesso em: 5 ago. 2018.

_____. Sobre a ponte inexistente. Ghrebh: **Revista de Comunicação, Cultura e teoria da Mídia.** São Paulo, n.10, p. 3-5, jun. 2007. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2010/02_apresentao.pdf. Acesso em: 22 set. 2018.

CORREIO BRAZILIENSE. www.correiobraziliense.com.br. Acesso em: 10 ago. 2018.

CORREIO DO POVO. www.correiodopovo.com.br. Acesso em: 5 ago. 2018.

COSTA SERRA, Tania Rebelo. **Antologia do romance-folhetim brasileiro**. Brasília: Editora UNB, 1997.

CRUZEIRO DO SUL. www.jornalcruzeiro.com.br. Acesso em: 12 abr. 2018.

CUNHA. Euclides. **Guerra de Canudos**. Estadão, 1897. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,os-telegramas-de-euclides-da-cunha-sobre-canudos,11973,0.htm. Acesso em 15 jul. 2018.

DEFOE, D. **Robinson Crusoé.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DIÁRIO CATARINENSE. http://dc.clicrbs.com.br/sc/ Disponível em: http://dc.clicrbs.com.br/sc/pagina/especiais.html. Acesso em 5 ago. 2018.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. http://www.diariodepernambuco.com.br/. Acesso em: 5 ago. 2018.

DIÁRIO POPULAR. www.diariopopular.com.br. Acesso em: 5 ago. 2018.

DOMINGUES, Juan. **Conferência Internacional de Estudos em Jornalismo Literário**, 11. Porto Alegre, Portal PUC/RS – Blog, 27, abril, 2016. Disponível em: http://www.pucrs.br/blog/evento/11a-conferencia-internacional-de-estudos-em-jornalismo-literario/. Acesso em: 28 mai. 2017.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta.** São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

_____. **A Dúvida.** São Paulo: Annablume, 1999.

_____. **O Mundo Codificado.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de Redação:** As normas de escrita e conduta do principal jornal do país. São Paulo, Publifolha, 2018.

_____. As 90 reportagens que fizeram história. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/877822-as-90-reportagens-que-fizeram-historia.shtml. Acesso em 10 ago. 2018.

GAPY, Leila. **Para entender mais, usar melhor e até colaborar com a Wikipédia.** Blog Grupo de Pesquisas em Narrativas Miriáticas (Nami-Uniso). Edição de 22 jun. 2017. Disponível em: http://namiuniso.blogspot.com/2017/06/para-entender-mais-usar-melhor-e-ate.html. Acesso em 5 ago. 2018.

_____. **Em nome dos meus**: Uma história de coragem e fé. Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, edição de 9 ago. 2013. Disponível em: http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/493391/uma-historia-de-coragem-e-fe----parte-1. Acesso em 5 ago. 2018.

_____. **Sobrevivente da bomba atômica de Nagasaki falece em Itapetininga.** Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, edição de 29 out. 2014. Disponível em: http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/567005/sobrevivente-da-bomba-de-nagasaki-falece-em-itapetininga. Acesso em 5 ago. 2018.

_____. **Anônimos Sociedade Pública**: Zita é guerreira por natureza. Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, edição de 25 jul. 2014. Diposnível em: http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/560570/zita-e-guerreira-por-natureza-11. Acesso em: 28 ago. 2018.

_____; MARTINEZ, M. Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas. In. Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (Intercom), 40, 2017, Curitiba. Anais do Congresso Nacional de Iniciação Científica. Curitiba, 2017. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2169-1.pdf Acesso em: 20 ago. 2018.

_____; MARTINEZ, M. O Jornalismo Literário em Séries de Reportagens: Revisão de literatura sobre as produções acadêmicas. Encontro de Pesquisadores em Comunicação

(Epecom) da Universidade de Sorocaba (Uniso), 10, Sorocaba. Anais do encontro de Pesquisadores em Comunicação. Sorocaba, 2017.

_____; MARTINEZ, M. O Jornalismo Literário em Reportagens Seriadas: o Google Acadêmico como mecanismo de busca. **Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo**. Ponta Grossa, vol. 5, 2018. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10715/209209210032. Acesso em: 5 ago. 2018.

HARTSOCK, John. C. **A History of American Literary Journalism**. Boston, Massachusetts Press, 2000.

HEIDEMANN, V.; MARTINEZ, M.; GAPY, L. **Afeto, Comunicação e Jornalismo.** E-Book Nami, 3ª Edição, 2018. No prelo.

HOMERO. **Odisséia.** São Paulo: L&PM, 2017.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

KRAMER, Mark. SIMS, Norman. **Literary journalism:** a new collection of the best American nonfiction. New York: Ballantine Books, 1995.

_____. **Breakable rules for literary Journalists**. New York: Ballantine Books, 1995.

LACY, Susan. **Spielberg**. HBO Documentary. 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 1995, 2009.

_____. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

_____. **A Jornada do Herói e o Cristo Interno.** São Paulo e Itu: TextoVivo - Narrativas da Vida Real, 2004.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário:** tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

_____. **Jornalismo Literário:** revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom** - RBCC, São Paulo, v. 40, n. 3, p.21-36, set./dez. 2017.

_____; PESSONI, Arquimedes . O uso da análise de conteúdo na Intercom: pesquisas feitas com o método (1996 a 2012). In: Thaïs de Mendonça Jorge. (Org.). **Notícia em fragmentos**: o desafio de aplicar a análise de conteúdo ao jornalismo digital. 1ed. Brasília: UnB, 2015, v. 1, p. 299-315.

_____; IUAMA, T. R.; GAPY, L. **Rumo a uma definição de Jornalismo Literário. BJR**, Brasília, DF, v. 13, n. 3; dezembro, 2017; 136-161. Disponível em www.bjr.sbpjor.org.br.

_____; **Jornada do Herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em Jornalismo. São Paulo: Fapesp/Anablume, 2008.

_____; **Jornalismo Literário**: revisão conceitual, história e novas perspectivas. Revista Intercom RBCC. São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017.

_____; **Jornalismo Literário**: a realidade de forma autoral e humanizada. Núcleo temático Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 71 - 83 jan./jun. 2009.

MARTINS, L.; GAPY, L. O futuro do Jornalismo Literário: John S. Bak. **Revista Observatório.** Palmas, TO. 2018, no prelo.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Notícia: um produto à venda.** São Paulo: Summus, 1988.

MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORIN, Edgar. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MURACA, Márcio Henrique. Grande Sertão-Veredas: Literatura e Memória. **Revista Espaço Acadêmico**, Ano 18, n. 206, jul. 2018. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15246. Acesso em: 20 ago. 2018.

MUGNAINI, R.; STREHL, L. Recuperação e Impacto da Produção Científica na Era Google: uma análise comparativa entre o Google Acadêmico e a Web of Science. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia.** Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2008.

NEVES, Thiago Tavares das. **Afeto.** In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação.** São Paulo, Paulus. 2009, p. 120.

PAIVA, Raquel. **Segmentação no jornalismo impresso:** classificação do real e fragmentação do noticiário. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PAZ, Octávio. **Antologia Polética.** Rio de Janeiro: Dom Quixote, 1984.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 1996.

PESCHANSKI, J. A., DIELLO, M., CARRERA, M. **Wikipédia em sala de aula:** uma revisão bibliográfica. Relatório, Revista Eletrônica NeuroMat, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em:

http://neuromat.numec.prp.usp.br/relatorio/2015/artigos/wikipedia_em_sala_de_aula.pdf. Acesso em: 5 ago. 2018.

SILVA. Anderson Lopes. **A prática do binge-watching nas séries exibidas em streaming:** sobre os novos modos de consumo da ficção seriada. Congresso Internacional de Comunicação e Consumo ESPM. 2015. Disponível em: http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT2/9_GT02-LOPES%20_SILVA.pdf. Acesso em: 5 ago. 2018.

SILVA, Miriam Cristina Carlos. **O Infiltrado:** narrativas midiáticas e uma poética antropofágica, Galáxia, 2016, p. 125/136. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/20670/18258. Acesso em: 5 ago. 2017.

_____. **Teorias da Comunicação:** Trajetórias de Investigação. Porto Alegre. EdiPURS, 2010.

SIMS, Norman. **True Stories:** A Century of Literary Journalism. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2007.

SOUZA JÚNIOR, Luís Roberto. **A influência inconfessável:** Como o folhetim formou o romance brasileiro. Seminário Internacional de História da Literatura, 9, 2011, Porto Alegre. Anais do IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2011. Disponível em: http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf. Acesso em: 5 ago. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo/Porto Alegre: Intercom/EdiPUCRS, 2011.

TALESE, Gay. **Fama & anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil:** 1830 à atualidade. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TRIBUNA DE MINAS. https://tribunademinas.com.br/. Juiz de Fora (MG). Acesso em: 25 jul. 2018.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo:** reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. **JL e o Texto em Revista.** São Paulo: Jornalite, 2001.

_____. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Reportagem de Imersão**. Sergio Vilas-Boas Blog. Disponível em: http://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/a-reportagem-de-imersao. Acesso em 10 out. 2018.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor:** Estrutura Mítica para Escritores. São Paulo: Aleph, 2015.

WAAL, Frans de. **A era da empatia:** lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1963, 1973, 2005.

YUGE, Claudio. **Executivo da Netflix confirma intenção de investir em mais séries nacionais.** Cultura Geek, TecMundo. Edição 21 mai. 2018. Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/130460-executivo-netflix-confirma-intencao-investir-series-nacionais.htm. Acesso em 28 ago. 2018.

ZERO HORA. https://gauchazh.clicrbs.com.br. Porto alegre (RS). Acesso em: 10 jul. 2018.

APÊNDICE A – NORTE

Apêndice B - Jornal A CRÍTICA

Manaus (AM) - www.acritica.com

A Crítica é um jornal amazonense de quase 70 anos de história. Fundado em 19 de abril de 1949 por Umberto Calderaro Filho, tem sede em Manaus e circula em todo o estado do Amazonas. É o principal produto da Rede Calderaro de Comunicação (RCC), composta por emissoras de televisão, rádio, sites e outras empresas do meio. É o segundo jornal mais antigo em circulação no estado. Atualmente é dirigido por Tereza Cristina Calderaro Corrêa, filha dos fundadores, e a diretora de conteúdo/redação é a jornalista Aruana Brianezi. O veículo conta com 300 funcionários, tem circulação diária com 25 mil assinantes, com variação de 32 a 78 páginas, esta última aos domingos, quando conta com a distribuição de 35 mil exemplares. É dividido em cinco cadernos, sendo o maior deles, com 18 páginas, os classificados**.** Atualmente o portal digital soma 4 (quatro) milhões de acessos ao mês; além dos 471.872 seguidores (outubro/2018) na página do Facebook – principal distribuidor de conteúdo (A CRÍTICA, 2014; 2017; 2018; FERREIRA, 2005; GRAÇA, 2018; SOUZA, 2018).

Apêndice C - Jornalista Ana Celia Ossame de Figueiredo

Amazonense nascida em Manaus, tem 56 anos e é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) desde 1985. Pela Ufam também é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (2015). Tem Especialização em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV – 1997), e experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, Editoração e Assessoria de Imprensa. Trabalhou por cerca de 30 anos na imprensa local amazonense, com passagens em vários jornais. Sempre atuou preferencialmente nas editorias de Cidades e Cultura, nas quais buscou pautar o próprio trabalho com matérias relacionadas às questões sociais, da infância, adolescência e educação. No *A Crítica* trabalhou como repórter por 23 anos, entre 1991 e 2014; onde criou, em 2000, o caderno Educação, publicado às sextas-feiras por 16 anos, com textos exclusivos sobre o assunto. Além dele, há destaque para reportagens sobre prostituição infanto-juvenil – questão de relevância no Amazonas -, e o prêmio do Instituto Ayrton Sena, de 2000, o qual dividiu com a colega Lucia Carla Gama, pelo desenvolvimento da reportagem *Educação na Amazônia* - que indicava soluções para a problemática de ensino ao mostrar que os índios *waimiri-atroari* valorizavam a própria língua nativa ao ensiná-la aos descendentes. Além também do título de Jornalista Amiga da Criança (JACA - 1997), prêmio criado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e Unicef, destinado a jornalistas com carreira voltada à produções sobre os Direitos Humanos e da Infância. Atualmente está na Defensoria Pública do Estado do Amazonas (FIGUEIREDO, 2018; ANDI, 1997).

Apêndice D - Reportagem Seriada Profissionais do Sexo

A reportagem seriada intitulada “Profissionais do Sexo” foi produzida pela jornalista amazonense Ana Celia Ossame de Figueiredo e publicada no jornal A Crítica, de Manaus (AM). Ao todo a produção soma 6 matérias e 2 artigos autorais divididos em três edições,

um total de três páginas *standard*. A publicação foi sequencial diária - sábado, domingo e segunda-feira -, nos dias 2, 3 e 4 de junho de 2012, no caderno de Cidades. A série foi distribuída aos assinantes e bancas na versão impressa, conforme Anexo N, e na internet por meio de três links (Anexo G) que correspondem aos respectivos acessos a partir de 2015 - devido reformulação do portal oficial do jornal naquele ano (A CRÍTICA, 2015; FIGUEIREDO, 2018; SOUZA, 2018; GRAÇA, 2018).

A. 1ª edição – sábado, 2 de junho de 2012 | Total de 250 acessos
   Título: Série de Reportagem relata a vida de profissionais do sexo
   (https://www.acritica.com/channels/manaus/news/serie-de-reportagem-relata-a-vida-de-profissionais-do-sexo)

B. 2ª edição – domingo, 3 de junho de 2012 | Total de 308 acessos
   Título: O baixo meretrício na *Belle Epoque* manaura
   (https://www.acritica.com/channels/manaus/news/o-baixo-meretricio-na-belle-epoque-manaura)

C. 3ª edição – segunda, 4 de junho de 2012 | Total de 167 acessos
   Título: Mulheres falam da juventude desperdiçada em programas sexuais
   (https://www.acritica.com/channels/manaus/news/mulheres-falam-sobre-juventude-desperdicada-em-programas-sexuais)

Apêndice E - Facebook - www.facebook.com/ACriticaCom

Duas das três matérias principais da reportagem seriada foram compartilhadas na página oficial do jornal, a da primeira edição "Série de Reportagem relata a vida de profissionais do sexo", de 2 de junho de 2012, com um total de 5 (cinco) curtidas e 1 (um) compartilhamento; e a da segunda edição "O baixo meretrício na *Belle Epoque* manaura", de 3 de junho de 2012, que soma 8 (oito) curtidas e 3 (três) compartilhamentos. A última matéria não foi compartilhada (Anexo A).

Apêndice F - Entrevista com Ana Celia Ossame de Figueiredo

Produção de Profissionais do Sexo

"Tive a ideia de fazer matéria quando soube da dissertação de Paulo Marreiro dos Santos Júnior. O interessante no trabalho dele, denominado Pobreza e Prostituição na *Belle Epoque* manauara, defendido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi mostrar que nos bordéis e cassinos de luxo, quem acompanhava os ricos seringalistas eram também as mulheres nativas, de origem nortista ou nordestina, e que não era só o luxo que predominava nesse cenário, pois a prostituição tinha escala social, uma problemática relevante no estado. Então aí, conversando com um motorista do jornal, ele falou que conhecia o local onde funcionou um dos prostíbulos mais famosos e populares de Manaus, que foi o Maria das Patas. Pedi para ele me levar lá e encontramos, inclusive, uma personagem especial para a matéria, que chegou a trabalhar no local. Fiz as matérias e elas foram publicadas de acordo com disponibilidade de espaço na editoria de Cidades. Não

havia necessidade de ser fazer um caderno especial sobre o tema e nem de um projeto gráfico especial, porque seguimos o projeto gráfico então existente no jornal. Levei uma semana para concluir tudo e fiz os textos paralelamente ao trabalho diário de reportagem. Raramente conseguíamos ficar trabalhando só no material especial porque a equipe de reportagem era reduzida para o tamanho da editoria (8 páginas diárias). Na sexta-feira, trabalhávamos para o jornal de sábado e domingo e o espaço que teríamos no domingo dependia do Departamento Comercial, pois se houvesse anúncios grandes, teríamos que adequar os textos a esse espaço. O jornal produzia cadernos em série para alguns temas como política, aniversário de Manaus, educação. Um tema como esse não teria espaço para um caderno especial, a menos que se descobrisse um fato marcante envolvendo alguma personalidade política ou cultural, o que não era o caso. Nessa época (2012), a Internet ainda não era predominante como atualmente (2018), por isso a edição impressa era mais importante e mais lida. O jornal *A Crítica* mantinha a liderança de leitores, o que não é mais um fato" (FIGUEIREDO, 2018).

Apêndice G – Referências do Corpus Analisado – Amostra 1

A CRÍTICA. **Expediente**. Disponível em: www.acritica.com/expediente. Acesso em 15 ago. 2018.

_____. 65 anos de A Crítica: Nossa marca é a coragem. **A Crítica**, Manaus, 20 abril 2014. Disponível em: https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/65-anos-de-a-critica-nossa-marca-e-a-coragem. Acesso em: 15 ago. 2018.

_____. TV 3D. **A Crítica**, Manais, 02 jun. 2012. Capa.

_____. Mauazinho é reduto do crime organizado. **A Crítica**, Manaus, 03 jun. 2012. Capa.

_____. Concurso da saúde a caminho da Justiça. **A Crítica**, Manaus, 04 jun. 2012. Capa.

ANDI. **Jornalistas Diplomados**. Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Brasília, 1997. Disponível em: http://www.andi.org.br/jac/detalhe/1430. Acesso em 24 out. 2018.

FERREIRA, Lídia. **Jornal A Crítica completa 68 anos de mãos dadas com o povo**. A Crítica, Manaus, 20 abril 2017. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/jornal-a-critica-completa-68-anos-de-maos-dadas-com-o-povo>. Acesso em: 15 ago. 2018.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/272850322/Artigo-Mais-de-180-Anos-de-Imprensa-Na-Amazonia-Paulo-Roberto-Ferreira>. Acesso em 15 ago. 2018.

FIGUEIREDO, Ana Celia Ossame. **Informações sobre Reportagem Seriada**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 23 out. 2018.

_____. **Currículo do sistema Lattes**. [Brasília]. 07 jul. 2016. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4869176U8. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Uma viagem na prostituição. **A Crítica**, Manaus, 02 jun. 2012. Caderno Cidades, p. C1.

_____. O baixo meretrício. **A Crítica**, Manaus, 03 jun. 2012. Caderno Cidades, p. C1.

_____. Histórias de vida pregressa. **A Crítica**, 04 jun. 2012. Caderno Cidades, p. C1.

_____. Série de Reportagem relata a vida de profissionais do sexo. **A Crítica**, Manaus, 2 jun. 2012. Disponível em: https://www.acritica.com/channels/manaus/news/serie-de-reportagem-relata-a-vida-de-profissionais-do-sexo. Acesso em 15 out. 2018.

_____. O baixo meretrício na Belle Epoque manaura. **A Crítica**, Manaus, 3 jun. 2012. Disponível em: https://www.acritica.com/channels/manaus/news/o-baixo-meretricio-na-belle-epoque-manaura. Acesso em 15 out. 2018.

_____. Mulheres falam da juventude desperdiçada em programas sexuais. **A Crítica**, Manaus, 4 jun. 2012. Disponível em: https://www.acritica.com/channels/manaus/news/mulheres-falam-sobre-juventude-desperdicada-em-programas-sexuais. Acesso em 15 out. 2018.

GRAÇA, Dante. **Dados do jornal A Crítica**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 20 out. 2018.

MOTA, Rebeca. **Jornal A Crítica comemora 69 anos de mãos dadas com o povo**. A Crítica, Manaus, 19 abril 2018. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/jornal-a-critica-comemora-69-anos-de-maos-dadas-com-o-povo>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SOUZA, Renato. **Dados do jornal A Crítica**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 25 out. 2018.

APÊNCICE H – NORDESTE

Apêndice I - Jornal Diário de Pernambuco
Recife (PE) - www.diariodepernambuco.com.br
O Diário de Pernambuco é um jornal pernambucano, com sede no Recife, capital, e é o mais antigo periódico em circulação ininterrupta da América Latina, com 193 anos desde a fundação, em 7 de novembro de 1825, encabeçada pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão. Atualmente pertence ao Grupo R2, do empresário Alexandre Rands, também presidente do jornal. A redação e conteúdos são encabeçados pelos editores-executivos Paula Losada e Vandeck Santiago, que contam com aproximadamente 90 profissionais divididos entre repórteres, editores, fotógrafos e diagramadores. O veículo, segundo líder no estado, circula diariamente – com as publicações de sábado e domingo

acopladas numa super edição -, distribuída em toda a região metropolitana que soma 18 mil assinaturas, sendo destas cerca de 16 mil do impresso e outras 2 mil da versão online. Ao todo são nove cadernos, além dos suplementos especiais, que são divididas entre 24 a 72 páginas dependendo da edição. Já o portal do DP é líder de acessos no estado, com mais de 2 milhões de *pageviews* por mês, além dos 1.352.208 seguidores na página oficial do Facebook (NASCIMENTO, 1967; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2015; ABREU JÚNIOR, J. B.; FERREIRA, M. M.; BEZERRA, R. L., 2009; SANTIAGO, 2018).

Apêndice J - Jornalista Maria Carolina Santos

Pernambucana de Recife, tem 35 anos e é formada em jornalismo desde 2007, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP). Entrou trabalhar como estagiária no Diário de Pernambuco em 2005, aos 22 anos, e lá ficou por 12 anos, até março de 2017 – com dois iatos pequenos, um após concluir o estágio, em 2007, e outro antes de assumir a reportagem do caderno de cultura, em 2011, quando morou alguns meses nos Estados Unidos. Em 12 anos de DP passou por todas as editorias, pelo impresso e pelo portal, desenvolveu pautas do dia a dia até cadernos especiais, de esportes às eleições, de tecnologia à cultura. Tornou-se editora-assistente do site de 2013 a 2017. Neste mesmo período, simultaneamente, criou vários portais culturais – a maioria de vida curta. Há um ano é *freelancer*, com contribuições na revista Continente, no site PorAqui e na Gênero e Número, mas atualmente se dedica ao Marco Zero Conteúdo (SANTOS, 2018).

Apêndice L - Reportagem Seriada SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião

A reportagem seriada intitulada "SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião" foi produzida pela jornalista pernambucana Maria Carolina Santos e publicada no jornal Diário de Pernambuco, de Recife (PE). Ao todo a produção soma 23 matérias divididas em seis edições, um total de 12 páginas *standard*. A publicação foi sequencial diária, de sábado à quinta-feira -, nos dias 8, 9, 10, 11, 12 e 13 de dezembro de 2012, no caderno Viver. A série foi distribuída aos assinantes e bancas na versão impressa, conforme Anexo O, e na internet por meio de um *hotsite* exclusivo (Anexo H) que corresponde aos respectivos acessos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2012; 2018; SANTOS, 2018; SANTIAGO, 2018).

A. Edição Especial – de 8 a 13 de dezembro de 2012 | Total de 200 mil acessos
   Título: SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião (http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga/index.shtml)

Apêndice M - Facebook - www.facebook.com/jornaldiariodepernambuco

Antes da série de reportagem ser publicada, o jornal divulgou, em 6 de dezembro de 2012, um *teaser* de pouco mais de um minuto, com o resumo da produção de vídeos, chamando os leitores a acompanhar. No total o vídeo somou 21 curtidas, 34 compartilhamentos e 750 visualizações. No dia 11 de novembro, antevéspera do centenário, foram feitas duas publicações na página oficial do jornal no Facebook. Na primeira lembrando o leitor da série e o *link* para o *hotsite*. Na segunda, mais tarde, um verso de Luiz Gonzaga com o *link*

para o *hotsite* foi divulgado, somando 131 curtidas, 22 comentários e 150 compartilhamentos. Depois, somente em 4 de julho de 2013 foi publicado o *link* do *hotsite* novamente com a *hastag* #arquivodp, mencionando a produção especial. Nesta postagem foram somadas 35 curtidas e 3 (três) compartilhamentos (Anexo B).

Apêndice N - Entrevista com Maria Carolina Santos

Produção de SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião

"Eu não era uma repórter veterana quando escrevi essa série/caderno especial. Mas já tinha uma boa experiência em redação. Tenho 35 anos, então tinha 28/29 anos na época da série, seis anos de redação. Treze de dezembro de 2012 marcava o centenário de nascimento de Luiz Gonzaga. E nesta época eu era, há mais ou menos um ano, a setorista de música do caderno Viver, o caderno de cultura do Diário de Pernambuco. Como sabia que era uma data muito importante não só por ser o Gonzaga, mas também por ele ser pernambucano, acho que no começo do ano já havia falado com minha editora à época, Ivana Moura, para que não perdêssemos essa pauta. Já havia viajado para Exu, a cidade natal dele, em uma viagem da Secretaria de Cultura do Estado, em dezembro de 2011, o que aumentou muito minha vontade de fazer essa pauta. O DP tinha um pequeno time de repórteres especiais que geralmente faziam os cadernos e séries. Então, para que o caderno/série sobre Gonzaga não acabasse indo para alguém de fora da editoria, preparei com antecedência um projeto para a data: fiz uma pré-pesquisa e me deparei com um assunto gigantesco. Fiz então uma divisão. Uma série que iria (re)contar a história de Gonzaga, para ser lançada ao longo da semana, e na data do centenário, um caderno especial com uma revisitação ao imaginário das músicas de Gonzaga. Depois de aprovada pelas editoras do caderno, tivemos uma pequena reunião com o editor-executivo Paulo Goethe, que ficou responsável pela edição do caderno especial (na verdade, ele também ficou responsável por editar a série. Mas acabou que as editoras do Viver fizeram a edição), com a diretora de redação, Vera Ogando. Não houve ajustes na pauta desenhada, mas lembro que Goethe me perguntou: 'você vai dar conta disso ou precisa da ajuda de alguém?' Eu disse que dava conta. Isso foi mais ou menos em agosto de 2012. Ah, vale lembrar que na pauta em 2011 (ou talvez antes) eu já havia conhecido Paulo Vanderley, um dos maiores pesquisadores de Luiz Gonzaga. Eu já havia conversado com ele sobre a possibilidade de fazer um especial (série ou caderno) e já existia uma relação de confiança. Não lembro se cheguei a mostrar o projeto para ele, mas com certeza devo ter discutido alguns tópicos com ele. Ele foi de extrema valia durante todo o percurso. Eu era setorista de música, mas isso não garantia que a pauta iria ser minha. Mas eu a queria muito. Havia um elo afetivo com a obra de Gonzaga. A minha preparação para pegar a pauta talvez tenha começado mesmo em dezembro de 2011. Entre esta data e até escrever o projeto, eu li todas as biografias de Luiz Gonzaga, comprando algumas em sebos pela internet, entrevistei alguns biógrafos (como Dominique Dryefuss, autor da principal) e reli alguns livros que eu achava que seriam importantes para a pauta, como Os sertões, de Euclides da Cunha, e Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, além de ter lido biografias de ídolos de Gonzaga, como Lampião e Padre Cícero. Produzi a série de meados de agosto até meados de dezembro de 2012. Mas lembro que em agosto eu fiz algumas pautas do dia. As viagens começaram no dia 22 de setembro e se estenderam por outubro. Fomos para cidades perto, em bate e volta, passamos 12 (ou 16?, não lembro) por várias cidades do Sertão e também fomos (eu e a fotógrafa Blenda Souto Maior, hoje trabalhando no Museu Casa das Rosas, em SP) para o Rio de Janeiro, onde entrevistamos familiares de Gonzaga que moram na baixada fluminense e a filha dele. Como havia um *deadline* muito claro, 13 de dezembro de 2012,

desde o começo sabíamos o prazo. Em novembro, eu tinha que tirar férias, era o meu limite. Tirei 20 dias, mas trabalhei (ou tentei) boa parte desses dias. Então, de meados de setembro a meados de dezembro - com 20 dias de férias no meio - trabalhei exclusivamente no conteúdo. Não terminei todos os textos antes da publicação. Muitas vezes finalizei os textos faltando pouco tempo para o fechamento das páginas, na tarde anterior, no calor do *deadline*. Como na maioria dos jornais, no DP o caderno de Cultura era o primeiro a fechar, então foi muito corre-corre. O diretor de arte na época, Christiano Mascaro, havia se comprometido, no começo do projeto, com a identidade visual e a diagramação. Mas ele não conseguiu fazer, por outras prioridades ou sei lá, e repassou a tarefa a poucos dias da publicação para a designer Zianne Torres. Ela não teve muito tempo para pensar no que fazer, mas acho que o resultado ficou muito bonito. Isso no impresso. Mas, apesar de Zianne ter criado a identidade visual do projeto, nem todos os dias foi ela quem diagramou. Na verdade, acho que ela só diagramou mesmo o caderno especial (no dia do centenário). As páginas da série eram diagramadas pelo diagramador do Viver, Moacir Campelo, no horário normal de trabalho dele, à tarde, bem no fim do fechamento do Viver.

A organização dos textos em ordem cronológica foi minha. A página dupla foi um pedido das editoras (Ivana Moura, editora, e Kethuly Góes, editora-assistente) para que ficasse bonito, e para valorizar o material. O projeto SerTãoGonzaga foi dividido em série e caderno especial no dia do centenário. Uma série com a vida dele. Um caderno com uma atualização, ou revisitação, do sertão que ele cantou – isso para o impresso e devido a complexidade do assunto. Em meados de agosto daquele ano, quando entreguei o projeto do caderno/série, entreguei também ao site o projeto do hotsite. Mas quando voltei de férias, quase em dezembro, nada do site havia andado. Então, foi tudo feito bem às pressas, usando outro hotsite como modelo e sendo atualizado enquanto a série já estava saindo no jornal. Não participei efetivamente do projeto gráfico nem do site, nem do jornal impresso. Porém, dei como sugestão o uso dos desenhos típicos da arte de couro do mestre Espedito Seleiro e de outros artesãos do sertão. Lembro que em 2011, na primeira vez que fui a Exu, eu havia comprado uma mochila de Seleiro e levei para a redação. Blenda fotografou essa mochila e outros itens. As fotos dos recortes de couro foram usadas no design tanto do site quanto do jornal. Não acompanhei a seleção de imagens da série, isso ficou a cargo das editoras do Viver, do editor de fotografia à época, Heitor Cunha, e da fotógrafa Blenda Souto Maior. Já do caderno especial, ficou a cargo do editor-executivo Paulo Goethe e do editor de fotografia. As diagramações da série eu acompanhei no calor ali do fechamento. Não lembro de ter dado contribuições significativas. A diagramação do caderno especial eu não acompanhei nada - estava em Exu, na festa do centenário de Luiz Gonzaga. Na verdade, só fui pegar o caderno pronto quase uma semana depois, já que ele não era distribuído em Exu, que fica a uns 600 quilômetros do Recife. Lembro que na época achei a diagramação bem bonita, e simples. Gostei bastante. Como eu tinha mais experiência com jornalismo online, desde o começo eu queria que o hotsite tivesse um conteúdo verdadeiramente multimídia. Fizemos vídeos, um quiz com músicas (na época, o *song* pop era muito popular no Facebook), havia a ideia de uma *timeline* interativa também. Mas na verdade o *hotsite* me frustrou bastante. Foi feito bem às pressas, não ficou nem um pouco parecido com a ideia original. Não gosto da fonte branca sob fundo escuro, do menu de navegação...enfim, foram feitos vários ajustes, mas mesmo assim não ficou como planejado. A equipe era do jornal mesmo. E participei bastante da edição, mas como só havia um designer, não foi possível fazer muitas mudanças. A versão online ficou mais ou menos similar à impressa. A série foi publicada como PDF (ou .JPG) ao longo da semana no online, de acordo com a publicação no jornal, e acho que nunca entrou em texto. Já com

o caderno foi o contrário: entrou só em html (não lembro se entrou em pdf ou jpg depois). A TV Clube, que, à época, era do mesmos Diários Associados do DP, também fez uma série e os vídeos entrariam no hotsite também. Mas nunca entraram (precisaria fazer uma exportação e alguém subir em um servidor, o que nunca foi feito). Na época o carro-chefe do jornal era o impresso. O Diário de Pernambuco é bastante tradicional: é o jornal mais antigo em circulação na América Latina, como está bem impresso na sua capa. Foi um dos primeiros veículos comprados por Assis Chateubriand para o seu Diários Associados. Na época, em 2012, um período pré-massificação das redes sociais, ainda havia bastante investimento no jornal impresso. Como a TV Clube era do mesmo grupo, e recebia bastante dinheiro de publicidade, era uma época em que o jornal ainda bancava longas viagens, como a que fiz para o sertão, e projetos mais encorpados. A relação do impresso x online no DP merece uma dissertação por si só. Houve fases e fases. Fases em que "convergência" era palavra de ordem e todo mundo tinha que trabalhar para todo canto (site, tv, rádio, impresso), fases em que o site tinha 20 repórteres, fases em que o site não tinha nenhum repórter, só editores. Acho que o especial de Gonzaga foi em uma dessas fases de suposta convergência, só com editores no site. Logo depois do especial, eu saí do caderno de cultura e fui ser editora-assistente no site. Sim, o DP tem um cultura de desenvolvimento de séries, cadernos especiais e prêmios. Como disse, havia uma pequena equipe de repórteres especiais - e, para quem era repórter dos cadernos, era, claro, um saco. Muitas vezes as grandes pautas iam para esses repórteres que não acompanhavam o dia a dia dos assuntos. Por isso, também, me preparei bastante para essa pauta e fiz um projeto com bastante antecedência. Mas vale salientar que, à época, eu estava mais conhecida no meio jornalístico: um *tumblr* que eu havia criado, o Jornalices, havia viralizado, com mais de um milhão de *views*. Pode ser que não, mas sempre achei que o meu *tumblr* ter sido citado por professores de um Master de Jornalismo que os editores-executivos e a diretora de redação faziam teve algum ponto na pauta ter vindo mesmo pra mim e não ter ido para os repórteres especiais. Assuntos complexos eram tratados ou pelos repórteres especiais sem editoria - basicamente Silvia Bessa e Vandeck Santiago, à época - ou por repórteres especiais que trabalhavam no dia a dia das editorias e eventualmente faziam série e cadernos, como Micheline Batista, Rosa Falcão, Marcionila Teixeira e outros. Bem, essa não foi minha primeira série. Havia feito outras, muito menores, com apurações na Região Metropolitana do Recife. Era uma época em que os jornais impressos apostavam em conteúdo diferenciado, então, era comuns séries curas - de sábado a segunda-feira, por exemplo - sobre temas mais cotidianos, como a situação dos museus. Depois desse projeto, fiz mais uma série, sobre o samba pernambucano - foram três ou quatro dias de reportagens e um mini-documentário. Acho que isso foi em janeiro de 2012. Em fevereiro fui ser editora-assistente e, depois, editora do site por todo o tempo restante que permaneci no DP - até março de 2017. Segue abaixo um texto que encontrei nos meus e-mails para o blog da redação, que escrevi em 2012:

‘Do Exu ao Exu

Morei metade da minha vida em Gravatá, em uma época em que condomínios fechados eram locais quase abandonados, onde os meninos pulavam o muro para jogar futebol, e uma viagem para o Recife não levava menos de duas horas, nas curvas ariscas da Serra das Russas sem duplicação. Lá, na década de 1980, o São João era a festa mais celebrada. E desde sempre foi a minha favorita, com o parquinho na frente de casa, as fogueiras, os balões, os fogos, as quadrilhas. A música de Luiz Gonzaga era onipresente: *Olha pro céu meu amor, Noites brasileiras, Luar do Sertão...*

Quando comecei a escrever para o caderno de cultura do Diário de Pernambuco, o Viver, sempre que tinha uma pauta relacionada ao Rei do Baião eu pedia para fazer. Em dezembro do ano passado, a convite da Fundarpe, vim pela primeira ao Exu. E aqui, na terra onde ele nasceu e se criou, redescobri pequenos fragmentos da Gravatá da minha infância. Veio uma vontade gigantesca de mergulhar no universo gonzagueano e entender melhor o homem por trás do mito.
Em agosto passado, depois de muito protelar – olha a responsabilidade! - apresentei o projeto do que seria o SerTão Gonzaga à diretoria de redação do Diário de Pernambuco. Semanas depois, por acaso, encontrei a fotógrafa Blenda Souto Maior no ônibus, a caminho de casa, e falei sobre o projeto. Ela topou na hora. No dia 22 de setembro aconteceu nossa primeira viagem, um bate-volta para Caruaru. No dia 27, acompanhadas do motoristas Clécio Bunzen, seguimos para o Sertão, o Grande Sertão de Gonzaga.
Foram dezesseis dias de trabalho exaustivo e gratificante. Passamos por paisagens de miséria e seca, e de água abundante e plantações a perder de vista. Um Sertão desigual, um reflexo do país. Depois dessa longa viagem, ainda voltamos para Caruaru e fomos para o Rio de Janeiro. Na verdade, em cada local fazíamos duas pautas: uma sobre o Sertão que ele cantou e uma sobre ele próprio. A primeira parte virou o caderno especial que saiu nesta quinta-feira; a segunda, a série de reportagens sobre vida e obra que começou sábado passado e se encerrou hoje. Tudo esta disponível, com conteúdo aberto, no site http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga/. A série e o caderno chegaram ao fim hoje. Mas o trabalho continua: muito alegremente comemoro o centenário de Luiz Gonzaga na cidade onde ele nasceu. Estou de volta ao Exu, em um ciclo que se completa'", (SANTOS, 2018).

Apêndice O – Referências do Corpus Analisado Amostra 2

ABREU JÚNIOR, J. B.; FERREIRA, M. M.; BEZERRA, R. L. **Diario de Pernambuco**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco. Acesso em: 05 ago. 2018.

DIARIO DE PERNAMBUCO. **Diario 190 anos.** Diario de Pernambuco, Recife. Disponível em: http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diario190anos/. Acesso em: 05 ago. 2018.

_____. **Expediente**. Diario de Pernambuco, Recife. Disponível em: www.diariodepernambuco.com.br/expediente. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. E a saudade no coração. **Diario de Pernambuco**, Recife, 08 dez. 2012. Capa.

NASCIMENTO, Luiz. **A história da Imprensa de Pernambuco**. Imprensa Universitária, UFP, 1967.

SANTIAGO, Vandeck. **Dados do jornal Diario de Pernambuco**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 23 out. 2018.

SANTOS, Maria Carolina. A infância no pé-de-serra. **Diario de Pernambuco**, Recife, 08 dez. 2012. Caderno Viver, p. F4-5.

_____. Adeus, Sertão. **Diario de Pernambuco**, Recife, 09 dez. 2012. Caderno Viver, p. E4-5.

_____. A invenção de Gonzaga. **Diario de Pernambuco**, Recife, 10 dez. 2012. Caderno Viver, p. D4-5.

_____. Exuzinho da baixada. **Diario de Pernambuco**, Recife, 11 dez. 2012. Caderno Viver, p. E4-5.

_____. Para onde tu vai, baião? **Diario de Pernambuco**, Recife, 12 dez. 2012. Caderno Viver, p. E4-5.

_____. Hora do adeus. **Diario de Pernambuco**, Recife, 13 dez. 2012. Caderno Viver, p. F4-5.

_____. SerTão Gonzaga – 100 anos do Rei do Baião. **Diario de Pernambuco**, Recife. Disponível em: http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga/index.shtml. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. **Informações sobre reportagem seriada e currículo**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 23 out. 2018.

APÊNDICE P – LOCAL

Apêndice Q - Jornal Cruzeiro do Sul

Sorocaba (SP) – www.jornalcruzeiro.com.br

O jornal Cruzeiro do Sul tem atualmente 115 anos, é propriedade mantida pela Fundação Ubaldino do Amaral – organização sem fins lucrativos criada pela Loja Maçônica Perserverança III, de Sorocaba (SP). Contudo, foi fundado em 12 de junho de 1903 pela iniciativa privada, encabeçada pelos irmãos Joaquim Firmino de Camargo Pires (Nhô Quim Pires) e João Clímaco de Camargo Pires – este último militar e ex-prefeito de Sorocaba. A criação do jornal teve, a princípio, motivos políticos e as edições eram bissemanais, com impressão de quatro páginas. Até a década de 1960 o veículo passou por diversos donos e também por modernização da gráfica. Em 1963, foi adquirido por um grupo de 21 jovens pertencentes à Loja Maçônica Perseverança III, que o mantém até hoje. Atualmente o jornal soma 17.204 assinantes da versão impressa e mais 430 da versão digital, com acesso mensal de 3,5 milhões – sendo contabilizados 280.588 seguidores no *Facebook*. O perfil do consumidor do Cruzeiro é sorocabano (80%), idosos (75%) e concentrado na Zona Leste de Sorocaba. A editoria preferida, mais comentada e acessada é a de Sorocaba, intitulada Cidades. A empresa soma 156 funcionários, sendo 40 deles atuantes no departamento de Redação. Desse total, 18 pessoas têm a função de repórter, sendo três deles estagiários, estudantes de graduação. O gênero dos profissionais é equilibrado. Sete são mulheres e oito homens, com idades entre 27 e 37 anos, com exceção de dois deles com mais de 50 anos. Não há especialistas, todos são generalistas. (FINEIS, 2017; CRUZEIRO DO SUL, 2018).

Apêndice R - Jornalista Daniela da Costa Jacinto

Daniela da Costa Jacinto assina Daniela Jacinto para facilitar a localização digital. Tem 43 anos, é sorocabana e solteira. Filha única de mãe, com quem reside junto da avó na região do Além Ponte; perdeu o pai há cerca de 10 anos e tem uma meia-irmã, que lhe deu a única sobrinha. É jornalista profissional há 22 anos, formada pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Também é pedagoga pela Uirapuru Superior e pós-graduada em Arte e Cultura pela Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Iniciou a carreira no Diário de Sorocaba, mas há 20 anos trabalha no jornal *Cruzeiro do Sul*, onde atualmente é repórter especial das editorias de educação, comportamento, infantil e criações especiais. Tem vasta experiência em jornalismo digital, com mais de 10 anos de atuação, além do setor cultural, com mais de 7 anos de atuação. É voluntária no CVV (Centro de Valorização da Vida) e militante cultural. É autora dos livros *Os Causos de Nhá Chica* e *História de Aventura na Paisagem dos Pirineus*, ambos de leitura de imagem, e da pesquisa *As Mulheres Sentadas de Anita Malfatti*, sob orientação do professor de História da Arte Francisco Alambert, da Unesp e USP – nenhum ainda publicado. Atualmente é membro associada da Associação dos Jornalistas em Educação (Jeduca) e editora no site Estudos em Sorocaba (JACINTO, 2018).

Apêndice S - Reportagem Seriada Quilombo os Camargo – Apagão Histórico

A reportagem seriada intitulada “Quilombo os Camargo – Apagão Histórico” foi produzida pela jornalista sorocabana Daniela Jacinto e publicada no jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba (SP). Ao todo a produção soma 18 matérias divididas em quatro edições, um total de seis páginas *standard*. A publicação foi semanal, sempre aos domingos – 16, 23 e 30 de março e 6 de abril de 2014, no caderno de Cidades. A série foi distribuída aos assinantes e bancas na versão impressa, conforme Anexo P, e na internet por meio de quatro *links* (Anexo I) que correspondem aos respectivos acessos (CRUZEIRO DO SUL, 2014; JACINTO, 2018).

A. 1ª Edição – domingo, 16 de março de 2014 | Total de 284 acessos
   Título: Quilombolas aguardam pela delimitação de território para serem reconhecidos
   (http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/536701/quilombolas-aguardam-pela-delimitacao-de-territorio-para-serem-reconhecidos)

B. 2ª Edição – domingo, 23 de março de 2014 | Total de 21 acessos
   Título: Descendentes de escravo mostram como era feito o Caminho dos Negros
   (http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/538020/descendentes-de-escravo-mostram-como-era-feito-o-caminho-dos-negros)

C. 3ª Edição – domingo, 30 de março de 2014 | Total de 21 acessos

   Título1: Falta de indícios oculta vestígio de negros
   (http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/539234/falta-de-indicios-oculta-vestigio-de-negros)

D. 4ª Edição – domingo, 6 de abril de 2014 | Total de 69 acessos

Título1: Estado de São Paulo tem apenas 6 comunidades quilombolas tituladas

(http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/540420/estado-de-sao-paulo-tem-apenas-seis-comunidades-quilombolas-tituladas)

Apêndice T - Facebook - www.facebook.com/jornalcruzeiro

Única matéria da série que foi compartilhada na página oficial do jornal e localizada é a chamada da segunda edição, de 23 de março de 2014: "Descendentes de escravo mostram como era feito o Caminho dos Negros". No total foram 204 envolvimentos, sendo 158 curtidas, 6 comentários e 40 compartilhamentos (Anexo C).

Apêndice U - Entrevista com Daniela Jacinto

Produção Quilombo os Camargo – Apagão Histórico

"Dizer bem a verdade, a pauta chegou em minhas mãos depois que a diretoria do jornal recebeu alguns representantes da comunidade remanescente do Quilombo Camargo, no início de março de 2014. Na ocasião, fui solicitada para atender o grupo e divulgar a iniciativa popular a respeito da criação de um roteiro turístico chamado O Caminho dos Negros – referência aos pontos por onde escravos e ex-escravos locais viveram. O objetivo do grupo era divulgar a existência do percurso, valorizar a memória negreira local e evitar que ela se apagasse. No entanto, percebi de imediato o quão complexa era a pauta, que requeria entendimento histórico, captação de outras informações e por mais fontes, como documentos e entrevista com historiadores locais além, claro, de precisar conhecer e fotografar os pontos mencionados pelo grupo. Foi preciso explicar aos visitantes naquela ocasião que a pauta seria desenvolvida, mas de forma mais lenta. Lembro-me de me comprometer em dar a devida atenção. Eu não poderia deixar uma pauta como aquela virar apenas um registro de rodapé. Porém, ao me despedir do grupo, iniciei uma odisseia em torno da proposta de reportagem (e não matéria). A principio porque, como repórter de geral (uma espécie de faz-tudo) a demanda da redação, que já apresentava-se a cada ano mais enxuta, por sua vez era crescente a cada dia. Em segundo porque o chefe de reportagem da ocasião não queria me atribuir a pauta, principalmente porque já haviam outros repórteres deslocados para criações especiais. Infelizmente, nesta ocasião, foi preciso brigar. Acredito que a minha experiência como repórter me fez ver, em apenas uma conversa, o quanto importante era aquele assunto, não só para os que o requeriam os descendentes de ex-escravos, mas para toda a comunidade sorocabana. Fui firme com o pauteiro. Me neguei a fazer o registro e exigi tempo para mim e para pauta. Contrariado, ele impôs uma condição. De que eu lidasse com essa demanda extra sem prejudicar a rotina da equipe ou meu trabalho diário. Chorei depois, de tristeza e raiva, ao chegar em casa. Eu pensava 'não é justo isso'. Mas não amoleci e fiz o meu melhor. A partir dali, sentei-me e esquematizei, de forma improvisada e rascunhada, como lidaria com o assunto. Me propus a dividi-lo em quatro. Diferente do que se pensa a respeito de uma reportagem seriada, que geralmente é concluída antes da primeira publicação, eu escrevi as reportagens por edição, quase em simultâneo com o que era publicado. Eu realmente não fui poupada. Tive que inserir essa investigação no meio de outras pautas. Lembro que em uma ocasião fui ao centro, por outro motivo, e aproveitei passar no Gabinete de Leitura para observar documentos e jornais antigos. Já para visitar os pontos mencionados, fazia isso

semanalmente, tentando casar as demais demandas com a localização a ser visitada. Até por isso não houve, em nenhum momento, chamada de capa ou menu descritivo na página da edição, mencionando que aquele assunto se tratava de uma série de reportagens. Bem na real, eu não tinha certeza de quantas edições seriam. Por isso não foi feito selo ou o mínimo de marketing em cima. Costumo dizer que foi 'na raça' mesmo. Quanto ao método, assumo um estilo próprio. Ouvia, estudava, inclusive nas horas vagas, e escrevia, de certa forma, devagar. Na verdade eu sempre fiz isso, sempre fiz assim. Só fiz mais horas trabalhadas, confesso. Quanto às fotos e diagramação, destaco a parceria e o entrosamento com a equipe. Já na primeira saída para a pauta, tanto o fotógrafo quanto o motorista assumiram a história comigo. A partir dali, tentávamos fazer dar certo, sempre o mesmo grupo. Ajeitando horários e demandas, que eles também tinham. E isso foi um divisor de águas. Houve momentos em que tivemos que nos afastar, nos embrenhar no mato. Se eles não estivessem realmente dispostos, eu não sei como faria. Quanto à diagramação, eu sugeria títulos e imagens, mas que não participei devido a falta de tempo. Mas eu lamento não ter conseguido concluir antes e expor tudo de uma forma mais harmoniosa. Apesar disso, gostei do resultado. A comunidade remanescente dos Camargo voltou a entrar em contato após as publicações e manifestaram contentamento com a produção. No mesmo ano eu inscrevi a série no prêmio de Direitos Humanos da Associação Sorocabana de Imprensa (ASI) e venci na categoria jornal impresso. Lembro-me que depois de tudo, o pauteiro me procurou e se desculpou por não ter nos dado a devida atenção. Eu acredito que essa história merece ainda mais atenção, gostaria de fazer um livro, principalmente porque o roteiro turístico ainda não saiu do papel" (JACINTO, 2018).

Apêndice V – Referências do Corpus Analisado Amostra 3

CRUZEIRO DO SUL. Congestionamentos vão triplicar em 13 anos, afirma Urbes. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 16 mar. 2014. Capa.

_____. Um idoso é vítima de maus-tratos a cada dois dias. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 23 mar. 2014. Capa.

_____. 27,5% da população de Sorocaba não tem casa própria. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 30 mar. 2014. Capa.

_____. Em dois anos, cresce 5,7% o eleitorado de Sorocaba. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 06 abr. 2014. Capa.

FINEIS, José Carlos. **Dados do jornal Cruzeiro do Sul**. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 20 ago. 2017.

JACINTO, Daniela. Quilombolas aguardam pela delimitação de território para serem reconhecidos. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 16 mar. 2018. Caderno Cidades, p. A8-9.

_____. Descendentes de escravo mostram como era feito o Caminho dos Negros. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 23 mar. 2018. Caderno Cidades, p. A10.

_____. Falta de indícios oculta vestígio de negros. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 30 mar. 2018. Caderno Cidades, p. A7.

_____. Estado de São Paulo tem apenas 6 comunidades quilombolas tituladas. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 6 abr. 2018. Caderno Cidades, p. A6-7.

_____. Quilombolas aguardam pela delimitação de território para serem reconhecidos. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba. 16 mar. 2014. Disponível em: <http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/536701/quilombolas-aguardam-pela-delimitacao-de-territorio-para-serem-reconhecidos>. Acesso em 20 jul. 2018.

_____. Descendentes de escravo mostram como era feito o Caminho dos Negros. **Cruzeiro do Sul,** Sorocaba. 23 mar. 2014. Disponível em: <http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/538020/descendentes-de-escravo-mostram-como-era-feito-o-caminho-dos-negros>. Acesso em 20 jul. 2018.

_____. Falta de indícios oculta vestígio de negros. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba. 30 mar. 2014. Disponível em: <http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/539234/falta-de-indicios-oculta-vestigio-de-negros>. Acesso em 20 jul. 2018.

_____. Estado de São Paulo tem apenas 6 comunidades quilombolas tituladas. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba. 06 abr. 2014. Disponível em: <http://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/540420/estado-de-sao-paulo-tem-apenas-seis-comunidades-quilombolas-tituladas>. Acesso em 20 jul. 2018.

_____. **Informações sobre reportagem seriada e currículo**. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. em 17 jul. 2018.

APÊNDICE X – SUL

Apêndice Y - Jornal Correio do Povo

Porto Alegre (RS) - www.correiodopovo.com.br

O Correio do Povo é um jornal sulista de 123 anos, com sede em Porto Alegre (RS). Tem circulação de segunda a sábado em todo o estado do Rio Grande do Sul. O veículo, um dos mais antigos do estado, foi fundado em 1 de outubro de 1895 pelo jornalista Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, que também criou as rádios Guaíba AM e FM e da TV Guaíba. O jornal circulou durante 89 anos de forma ininterrupta, entre 1895 e junho de 1984 – quando somava 94 mil exemplares -, reiniciando sua publicação em 31 de agosto de 1986. Em 2007, com 150 mil exemplares diários, foi comprado pelo Grupo Record. O jornal, que conta com nove editorias publicadas no formato tabloide, tem 405.909 seguidores no Facebook (CORREIO DO POVO, 2015; 2018; ESTADÃO, 2007).

Apêndice Z - Jornalista Paulo Roberto Tavares

Carioca nascido em Resende, tem 56 anos e é jornalista há 34 anos. Formou-se em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em 1984 e tem especialização em Ciências Políticas pela *Escuela Superior de Economía y Administración de Empresas (Eseade)*, de Buenos Aires, na Argentina. Trabalhou no jornal Zero Hora como sub-editor de 1988 a 1992, foi assessor de imprensa do Conselho Estadual de Educação (RS) entre 1995 a 1997, período em que também foi repórter do jornal Correio do Povo (1996 a 1997). Trabalhou como repórter especial do

jornal O Sul entre 2001 a 2003 e em seguida como assessor de imprensa da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) do Estado do Rio Grande do Sul (2003 a 2008). É editor de Polícia do jornal Correio do Povo desde 2008 (TAVARES, 2018).

Apêndice AA - Reportagem Seriada Zumbis no Volante

A reportagem seriada intitulada "'Zumbis' no Volante" foi produzida pelo jornalista carioca Paulo Roberto Tavares e publicada no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre (RS), e contou com a participação de Cintia Marchi em um dos textos. Ao todo a produção soma 13 matérias e 1 artigo autoral divididos em quatro edições, um total de cinco páginas tabloide. A publicação foi sequencial diária – domingo, segunda, terça e quarta-feira -, nos dias 4, 5, 6 e 7 maio de 2014, no caderno Especial. A série foi distribuída aos assinantes e bancas na versão impressa, conforme Anexo Q, e na internet (Anexo J) por meio de cinco links listados abaixo (CORREIO DO POVO, 2014; TAVARES, 2018).

A. 1ª Edição: domingo, 4 de maio de 2014
   Título: Caminhoneiros trocam rebite pela cocaína para trabalhar mais (http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524642)

   Título: Motorista admite uso de cocaína para evitar o risco de perder prazos (http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524644)

B. 2ª Edição: segunda-feira, 5 de maio de 2014
   Título: Caminhoneiros ficam até quatro dias sem dormir (http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524723)

C. 3ª Edição: terça-feira, 6 de maio de 2014
   Título: O caminho do tráfico até a boleia do caminhão (http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524807)

D. 4ª Edição: quarta-feira, 7 de maio de 2014
   Título: Estradas oferecem bufê de drogas a caminhoneiros (http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524890)

Apêndice BB - Facebook - www.facebook.com/correiodopovo

Três das quatro edições foram publicadas. A segunda, terceira e quarta edição, que somam duas curtidas e um comentário. Somente a primeira edição, da chamada para a série, não foi feita na página (Anexo D).

Apêndice CC - Entrevista com Paulo Roberto Tavares

Produção 'Zumbis' no Volante

"Dividi a primeira edição da série com a colega Cíntia Marchi porque ela já tinha feito uma matéria anterior sobre o assunto que cabia ser publicada ali, naquele especial. Nada mais. Não houve coparticipação dela no restante das reportagens. Já tínhamos um projeto de fazer uma matéria do tipo. Em 2013 começamos a conversar sobre o assunto, além de pesquisar sobre o uso de drogas por parte de caminhoneiros. No ano seguinte a viagem foi

liberada e partimos. Fiquei viajando uma semana. Foram percorridos mais de 2 mil quilômetros entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Assim que retornamos da viagem, as matérias foram publicadas. Mas durante a elaboração da pauta, fui fazendo outras matérias do dia a dia também. A cada dia a página era diagramada e eu escrevia os textos sobre o assunto que seria abordado. A unidade foi dada pela chefia de reportagem, a Luciamem Winck. Optamos pela publicação em série porque era mais prático. Um caderno especial, às vezes, cansa o leitor, enquanto uma reportagem seriada gera curiosidade. As imagens foram selecionadas pelo fotógrafo que viajou comigo. Como a diagramação era feita no dia, mas sabíamos que iriam ser várias edições, o selo foi pensado antes. Na época o impresso era o carro-chefe, então a elaboração da pauta, texto, imagem e divulgação foram pensados para ele. Atualmente já existem produções específicas para o on-line. Dependendo do assunto o jornal ainda investe em especiais e séries, fiz outra também com o repórter do on-line Carmelito Bifano sobre as facções chegando no litoral gaúcho. Porém, sobre a série 'Zumbis' ganhei três prêmios de jornalismo. O prêmio do Ministério Público do Trabalho (MPT), referente à região sul do Brasil, o da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), que acontece ao fim de todo ano, e a premiação do Sindicato das Empresas de Transportes de Carga e Logística no Estado do Rio Grande do Sul (Setcergs) de Jornalismo" (TAVARES, 2018).

Apêndice DD – Referências do Corpus Analisado Amostra 4

AGÊNCIA ESTADO. Record compra Correio do Povo, de Porto Alegre. **O Estado de S. Paulo**. 13 mar. 2007. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/mercados,record-compra-jornal-correio-do-povo-de-porto-alegre,20070313p10159>. Acesso em 15 set. 2018.

CORREIO DO POVO. Correio do Povo celebra 123 anos ao lado dos leitores. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1 out. 2018. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2018/10/662723/Correio-do-Povo-celebra-123-anos-ao-lado-dos-leitores. Acesso em: 20 out. 2018. Acesso em 20 ago. 2018.

_____. 'Zumbis' no Volante. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 4 mai. 2014. Capa.

_____. Começa a vigorar nova portabilidade de crédito. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 5 mai. 2014. Capa.

_____. Salgado Filho será vistoriado pela Anac. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 6 mai. 2014. Capa.

_____. Caso Bernardo – Negada liberdade ao pai do menino. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 7 mai. 2014. Capa.

LEAL, C. E.; DILLENBURG, S. R. **Correio do Povo.** Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-do-povo

TAVARES, P. R. 'Zumbis' assombram rodovias. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 4 mai. 2014. Caderno Especial, p. 20-21.

_____. Morto-vivo por 96 horas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 5 mai. 2014. Caderno Especial, p. 19.

_____. Do caminhão para o tráfico. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 6 mai. 2014. Caderno Especial, p. 18.

_____. Caminhoneiros usam crack no centro do país. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 7 mai. 2014. Caderno Especial, p. 20.

_____. **Informações sobre reportagem seriada e currículo.** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 20 set. 2018.

_____. Caminhoneiros trocam rebite pela cocaína para trabalhar mais. Correio do Povo, Porto Alegre, 4 mai. 2014. Disponível em: http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524642. Acesso em 20 ago. 2018.

_____. Caminhoneiros ficam até quatro dias sem dormir. Correio do Povo, Porto Alegre, 5 mai. 2014. Disponível em: http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524723. Acesso em 20 ago. 2018.

_____. O caminho do tráfico até a boleia do caminhão. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 6 mai. 2014. Disponível em: http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524807. Acesso em 20 ago. 2018.

_____. Estradas oferecem bufê de drogas a caminhoneiros. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 7 mai. 2014. http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=524890. Acesso em 20 ago. 2018.

APÊNDICE EE – SUDESTE

Apêndice FF - Jornal Tribuna de Minas

Juiz de Fora (MG) – www.tribunademinas.com.br

A Tribuna de Minas é um jornal mineiro pertencente ao Grupo Solar de Comunicação, e está sediado em Juiz de Fora (MG). O veículo foi fundado em 1981 pelo médico e empresário Juracy de Azevedo Neves, com posta na diversidade de negócios. O atual editor-geral, Paulo César Magella, é o único jornalista que está no jornal desde a sua implantação. Em 1983 o Tribuna se tornou o principal jornal da cidade, com o fechamento do Diário Mercantil. E durante muitos anos foi único na cidade, porém, atualmente, possui como concorrente o Diário Regional. Atualmente o veículo possui uma tiragem de 10.000 exemplares durante a semana e 15 mil aos finais de semana, com circulação diária, de terça a domingo, e cobre a região juiz-forana. Ao todo são oito editorias, distribuídas de 32 a 60 páginas no formato standard. Desde 2011 o veículo possui página no Facebook e atualmente contabiliza 256.927 seguidores (TRIBUNA DE MINAS, 2018; WIKIPEDIA, 2018; HALFELD, 2013; GOMES, 2015).

Apêndice GG - Jornalista Daniela Arbex

Mineira nascida em Juiz de Fora, Daniela Arbex tem 45 anos, é formada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora desde 1995, quando

começou a trabalhar no jornal Tribuna de Minas, onde atualmente é repórter especial. Mesmo trabalhando num veículo considerado pequeno e longe dos grandes centros, conquistou reconhecimento nacional e internacional por seu trabalho de repórter investigativa. É autora de *Holocausto Brasileiro* (2013), eleito Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor Livro-Reportagem no prêmio Jabuti (2014). Com mais de 300 mil exemplares vendidos no Brasil e em Portugal, a obra ganhou as telas da TV, em 2016, no documentário produzido com exclusividade pela HBO, com exibição em mais de 40 países. Com *Cova 312* (2015) venceu o Prêmio Jabuti em 2016 na categoria livro-reportagem, uma obra que aborda a ditadura de uma forma que a história oficial nunca fez. Em seu mais recente trabalho, *Todo dia a mesma noite* (2018), ela relata de forma minuciosa a noite do incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS), onde morreram 242 pessoas, assim como seus desdobramentos. Atualmente é uma das jornalistas mais premiadas da sua geração, com mais de 20 prêmios, nacionais e internacionais, como o americano *Knight International Journalism Award* (2010) e do prêmio IPYS de Melhor Investigação Jornalística da América Latina (2009) (ARBEX, 2018).

Apêndice HH - Reportagem Seriada Vidas Roubadas

A reportagem seriada intitulada “Vidas Roubadas” foi produzida pela jornalista mineira Daniela Arbex e publicada no jornal Tribuna de Minas, de Juiz de Fora (MG). Ao todo a produção soma 15 matérias divididas em cinco edições, um total de seis páginas standard. A publicação foi sequencial diária – domingo, terça, quarta, sexta e terça-feira -, nos dias 2, 4, 5, 7 e 11 de novembro de 2014, no caderno Geral. A série foi distribuída aos assinantes e bancas na versão impressa, conforme Anexo R, e na internet (Anexo L) por meio de cinco links listados abaixo. (TRIBUNA DE MINAS, 2014; ARBEX, 2018).

A. 1ª edição – domingo, 2 de novembro de 2014 | 74 acessos
   Título: Passo final na indústria da loucura
   (https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/02-11-2014/passo-final-na-industria-da-loucura.html)

B. 2ª edição – terça-feira, 4 de novembro de 2014 | -
   Título: Busca por um lugar na sociedade
   (https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/04-11-2014/busca-por-um-lugar-na-sociedade.html)

C. 3ª edição – quarta-feira, 5 de novembro de 2014 | 74 acessos
   Título: Desafio é não reproduzir modelo de manicômios
   (https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/05-11-2014/desafio-e-nao-reproduzir-modelo-de-manicomios.html)

D. 4ª edição – sexta-feira, 7 de novembro de 2014 | 297 acessos
   Título: Aceitação do diferente é fundamental

(https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/07-11-2014/aceitacao-do-diferente-e-fundamental.html)

E. 5ª Edição – terça-feira, 11 de novembro de 2014 | -
Título: Histórias Reconstruídas
(https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/11-11-2014/historias-reconstruidas.html)

Apêndice II - Facebook - www.facebook.com/tribunademinas

Um *teaser* antes da série, publicado em 30 de outubro, chamou os leitores para acompanhar a produção. No total a postagem somou 1.066 curtidas, 1.113 compartilhamentos, 114 comentários e o vídeo teve 37 mil visualizações. Depois, apenas duas matérias foram publicadas. A terceira edição, de 5 de novembro de 2014, "Desafio é não reproduzir modelo de manicômios", que contabiliza 44 curtidas, 2 comentários e 6 compartilhamentos. E a quarta, penúltima matéria, de 7 de novembro, 'Aceitação do diferente é fundamental', que soma 45 curtidas, 1 comentários e 43 compartilhamentos (Anexo E).

Apêndice JJ - Entrevista com Daniela Arbex

Produção de Vidas Roubadas

"Por ser daqui de Minas, ter me formado aqui e trabalhar há tanto tempo neste jornal, vamos entendendo o funcionamento da comunidade e toda a narrativa anterior que a compõe. Minha primeira matéria a respeito de saúde mental foi feita em 2003. E em seguida, passei a fazer outras sobre o mesmo assunto. Até que em 2009 soube das denúncias em torno do manicômio de Barbacena (MG). Comecei a me atentar mais para o assunto, até que fiz a série Holocausto Brasileiro, em 2011, publicada durante toda uma semana. Importante frisar aqui alguns detalhes, como a questão da falta de espaço. A Tribuna de Minas é jornal pequeno, a cidade de Juiz de Fora é pequena. Seria inviável um assunto tão complexo ser trabalhado numa única edição. O jornal precisava prosseguir com os demais fatos e registros, não poderia parar. Em contrapartida, as denúncias em torno do Hospital Colônia, sobre as vidas perdidas e os corpos vendidos, precisavam vir a público de forma clara. A saída era seriar a reportagem. Fiquei um mês me dedicando exclusivamente para o assunto naquela ocasião. Por ser repórter especial, pude realmente me dedicar e sim, terminei todos os textos antes do início da publicação. A cidade parou. A rotina foi alterada. As pessoas madrugavam nas bancas a espera na edição seguinte. Já tínhamos (o jornal) feito outras séries, mas aquela do holocausto nos ensinou muito. Então, em 2014, a respeito da série Vidas Roubadas, posso dizer que eu acompanhava o assunto e a proposta de desinstitucionalização. Fui eu que sugeri a pauta e acompanhei o grupo de personagens por três meses. Lembro-me de ter ficado somente com essa pauta novamente, fiz com calma, com pesquisa e documentação, entrevistas e observação. E pude terminar tudo antes de iniciar a publicação. A escolha por seriar a reportagem aconteceu pelo mesmo motivo de sempre, espaço. Para publicarmos tudo de uma vez, num caderno especial, temos algumas demandas diferentes. Em 2015, por exemplo, eu fiz um caderno especial, como uma coleção de matérias sobre o Rio São Francisco. Isso demandou planejamento extra, com venda antecipada da produção. Nem sempre temos essa possibilidade, de esperar. Então é mais fácil seriar. E à medida que você vai soltando as matérias, você vai fidelizando o leitor, que aguarda pela edição seguinte e também tem o tempo para entende-la. No caso de Vidas Roubadas, lembro que existiu uma sequência na

publicação, mas alguns dias foram pulados. Isso ocorreu por falta de espaço. Eu não queria cortar o material e provavelmente outra notícia importante, um fato quente, foi passado na frente e houve adequação do espaço. Não acredito que tenha atrapalhado o acompanhamento do leitor. Eu sempre participo de tudo, do começo ao fim. Como disse, sou repórter especial, então posso realmente me dedicar. Eu sugiro as pautas, as desenho, investigo, documento. Costumo dizer que minha liberdade e segurança estão associados aos fundamentos da pauta. Se eu tiver documentação, terei toda a liberdade que quiser. No caso de Vidas Roubadas eu também pude participar de tudo, da escolha das fotos, da proposta de diagramação, da criação do selo, títulos, tudo. Isso é interessante, é prazeroso. Nós somos um jornal pequeno, mas forte no estado e até no país, várias vezes pautamos a grande mídia. Os especiais têm sua força, mas as séries acabam suprindo, de certa forma, a demanda de espaço", (ARBEX, 2018).

Apêndice LL – Referências do Corpus Analisado Amostra 5

ARBEX, D. Sobre Mim. **Daniela Arbex**, Juiz de Fora. Disponível em: www.danielaarberx.com/sobre-mim. Acesso em 10 abr. 2018.

_____. **Informações sobre reportagem seriada.** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 10 ago. 2018.

_____. Passo final na indústria da loucura. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 2 nov. 2014. Caderno Geral, p.2-3.

_____. Busca por um lugar na sociedade. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 4 nov. 2014. Caderno Geral, p.4.

_____. Desafio é não reproduzir modelo de manicômios. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 5 nov. 2014. Caderno Geral, p.3.

_____. 'Aceitação do diferente é fundamental'. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 7 nov. 2014. Caderno Geral, p.4.

_____. Histórias Reconstruídas. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 11 nov. 2014. Caderno Geral, p.4.

_____. Passo final na indústria da loucura. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 2 nov. 2014. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/02-11-2014/passo-final-na-industria-da-loucura.html. Acesso em 15 jul. 2018.

_____. Busca por um lugar na sociedade. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 4 nov. 2014. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/04-11-2014/busca-por-um-lugar-na-sociedade.html. Acesso em 15 jul. 2018.

_____. Desafio é não reproduzir modelo de manicômios. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 5 nov. 2014. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/05-11-2014/desafio-e-nao-reproduzir-modelo-de-manicomios.html. Acesso em 15 jul. 2018.

_____. Aceitação do diferente é fundamental. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 7 nov. 2014. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/07-11-2014/aceitacao-do-diferente-e-fundamental.html. Acesso em 15 jul. 2018.

_____. Vidas Reconstruídas. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 11 nov. 2014. Disponível em: https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/11-11-2014/historias-reconstruidas.html. Acesso em 15 jul. 2018.

GOMES, M. V. **Relações de agendamento entre redes sociais e veículos impressos**. Monografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/relacoes-de-agendamento-entre-redes-sociais-e-veiculos-impressos-MONISE-VIEIRA-GOMES1.pdf. Acesso em: 17 set. 2018.

HALFELD, R. R. **Os desafios da notícia na era digital**. Monografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/combinepdf-1.pdf. Acesso em: 17 set. 2018.

TRIBUNA DE MINAS. Pacientes resgatam dignidade perdida. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 2 nov. 2014. Capa.

_____. Ciclistas ignoram leis e abusam da velocidade. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 4 nov. 2014. Capa.

_____. Assistência fora dos hospitais ainda carece de estruturas. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 5 nov. 2014. Capa.

_____. Queimadas destroem 40 hectares de mata nativa. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora,7 nov. 2014. Capa.

_____. Subnotificação dificulta radiografia do racismo. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 11 nov. 2014. Capa.

_____. **Expediente**. Disponível em: www.tribunademinas.com.br. Acesso em 17 set. 2018.

APÊNDICE MM – CENTRO-OESTE

Apêndice NN - Jornal Correio Braziliense

Brasília (DF) – www.correiobraziliense.com.br

O Correio Braziliense é um jornal brasileiro com sede em Brasília, no Distrito Federal e pertence aos Diários Associados, com rede de TV e rádio. É um dos principais jornais do país, fundado em 21 de abril de 1960 por Assis Chateaubriand. Na ocasião, o veículo tinha por desafio proposto pelo então presidente Juscelino Kubitschek, torna-se referência na capital do Brasil. O nome do jornal é oriundo do histórico homônimo editado em Londres, em 1808, por Hipólito José da Costa, que tinha em seus escritos ideias favoráveis à mudança da capital, então no Rio de Janeiro (RJ), para o interior. Aliado a isso e à associação do termo brasiliense como adjetivo pátrio de Brasília, o empresário optou pelo nome e manteve a grafia antiga escrita com a letra Z. Premiado pela *Society for News*

Design (SND), o veículo conta com design inovador e é reconhecido internacionalmente por linguagem e visual contemporâneos. Desde 2008 é interativo em diversas mídias, com versão para *iPad* desde 2011. Atualmente o jornal, no formato *standard*, tem mais de dez editorias, soma 56 mil assinaturas, sendo 25 mil do impresso e outras 31 mil da versão online. Contabiliza 50 milhões de acessos ao portal digital mensalmente e 725.649 seguidores no Facebook (CORREIO BRAZILIENSE, 2018; BIROLI, 2009; GOULART, 2018).

Apêndice OO - Jornalista Guilherme Goulart

Guilherme Goulart nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil, em 21 de novembro de 1976. Formou-se em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em 1999. Começou a carreira em 1996 na empresa jornalística Zero Hora, onde passou por diversas funções e setores, de auxiliar de redação a repórter da editoria de Geral e cadernos especiais. Na capital sul-rio-grandense, também atuou como repórter e editor das revistas Red 32 e Megainfo. No inicio de 2001, mudou-se para Londres, no Reino Unido, país em que realizou cursos de inglês, além de especializações em jornalismo, com cursos de técnicas de entrevista e de assessoria de imprensa. O recomeço da vida profissional ocorreu em Brasília a partir de 2002. No Jornal de Brasília, especializou-se em coberturas de segurança pública e reportagens investigativas. Em outubro de 2002, contratado pelo Correio Braziliense, atuou com repórter da editoria de Cidades, novamente voltado para coberturas policiais e investigativas. Desde 2012, exerce a função de subeditor do caderno de Cidades, editando e reescrevendo textos de repórteres e estagiários. Também participa da produção de série de reportagens especiais. As mais recentes foram sobre os 30 anos do acidente radioativo com o césio 137, em Goiânia, e a Conexão Brasília, a respeito do desenvolvimento da mobilidade urbana no Distrito Federal. Como subeditor, também têm atribuições on-line, meio em que edita textos para o site do Correio Braziliense (www.correiobraziliense.com.br). Em 2018, venceu o Prêmio República, com a série de reportagens Césio 137: 30 anos de um inimigo invisível. Também conquistou menção honrosa no prêmio jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em 2004, e foi três vezes finalista do Premio Embratel (GOULART, 2018).

Apêndice PP - Reportagem Seriada Conexão Brasília

A reportagem seriada intitulada “Conexão Brasília” foi produzida pelos jornalistas Guilherme Goulart e Jéssica Eufrásio, e sub-editada por Guilherme Goulart, publicada no jornal Correio Braziliense, de Brasília (DF). Ao todo a produção soma 19 matérias e 8 artigos autorais divididos em oito edições, um total de dez páginas standard. A publicação foi sequencial diária, de domingo a domingo, nos dias 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 de julho de 2018, no caderno de Cidades. A série foi distribuída aos assinantes e bancas na versão impressa, conforme Anexo S, e na internet (Anexo M) por meio de um hotsite (abaixo) que corresponde aos respectivos acessos (CORREIO BRAZILIENSE, 2018; GOULART, 2018).

A. Edição especial – de 15 a 22 de julho de 2018 | Total de 17.500 acessos

Título: Conexão Brasília – Sete décadas em movimento
(https://especiais.correiobraziliense.net.br/conexaobrasilia/#!/home)

Apêndice QQ - Facebook - www.facebook.com/correiobraziliense

A reportagem seriada Conexão Brasília, aparentemente, foi divulgada na página oficial do jornal em três oportunidades, no começo, no meio e no fim da produção. Além de uma referência de arquivo. A primeira postagem ocorreu em 16 de julho de 2018, com o chamado segundo capítulo, e somou 114 curtidas, 5 comentários e 14 compartilhamentos. No dia 18 de julho de 2018, a postagem somou 33 curtidas, 2 comentários e um compartilhamento. Por fim, no dia 22 de julho, última edição, o jornal divulgou a série completa no hotsite e contou com 52 curtidas, 7 comentários e 5 compartilhamentos. Um mês e meio depois, em 30 de agosto de 2018, uma lembrança foi compartilhada juntamente com um vídeo curto sobre a produção. No total foram 6 curtidas, 4 comentários, 2 compartilhamentos e 1.500 visualizações no vídeo (Anexo F).

Apêndice RR - Entrevista com Guilherme Goulart

Produção Conexão Brasília

"A ideia de fazer a pauta foi minha. Em 2004 fiz uma série de reportagens para o caderno aqui de Cidades (do Correio), como repórter, sobre a história do crime aqui no Distrito Federal, por décadas em desenvolvimento. Foi legal, não foi tão complexa, com tanta pesquisa como essa da mobilidade, mas foi bacana. Foi publicada semanalmente, se não me engano. Essa da Conexão foi sequencial. O tempo passou e eu já como sub-editor, senti vontade de escrever e lembrei daquela série, deu vontade de escrever outra. Pensei em vários temas, mas de repente me deu um estalo e eu pensei em mobilidade. Pois me daria um leque de possibilidades com relação a texto, imagens, sites, vídeos, além do assunto ser interessante e necessário. Esse foi o primeiro passo, pensar na proposta. O segundo passo foi submeter a ideia para o editor, José Carlos Vieira, e ele gostou, gostou bastante. Em seguida eu pedi uma ajuda, porque o assunto era amplo, complexo e demandava muita pesquisa, eu já sabia que iria precisar de uma ajuda de fôlego. Foi quando eu sugeri a Jéssica. Ela é foca, recém-formada. Na verdade, na época do desenvolvimento da pauta ela não tinha nem o registro de profissional ainda, era *freelancer* aqui no jornal, mas o nome dela me veio rapidamente porque ela é muito boa. Assim que deu certo, eu e ela começamos então essa investigação que durou dois meses e meio. Então começamos nossa pesquisa. O interessante é que quando chamei a Jéssica, a única orientação que dei, foi de que eu queria um texto diferente, mais literário, cheio de detalhes. Nós utilizamos o acervo do Correio, que é muito bom, vasto e rico de informação, então focamos muito na pesquisa. E depois saímos às ruas. E não foi fácil fazer, porque o texto ia e voltava várias vezes. Demorávamos em média duas semanas para cada década para chegar no texto final. O bacana é que construímos uma relação muito boa, de respeito, e íamos agregando um ao material do outro. Quando eu sugeri a matéria, como os jornais têm cada vez mais equipe enxuta, nós combinamos com a chefia, que não iríamos alterar a rotina da redação. Ou seja,

nem eu e nem a Jéssica deixamos de fazer nossos trabalhos diários, eu de editar e ela com a demanda do dia. Pesquisávamos e escrevíamos conforme dava tempo e íamos afinando. Tudo foi pensado antes, toda produção, tempo verbal, diagramação, foi tudo pensado antes. Optamos pela série pela facilidade. Um caderno especial precisa ser vendido, teria a demanda do marketing, fora que eu gosto, por exemplo, dessa ideia de 'leia amanhã'. Acho que quem gostou começou mesmo a acompanhar e foi buscar por todas as edições. Acho que é mais prático e vantajoso para o repórter, por conta do espaço. A primeira ideia de publicação era para maio de 2018, mas a Copa do Mundo foi se aproximando e percebemos que não teríamos o espaço que gostaríamos. Então optamos por esperar a Copa passar e planejamos a publicação em julho, porque seria antes das Eleições. Nós planejamos abrir e fechar a série com página dupla, e durante o desenvolvimento queríamos páginas limpas, uma para cada década de mobilidade. E isso foi muito bacana, pois a data da publicação coincidiu de realmente dar tudo certo. Eu sentei com o Marcelo Ramos, chefe da diagramação do jornal, e pensamos na questão gráfica, com apoio da equipe da arte do jornal. Foi quando desenhamos o projeto gráfico. Eu e Jéssica sentamos e escolhemos as fotos do arquivo público e participamos das etapas. Depois, o projeto gráfico online foi concebido, com a proposta de linha do tempo e anexação de vídeos, mas seguindo o modelo do impresso. Estabelecemos um padrão, a partir da década de 1950, na diagramação, e fizemos todo o resto. Deixamos previamente diagramado tudo, só que todo dia, antes da impressão, nós revisávamos e arrumávamos alguns detalhes. A versão online, de ter um único site, foi ideia minha também, mas por conta de equipe enxuta confesso que deu muito trabalho, mais para a Jéssica, que ficou com isso. Infelizmente os textos eram postados no dia da publicação. Mas no fim deu certo, acho que um endereço exclusivo ajudou o leitor a entender a proposta. O Correio tem uma tradição de fazer séries. E é por meio das séries que o jornal costuma conquistar vários prêmios importantes, dá visibilidade e nos ajuda a trabalhar temas complexos. Essa série do Conexão Brasília é finalista no prêmio da Confederação Nacional do Transporte (CNT) deste ano. Está para sair o resultado. A do Césio 137 (2017), eu e a Natália Lambert, ganhamos o prêmio dos Procuradores Regionais deste ano. O Correio apoia e investe sim, o impresso é forte e o online está crescendo, então é natural sair nas duas plataformas" (GOULART, 2018).

Apêndice SS – Referências do Corpus Analisado Amostra 6

BIROLI, F. **Correio Braziliense**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-braziliense. Acesso em: 10 jul. 2018.

CORREIO BRAZILIENSE. **Expediente.** Disponível em: www.correiobraziliense.com.br. Acesso em: 15 jul. 2018.

_____. Identificação de Frejat acirra disputa pelo GDF. **Correio Braziliense**, Brasília, 15 jul. 2018. Capa.

_____. O futebol é azul. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 jul. 2018. Capa.

_____. Frejat decide hoje se disputa GDF. Rosso, na fila, promete reajuste. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 jul. 2018. Capa.

_____. Renúncia de Frejat racha a oposição e ajuda Rollemberg. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 jul. 2018. Capa.

_____. Nova tentação da oposição para possuir Jofran Frejat. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 jul. 2018. Capa.

_____. Estevão perde a regalia e vai para uma cela de segurança máxima. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 jul. 2018. Capa.

_____. Gasolina tem preço mais baixo desde o fim da greve. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 jul. 2018. Capa.

_____. Pis-Pasep injeta mais R$16bi na economia. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 jul. 2018.Capa.

GOULART, G. **Informações sobre Reportagem Seriada e currículo.** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por leila.gapy@hotmail.com. 10 ago. 2018.

GOULART. G., EUFRASIO. J. Os eixos que unem o brasil. **Correio do Braziliense**, Brasília,15 jul. 2018. Caderno Cidades, p.16-17.

_____; _____. Obstáculos ao progresso. **Correio do Braziliense**, Brasília, 16 jul. 2018. Caderno Cidades, p.15.

_____; _____. A capital dos automóveis. **Correio do Braziliense**, Brasília, 17 jul. 2018. Caderno Cidades, p.19.

_____; _____. Descompasso coletivo. **Correio do Braziliense**, Brasília, 18 jul. 2018. Caderno Cidades, p.24.

_____; _____. Nos passos da paz. **Correio do Braziliense**, Brasília, 19 jul. 2018. Caderno Cidades, p.19.

_____; _____. Na rota da pirataria. **Correio do Braziliense**, Brasília, 20 jul. 2018. Caderno Cidades, p.22.

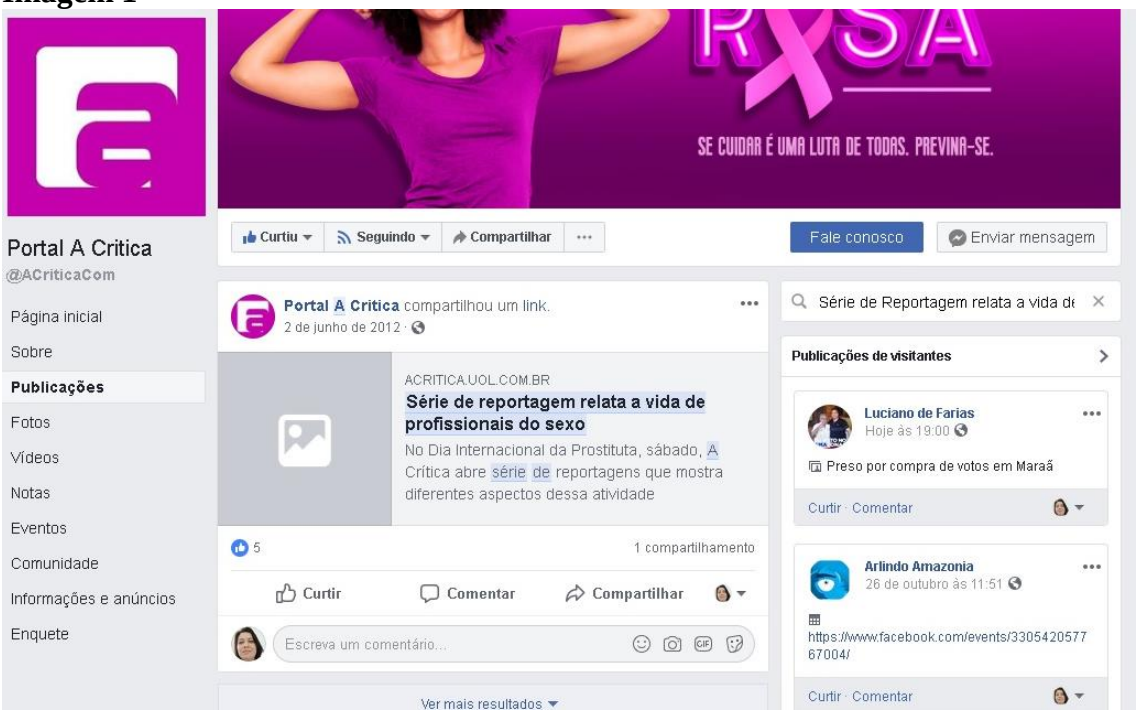
_____; _____. Tecnologia na era da mobilidade. **Correio do Braziliense**, Brasília, 21 jul. 2018. Caderno Cidades, p.19.

_____; _____. Do Plano Piloto às asas do futuro. **Correio do Braziliense**, Brasília, 22 jul. 2018. Caderno Cidades, p.21-22.

_____; _____. Conexão Brasília. **Correio Braziliense,** Brasília. Disponível em https://especiais.correiobraziliense.net.br/conexaobrasilia/#!/home. Acesso em: 10 ago. 2018.

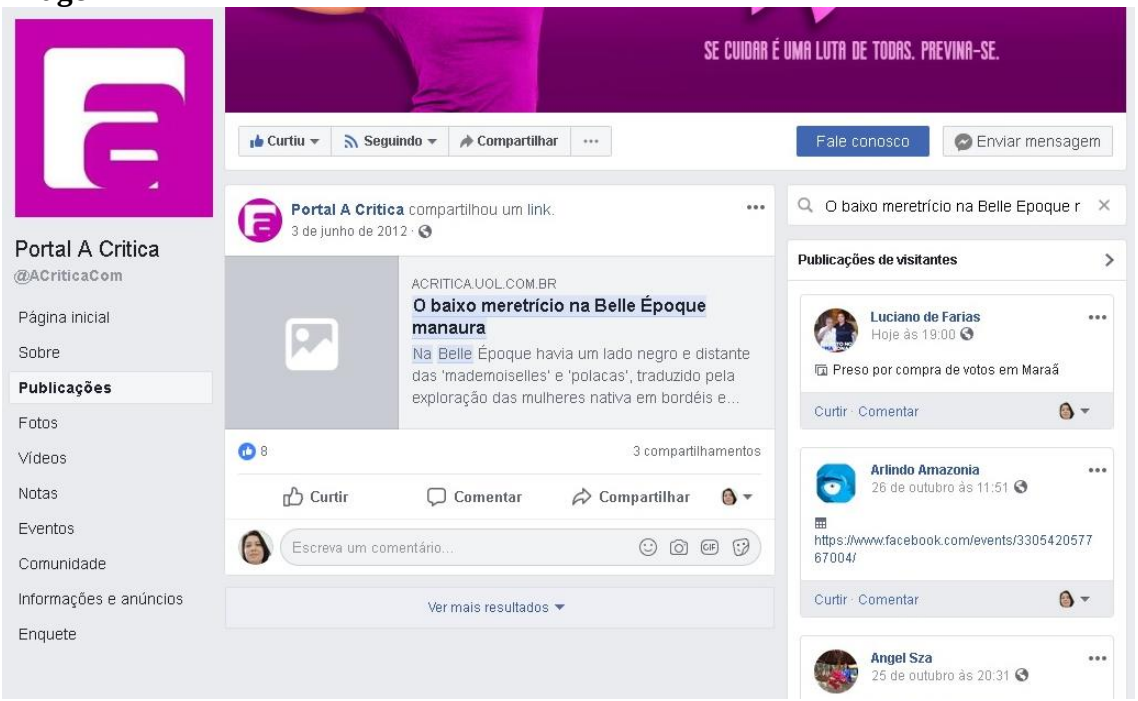
ANEXO A – NORTE

Imagem 1



Captura de tela: Ed. 1 de 2 jun 2012, out. 2018.

Imagem 2



Captura de tela: Ed. 2 de 3 jun 2012, out. 2018.

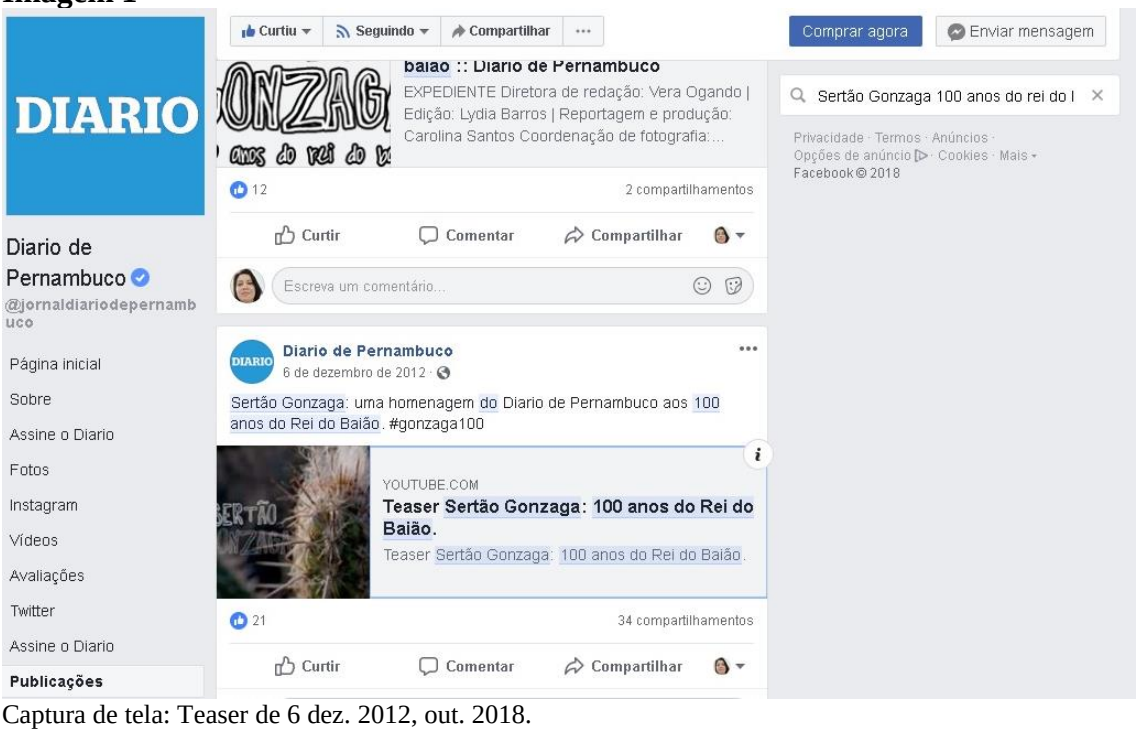
Imagem 3



Captura de tela: Ed. 3 inexistente, out. 2018.

Anexo B – NORDESTE

Imagem 1



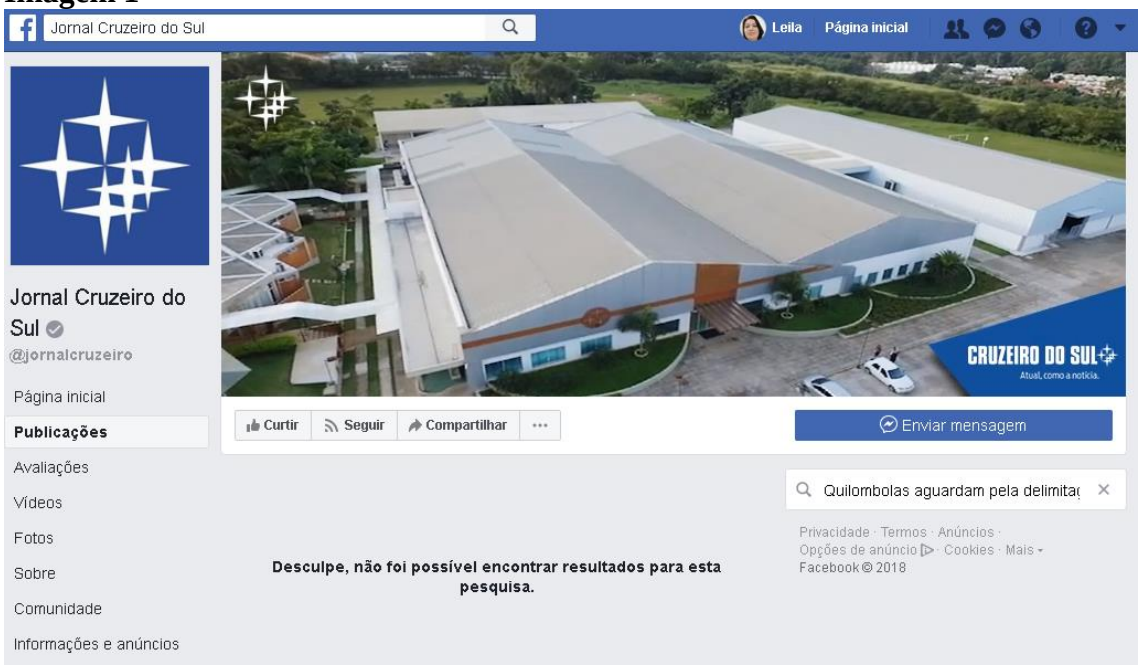
Captura de tela: Teaser de 6 dez. 2012, out. 2018.

Imagem 2


Diario de Pernambuco
Página curtida · 11 de dezembro de 2012 ·
"Numa de sua viagens pelo Brasil, Gonzaguinha encontrou uma senhora nordestina, baixinha, que o abordou:
- Você não é o filho do Gonzagão?
- Sou, sim, senhora!
- É filho do Gonzagão?
- Sou eu mesmo.... Ver mais
131
22 comentários 151 compartilhamentos
Curtir
Comentar
Compartilhar
Mais relevantes
Diana Sampaio A sanfona só faltava falar...
Curtir · Responder · 5 a
Marcio Pires saudades do rei do baião
Curtir · Responder · 5 a
Andrea Farias Só queria ter visto a cara do Gonzaguinha ouvindo essa "pérola"! kkkk

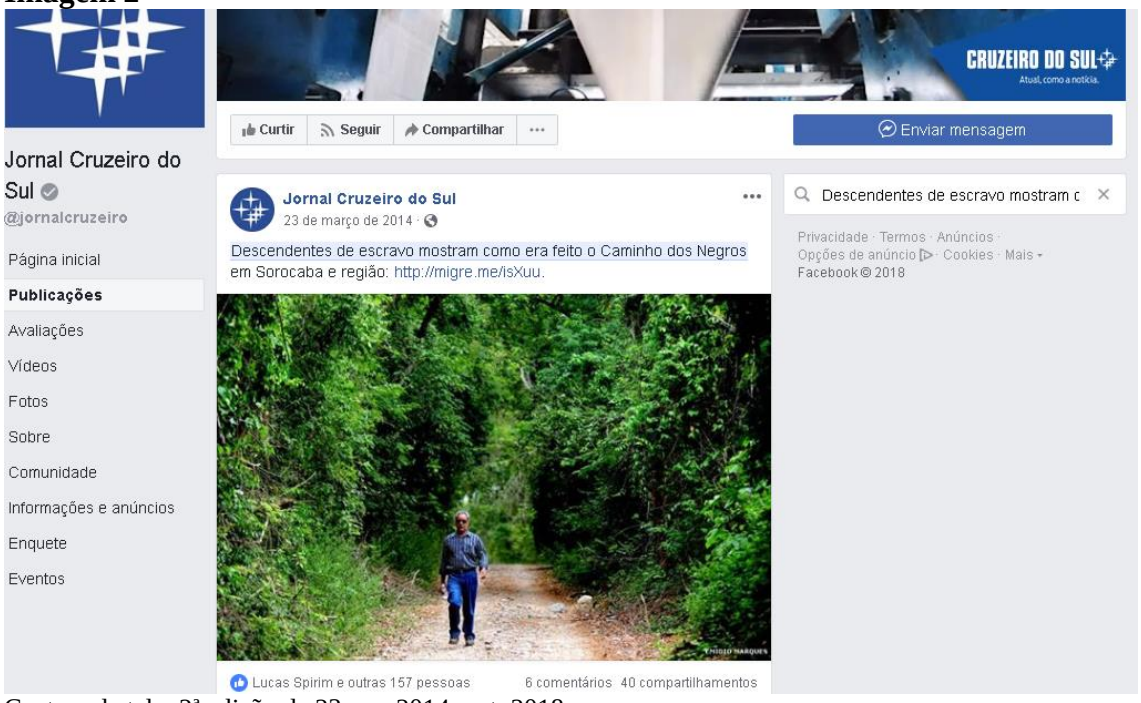
Anexo C – LOCAL

Imagem 1



Captura de tela: 1ª edição de 16 mar. 2014, inexistente. Out. 2018

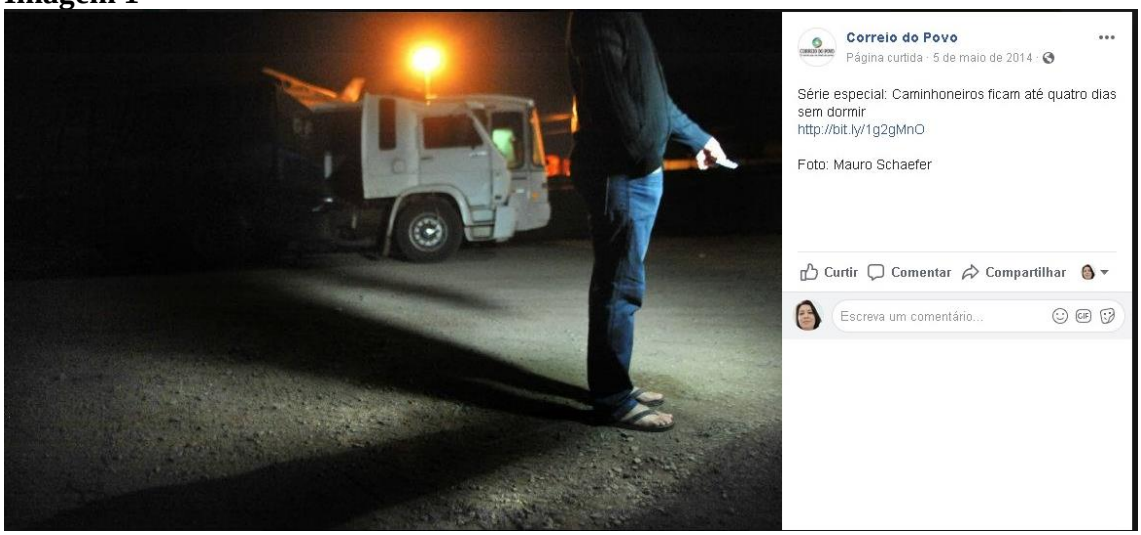
Imagem 2



Captura de tela: 2ª edição de 23 mar 2014, out. 2018.

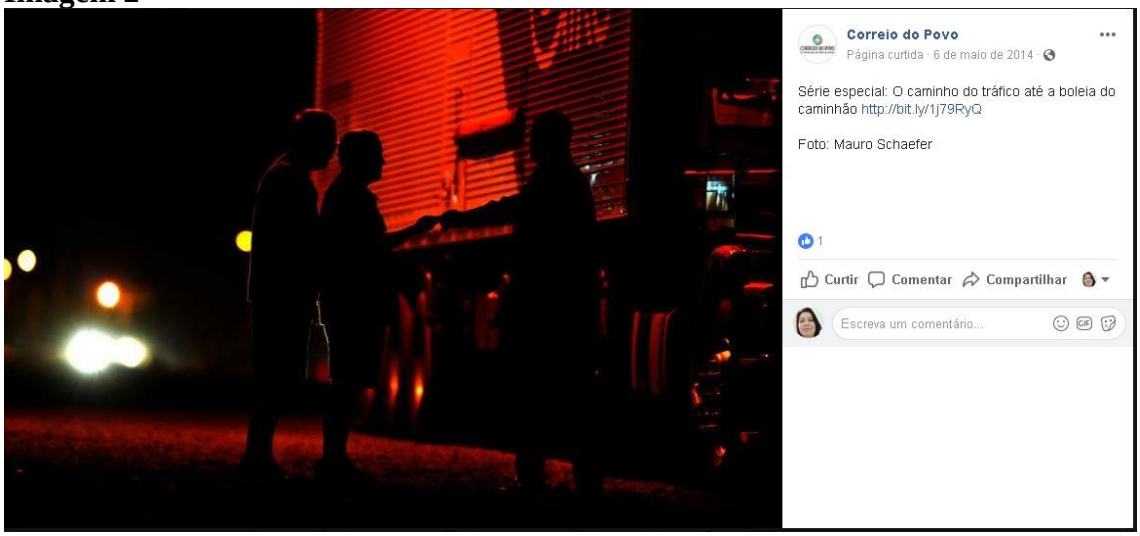
Anexo D - SUL

Imagem 1



Captura de tela: 5 mai. 2014, out. 2018.

Imagem 2



Captura de tela: 6 mai. 2014, out. 2018

Imagem 3



Captura de tela: 7 mai. 2014, out. 2018.

Anexo E – SUDESTE

Imagem 1



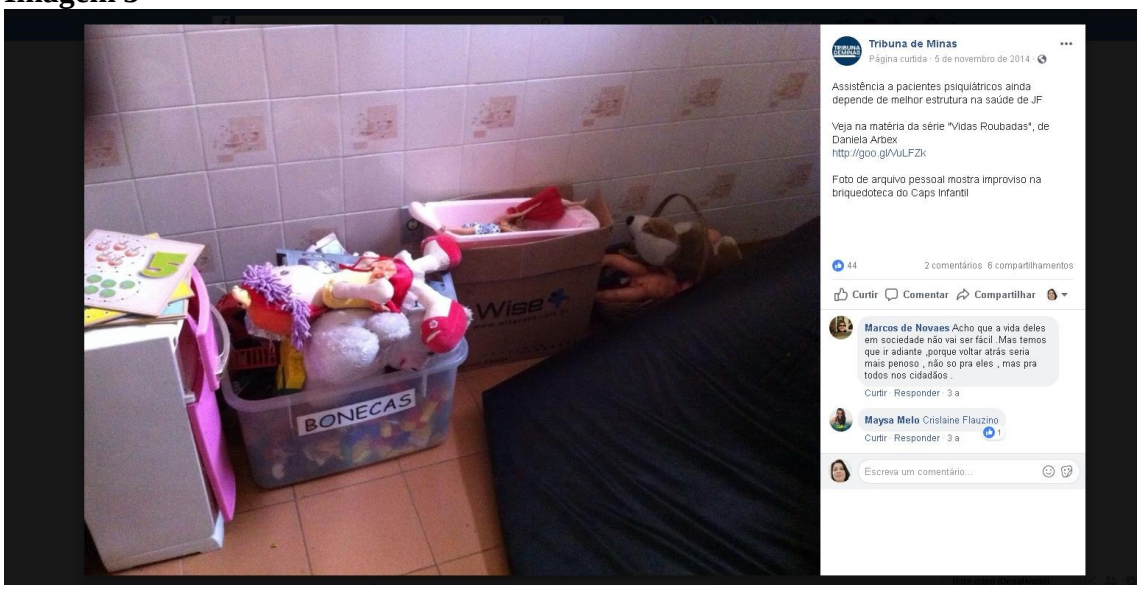
Captura de tela: Teaser 30 out. 2014, out. 2018.

Imagem 2



Captura de tela: 1ª edição, 2 nov 2014, out. 2018

Imagem 3



Captura de tela: 5 nov. 2014, out. 2018.

Imagem 4



Captura de tela: 7 nov. 2014, out. 2018

Anexo F – CENTRO-OESTE

Imagem 1



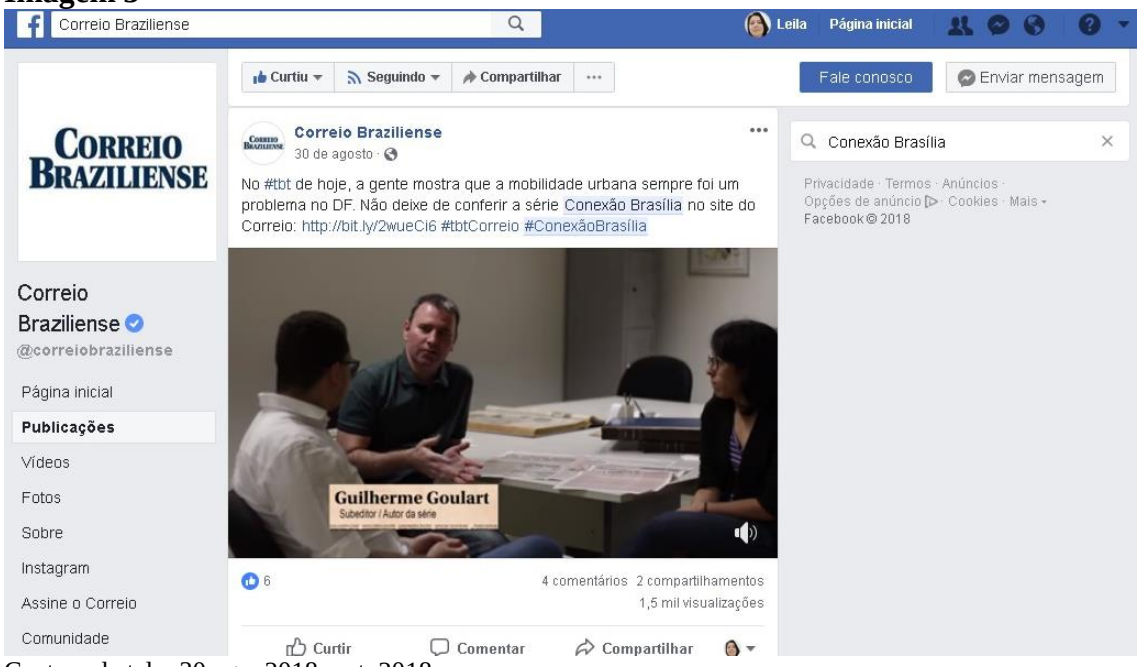
Captura de tela: 15 jul. 2018, out. 2018.

Imagem 2



Captura de tela: 22 jul. 2018, out. 2018

Imagem 3



Captura de tela: 30 ago. 2018, out. 2018.

PUBLICIDADE

MANAUS

MANAUS

Série de reportagem relata a vida de profissionais do sexo

No Dia Internacional da Prostituta, sábado, A Crítica abre série de reportagens que mostra diferentes aspectos dessa atividade

02/06/2012 às 10:26



Em Petrópolis, Zona Sul, moradores cobram a reforma da unidade educacional que funciona onde um dia foi o "Maria das Patas"

Ana Célia Ossame
Manaus

Quem tem mais de 50 anos e um pouco de curiosidade por história já ouviu falar de cabarés famosos de Manaus que foram pontos de prostituição, mas hoje têm outra utilização e não guardam qualquer vestígio do passado boêmio. Neste sábado (2),em comemoração ao Dia Internacional das Prostitutas, A CRÍTICA faz um passeio por estes lugares e mostra que destino tomou cada um.

Entre os mais famosos, tem-se o "La Hoje", que funcionava onde está a Estação Rodoviária de Manaus, na avenida Mário Ypiranda Monteiro, antiga rua Recife. O "Verônica" deu lugar ao Millenium Shopping, na Constantino Nery; o Acapulco Clube funcionou próximo ao Departamento Estadual de Trânsito (Detran) e o Shangrilá, outro prostíbulo famoso, estava situado nas imediações do Clube Sírio Libanes, na Constantino Nery. Já o Saramandaia, famoso nos anos 80, foi demolido e o terreno abriga uma instituição educacional.

Até os anos 60 do século passado, a zona urbana de Manaus ia até à antiga Bola da João Coelho, hoje Constantino Nery, com o Boulevard, conta o motorista de táxi Naldir Cavalcante, 67, na época chamado "chofer de praça". O motorista levava clientes ao Ângelus, prostíbulo situado nas proximidades de onde está hoje o Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro. Outro destino era o Piscina Clube, também muito frequentado. Hoje o terreno do clube abriga o Posto 5, na Torquato Tapajós.

PUBLICIDADE

Novela Inspiradora

Nas proximidades do Clube Municipal estava o "Bom Futuro", conta o motorista Naldir, citando ainda o "Saramandaia", cujo nome foi inspirado numa novela global. O Saramandaia ficava na Torquato Tapajós, nas imediações do bairro da Redenção. Outros cabarés famosos foram o "Rosa de Maio", mais adiante da estrada da Cidade Nova; o "Forquilha", na estrada do Aeroporto. Na Ponta Negra, em plena área nobre da cidade, existia o "Mansão das Blumas", em frente ao bairro de Santo Agostinho. Outra casa famosa era o Maria das Patas, no bairro de Petrópolis, próximo ao 3º Distrito Policial (3º DIP). Hoje, no terreno, funciona uma unidade educional da Prefeitura de Manaus.

Naldir conta que, na época, essas casas eram chamadas de "puteiros" e foram entrando na cidade porque não havia danceterias e esses locais eram usados também pelos que gostavam de dançar e não necessariamente contratavam um "programa" com as prostitutas.

VEJA TAMBÉM

Governo alemão reconhece terceiro sexo além do masculino e feminino

Saiba como gerenciar seu tempo e se preparar para o Enem

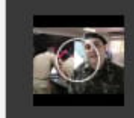
MAP está com mais de 80% de ocupação dos voos para Parintins

Homem é preso após aplicar golpe de R$ 500 se passando por jornalista

acritica PLAY




RECLAMAÇÃO | 7 dias atrás
Servidores denunciam desvio de função e corte de refeição em hospitais de Manaus


PROJETO INOVADOR | 11 dias atrás
Estudantes do Colégio Militar de Manaus apresentam 'lixeira educativa' no RS

Veja mais vídeos da TV A Crítica »

PUBLICIDADE

MAIS LIDAS


Manaus | 7 dias atrás
Grupo é detido pela polícia por transportar cartazes contra Bolsonaro


Manaus | 4 dias atrás
Wilson Lima venceu em 16 cidades; maior percentual foi em Iranduba


Manaus | 3 dias atrás
Bandidos atiram contra homem na Praça da Saudade e geram tumulto


Manaus Hoje | 3 dias atrás
Homem é executado por grupo armado com pistolas e fuzil no Centro


Manaus Hoje | 1 dia atrás
Caseiro acusado de estuprar a filha dos patrões é preso no Tarumã

MAIS COMENTADAS


Manaus | 7 dias atrás
Adolescente morre baleado em Vila Olímpica do Santo Antônio e mãe acusa policiais


Manaus | 7 dias atrás
Grupo é detido pela polícia por transportar cartazes contra Bolsonaro


Manaus | 6 dias atrás
Mãe que decapitou bebê de um ano de idade é presa em feira do São José


Manaus | 2 dias atrás
Equipe de transição de Wilson Lima terá nomes de peso; veja quem são


Manaus | 7 dias atrás
Pais de alunos de colégios da PM protestam a favor de cobrança de taxas

PUBLICIDADE

VÍDEOS



Cotidiano, A Crítica, sexo, Prostituição

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

+ MANAUS

Wilson Lima é levado para hospital após sentir dormê...

Municípios do AM com baixa cobertura na 2ª dose da t...

Marido esfaqueia mulher após ser impedido de esquart...

Defensoria divulga lista preliminar de candidatos ap...

Homem acusado de cometer roubos a ônibus da linha 50...

Fundação recebe comitiva do TJAM que estuda viabiliz...

Defensoria faz busca ativa de famílias onde houve fe...

Vegetação pega fogo dentro de cemitério em Manaus

Alunas da UEA representam o Brasil em competição glo...

0 comentários Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

PUBLICIDADE



Manaus | 1 mês atrás

Projeto ENEM: Ciências da Natureza e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás

Projeto ENEM: Matemática e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás

Projeto ENEM: Ciências Humanas e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás

Projeto Enem: aula #9



Manaus | 1 mês atrás

Projeto Enem: aula #8

Veja mais vídeos

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Você no Portal
Participe do nosso portal

Fale Conosco
Fale com a nossa equipe

Anuncie
Anuncie no nosso portal

Edição Digital
Assine a versão digital

PUBLICIDADE

Manaus | Cotidiano | Entretenimento | Esportes | Manaus Hoje | Enem

Institucional
Sobre a RCC
Política de Privacidade
Expediente

Anuncie
No Portal
No Impresso

© Copyright 2000-2014 Rede Calderaro de Comunicação S.A.

princípios editoriais | política de privacidade

PUBLICIDADE

MANAUS

MANAUS

O baixo meretrício na Belle Époque manaura

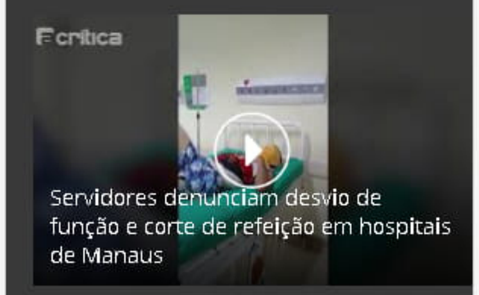
Na Belle Époque havia um lado negro e distante das 'mademoiselles' e 'polacas', traduzido pela exploração das mulheres nativa em bordéis e cassino de luxos

02/06/2012 às 19:56



Requinte das "polacas" e o charme das "mademoiselles" francesas, retratadas nos muros de ruas da região central de Manaus pelos alunos do curso de Design da Fucapi

acrítica PLAY



Servidores denunciam desvio de função e corte de refeição em hospitais de Manaus



PROJETO INOVADOR | 7 dias atrás
Estudantes do Colégio Militar de Manaus apresentam 'lixeira educativa' no RS



ASSISTA | 15 dias atrás
Vídeo mostra 'escudo humano', tiroteio e morte de assaltantes de loteria em Manaus

Veja mais vídeos da TV A Crítica »

PUBLICIDADE

MAIS LIDAS



Manaus | 7 dias atrás
Grupo é detido pela polícia por transportar cartazes contra Bolsonaro



Manaus | 4 dias atrás
Wilson Lima venceu em 16 cidades; maior percentual foi em Iranduba



Manaus | 3 dias atrás
Bandidos atiram contra homem na Praça da Saudade e geram tumulto



Manaus Hoje | 3 dias atrás
Homem é executado por grupo armado com pistolas e fuzil no Centro



Manaus Hoje | 1 dia atrás
Caseiro acusado de estuprar a filha dos patrões é preso no Tarumã

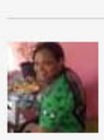
MAIS COMENTADAS



Manaus | 7 dias atrás
Adolescente morre baleado em Vila Olímpica do Santo Antônio e mãe acusa policiais



Manaus | 7 dias atrás
Grupo é detido pela polícia por transportar cartazes contra Bolsonaro



Manaus | 6 dias atrás
Mãe que decapitou bebê de um ano de idade é presa em feira do São José



Manaus | 2 dias atrás
Equipe de transição de Wilson Lima terá nomes de peso; veja quem são



Manaus | 7 dias atrás
Pais de alunos de colégios da PM protestam a favor de cobrança de taxas

PUBLICIDADE

VÍDEOS



Ana Célia Ossame
Manaus

Mostrar que, ao contrário do senso comum, a prostituição em Manaus, no tempo da Belle Epoque, quando a economia da Borracha ditava as normas na vida política, econômica e social da cidade, era formada por não só por mulheres francesas e polonesas, as famosas "polacas", mas principalmente por brasileiras, sendo a maioria amazonenses e pobres, foi uma tarefa empreendida pelo professor de História Paulo Marreiro dos Santos Júnior.

No trabalho de mestrado sobre o tema "Pobreza e Prostituição na Belle Epoque manauara", defendido na Pontifícia Univesidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Paulo mostra que nos bordéis e cassinos de luxo, quem acompanhava os ricos seringalistas nos jogos de cartas, bebedeiras e danças ocorridos nesses locais eram também as mulheres nativas, de origem nortista ou nordestina.

Na dissertação, ele mostra que antes de 1910 as crônicas policiais não retratavam áreas da cidade específicas de concentração de prostitutas. "A partir desse ano, as ocorrências envolvendo meretrizes tiveram duas ruas de destaque: a Itamaracá e a Estrada Epaminondas, com alguns hotéis, bares e botequins, todos equivalentes ao centro da cidade", observou.

Imagem distorcida

Na verdade, segundo ele, foi criada e cristalizada uma imagem das famosas "polacas" das zonas do meretrício, e as "mademoiselles" dos cafés, o que contribuía para aumentar a fama de 'cidade do prazer' tanto no Brasil quanto no exterior. "Falava-se das famosas 'francesas' que arruinavam, em algumas noites, seringalistas, proprietários de casas aviadoras, políticos, oficiais de altas patentes", disse, lembrando que havia também um mundo de prostituição que habitava as sombras das ruas, das moradas precárias, dos cortiços e das vilas operárias.

Nos registros da imprensa, Paulo descobriu que havia mulheres de outros Estados e até estrangeiras atuando no chamado "baixo meretrício", depreciadas com adjetivos do tipo "marafonas, meretrizes, mariposas", que sem ganhar o suficiente para o sustento, eram obrigadas a furtar alimentos.

O pesquisador, que leciona no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifam) do município de Presidente Figueiredo (a 107 quilômetros de Manaus), cita ainda que, dos recôncavos da Europa vieram se prostituir em Manaus romenas, portuguesas, espanholas e italianas, além de russas, turcas; sulamericanas da Bolívia e Peru; africanas e barbadianas.

PUBLICIDADE

Elas estavam ainda mais à mercê da violência masculina, desprotegidas nas esquinas, ruas, praças, botequins e bilhares, onde atendiam aos segmentos populares, cita o pesquisador, que encontrou várias notícias na imprensa local da época registrando quando eram despejadas por seus inquilinos. Algumas eram retratadas pelo redator como desiludidas com a cidade, sendo que algumas voltavam para sua terra natal ou seguiam caminho às vezes para morte, por meio de suicídio.

Ao finalizar, Paulo diz que o objetivo da pesquisa foi mostrar as outras prostitutas na Manaus da época da borracha, assim como os outros ambientes - vistos como sórdidos - frequentados por homens de fora da órbita dos barões da borracha. Para o mestre, com suas histórias e tragédias, essas mulheres denunciam o outro lado do fausto da borracha esquecido ou abafado pelo glamour de uma época marcante da sociedade amazonense.

Velhos cenários pintados em muros

O cenário de degradação urbana, prostituição e tráfico de drogas visível hoje nas ruas Governador Vitório, Frei José dos Inocentes, Bernardo Ramos, Itamaracá e Sete de Setembro, no Centro, em nada lembra o esplendor da chamada Belle Epoque, quando "barões da borracha" moravam ou se divertiam na região com as prostitutas francesas e polonesas, as famosas "polacas".

Fazendo o resgate desse passado, alunos do curso de Design da Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi), com o apoio da Manaus Cult, desenvolveram o projeto "Muros Vivos" e recriaram um pouco daqueles ambientes.

A atividade contou com a participação de 18 alunos e foi coordenada pela professora-mestre em Arte e Design para espaço Público, Brunna Rocha Anchieta. Houve uma pesquisa e análise do local, desde o período colonial até a República, quando os alunos puderam perceber a riqueza histórica e cultural do Centro. Os desenhos mostram uma linha de tempo, que inicia com o Forte de São José do Rio Negro, passa pela presença militar na época, a elevação do Amazonas a categoria de província e o auge da Belle Epoque manauense, sendo finalizado pela boemia do Cabaré Chinelo.

O trabalho de pintura dos muros durou cerca de dez dias e foi finalizado em novembro do ano passado. Durante o trabalho, os alunos eram abordados pelos moradores para conversar, fato ocorrido até com as prostitutas, que no começo eram hostis, mas depois que viram o trabalho tomando forma, vinham conversar também. Uma delas, ao ver os desenhos e entender, chegou a comentar: "Antigamente era bem mais chique, né'", lembrou a professora.

Belle Epoque, Prostituição

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

+ MANAUS



Manaus | 1 mês atrás
Projeto ENEM: Matemática e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás
Projeto ENEM: Ciências Humanas e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás
Projeto Enem: aula #9



Manaus | 1 mês atrás
Projeto Enem: aula #8



Cotidiano | 1 mês atrás
Mídia e saúde pública: a parceria que pode salvar vidas à base da informação

Veja mais vídeos

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Você no Portal
Participe do nosso portal

Fale Conosco
Fale com a nossa equipe

Anuncie
Anuncie no nosso portal

Edição Digital
Assine a versão digital



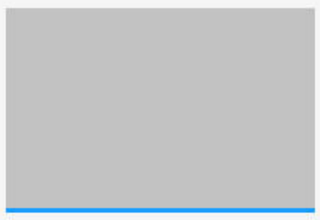
Saiba cuidados para evitar doenças causadas por fumaça



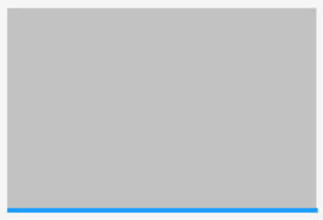
Fumaça intensa oriunda de queimadas cobre Manaus



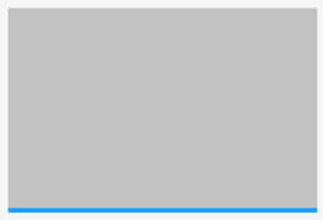
Wilson Lima venceu em 16 cidades; maior percentual f...



Incêndio destrói apartamento no condomínio Mundi,



Com 1 milhão de votos, Wilson é o governador mais vo...



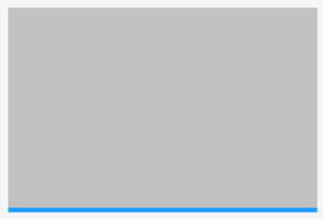
Ponta Negra vira palco de festa pela eleição de Bols...



'Vou continuar lutando pelo cidadão', diz Wilson Lim...



Amazonino Mendes deseja sabedoria e equilíbrio a Wi...



Anamã e Novo Airão conhecem novos prefeitos neste do...

0 comentários Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

PUBLICIDADE

© Copyright 2000-2014 Rede Calderaro de Comunicação S.A.

PUBLICIDADE

MANAUS

MANAUS

Mulheres falam sobre juventude desperdiçada em programas sexuais

Um das personagens, mãe solteira, sem estudos e oportunidade de trabalho, resolveu experimentar a prostituição para sustentar o filho, hoje com 28 anos

04/06/2012 às 07:29



Jaqueline, em frente ao terreno do antigo 'Maria das Patas', diz ter trabalhado no local para sustentar o filho pequeno

Ana Celia Ossame
Manaus

Fazer programas sexuais, dançar e beber. A ordem dos acontecimentos nem sempre era essa nas casas onde funcionavam os prostíbulos, mas eles sempre aconteciam. Quem revela isso é Jaqueline Oliveira, 47, que trabalhou, no início da década de 80 do século passado, no prostíbulo conhecido como "Maria das Patas", situado no bairro de Petrópolis, Zona Centro-Sul. Casada com um vigilante, por ironia do destino os dois estão morando num apartamento situado na obra de um centro educacional existente no local onde funcionava a "casa de programas".

O início da atividade, segundo Jaqueline, foi quando tinha 22 anos de idade e nada de maturidade. Mãe solteira, sem estudos e oportunidade de trabalho, resolveu experimentar a prostituição para sustentar o filho, hoje com 28 anos. Como gostava de se divertir, achou boa a proposta de trabalhar com dona Maria das Patas.

"As mulheres ficavam num salão esperando os homens chegarem para beber e escolher as que queriam para transar", conta ela, que permaneceu nessa atividade por mais de oito anos. "Só era ruim por ter que ficar a noite sem dormir. Eu me sujeitava porque tinha que sustentar meu filho", afirma Jaqueline, que nunca foi maltratada, mas testemunhou esse fato acontecer com colegas.

Belas e cheirosas

Os rendimentos eram bons, segundo Jaqueline, pois a clientela era formada por caminhoneiros, empresários e comerciantes. Havia disputa entre mulheres, que usavam artimanhas para ganhar os clientes.

"Tínhamos que andar bem arrumadas, cheirosas e bonitas", conta ela, que só mantinha relações sexuais com parceiros que usavam preservativos porque naquela época foi o início do aparecimento da Aids, Doença Sexualmente Transmissível (DST) causadora de muitas mortes. "Por medo, eu dispensava os homens que não queriam usar o preservativo", lembra ela, que por conta desse comportamento nunca teve doenças venéreas.

Jaqueline lamenta não ter conseguido dinheiro suficiente para comprar uma casa, mas culpa a si mesma. "Eu só pensava em curtir", disse ela, que tem ainda lembra da proprietária da casa de programa, dona Maria.

PUBLICIDADE

Segundo Jaqueline, que hoje é doméstica, os programas eram feitos em quartos de madeiras situados no terreno da casa dela, que criava patos. Ela nunca esquece o comentário sincero de dona Maria das Patas quando os clientes comentavam sobre os inúmeros animais circulando no

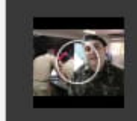
VEJA TAMBÉM

Governo alemão reconhece terceiro sexo além do masculino e feminino

acrítica PLAY




RECLAMAÇÃO | 7 dias atrás
Servidores denunciam desvio de função e corte de refeição em hospitais de Manaus


PROJETO INOVADOR | 11 dias atrás
Estudantes do Colégio Militar de Manaus apresentam 'lixeira educativa' no RS

Veja mais vídeos da TV A Crítica »

PUBLICIDADE

MAIS LIDAS


Manaus | 7 dias atrás
Grupo é detido pela polícia por transportar cartazes contra Bolsonaro


Manaus | 4 dias atrás
Wilson Lima venceu em 16 cidades; maior percentual foi em Iranduba


Manaus | 3 dias atrás
Bandidos atiram contra homem na Praça da Saudade e geram tumulto


Manaus Hoje | 3 dias atrás
Homem é executado por grupo armado com pistolas e fuzil no Centro


Manaus Hoje | 1 dia atrás
Caseiro acusado de estuprar a filha dos patrões é preso no Tarumã

MAIS COMENTADAS


Manaus | 7 dias atrás
Adolescente morre baleado em Vila Olímpica do Santo Antônio e mãe acusa policiais


Manaus | 7 dias atrás
Grupo é detido pela polícia por transportar cartazes contra Bolsonaro


Manaus | 6 dias atrás
Mãe que decapitou bebê de um ano de idade é presa em feira do São José


Manaus | 2 dias atrás
Equipe de transição de Wilson Lima terá nomes de peso; veja quem são


Manaus | 7 dias atrás
Pais de alunos de colégios da PM protestam a favor de cobrança de taxas

PUBLICIDADE

VÍDEOS



dona Maria das Patas quando os clientes comentavam sobre os inúmeros animais circulando no quintal. "Patos são vocês que vêm aqui deixar dinheiro", dizia a dona Maria.

Lembranças de um tempo 'áureo'

Outra que fez muitos programas sexuais na área da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e Itamaracá, inclusive strip-tease em casas de show foi Márcia (nome fictício). A convivência nesses ambientes, segundo ela, a fizeram conhecer pessoas importantes.

Daquele passado, ela fala do luxo e da vaidade mantidos com a prostituição. "Eu era uma mulher muito bonita, curti muito essa vida, dancei, me diverti com advogados, médicos, empresários e garimpeiros, que me davam muito ouro e diamantes", lembra Márcia, que hoje, no entanto, reconhece não ser uma atividade abençoada porque nada conseguiu guardar, além das lembranças.

Márcia chegou a desfilar de topless em um carro alegórico de uma escola de samba famosa no Centro da cidade. Muito vaidosa, só usava roupas de marcas famosas, assim como sapatos de coleções e perfumes importados. "Meu cabelo era lindo, todo arrumado. Eu andava com joias e brilhantes nas ruas, mas nunca fui assaltada", revela Márcia, que esteve no Garimpo de Serra Pelada, no Pará, onde ganhava ouro e pedras preciosas.

No tempo em que trabalhou no Distrito Industrial, levava a roupa de baile para a fábrica e de lá já saía pronta para a "guerra". Das lembranças, cita o amor de um homem que conheceu no garimpo de Arariboia, Porto Velho.

"Ele me encheu de joias, pedra de diamante de muitos quilates, mas eu era muito nova, não quis saber e fui continuar na prostituição", diz ela, que se afastou das casas de programa quando a mãe a viu numa boate e desmaiou. Hoje, evangélica, Márcia lamenta saber que mulheres da época dela ainda está na atividade. "Se pudesse dar conselhos, eu diria que é uma vida da qual nada se tira, a não ser ilusões", finaliza.

Código de postura

No início do século passado, o Código de Posturas do Município trazia orientações a respeito da prostituição, com o objetivo de ocultá-las, mas não erradicá-las inteiramente da sociedade. Um artigo dizia que, sob pena de repressão, a prostituta não deveria expor-se ao público na janela e nem conversar com os transeuntes em via pública.

Cotidiano, sexo, Prostituição, programas sexuais

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



Manaus | 1 mês atrás

Projeto ENEM: Ciências da Natureza e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás

Projeto ENEM: Matemática e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás

Projeto ENEM: Ciências Humanas e suas Tecnologias



Manaus | 1 mês atrás

Projeto Enem: aula #9



Manaus | 1 mês atrás

Projeto Enem: aula #8

Veja mais vídeos

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

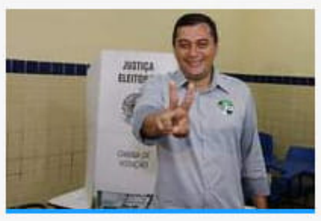
Você no Portal
Participe do nosso portal

Fale Conosco
Fale com a nossa equipe

Anuncie
Anuncie no nosso portal

Edição Digital
Assine a versão digital

+ MANAUS



Wilson Lima é levado para hospital após sentir dormê...



Municípios do AM com baixa cobertura na 2ª dose da t...



Marido esfaqueia mulher após ser impedido de esquart...



Defensoria divulga lista preliminar de candidatos ap...



Homem acusado de cometer roubos a ônibus da linha 50...



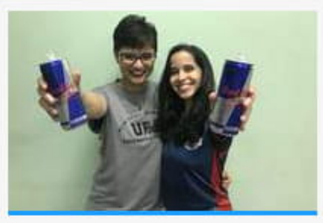
Fundação recebe comitiva do TJAM que estuda viabiliz...



Defensoria faz busca ativa de famílias onde houve fe...



Vegetação pega fogo dentro de cemitério em Manaus



Alunas da UEA representam o Brasil em competição glo...

0 comentários Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

PUBLICIDADE

© Copyright 2000-2014 Rede Calderaro de Comunicação S.A.

Server Error

SERTÃO GONZAGA

100 anos do rei do baião

Curtir 409 | Tweetar | G+





JOGO - Você sabe cantar as músicas do mestre Lua? Consegue identificar as fases da carreira do Rei do Baião? Então teste aqui os seus conhecimentos musicais.



BASTIDORES - A produção da série de reportagem em homenagem aos 100 anos de Gonzagão rendeu muitas histórias e outras tantas imagens. Confira.



BLOG - A cobertura da festa do centenário de Gonzagão diretamente de Exu você acompanha no blog Na casa de Gonzagão. Veja o palco montado para os shows

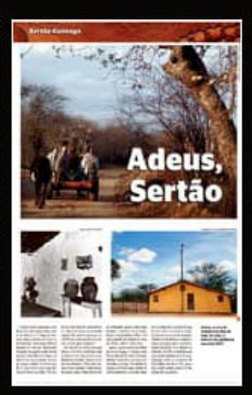


Veja mais vídeos >>

DIARIO DE PERNAMBUCO

Acompanhe a série de reportagens sobre a vida e a obra de Luiz Gonzaga, em comemoração ao seu centenário de nascimento.













TV CLUBE

O eterno Rei do Baião também ganhou uma série de reportagens na TV Clube. Confira aqui!











Como o rei do baião influenciou sua vida?

15 comentários Classificar por **Mais antigos**



Adicione um comentário...



Gerson Souza
Sou pernambucano de Olinda. Migrei para o Rio e hoje estou no Espírito Santo. Tenho uma coleção de quase todos os discos do Luiz gonzaga. Alguns livros. Ouço a rádio Jornal do comércio quase todos os dias. Recentemente assisti ao filme Luiz gonzaga de pai pra filho. Uma obra fidedígna da vida deste Patrimônio da cultura nordestina. No mesmo nível de Oscar Niemayer, Tom Jobim, Chico Buarque, Roberto Carlos, Juceslino Kubischeky, Chico Anísio, Aleijadinho, entre outros...
Curtir · Responder · 5 a

Juca Lemos Lemos
Continuando Gerson, Lula, Ariano Suassuna...
Curtir · Responder · 5 a



Anderson Couto
Parabéns pela reportagem, relata o verdadeiro espírito que o Rei Lua viveu e sempre levou o Nordeste no coração e na voz
Curtir · Responder · 5 a



Miguel Alves Neto Amorim
" Saudades de Rei do Baião, num é só isso não é um chão ardendo em brasa é Luis rei do Sertão, é a poesia é a rima é a música cantada e declamada é a luta dum povo corajoso é a saudade que a 100 anos já se passa". Viva Lula o Rei do Baião.
Curtir · Responder · 5 a



Fabio Francão
saudades do gozagão!!!!!! fábio emanuel estância/se fsilveiraoliveira@bol.com.br
Curtir · Responder · 2 · 5 a



Geraldo Maia
Muita saudade, deste grande pernambucano, que tornou-se o Rei do Baião!
Curtir · Responder · 5 a



Urbano Silva
Meu primeiro contato com a música de Gonzaga foi em 1977. Eu era um garoto de 7 anos de idade e ouvi na radiola da minha casa o compacto com o episódio de "Samarica Parteira". Me emocionei com a originalidade sertaneja que me transportava ao sertão dos meus avós e onde meus pais foram criados. Desde então pesquiso sobre a vida e obra de Gonzagão. Por uma década trabalhei na Fundação de Cultura de Caruaru, conheci Joquinha Gonzaga, Edelzuíta Rabelo e Dominguinhos, pessoas do coração de seu Luiz. Me formei em história e hoje, parabenizo o Diário pela sensibilidade em homenagear e descrever o nosso eterno Rei do Baião! E viva Gonzagão.
Curtir · Responder · 5 a



Evangelista Claudio Roberto
Muitas lembranças do meu tempo de quadrilha junina...só dava Lula
Curtir · Responder · 5 a



Luiz Gonzaga Gonzaga
Eu sou de Bezerros PE me criei ouvindo minha mãe cantado a musica Asa Branca de Luiz Gonzaga. Sabe o que aconteceu? meu nome para sempre é (Luiz Luiz Gonzaga Gonzaga) Duas coisas que fizeram minha mãe colocar o meu nome de Luiz Gonzaga .Primeiro ela era muito catolica e seu santo de devoção era São Luiz Gonzaga. e compretou ela gostava muito das musicas de Luiz Gonzaga o Rei do baião. Eu vou ser Luiz Gonzaga para sempre.
Curtir · Responder · 5 a



Tom Santos
Comecei a curti o KUIZ gonzaga em 2 musicas, a primeira é uma estoria qu ele narra de um parto nao sei o nome da musica mas a parteira chama samarica. A segunda musica é a triste realidade do Nordestino nos anos 60,70, que ela narra a TRISTE PARTIDA, e desta forma comecei a parabenizar seus trabalhos, de DOM e Talento.
Curtir · Responder · 5 a

Carregar mais 5 comentários

Plugin de comentários do Facebook

EXPEDIENTE
Diretora de redação: Vera Ogando | Edição: Lydia Barros | Reportagem e produção: Carolina Santos
Coordenação de fotografia: Heitor Cunha | Fotografias: Blenda Souto Maior/DP/D.A Press e Arquivo DP
Produção, Design e Desenvolvimento: Bosco

Quilombolas aguardam pela delimitação de território para serem reconhecidos

16/03/14 | Equipe Online - online@jcruzeiro.com.br



A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras - Fábio Rogério

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

A comunidade remanescente do quilombo Os Camargo aguarda há 14 anos por uma documentação que permitirá aos descendentes de José Joaquim de Camargo serem incluídos nas políticas públicas nacionais. Nos processos que envolvem reconhecimento de comunidades quilombolas, existem seis peças técnicas para a conclusão de um Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), que podem ocorrer concomitantemente. Os Camargo afirmam já ter conseguido a maior parte dos documentos e que a única coisa que falta para garantir seus direitos é a delimitação do território. "Mas agora está parado no Incra", reclamam João Fernandes e os primos Edson Correa e Luiz Carlos Batista de Camargo. A comunidade reivindica a posse de parte de terras em Sorocaba, Votorantim, Salto de Pirapora, Piedade, Sarapuí e Araçoiaba da Serra, num total de 84 mil alqueires de extensão.

Em Votorantim, entre as áreas que pertencem aos descendentes de José Joaquim de Camargo está o bairro Votocel, onde até os dias atuais vive ali uma comunidade quilombola. Outros familiares moram um pouco mais afastados, na estrada que dá acesso a Piedade. Em Sorocaba, a área que pertence aos Camargo compreende o local onde estão instaladas a UFSCar e a Universidade do Cavalo.

Os descendentes possuem uma escritura datada de 2 de novembro de 1874 comprovando que José Joaquim de Camargo comprou aquelas terras do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar ao preço de 400 mil réis. A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras.

Conforme o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), a documentação ainda não foi emitida porque até o momento, as informações prestadas pela comunidade Os Camargo são insuficientes para se delimitar o território quilombola, tanto no que se refere à ocupação histórica quanto à área que está sendo reivindicada.

O Incra afirma que tem buscado, por meio de reuniões e conversas com a comunidade, levantar esses dados para dar continuidade ao processo de reconhecimento da área, mas depende das informações da comunidade (autodeterminação). Uma nova reunião com o grupo deve ocorrer em breve com a finalidade de resolver a questão. A data não foi divulgada.

Preocupada com a demora dos documentos, a comunidade Os Camargo se reuniu com o deputado Hamilton Pereira (PT) no começo do ano para pedir ajuda com relação à agilidade desse processo. O deputado afirma que assumiu o papel de intermediário nos entraves burocráticos, tentando acelerar o processo. No início de março, o parlamentar esteve no Incra, em São Paulo, para tratar do assunto e a informação é que, pela complexidade do caso, será realizado um fórum ampliado com as comunidades da região e os órgãos nacionais, como o Incra, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e a Fundação Palmares, entre outras entidades que possuem relação com o tema. Ainda não há uma data, mas foi sinalizado que possa ocorrer entre o final de abril e início de maio deste ano. Assim que for definida a data, o deputado se comprometeu a ajudar na articulação do local.

0 comentários
Classificar por Mais antigos
Adicione um comentário
Plugin de comentários do Facebook

ÍNDICE DA EDITORIA

Veja agora como está o trânsito em Sorocaba
ENVIE SUAS INFORMAÇÕES 15 99789-3913

ESPAÇO DO LEITOR
você fazendo a notícia.
ENVIE-NOS SUA FOTO, TEXTO OU VIDEO.

Jornal Cruzeiro do Sul
280.736 curtidas
Curtir Página | Enviar mensagem
693 amigos curtiram isso

CRUZEIRO DO SUL

Atual, como a notícia.

FUNDAÇÃO UBALDINO DO AMARAL

www.fua.org.br

EDITORIAS

Sorocaba & Região
Brasil
Opinião
Exterior
Cultura & Lazer
Esportes
Economia

LINKS

Cruzeiro FM
Portal do cliente
Mídia Kit
Trânsito
Colégio Politécnico

COLUNAS

Presença
Canal Zapp
Guia Saúde
Outro Olhar
Letra Viva
Informação Livre
Educare

Jornal Cruzeiro do Sul © Direitos reservados

Filiado: ANJ Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br APJ Associação Paulista de Jornais

Descendentes de escravo mostram como era feito o Caminho dos Negros

23/03/14 | Equipe Online - online@jcruzeiro.com.br



Santuário Nossa Senhora dos Remédios - Emidio Marques

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

Percorrido a pé, de carroça, a cavalo ou carro de boi pelos escravos, pelos alforriados e, mais tarde, os libertos pela Lei Áurea, o percurso feito pelos negros em Sorocaba e região, principalmente pelos parentes de José Joaquim de Camargo, está sendo traçado pela família como forma de resgatar a história de seu povo e também delimitar seu território. A ideia é que o Caminho dos Negros, futuramente, transforme-se em um roteiro turístico-cultural, para perpetuar esse registro.

O Caminho dos Negros parte de Sorocaba, passa por Araçoiaba da Serra, segue até Sarapuí, passa por Salto de Pirapora, Piedade e termina em Votorantim, na divisa com Sorocaba. E poderá contar com o apoio da Fundação Cultural Palmares. "Soube que a comunidade está desenvolvendo esse projeto. É algo que está em formulação, mas assim que eu receber a proposta pretendo encaminhar para Brasília, onde é a sede da Fundação, para que lá tenham conhecimento e analisem a possibilidade de parceria. Pode ser oferecido apoio inclusive de recursos", disse o chefe da representação regional da Fundação Cultural Palmares de São Paulo, Michel Yakini.

Yakini informou que já está marcada uma reunião com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para abril, para tratar das questões do quilombo Os Camargo, como são conhecidos os descendentes de José Joaquim de Camargo. "Iremos ajudar nesse diálogo. A única pendência é a titulação junto ao Incra, se for possível em breve a gente terá boas notícias".

Conforme registrou a reportagem publicada no domingo passado, dia 16 de março, pelo Cruzeiro do Sul, a comunidade remanescente de quilombo Os Camargo aguarda há 14 anos por uma documentação que permitirá aos descendentes do ex-escravo serem incluídos nas políticas públicas nacionais. Trata-se do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), emitido pelo Incra, e que garante à família os seus direitos. Para ter em mãos esse documento, Os Camargo já passaram por uma série de etapas e agora estão na dependência de que o órgão realize a delimitação de seu território.

Histórias sobre terras, esconderijo e padres

Desde menino ele ouvia seu avô falar sobre terras e esconderijo de escritura, quase como se fosse uma lenda. Pelo menos para ele era assim pois duvidava de seu avô e desconfiava inclusive que ele estivesse caducando. Afinal, como é que um negro que tinha sido escravo poderia ser dono de terras? E se eles eram donos de terras, como é que estavam pobres? Esse assunto ficou na cabeça de Edson Correa durante anos, até que um dia resolveu comentar com uma estudante de Direito sobre esses relatos de seu avô. O fato que não se encaixava na cabeça de Edson era essa tal escritura estar no "cartório dos padres", como falava seu avô. A estudante logo concluiu que tratava-se da Cúria Diocesana. E lá estava o documento: uma escritura datada de 2 de novembro de 1874 comprovando que José Joaquim de Camargo (tataravô de Edson) havia comprado terras do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar ao preço de 400 mil réis. A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras.

Como ele teria comprado? Edson explica que seu tataravô era um escravo alforriado, por isso recebia um pagamento por seus serviços. Esse dinheiro ele guardou e comprou as terras, que naquela época não eram muito caras. "Acontece que a família foi orientada a guardar o documento porque correria o risco de perder a posse das terras. Imagina se não iriam tirar das mãos dos negros, como realmente aconteceu. Então esse documento foi mantido em local seguro, pois um dia iria ficar para os descendentes", explica Edson, que começou a entender melhor sua própria história quando encontrou o documento e teve contato com outros parentes, histórias que foram juntadas e por fim completaram o quebra-cabeças.

ÍNDICE DA EDITORIA

Veja agora como está o trânsito em Sorocaba
ENVIE SUAS INFORMAÇÕES 15 99789-3913

ESPAÇO DO LEITOR
você fazendo a notícia.
ENVIE-NOS SUA FOTO, TEXTO OU VIDEO.

Jornal Cruzeiro do Sul
280.736 curtidas
Curtir Página | Enviar mensagem
693 amigos curtiram isso

Mesmo de posse da escritura, a luta continua. "Chegaram a me oferecer R$ 200 milhões pra vender a escritura", conta Edson, que não aceitou e se uniu aos primos João Fernandes e Luiz Carlos Batista de Camargo, entre outros parentes, para reivindicar a posse das terras, um total de 84 mil alqueires de extensão.

A última matéria da série sobre o Quilombo Os Camargo será publicada na edição do próximo domingo, dia 30.

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário

Plugin de comentários do Facebook

EDITORIAS

Sorocaba & Região
Brasil
Opinião
Exterior
Cultura & Lazer
Esportes
Economia

LINKS

Cruzeiro FM
Portal do cliente
Mídia Kit
Trânsito
Colégio Politécnico

COLUNAS

Presença
Canal Zapp
Guia Saúde
Outro Olhar
Letra Viva
Informação Livre
Educare

Jornal Cruzeiro do Sul © Direitos reservados

Filiado: ANJ Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br APJ Associação Paulista de Jornais

Falta de indícios oculta vestígio de negros

30/03/14 | Equipe Online - online@jcruzeiro.com.br



Restos de antiga carroça do tempo dos escravos - ALDO V. SILVA

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro. com.br

Documentos queimados, invasões de territórios, expulsões, ameaças. Os negros sabiam da dificuldade que enfrentariam ao serem proprietários de terras, mas quando ganhavam um pedacinho de chão de seu "sinhô" ou mesmo conseguiam comprar parte de terras que pertenciam a seus donos, faziam o que estava ao seu alcance para garantir esses direitos às futuras gerações. Com o tempo, os vestígios de suas histórias foram sendo apagados, as senzalas destruídas, algumas prefeituras, câmaras e cartórios sofreram incêndios e assim grande parte do conhecimento do povo afrobrasileiro deve-se aos relatos orais, passados de geração em geração.

Vivem, ainda nos dias de hoje, marcados e com medo.

Os descendentes do escravo alforriado José Joaquim de Camargo são receosos e desconfiados, e confessam que temem morrer. Eles sabem que estão mexendo com "muita gente importante". Já receberam proposta para vender a escritura de suas terras e também já ouviram alguns "alertas", para pararem com isso. "Querem encobrir a nossa história", desabafa Luiz Carlos Batista de Camargo, bisneto do escravo alforriado.

A família conta que é difícil, mas está unida e quer que pelo menos sua história seja conhecida. Se não é possível resgatar a história de todos os negros, eles sabem que essas peças que a família está juntando podem representar a luta de seu povo, já que o que estão passando não é diferente do que muitos já vivenciaram.

Luiz Carlos conta que enquanto seu bisavô era vivo todo mundo respeitava suas terras, mas depois é que as invasões começaram, e por consequência o apagão histórico. "As pessoas foram ficando, ganhando posse e vendendo essas posses, muitas delas já passaram para mais de 10 proprietários", conta Luiz.

A sorte da família foi acreditar nas histórias contadas de geração em geração e por fim terem encontrado a escritura na Cúria Diocesana, bem guardada, graças à orientação que o escravo alforriado havia recebido.

Longa pesquisa

A família Camargo levou anos pesquisando, indo de cidade em cidade, visitando cartórios, em busca de informações e documentos. Conseguiu juntar muita coisa, mas outro tanto ficou perdido, já que muitos papéis viraram cinzas. "Minha avó por parte de mãe também era descendente de escravo, mas não conseguimos reunir informações porque pegou fogo no local onde eram guardados os documentos em Angatuba", relata Luiz.

Por conta dessas questões, os descendentes do escravo alforriado José Joaquim de Camargo conhecem muitas histórias sobre sua família, algumas facilmente comprovadas com documentos, como por exemplo a escritura datada de 2 de novembro de 1874, quando o negro considerado de confiança conseguiu comprar, por 400 mil réis, uma parte das terras de propriedade do seu sinhô, o capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar.

Outros relatos já são mais complicados de provar, pois não constam em lugar algum, como por exemplo o fato de ter muito dinheiro escondido nas terras da região, a questão dos escravos reprodutores e uma das poucas senzalas da região que estaria em uma propriedade em Salto de Pirapora. "Obter esse tipo de comprovação demanda tempo e dinheiro e ninguém tem interesse em financiar uma coisa como essas. Quem estuda história em Sorocaba e região faz por amor mesmo porque não existe interesse econômico", observa o professor e pesquisador da história regional e dos negros, Carlos Carvalho Cavalheiro. É por esses mesmos motivos - financeiro e também de pesquisa histórica - que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) não consegue terminar o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), que garantirá à família os seus direitos.

ÍNDICE DA EDITORIA

Veja agora como está o trânsito em Sorocaba
ENVIE SUAS INFORMAÇÕES 15 99789-3913



ESPAÇO DO LEITOR
você fazendo a notícia.
ENVIE-NOS SUA FOTO, TEXTO OU VIDEO.

Jornal Cruzeiro do Sul
280.736 curtidas
Curtir Página | Enviar mensagem
693 amigos curtiram isso

Carências no caminho

De acordo com a antropóloga Paula Elaine Covo, analista em reforma e desenvolvimento agrário do Incra e que está acompanhando o processo dos quilombolas representados pela família Camargo, não é possível estabelecer um prazo para a finalização do RTID. "Começamos os levantamentos antropológicos, fizemos alguns levantamentos para fazer a planta do território, demos uma olhada na situação documental e cartorial deles, mas tem várias situações que causam essa demora", explica.

Entre essas situações, a primeira, afirma Paula, é que o Incra não está conseguindo obter informações consistentes. "Tem alguns detalhes um pouco confusos que precisam ser conversados com a comunidade. Existe um trabalho de campo a ser feito e de escritório, não é questão de simplesmente juntar documentos. Essa é uma impressão errada que as pessoas têm do nosso trabalho", diz.

Paula argumenta que esse procedimento é naturalmente demorado. "É muito minucioso, além disso existem algumas situações próprias do funcionamento do setor público. Nós não temos os recursos o tempo todo, do jeito que a gente quer. Às vezes não temos oportunidade de nos deslocarmos a campo, temos de esperar orçamento para fazer algumas coisas", conta.

Sempre no início do ano, afirma Paula, os funcionários do Incra não têm como fazer muito trabalho de campo. "Por dependermos do repasse de verbas. E nós não temos apenas Os Camargo, temos 48 processos na superintendência. Cada um é um problema, temos muitos problemas e questões a serem vistas e equipe pequena", desabafa.

Reflexos da senzala

Morar em um lindo casarão, com 12 cômodos e muito espaço para brincar. Que criança não gostaria de viver em um local como esse? Luiz Carlos Batista de Camargo e sua irmã Neri contam que adoravam. No quintal tinha um enorme pau de madeira, onde tapavam o rosto para contar até 10 e sair atrás dos outros, que estavam escondidos. Mal sabiam que era um tronco onde muita gente já tinha apanhado.

Também era comum as crianças brincarem entre correntes e algemas, maiores e mais grossas que as da polícia. Sabiam que ali tinha sido uma senzala no passado, algo que para eles soava bem distante. Por serem brancos, nunca desconfiaram que bem ali, o seu bisavô tinha vivido durante anos como escravo.

Quando cresceram um pouco seu pai começou a contar as histórias da família, mas ninguém sabia que aquele pedaço de chão, em que viviam de favor, era propriedade deles. Isso porque não havia documentos. Tinham, então, de dividir o espaço com outras duas famílias, também de trabalhadores da fabricante de cimentos Votoran.

Em Salto de Pirapora ainda está preservado um casarão da época dos escravos, e conforme Luiz é semelhante a esse que ele nasceu. O casarão está em uma propriedade situada no bairro dos Pires, e é muito conhecido naquela região por ainda manter ali uma senzala. A reportagem foi até o local e viu o casarão antigo, que provavelmente teria sido a residência do sinhô. Ao lado há um anexo que hoje é usado para guardar ferramentas. Os descendentes de José Joaquim de Camargo dizem que ali era uma senzala, mas usada para a reprodução de escravos. A senzala dos trabalhadores, não se sabe se está num local mais afastado dentro da propriedade ou se foi demolida. "Esse casarão foi dos Pires de Camargo, que tinham grau de parentesco com a gente, mas eles venderam suas terras", explica Luiz.

Entre os diversos relatos sobre as histórias dos negros que conhece, Luiz conta que Salto de Pirapora era um local onde ocorreu muita reprodução de escravos.

Prática da reprodução

Luiz conta que seu bisavô mesmo era um escravo reprodutor. "Com o fim do tráfico de escravos, os senhores obrigavam os negros a se reproduzirem. O senhor que escolhia os parceiros. Às vezes a senzala já tinha casais formados, mas se o senhor mandava, a escrava tinha de se deitar com outro, o que gerava muita tristeza".

O relato faz sentido. De acordo com pesquisas históricas, houve uma série de leis publicadas a partir de 1850 voltadas à inibição do tráfico, inclusive entre províncias, mas com o aumento das lavouras, os proprietários precisavam de mais escravos. A prática da reprodução foi comum e perdurou até depois da Lei do Ventre Livre, de 1871, que considerava livre todos os filhos de escravas nascidos a partir da data da lei. Isso aconteceu porque era permitido aos senhores cuidar das crianças até os 21 anos e assim teriam mão de obra de graça até essa idade. "Meu bisavô teve muitos filhos antes do casamento. Ele era alforriado mas obedecia o patrão. Soube de uma história que certa vez ele teve de levar crianças para vender e tinha filhos dele ali junto e as crianças foram tudo chorando", conta Luiz.

José Joaquim de Camargo era de muita confiança do capitão Jesuíno. "Ele era capataz e era ele quem comprava e vendia escravos. Ele também surrava os escravos mandado pelo senhor, se não fizesse isso era punido".

Pedreira na propriedade

Como era alforriado, José Joaquim recebia por seus serviços e guardava as economias com o propósito de comprar terras. Conseguiu, mas tudo foi tirado da família. "Faz uns 70 anos que uma pedreira arranca pedras da nossa propriedade. Somente no ano passado o faturamento foi de cerca de 4 bilhões, enquanto nós estamos com parentes sem casa, outros vivendo em barraco e se sustentando através da reciclagem", lamenta Luiz, que reclama da demora do Incra em emitir o RTID.

Na reportagem anterior, publicada no domingo passado, dia 23, foi publicado que João Fernandes, tataraneto de José Joaquim de Camargo, disse que seu parente teria ajudado na construção da Capela da Penha, no entanto a informação saiu incorreta. A Capela da Penha foi construída com mãos escravas, mas não pelo escravo proprietário daquelas terras.

Uma nova informação divulgada na sexta-feira para a reportagem dará continuidade à série de matérias, que terminaria este domingo, porém se estende até o dia 6 de abril.

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**



Adicione um comentário

Plugin de comentários do Facebook

CRUZEIRO DO SUL

Atual, como a notícia.

FUNDAÇÃO UBALDINO DO AMARAL

www.fua.org.br

EDITORIAS

Sorocaba & Região
Brasil
Opinião
Exterior
Cultura & Lazer
Esportes
Economia

LINKS

Cruzeiro FM
Portal do cliente
Mídia Kit
Trânsito
Colégio Politécnico

COLUNAS

Presença
Canal Zapp
Guia Saúde
Outro Olhar
Letra Viva
Informação Livre
Educare

Jornal Cruzeiro do Sul © Direitos reservados

Filiado: ANJ Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br APJ Associação Paulista de Jornais

Estado de São Paulo tem apenas seis comunidades quilombolas tituladas

06/04/14 | Equipe Online - online@jcruzeiro.com.br



A igreja do bairro foi construída por mão de obra escrava e atrás dela era um cemitério - Aldo V. Silva

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

Dados da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) divulgam que o Estado possui 79 comunidades apontadas como remanescentes de quilombos, incluindo as relacionadas pela Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone), entidade ligada à diocese de Eldorado. No entanto, até o momento 28 foram reconhecidas como remanescentes e apenas seis estão tituladas. Desde 2007, há sete anos, a situação permanece a mesma. Na região de Sorocaba, nenhuma das sete comunidades conseguiu a titulação ainda. A que está em processo mais avançado é a do Cafundó, em Salto de Pirapora, que obteve o reconhecimento, porém a titulação ainda não saiu. A titulação garante a propriedade das terras, o acesso às políticas públicas e demais direitos.

Em Sorocaba e Votorantim, a família do escravo alforriado José Joaquim de Camargo, do quilombo Os Camargo, já teve iniciado o relatório antropológico e o levantamento para fazer as planta do território, mas a falta de recursos financeiros e de pessoal tem causado a demora, conforme informou a antropóloga Paula Elaine Covo, analista em reforma e desenvolvimento agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) na semana passada.

A família Os Camargo reivindica a propriedade de parte de terras em Sorocaba, Votorantim, Salto de Pirapora, Piedade, Sarapuí e Araçoiaba da Serra, num total de 84 mil alqueires de extensão. Os descendentes possuem uma escritura datada de 2 de novembro de 1874 comprovando que o escravo alforriado José Joaquim de Camargo comprou aquelas terras do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar ao preço de 400 mil réis. A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras.

As lutas pelas terras são feitas de forma organizada e as responsabilidades divididas em três associações: a de Votorantim, Sorocaba e Salto de Pirapora. Eles sabem que a maioria das terras hoje estão ocupadas e que será impossível reavê-las, mas querem o reconhecimento histórico e as respectivas indenizações.

ÍNDICE DA EDITORIA

Veja agora como está o trânsito em Sorocaba
ENVIE SUAS INFORMAÇÕES 15 99789-3913

ESPAÇO DO LEITOR
você fazendo a notícia.
ENVIE-NOS SUA FOTO, TEXTO OU VIDEO.

Jornal Cruzeiro do Sul
280.736 curtidas
Curtir Página | Enviar mensagem
693 amigos curtiram isso

Os Camargo estão enfrentando a mesma dificuldade das outras comunidades: a morosidade do processo. Eles contam que primeiro a documentação ficou parada durante oito anos no Itesp. Quando o governo passou a responsabilidade pelo processo de reconhecimento das comunidades quilombolas para o Incra, em 2003, Os Camargo esperavam ter o problema solucionado de forma mais rápida, no entanto ainda aguardam a regularização de sua situação. No quadro que mostra as comunidades tituladas, as seis titulações têm como órgão expedidor o Itesp. Apenas uma titulação no Estado de São Paulo foi expedida pelo Incra, é aliás uma segunda titulação, ou seja, o processo todo já estava pronto.

Região sudeste está esquecida

As comunidades quilombolas reclamam que São Paulo é o Estado com menor número de titulações, com processos parados há anos. Para eles, a região sudeste está esquecida. Esse desabafo foi feito durante uma reunião realizada na terça-feira passada, dia 1º de abril, na sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e que contou com a presença de membros do Incra, da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), da Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (Conaq), representantes do Ministério Público Federal, Ministério Público Estadual, da Subcomissão de Quilombos do Estado de São Paulo, vinculada à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado, e principalmente da procuradora regional da república Maria Luiza Grabner.

Edson Correa e João Fernandes, da comunidade Os Camargo, participaram da reunião e contam que gostaram muito de ouvir o depoimento da procuradora, que acompanha a luta quilombola há mais de dez anos. "Ela disse que via com muita apreensão as mesas que estão sendo montadas para discutir as questões dos quilombos porque temia que acontecesse aqui o mesmo que presenciou em Brasília", disse João.

Em uma visita a Brasília, a procuradora se surpreendeu ao encontrar processos parados, fazendo um caminho burocrático que não estava seguindo as normas do Incra, mas sim rodando em outras mesas. "A procuradora disse que estava acompanhando essas questões em nível nacional e que ao ver o que estava acontecendo em Brasília, o Ministério Público entrou com ações para agilizar documentos do Incra que estavam parados", afirma João.

Edson, que também estava presente, lembra que a procuradora chegou a citar que a verba do Incra está diminuindo ano a ano porque como o serviço está parado, para o governo isso mostraria que não tem demanda, então consequentemente não está precisando de verba. "Ela também disse que enquanto isso essas pessoas estão precisando de escola, saúde, e então a procuradora sugeriu ao Incra que o órgão teria de defender a posse quilombola antes de sair o RTID [Relatório Técnico de Identificação e Delimitação] pra gente já ir conseguindo esses direitos".

Apesar da demora nos processos quilombolas em todo o Brasil, a procuradora disse durante a reunião que reconhece que em São Paulo a situação está mais morosa. "A doutora Maria Luiza disse que o Incra está resolvendo as questões mais fáceis primeiro. Ela disse que como o órgão é cobrado e precisa dar uma resposta, eles vão titulando as áreas mais fáceis e deixando as outras para trás", complementa Edson.

A procuradora, ainda segundo Edson, deixou bem claro a todos os que estavam presentes que essa seria uma "visão dantesca de uma política que está afundando" e que não está sendo feito nada para poder resgatá-la. "Nós sentimos que ela está com a gente. Ela ainda questionou a mesa de debates, perguntou se essa mesa regional iria andar, sendo que nacionalmente as coisas não estão funcionando".

Edson e João recordam terem ouvido a procuradora falar que o quilombo do Carmo, em São Roque seria uma das prioridades e que ela iria acompanhar. "Ela ainda se colocou à disposição pra ajudar o Incra", disseram, esperançosos em também ter sua situação resolvida.
A reportagem tentou entrevista com a procuradora, mas conforme sua assessoria, Maria Luiza estava em reunião.

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

Jornal Cruzeiro do Sul © Direitos reservados

Filiado: ANJ Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br APJ Associação Paulista de Jornais

Caminhoneiros trocam rebite pela cocaína para trabalhar mais

Correio do Povo mostrará a situação dos "zumbis do volante"



Acidentes envolvendo caminhões ocorrem por falha humana, principalmente por conta da fadiga | Foto: Mauro Schaefer

0 Comentários | Correio do Povo

A cocaína se transformou no novo "estimulante" dos caminhoneiros que trafegam pelas rodovias brasileiras. Estudos comprovam que os profissionais estão trocando a anfetamina pelo pó na ilusão de que poderão suportar por mais tempo as longas jornadas de trabalho, que muitas vezes se estendem por mais de 16 horas. Levantamento da Universidade de São Paulo (USP) e de instituições ligadas ao trânsito mostram que pelo menos 33% dos motoristas de caminhão utilizam entorpecentes para cumprir a carga horária. O Correio do Povo inicia uma série de reportagens, que se estende até quarta-feira, mostrando a situação dos "zumbis do volante".

• Motorista admite uso de cocaína para evitar o risco de perder prazos

Dados de pesquisa feita pela USP com caminhoneiros que circulavam pelas rodovias federais do Rio e de São Paulo indica que de 308 profissionais entrevistados, 10 (3,5%) usavam cocaína. Já pesquisas da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte Terrestre mostram que 75% dos acidentes envolvendo caminhões ocorrem por falha humana, principalmente por conta da fadiga e, em alguns casos, é possível comprovar que o motorista estava sob o efeito de alguma substância ilegal.

Um dos acidentes ocorridos em solo gaúcho vitimou o jornalista Paulo Ferreira, o Paulão, e o cinegrafista Ezequiel Barbosa, da TV Bandeirantes, que em 2012 morreram atingidos por um caminhão, na ERS 122, em Farroupilha. **Testes de laboratório** comprovaram a existência de **anfetamina no organismo do caminhoneiro**.

Equipes do Correio do Povo e da TV Record/RS percorreram 2.258 quilômetros entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina e trafegaram pelas rodovias com maior circulação de caminhões. Em cinco dias, os repórteres vivenciaram a degradação e as dificuldades por que passam esses profissionais e as pessoas que vivem no entorno. Nesta segunda-feira, os telejornais da Record também exibirão a reportagem.

Traficantes usam coca como engodo



Os caminhoneiros estão substituindo a anfetamina pela cocaína gradativamente, sem perceber o risco ainda maior que correm. Esta troca de substâncias tem explicações em uma espécie de estratégia aplicada pelos traficantes. Um caminhoneiro, que se identificou apenas como Juarez, 51 anos, aceitou falar com o **Correio do Povo** sob a condição de que não fosse fotografado. Enquanto jantava em Itajaí (SC), em um restaurante anexo ao posto de combustível onde havia estacionado o caminhão, ele se dizia contra o uso de tóxico ao volante. "Nunca usei isso (droga)", garante o homem, que é natural da cidade de Bonito (MS).

Os motoristas são levados a acreditar que a cocaína deixa a pessoa acordada por mais tempo do que a anfetamina. "Eles chegam a dizer que o pó pode fazer com que o caminhoneiro fique 90 horas dirigindo e estas pareçam mais curtas, evitando o cansaço", conta Juarez, com 20 anos de profissão.

"Não critico quem consome essa droga, mas acho uma judiaria o que fazem com o próprio organismo", lamenta. A diferença no preço faz parte da tática dos traficantes para atrair os consumidores. Uma buchinha, com cerca de um grama de cocaína, custa entre R$ 15,00 e R$ 20,00. Já a cartela de rebite, com oito a dez comprimidos, é vendido por R$ 60,00. Para Juarez, no final, o caminhoneiro paga quase a mesma coisa. "Fica apenas a ilusão de que com uma ou duas buchinhas irá mais longe", observa.

Busca

Últimas Notícias

00:13 Condenado à morte nos EUA é executado na cadeira elétrica

23:34 Brasil vence confronto direto com o Juventude e se afasta do Z4

22:40 Conmebol antecipa julgamento da semifinal da Libertadores

22:22 Polícia Federal investigará interferência na apuração da mor...

22:03 Feira do Livro tem abertura com emoção e poesia

Assine

Anuncie

Colegas de profissão de Juarez concordam que a migração do rebite para a cocaína se dá muito mais em função da dificuldade de conseguir a droga, principalmente no Rio Grande do Sul. O rebite, que nada mais é do que um remédio para emagrecer, mas que teve as vendas controladas nas farmácias, quando não proibidas, faz com que a droga seja mais fácil de conseguir em cidades portuárias ou situadas na zona de fronteira. A cocaína pode ser comprada à beira da rodovia ou até mesmo pelo serviço de tele-entrega.

Textos dos repórteres Paulo Roberto Tavares e Cíntia Marchi.

SHARE

TAGS » **Trânsito, Drogas, Estradas, Geral, Cocaína, Caminhão**

0 comentários

Classificar por **Mais recentes**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

NOTÍCIAS
Jornal com Tecnologia
Economia
Ensino
Mundo
Polícia
Política
Rural
Viva Bem

ESPORTES
Grêmio
Inter
Futebol
Outros Esportes

ARTE & AGENDA
Cinema
Exposição
Gente
Literatura
Moda
Música
Teatro
TV

IMPRESSO
Entrar
Assine
Central do Assinante

BLOGS
Bicho Amigo
Campereada
Carros & Motos
Cine CP
Correio Feminino
Cpop
Diálogos
Foto Correio
Hiltor Mombach
Juremir Machado da Silva
La Pelota
Livros A+
Mais Preza
Oscar Bessi
Pitlane
Plano de Carreira
Thamara

ANUNCIE
Classificados

FALE CONOSCO

TRABALHE CONOSCO

ADMINISTRATIVO

LOJA

POLÍTICA DE PRIVACIDADE
QUEM SOMOS
TERMOS E CONDIÇÕES DE USO

PROVEDOR
Webmail
Suporte Técnico
Minha Conta

GRUPO RECORD RS
Correio do Povo
Rádio Guaíba
Record TV RS
R7.com

CP MEMÓRIA >>
Data
Acervo desde 9 de junho de 1997
CORREIO DO POVO

NOTÍCIAS

Todos os direitos reservados - 2009-2018 Rádio e Televisão Record S.A

Anuncie no R7 Trabalhe Conosco Comunicar erro Fale com o R7 Mapa do Site Termos e Condições de Uso Privacidade

Motorista admite uso de cocaína para evitar o risco de perder prazos

Lei que disciplina a jornada de trabalho e o tempo de descanso dos motoristas profissionais volta às rodas de discussão



´´A compra é feita por tele-entrega´´, diz caminhoneiro sobre drogas | Foto: Mauro Schaefer

0 Comentários | Correio do Povo

Pedro (o nome é fictício) tem 28 anos, é natural de Goiânia (GO) e está na estrada há sete anos. Percorrendo o país de Norte a Sul, ele precisa ficar o máximo que pode ao volante para não sofrer com o risco de perder dinheiro, caso ocorra algum atraso nas entregas das cargas. Na noite fria do dia 25 de abril, Pedro estava em um posto de combustível, na cidade portuária de Itajaí. Conversava com colegas de profissão, sentado em um banco. O contato com a imprensa se deu de forma natural. Sem se preocupar com a presença dos jornalistas, o caminhoneiro admitiu ter cocaína, sem constrangimento, assim como os demais.

Enquanto caminhava na direção do caminhão, Pedro revelou já ter usado anfetamina, o popular rebite. Mas com o tempo, o organismo foi exigindo doses maiores da droga. Além disso, ficou sabendo que os remédio para emagrecer podem colaborar para o desencadeamento de sérios problemas cardíacos. Resultado: migrou para a cocaína, acreditando não ser tão nociva quanto "os comprimidos".

Segundo ele, há cerca de três anos era mais fácil comprar o entorpecente. Muitos adquiriam o pó pelo cartão de crédito, nos postos de combustíveis. Embora estivessem comprando cocaína, a nota fiscal discriminava a compra de óleo diesel. Atualmente, o patrulhamento nestes locais e uma vigilância mais cerrada inibiram o comércio por intermédio de frentistas. A alternativa foi recorrer a traficantes. "Não tem no posto (a cocaína)", ressalta. "A compra é feita por tele-entrega", explica.

O consumo do narcótico, segundo ele, deixa a pessoa mais confiante. Tão confiante que esquecem inclusive de dormir. As horas parecem não passar. Rodam quilômetros e quilômetros sob o efeito do entorpecente. "A pressão do horário para entregar a carga é o que nos leva a isso", justifica. "Se atrasarmos, somos descontados e, muitas vezes, ficamos no final da fila para podermos descarregar", diz.

No entanto, admite ter consciência dos riscos que o uso do pó implica. Para Pedro, os profissionais precisam ter em mente que sempre terá uma família esperando por eles. "Somos uma classe desvalorizada", reclama o caminhoneiro, pouco depois de fazer uso da droga.

A Lei do Descanso



Sancionada há dois anos, a lei que disciplina a jornada de trabalho e o tempo de descanso dos motoristas profissionais volta às rodas de discussão. Parte dos deputados federais defende alterações na legislação, alegando adaptação à realidade dos caminhoneiros e motoristas de ônibus no Brasil. A votação de um projeto de lei, que permitiria mais horas de trabalho diário, entre outros, está prevista para ocorrer no Congresso Nacional.

De outro lado, parte da sociedade argumenta que, se a lei for alterada, provocará um retrocesso, sobretudo em relação à segurança nas estradas. O procurador do Ministério Público do Trabalho Paulo Douglas Almeida de Moraes diz que se a proposta for aprovada, alterando a homologada em 2012, recorrerá ao Supremo Tribunal Federal.

"Esta matéria que estão propondo é inconstitucional", diz o procurador, que coordena nacionalmente um trabalho em defesa da aplicação integral da lei em vigor. Segundo Moraes, o novo texto seria inconstitucional porque propõe 12 horas de direção, incluindo quatro horas extras, violando o limite de oito horas de trabalho e o descanso.

Segundo o procurador, o nível de descumprimento da legislação ainda é alto, mas a obediência de uma parcela dos motoristas já teria registrado resultados positivos. "Em menos de dois anos em vigor, estimamos que a lei evitou cerca de 1,6 mil mortes somente nas rodovias federais", relata.

Busca

Últimas Notícias

00:13 Condenado à morte nos EUA é executado na cadeira elétrica

23:34 Brasil vence confronto direto com o Juventude e se afasta do Z4

22:40 Conmebol antecipa julgamento da semifinal da Libertadores

22:22 Polícia Federal investigará interferência na apuração da mor...

22:03 Feira do Livro tem abertura com emoção e poesia

Assine

Anuncie

No Rio Grande do Sul, segundo dados do Departamento Estadual de Trânsito (Detran/RS), houve 1.770 acidentes com vítimas fatais, em 2013, e o registro de 1.984 mortes. Estas ocorrências envolveram 3.055 veículos. Destes, 497 (16,3%) foram caminhões. No ano anterior, contudo, o total de acidentes foi de 1.854, resultando em 2.091 mortes. Foram envolvidos 3.136 veículos, destes 445 (14,25%) eram caminhões.

Descanso e segurança na pauta da categoria

O deputado federal Vilson Covatti, que é vice-presidente da comissão especial que discute as modificações na lei, diz que várias audiências foram realizadas no Rio Grande do Sul para construção das novas propostas. Foram feitas reuniões em Três Cachoeiras, Garibaldi, Uruguaiana, Porto Alegre e Palmeira das Missões. "Esta é uma lei burra que gera multas arbitrárias, porque falta infraestrutura no Brasil. Não é possível exigir obrigações, sem a contrapartida."

Segundo o parlamentar, a lei vigente provocou 30% de aumento nos custos de fretes, o que atinge os produtores rurais, agropecuaristas e empresas que escoam suas safras e produtos pelas estradas brasileiras. O vice-presidente da Federação dos Caminhoneiros Autônomos dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Fecam), André Luis Costa, reconhece que o entendimento sobre a legislação não é unânime. As empresas transportadoras e os trabalhadores, muitas vezes, diferem o modo de pensar em alguns pontos.

"O Estado não deveria determinar a postura de trabalho do motorista autônomo, se não oferece segurança e se não assegura o seu descanso", critica, ao salientar que "o Estado não se preparou para o volume de cargas transportadas".

O que muda

• Seis horas ininterruptas ao volante, por 30 minutos de descanso.

• Poderão ser feitas quatro horas extras diárias (pagas e compensadas no banco de horas).

• Sobre o tempo de descanso, a lei vigente diz que, depois de um dia de jornada, o intervalo para descanso deve ser de 11 horas. Pela proposta nova, permaneceriam as 11 horas, mas poderiam ser fracionadas, desde que garantido o descanso de oito horas, as outras três poderiam ser conciliadas com as paradas de meia hora e de refeição.

**Textos dos repórteres Paulo Roberto Tavares e Cíntia Marchi.*

SHARE

TAGS » **Trânsito, Drogas, Estradas, Geral, Cocaína**

0 comentários

Classificar por

Mais recentes

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook



NOTÍCIAS

Todos os direitos reservados - 2009-2018 Rádio e Televisão Record S.A

Anuncie no R7 Trabalhe Conosco Comunicar erro Fale com o R7 Mapa do Site Termos e Condições de Uso Privacidade

Caminhoneiros ficam até quatro dias sem dormir

Além de drogas, motoristas também podem "comprar sexo" nos pontos de parada



Caminhoneiro gaúcho admite ter dirigido por quatro dias seguidos sob o efeito de anfetaminas | Foto: Mauro Schaefer

0 Comentários | Paulo Roberto Tavares / Correio do Povo

Histórias de verdadeiras loucuras feitas por caminhoneiros usando rebite ao volante são abundantes. É o caso de um desses profissionais que, em 24 de abril, estava em um posto de combustível, em Carazinho. Ele deu uma parada, segundo disse, para "descansar" e partiria no dia seguinte para São Paulo, com uma carga de hortifrutigranjeiros.

• Caminhoneiros trocam rebite pela cocaína para trabalhar mais

• Motorista admite uso de cocaína para evitar o risco de perder prazos

Com 1,80 m de altura, comunicativo, Antônio (o nome é fictício), 20 anos, após estacionar no meio de outros "brutos" - apelido dos caminhões -, desceu da cabine e foi conversando com quem estava por perto. Oriundo de uma cidade próxima de Três Passos, com sotaque típico dos descendentes de italianos, quando soube que dois dos presentes eram repórteres do **Correio do Povo** e da TV Record RS, comentou sobre o caso Bernardo, perguntando se havia novidade.

Durante a conversa, não se negou a falar sobre o uso do rebite. Disse que usou a anfetamina por algum tempo e garante ter parado com a droga, apesar de ainda manter uma cartela, ainda com três comprimidos, na boleia do seu caminhão. "Muitos usam drogas devido à necessidade de cumprir o horário das entregas", justifica. Solteiro e morando com os pais, no ano passado ele começou a atuar no transporte interestadual. Em uma das viagens, teve contato com o rebite.

Estava cansado, mas precisava chegar no horário a São Paulo. Um colega lhe ofereceu um comprimido. "Se nos atrasamos, muitas vezes perdemos a vez de descarregar", conta Antônio. "Temos que ir para o fim da fila e perdemos a carga, que é perecível, e dinheiro", justifica. Em junho de 2012, em uma viagem para Pernambuco, saindo de Porto Alegre, não teve dúvidas: usou a anfetamina para "render mais". Diluiu quatro comprimidos em uma garrafa de água mineral, sem gás. Resultado: ficou 96 horas com os olhos abertos, sem saber ao certo se estava dormindo ou acordado.

Por sorte não se envolveu em nenhum acidente. Quando chegou ao destino, estava confuso em relação ao horário. "Olhava no relógio e ele marcava 11h", lembra. "Pensava que ainda era noite. Achava que era impossível ser aquele horário e ter sol", relata. A sensação causada, de acordo com ele, é de confiança, dando a impressão de que o sono não chega. Em certos momentos, mesmo estando com os olhos abertos, admite que não tinha noção do que ocorria na rodovia. O corpo fervia e o coração batia descompassado. "Você não pensa em nada quando toma o rebite", afirma. "Fiquei com os olhos abertos, agarrado na direção, cerrando os dentes. Me transformei num zumbi".

Drogas e sexo presentes nos pontos de parada

Não são apenas drogas que os caminhoneiros podem comprar nos postos de combustível, quando param. O sexo também é oferecido. Em Carazinho, em um posto de combustível da entrada da cidade, garotas, em uma versão gaúcha de call girl, oferecem o "serviço" aos motoristas por R$ 50. Uma delas, Jeniffer, disse ter 18 anos, apesar de aparentar bem menos. Ela e uma amiga visitam o local todas as noites, como ocorreu na noite de 24 de abril. Normalmente quando chegam já agendaram algum programa. Em outras ocasiões, recebem uma oferta.

Jeniffer não larga o telefone celular, pois é através do aparelho que os caminhoneiros solicitam o serviço. "Como repetem muito a mesma rota, já me conhecem", diz. "Eles têm o meu número e quando estão chegando na cidade, me ligam", completa. Elas normalmente permanecem por 2 horas (das 20h às 22h) fazendo trottoir por entre os caminhões e as carretas.

Ela afirma que não há saídas para motéis. O programa é feito na boleia do caminhão. Algumas vezes, salienta ela, o caminhoneiro não procura exatamente sexo. Quer desabafar, falar da vida e da família. "Eles falam das dificuldades com a família deles e nós das nossas", revela. "Somos quase como psicólogas", compara a garota, cujos pais sequer imaginam onde ela "trabalha". O dinheiro compensa.

Busca

Últimas Notícias

00:13 Condenado à morte nos EUA é executado na cadeira elétrica

23:34 Brasil vence confronto direto com o Juventude e se afasta do Z4

22:40 Conmebol antecipa julgamento da semifinal da Libertadores

22:22 Polícia Federal investigará interferência na apuração da mor...

22:03 Feira do Livro tem abertura com emoção e poesia

Assine

Anuncie

Por semana, fatura quase R$ 1 mil. Bem mais, de acordo com ela, do que é pago nas empresas da cidade. "O problema é meus pais não saberem de nada. Digo que vou na casa de uma amiga para conversar", revela.

SHARE

TAGS » Trânsito, Drogas, Estradas, Rio Grande do Sul, Geral, Caminhão

0 comentários

Classificar por

Mais recentes ÷

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook



R7 NOTÍCIAS

Todos os direitos reservados - 2009-2018 Rádio e Televisão Record S.A

Anuncie no R7 Trabalhe Conosco Comunicar erro Fale com o R7 Mapa do Site Termos e Condições de Uso Privacidade

O caminho do tráfico até a boleia do caminhão

Em Uruguaiana, quatro quadrilhas vendem drogas e agenciam garotas e garotos



Ex-caminhoneiro que trocou a carreta pelo tráfico, abastace os colegas na Fonteira do Brasil | Foto: Mauro Schaefer

0 Comentários | Paulo Roberto Tavares / Correio do Povo

Em Uruguaiana é possível comprar rebite, cocaína e inclusive armas. Um traficante de 52 anos concordou em falar com o **Correio do Povo**, desde que o encontro fosse na periferia da cidade e sem fotografia. O horário foi marcado para a madrugada de 23 de abril. No local combinado - uma rua sem calçamento e parca iluminação -, ele encontrou a reportagem.

• Motorista admite uso de cocaína para evitar o risco de perder prazos

• Caminhoneiros trocam rebite pela cocaína para trabalhar mais

• Caminhoneiros ficam até quatro dias sem dormir

Em princípio, parecia desconfiado. Depois aceitou contar como funciona o mundo das drogas na cidade. Segundo ele, quatro quadrilhas de traficantes dividem a área na vila Cobec. De comum acordo, agenciam a prostituição e negociam drogas. "Ali, o caminhoneiro encontra o rebite. O sexo, seja com garotas ou garotos, é oferecido normalmente", revela. "O motorista é que escolhe quem ele quer", afirma o traficante que diz se chamar Marcos. "E, a maioria desses adolescentes faz isso com o conhecimento dos pais", atesta.

O rebite vem, em grande parte, da Argentina, onde a venda é liberada e a fiscalização na Aduana, do lado argentino, não é muito rigorosa com pequenos pacotes, se preocupando mais com o que está no porta-malas. A cocaína é fornecida por traficantes da região. O mais irônico, segundo Marcos, é que os caminhoneiros brasileiros evitam usar o rebite quando estão em solo argentino. "Parece piada, mas na Argentina é o Exército que patrulha as estradas", revela. "E eles são bem pouco simpáticos aos brasileiros", ressalta o traficante, que foi caminhoneiro durante 20 anos e deixou a profissão devido a problemas cardíacos, resultantes do consumo excessivo de rebite. Atualmente, Marcos fornece drogas - essencialmente rebite - para ex-colegas de profissão e, por isso, mantém uma rivalidade com opositores no submundo. O ex-caminhoneiro se diz jurado de morte.

Nos bares, droga e sexo à vontade

Na região da Fronteira-Oeste, um gueto, conhecido como vila da Cobec, é o ponto para conseguir cocaína e rebite. Ao lado do Porto Seco da cidade e a poucos quilômetros da Argentina, a droga, via de regra, vem por telentrega. E são alguns motociclistas - Uruguaiana permite o serviço de moto-táxi - que levam a quantidade pedida pelos clientes, entre eles caminhoneiros.

O local está situado estrategicamente bem ao lado do estacionamento do porto, limitado por uma cerca de tela. Poucos metros separam os caminhoneiros dos bares existentes - identificados pela luz vermelha, na varanda -, onde eles conseguem drogas e sexo.

Na madrugada de 22 de abril, quando as equipes do Correio do Povo e da TV Record RS estiveram no lugar, estava tudo vazio. Na manhã daquele dia, a Polícia havia dado uma batida e afastado os frequentadores.

O lugar é um mundo à parte. Ruas de chão batido e com o esgoto correndo a céu aberto, malocas se aglomeram na parte dos fundos do terreno dos "bares" ou junto deles. Nas festas promovidas há oferta de drogas e garotas, muitas adolescentes.

Em 23 de abril, uma ação do Batalhão de Áreas Turísticas de Fronteira prendeu um rapaz de 26 anos, suspeito de ser um "aviãozinho" - gíria usada para definir o mensageiro do traficante. Os PMs seguiam na direção da BR 290, quando avistaram o rapaz, numa motocicleta, seguindo na direção oposta. Assustado com os policiais, empreendeu maior velocidade. Foi preso logo depois. Não foi encontrada droga com ele. Possivelmente, jogou fora. Na agenda de seu celular estavam gravados números de traficantes da cidade.

Travestis atuam no tráfico

Em Santa Catarina, travestis se arriscam na BR 470, quase no acesso a Blumenau. Eles, segundo um comerciante da região, servem como revendedores de drogas. Automóveis e caminhões começam a

Busca

Últimas Notícias

00:13 Condenado à morte nos EUA é executado na cadeira elétrica

23:34 Brasil vence confronto direto com o Juventude e se afasta do Z4

22:40 Conmebol antecipa julgamento da semifinal da Libertadores

22:22 Polícia Federal investigará interferência na apuração da mor...

22:03 Feira do Livro tem abertura com emoção e poesia

Assine

Anuncie

parar no local no final da noite. No lugar há uma parada de ônibus, que é usada para descansar por alguns travestis ou para negociar com algum cliente que se disponha a descer do veículo.

Sexo e drogas podem ser comprados a qualquer momento, mas tudo a dinheiro vivo. Os travestis, inclusive, se arriscam ao cruzar a rodovia para falar com algum interessado do outro lado da pista. A estrada é muito movimentada, pois além de levar a Blumenau, é a rota para se chegar em Itajaí. E o lugar é pouco iluminado, propiciando aos "clientes" um certo anonimato, pois também fica distante do Centro de Blumenau.

"É algo incrível", diz o comerciante, estabelecido nas proximidades. "Fazem de tudo e neste local, sem se importar com quem está por perto", reclama. O comerciante relata que, em certos dias, a área lateral do estabelecimento amanhece recheada de preservativos. Outros moradores da área também reclamam do barulho feito pelos caminhões, provocado pelas freadas ou arrancadas.

SHARE

TAGS » **Trânsito**, **Geral**, **Caminhão**

0 comentários
Classificar por
Mais recentes ÷
Adicione um comentário...
Plugin de comentários do Facebook



R7 NOTÍCIAS

Todos os direitos reservados - 2009-2018 Rádio e Televisão Record S.A

Anuncie no R7 Trabalhe Conosco Comunicar erro Fale com o R7 Mapa do Site Termos e Condições de Uso Privacidade

Estradas oferecem bufê de drogas a caminhoneiros

Ministério Público do Trabalho alerta para uso de entorpecentes e barbitúricos



Caminhoneiros usam crack no centro do país | Foto: Mauro Schaefer

0 Comentários Paulo Tavares / Correio do Povo

Enquanto alguns caminhoneiros no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina migram para a cocaína, no centro do país, a situação está mais grave. O alerta é do procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT) de Campo Grande (MS), Paulo Douglas. Além do crack, os motoristas também estão se valendo de barbitúricos, tóxicos conseguidos mais baratos nas estradas brasileiras. Douglas também é o coordenador nacional para a implantação da Lei do Descanso - ainda em trâmite - no âmbito dos MPTs.

• O caminho do tráfico até a boleia do caminhão

• Caminhoneiros ficam até quatro dias sem dormir

• Motorista admite uso de cocaína para evitar o risco de perder prazos

• Caminhoneiros trocam rebite pela cocaína para trabalhar mais

Douglas lembra que, em 2007, ele e sua equipe fizeram uma pesquisa em Rondonópolis (MT), local de passagens de caminhoneiros, vindos de várias regiões do país. Na época, segundo ele, foi detectada a tendência da migração do rebite para a cocaína. "Agora, passados sete anos, a situação está ainda mais crítica", comenta o promotor de Justiça. "Parte dos caminhoneiros está usando drogas mais pesadas, como barbitúricos e crack." A justificativa, no entanto, ainda é a mesma: o cumprimento do horário. Para o promotor de Justiça, a implantação da Lei do Descanso é importante. No entanto, Douglas critica o atual texto, que subverte o que era pretendido na proposta original. "O texto preconiza uma parada de descanso de oito horas", explica. "Esse tempo não dá para o motorista jantar, tomar banho e tudo mais, de uma maneira civilizada", considera.

Douglas ressalta, também, que em um dos artigos da lei está escrito que se não tiver um local com segurança, o caminhoneiro não precisará cumprir a obrigatoriedade de parar para descansar. O motorista poderá seguir em frente e mais adiante, se encontrar algum lugar que considerar seguro, poderá descansar. Outro item é se a carga carregada for viva (gado, galinha), e esta precisar chegar viva ao destino, também não haverá a obrigatoriedade de cumprir o horário regulamentar de descanso.

Para o procurador é evidente que se a viagem não for planejada pela empresa, possivelmente, o motorista estará em local inseguro durante a jornada. O promotor acredita que a lei deve ser prestigiada, até para que locais para o descanso dos caminhoneiros sejam construídos e eles possam parar para descansar. "Quando começar a vigorar a norma (da obrigatoriedade do descanso), acabará sendo criado um nicho de negócios desse tipo", considera. "Se não houver a lei, apenas expectativa, qual o empresário que vai construir um local para parada de caminhoneiros que seja adequado?"

Perigo de morte

Um dos riscos nas estradas, além do leito das rodovias que estão em péssimo estado, são os caminhoneiros que dirigem com sono ou tomam substâncias tóxicas para impedir o sono. Via de regra, os motoristas que ingerem drogas tendem a ficar com os reflexos lentos e mais desatentos quanto à movimentação na estrada. Os que são obesos têm uma predisposição para sentir sonolência em alguns momentos. Tanto o rebite, que é um remédio inibidor do apetite e que só pode ser comprado com receita médica, e a cocaína, provocam efeitos como esgotamento físico e irritação, o que aumenta muito o risco de que sejam provocados graves acidentes.

Dificuldade de constatar e controlar:

PRF

Segundo o chefe operacional no Rio Grande do Sul da instituição, inspetor Alfonso Willenbring Junior, a

identificação de caminhoneiros dopados é muito difícil de comprovar. Não é como o álcool, que o bafômetro acusa o grau de embriaguez. Um dos itens para perceber que o motorista está sob o efeito de uma substância tóxica é observar o seu comportamento, sempre alterado e abusando da velocidade. "Os caminhoneiros, que usam a droga, tomam em um posto. Não carregam consigo."

Fecam

O presidente da Federação dos Caminhoneiros Autônomos dos Estados do RS e SC, Éder Dal'Lago, se posicionou contrário ao texto da Lei do Descanso, aprovado pelo Senado. De acordo com ele, os caminhoneiros não encontram locais adequados para descansar, além de não poderem estacionar à beira da estrada ou nos postos da PRF. Em muitos postos, se o caminhoneiro não abastecer, ele não tem a permissão para estacionar. "Aquele caminhoneiro autônomo que toma rebite ou cheira coca, tem que sair da estrada", afirmou Dal'Lago.

CRBM

Já existe um equipamento para detectar se o motorista está sob influência de drogas. O titular do Comando Rodoviário da Brigada Militar (CRBM), coronel Fernando Alberto Moreira, disse que a corporação pretende comprar um desses. Segundo ele, se algum caminhoneiro for flagrado com o remédio moderador de apetite terá que apresentar a receita médica. "Caso contrário, é levado à DP, o comprimido apreendido, e ele terá que provar que pode continuar a dirigir para ser liberado."

Sindimercosul

O Sindicato dos Trabalhadores em Transporte de Carga Internacional considera que o uso de anfetaminas ou de drogas mais pesadas é consequência da carga horária desumana que o caminhoneiro tem que cumprir. O presidente da entidade, Jorge Frizzo, diz que as empresas contratam os fretes e estipulam os horários. Não se importam se a tabela é exequível. Muitas transportadoras aplicam multas aos profissionais que não conseguem cumprir o horário. "O profissional roda 27 horas e depois que descarrega tem que retornar ao Brasil com outra carga."

Setcergs

O presidente da entidade, Sérgio Neto, diz que o problema é de conhecimento de todos. O Setcergs, salienta ele, tem vários programas de combate ao uso tanto de drogas como do álcool. Segundo ele, quem usa mais o rebite ou a cocaína é o motorista autônomo, não os motoristas de uma empresa, que têm carteira de trabalho assinada. Ele considera um absurdo um motorista dirigir sob efeito de tóxicos, principalmente um veículo pesado como o caminhão. Neto elogiou a Lei do Descanso, considerando-a um marco para a categoria.

Encontro debate Lei do Motorista

A Associação Brasileira de Transportadores Internacionais (ABTI) realizará, no dia 16 de maio, o Seminário do Transporte Internacional em Direito do Trabalho, com abordagem a lei 12.619 - Lei do Motorista. O evento contará com apoio do SEST Senat Uruguaiana e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do município. O objetivo é abrir espaço para debater a Lei do Motorista.

Farmácias argentinas denunciam

Apesar de ser considerado fácil conseguir comprar rebite na Argentina, os traficantes e caminhoneiros têm que vencer uma barreira antes de conseguir os comprimidos. Segundo João Odilei, caminhoneiro aposentado, morador de Uruguaiana, não é tão simples. Em Paso de Los Libres, os atendentes das farmácias ficam atentos e denunciam os brasileiros que compram os remédios para emagrecer.

SHARE

TAGS » **Geral**, **Crack**, **Ministério Público do Trabalho**

0 comentários
Classificar por
Mais recentes
Adicione um comentário
Plugin de comentários do Facebook



R7 NOTÍCIAS

Todos os direitos reservados - 2009-2018 Rádio e Televisão Record S.A

Anuncie no R7 Trabalhe Conosco Comunicar erro Fale com o R7 Mapa do Site Termos e Condições de Uso Privacidade

Passo final na indústria da loucura

Quando o grupo chegou ao endereço da Rua Espírito Santo, no Centro, chamou a atenção de quem passava pela via. Os olhares destreinados na arte de enxergar os socialmente invisíveis exibiam incômodo. Pouco interessados no espanto alheio, dez homens que experimentaram uma existência de segregação em internações psiquiátricas de longa permanência tinham um compromisso inadiável [...]

Por **Daniela Arbex**
02/11/2014 às 07h00- Atualizada 03/11/2014 às 08h27



Quando o grupo chegou ao endereço da Rua Espírito Santo, no Centro, chamou a atenção de quem passava pela via. Os olhares destreinados na arte de enxergar os socialmente invisíveis exibiam incômodo. Pouco interessados no espanto alheio, dez homens que experimentaram uma existência de segregação em internações psiquiátricas de longa permanência tinham um compromisso inadiável com o futuro: conhecer a casa onde iriam morar sem amarras. Juntos, eles passaram pelo portão que dá acesso a um conjunto de apartamentos, mas, desta vez, as grades não estavam lá para proteger a sociedade da loucura deles e, sim, para afastar a violência urbana que, democraticamente, atinge a todos. Moradores de uma das dez novas residências terapêuticas em implantação no município até o final do ano, quando cem pessoas deixarão de ser pacientes da Casa de Saúde Esperança para tornarem-se usuários de serviços da cidade, eles inauguram, com atraso, uma nova fase na saúde mental: a do tratamento em liberdade.

A partir de hoje, a Tribuna publica a série "Vidas roubadas", que pretende discutir o processo de desinstitucionalização que desafia a cultura manicomial de Juiz de Fora, cidade conhecida por integrar o corredor da loucura, formado também por Barbacena e Belo Horizonte. Na década de 1980, os três municípios respondiam por 80% dos leitos psiquiátricos disponíveis no estado. Nesta época, os macro-hospícios somavam aqui quase dois mil leitos (ver quadro na página 4), a maior parte deles ocupado por pessoas que tinham como principal doença o abandono social. Trinta anos depois, restam 224 vagas na Casa de Saúde Esperança. Fundada em 1939, a unidade que está sob a gestão do Município constitui o último hospital psiquiátrico em funcionamento na cidade. A retirada dos pacientes cronificados é o passo final para o encerramento do capítulo da indústria da loucura, quando sete unidades psiquiátricas funcionavam a todo vapor, embora com qualidade questionável.



Chegada de novo lar traz a expectativa da retomada de um cotidiano que se perdeu

Alvo de denúncias de maus-tratos e precariedade ao longo do tempo, esses hospitais não resistiram às sucessivas denúncias e também às avaliações do Ministério da Saúde, cujos técnicos constataram atendimento abaixo do mínimo aceitável. "Como as cidades que têm parque manicomial, o município tinha uma convivência muito pacífica com os seus hospitais psiquiátricos. A maioria dos doentes foi cronificado. Por isso, não há como diferenciar a doença mental da doença da instituição", aponta a chefe do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Saúde, Andréia Stenner. Ela destaca que uma das principais propostas da reforma psiquiátrica é a extinção de leitos psiquiátricos de baixa qualidade – um modelo considerado segregador -, para a construção de serviços territorializados, inseridos dentro da comunidade, que visem à preservação do convívio social. Outra vertente é a garantia da oferta de leitos de referência em saúde mental nos hospitais gerais.

Mas onde estão os pacientes das instituições que foram fechadas ao longo do tempo? Como eles sobrevivem fora dos muros hospitalares? Qual é a situação da rede de serviços que se propõe a construir modelos mais humanizados de assistência e o que fazer para atender pessoas em surto dentro dessa nova realidade? Durante 30 dias, a Tribuna tentou encontrar respostas para essas questões, dando origem a quatro reportagens sobre o tema. Nenhuma delas, porém, pretende encerrar o assunto. Pelo contrário. Talvez marquem o início de novas dúvidas e discussões.

Para o coordenador nacional de Saúde Mental e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori, Juiz de Fora, assim como outros municípios brasileiros, passa por um processo de aprendizagem na questão dos direitos da pessoa com transtorno mental. Embora ele veja um descompasso entre aquilo que se pretende fazer e o que está efetivamente em execução na cidade, Tykanori classifica como positivo o engajamento da Secretaria de Saúde e de seus técnicos no processo de desinstitucionalização, que tem como proposta a implantação de serviços capazes de devolver a autonomia do sujeito. "A vontade política só não basta. Tem que trocar o pneu com o carro andando, e isso traz problemas, turbulências no trajeto e nem sempre é tão ágil e fácil como a gente gostaria. Mas os ganhos que se obtêm na construção das Redes de Atenção Psicossocial (Raps), na implantação tanto das residências terapêuticas, quanto dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), vão mudando a cara da cidade", acredita.



Grupo visita futura moradia depois de anos de internação

Residência terapêutica: casa nova, vida nova

"Casa nova. Vou ficar chique", comenta o homem à beira da escada que leva ao segundo piso do imóvel de cinco quartos. Internado por 31 anos, o paciente não lembra a própria idade e também não consegue dimensionar as perdas que teve. Como o contato social ainda é raridade para José da Silva, a saída do hospital para a primeira visita à residência terapêutica onde vai morar com outros nove pacientes é feita assim, com chinelo de dedo com um pé de cada par. Vestindo peças de roupas emprestadas dos outros internos que ficaram na Casa de Saúde Esperança, onde 159 homens e 61 mulheres ainda estão institucionalizados, ele demonstra curiosidade sobre o novo endereço. No antigo, restam 224 pessoas, mas somente 70 delas recebem visita semanal das famílias, o que corresponde a 31%. Aliás, a perda dos laços afetivos é uma das características das internações de longa permanência. Pacientes que recebem visitas de parentes, mas ainda assim estão institucionalizados há mais de 20

que recebem visitas de parentes, mas ainda assim estão institucionalizados há mais de 20 anos, têm a situação de abandono configurada para o Ministério da Saúde.

Esta é uma realidade experimentada pela maioria dos internos do Esperança. E, mesmo vivendo precariamente, muitos deles temem a mudança da antiga rotina. Por isso, a visita ao lugar onde os dez pacientes vão viver daqui para a frente começa tímida. Aos poucos, porém, os candidatos a moradores vão se apropriando do espaço. O processo de reconhecimento de terreno tem continuidade na escolha dos quartos onde eles deverão iniciar o resgate da individualidade. "Eles vêm conhecer a casa antes até da chegada dos móveis. É pensada toda a estratégia para a residência, até em termos de quem vai morar nela. Esse imóvel, por exemplo, foi pensado para pessoas com perfil para morar no Centro, a fim de que possam se beneficiar das atividades do Pró-Idoso, por exemplo. Esse trabalho é feito ainda dentro do hospital, porque o início da adaptação já começa lá dentro", explica Taísa de Araújo Serpa, psicóloga da Associação Casa Viva.

Primeiras impressões

Nessa primeira visita à residência terapêutica, Waltencir Medeiros, 64 anos, não só elegeu um cômodo, mas sentiu-se à vontade para deitar na cama cujo colchão ainda estava no plástico. Ficou parado por vários minutos, tentando ouvir o que para ele era novidade: o silêncio. Pai de quatro filhos, Waltencir passou pela primeira internação psiquiátrica há 30 anos, em função de problemas com a bebida. Mas o que deveria ter caráter transitório, acabou tornando-se permanente. E, diante da oportunidade de deixar a unidade hospitalar após três décadas, ele resiste. "Queria passar mais um tempo lá, para conseguir pagar a conta da cantina. Devo dois refrigerantes", diz.

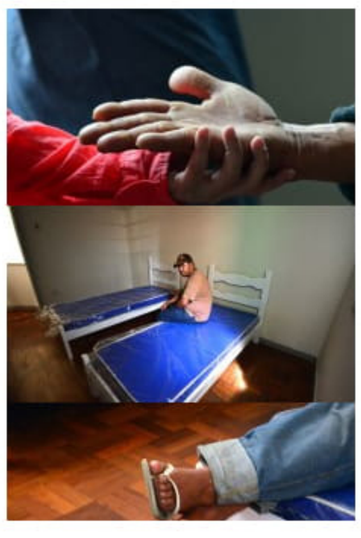
Outro membro do grupo afirma que adorou a casa, mas que não pode ir morar lá. "Não tenho dinheiro para comprá-la", respondeu, sem compreender de imediato que a mudança marca a nova fase da sua vida. Impressionado com o local, Joel Venâncio destaca os benefícios, embora demonstre receio de deixar o hospital. "Aqui é um lugarzinho muito bom. É limpo. O pior do hospital é que a gente fica preso. Mas na rua é muito perigoso, a gente sofre muito. Já fui muito maltratado por aí." A psicóloga Kelly Fabiane de Freitas Miranda lembra que o medo é um sentimento comum na sociedade. "Todo mundo tem medo do novo, e eles também. Mas as residências são um resgate da cidadania. Dentro das suas complexidades e do seu perfil, todos são capazes de viver em sociedade. Nesse novo modelo, o que se busca é a humanização da assistência."

O conteúdo continua após o anúncio

Resgate da juventude

André de Jesus Silva, 31, tem pressa em se mudar. Há cinco anos internado em função de problemas mentais e uso de drogas psicoativas, ele enxerga na residência uma chance de resgatar os anos de juventude perdidos. Animado, percorreu cada canto da residência da Rua Espírito Santo. Quando alcançou a área externa do apartamento, animou-se: "Será que vai dar para fazer churrasquinho aqui?", questiona, arrancando risos da equipe técnica da ONG Associação Casa Viva, uma das responsáveis pela manutenção, por meio de convênio com a Prefeitura, de dez das 22 residências terapêuticas de Juiz de Fora. Do total, 19 já estão em funcionamento e outras três em processo de implantação.

Para José dos Passos, 54, que já chegou a viver na rua, o novo endereço pode ajudar a superar as dores do passado. "Minha história é triste. Prefiro não contar", comenta o homem internado pela primeira vez em 1983.





Paciente quer resgatar cidadania

José da Silva, 61 anos, também quer deixar para trás mais de três décadas de isolamento nos hospitais psiquiátricos por onde passou. "Isso é uma casa de verdade", diz, sorrindo, o homem que nunca teve realmente um lar. Quando criança, Silva e os três irmãos foram abandonados pela mãe e deixados sozinhos em um casebre na Zona Rural de Bicas. Ficaram por dias sem comida e sem a supervisão de um adulto, até que foram resgatados por vizinhos. Logo depois, eles foram separados, já que cada um foi entregue a uma família diferente. Um dos irmãos de José teve as mãos queimadas pela mulher que o criou como forma de castigo após o menino "mexer nas coisas dos outros".

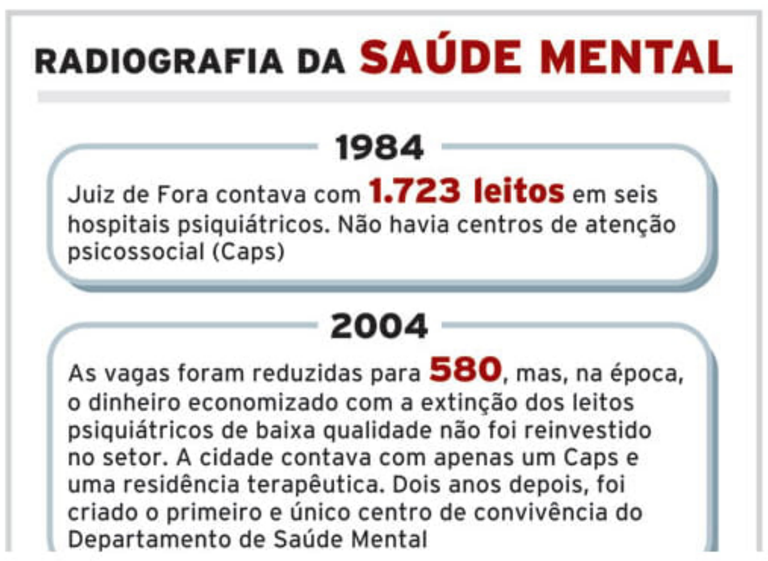
Já José ficou com Tereza de Paula Oliveira, aposentada que ainda reside em Bicas e hoje tem 76 anos. Segundo ela, o filho de criação teve o primeiro surto psiquiátrico aos 17 anos, quando tentou agredir o marido dela. De Bicas, ele foi mandado para Barbacena, onde foi internado no Hospital Colônia, lugar que registrou a morte de 60 mil pessoas entre 1903 e 1980. "Como lá era muito triste, e ele sentia saudade de nós, eu o trouxe de volta para casa, mas os episódios de violência continuaram", revela Tereza, mulher analfabeta que passou a vida trabalhando na roça em colheitas de milho e arroz.

Trazido para Juiz de Fora, José passou a morar nos hospitais psiquiátricos. Atualmente, o benefício dele, cerca de um salário mínimo, é recebido pelo marido de Tereza e, segundo ela, gasto na compra de roupas, remédios e contas feitas na cantina das unidades por onde José passou. "Na próxima vez que o visitarmos, vamos levar um radinho. Foi um pedido dele", comentou Tereza. O rádio não deverá ser entregue na Casa de Saúde Esperança. Agora José da Silva tem endereço.

'Sem história, eles têm vidas roubadas'

A residência terapêutica tem o objetivo de retomar a autonomia através de conquistas mínimas de um cotidiano que se perdeu. Esta é a forma como a chefe do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Saúde, Andréia Stenner, define o trabalho das moradias assistidas. Todas contam com cuidadores que ajudam a gerir a residência, fazendo o papel de mediadores. Embora o objetivo seja garantir que os moradores tenham, como qualquer outro cidadão, uma rotina doméstica, a contratação de técnicos de enfermagem é exigida por lei, para a garantia dos cuidados clínicos que se fizerem necessários e encaminhamento para a rede de atenção em saúde quando isso se fizer necessário. Outra exigência é que as residências tenham técnicos de nível superior com referência em saúde mental para acompanhar os casos e levantar as demandas psicossociais, que incluem a construção de projetos terapêuticos individuais. Cada residência tem cerca de dez moradores, e sua manutenção custa em média R$ 20 mil por mês, repassados pelo Ministério da Saúde.

De acordo com Taísa de Araújo Serpa, psicóloga da Associação Casa Viva, o passo mais importante na passagem de paciente para morador é a aposta em cada um. "Noventa por cento das pessoas que a gente retira dos hospitais saem de lá com a roupa do corpo. Já chegamos a buscar pessoas descalças. A primeira coisa que fazemos quando eles chegam nas residências terapêuticas é acabar com a uniformidade que ocorre nos manicômios, onde ninguém tem roupa, nem história, onde, literalmente, se tem vidas roubadas. Por isso, o trabalho nas residências é de devolver a cidadania e a autonomia, seja lá qual for a palavra de ordem da reforma psiquiátrica. Não se rompe com a lógica manicomial sem respeito à individualidade."



2014

Com o fechamento dos hospitais Cedofeita, Serro Azul, São Marcos, Clínica Pinho Masini, Aragão Villar e São Domingos, restam hoje **224 leitos** psiquiátricos na Casa de Saúde Esperança, cuja gestão foi assumida pelo município no ano anterior. Atualmente, Juiz de Fora possui cinco Caps, dois com funcionamento 24 horas e outro em transição para este modelo, além de 19 residências terapêuticas com 190 moradores. Outras três estão sendo implantadas

Matérias relacionadas

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

As principais notícias do dia no seu e-mail

email@email.com.br

RECEBER

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

Leia também



Assine a versão impressa Digital (flip page)

CLIQUE AQUI

Venda avulsa da versão impressa Digital (flip page)

CLIQUE AQUI

Assine a versão impressa e receba o jornal em sua casa ou na sua empresa

CLIQUE AQUI

TM SUPERFacil

ASSINE A TRIBUNA IMPRESSA

OUÇA AGORA > CBN SOLAR

Busca por um lugar na sociedade

Em 1983, quando Fernando Carneiro de Andrade, na época com 31 anos, foi internado em um hospital psiquiátrico da cidade, em função de problemas com bebida, ele trabalhava na empresa de tecnologia Ericsson. Naquele ano, o Governo federal decretava uma maxidesvalorização do Cruzeiro, unidade monetária do país. No esporte, o piloto Nelson Piquet tornava-se bicampeão [...]

Por **DANIELA ARBEX**
04/11/2014 às 07h00- Atualizada 04/11/2014 às 08h32

Em 1983, quando Fernando Carneiro de Andrade, na época com 31 anos, foi internado em um hospital psiquiátrico da cidade, em função de problemas com bebida, ele trabalhava na empresa de tecnologia Ericsson. Naquele ano, o Governo federal decretava uma maxidesvalorização do Cruzeiro, unidade monetária do país. No esporte, o piloto Nelson Piquet tornava-se bicampeão mundial de Fórmula 1. Já o cantor Michael Jackson apresentava ao planeta sua lendária música "Billie Jean", o single mais vendido do período. Em 2013, quando o técnico em eletrotécnica encerrou, então aos 60 anos, o ciclo de sucessivas internações – Fernando é o último paciente a deixar o Hospital São Domingos, fechado, no ano passado, em função de irregularidades no atendimento -, ele deparou-se com um mundo completamente diferente do que conhecia. No lugar do Cruzeiro, encontrou o Real como moeda brasileira. Nas pistas de corrida, o britânico Lewis Hamilton, o primeiro piloto negro campeão da Fórmula 1, estreava pela equipe Mercedes. Já o rei do pop estava morto há quatro anos. Ao ser resgatado do São Domingos e colocado em uma residência terapêutica, Fernando não tinha perdido só o contato com a realidade, mas também todos os seus documentos, tornando-se invisível para o mundo. Desde então, ele e outros 190 residentes de moradias assistidas lutam para conseguir um lugar na sociedade. Ao todo, 19 residências terapêuticas estão em funcionamento em Juiz de Fora, enquanto outras três passam pela fase de implantação.

"No hospital, eu me sentia horrível, porque tomava



DANIELA ARBEX/05-10-14

Me senti como um cidadão brasileiro, novamente, podendo colaborar com a democracia desse país. Estou feliz em voltar à sociedade aos poucos

Fernando Carneiro de Andrade, ao votar no primeiro turno das eleições

medicação pesada e ficava a maior parte do tempo deitado. Era muito desesperador. A situação ficou ainda pior no período que antecedeu o fechamento, já que o São Domingos estava sem estrutura e com uma alimentação sofrível. Também não havia boa assistência psicológica. Quando deixei a unidade, estava me sentindo uma pessoa inexistente para o mundo. Tinha perdido toda minha documentação. Ser inexistente é não ter referência nenhuma, não saber como vai ser o dia de amanhã, o que fazer para sair daquela situação, para onde ir e o que irá encontrar. É horrível olhar sua vida passada e ver que não se tem praticamente referência nenhuma do que você foi", desabafa Fernando, que é formado pela Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro. Além da formação técnica, ele chegou a cursar dois anos de engenharia na Universidade Santa Úrsula, instituição privada do Rio. Em Juiz de Fora, frequentou o ginásio no Colégio dos Jesuítas e morou no Bairu, em uma casa confortável e com um belo quintal que podia ser visto da janela do seu quarto.

O contato com a bebida se deu no início da adolescência, mas só aos 30 anos de idade, quando já estava doente, é que ele percebeu sua dependência. Neste momento, começou um

ciclo de sucessivas internações. "Minha vida se resumiu a internações e recaídas", comenta. Também morou na rua por dois anos. "É muito difícil viver na rua, por não ter lugar para dormir, comer, nem o que vestir. É humilhante. Para qualquer pessoa que já teve a condição de vida que eu tive, chegar a esse fundo de poço é humilhante mesmo. Na rua, a gente se afunda mais no álcool. A bebida é uma fuga. Você se embriaga, dorme em qualquer lugar. Quando estava sóbrio, eu olhava para mim e via um lixo humano. Hoje não me sinto mais assim, mas como uma pessoa que perdeu muitas coisas que não tem como recuperar", revela.

Perda dos laços afetivos

Quando saiu do São Domingos pela última vez, o ex-paciente havia perdido o contato com os dois irmãos. A situação foi agravada com a morte da mãe, em 2010. Dentro do hospital, ele só recebeu a notícia do falecimento da genitora meses depois do enterro dela. "Foi muito duro não poder enterrar a minha mãe. Eu gostaria de ter me despedido. Se eu pudesse, teria pedido perdão a ela", afirma Fernando, embora saiba que ela já o havia perdoado em vida. "Eu é que não me perdoo, porque, no fundo, sou responsável pela minha drogadição. Eu procurei socorro várias vezes, no AA (Alcoólicos Anônimos), na Igreja, mas não consegui fugir. É difícil viver com culpa, porque não se tem uma maneira de reconstruir as coisas. Não há como reatar os contatos íntimos com as pessoas que eu queria bem, que gostavam de mim. Estou afastado delas há muito tempo, eu perdi os laços afetivos completamente."

Mesmo sem nenhum tipo de renda atualmente, Fernando tenta enxergar um futuro. Diz que ainda se sente "preso" na residência terapêutica, por não conseguir retomar uma rotina. Através da Associação Casa Viva, no entanto, ele conseguiu tirar outra vez a carteira de identidade e a certidão de nascimento e regularizou sua situação no cartório eleitoral, já que não votava há 16 anos. Por isso, no primeiro turno das eleições, ao apertar as teclas da urna localizada numa escola do Bairro Santa Luzia, o técnico experimentou uma pontada de esperança. "Me senti como um cidadão brasileiro, novamente, podendo colaborar com a democracia desse país. Estou feliz em voltar à sociedade aos poucos."

'Foi difícil ficar internada, senti muito medo, solidão'

"Muitas vezes, o doente mental precisa apenas de uma chance'

"Muitas vezes, o doente mental precisa apenas de uma chance'

Sandra Honório da Silva, 33 anos, tem menos tempo de residência terapêutica do que Fernando. Mudou-se em dezembro do ano passado para uma das dez casas sob responsabilidade da Associação Casa Viva, no Bairro Santa Luzia, Zona Sul, e, ao chegar, foi tomada de espanto. "Nossa, é uma casa comum. Estou livre do hospital", relembra, sorrindo, dez meses depois de ganhar um endereço. Para quem passou 18 dos 32 anos de idade internada em hospitais psiquiátricos da cidade, sentir alegria no lugar do medo é uma novidade com a qual ela quer se acostumar.

O conteúdo continua após o anúncio

"É a primeira vez que não tenho uma cama e um armário de ferro", diz a ex-paciente, ao tentar descrever a experiência da moradia assistida. Filha de uma moradora de rua, Sandra ficou até os 7 anos de idade ao lado da mãe, ambas dormindo ao relento na maior parte das vezes. Aos 5 anos, elas foram morar em um imóvel cedido por uma entidade religiosa, mas, no lugar de um lar, encontrou só paredes de tijolo. Água, luz e esgoto não existiam. Para piorar, mãe e filha foram expulsas por bandidos que atearam fogo em peças de roupas penduradas no varal. Dois anos depois, com 7 anos, Sandra passou a viver com uns tios. Quando completou 13 anos, foi internada com depressão no São Marcos, hospital psiquiátrico com descredenciamento indicado pelo Ministério da Saúde em 2007, após o Programa Nacional do Sistema Hospitalar (Pnash) considerar a estrutura insatisfatória para funcionamento. De lá, migrou para o Pinho Masini, com descredenciamento anunciado pelo órgão ministerial na mesma época do São Marcos e, por último, esteve internada na Clínica Aragão Villar, fechada em janeiro de 2013 pelo mesmo motivo que as outras duas unidades. "Foi muito difícil ficar internada nesses hospitais, senti muito medo, muita solidão. Essa casa terapêutica foi uma porta aberta, pois há muito tempo eu queria sair do hospital psiquiátrico para nunca mais voltar", afirma a mulher que diz não ter encontrado apoio na família que a criou. "Nunca me

senti bem na casa da minha família. A partir do momento que não se é filho, não se tem aquele amor que precisa, como o afeto de uma mãe ou de um pai. Já no hospital, conheci muitas pessoas que não precisavam estar lá, algumas com deficiência mínima, mas que seus familiares internavam em hospital psiquiátrico, porque não a queriam dentro de casa, porque não tinham amor", destaca Sandra.

Novos passos

E, apesar de ter agora o que classifica como qualidade de vida, a moradora se esforça para dar novos passos. Comprou cadernos para voltar a estudar – ela parou na sexta série do ensino fundamental -, mas, antes, precisa ser reconhecida como cidadã. Como nunca teve carteira de identidade, ela enfrentou obstáculos para retirar, aos 33 anos de idade, o seu primeiro registro geral. Foi cinco vezes à Câmara Municipal para conseguir o documento. Em uma delas, a funcionária espantou-se: "Como você conseguiu viver todos esses anos sem identidade?", perguntou a mulher. Apesar da surpresa diante da situação de Sandra, a história da ex-paciente não é exceção. Voltar a existir para a sociedade é um desafio comum para quem foi institucionalizado por longos anos.



Sandra conseguiu sua primeira identidade no mês passado: é apenas o início da mudança

Diante do estigma que ainda marca pessoas com transtorno mental, Sandra dá um recado. "A sociedade deveria se conscientizar e se colocar no lugar de um doente mental. Muitas vezes, ele precisa apenas de uma chance, do apoio de uma casa terapêutica. É muito bom respirar liberdade", diz. Cuidadora de uma residência terapêutica, Lúcia Cândida Oliveira, 53 anos, diz ter aprendido com os moradores a lição que Sandra quer ensinar. "Eles me ensinaram a ser mais humana, que eu posso me doar." De acordo com a psicóloga Taísa de Araújo Serpa, 33, a aposta no sujeito é o passo mais importante na transição de paciente para morador. "Acreditar que essas pessoas podem tornar-se sujeitos de direito e desejo faz toda a diferença."

Para Sandra, que agora exibe sua identidade, este é apenas o início da mudança. "Consegui uma coisa muito importante. Com certeza, este é o começo da reconstrução da minha história. Eu, que já me sentia muito importante até aqui, estou mais", diz, sorrindo. A moradora também vai tentar na Justiça o cancelamento do seu processo de curatela, que garante que o seu benefício seja recebido por uma tia que está em endereço não localizado.

Necessidade de solidificar estrutura

Parece simples, mas respirar liberdade demanda a criação de uma estrutura ainda em construção em Juiz de Fora. Apesar das residências terapêuticas serem uma realidade, para elas funcionarem adequadamente, é necessário que os cuidadores passem por processo formal de capacitação, e seus moradores consigam acessar, como qualquer outro cidadão, a rede de atenção básica, que é a porta de entrada para qualquer serviço. Na prática, as unidades de atenção primária à saúde e as que integram a rede de saúde convencional precisam estar capacitadas para integrar ao atendimento os usuários da saúde mental, a fim de que eles encontrem assistência fora dos serviços especializados em psiquiatria.

"Há a necessidade de a saúde mental se reestruturar para, junto com a atenção primária, atender esses pacientes integralmente", admite a coordenadora do Departamento de Saúde Mental, Andréia Stenner. Por sua vez, a própria rede de saúde mental precisa ser remodelada para atender à recém-criada rede de atenção psicossocial, que prevê o atendimento por território e inclui os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), os serviços de residência terapêutica e a rede de atenção hospitalar, cujos leitos para a saúde mental foram pactuados

junto ao Ministério da Saúde.

Desta forma, além das 22 residências terapêuticas já em término de implantação, outras deverão ser criadas. Pelo menos essa é a intenção do secretário de Saúde, José Laerte Barbosa, que recentemente fez uma chamada pública que previa até 30 novas residências em Juiz de Fora. "O Ministério da Saúde ainda não disponibilizou para nós o recurso para criar novas residências, e, além das 22, precisamos de pelo menos mais 16. Como temos recursos acumulados na saúde mental, independentemente de o ministério liberar o recurso ou não, nós vamos fazer."

Em relação à rede hospitalar, a ideia é que o Hospital João Penido reserve 25 leitos para a saúde mental para o socorro às crises e para o atendimento de intercorrências relativas ao uso de álcool e outras drogas. O Ana Nery ficaria com 24 leitos de referência e o Serviço de Urgência Psiquiátrica, no HPS, contaria com mais 20, além de 16 leitos de retaguarda dos Caps Álcool e Drogas e do Caps Casa Viva.

Matérias relacionadas

RECEBA NOSSA NEWSLETTER
As principais notícias do dia no seu e-mail
email@email.com.br
RECEBER

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

Leia também



Assine a versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Venda avulsa da versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Assine a versão impressa e receba o jornal em sua casa ou na sua empresa
CLIQUE AQUI

Copyright Tribuna de Minas. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo dessa página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização escrita da Tribuna de Minas

Desenvolvido por Emedia

X

TM SUPERFacil

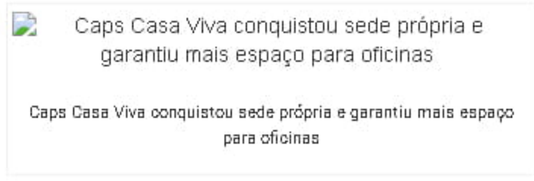
ASSINE A TRIBUNA IMPRESSA

OUÇA AGORA > CBN SOLAR

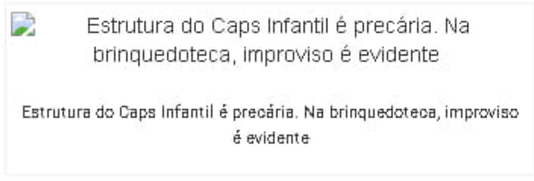
Desafio é não reproduzir modelo de manicômios

Estrutura do Caps Infantil é precária. Na brinquedoteca, improviso é evidente Caps Casa Viva conquistou sede própria e garantiu mais espaço para oficinas A humanização do modelo de atendimento a pessoas com transtornos mentais exige não só mudança de paradigma, mas, principalmente, implantação de novas estruturas de saúde. Com cinco Centros de Atenção Psicossocial (Caps) [...]

Por **DANIELA ARBEX**
05/11/2014 às 07h00- Atualizada 05/11/2014 às 09h45



Caps Casa Viva conquistou sede própria e garantiu mais espaço para oficinas



Estrutura do Caps Infantil é precária. Na brinquedoteca, improviso é evidente

A humanização do modelo de atendimento a pessoas com transtornos mentais exige não só mudança de paradigma, mas, principalmente, implantação de novas estruturas de saúde. Com cinco Centros de Atenção Psicossocial (Caps) em funcionamento na cidade, dois deles por 24 horas, Juiz de Fora tem ampliado a sua rede de assistência, mas ainda enfrenta o desafio de alcançar uma cobertura territorializada, que se torne capaz de atender a população em todas as regiões do município. Na prática, a região Norte, uma das mais populosas, continua desassistida de Caps, contando apenas com o Centro de Atenção em Saúde Mental do Departamento de Saúde Mental localizado na Rua Tiradentes, no Bairro Santa Helena, região central. Mesmo nas áreas onde o centro está implantado, há problemas em relação à precariedade da infraestrutura, como é o caso do Caps Infantil (Caps I).

Localizado na Rua Engenheiro Moraes Sarmento, no Santa Catarina, o Caps I funciona há seis anos em uma casa alugada, porém inadequada para o atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental severo e persistente. As salas estão mofadas, em função de vazamentos constantes, o mobiliário sucateado, a cozinha sem condições de uso e a brinquedoteca, que deveria oferecer momentos lúdicos, está improvisada em um cômodo pequeno, onde os brinquedos são mantidos em caixas no chão. Apesar de o Caps I estar de malas prontas para o Bom Pastor, a manutenção do serviço por tanto tempo em um local como aquele é "constrangedora", admite o próprio secretário de Saúde, José Laerte. Ele aposta, porém, que os problemas serão solucionados com a mudança para o novo endereço.

Acompanhamento

Por mês, cerca de 500 crianças são acompanhadas no ambulatório do Caps I. Outras 15 frequentam o serviço diariamente e participam das oficinas de fotografia, educação física, jogos, desenho, artesanato, jornal. A maioria dos usuários apresenta quadros graves de psicose e transtorno de conduta, além de uso de droga.

Muitos são filhos de usuários de crack que tiveram sequelas em função do uso da mãe no período gestacional e após o nascimento. Há situações de crises convulsivas na criança, em função da abstinência da droga, e outras de risco de vida, já que alguns filhos receberam droga dos pais para que dormissem. Os usuários são, em sua maioria, da classe baixa, e muitos experimentam mais do que a pobreza, mas o abandono familiar. "Muitas dessas famílias não se responsabilizam pelo filho. Eles crescem, e a gente não consegue fazer com que parentes façam adesão ao tratamento, porque estão mais preocupados com os ganhos secundários da doença", explica Márcia Andrade Amoedo, psicóloga do Caps I, referindo-se aos benefícios financeiros previstos em lei.

O conteúdo continua após o anúncio

De acordo com a equipe, um dos casos mais impactantes registrados no Caps é o de um adolescente de 14 anos com psicose e retardo grave que foi mantido em cárcere privado pela mãe. Na casa onde ele foi encontrado, havia um quarto fechado com grades, com espaço apenas para a passagem de comida. Exatamente em função do tamanho do problema é que o Caps I deveria ser um dos mais bem equipados da cidade, oferecendo espaço digno para meninos e meninas privados não de razão, mas de amor e cuidado.

Falta de médicos também é problema

O Caps é um serviço estratégico que tem como função cuidar das demandas de saúde mental dos municípios, a partir de atendimentos em atenção psicossocial de pessoas com transtornos mentais graves por meio de equipes multidisciplinares e de oficinas terapêuticas. Como um lugar de passagem, atende casos agudos. Após estabilizarem, os usuários são contrarreferenciados para as unidades de atenção primária à saúde (Uaps) de origem, devendo recorrer à rede básica de saúde do município. Criado há 23 anos, o Caps Casa Viva já superou os desafios de infraestrutura. Diferente do Caps I, o primeiro Centro de Atenção Psicossocial a entrar em funcionamento na cidade conquistou a sede própria, na Rua Antônio José Martins, no Morro da Glória. A mudança para a nova sede ocorreu em março deste ano e garantiu mais espaço para as antigas oficinas de música, artesanato, alfabetização, ateliê de escultura, entre outros.

Por semana, 60 usuários frequentam o espaço que conta ainda com um ambulatório para consultas. O problema é que faltam médicos dispostos a receber salário inferior a R$ 2 mil. Outra questão diz respeito aos oito leitos de retaguarda para o atendimento de crises. Na prática, dois deles não foram implantados porque o cômodo projetado não comporta oito camas.

De mudança

Localizado na Rua Américo Lobo, no Bairu, o Caps II Leste também está de mudança para a Rua Floriano Peixoto. Por dia, o centro realiza uma média de 35 atendimentos, sendo referência territorial para oito Uaps e outros quatro bairros que ainda não possuem cobertura de postos de saúde: Manoel Honório, Bairu, Ladeira e Vitorino Braga.

Assim como o Casa Viva e o Caps Álcool e Drogas (AD), o Leste passará a oferecer atendimento 24 horas, quando terá oito leitos de referência. "Já tivemos que encaminhar nossos usuários para o Serviço de Urgência Psiquiátrica (SUP) por falta de leitos para atender a crise, embora, muitas vezes, o problema não seja só psicopatológico, mas familiar. Numa abordagem terapêutica, a intervenção medicamentosa não é a única, muitos contornos são feitos através da palavra", explica a coordenadora Janaína Nogueira. Ela destaca que a consolidação da rede de atendimento vem sendo trabalhada através da articulação com os outros serviços de saúde e com a assistência social do município e que um dos objetivos do trabalho é fazer com que os profissionais da atenção primária se apropriem, conjuntamente com o Caps e os serviços residenciais terapêuticos, dessa clientela.

Proximidade com o usuário no Caps Álcool e Drogas

O Caps Álcool e Drogas vem passando por mudanças para estar mais próximo do usuário. No passado, os acolhimentos na cidade eram feitos somente com agendamento, algo difícil de dar certo, em função do público atendido. Agora, no entanto, quem chega no serviço é imediatamente acolhido. Com oito leitos de retaguarda para desintoxicação, o Caps AD mantém, ainda, atendimento individualizado de psiquiatria, psicologia, além de assistência de equipe multidisciplinar para o atendimento familiar e de grupo. Há ainda oficinas terapêuticas de marcenaria, jardinagem, culinária, artesanato, dança e música e uma sala de educação para jovens e adultos.

"Muitos usuários têm vergonha e dificuldade para chegar a uma sala de aula. Por isso, a parceria com a Secretaria de Educação foi uma conquista. Além disso, buscamos não só um projeto de tratamento, mas de vida. Nesse sentido, as oficinas têm um caráter terapêutico, mas também profissionalizante", explica a coordenadora Viviane de Souza.

O professor de psiquiatria da Unicamp Luís Fernando Tófoli considera importante o trabalho que os Caps AD vêm realizando no país, mas destaca a necessidade de os serviços de saúde mental adotarem efetivamente a redução de danos, conforme prevê a Política Nacional de Saúde Mental, o que inclui a adoção de consultórios de rua, além da implantação de salas

Saúde Mental, e isso incluí a adoção de consultórios de rua, além de implantação de salas seguras de uso. "Oficialmente, os Caps AD deveriam funcionar na lógica da redução de danos, porque essa é a política. Mas a gente vê tudo que se possa imaginar, como Caps funcionando pelo viés normativo, da abstinência, outros que funcionam na perspectiva da reza. A perspectiva da redução de danos é a seguinte: ir onde o sujeito está. Quem chega no ambulatório é quem naturalmente está mais interessado em parar de usar. Quem não está interessado em parar é quem poderia ser trabalhado numa perspectiva de diminuir o impacto dos efeitos nocivos da droga e aumentar as possibilidades de cidadania. Por isso, não adianta esperar a pessoa chegar ao serviço."

'O mais difícil é a mudança cultural'

Chegar ao Caps HU não é tarefa fácil. Embora o imóvel esteja localizado no movimentado Bairro São Mateus, ele não conta com nenhuma placa de identificação, o que dificulta o reconhecimento do serviço. A justificativa para a ausência de indicação de que naquela área é feito um atendimento público a pessoas com transtorno mental é que a permanência no local é provisória, já que uma nova sede está em construção no Dom Bosco. Na prática, porém, a unidade, criada há 12 anos, permanece no endereço provisório há pelo menos quatro anos. Diferentemente dos outros Caps, o do HU tem compromisso não só com a assistência, mas com a formação e ensino, mantendo a residência de psiquiatria e psicologia.

Apesar de o Caps HU estar localizado na Zona Sul, o território de atendimento é referente aos bairros Borboleta, São Pedro, Santos Dumont, Teixeiras e São Pedro. Um dos objetivos do trabalho é desenvolver projetos terapêuticos individualizados. "Os encaminhamentos são feitos de acordo com as demandas apontadas por cada usuário ou percebidas por nós. Outro trabalho é o monitoramento das residências terapêuticas, pois todas as casas são vinculadas a um Caps. Este é um momento chave para fazer a capacitação em serviço, a fim de que possamos construir propostas de cuidado condizentes com a perspectiva da reforma psiquiátrica. Se não tomarmos muito cuidado, tiramos do hospital, colocamos o paciente na residência terapêutica e no Caps, mas não devolvemos a liberdade. Fechar um dispositivo e construir outro não é o mais complicado. O mais difícil é a mudança cultural, para que a gente não reproduza nos Caps e nas residências o modelo manicomial", alerta Sabrina Barra, assistente social do Caps HU.

Matérias relacionadas

RECEBA NOSSA NEWSLETTER
As principais notícias do dia no seu e-mail
email@email.com.br
RECEBER

Leia também



Assine a versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Venda avulsa da versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Assine a versão impressa e receba o jornal em sua casa ou na sua empresa
CLIQUE AQUI

Copyright Tribuna de Minas. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo dessa página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização escrita da Tribuna de Minas

Desenvolvido por Emedia

'Aceitação do diferente é fundamental'

"As pessoas precisam mudar de conceito e de prática" A humanização do tratamento de pessoas com transtorno mental é o tema dessa entrevista exclusiva concedida à Tribuna pelo coordenador nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori. Ele fala sobre a redução de leitos no país, que, na última [...]

Por **DANIELA ARBEX**
07/11/2014 às 07h00- Atualizada 07/11/2014 às 09h22

"As pessoas precisam mudar de conceito e de prática"

A humanização do tratamento de pessoas com transtorno mental é o tema dessa entrevista exclusiva concedida à Tribuna pelo coordenador nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori. Ele fala sobre a redução de leitos no país, que, na última década, caíram de 50 mil para 27 mil, a construção de novos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) – cerca de 160 a cada ano – e o esforço de construir novos serviços residenciais terapêuticos. Também avalia a reforma psiquiátrica brasileira e os desafios impostos pelo consumo de crack no país. Para Tykanori, "a questão do crack obscurece o problema que envolve o grupo da sociedade que não consegue acessar o desenvolvimento econômico."

Tribuna – A estratégia baseada na humanização do tratamento de pessoas com transtorno mental e na formação de uma rede já se consolidou no país ou ainda estamos no processo de mudança do antigo modelo assistencial?

Roberto Tykanori – O processo de transição de modelo tem duas dimensões: uma é estrutural – construir serviços, substituindo a estrutura do hospital psiquiátrico, o que andou dois terços da meta nesta década. Só que essa transição significa sair de estruturas extremamente concentradas, que são os hospitais, em poucos lugares, para descentralizar e interiorizar o acesso ao cuidado em saúde mental, o que está acontecendo num ritmo razoável. De 2000 até hoje, já estamos com 2.140 Caps. Então, tem um crescimento razoável em torno de 160 Caps ao ano e isso foi criando uma redução lenta, mas gradual e firme da redução de leitos hospitalares.

– O Brasil ainda tem cerca de 30 mil leitos em hospitais psiquiátricos. Quais são os obstáculos para se extinguir os velhos manicômios.

– Hoje são menos de 27 mil leitos. Aí entra em um outro patamar. Eu diria que não é um problema de mudança de modelo da estrutura, mas de paradigma, de entendimento de qual o problema está em jogo. A grande maioria dos leitos ainda continua sendo ocupada por moradores, embora já tenha reduzido muito a proporção. De 2003 para cá se gerou quase oito mil novos moradores, o que significa que existe uma lógica de atendimento que, em algum momento, as pessoas consideram que tem que ter um depósito, um lugar para fechar as pessoas. Esse espírito segregativo, de manter o sujeito isolado, ainda é muito presente. Então essa transformação não é feita só com boa vontade. As pessoas precisam mudar de conceito e de prática. Para isso, a gente precisa ter esforços no sentido de qualificar tecnicamente, eticamente e politicamente os profissionais.

O conteúdo continua após o anúncio

– Ainda há uma grande resistência da opinião pública em relação à mudança do modelo centralizado para a descentralização do atendimento. O principal argumento é: como tratar os doentes mais graves, que não conseguem viver sem supervisão institucional, em situações de crise?

– O argumento inicial é muito refutável, e ele mostra que não é consistente. Agora existem

questões: o modo de abordar, se você segue esse raciocínio, a sua atitude gera o comportamento correspondente. Se você pensa: essas pessoas só podem ser cuidadas sob essas condições, isso também limita o modo como você encara a situação e acaba induzindo também a resposta do paciente. Um aspecto no qual se constrói esse argumento é que a pessoa em crise tem que estar num certo lugar de isolamento, com supervisão extremamente qualificada para garantir o cuidado, a evolução. Nos anos 1970, o diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde Mental Americano fez um experimento histórico. Ele pegou pessoas jovens identificadas como esquizofrênicas e mandou sortear. Um grupo faz tratamento tradicional. No grupo experimental, oito pessoas foram colocadas em uma casa, praticamente sem remédio, e acompanhadas por leigos, experimento que durou 12 anos. A primeira constatação é que, no ambulatório tradicional, os sintomas reduzem rapidamente nas primeiras semanas, enquanto os que estavam sem remédio na casa tiveram maior demora para que a sintomatologia desaparecesse. Mas, depois de dois anos, pessoas que faziam o tratamento tradicional consumiam altas doses de remédio e ficavam presas em casa, intermediadas por internações breves e não breves (75% desse grupo estavam nessa condição). Já o outro grupo, na mesma proporção de 75%, estava vivendo bem, trabalhando, estudando.

– O senhor afirmou, em 2012, que tratar em liberdade é conquista inquestionável da reforma psiquiátrica. A reforma psiquiátrica brasileira é considerada tardia em relação à de outros países. Quais são os pontos positivos da nossa reforma?

– A primeira vantagem é isso: ter sido feita depois de outros países, porque se aprende mais. Tem uma desvantagem em relação à disponibilidade de recursos, porque todas as experiências que antecederam o Brasil ocorreram em países de capitalismo muito avançado. A partir do final da ditadura, o país está sendo reconstruído, e as instituições refeitas. Então não só tem uma certa fragilidade no processo da reforma psiquiátrica, mas é a mesma, eu diria, do nosso processo de país. Estamos num processo de reinvenção das instituições. A prática da democracia, do respeito, da aderência às normas coletivas é uma construção. Isso é o que viabiliza as pessoas viverem em liberdade, não só as pessoas com transtorno mental. Quando não se tem essas instituições, acaba-se recorrendo ao uso da força, tendo sociedades autoritárias, autárquicas e pouco democráticas. Nessas condições, então, faz sentido o uso da força para manter as pessoas segregadas. Contra isso é fundamental o espírito da democracia, da aceitação do diferente, como possibilidade legítima.

– O crack é considerado uma espécie de epidemia nacional, embora o termo não seja o correto. Mas a impressão que a sociedade tem é que as políticas públicas não se mostraram eficazes para enfrentar o problema.

– Primeiro o tamanho da dimensão precisa ser ajustado aos dados concretos. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas contratou uma pesquisa da Fiocruz, e temos hoje um perfil muito preciso dos usuários de crack, praticamente os usuários de crack na rua. Essa projeção dá menos de 400 mil pessoas no país, dimensão relativamente pequena num país de 200 milhões de habitantes. A pesquisa mostra que são pessoas jovens, mais de 80% são não brancos, mais de 50% não tem nem dois anos de ensino fundamental, pessoas com baixíssima empregabilidade e capacidade de entrar no mercado, que não acumularam nenhum tipo de hábito social e cultural para participar do jogo social.

– O que Ministério da Saúde tem feito?

– Uma forma de compreensão do fenômeno do crack surgiu com uma ação da Prefeitura de São Paulo, chamada 'De braços abertos'. São Paulo tinha um quarteirão ocupado por mais de 1.500 pessoas e, ao final do ano passado, elas começaram a construir barracos na rua. Este ano, a prefeitura abriu um ponto no meio deles, uma área com tela, banheiro e uma salinha pequena. Nesse espaço de mais ou menos 80 metros, as pessoas começaram a acolher quem quisesse entrar. No meio da confusão, tinha esse lugar que oferecia banho, água, sanduíche. Ali, em um dia, passaram mais de 500 pessoas, e eles perguntaram: o que vocês querem? O que precisam? A resposta foi casa, trabalho e estudo. Isso é muito interessante, porque aqueles ditos zumbis, tinham uma demanda coerente com a condição deles. A Prefeitura tinha como problema o esvaziamento das ruas. Aí resolveu negociar. Vamos arrumar lugar para vocês irem, trabalho e chance de estudar. Em troca, quero que saiam da rua. Na data marcada, eles desmontaram os barracos. A Prefeitura alugou cinco a dez pontos naquela região, colocou todo mundo nesses hotéis, ofereceu bolsa diária de R$ 15 por trabalho de varrição, – eles trabalham quatro horas por dia, recebem o dinheiro uma vez por semana e,

no período da tarde, quem quiser pode estudar. O detalhe: não se discutiu nada sobre drogas, mas se resolveu responder aquilo que eles efetivamente estavam dizendo que era um problema para eles. Qual o efeito disso? Em três semanas, 60% dos 470 que participaram já estavam voluntariamente sob alguma forma de tratamento para droga. A grande maioria reduziu o consumo de 20 pedras por dia para cinco. Hoje são mais de 500 pessoas no projeto que estão se estabilizando. Nós apoiamos o processo de São Paulo e estamos discutindo mecanismos de estender esse tipo de colaboração para o país.

Matérias relacionadas

RECEBA NOSSA NEWSLETTER
As principais notícias do dia no seu e-mail
email@email.com.br
RECEBER

0 comentários
Classificar por Mais antigos
Adicione um comentário...
Plugin de comentários do Facebook

Leia também



Assine a versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Venda avulsa da versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Assine a versão impressa e receba o jornal em sua casa ou na sua empresa
CLIQUE AQUI

Copyright Tribuna de Minas. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo dessa página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização escrita da Tribuna de Minas

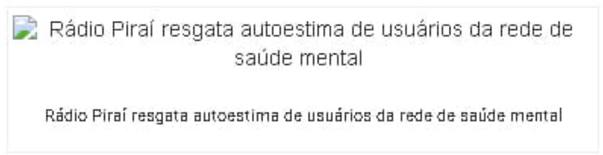
Desenvolvido por Emedia

X

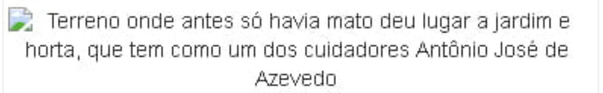
Histórias reconstruídas

Rádio Piraí resgata autoestima de usuários da rede de saúde mental Terreno onde antes só havia mato deu lugar a jardim e horta, que tem como um dos cuidadores Antônio José de Azevedo "Não desperdice a sua loucura." Com o slogan bem-humorado, a Rádio Piraí está mudando não só a história dos participantes do projeto [...]

Por **DANIELA ARBEX**
11/11/2014 às 07h00- Atualizada 11/11/2014 às 09h35


Rádio Piraí resgata autoestima de usuários da rede de saúde mental

Rádio Piraí resgata autoestima de usuários da rede de saúde mental


Terreno onde antes só havia mato deu lugar a jardim e horta, que tem como um dos cuidadores Antônio José de Azevedo

Terreno onde antes só havia mato deu lugar a jardim e horta, que tem como um dos cuidadores Antônio José de Azevedo

"Não desperdice a sua loucura." Com o slogan bem-humorado, a Rádio Piraí está mudando não só a história dos participantes do projeto do Centro de Convivência do Departamento de Saúde Mental, mas a forma como eles estão sendo vistos. Há um ano no ar, o programa exibido mensalmente nas redes sociais é feito por pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, bipolaridade e outros tipos de transtorno mental. Juntos, os integrantes estão conseguindo provar que a doença é apenas uma faceta da trajetória deles. Com sonhos e desejo de conquistar um lugar ao sol, os criadores dos quadros "Cuca fresca", "Cada um no seu quadrado" e outros construídos durante o processo de gravação têm surpreendido a própria comunidade que um dia os excluiu. Além da rádio, os usuários da rede de saúde mental de Juiz de Fora contam com oficinas terapêuticas nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) que buscam resgatar a dignidade do sujeito em meio ao desafio diário da reinserção. Na última matéria da série "Vidas roubadas", a Tribuna mostra que devolver a cada ex-paciente psiquiátrico parte do que lhes foi arrancado é o primeiro passo na reconstrução dessas vidas.

Com mestrado em comunicação, a coordenadora do Centro de Convivência, Ilka de Araújo Soares, 50 anos, afirma que a Rádio Piraí está conseguindo mobilizar frequentadores do espaço que não tinham afinidade com outras atividades, como a do ateliê. "Na rádio, elas se tornaram extremamente produtivas. A primeira vez que o Walmir escutou sua voz, aquele vozeirão sendo aproveitado, transformando-se num produto final e tendo o resultado, ele resgatou sua autoestima e o respeito da família", salienta a psicanalista. Ilka refere-se a Walmir dos Santos Costa, o locutor da rádio que passou mais de 13 anos dos 44 de vida institucionalizado. Internado pela primeira vez aos 13 anos, ele só voltou a ver a família aos 21. "Passei por eletrochoque, cheguei a tomar injeção de entorta, vivi situações difíceis. Depois que minha família se afastou de mim, mergulhei nas drogas por 20 anos", relembra. A guinada na sua vida aconteceu há quatro anos, quando ele deixou a Clínica Aragão Villar e conheceu o Centro de Convivência, localizado na Rua Tiradentes, no Bairro Santa Helena. "Antigamente me chamavam de maluco, debochavam. Depois que passei a frequentar o centro, é que vi o que é viver em sociedade e ter liberdade, o que eu nunca tive. Hoje sou respeitado na minha comunidade. Agora estou descobrindo o que é viver. Com a rádio, eu me sinto importante, porque todo mundo lá no bairro só sabe falar do programa. Agora me elogiam, coisa que ninguém nunca fez."

Geraldo Vasconcelos Fajardo, 62, é o poeta da Piraí. Depois de uma adolescência de internações, o ex-paciente carregou por toda a vida o apelido de louco e inútil. Quase acreditou nisso, mas sua paixão pelas rimas alimentou o sonho de novos tempos. Por isso, Geraldo começou a compor versos em silêncio. Guardou tudo por décadas até ter a chance de mostrar seu trabalho na rádio. O usuário que estudou até a quarta série primária diz ter escrito mais de 300 poesias, a maior parte delas fala do quintal da sua infância em Piracatuba, de um tempo em que felicidade era sinônimo de apanhar frutas na casa do avô. "Estou feliz em poder falar das minhas poesias na rádio. O hospital psiquiátrico não é lugar para a gente, nosso lugar é

aqui, dentro da sociedade", afirma o escritor.

O conteúdo continua após o anúncio

Ouça o programa da Rádio Piraí:

[soundcloud url="https://api.soundcloud.com/tracks/175665099" params="auto_play=false&hide_related=false&show_comments=true&show_user=true&show_reposts=false&visual=true" width="650" height="150" iframe="true" /]

Dias de isolamento ficam para trás

Flávia Beatriz Mendes, 34, estudante do ensino médio, também experimenta o gosto da convivência social. Assim como Walmir e Geraldo, ela participa da rádio e deixa para trás os dias de isolamento em casa após diagnóstico de esquizofrenia. A doença se manifestou anos depois de uma infância de maus-tratos, quando ouvia a mãe dizer que sentia vontade de lançá-la pela janela. Hoje ela faz piada dos problemas e tem uma definição própria da loucura. "Para mim, é bom ser diferente, porque, se todos fossem iguais, não teria graça. Louco não é simplesmente viver isolado, numa camisa de força. Ser louco é incomodar as pessoas que se acham muito certinhas. Nesse sentido, eu sou louca, sim", ri.

Jardinagem traz esperança

No terreno onde todos viam apenas um matagal, Cláudia Aparecida Esteves dos Santos Teixeira e Laura Travassos Fagundes Netto enxergavam possibilidade. Foi assim que elas transformaram desordem em jardim. Através do projeto "Revitalizar", as duas técnicas do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD) criaram mais do que uma oficina de jardinagem no endereço do serviço: devolveram esperança. Um ano depois de sonharem, as duas veem o antigo espaço ganhar cores. Quem chega ao centro na Rua Silva Jardim encontra plantas, horta vertical, jardim suspenso e muita reciclagem. "Muitos só aderiram ao tratamento após a participação na oficina", comenta a estagiária de Serviço Social Laura Netto.

Antônio José de Azevedo, 56 anos, é usuário antigo do Caps. Procurou o serviço depois de enfrentar sérios problemas com a bebida. Recaiu recentemente, mas o trabalho com o jardim tem ajudado o gerente de mecânica industrial a enfrentar o novo momento difícil. "Essas atividades resgatam a nossa autoestima. No caso da jardinagem, ela exige dedicação diária. Quase tudo plantado aqui tem a minha mão", orgulha-se, apontando para os pés de alface e mudas de hortelã. "A bebida me causou graves lesões no cérebro. Já a jardinagem está me mostrando que sou capaz de fazer algo novo", completa Antônio, que sonha em desenvolver, profissionalmente, as técnicas que aprendeu na oficina. A ideia é criar novos jardins e retirar deles renda para a compra dos insumos necessários ao projeto. Para Laura, a revitalização do antigo espaço fortalece a renovação do ideal de cuidado. "Tivemos a intenção de revitalizar o espaço e também fazer com que eles, aprendendo a cuidar das plantas, aprendam a cuidar de si mesmos."

Orgulho em ações cotidianas

O que o simples ato de alugar um filme representa? Para a maioria, nada, mas para pessoas que foram privadas de escolhas, significa a chance de recuperar autonomia. E foi assim, por meio da oficina de filmes, que o Caps Leste conseguiu despertar interesse dos usuários em alguma atividade. Para participar da oficina, o frequentador do serviço tem a chance de sair às ruas, caminhar até a locadora e exercer a liberdade de selecionar um título. No começo, foi tudo novidade para pessoas que não tinham passado pela experiência de caminhar nas ruas ao lado de alguém, já que muitos estavam acostumados a andar atrás de algum familiar envergonhado diante da deficiência do parente.

Antônio Carlos de Carvalho, 56 anos, é integrante da oficina. Depois de passar mais de uma década em situação de rua, o ex-vigia tenta recomeçar a caminhada. Sua história foi interrompida na década de 1980, quando ele trabalhava com guincho. Durante o expediente, Antônio ateou fogo no mato próximo onde estavam os veículos guinchados, e pelo menos sete carros ficaram destruídos. Por causa do episódio, que ele trata como acidente, passou mais de 20 anos internado em hospitais psiquiátricos. Questionado sobre a pior lembrança do passado, ele cita o dia da tragédia. "Foi terrível. Quando vi tudo queimando, fiquei desesperado. Aí dei uma de doido e me internaram", conta, tentando fazer graça sobre um

episódio que lhe tirou o emprego e o contato com a família. Resgatado pelos dois filhos e encaminhado ao Caps, Antônio quer recuperar os sentidos da existência. "Na rua, passei frio, senti fome. Hoje vivo ao lado dos meus filhos", comemora.

Estudante do décimo período de psicologia da UFJF, Ernani Gomes, 24 anos, estagia há um ano e meio no Caps frequentado por Antônio Carlos. A experiência o ajudou a enxergar melhor a doença mental. "Aprendi que não existe um diagnóstico fechado, eles têm outras possibilidades e comportamentos diferentes do esperado. Mais do que medicamentos, eles precisam de acompanhamento, atenção e de escuta. Precisam ser reconhecidos como pessoas."

Para a coordenadora do Centro de Convivência do Departamento de Saúde Mental, Ilka de Araújo Soares, é esse respeito à singularidade de cada um que faz diferença no contexto da reforma psiquiátrica. "Não podemos criar os espaços perdendo de vista a intervenção individualizada e não normatizada. Senão, a gente cria novos manicômios e passa a ser excludente de novo."

Matérias relacionadas

RECEBA NOSSA NEWSLETTER
As principais notícias do dia no seu e-mail
email@email.com.br
RECEBER

0 comentários

Classificar por **Mais antigos**

Adicione um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

Leia também



Assine a versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Venda avulsa da versão impressa Digital (flip page)
CLIQUE AQUI
Assine a versão impressa e receba o jornal em sua casa ou na sua empresa
CLIQUE AQUI

Copyright Tribuna de Minas. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo dessa página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização escrita da Tribuna de Minas

Desenvolvido por Emedia

X

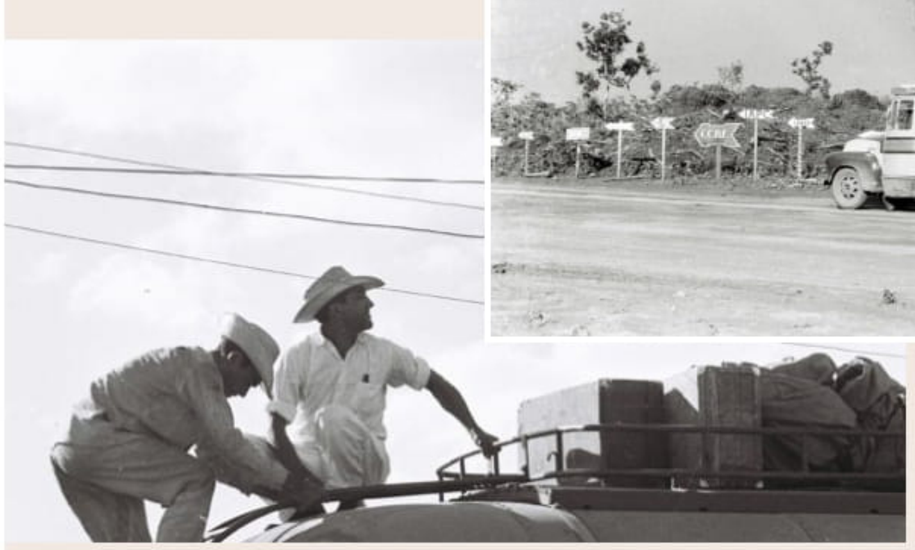


Fotos: F. Gualberto/CB | Ed e Breno Fortes/CB | DJ

CONEXÃO BRASÍLIA

SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

São 58 anos de fundação e quase sete décadas de mobilidade em Brasília. Ônibus, caminhão, carro, motocicleta, avião, bicicleta, van, trem, metrô. Cada meio de locomoção ajuda a explicar como o cerrado bruto e selvagem se transformou em capital federal. Com uma série de reportagens, o **Correio** aborda o desenvolvimento do transporte na cidade e reforça o papel do setor para a transformação do Brasil.





1950

OS EIXOS QUE UNEM O BRASIL

Brasília é da terra. Da lama, da poeira, do suor do operário. Desacreditado, o cerrado se doa em nome da nova capital do Brasil. Máquinas pesadas tomam decisões. A cidade corre contra o tempo para provar do que é capaz.

Leia a matéria completa





1960

OBSTÁCULOS AO PROGRESSO

Brasília sente a pressão. Passada a rebordosa do 21 de abril, a capital tem muito a fazer. A urbanização incipiente vira armadilha e tudo exige atenção do Estado.

Leia a matéria completa





1970

A CAPITAL DOS AUTOMÓVEIS

Brasília faz valer o plano rodoviário nos anos 1970. Com mais de 110 mil veículos emplacados na década,os carros comandam as ruas. Ao volante, os pegas assustam em época de ditadura militar.

Leia a matéria completa

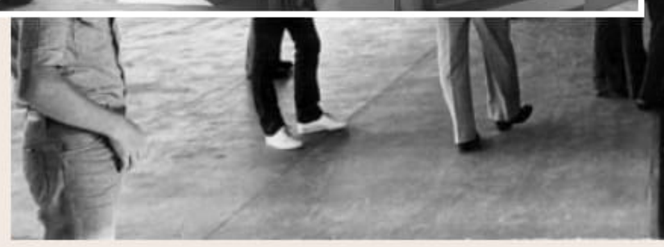
1980

DESCOMPASSO COLETIVO

Turbulências marcam os anos 1980. A crise no abastecimento faz do Brasil um país instável. No DF, a frota de veículos cresce em progressão geométrica, e o transporte público esbarra na ineficiência.

Leia a matéria completa











1990

NOS PASSOS DA PAZ

Brasília assume-se capital do Brasil nos anos 1990. Da posse do primeiro presidente eleito após a ditadura aos caraspintadas; do confisco da poupança ao Plano Real; a cidade centraliza o debate político e econômico.

Leia a matéria completa

2000

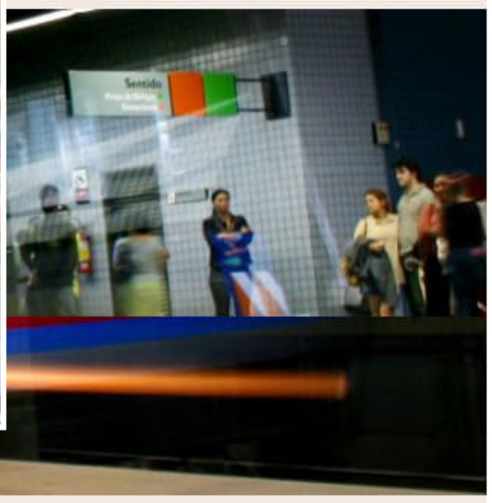
NA ROTA DA PIRATARIA

Brasília vira o milênio carente de transporte sustentável. O metrô e a bicicleta se apresentam como alternativa, enquanto a frota ultrapassa 1 milhão. Na brecha da ineficiência, abrigam-se vans piratas.

Leia a matéria completa









2010

TECNOLOGIA NA ERA DA MOBILIDADE

Brasília vive a expectativa de grandes eventos esportivos nos anos 2010. A euforia resulta em projetos de necessidade duvidosa. A modernidade reserva embates entre taxistas e motoristas de aplicativos.

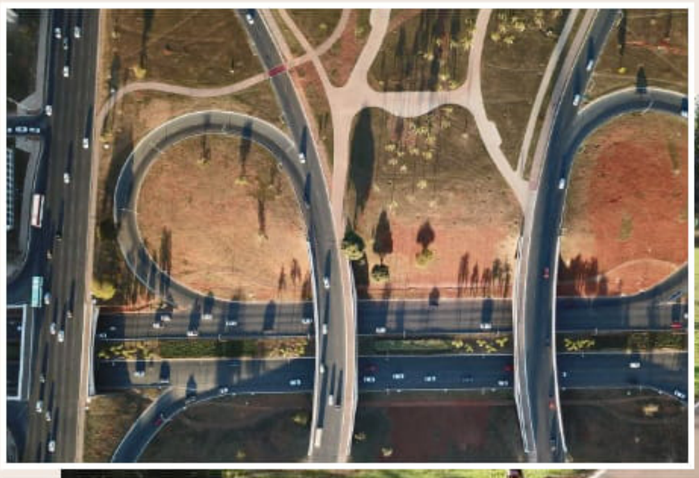
Leia a matéria completa

FUTURO

DO PLANO PILOTO ÀS ASAS DO FUTURO

Brasília busca saídas para o amanhã. Liderada por entidades e ONGs das mais diversas áreas, a capital federal tem à disposição ideias e soluções capazes de transformar o transporte de forma sustentável e eficiente nas próximas décadas.

Leia a matéria completa









Direção de redação
Ana Dubeux

Editores executivos
Plácido Fernandes
Vicente Nunes

Editor de Cidades
José Carlos Vieira

Textos
Guilherme Goulart
Jéssica Eufrásio

Imagens
Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press
Arquivo Público do Distrito Federal
Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press
Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press
Cedoc do Correio Braziliense
Marcelo Ferreira/CB/D.A Press
Minervino Junior/CB/D.A Press

Web
Marcus Eduardo da Cruz Rodrigues
Luiz Filipe Azevedo de Lima
Vinicius Mendes da Silva (estagiário)

Editores de conteúdos digitais
Anderson Costolli
Humberto Rezende

Edição
Guilherme Goulart

Projeto gráfico e diagramação do jornal impresso
Marcelo Ramos

Revisão
Ailon Pedrosa
Rosiley Bertini

Artes
Maurenilson Freire

Agradecimentos

- Artigo *Acidentes de trânsito no Brasil: dados e tendências*, de Maria Helena P. de Mello Jorge e Maria Rosário D. O. Latorre. Publicado no suplemento nº 1 do periódico Cadernos de Saúde Pública de 1994
- Departamento de Trânsito (Detran)
- Fundação Biblioteca Nacional — BNDigital
- Monografia *Placar da vida: bastidores da prática de jornalismo público que mudou o trânsito do Distrito Federal*, de Josivânia Ferreira dos Santos sob orientação de Mônica Prado, do Centro Universitário de Brasília (UniCeub)
- Revista Brasília
- Site VFCO Centro-Oeste — Ferreomodelismo, Trens e Ferrovias do Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

© Copyright Correio Braziliense 2000 - 2018.
Todos os direitos reservados.

Série publicada de 15 de julho de 2018 a 22 de julho de 2018.

R$ 1,50 · MANAUS · SÁBADO · 2 DE JUNHO · 2012 · Ano LXII - Nº 21.976 · HOJE: 64 páginas, 8 cadernos · CLASSIFICADOS: 16 páginas, 2.061 an acritica.com

acrítica

DE MÃOS DADAS COM O POVO

FUNDADOR: UMBERTO CALDERARO FILHO
DIRETORA PRESIDENTE DA RCC: RITTA DE ARAÚJO CALDERARO

SEMSA: Vai ter Concurso
PÁGINA A9

TV A CRÍTICA 40 ANOS

TV 3D

Televisão passa a transmitir, a partir de hoje, sua programação em terceira dimensão (3D). PÁGINA A3



Arte Carlos Paulo sobre foto de Clóvis Miranda

craque

COM 'CARA' DE ESTÁDIO

ARENA DA AMAZÔNIA Palco local para a Copa 2014 está 41% construído. PÁGINA CR2

Carlos Souza/RCCop



MALVERSAÇÃO

Ex-prefeito de Iranduba preso por desvio de R$ 6,4 milhões

José Maria Muniz foi condenado a quatro anos e meio e já está preso no Centro de Detenção Provisória, no km 8 da BR-319. PÁGINA A5

DECRETO

Manifestações estão proibidas no Centro

Prefeitura de Manaus veta, temporariamente, manifestações culturais, religiosas, caminhadas e passeatas na área central da cidade. PÁGINA A6

RETIRADOS

Paradas de ônibus tomam vaga de camelô

Bancas de ambulantes instaladas na avenida 7 de Setembro estão sendo substituídas por paradas alternativas de ônibus. PÁGINA C2

Veículos>

Teste comparativo de sedãs médios

Conheça os pontos positivos e negativos dos carros Corolla, Jac 5 e Linea. PÁGINAS V6 E V7

Sérgio Castro/AE



EXCLUSIVA PÁGINA C7

Raphael Souza volta a dizer que é inocente

cidades

Rio+20 Carta da Amazônia concluída com novas propostas. C4



Sob as regras do tráfico

C8 No bairro Novo Reino I, Zona Leste, traficantes invadiram e ameaçaram queimar uma casa por desconfiarem de denúncias sobre a atuação deles no bairro.



Cheia 'retira' camelôs

C2 Bancas cedem espaço para o fluxo de pedestres.

Execuções na Zona Norte

C7 Seis mortes em 15 dias na área do Ronda no Bairro.

Profissionais >>do sexo

Uma viagem na prostituição

No Dia Internacional da Prostituta, hoje, A CRÍTCA abre série de reportagens que mostra diferentes aspectos dessa atividade

ANA CELIA OSSAME
ossame@acritica.com.br

Odair Leal



Em Petropólis, moradores cobram a reforma da unidade educacional que funciona onde um dia foi o "Maria das Patas"

Quem tem mais de 50 anos e um pouco de curiosidade por história já ouviu falar de cabarés famosos de Manaus que foram pontos de prostituição, mas hoje têm outra utilização e não guardam qualquer vestígio do passado boêmio. Hoje, 2 de junho, Dia Internacional das Prostitutas, A CRÍTICA faz um passeio por estes lugares e mostra que destino tomou cada um.

Entre os mais famosos, tem-se o "La Hoje", que funcionava onde está a Estação Rodoviária de Manaus, na avenida Mário Ypiranda Monteiro, antiga rua Recife. O "Verônica" deu lugar ao Millenium Shopping, na Constantino Nery; o Acapulco Clube funcionou próximo ao Departamento Estadual de Trânsito (Detran) e o Shangrilá, outro prostíbulo famoso, estava situado nas imediações do Clube Sírio Libanes, na Constantino Nery. Já o Saramandaia, famoso nos anos 80, foi demolido e o terreno abriga uma instituição educacional.

Até os anos 60 do século passado, a zona urbana de Manaus ia até à antiga Bola da João Coelho, hoje Constantino Nery, com o Boulevard, conta o motorista de táxi Naldir Cavalcante, 67, na época chamado "chofer de praça". O motorista levava clientes ao Ângelus, prostíbulo situado nas proximidades de onde está hoje o Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro. Outro destino era o Piscina Clube, também muito frequentado. Hoje o terreno do clube abriga o Posto 5, na Torquato Tapajós.

NOVELA INSPIRADORA

Nas proximidades do Clube Municipal estava o "Bom Futuro", conta o motorista Naldir, citando ainda o "Saramandaia", cujo nome foi inspirado numa novela global. O Saramandaia ficava na Torquato Tapajós, nas imediações do bairro da Redenção. Outros cabarés famosos foram o "Rosa de Maio", mais adiante da estrada da Cidade Nova; o "Forquilha", na estrada do Aeroporto. Na Ponta Negra, em plena área nobre da cidade, existia o "Mansão das Blumas", em frente ao bairro de Santo Agostinho. Outra casa famosa era o Maria das Patas, no bairro de Petrópolis, próximo ao 3º Distrito Policial (3º DIP). Hoje, no terreno, funciona uma unidade educional da Prefeitura de Manaus.

Naldir conta que, na época, essas casas eram chamadas de "puteiros" e foram entrando na cidade porque não havia danceterias e esses locais eram usados também pelos que gostavam de dançar e não necessariamente contratavam um "programa" com as prostitutas.

Saiba mais

>> Regulamentação
O Ministério do Trabalho oficializa a profissão de prostituta na Classificação Brasileira de Ocupações, no item 5198-05, definindo quem a pratica como sendo a "profissional do sexo, garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, puta, quenga, rapariga, trabalhador do sexo, transexual (profissionais do sexo) e travesti (profissionais do sexo)".

Personagem

PROFESSOR-DOUTOR DA UFAM
Ricardo Nogueira



"Elas buscam outros locais"

"Lugares frequentados pelas prostitutas são flexíveis ou móveis, porque funcionam de acordo com a pressão do Estado ou da Prefeitura, em determinadas situações", explica o geógrafo Ricardo Nogueira. Segundo ele, a mobilidade territorial da prostituição depende dessa pressão do Estado porque em alguns momentos o poder público decide revitalizar esses locais e, com isso, eles passam a receber outros grupos sociais, ou seja, novos frequentadores. "Com isso, elas são obrigadas a buscar outros locais, outras praças e bancos", argumenta Ricardo, destacando avenidas que são territórios com um uso durante o dia e outro à noite. Nas ruas, Ricardo observa que elas trabalham em grupos ou em duplas para se proteger

Regulamentação foi insuficiente

Atividade está na Classificação Brasileira de Ocupações e com isso elas podem contribuir para a previdência e se aposentar

As prostitutas ganharam o status de ocupação registrada, sendo as profissionais do sexo, ou seja, mulheres que ganham a vida em ruas, bordéis, motéis etc, praticando atos sexuais variados, como registra a Classificação Brasileira de Ocupações.

Mas isso ainda não foi suficiente para melhorar de maneira efetiva a vida delas, conforme explica a presidente das Prostitutas e Ex-Prostitutas do Amazonas, Sebastiana dos Santos Barata. Com a maioria carregando dramas pessoais e familiares suficientes para comover qualquer ouvinte, os objetivos da entidade, criada em 2005, é mais do que orientar sobre a prevenção a doenças como DSTs e Aids. "Reconheço ser difícil, mas lutamos para convencê-las de que devem procurar um outro modo de ganhar a vida", afirma.

A tarefa é ingrata e sem muito sucesso. De acordo com Sebastiana, a permanência nessa atividade é baseada na desesperança de que é impossível tomar outro caminho, até porque nunca falta clientela, mesmo para aquelas que já têm mais de 60 anos e estão na atividade há mais de 40 anos. "Essas já não sabem mais como mudar, mas nós estimulados as mais jovens a estudarem, buscarem cursos profissionalizantes e mudar de vida", assegurou a presidente, revelando que a maioria das que está nas ruas do Centro tem baixa escolaridade e frágeis laços familiares.

Uma das características dessa profissão secular, é a violência. A entidade foca nesse ponto, buscando reduzir os índices de violência e agressão que costumam marcar a relação com os clientes. "Elas são muito procuradas, a sociedade não vive sem as prostitutas, mas também não as respeita, pois elas são tratadas da pior maneira", conta Sebastiana, dizendo já ter ouvido relatos de horrores vividos pelas profissionais do sexo entre quatro paredes.

Amanhã

Na segunda parte dessa série de reportagens, A CRÍTICA faz um mergulho na história e mostra que o glamour da *Belle Époque* manauara escondia a pobreza e o sofrimento das amazonenses diante da exuberância de francesas e polacas.

Clovis Miranda



Às margens do Mindu, onde hoje é o Millenium Shopping, funcionava o Verônica



TV A CRÍTICA

Do carvão à magia do *touchscreen*

A TV Crítica entra na era da tecnologia da transmissão 3D e da tela mágica que se movimenta com o toque dos dedos. Este é o um dos presentes de aniversário de 40 anos no ar e de mãos dadas com o povo. PÁGINA BZ8

Ódair Leal



R$ 3,00 · MANAUS · DOMINGO · 3 DE JUNHO · 2012 · Ano LXII - Nº 21.977 · HOJE: 104 páginas, 13 cadernos · CLASSIFICADOS: 32 páginas, 3.622 anúncios

acritica.com

acrítica

DE MÃOS DADAS COM O POVO

FUNDADOR:
UMBERTO CALDERARO FILHO
DIRETORA PRESIDENTE DA RCC:
RITTA DE ARAÚJO CALDERARO

CLASSIFICADOS
Neste domingo
551
ofertas de emprego

SEGURANÇA SEM CONTROLE

Mauazinho é reduto do crime organizado

Facções se instalaram no bairro e ditam 'leis' semelhantes às dos morros cariocas PÁGINA C12 E C13

Alexandre Fonseca



Últimas>

Calmaria no terminal central torna lento trânsito na Sete

Mudança radical no tráfego de ônibus e de carros leves no Centro de Manaus promete muita confusão durante a semana. PÁGINA A8

NARCOTRÁFICO PÁGINA C7

Polícia Federal opera com frota armada

ENCHENTE PÁGINA C14

Água atinge estrada para Manacapuru

craque PÁGINA CR7

BRASILEIROS ENFRENTAM MEXICANOS

vida&estilo>

O charme da Casa Cor São Paulo

Moda, tecnologia, sustentabilidade e charme fazem da Casa Cor São Paulo, o maior evento de arquitetura e decoração do continente. PÁGINA VE1

Celio J



Bem Viver>

Como os teatros são conservados

Exceto o Teatro Amazonas, os demais precisam de maior atenção. PÁGINA BV1

Dinheiro PÁGINA D5

Pizzarias correm atrás da clientela

Setor cresce e investe até em tecnologia para melhorar o sistema de entrega.

cidades

Regional Bancas de rua são as favoritas no café do manauara. C3



O império do tráfico

C12 e C13 Facções criminosas que dominam o Mauazinho instalaram seu *modus operandi* no bairro com formação de alunos para operarem no tráfico de drogas.



Embarcações equipadas

C7 PF recebe barcos com armas de última geração.

Duplicação da AM-070

C14 Trechos serão elevados por causa da cheia.

Profissionais >>do sexo

O baixo meretrício

Na *Belle Époque* havia um lado negro e distante das 'mademoiselles' e 'polacas'

Divulgação/ Fucapi





Requinte das "polacas" e o charme das "mademoiselles" franceses, retratadas nos muros de ruas da região central de Manaus pelos alunos do curso de Design da Fucapi, contrastava com o "baixo meretrício" de nortistas e nordestinas

ANA CELIA OSSAME
ossame@acritica.com.br

Mostrar que, ao contrário do senso comum, a prostituição em Manaus, no tempo da *Belle Epoque*, quando a economia da Borracha ditava as normas na vida política, econômica e social da cidade, era formada por não só por mulheres francesas e polonesas, as famosas "polacas", mas principalmente por brasileiras, sendo a maioria amazonenses e pobres, foi uma tarefa empreendida pelo professor de História Paulo Marreiro dos Santos Júnior.

No trabalho de mestrado sobre o tema "Pobreza e Prostituição na *Belle Epoque* manauara", defendido na Pontifícia Univesidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Paulo mostra que nos bordéis e cassinos de luxo, quem acompanhava os ricos seringalistas nos jogos de cartas, bebedeiras e danças ocorridos nesses locais eram também as mulheres nativas, de origem nortista ou nordestina.

Na dissertação, ele mostra que antes de 1910 as crônicas policiais não retratavam áreas da cidade específicas de concentração de prostitutas. "A partir desse ano, as ocorrências envolvendo meretrizes tiveram duas ruas de destaque: a Itamaracá e a Estrada Epaminondas, com alguns hotéis, bares e botequins, todos equivalentes ao centro da cidade", observou.

Saiba mais

>>Desespero
Os levantamentos estatísticos das crônicas policiais da imprensa da época mostraram que o avanço da crise da borracha esteve diretamente ligado ao aumento do número de suicídios ou tentativas de suicídios das prostitutas até 1904, revela a pesquisa do professor do Ifam.

IMAGEM DISTORCIDA

Na verdade, segundo ele, foi criada e cristalizada uma imagem das famosas "polacas" das zonas do meretrício, e as "mademoiselles" dos cafés, o que contribuía para aumentar a fama de 'cidade do prazer' tanto no Brasil quanto no exterior. "Falava-se das famosas 'francesas' que arruinavam, em algumas noites, seringalistas, proprietários de casas aviadoras, políticos, oficiais de altas patentes", disse, lembrando que havia também um mundo de prostituição que habitava as sombras das ruas, das moradas precárias, dos cortiços e das vilas operárias.

Amanhã

Na última parte dessa série de reportagens, A CRÍTICA mostra personagens do mundo da prostituição, mulheres que abandonaram a atividade e homens que, alegremente, se entregaram ao divertido e triste mundo dos cabarés de Manaus.

Nos registros da imprensa, Paulo descobriu que havia mulheres de outros Estados e até estrangeiras atuando no chamado "baixo meretrício", depreciadas com adjetivos do tipo "marafonas, meretrizes, mariposas", que sem ganhar o suficiente para o sustento, eram obrigadas a furtar alimentos.

O pesquisador, que leciona no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifam) do município de Presidente Figueiredo (a 107 quilômetros de Manaus), cita ainda que, dos recôncavos da Europa vieram se prostituir em Manaus romenas, portuguesas, espanholas e italianas, além de russas, turcas; sulamericanas da Bolívia e Peru; africanas e barbadianas.

Elas estavam ainda mais à mercê da violência masculina, desprotegidas nas esquinas, ruas, praças, botequins e bilhares, onde atendiam aos segmentos populares, cita o pesquisador, que encontrou várias notícias na imprensa local da época registrando quando eram despejadas por seus inquilinos. Algumas eram retratadas pelo redator como desiludidas com a cidade, sendo que algumas voltavam para sua terra natal ou seguiam caminho às vezes para morte, por meio de suicídio.

Ao finalizar, Paulo diz que o objetivo da pesquisa foi mostrar as outras prostitutas na Manaus da época da borracha, assim como os outros ambientes - vistos como sórdidos - frequentados por homens de fora da órbita dos barões da borracha. Para o mestre, com suas histórias e tragédias, essas mulheres denunciam o outro lado do fausto da borracha esquecido ou abafado pelo glamour de uma época marcante da sociedade amazonense.



Cenário de cabarés da época áurea da borracha exibe detalhes de roupas importadas da Europa pelas prostitutas de luxo

Velhos cenários pintados em muros

O cenário de degradação urbana, prostituição e tráfico de drogas visível hoje nas ruas Governador Vitório, Frei José dos Inocentes, Bernardo Ramos, Itamaracá e Sete de Setembro, no Centro, em nada lembra o esplendor da chamada *Belle Époque*, quando "barões da borracha" moravam ou se divertiam na região com as prostitutas francesas e polonesas, as famosas "polacas".

Fazendo o resgate desse passado, alunos do curso de Design da Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi), com o apoio da Manaus Cult, desenvolveram o projeto "Muros Vivos" e recriaram um pouco daqueles ambientes.

A atividade contou com a participação de 18 alunos e foi coordenada pela professora-mestre em Arte e Design para espaço Público, Brunna Rocha Anchieta. Houve uma pesquisa e análise do local, desde o período colonial até a República, quando os alunos puderam perceber a riqueza histórica e cultural do Centro. Os desenhos mostram uma linha de tempo, que inicia com o Forte de São José do Rio Negro, passa pela presença militar na época, a elevação do Amazonas a categoria de província e o auge da *Belle Epoque* manauense, sendo finalizado pela boemia do Cabaré Chinelo.

O trabalho de pintura dos muros durou cerca de dez dias e foi finalizado em novembro do ano passado. Durante o trabalho, os alunos eram abordados pelos moradores para conversar, fato ocorrido até com as prostitutas, que no começo eram hostis, mas depois que viram o trabalho tomando forma, vinham conversar também. Uma delas, ao ver os desenhos e entender, chegou a comentar: "Antigamente era bem mais chique, né'", lembrou a professora.

R$ 1,50 · MANAUS · SEGUNDA-FEIRA · 4 DE JUNHO · 2012 · Ano LXII - Nº 21.978 · HOJE: 44 páginas, 6 cadernos · CLASSIFICADOS: 12 págs · acritica.com

acrítica

DE MÃOS DADAS COM O POVO

FUNDADOR: UMBERTO CALDERARO FILHO
DIRETORA PRESIDENTE DA RCC: RITTA DE ARAÚJO CALDERARO



Leia amanhã o caderno especial sobre os efeitos da enchente histórica

MP REAGE ANULAÇÃO

Concurso da saúde a caminho da Justiça

Ministério Público recorre à Justiça para pedir a anulação do concurso cujo impasse prejudicou até candidatos às provas da Ufam. PÁGINA A9



Fotos: Odair Leal



Thiago Bernardes/AE



craque

SELEÇÃO DÁ MOLE PARA O MÉXICO

AMISTOSO Neymar foi marcado e caçado em campo, e o México, melhor entrosado, venceu por 2 a 0. PÁGINA CR6

VÔLEI Torneio internacional LGBT, realizado em Manaus, marca posição contra o preconceito, e França é campeã. PÁGINA CR2

Bem Viver>

Ai, que saudade da TVLândia!

Batucada do Boi Caprichoso foi só nostalgia no Rio Negro Clube. PÁGINA BV8

Alexandre Fonseca



SHARAM PÁGINA BV1

DJ iraniano é no Musique Nuit

O mago das pistas de dança se apresenta em novo local nesta quarta-feira em Manaus.

Cidades>

Polícia em peso no Mauazinho

Doze veículos e 50 homens da Polícia Militar postaram-se no ponto de entrada e saída do Mauazinho para dar tranquilidade aos moradores que opinam sobre a violência no bairro. PÁGINA A15

Ney Mendes



Policiais ocuparam a avenida Rio Negro e revistaram condutores de motos e carros

IRREGULARES PÁGINA A13

Escolas enganam estudantes

SIM E NÃO PÁGINA A4

Cigás passa à iniciativa privada

PROFISSÃO PROSTITUTA

Histórias de vida pregressa

Na última matéria da série, mulheres falam sobre juventude desperdiçada em programas sexuais, bebidas e paixões

ANA CELIA OSSAME
ossame@acritica.com.br

Fazer programas sexuais, dançar e beber. A ordem dos acontecimentos nem sempre era essa nas casas onde funcionavam os prostíbulos, mas eles sempre aconteciam. Quem revela isso é Jaqueline Oliveira, 47, que trabalhou, no início da década de 80 do século passado, no prostíbulo conhecido como "Maria das Patas", situado no bairro de Petrópolis, Zona Centro-Sul. Casada com um vigilante, por ironia do destino os dois estão morando num apartamento situado na obra de um centro educacional existente no local onde funcionava a "casa de programas".

O início da atividade, segundo Jaqueline, foi quando tinha 22 anos de idade e nada de maturidade. Mãe solteira, sem estudos e oportunidade de trabalho, resolveu experimentar a prostituição para sustentar o filho, hoje com 28 anos. Como gostava de se divertir, achou boa a proposta de trabalhar com dona Maria das Patas. "As mulheres ficavam num salão esperando os homens chegarem para beber e escolher as que queriam para transar", conta ela, que permaneceu nessa atividade por mais de oito anos. "Só era ruim por ter que ficar a noite sem dormir. Eu me sujeitava porque tinha que sustentar meu filho", afirma Jaqueline, que nunca foi maltratada, mas testemunhou esse fato acontecer com colegas.

BELAS E CHEIROSAS

Os rendimentos eram bons, segundo Jaqueline, pois a clientela era formada por caminhoneiros, empresários e comerciantes. Havia disputa entre mulheres, que usavam artimanhas para ganhar os clientes. "Tínhamos que andar bem arrumadas, cheirosas e bonitas", conta ela, que só mantinha relações sexuais com parceiros que usavam preservativos porque naquela época foi o início do aparecimento da Aids, Doença Sexualmente Transmissível (DST) causadora de muitas mortes. "Por medo, eu dispensava os homens que não queriam usar o preservativo", lembra ela, que por conta desse comportamento nunca teve doenças venéreas.

Jaqueline lamenta não ter conseguido dinheiro suficiente para comprar uma casa, mas culpa a si mesma. "Eu só pensava em curtir", disse ela, que tem ainda lembra da proprietária da casa de programa, dona Maria. Segundo Jaqueline, que hoje é doméstica, os programas eram feitos em quartos de madeiras situados no terreno da casa dela, que criava patos. Ela nunca esquece o comentário sincero de dona Maria das Patas quando os clientes comentavam sobre os inúmeros animais circulando no quintal. "Patos são vocês que vêm aqui deixar dinheiro", dizia a dona Maria.

Código de postura

No início do século passado, o Código de Posturas do Município trazia orientações a respeito da prostituição, com o objetivo de ocultá-las, mas não erradicá-las inteiramente da sociedade. Um artigo dizia que, sob pena de repressão, a prostituta não deveria expor-se ao público na janela e nem conversar com os transeuntes em via pública.

Odair Leal



Jaqueline, em frente ao terreno do antigo 'Maria das Patas', diz ter trabalhado no local para sustentar o filho pequeno

Personagem



JORNALISTA
João Pinduca Rodrigues

"Vais lá hoje era a senha"

O jornalista João Pinduca Rodrigues, 60, conheceu e frequentou prostíbulos junto a outros colegas de profissão e lembra que na época, década de 60, a atividade era "tolerada" pela sociedade que fechava os olhos para não enxergar o que se fazia nesses locais.

João Pinduca relata que na rua Lobo D'Almada com a Saldanha Marinho, no Centro, havia casas onde viviam "prostitutas" mais velhas e vindas dos Estados do Norte e Nordeste, assim como do interior do Estado. Eram, segundo ele, mulheres de todas as idades, tipos físicos e para fazer a alegria dos homens da época, que as frequentavam com a "aceitação" das esposas.

Os frequentadores do "La Hoje" faziam o trocadilho para saber do colega se ele iria ao local. "Vais lá hoje?" era a senha para confirmar a ida ao local.

A maioria desses prostíbulos era de madeira e sem banheiro, daí a origem do famoso "banho theco" feito em cambutões de água instalados nos quartos. Pinduca se diverte contando a história de um colega jornalista que só ia para dançar com as mulheres, o que lhe rendeu o apelido de "cansa p..." dado por elas mesmas, nos momentos de queixa.

Lembranças de um tempo 'áureo'

Outra que fez muitos programas sexuais na área da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e Itamaracá, inclusive *strip-tease* em casas de show foi Márcia (nome fictício). A convivência nesses ambientes, segundo ela, a fizeram conhecer pessoas importantes.

Daquele passado, ela fala do luxo e da vaidade mantidos com a prostituição. "Eu era uma mulher muito bonita, curti muito essa vida, dancei, me diverti com advogados, médicos, empresários e garimpeiros, que me davam muito ouro e diamantes", lembra Márcia, que hoje, no entanto, reconhece não ser uma atividade abençoada porque nada conseguiu guardar, além das lembranças.

Márcia chegou a desfilar de *topless* em um carro alegórico de uma escola de samba famosa no Centro da cidade. Muito vaidosa, só usava roupas de marcas famosas, assim como sapatos de coleções e perfumes importados. "Meu cabelo era lindo, todo arrumado. Eu andava com joias e brilhantes nas ruas, mas nunca fui assaltada", revela Márcia, que esteve no Garimpo de Serra Pelada, no Pará, onde ganhava ouro e pedras preciosas.

No tempo em que trabalhou no Distrito Industrial, levava a roupa de baile para a fábrica e de lá já saía pronta para a "guerra". Das lembranças, cita o amor de um homem que conheceu no garimpo de Arariboia, Porto Velho. "Ele me encheu de joias, pedra de diamante de muitos quilates, mas eu era muito nova, não quis saber e fui continuar na prostituição", diz ela, que se afastou das casas de programa quando a mãe a viu numa boate e desmaiou. Hoje, evangélica, Márcia lamenta saber que mulheres da época dela ainda está na atividade. "Se pudesse dar conselhos, eu diria que é uma vida da qual nada se tira, a não ser ilusões", finaliza.

Alexandre Fonseca



Frequentador dos antigos bordéis, João Pinduca guarda histórias da boemia e diz que a sociedade ignorava o problema



O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA - 187 ANOS DE CREDIBILIDADE

EXEMPLAR ASSINANTE

DIARIO de PERNAMBUCO

FUNDADOR DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS, ASSIS CHATEAUBRIAND

SÁBADO Recife, 8 de dezembro de 2012 Nº 343

diariodepernambuco.com.br



Espanhol em 100 dias

*A partir de hoje, o **Diario** inicia uma nova promoção. Basta comprar um exemplar do jornal e, com mais R$ 9,99, levar para casa um fascículo com DVD do curso Espanhol em 100 dias. Serão quinze edições disponibilizadas todos os sábados. O material é produzido pela Columbia Languages.*



...E A SAUDADE NO CORAÇÃO

*O **Diario** inicia hoje uma série em homenagem ao centenário de Luiz Gonzaga. A primeira reportagem aborda a infância de Seu Lua. Na internet, um hotsite traz quiz, histórias e vídeos sobre o Rei do Baião.* VIVER E4 E5

santa cruz

Antônio Luiz Neto é reeleito presidente

SUPERESPORTES E JC2

condenado

Carlinhos Cachoeira é preso novamente

POLÍTICA A8

heroísmo

Morador de rua salva motorista

Paulo Henrique de Brito, 19 anos, morava em Goiana mas, por causa das drogas, deixou sua cidade natal e se juntou ao contingente de pessoas que moram nas ruas do Recife. Ontem, ele virou herói. Ao ver um carro cair no canal de Setúbal, pulou na água, quebrou o vidro, cortou o cinto de segurança com uma gilete e salvou a motorista. VIVER E4





DIÁRIOS ASSOCIADOS

classilider 3419 9000
classilider@diariodepernambuco.com.br

assinaturas: 3320.2020 (capital)
0800 2818822 (interior)

por uma política consciente
recicle o seu

Sertão Gonzaga

O Diario inicia hoje uma série de reportagens sobre a vida e a obra de Luiz Gonzaga, em comemoração ao seu centenário de nascimento

CAROLINA SANTOS
carolinasantos.pe@dabr.com.br





A infância no pé-de-serra

Priscilia dos Santos, de 97 anos, foi amiga de infância de Luiz Gonzaga no Araripe

Filho do sanfoneiro de oito baixos Januário dos Santos e da cantadora de novenas Ana Batista de Jesus, a quem chamavam de Santana, Luiz Gonzaga do Nascimento recebeu este nome por sugestão do vigário: nasceu no dia de santa Luiza e no mês do nascimento de Jesus. Na fazenda Caiçara, do lado da sede do povoado do Araripe, se falou que naquela madrugada do dia 13 de dezembro de 1912 uma estrela cadente havia cortado o céu. Era sinal de boa sorte para a criança.

A infância do sanfoneiro não foi muito diferente da de outras crianças nordestinas. "Era vida de menino pobre sem escola, sem gordura. De pai puxando uma enxada, sempre sonhando em ter uma rocinha melhor", contou em depoimento para posteridade ao Museu da Imagem e do Som, em 1968. "A gente era criado assim, nessa vida difícil do Sertão. Quando o inverno vinha bonzinho, a gente ia melhorando a panela. Quando chegava a Semana Santa a gente já tinha pegado na vagem do feijão verde e vinham as trocas. 'Dona Santana, trouxe aqui um queijinho de coalho para entregá a vosmecê'. Então ela entregava o queijo e minha mãe devolvia um molho de feijão ou quem sabe uma abóbora verde ou um jerimum".

Menino esperto, Gonzaga esperava os pais irem para a roça para pegar os oito baixos de Januário, o mais famoso e procurado sanfoneiro da região. Aprendeu os primeiros acordes tocando escondido para as crianças do Araripe. Quando o pai viu que o menino levava jeito, o chamou para ajudá-lo na sua pequena oficina de conserto de harmônicas. Aos doze anos, Luiz já ia com Januário para os "sambas", como eram chamadas as festas na roça. A primeira apresentação foi desastrosa. "Deu uma soneira danada e eu dormi em cima do fole!", lembrou.

Morando em uma casinha simples no centro do Exu, Priscilia Vicente dos Santos, de 97 anos, é a única testemunha viva da infância de Luiz Gonzaga. "Os meninos eram criados tudo junto no Araripe. Gonzaga gostava de pegar a sanfona e a gente ficava dançando. Quando mãe Santana reclamava, ele parava de tocar", lembra a amiga, que acompanhou Gonzaga durante toda a vida. "As festas no Araripe eram muitas boas. Tinha a novena e quando acabava tinha a dança. Ia até meia-noite. O Araripe sempre foi de festa", diz.

Os donos dos mil e cem hectares de terra do Araripe são até hoje a família Alencar, fundadora do município do Exu. "Os Alencares viviam misturados com a gente. Gonzaga tinha uma amizade muito grande com eles. Do nosso jeito, toda vida gostamos deles", lembra Priscilia. No depoimento para a posteridade, Gonzaga contou que as filhas do coronel Manuel Aires de Alencar o ensinaram a assinar o nome e a usar talheres na mesa. Escapou do trabalho pesado da roça para ajudar o coronel Aires, cuidando dos cavalos e o acompanhando em viagens pelo Sertão. Foi através deste trabalho que Gonzaga comprou, em Ouricuri, sua primeira sanfona de oito baixos, por 120 mil réis. Com a venda do instrumento, anos depois, Gonzaga iria garantir sua saída do Exu.

Só resta uma placa na casa onde o sanfoneiro nasceu, destruída por uma cheia do Riacho da Brígida em 1924



vivo SEMPRE INTERI
Seu Vivo Pré conectado o mês int
CADASTRE-SE *9003
Após atingir 200 MB trafegados dentro de 30 dias, você continua conectado com velocidade de até 32 Kbps. O pacote será debitado do crédito na confirmação da compra e renovado a cada 30 dias. Para usufruir o benefício é n
suficiente para a contratação do pacote. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode ser reduzida por vários motivos, como fenômenos naturais, deslocamento e picos de tráfego. Consulte mais informações em vivo.c

FOTOS: BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



Exu, terra dos Alencar



Amparo Alencar cuida do museu da família



Mafisa Alencar mora na casa-sede do Araripe

Sentadas no terraço da casa-sede do Araripe, as irmãs Mafisa e Amparo Alencar, netas de Manuel Aires de Alencar, desfiam a história da família desde a chegada do patriarca Leonel Alencar na região, em 1709. "Ele veio de Portugal e provavelmente passou na Bahia antes de chegar aqui. Viu a mata (a chapada do Araripe) e resolveu que seria um bom lugar para ficar", conta Mafisa Alencar. Sobre os primeiros habitantes de Exu, os índios Açus, pouco se sabe: apenas que o nome da tribo deu origem ao nome da cidade, de anços passou para "axu" e chegou a "Exu".

Um tema até hoje gera polêmica no Araripe: seria Luiz Gonzaga descendente dos Alencar? Na biografia *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga* a jornalista francesa Dominique Dreyfus afirma, baseada em depoimentos de familiares de Gonzaga, que a mãe de Santana, Ifigênia, foi casada com José Moreira Franca de Alencar, homem loiro, de olhos azuis. Os dois tiveram quatro filhos. José morreu quando as crianças ainda eram pequenas. "Ninguém gosta de dizer isso, mas a mãe de Santana era uma escrava", revela Amparo. "Santana era alva, de olhos claros. Dizem que ela era Alencar... mas ninguém sabe direito", desconversa.

Priscilia lembra que a ascendência Alencar de Santana era sabida, mas pouco falada. "Ela tinha parentesco, mas nunca assinou. Todo mundo sabia, mas ela não queria saber disso. Chamavam o pai dela de Da Franca Alencar. Ele morreu fora de casa", conta.

Na fazenda Caiçara, a um quilômetro da casa-sede do Araripe, está o local onde Luiz Gonzaga nasceu, distante cerca de 500 metros do riacho da Brígida. Hoje, existe apenas um cercado e uma placa sinalizando o lugar da casa. Em 1924, por conta de uma cheia, a família se mudou para a rua ao lado da Igreja de São João Batista, o padroeiro do Araripe, em uma casa que existe até hoje.

A poucos metros da Caiçara, fica a casa onde teria nascido Bárbara Alencar, neta de Leonel, avó do escritor José de Alencar e primeira mulher a ser presa por conta da luta republicana no Brasil, em 1817, após participar da proclamação da república no Crato - que somente durou oito dias. Na casa, as irmãs Alencar fizeram um pequeno museu da família. Entre móveis antigos, adereços e relíquias, há uma parede decorada com fotos de alguns Alencares notáveis: além de Bárbara, José de Alencar e Leonel, o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, e Gualter Martiniano, o Barão de Exu, que recebeu o título do Império em 1888. Nem sinal do neto de José Moreira Franca de Alencar.

BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



A igreja de São João Batista, no povoado do Araripe, foi construída em 1868 pelo Barão de Exu

hotsite

/hotsite.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga

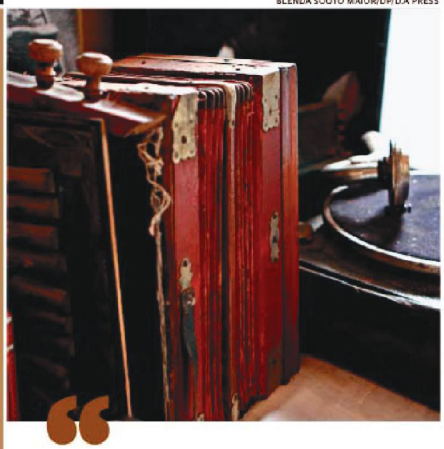
pequena e encrenqueira

A sanfona de oito baixos - também chamada de fole, gaita, harmônica, pé-de-bode e gaita de fole, de acordo com a região - é um instrumento bem diferente do acordeão de 80 ou 120 baixos. "Saber tocar um não quer dizer saber tocar o outro. O oito baixos é um instrumento pequeno, com menos recursos, mas muito difícil de tocar. Quando se abre o fole é uma nota, quando se fecha é outra", explica o sanfoneiro Truvinca.

O oito baixos começou a ser produzido na Europa em 1830 e chegou ao Brasil em meados do século 19, trazido por imigrantes. "Uma das hipóteses é a de que o instrumento tenha ido para o Nordeste levado por soldados que participaram da Guerra do Paraguai (1864-1870)", diz o pesquisador Leo Rugero.

Outro modo de proliferação do oito baixos foi por meio dos mascates judeus. Foi através de um deles, por exemplo, que Januário adquiriu sua primeira sanfona.

BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



"Uma das hipóteses é de que a sanfona chegou ao Nordeste trazida por soldados"

Leo Rugero, pesquisador e sanfoneiro de oito baixos

Sanfona de oito baixos construída por Januário, exibida no museu do Parque Aza Branca, em Exu

A "guerra do Exu" durou mais de 30 anos e marcou profundamente a política da cidade (acima, à direita)

BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



guerra dos trinta anos

Fundadores da cidade, os Alencares não gostaram nem um pouco quando outras famílias começaram a ambicionar o poder político e econômico do Exu. Os Sampaios, aliados aos Saraivas, começaram a fazer oposição na década de 1940.

Em 1949, com o assassinato de Romão Sampaio Filho cometido por José Aires e Alencar, estourou a "guerra do Exu", sangrento conflito político que teve como saldo a morte de trinta e três pessoas e só teve fim em 1981.

As mortes cessaram, mas até hoje existe uma certa animosidade entre os dois grupos políticos que dividem a cidade. Nas últimas eleições municipais, o atual prefeito Léo Saraiva venceu o candidato dos Alencar, Jailson Bento, por apenas um único voto de diferença.

No final dos anos 1940, os conflitos atingiriam em cheio o Araripe, levando Luiz Gonzaga a retirar a família do Exu.

NET
teiro.
200MB por apenas: R$ 9,90 por mês
APENAS R$0,33 POR DIA
é necessário possuir saldo de recarga
.com.br/vivosempre.

Sertão Gonzaga



BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS

Adeus, Sertão

No segundo dia da série *Sertão Gonzaga*, o sanfoneiro, humilhado, deixa Exu e se alista no exército. Após anos de caserna, chega ao Rio de Janeiro



CAROLINA SANTOS
carolinasantos.pe@dabr.com.br

É bem sabido que foi uma surra da mãe o estopim para que Luiz Gonzaga deixasse Exu. Com o passar dos anos, os relatos da surra foram mudando, indo de uns "tabefes" com a participação do pai, até uma solitária grande "pisa" dada por Santana. Na sua autobiografia, ditada ao jornalista Sinval Sá, Gonzaga contou que foi "açoitado com uma violência, com uma brutalidade de que jamais a julgara capaz". Dois anos depois, em 1968, ele nem citou o episódio no seu depoimento para o Museu da Imagem e do Som. "Fugi de casa porque eu queria casar e minha mãe não gostou. Minha mãe era autoritária, mulher valente. Disse que eu não prestava para casar. Eu achei ruim e fugi", contou.

O pesquisador gonzagueano Paulo Vanderley lembra que Gonzaga era falador e não raro dava versões diferentes para episódios da vida dele. "Acho que ele não imaginava que iria ser tão estudado", diz.

ARQUIVO DP/D.A PRESS



BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



Acima, a casa do Araripe nos dias de hoje. Ao lado, o interior da residência nos anos 1970

A versão mais aceita para a saída do Exu tem ligação com a surra de Santana e a briga de Gonzaga com o padrasto de uma namoradinha, Nazarena Milfont Saraiva. O 'coronel' Raimundo Delgado não queria saber do tal namoro. Nazinha era branca, de família de certas posses. Gonzaga, negro e pobre. O sanfoneiro de 17 anos ouviu dizer que Raimundo falava mal dele: "Um diabo que não trabalha, não tem roça, não tem nada, só puxando aquele fole, como é que quer casar? É isso, mora na terra dos Aires e pensa que é Alencar".

Em um dia de feira, Gonzaga bebeu e foi tirar satisfação com o coronel, com uma faca na mão. Raimundo recuou. Depois, foi falar com Santana: "Olho nele, Santana. Tava armado e tinha tomado umas canas. Podia até ter feito e obrigado a gente a fazer uma besteira". Santana ficou humilhada e não perdoou o filho. "Fio meu apanha até depois de casado. Tome, cabra!", teria dito.

Agora, quem estava humilhado era Gonzaga. O Araripe todo ficou sabendo da surra. Envergonhado e com raiva, planejou por oito dias sua fuga. No sábado seguinte, foi à feira com o irmão Severino Januário a tiracolo. Mandou o irmão dar o recado de que ele iria tocar no Crato à noite. Lá, do lado cearense da chapada, vendeu os oito-baixos e comprou uma passagem para Fortaleza. Estava decidido: ia se alistar no exército. Em 1930, o exército aceitava apenas homens com 21 anos. Gonzaga ainda ia completar 18. Taludinho, entrou na fila, mentiu a idade e entrou para o 23º Batalhão de Caçadores.

vivo SEMPRE INTERI
Seu Vivo Pré conectado o mês int
CADASTRE-SE *9003
Após atingir 200 MB trafegados dentro de 30 dias, você continua conectado com velocidade de até 32 Kbps. O pacote será debitado do crédito na confirmação da compra e renovado a cada 30 dias. Para usufruir o benefício é suficiente para a contratação do pacote. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode ser reduzida por vários motivos, como fenômenos naturais, deslocamento e picos de tráfego. Consulte mais informações em vivo.





ACERVO DO EXÉRCITO/REPRODUÇÃO

O sanfoneiro veste a farda

Depois de vender sua primeira sanfona, Gonzaga se alista em Fortaleza

Há várias polêmicas na vida de Luiz Gonzaga: a paternidade de Gonzaguinha, a verdadeira autoria das composições que assinou, o alinhamento político com a ditadura militar. Mas o que mais incomoda o pesquisador gonzagueano José Nobre Medeiros, do Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, em Campina Grande (PB), é uma afirmação repetida diversas vezes pelo sanfoneiro. "Eu não entendo como ele disse que nunca disparou um tiro! Ele passou nove anos no exército, participou de várias revoltas e nunca deu um tiro em ninguém?", se assombra.

A vida de Luiz Gonzaga no exército ressaltou marcas da personalidade dele. A obediência à hierarquia - que já era presente na juventude no Araripe -, o respeito pela farda, o gosto pelas andanças Brasil afora. Gonzaga se referia ao seu tempo de caserna como "uma escola para pobre". Lá, começou a ter aulas de acordeão - a sanfona de 80 e 120 baixos - com o policial Domingos Ambrósio. Com ele, aprendeu o básico de valsa, tango e chorinho, os ritmos populares na época. Escutando rádio, ficou fã do acordeonista Antenógenes Silva e de Zé do Norte. "O coração se abriu", contou.

Boa parte do seu tempo no exército, Luiz Gonzaga passou em Minas Gerais, principalmente em Ouro Fino. Nas folgas, gostava de farra: disse ter pegado todas as doenças venéreas existentes - o que, provavelmente, o teria deixado estéril, como confidenciou à sua biógrafa. Era também nas folgas que ia moldando o seu futuro. Cantou e tocou sanfona no clube Éden, com o repertório de Almirante.

Gonzaga passou quase nove anos no exército e, talvez, passasse mais. Uma lei, em 1939, estabelecia que soldados e sargentos reengajados não poderiam passar mais de dez anos no exército. Gonzaga decidiu não ficar até o limite. Pediu baixa, e, com uma sanfona debaixo dos braços, resolveu: era hora de voltar para Exu.

Para ir de Ouro Fino para Pernambuco, era preciso pegar o navio no Rio de Janeiro.

A embarcação que ia sair para o Recife, porém, ainda ia demorar algumas semanas. "Ele escreveu para casa que tinha saído do exército. Mandou a carta para Geni, a irmã mais velha, e ainda falou de Nazarena. Ele ainda lembrava dela", contou a amiga Priscilia dos Santos. No Rio, Gonzaga ficava perambulando pelo quartel quando um soldado o avisou que ganharia muito dinheiro tocando sanfona no Mangue, a zona portuária dos bares para marinheiros. Luiz pegou a sanfona e foi. Só voltaria para o Exu seis anos depois.

Estreando no Rio de Janeiro

Era na Rua Júlio do Carmo, na esquina com a Rua Carmo Neto, o principal ponto de Luiz Gonzaga no bairro do Estácio. Hoje, essa esquina nem existe mais: foi cortada por uma estação de metrô. No início da década de 1940 era um local que fervia com bares, bordéis, estrangeiros, migrantes. Gonzaga era mais um entre tantos artistas que tentavam a sorte no Rio de Janeiro, então capital federal, onde estavam todas as principais rádios do Brasil, com seus auditórios e programas de calouros.

A vida de artista de rua não era fácil. No Mangue, conheceu o músico baiano Xavier Pinheiro, que o convidou para morar na casa dele, no Morro de São Carlos. Pouco depois, passou a morar em uma pensão no mesmo bairro. Não demorou muito para ser convidado a tocar nos bares.

Apesar das distrações, ele estava focado em prosperar no Rio de Janeiro. "A vida na zona era muito perigosa. O pessoal ia lá pra possuir mulheres. Elas ficavam na janela, chamavam os fregueses. O perigo é que elas queriam arranjar amantes para não sair sozinhas. E quando viam um cara bonitinho, bem aprontado, elas ficavam atrás. Eu sempre tive muito cuidado com isso. Eu sempre fui um cara com objetivo", contou.

Já conhecido nos *dancings*, começou a participar de programas de calouros. O mais famoso era o de Ari Barroso, na rádio Tupy, dos Diários Associados. Tocava foxtrote, valsa, tango. Não era gongado, mas nunca recebia a nota 5, a mais alta. Certa noite, encontrou estudantes do Crato, que pediram para que ele tocasse "um *negossim* lá da sua terra". Gonzaga ficou perplexo. Há mais de dez anos longe do Exu, já havia perdido o sotaque pesado e as músicas de Januário estavam no fundo da memória. Lembrou do Araripe e encontrou o tema para o xamego *Vira e mexe*. Os estudantes cearenses foram ao delírio. E Gonzaga conseguiu o o seu primeiro 5 com Ari Barroso. Almirante estava no auditório da rádio, viu a apresentação e convidou o sanfoneiro para se apresentar no programa dele.

Das rádios para os discos foi um pulo. Como sanfoneiro não creditado, acompanhou vários artistas em estúdio. Em um único dia, chegou a participar de 25 gravações. Em 14 de março de 1941, Luiz Gonzaga entrou em estúdio pela primeira vez para gravar um repertório próprio: as instrumentais *Vira e mexe*, *Véspera de São João*, *Numa serenata* e *Saudades de São João del-Rei*. Os discos, de 78 rotações por minuto, saíram em maio e junho daquele ano. Em 1943, na sua primeira turnê, ele já era chamado pelos jornais de "O rei da sanfona". Em breve, Gonzaga seria o Rei do Baião.



ARQUIVO DP/D.A PRESS

Gonzaga estreou no Rio tocando na zona portuária

Rio, anos 1940

A capital contava com 1,7 milhão de habitantes. Era a cidade brasileira mais populosa, seguida de São Paulo, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Em 1942, o Brasil entrou na 2ª Guerra Mundial, lutando pelos Aliados. O Rio de Janeiro era concorrido local de saída de marinheiros e militares.

Getúlio Vargas ficou no poder até 1945, com o Estado Novo, criado após o golpe de estado de 1937.

Em 8 de março de 1940, Vargas incorporou a Rádio Nacional ao patrimônio da União. O Estado Novo conseguia, assim, a emissora de maior audiência do Brasil.

hotsite

/hotsite.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga

> **"A vida na zona era muito perigosa. Mas eu sempre fui um cara com objetivo"**
>
> Luiz Gonzaga

NET
teiro.
200MB por apenas: R$ 9,90 por mês
APENAS R$0,33 POR DIA
é necessário possuir saldo de recarga
o.com.br/vivosempre.

Sertão Gonzaga

A invenção de Gonzaga

Sem abandonar a sanfona, Gonzaga conquista o Brasil com seu canto e adota a imagem do cangaceiro

CAROLINA SANTOS
carolinasantos.pe@dabr.com.br



A era de ouro das rádios no Brasil exaltava cantores como Francisco Alves, com vozes grandiosas e interpretações carregadas de drama. Em 1945, Gonzaga já parecia ter bem claro o seu projeto de cantar o Nordeste. Mas era visto apenas como sanfoneiro pelas rádios e gravadoras e não era bom em fazer letras: "Sempre fui dependente de um bom poeta. Eu não gosto de fazer música do início ao fim e as poucas que eu fiz não se deram muito bem", admitia.

O primeiro parceiro letrista foi Miguel Lima, mas foi no advogado cearense de Iguatu Humberto Teixeira que Gonzaga encontrou o que lhe faltava: alguém para colocar no papel aquilo que sentia. "No primeiro encontro com Humberto, em dez minutos, já havíamos escrito a letra de *No meu pé de serra*. (...) Essa letra dizia a saudade que eu sentia do Nordeste".

Quando *Baião* - que Gonzaga chamava de *Baião número 1* - estorou nas rádios na interpretação do grupo Quatro Ases e um Curinga, Gonzaga sabia que estava no caminho certo. "Depois de *Baião* foi um nunca acabar de sucessos que eu próprio gravei (...) e mil outras, todas de integral parceria com Humberto", disse, em sua autobiografia. "Estrategicamente, a sonoridade do baião entrou em uma disputa com outras tendências musicais da época, como o chorinho, conquistando sua hegemonia", afirma o pesquisador Jonas Moraes.

Famoso pelo Brasil todo, Gonzaga decidiu tirar umas férias para visitar Exu em 1946. Santana já havia ido visitar o filho, mas há quase 15 anos Gonzaga não via o pai Januário - e tinha irmão que ele nem conhecia, como o caçula Aloísio - "o melhor zabumbeiro que eu já vi", lembra o sanfoneiro Dominguinhos.

A volta ao Araripe inspirou a música *Respeita Januário*. "Todo mundo no Araripe conhecia a história de que ele chegou de noite e bateu na porta dizendo que era um amigo de Luiz, que veio trazer um dinheiro. Januário só reconheceu o filho quando acendeu o lampião. E era sempre assim, tinha festa toda vez que Luiz aparecia", conta Raimunda de Souza, prima de segundo grau de Gonzaga e que mora até hoje no Araripe, na casa em frente à de Januário e Santana.

Casamento

O namoro com Helena Cavalcanti foi rápido. Ela não era a única namoradinha de Luiz Gonzaga naquele ano de 1948, quando ele a pediu em casamento. Era, contudo, aquela que ele achava mais apropriada. Era educada, de boa família nordestina e, o melhor, não era artista como Odaléia Guedes dos Santos, a mãe de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, seu filho nascido em 1945. Com Gonzaga no auge, o jovem casal se mudou para um casarão no Cachambi – grande suficiente para a família de Exu e também para Gonzaguinha. Helena não aceitaria nenhum deles.

CHICO ALBUQUERQUE/DIVULGACAO



de lá do norte

Luiz Gonzaga foi o mais famoso, mas não o primeiro, nem único artista a cantar o Nordeste para o Brasil na primeira metade do século 20. Manezinho Araújo, Zé do Norte, Os Turunas Pernambucanos, Os Turunas da Mauricéia, Voz do Sertão e Catulo da Paixão Cearense foram alguns dos antecessores e contemporâneos de Gonzaga, no Rio de Janeiro.

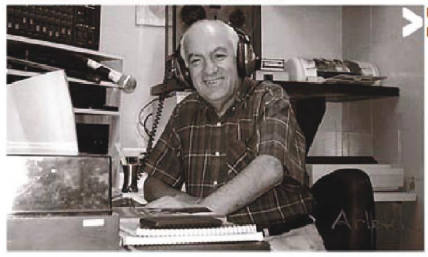
Zé do Norte

Alfredo Ricardo do Nascimento (1908-1979) foi cantor, compositor, escritor e folclorista. Pernambucano, alistou-se no exército em 1921 e foi servir no Rio de Janeiro. Adotou o pseudônimo de Zé do Norte na Rádio Tupy. Sua música mais conhecida é *Mulher rendeira*, composta em cima de um tema atribuído a Lampião, que ficou famosa pelo filme *O cangaceiro*, de Lima Barreto, lançado em 1953.

Catulo da Paixão Cearense

Nascido no Maranhão, o poeta e cantor chegou ao Rio de Janeiro aos 17 anos de idade. Passeou por diversos gêneros e seu maior sucesso foi a toada *Luar do Sertão*, que recebeu inúmeras regravações, inclusive de Luiz Gonzaga. A música, provavelmente composta em 1914, inspirada em um tema folclórico, teve sua autoria disputada por João Pernambuco.

REPRODUCAO DA INTERNET / RADIOGALENAFM.BLOGSPOT.COM



vivo SEMPRE INTERI
Seu Vivo Pré conectado o mês int
CADASTRE-SE *9003
Após atingir 200 MB trafegados dentro de 30 dias, você continua conectado com velocidade de até 32 Kbps. O pacote será debitado do crédito na confirmação da compra e renovado a cada 30 dias. Para usufruir o benefício é r
suficiente para a contratação do pacote. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode ser reduzida por vários motivos, como fenômenos naturais, deslocamento e picos de tráfego. Consulte mais informações em vivo.c



Essa é a dança da moda

PAULO VANDERLEY/DIVULGACAO



"No Rio tá tudo mudado/ Nas noites de São João/ Em vez de polca e rancheira/ O povo só dança e só pede o baião", a música *A dança da moda* dava bem o tom do que acontecia naquele ano de 1950: Gonzaga era rei. E estava com novo parceiro, que surgiu durante a primeira visita do sanfoneiro ao Recife, na volta do Exu para o Rio de Janeiro. Uma noite, no hotel, ele recebeu a visita de um estudante de medicina. Sem muita conversa, José de Souza Dantas Filho apresentou logo três futuros clássicos do repertório da dupla: *Acauã*, *A volta da asa branca* e *Vem, morena*. Gonzaga, que sempre estava atrás de um letrista, ficou extasiado. "Humberto era um poeta versátil, que versejava sobre qualquer tema. Zé Dantas aprofundava mais o Sertão. Ele era mais 'brabo', mais cabra macho", contou, em entrevista à Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Mas era necessário escolher entre Zé Dantas e Humberto Teixeira, que eram de associações de direitos autorais diferentes e Gonzaga, sendo de uma associação, não poderia assinar músicas com um parceiro de outra. Zé Dantas foi o escolhido.

Com o sucesso nas rádios, Luiz Gonzaga não parava em casa. Para acompanhar a sanfona, montou o que conhecemos hoje como trio pé-de-serra. "Eu vinha cantando sozinho, mas eu precisava de um ritmo. Porque a música nordestina precisava de couro. Couro que eu digo é couro de cachorro, couro de bode... negócio pra bater. Primeiramente eu criei a zabumba baseado nas bandas de couro lá do Sertão. Aquelas que nós chamamos de "esquenta muié". Mas a zabumba só... eu fiquei assim, com a asa quebrada. Eu precisava descobrir um instrumento bastante vibrante, agudo, pra brigar com a zabumba. Até que vi no Recife passar um menino vendendo cavaco chinês, aquele tubo nas costas, tocando o "tingling". E ele fazia aquilo com uma certa cadência, né. Aí pronto: achei o marido da zabumba!", contou, em entrevista à TV Cultura.

Com Catamilho na zabumba e Zequinha no triângulo, o sanfoneiro fez shows históricos nos auditórios das rádios paulistas e cariocas. Quando tocava na Rádio Cultura era necessário a polícia fechar a rua, de tanta gente que queria ver O rei do baião. No Recife, lotou os auditórios das rádios Clube e Tamandaré. O prestígio aumentava e o baião, levado por Gonzaga, entrava em todas as classes sociais. Em 1947 ele se apresentou no banquete oferecido à primeira-dama argentina Eva Perón e também no jantar oferecido por Eurico Gaspar Dutra na visita do presidente norte-americano Harry Truman. Nos corredores da gravadora RCA Victor o comentário era de que a fábrica só produzia discos de Gonzaga. O sanfoneiro aproveitava o sucesso para fazer turnês e divulgar seu projeto de música nordestina. De 1947 a 1955 Gonzaga reinou absoluto. Pouco tempo depois do lançamento de *Xote das meninas*, o baião já dava sinais de cansaço.

No palco, com Salário Mínimo e Custo de vida

hotsite

/hotsite.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga

Duas resistências, duas vitórias

PAULO VANDERLEY/ACERVO PESSOAL



Proibido de cantar na Tamoio, ele foi para a Nacional

"Luiz Gonzaga está proibido de cantar por ter sido contratado como sanfoneiro e não como cantor". Corria o ano de 1944 e Gonzaga percebia que não iria crescer se só ficasse na sanfona. Ele queria, e podia, cantar. Mas na Rádio Tamoio a sua voz era considerada inadequada. Recorreu ao amigo Átila Nunes, que tinha um programa patrocinado, e soltou a voz. O público gostou, mas Gonzaga foi dispensado da rádio pouco depois.

Foi chamado então pela Rádio Nacional, onde cantou no programa de Paulo Gracindo. "Com sua sanfona e sua simpatia, Luiz Lua Gonzaga", apresentou inventando o apelido por conta do rosto redondo do pernambucano. Em 1945, gravou seu primeiro disco cantando e tocando. A música escolhida foi a mazurca *Dança Mariquinha*, parceria com Miguel Lima.

Depois de conseguir cantar, Gonzaga enfrentou outra resistência: o uso do chapéu e do gibão de couro. Na Nacional, a indumentária de cangaceiro não foi vista com bons olhos. "Quando botei o chapéu e peguei a sanfona (...) o diretor artístico me olhou e perguntou: "para onde você vai?", nem esperou a resposta, abanou a cabeça e falou: "*Han, han!* Aqui não. Cangaceiro na Nacional, não!"". Gonzaga tirou o chépeu mas não demorou a vestir o gibão: usou tanto a vestimenta em eventos fora da rádio-shows, fotos pra revistas - que a Nacional cedeu. Em 1949, Gonzaga havia se reinventado por completo: com a sanfona no peito, cantava e vestia o Nordeste.

Manezinho Araújo

Embolador, cantor, pintor e dono de restaurante. Em 1945, gravou *Dezessete e setecentos*, de Luiz Gonzaga e Miguel Lima. Brigou com o sanfoneiro porque não queria aceitar que Gonzaga lhe dissesse como deveria cantar - o que impulsionou o sanfoneiro a interpretar suas próprias músicas. Foi um dos primeiros a fazer sucesso nas rádios com temas nordestinos.

Voz do Sertão

O conjunto era formado pelo embolador Minoma Carneiro - o mentor de Manezinho Araújo - acompanhado de violão, cavaquinho e bandolim. O grupo chegou ao Rio de Janeiro em 1928 e chegou a gravar na Odeon e na Victor. Minoma, doente, voltou ao Recife, onde faleceu em 1936, e o grupo teve fim.

SUL21/REPRODUCAO



Os Turunas Pernambucanos

O grupo chegou ao Rio de Janeiro em 1922 para participar, na capital federal, dos festejos dos 100 anos da Independência do Brasil. Os oito integrantes tocavam violas, violões e instrumentos de sopro e percussão. Nas apresentações, vestiam-se como cangaceiros. Gravaram duas músicas pela Odeon e chegaram a excursionar pela Argentina. O grupo se desfez logo após a viagem.

Os Turunas da Mauricéia

Entre 1928 e 1929, o grupo pernambucano, liderado pelo cantor Patativa do Norte, apelido de Augusto Calheiros na época, excursionou pelo Rio de Janeiro levando cocos e emboladas para a capital do Brasil. De acordo com o pesquisador musical Ricardo Cravo Albin, o grupo gravou 18 discos pela Odeon com 36 músicas. O conjunto se separou em 1930 e inspirou o samba carioca de Noel Rosa.

NET
teiro.
200MB por apenas: R$ 9,90 por mês
APENAS R$0,33 POR DIA
é necessário possuir saldo de recarga
vo.com.br/vivosempre.

Sertão Gonzaga

Exuzinho da Baixada

FOTOS: BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



Ana Lídia Santos mora até hoje no terreno que Gonzaga comprou nos anos 1940



Joquinha Gonzaga, que mora em Exu, é o único a tocar sanfona na família

Bairro de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, transformou-se na nova casa dos Gonzaga

CAROLINA SANTOS
carolinasantos.pe@dabr.com.br

Em 1949, tinham início os conflitos entre as famílias Alencar e Sampaio no Exu, que se estenderiam até 1981. Casado há um ano, Gonzaga queria mostrar o Araripe para a esposa Helena, mas não passou do Crato. Inconformada com o assassinato de um Sampaio, a família invadiu a fazenda dos Alencar e destruiu a casa-sede. Januário, um simples tocador de sanfona, foi arrastado de casa e espancado. Com a guerra declarada, Gonzaga decidiu então levar a família para um sítio que havia comprado anos antes, em Santa Cruz da Serra, bairro de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Hoje, todos os descendentes de Januário e Santana falam com sotaque carioca.

O sítio, onde Zé Dantas ia com Gonzaga para se inspirar, foi invadido pela zona urbana. No terreno, existem hoje 14 casas de parentes do sanfoneiro. "Era um homem que se preocupava demais com a família", diz Ana Lídia Santos, sobrinha do rei do baião. Joquinha Gonzaga, atualmente o único sanfoneiro da família, e o único a morar em Exu, lembra que não havia muro entre as casas e os primos eram criados juntos. "O maior problema da nossa família foi ter se criado no Rio de Janeiro. Minha mãe pernambucana, meu pai baiano, a gente comendo comida nordestina todo dia, mas em uma cultura diferente. Na adolescência, Joquinha tinha vergonha de tocar sanfona e eu tinha vergonha de tocar zabumba. Depois que começamos a viajar com Gonzaga, aí sim, tivemos uma aula da cultura nordestina", lembra Fausto Luiz Maciel, o Piloto, irmão de Joquinha.

Gonzaga se sentia responsável pelas irmãs até depois de casadas

Gonzaga se sentia tão responsável pelas irmãs que se intrometia até nas brigas entre os casais. "Se meu pai e minha mãe tinham algum desentendimento, tio Gonzaga se trancava com eles no quarto e só saía quando estava tudo resolvido", recorda Ana Lídia. Com os irmãos, a situação sempre foi mais tensa. O sanfoneiro de oito baixos Severino Januário, que não aceitava o jugo de Gonzaga, chegava a se trancar em casa quando sabia que o irmão estava em Santa Cruz da Serra. "Todo mês tio Gonzaga passava aqui e deixava um dinheirinho para minha mãe, quando meu pai estava em turnê. Se meu pai soubesse disso, mandava devolver", lembra a filha de Severino, Nina Dautmann.

Com Zé Gonzaga, o mais extrovertido e "bruto" dos nove irmãos, o relacionamento era ainda mais complicado. O mais calmo era Aloísio, que morreu em 1985 vítima de uma doença do coração, provavelmente o mal de Chagas que também levou a mãe em 1960. Em 2011 morreu Chiquinha Gonzaga, a última dos filhos de Santana e Januário.

> **"O maior problema da nossa família foi ter se criado no Rio, em uma cultura diferente"**
>
> **Fauto Luiz Maciel**, o Piloto, sobrinho de Luiz Gonzaga



vivo SEMPRE INTERI
Seu Vivo Pré conectado o mês int
CADASTRE-SE *9003
Após atingir 200 MB trafegados dentro de 30 dias, você continua conectado com velocidade de até 32 Kbps. O pacote será debitado do crédito na confirmação da compra e renovado a cada 30 dias. Para usufruir o benefício é suficiente para a contratação do pacote. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode ser reduzida por vários motivos, como fenômenos naturais, deslocamento e picos de tráfego. Consulte mais informações em vivo.



O que mais amava Gonzaga

Gonzaguinha foi criado no Morro de São Carlos pelos padrinhos Xavier e Dina - o mesmo casal que acolheu Gonzaga na sua chegada ao Rio. Somente aos 15 anos, foi morar com o pai, que o queria ver doutor. "Dona Helena nunca foi muito chegada a ele. Luiz Júnior não dava trabalho, ficava quieto no quarto. Ele chegou ao que chegou porque ele mesmo fez", lembra Priscilia Santos, 97 anos, que morou com a família no Rio.

"Luiz Gonzaga era muito diferente do filho. Eram opostos. Um era magro, o outro era gordo. Um era de direita, o outro, de esquerda. Porém o gênio era o mesmo. Por isso não se bicavam muito", afirma Piloto. "Mas depois que Gonzaguinha passou a fazer música, Gonzaga se derreteu todo. Lembro quando Gonzaguinha deu *Prece por Exu Novo* para o pai, em 1973. Gonzaga saiu do estúdio todo alegre: "Esse moleque...! que música que ele me deu!"".

Já nos anos 1980, Gonzaguinha excursionou com o pai, que adotou o nome artístico de Gonzagão. Aos poucos, foram se unindo pela música e pela admiração mútua. "Acho que a pessoa que mais gosta de mim é você", disse Gonzagão ao filho, em uma das entrevistas que ele fez com o pai na década de 1980.

Paternidade

O romance de Gonzaga com Odaléia Guedes dos Santos, a mãe de Gonzaguinha, foi cheio de idas e vindas. Na noite carioca da época, muitos davam como certo que o pai do filho dela era um violonista. Ao músico Marcelo Melo, do Quinteto Violado, o sanfoneiro teria confidenciado que acolheu Odaléia sabendo que ela estava grávida de outro. Para a família, Gonzaga nunca colocou a paternidade em dúvida, mas foi claro ao filho: "Veja você: seu sangue não corre nas minhas veias". Os dois não se preocupavam: biológico ou não, Gonzaguinha era o filho de Gonzagão.



ARQUIVO/DP

No fim da vida, Gonzaguinha e Gonzagão se uniram pelo amor à música e pela admiração mútua



Rosinha Gonzaga vendeu o parque Aza Branca logo após a morte da mãe

A herdeira do legado do rei

Rosinha Gonzaga não foi ao enterro do próprio pai. Não foi ao enterro da mãe. Quando Dona Helena faleceu, no Parque Aza Branca, no Exu, Rosinha não esperou. Em uma semana vendeu o local, com tudo que havia dentro dele, para um dos empresários mais bem-sucedidos da cidade. O negócio foi fechado por telefone.

Há uma certa mágoa da família de Gonzaga de que Rosinha - a que não gostava do Sertão nem se amolecia com o som da sanfona - seja hoje a principal herdeira dos direitos autorais e de imagem dele. "É o que diz a lei", conforma-se Joquinha. Aos 62 anos, a figura esbelta e cintilante de Rosa Maria Gonzaga Marques, loira platinada, carregada de jóias, não tem fronteiras com o universo da Rosinha brejeira, cantada pelo pai em *Asa branca*. Em uma conversa rápida com o Diario, Rosinha diz que ouve as músicas de Luiz Gonzaga todos os dias, no seu iPhone. Que Gonzaga, apesar de viajar muito, foi um pai maravilhoso e presente. Desde 1981, Rosinha não pisa no Exu.



"Gonzaga sabia exatamente a importância que tinha"

A jornalista francesa Dominique Dreyfus conviveu com o sanfoneiro durante dois meses de 1987 para escrever o livro a *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga* (Editora 34, preço médio: R$ 50), até hoje a biografia mais completa do sanfoneiro.

entrevista >> Dominique Dreyfus

No seu livro, você só cita Rosinha Gonzaga uma vez, no momento em que ela é adotada. Por que esta escolha?
A questão da esterilidade de Gonzaga magoava muito Helena...e ela era uma mulher complicada. Ao invés de dizer "não podemos ter um filho, vamos adotar", ela arranjou uma pessoa que podia lhe dar uma criança. Ela pensou: "vou fingir que estou grávida, sumir por uns tempos". Então ela apareceu com essa menina. O Gonzaga não estava nem aí. Ele não era de ter filho. Tinha a grande mágoa com o Gonzaguinha, que ele não cuidou bem até os 15 anos. Então, essa criança era filha somente da Helena. E a Helena educou esta menina - quando eu entrevistei Rosinha vi que não era papo-furado - para desprezar o pai porque ele era negro. Ela era superracista em relação ao pai. Depois ela casou e tinha a vida dela. Gonzaga mal me falou dela. Na verdade, pouca gente falou dela.

No final da vida ele tinha dinheiro? Os familiares de Edelzuita (última companheira de Gonzaga) tiveram que ajudar a pagar o hospital onde ele ficou internado...
Ele não dava mais shows, é óbvio. Mas ele recebia direitos autorais. Mesmo que a administração do direito autoral não fosse lá muito boa, ele recebia, do mundo todo. Sempre tinha alguém no Japão, nos Estados Unidos, em algum lugar, que divulgava o trabalho dele. Vi pilhas de levantamentos de direitos autorais. Então, dinheiro entrava. O negócio é que ele gastava muito. Por exemplo, ele resolvia fazer um negócio, aí fazia na urgência, ficava mal feito, derrubava, o cara que fazia roubava um pouquinho...era uma profunda desorganização. O que permitia que qualquer pessoa pegasse dinheiro dele a torto e a direito.

Você, de certa forma, tomou partido de Edelzuita. Como era o relacionamento dela com Gonzaga?
É difícil não tomar o partido de Edelzuíta. Ela era muito charmosa e não tinha esse discurso de forçar a barra com o Gonzaga. Quantas vezes o Gonzaga dizia "acabou o namoro", ela chorava, chorava, mas ficava na dela. Fiquei muito impressionada com a Helena porque ela era incrivelmente inteligente. Nos demos bem, conversávamos na varanda. Mas, ao mesmo tempo, eu fiquei extremamente chocada com esse racismo, esse desprezo que ela tinha por esta figura com quem ela era casada. Eu não fui educada para tolerar o racismo.

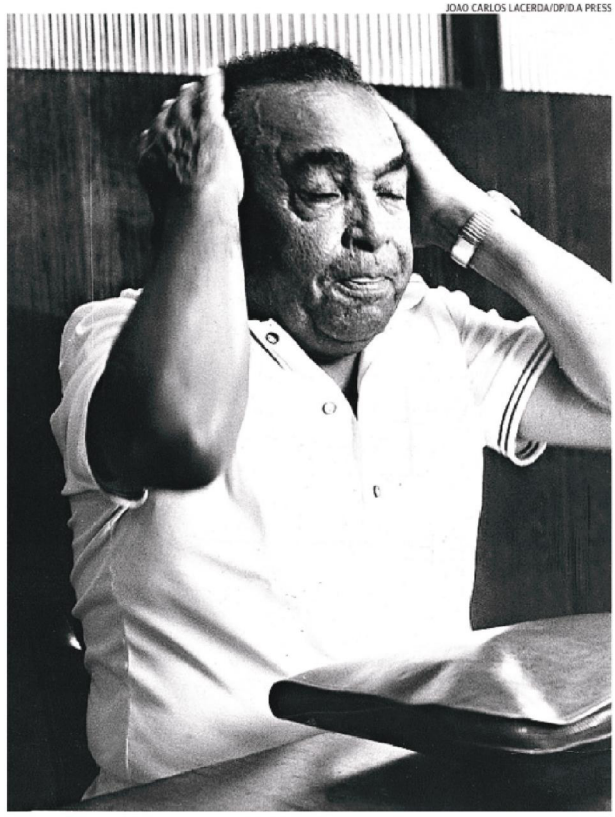
Como Gonzaga lidava com isso?
Ele era muito sofrido. Ele nunca formalizou, disse uma frase: "a Helena é racista". Essa palavra não surgiu em nenhuma conversa. É a minha percepção das coisas. Por mais que ele tenha sido a figura que ele foi, tenha tido a importância que ele teve, para Helena, ele sempre se manteve como um negro de origem pobre. E ela era uma branca, de uma família importante.

Gonzaga tinha noção da importância dele?
Uma pessoa inteligente sabe o que ele vale. O Gonzaga sabia exatamente a importância dele e como ele tinha essa noção, ele não precisava ser arrogante. Quando estava em baixa, ele sabia que o que ele havia feito antes era importante. A carreira dele teve aquele apogeu, depois a terrível queda, e ele refez uma segunda carreira, tão importante quanto a primeira. Não tinha nada de luxo na vida dele. O dinheiro, ele dava para ajudar os amigos, a família. O que ele queria era sair pelas estradas e dar show.

NET
teiro.
200MB por apenas: R$ 9,90 por mês
APENAS R$0,33 POR DIA
o é necessário possuir saldo de recarga
vo.com.br/vivosempre.

Sertão Gonzaga

JOAO CARLOS LACERDA/DP/D.A PRESS



Pra onde tu vai, baião?



Com a Bossa Nova e a Jovem Guarda caindo no gosto popular, Gonzaga levou o baião para circos e feiras

CAROLINA SANTOS
carolinasantos.pe@dabr.com.br

> **"Ele dizia que ia voltar para Exu. Era invocado com os cabeludos da Jovem Guarda"**
>
> **Onildo Almeida,** compositor



hotsite

/hotsite.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga

O cantor e compositor Assisão contratou um show do Rei do Baião na década de 1970

"50 anos em 5". O slogan do progresso de Juscelino Kubitschek mirava um país moderno, aberto para o mundo. O sanfoneiro vestido de cangaceiro e cantando sobre um Brasil de seca, festas na roça e natureza sertaneja era visto como ultrapassado. A suavidade da batida da Bossa Nova e, depois, o balanço importado da Jovem Guarda, empurraram o baião para o limbo. Não era mais a dança da moda, mas ainda tinha um público, e Gonzaga, apesar de por várias vezes achar que não ia mais adiante, continuou a tocar e cantar para essa plateia resistente.

O compositor Onildo Almeida, famoso pela música *A Feira de Caruaru*, lembra quando Gonzaga o comunicou que iria parar de lançar discos e fazer turnês. "Ele dizia que ia voltar para Exu. Era invocado com os cabeludos da Jovem Guarda". Gonzaga, então, pediu ao amigo que fizesse uma música para marcar sua despedida. Onildo lhe entregou *A hora do adeus*. Corria o ano de 1964 quando o sanfoneiro gravou a música – e continuou a cantar e a tocar. Anos depois, Gonzaga voltou a pedir mais uma música de despedida. "Era tudo uma fase", diz Onildo. "Fábrica de discos visa o lucro. Se o artista não está vendendo, ela o encosta. Não vê se presta ou não presta. Só quer o resultado".

Afastado dos holofotes, Gonzaga foi para o interior fazer shows do jeito que ele gostava: de graça. Tocou em feiras, circos, cinemas, em cima de caminhão.

> **Gonzagão gostava de tocar de graça, em feiras, para o povo dançar**

Sempre patrocinado por empresas. Foi garoto-propaganda da Monark, fumo Du Bom, café Petinho, Casas Pernambucanas, colírio Moura Brasil, entre outras. "Ele não aguentava ficar 15 dias no Rio de Janeiro", lembra o sobrinho Piloto, que trabalhou com Gonzaga na década de 1980.

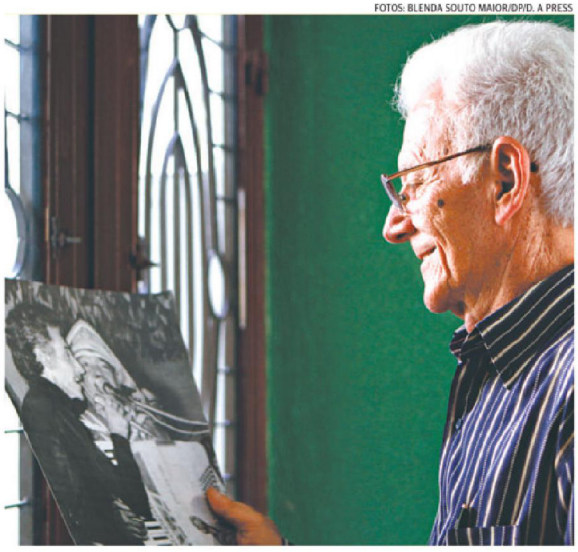
O cantor e compositor Assisão foi no final da década de 1970 até Arcoverde para contratar um show de Gonzaga. "Ele estava tocando em um cinema, para, no máximo, 25 pessoas. Fiquei muito triste ao ver aquilo. Quando o convidei para tocar em um sítio em Serra Talhada ele se animou, porque ia tocar para o povo dançar", recorda.

"Gonzaga tinha uma coisa que era incrível. Quando ele puxava a sanfona para cantar, a voz dele superava tudo. Mas nós não sabíamos, nem Luiz Gonzaga sabia, que ele era tão importante para a música brasileira", diz Piloto. Para ilustrar a afirmação, ele conta um episódio acontecido na década de 1980. "Ele ganhou uma sanfona na França (ele tocou no país em 1982 e 1986). A fábrica disse que ia dar para ele de graça e mandou para o aeroporto do Galeão, que fica na Ilha do Governador, onde ele morava. Aí ele pediu a uma pessoa da Globo pra pegar a sanfona. Pediu a um promotor, a uma porção de amigos importantes. E não conseguiu tirar a sanfona. Deixou pra lá. Aí um dia ligaram da alfândega para ele: "olhe, tem uma sanfona sua aqui, venha buscar". E ele: "E eu posso pegar?". Ele achando que dependia dos outros...Ele não tinha ideia de quem ele era".

vivo SEMPRE INTER
Seu Vivo Pré conectado o mês in
CADASTRE-SE *9003
Após atingir 200 MB trafegados dentro de 30 dias, você continua conectado com velocidade de até 32 Kbps. O pacote será debitado do crédito na confirmação da compra e renovado a cada 30 dias. Para usufruir o benefício suficiente para a contratação do pacote. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode ser reduzida por vários motivos, como fenômenos naturais, deslocamento e picos de tráfego. Consulte mais informações em vi

Parcerias baseadas em mote

FOTOS: BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D. A PRESS



Onildo Almeida, compositor, foi parceiro musical de Gonzagão

Há muita controvérsia sobre a participação efetiva de Luiz Gonzaga na composição das músicas que assinou. *Asa branca*, por exemplo, era um tema folclórico que ele e Humberto Teixeira deram forma definitiva. *Assum preto* deriva do mesmo tema. *Juazeiro* era tocada por Januário quando Gonzaga era um menino. As composições em que o sanfoneiro assina sozinho são, na maioria, instrumentais do início da carreira.

"Gonzaga não tinha tempo para fazer as músicas completas. Ele dava o mote para o compositor desenvolver e depois dava o toque dele na gravação. Assim, é claro que ele era parceiro e tinha que ser creditado", diz o compositor João Silva. "Além do mais, a música só fazia sucesso porque era cantada por ele. Quem quer galinha não diz "*xô*", diz "*xi, xi, xi*"", defende. O "toque" que Gonzaga dava, ele chamava de "sanfonizar", que era fazer o arranjo e aparar as arestas da composição.

Onildo Almeida lembra da única ocasião em que Gonzaga exigiu seu nome em uma música que não havia tido nenhuma participação. *É sem querer*, de Onildo Almeida e Juarez Santiago, teve seus créditos mudados por conta da paixão de Gonzaga por Edelzuíta Rabelo. "Ele disse: 'tira esse cara daí!' Eu fiquei: 'como é que eu vou tirar?' Ele retrucou: 'dê um jeito aí. Tem que ter meu nome'". Ele estava no começo do romance com Edelzuíta e queria dedicar a música para ela", diz Onildo. Juarez abriu mão da parceria e, em troca, Onildo colocou o nome dele em outra música, *Bom? pra uns...*, gravada por Gonzaga no mesmo disco.

Na maioria das vezes em que entregava uma música pronta, com melodia e letra, Onildo conta que era Pedro Cruz, então diretor regional da Victor, quem pedia as parcerias para Gonzaga. "Não sei de ele não tinha coragem de me pedir...", diz.

O rei volta a fazer sucesso

No sobe e desce da mídia, Gonzaga voltaria às manchetes em 1968 com o boato inventado pelo agitador cultural Carlos Imperial de que os Beatles iriam gravar *Asa branca*. Não era verdade, mas foi o suficiente para chamar a atenção de um novo público. Poucos anos depois, com o estouro do Tropicalismo, Gonzaga seria novamente acalentado, dessa vez por Gilberto Gil, que o elogiava publicamente, e Caetano Veloso, que, no exílio em Londres, gravou *Asa branca*. Gonzaga chorou ao ouvir a versão doída e saudosa do baiano.

Para esse novo público jovem, o sanfoneiro gravou o disco ao vivo *Luiz Gonzaga volta para curtir* no Teatro Teresa Raquel, no Rio de Janeiro. Era, porém, um repertório antigo, com muitas músicas de Humberto Teixeira e Zé Dantas – que havia falecido em 1962. Faltava um parceiro novo para Gonzaga voltar de vez.

Humberto Teixeira era a saudade do Sertão, a natureza e as festas na roça. Zé Dantas adicionava a esse leque a crítica social. O outro parceiro mais importante de Gonzagão foi João Silva, que colocou o tempero da malícia e apertou o ritmo do arrasta-pé.

No início dos anos 1980 João Silva ajudou Gonzaga a retomar o sucesso comercial. A grande volta foi com o álbum de 1981 *Danado de bom*, o primeiro disco de ouro da carreira do sanfoneiro. Além de assinar a faixa título, João Silva tem outros clássicos em parceria com Gonzagão, como *Nem se despediu de mim*, *Pagode russo*, *Vou te matar de cheiro*, *Um pra mim, um pra tu* e *Pobre do sanfoneiro*, entre outros.

Depois de morar por décadas no Rio de Janeiro, o compositor arcoverdense voltou ao Recife há cerca de cinco anos. Mora em um apartamento simples em Boa Viagem e, mesmo diante da descrença de amigos, diz que há dois anos abandonou a bebida. Tem uma frase que sempre gosta de repetir quando o perguntam sobre o seu convívio com o sanfoneiro: "Luiz Gonzaga era uma empresa mal gerida".

João Silva lembra que o sanfoneiro foi muito enganado por produtores de shows e gravadoras. "Ele não sabia ganhar dinheiro. Marcava um show no Piauí e ia para tocar por R$ 200, vamos dizer. Ele justificava: 'é para o meu povo'. Eu dizia: Gonzaga você tem que ser profissional, tem que cobrar R$ 100 mil! Mas ele insistia que queria tocar para o povo ver. Quem ganhava era quem produzia a apresentação", reclama.

Amor para alegrar o fim da vida

ARQUIVO/DP/D.A PRESS



BENEDITO SOARES/DP/D.A PRESS



Helena (acima) era casada com Gonzaga, que se relacionava também com Edelzuíta

Durante 31 dias do começo dos anos 1970 Onildo Almeida ficou hospedado na casa de Luiz Gonzaga no Rio de Janeiro. Não viu Helena e o marido trocarem uma única palavra. "Era impressionante. Ela cuidava de toda a parte financeira dele. Resolvia a vida toda dele em silêncio. Não dava um bom dia", recorda. Enquanto o casamento com Helena se desgastava, Luiz Gonzaga reencontrava Edelzuíta Rabelo em um voo do Recife para Brasília. Os dois já se conheciam desde 1968, por meio de Otrope (Irandir Costa), a dupla do coronel Ludgero, que foi namorado de Edelzuíta e havia morrido em um acidente meses antes. Gonzaga foi consolar a viúva e se apaixonou.

Expansiva, alegre e décadas mais jovem, Edelzuíta era radiante contraponto à figura magoada e ciumenta de Helena. Com Zuíta – como Gonzaga a chamava – o sanfoneiro viveu sua última paixão. Em bilhetes guardados por ela, que faleceu em 2005, Gonzagão se declarava: "Zuíta, artista não tem domicílio, mas eu te adoro em qualquer lugar".

Durante quase 15 anos, Gonzaga levou o namoro com Edelzuíta em paralelo ao casamento. "Nisso ele foi covarde, mas deve ter tido suas razões. Ele prometia que ia se separar, mas ela não exigia. Gonzaga tinha medo do que as pessoas iam pensar", lembra João Silva. Um ano antes de morrer, já doente, Gonzaga e Helena tiveram um desentendimento. Ele deixou o Rio, onde se tratava, e foi para o apartamento de Edelzuíta em Boa Viagem. Helena fazia de tudo para não facilitar a separação: chegou a tirar o acervo do museu do Exu e levar para o Rio. Nos últimos meses de vida, Gonzaga se permitiu, enfim, viver sua grande paixão publicamente – mas nunca chegou a assinar o divórcio. No enterro do sanfoneiro, Gonzaguinha iria apresentar uma a outra pela primeira vez. Abraçadas, as duas chorariam juntas.



João Silva foi, além do compositor que Seu Lua mais gravou, um amigo

+ número

Com **88 músicas** gravadas por Luiz Gonzaga, João Silva ultrapassa Humberto Teixeira e Zé Dantas no número de composições e parcerias.

NET
teiro.
200MB por apenas: R$ 9,90 por mês
APENAS R$0,33 POR DIA
é necessário possuir saldo de recarga
vo.com.br/vivosempre.

Sertão Gonzaga

JULIO JACOBINA/DP/D.A PRESS



Hora do adeus

Foi sob forte comoção que o Nordeste recebeu a notícia da morte do seu maior divulgador

CAROLINA SANTOS
carolinasantos.pe@dabr.com.br



Gonzaguinha ligou o gravador e de uma tacada só vez, naquela noite de dois de setembro de 1989, começou a descrever as emoções que o dominaram exatamente um mês antes. "Trinta dias atrás acordei às 5h20, não sei por quê, mas acordei. Dormi mal, tinha de me preparar para voltar para casa. De repente, tocou o interfone e eu pensei direto: pois é, meu pai morreu. Acho engraçado essas coisas da gente saber antes o que vai acontecer. Foi uma surpresa. Mas nenhum de nós esperava que ele morresse tão rápido", gravou. Um mês antes, exatamente às 5h20, Luiz Gonzaga do Nascimento, sanfoneiro, compositor, cantor, nascido no Exu, criado no Araripe, foi declarado morto.

Foram 42 dias de internação até que o coração de Gonzaga parasse de bater. Aos 76 anos, ele lutava há quase dez contra um câncer de próstata que se espalhou pelos ossos, atingindo a bacia e a coluna. Com dores intensas, Gonzaga aboiava no hospital. "Gosto de aboiar ao invés de gemer", se justificava, em um pedido de desculpas às enfermeiras que o atendiam. Levado ao hospital por conta de uma infecção urinária, ele sucumbiu a uma pneumonia.

Em conversas com o filho, o rei do baião já havia dito por onde queria que seu corpo passasse, antes de ser sepultado no seu amado Exu. "Acho que a maneira mais prática de você me levar para lá seria passando sempre por Juazeiro (do Norte), que é o centro das atenções Nordeste", disse ao filho. Para não ter problemas com o Crato, Gonzaguinha sugeriu ao pai uma missa campal, no meio das duas cidades. O corpo chegaria lá de helicóptero. Gonzaga concordou.

Antes de seguir para o Sertão, o corpo de Gonzaga foi velado na Assembleia Legislativa de Pernambuco – onde a a ex-esposa Helena Cavalcanti foi apresentada à última companheira de Gonzaga, Edelzuita Rabelo. "As duas se abraçaram chorando e ficaram conversando. O mais importante disso tudo é o respeito", gravou Gonzaguinha. Da Assembleia, na rua da Aurora, até o aeroporto, o carro do Corpo de Bombeiros que levava o caixão demorou três horas. Todo mundo queria se despedir do Rei do Baião.

No Sertão, a comoção foi intensa. O Diario de Pernambuco noticiou na época que mais de 80 mil pessoas acompanharam o cortejo pelas ruas do Juazeiro do Norte – Gonzaguinha, que queria levar o corpo direto para a missa campal, de helicóptero, teve que ceder por conta da pressão popular. O cortejo, por conta do horário, não entrou no Crato, seguindo direto para Exu. Após uma missa na igreja matriz, Gonzaga foi sepultado no cemitério São Raimundo ao som de vinte mil pessoas entoando *Asa branca*. O homem que cantou o Nordeste silenciava, mas sua voz permanecia.

Gonzaga vive

Em mais de 50 anos de carreira, Luiz Gonzaga deixou para o Brasil um legado incomparável de ritmos. Maior curador da música nordestina, o sanfoneiro de Exu vive hoje na arte e na vida dos seus seguidores e fãs.

Entre no hotsite do **Diario de Pernambuco** e preste a sua homenagem ao Rei do baião.

hotsite

hotsite.diariodepernambuco.com.br/2012/gonzaga

O Parque Aza Branca foi sonho do sanfoneiro

BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



O amor de Luiz Gonzaga por sua terra natal foi eternizado em canções *como Meu Araripe* e *No meu pé-de-serra*, mas foi um amor além da poesia. Em 1980, Gonzaga ajudou a pacificar os conflitos familiares em Exu. Construiu o primeiro grande posto de gasolina da região, acreditando na posição estratégica do município. Fez lobby com os amigos políticos para a construção da rodovia Asa Branca, da instalação de um posto telefônico no centro da cidade e de luz elétrica no Araripe. Levou bancos. Construiu escola e creche. Pensou até em montar uma fábrica de enlatados na cidade.

Quando Luiz Gonzaga morreu, Gonzaguinha tomou para si o sonho do pai. Queria fazer do Exu a cidade que Gonzaga sempre quis: um oásis de desenvolvimento no Sertão.

O projeto de Gonzaguinha começava no parque Aza Branca - a residência, museu e pousada do pai. Conversou com Helena, que devolveu ao museu boa parte do acervo do ex-marido – que ela mesmo havia criteriosamente acumulado durante décadas. Gonzaguinha fez ainda um mausoléu no próprio parque para o pai e os avós – os restos mortais de Severino Januário e Helena também estão hoje no local.

Do parque, o sonho de Gonzaguinha se expandia para Exu todo. Queria transformar o sopé do Araripe em uma cidade temática girando em torno do forró. "Espero que Helena e Rosinha juntem-se e não vendam absolutamente mais nada. E juntos administremos as coisas", gravou, naquele setembro de 1989. O sonho de pai para filho foi brutalmente interrompido na manhã do dia 29 de abril de 1991, quando, após um show, Gonzaguinha morreu em um acidente de carro no Paraná.

Como na (re)inauguração do museu do Aza Branca, Gonzaguinha, em um ato de generosidade, cedeu 12,5% de sua parte para Helena, quando ela morreu, depois dele, em 1993, Rosa Maria Gonzaga herdou 87,5% da área - rapidamente vendida para o empresário exuense Zito Urbano. O novo proprietário também faleceu pouco depois e administração ficou a cargo de Francisco Parente, o Beba, irmão da viúva de Zito. Beba morreu no início deste ano.

vivo SEMPRE INTERI
Seu Vivo Pré conectado o mês int
CADASTRE-SE *9003
Após atingir 200 MB trafegados dentro de 30 dias, você continua conectado com velocidade de até 32 Kbps. O pacote será debitado do crédito na confirmação da compra e renovado a cada 30 dias. Para usufruir o benefício é n
suficiente para a contratação do pacote. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode ser reduzida por vários motivos, como fenômenos naturais, deslocamento e picos de tráfego. Consulte mais informações em vivo.c

ARQUIVO/DP/D.A PRESS



Quando o homem que cantou o Nordeste silenciou, abalou toda a região

BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS



Jose Praxedes, que trabalhou para Luiz Gonzaga e hoje labuta no Parque Aza Branca; acima, a casa onde o Rei do Baião morou

depoimentos



"Gonzaga significa a identidade do Nordeste, a sua diversidade, a expressão mais viva da cultura de um povo, povo sofrido, alegre, poético, instigante, lutador. Principalmente no roteiro feito por Gonzaga, Humberto Teixeira e Zé Dantas, que foi uma formação definitiva que estimulou outros poetas nordestinos. Nós fomos muito parceiros. Eu o conheci numa época em que ele ainda não tinha contato com o Gonzaguinha, mas nós já éramos compadres por conta dele. Pude aproveitar o lado divertido e ao mesmo tempo desaforado dele. Ele não tinha papas na língua"
● **Fagner - cantor e compositor**



"A música de Luiz Gonzaga para o nordestino, de um modo geral, significa muito. Significa o aboio do vaqueiro, significa a chuva, a seca. Porque Luiz Gonzaga cantou de tudo, a fauna, a flora. Tudo o que a gente precisa para alegrar os nossos dias, as nossas noites. E hoje a gente sente a presença de Luiz Gonzaga estampada no peito de qualquer sanfoneiro que esteja tocando seja lá o que for, pois ele se tornou o maior símbolo do acordeom. Acho que isso vai ficar para a eternidade. Enquanto vida a gente tiver, a gente vai lembrar dele. Até mesmo as novas gerações, que não o conheceram, já estão situadas em sua obra, ela taí para estudo, pesquisa e serve de estímulo para as gerações futuras"
● **Luizinho Calixto - sanfoneiro**

"Muito do progresso que temos no Nordeste devemos a ele, já que ele foi um porta-voz, cantando as nossas alegrias e tristezas. Ele era muito empreendedor e projetou Pernambuco dentro e fora do Brasil. Ele era muito generoso, ajudava todo mundo, gostava de estender a mão para quem estava começando. A grande festa dele era conhecer artistas anônimos. Ele foi o grande criador da nossa música, do nosso forró"
● **Ivan Ferraz - radialista e forrozeiro**



"Eu ouvia muito Luiz Gonzaga na minha infância. Ouvia tudo que tocava nas rádios do Brasil. E a rádio, na época em que eu era criança, era muito boa. O Tropicalismo resgatou a música de Gonzagão e muitas outras que eram consideradas pela elite da MPB como bregas. Gravamos juntos no estúdio muitas vezes. Eu aprendi muito com ele. Tinha um swing incrível. Ele era uma pessoa maravilhosa"
● **Gal Costa - cantora**



"Se virei músico profissional, devo isso a Gonzaga. Afinal, ele foi o primeiro *pop star* brasileiro, o primeiro artista a fazer turnês por todo o país e desde que o vi num palco na Praça da Sé de Salvador, eu ainda menino, aquela imagem não saiu mais de minha cabeça. Meu primeiro instrumento foi a sanfona também por influência dele e só já rapazinho, ao ouvir João Gilberto, migrei para o violão."
● **Gilberto Gil**



"Gonzaga foi o maior referencial da música nordestina. Ele foi o garoto propaganda de maior expressão, foi o que apresentou o Nordeste para o mundo em todas as suas nuances. Os parceiros Zé Dantas e Humberto Teixeira foram fundamentais nesse trabalho também. Acho que se alguém nunca ouviu Luiz Gonzaga, não sabe nada sobre o nordeste brasileiro"
● **Anastácia - cantora**



"É o legado mais importante para a Música Popular Brasileira. É o alicerce. Hoje a gente consegue ver um só país, onde antes havia Norte e Sul, e ele ajudou nisso. É uma música que é do Nordeste, para o Nordeste. Fala do nordestino e serve de inspiração para a vida dele"
● **Daniel Gonzaga - cantor, neto de Gonzagão**



"Nasci e cresci entre o Agreste e o Sertão e tive acesso às mesmas manifestações que ajudaram Luiz Gonzaga a formatar seu estilo: o canto dos aboiadores, dos emboladores, dos cegos de feira, dos tocadores de sanfona, dos poetas de cordel, e por aí vai. Então, também me sinto parte desta cultura, de uma maneira tão enraizada quanto a do próprio Gonzaga. Ele ficaria muito feliz com as homenagens, mas estaria preocupado com os rumos da música que ajudou a popularizar. Logo ele, que no final da vida, pediu a mim e a outros artistas presentes no último show em que participou para zelarmos por sua música e não deixarmos seu forrozinho morrer"
● **Alceu Valença**

"A importância da obra dele é imensa. Ele mostrou ao Brasil, um outro Brasil. Seu trabalho é comparado a Villa Lobos, Caymmi e Tom Jobim. Luiz Gonzaga foi escolhido como o nordestino do século. Sinto falta da fala mansa, mas precisa dele. Do timbre inconfundível. Da amizade"
● **Elba Ramalho**

"Por que Luiz Gonzaga é o maior se existe um Noel Rosa, um Ari Barroso, um Chico Buarque de Hollanda? É muito fácil. Gonzaga criou o xote, baião, forró, o arrasta-pé, o rojão, a quadrilha – que já existia, mas ele reforçou. Como se não bastasse, ele criou o forró, que está no mundo inteiro"
● **Onildo Almeida - compositor**



"Acho que o centenário é um festejo maravilhoso, ele merecia muito mais. Ele é o pai da boiada, foi ele quem começou tudo. Ele é amigo dos nordestinos, já fez show pra mim de graça. Eu acho ele fabuloso e Deus sabe o que faz, por que o homem era bom mesmo e merece todas essas homenagens que estão sendo feitas para ele"
● **Genival Lacerda**

"A música dele significa a maior escola musical regional para o Brasil. Ele foi o maior fenômeno nacional nordestino, e daqui a 20 anos todo mundo vai continuar querendo tocar o Gonzagão"
● **Zé Calixto - sanfoneiro**

NET
teiro.
200MB por apenas:
R$ 9,90 por mês
APENAS R$0,33 POR DIA
é necessário possuir saldo de recarga
vo.com.br/vivosempre.

FUNDAÇÃO URALDINO DO AMARAL
Cremos em Deus

CRUZEIRO DO SUL

PREÇO (R$):
dias úteis: 1,55
domingos: 2,75

ano 111 • nº 33.356
EDITOR RESPONSÁVEL: EDUARDO SANTINON

DOMINGO
Sorocaba, 16 de março de 2014

edição concluída à 0h15
WWW.CRUZEIRODOSUL.INF.BR

suplementos



Muitas pessoas desenvolvem relação patológica com a web



Estação de Mairinque aguarda recursos para revitalização



Suplemento mostra novo espaço de lazer da cidade

Quilombolas esperam há 14 anos delimitação de território

Descendentes de José Joaquim de Camargo - que em 1874 comprou terras por 400 mil réis do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar - lutam há 14 anos por uma documentação que permitirá sua inclusão em políticas públicas nacionais. As terras originalmente se espalhavam por seis municípios. **Págs. A8 e A9**

FÁBIO ROGÉRIO



Descendentes de José Joaquim Camargo

Casamento comunitário terá 4 casais homossexuais

O Casamento Comunitário coordenado pelo Fundo Social de Solidariedade de Sorocaba recebeu 154 inscrições. Será a primeira vez que casais do mesmo sexo oficializarão a união através do programa. **Pág. A7**

Às vésperas da Copa, venda de TVs cresce 30% no varejo

Pág. B1

opinião

Leia o Editorial *Rezem por Francisco*, que analisa o primeiro ano de pontificado do papa Francisco, completado na última quinta-feira. Francisco dá o tom de que a Igreja Católica vive uma nova era. Sua declarada opção pelos pobres, em discursos e ações, e suas abordagens sobre temas delicados comprovam as inovações do seu pontificado. **Pág. A3**

EDIÇÃO DE HOJE:
64 PÁGINAS
TIRAGEM:
31.926 EXEMPLARES
INCLUI
CASA E ACABAMENTO
E CRUZEIRINHO

DISTRIBUÍDO PARA SOROCABA
E 16 CIDADES ADJACENTES
Filiado : ANJ - APJ - IVC

SEMINOVOS | CAREXPRESS
Hoje PLANTÃO
ATÉ AS 13H
CarExpress
RUA SETE |15| 3346.2223

ISSN 1415 - 5877

TRÂNSITO EM SOROCABA

Congestionamentos vão triplicar dentro de 13 anos, afirma Urbes

Os congestionamentos registrados na atualidade em Sorocaba atingem 16 quilômetros nos horários de pico. Dentro de 13 anos, poderão chegar a 61 quilômetros por dia. Esses dados foram apresentados na última sexta-feira durante a segunda audiência pública realizada para a formulação do projeto de lei que criará o Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade. De acordo com a Urbes, serão necessários investimentos de R$ 1,97 bilhão para a implantação do plano diretor na cidade. Hoje, Sorocaba tem 64 veículos para cada 100 habitantes - a proporção era de 30 para 100, em 2002 - e por isso, um dos objetivos do plano diretor é reduzir o número de pessoas que utiliza transporte individual. Segundo o presidente da Urbes, Renato Gianola, os investimentos devem ser feitos para que esse prognóstico não se concretize. **Pág. A11**

ALDO V. SILVA



ESPAÇO DE ESTUDO - Considerado o novo cartão postal da cidade, o Jardim Botânico Irmãos Villas Bôas, inaugurado ontem no Jardim Dois Corações, deverá ser um espaço de estudo e preservação ambiental. A construção principal do parque foi inspirada no Palácio de Cristal de Londres, uma grande estrutura de ferro construída no Hyde Park para abrigar a Grande Exposição de 1851. **Pág. A6**

JORNAL DA MANHÃ/EDIO JR

São Bento reassume liderança



O São Bento fez uma boa partida em Marília e fica mais perto do acesso à Série A1

O São Bento, mesmo levando um gol aos 5 minutos e jogando fora de casa, conseguiu virar a partida e derrotar por 3 a 1 o Marília, um dos melhores times do Campeonato Paulista da Série A2. Com a vitória, o São Bento, além de mostrar que é uma das grandes equipes da competição, reassume a liderança do campeonato. **Pág. D4**

LUIZ SETTI



CHANCE PERDIDA - Ao empatar por 1 a 1 com o XV de Piracicaba ontem à noite no CIC, o Atlético Sorocaba perdeu a chance de uma vitória em casa e está muito perto de cair para a Série A2 do Campeonato Paulista. **Pág. D1**

Três grandes entram em campo pelo Paulistão

Depois da vitória do Palmeiras sobre a Ponte Preta, ontem, por 3 a 2, os outros três grandes jogam hoje pela rodada do Campeonato Paulista. O São Paulo recebe o Ituano no Morumbi, o Santos pega o Rio Claro e o Corinthians promete usar sua força máxima, mas pode dar adeus ao campeonato na partida contra o Penapolense. **Págs. D1 e D2**

PEDRO NEGRÃO



Uberlândia vence LSB por 87 a 74

Pág. D4

ALDO V. SILVA



Pesquisa mostra falta de fiscalização

Estudo revela que calçadas da cidade têm problemas

As calçadas de Sorocaba são pequenas, têm obstáculos para a passagem de pedestres e precisam de um plano que priorize melhorias nessas estruturas. É o que revela estudo realizado pela empresa Logit Engenharia Consultiva Ltda., contratada pela Urbes. **Pág. A10**

Dilma visita áreas de Rondônia e Acre atingidas pelas cheias

Pág. A12

Greve de agentes penitenciários lota cadeia de São Roque

Pág. A4

Polícia investiga cárcere privado no confronto do Habiteto

Pág. A4

Confira nossas ofertas neste jornal.



CASAS BAHIA DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
2102-5110
Segunda-feira a sexta-feira: 8h às 18h
Sábado, Domingo e feriado: 8h às 11h
NÃO RECEBEU O JORNAL?
Atendemos diariamente até às 11h
CRUZEIRO DO SUL

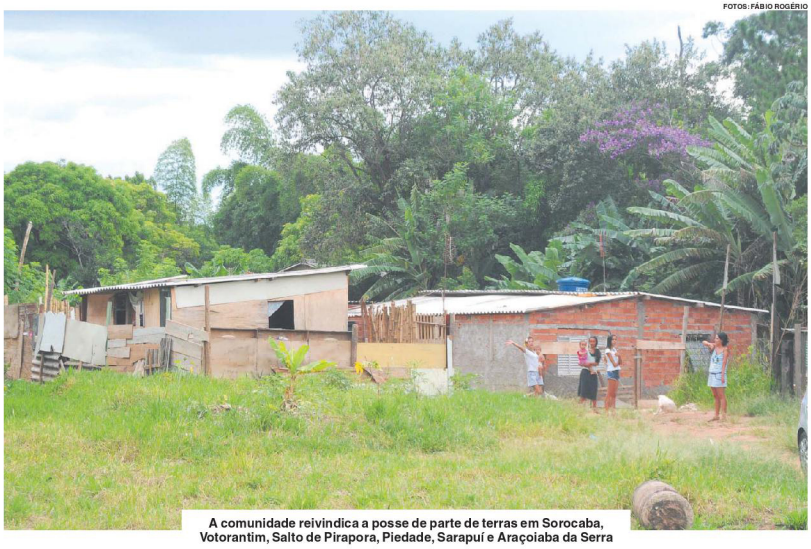
DÍVIDA HISTÓRICA

Quilombolas aguardam pela delimitação de território para serem reconhecidos

Documentação permitirá aos descendentes de José Joaquim de Camargo serem incluídos nas políticas públicas nacionais

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

FOTOS: FÁBIO ROGÉRIO



A comunidade reivindica a posse de parte de terras em Sorocaba, Votorantim, Salto de Pirapora, Piedade, Sarapuí e Araçoiaba da Serra

A comunidade remanescente do quilombo Os Camargo aguarda há 14 anos por uma documentação que permitirá aos descendentes de José Joaquim de Camargo serem incluídos nas políticas públicas nacionais. Nos processos que envolvem reconhecimento de comunidades quilombolas, existem seis peças técnicas para a conclusão de um Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), que podem ocorrer concomitantemente. Os Camargo afirmam já ter conseguido a maior parte dos documentos e que a única coisa que falta para garantir seus direitos é a delimitação do território. "Mas agora está parado no Incra", reclamam João Fernandes e os primos Edson Correa e Luiz Carlos Batista de Camargo. A comunidade reivindica a posse de parte de terras em Sorocaba, Votorantim, Salto de Pirapora, Piedade, Sarapuí e Araçoiaba da Serra, num total de 84 mil alqueires de extensão.

Em Votorantim, entre as áreas que pertencem aos descendentes de José Joaquim de Camargo está o bairro Votocel, onde até os dias atuais vive ali uma comunidade quilombola. Outros familiares moram um pouco mais afastados, na estrada que dá acesso a Piedade. Em Sorocaba, a área que pertence aos Camargo compreende o local onde estão instaladas a UFSCar e a Universidade do Cavalo.

Os descendentes possuem uma escritura datada de 2 de novembro de 1874 comprovando que José Joaquim de Camargo comprou aquelas terras do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar ao preço de 400 mil réis. A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras.

Conforme o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), a documentação ainda não foi emitida porque até o momento, as informações prestadas pela comunidade Os Camargo são insuficientes para se delimitar o território quilombola, tanto no que se refere à ocupação histórica quanto à área que está sendo reivindicada.

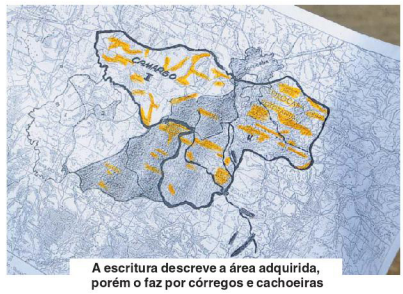
O Incra afirma que tem buscado, por meio de reuniões e conversas com a comunidade, levantar esses dados para dar continuidade ao processo de reconhecimento da área, mas depende das informações da comunidade (autodeterminação). Uma nova reunião com o grupo deve ocorrer em breve com a finalidade de resolver a questão. A data não foi divulgada.

O Incra afirma que tem buscado, por meio de reuniões e conversas com a comunidade, levantar esses dados

Preocupada com a demora dos documentos, a comunidade Os Camargo se reuniu com o deputado Hamilton Pereira (PT) no começo do ano para pedir ajuda com relação à agilidade desse processo. O deputado afirma que assumiu o papel de intermediário nos entraves burocráticos, tentando acelerar o processo. No início de março, o parlamentar esteve no Incra, em São Paulo, para tratar do assunto e a informação é que, pela complexidade do caso, será realizado um fórum ampliado com as comunidades da região e os órgãos nacionais, como o Incra, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e a Fundação Palmares, entre outras entidades que possuem relação com o tema. Ainda não há uma data, mas foi sinalizado que possa ocorrer entre o final de abril e início de maio deste ano. Assim que for definida a data, o deputado se comprometeu a ajudar na articulação do local.



Edson Correa, João Fernandes e Luiz Carlos Batista de Camargo afirmam já ter conseguido a maior parte dos documentos



A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras

Como é feito o reconhecimento

As comunidades quilombolas são grupos étnicos - predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana -, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o País existam mais de três mil comunidades quilombolas.

O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Em 12 de março de 2004, o Governo Federal lançou o Programa Brasil Quilombola (PBQ) como uma política de Estado para as áreas remanescentes de quilombos. O PBQ abrange um conjunto de ações inseridas nos diversos órgãos governamentais, com suas respectivas previsões de recursos, bem como as responsabilidades de cada órgão e prazos de execução.

É a própria comunidade que se autoreconhece "remanescente de quilombo". O amparo legal é dado pela Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho, cujas determinações foram incorporadas à legislação brasileira pelo Decreto Legislativo 143/2002 e Decreto Nº 5.051/2004. Cabe à Fundação Cultural Palmares emitir uma certidão sobre essa autodefinição.

Com base na Instrução Normativa 57, do Incra, de 20 de outubro de 2009, as comunidades interessadas devem encaminhar à Superintendência Regional do Incra do seu Estado uma solicitação de abertura de procedimentos administrativos visando à regularização de seus territórios. Após sair a documentação, a fase seguinte do processo administrativo corresponde à regularização fundiária, com desintrusão de ocupantes não quilombolas mediante desapropriação e/ou pagamento de indenização e demarcação do território. O processo culmina com a concessão do título de propriedade à comunidade, que é coletivo, pró-indiviso e em nome da associação dos moradores da área, registrado no cartório de imóveis, sem qualquer ônus financeiro para a comunidade beneficiada.

Leia mais na pág. A9

"Prevenir é um dever que tem relação com os diversos acontecimentos da vida."
MEMORIAL PARK® - "Respeito às suas lembranças."
Faça sua reserva!
Tel.(15) 3221.1012

OFEBAS

LUIZ GUSTAVO CANDIDO PERES - 34 anos. Deixa o filho José. Sepultamento hoje, às 10h, saindo o féretro da Ofebas para o cemitério Pax.

OSSEL

APARECIDA HONORATO CORDEIRO - 68 anos. Casada com Oswaldo Cordeiro. Deixa as filhas Avani, Maria de Lourdes e Lindalva. Sepultamento hoje, às 11h, saindo o féretro da Ossel - Central para o cemitério Memorial Park.

ROBERTO BUENO DA SILVA - 64 anos. Casado com Maria Madalena Martins da Silva. Deixa os filhos Roberto e Renato. Sepultamento hoje, às 13h, saindo o féretro da Ossel - Votorantim para o cemitério São João Batista, em Votorantim.

ANGELA DE LORTO OLIVEIRA - 84 anos. Deixa os filhos Nilson, Antônio, Domingos, Maria Celeste, Filomena e Regina. Sepultamento hoje, às 10h, saindo o féretro da Ossel- Votorantim para o Cemitério São João Batista, em Votorantim.

ANEZIO MORO - 87 anos. Casado com Leonilda Efigenia Moro. Deixa os filhos Doraci, Isabel Cristina, Elizabeth, Cláudio e Reinaldo. Sepultamento hoje, às 10h30, saindo da rua Adolfo Frederico Schleifer, 510, para o Cemitério Consolação.

OLGA STEFANI MARTINS - 87 anos. Sepultamento ontem no Cemitério Pax.

JOSÉ LOPES MARTINS - 86 anos. Deixa os filhos Maria, José Carlos, Joana, Lourdes, Edna e Marlene. Sepultamento hoje, às 9h30, saindo o féretro da rua Eduardo de Campos, 197, para o Cemitério Consolação.

JULIO AMARO FERREIRA - 71 anos. Casado com Eunice Maria Nascimento Ferreira. Deixa os filhos Rosana Aparecida e Julio Cesar. Sepultamento hoje, às 9h, saindo o féretro da Ossel- Vila Assis para o cemitério Santo Antonio.

MARIA PESSOA DOS PRAZERES - 76 anos. Casada com José Antonio dos Prazeres. Deixa os filhos Elza, Edna, Maria das Graça e Paulo. Sepultamento hoje, às 8h, saindo o féretro da Ossel - Central para o cemitério Memorial Park.

LIBERATO FILADELFO DOS SANTOS - 84 anos. Deixa os filhos Elisabete, Edjalma, e Eliana. Sepultamento ontem no Cemitério Consolação.

ANA EDNA GESUELE - 74 anos. Sepultamento hoje, às 8h30, saindo o féretro da Ossel - Central para o cemitério Santo Antonio.

MARIA APARECIDA CAMILO DA SILVA - 69 anos. Deixa os filhos Cleuza, Iliamar, Itamar, Rubens e Ivair. Sepultamento ontem no Cemitério São João Batista, Votorantim.

MARIA DE LOURDES DA CRUZ - 90 anos. Deixa os filhos José Vicente, Luiz, Geraldo, Francisco, Maria da Consolação, Maria Helena e Maria Aparecida. Sepultamento ontem no Cemitério Memorial Park.

ODILSON DELLA MAJORA - 81 anos. Deixa a filha Fátima. Sepultamento ontem no Cemitério Consolação.

As informações contidas nesta coluna são fornecidas pela Ofebas e pela Ossel à redação até as 19h, e aos sábados e domingos até as 16h. Os prontuários elaborados após esses horários só serão passados no dia seguinte.

COM VOCÊ EM TODOS OS MOMENTOS

OSSEL®
15 3231.4807
www.ossel.com.br

Seu jornal não chegou ou atrasou?
Ligue S.A.A.
Serviço de Atendimento ao Assinante
(15) 2102-5110
CRUZEIRO DO SUL

CONVITE PARA MISSA DE 1º ANO DE FALECIMENTO

Mãe... Um ano se passou, parece que foi ontem, e a distância só faz aumentar a saudade. Saudade da sua alegria, do seu sorriso, do seu carinho, do seu cheiro e do seu amor. Sabemos que está cercada de Anjos e na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, queremos que hoje sinta nossas orações e se ilumine ainda mais em luz e paz.

Obrigada pela melhor Mãe do Mundo que foi para seus filhos, obrigada pela avó maravilhosa à seus netos e obrigada por sua existência na terra.

Saudades de todos que tiveram o privilégio de conhecê-la e conviver com a Senhora.

Te amamos suas filhas (os) e netos (as).

JACYRA FERREIRA ALVES



convida parentes e amigos para assistirem a missa de 1º ano de falecimento que, por intenção de sua alma, será celebrada dia 16/03/2014 (hoje), às 19h, na Paróquia Sta Rita de Cássia - Vila Santana.

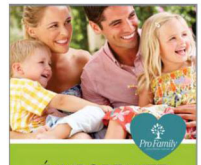
CONVITE PARA MISSA DE 1 ANO DE FALECIMENTO

" A distância nos traz a saudade, mas nunca o esquecimento. Você continuará para sempre em nossos corações".

A família de

EDOM DA SILVA CARDOSO

convida parentes e amigos para assistirem a missa de 1 ano que, por intenção de sua alma, será celebrada dia 17/03/2014 (segunda-feira), às 18h15, na Igreja Catedral Metropolitana de Sorocaba. A todos que comparecerem antecipa os agradecimentos.


É IMPORTANTE ESTAR PREPARADO
ofebas
15 3331-7010
www.ofebas.com.br

VOTOCEL

Descendentes vivem em estado de pobreza extrema

No bairro Votocel, separadas da população ali residente por um matagal, moram 15 famílias remanescentes do quilombo. A situação é de pobreza extrema e os descendente do escravo José Joaquim de Camargo vivem ali em um aglomerado de barracos, sem direito à água e luz elétrica, que alguns possuem devido a "gatos". "Algumas famílias fizeram a instalação de modo irregular porque estamos cansados de pedir e termos esses benefícios negados, apesar do programa Luz Para Todos, do governo, essa luz não chega pra nós", diz Rosana Vieira Noronha, responsável pela comunidade. Rosana é casada com o irmão de João, tataraneto de José Joaquim.

Rosana consegue sustentar os quatro filhos, uma sobrinha e um irmão vendendo frutas como abacate e banana e ainda catando material para reciclagem. "A igreja também nos ajuda", conta ela, que já tentou desenvolver um projeto de pesca, mas não conseguiu. "Aqui nada acontece. Estamos esquecidos e ainda separados das pessoas pelo matagal."

A maioria dos moradores daquele local se reconhece como quilombola, afirma Rosana. "Mas a gente não tem cultura preservada. Nossa atividade é limpar quintal, catar lixo para reciclagem. A gente não tem estrutura, queríamos um barracão para desenvolver um projeto de geração de renda, artesanato...", diz.

João recorda que seu pai, que morava ali e criou os filhos naquele local, fazia balaio com bambu e paçoca no pilão. "Infelizmente enterraram tudo da nossa tradição", lamenta João.

Ele lembra que desde 1979 ia com o irmão pegar documentos na Cúria Diocesana de Sorocaba. "A gente ia para Piedade, Sarapuí, percorríamos os cartórios. Agora se tivermos o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) nas mãos, as coisas começam a fluir", diz.

Ainda de acordo com João, muitas informações foram obtidas com a ajuda do pesquisador Sílvio Vieira de Andrade Filho, autor do livro *Um Estudo Sociolingüístico das Comunidades Negras do Cafundó, do Antigo Caxambu e de seus Arredores*. "Ele inclusive tem documentos que não temos e foi com o Sílvio que obtivemos informações da nossa árvore genealógica", comenta João.

A maior mágoa da comunidade é não ter o reconhecimento histórico e ser proprietária de terras que estão invadidas. "A gente aqui é rico e vive como pobre", reclama Rosana, que lembra que tem 16 pedreiras instaladas nas terras dos Camargo.

A responsável pelo quilombo do Votocel afirma que o povo ali está cansado de sofrer. "Entra ano, sai ano são só promessas. A gente aqui sofre discriminação e por isso consegue nem emprego, vivemos de sobras", diz ela. Com o que Rosana e os outros moradores mais se preocupam é com a falta de iluminação nas ruas, o que torna o local perigoso para as crianças e principalmente para os adolescentes que estudam à noite. "Meu filho chega depois das 23h... Além da falta de iluminação, nós abrimos um caminho no meio do mato para as crianças terem acesso mais fácil para irem à escola. Os políticos vêm aqui só em época de eleição, pedir voto e fazer promessas. A gente pediu tanta coisa, mas nunca conseguimos nada, nem mesmo temos vagas garantidas em creches", diz.

O local, por ficar próximo a um matagal, está cheio de cobra, escorpião e caramujos. As crianças, conta Rosana, vivem picadas por carrapatos. "Quando conquistarmos o reconhecimento e tivermos o RTID, o que a gente quer primeiro é que a comunidade seja atendida pelos órgãos responsáveis. Enquanto não tivermos o RTDI nas mãos, as políticas públicas não chegarão a nós", dizem Rosana, o cunhado João e os primos Luiz e Edson (também tataraneto de José Joaquim de Camargo). **(Daniela Jacinto)**

FÁBIO ROGÉRIO



"Estamos esquecidos e ainda separados das pessoas pelo matagal", diz Rosana Vieira Noronha

QUILOMBO OS CAMARGO: APAGÃO HISTÓRICO

FÁBIO ROGÉRIO



Área quilombola em Votorantim

Família se espalhou e terras foram invadidas

Luta pela recuperação territorial e de direitos teve início há cerca de 100 anos, com um dos netos de José Joaquim de Camargo

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeir o.com.br

"Somos os verdadeiros donos destas terras", desabafa João Fernandes, vice-presidente da Associação Remanescentes de Quilombo José Joaquim de Camargo - Núcleo Votorantim. A vontade maior dos descendentes de José Joaquim de Camargo é serem incluídos na história das cidades da região, onde seu familiar adquiriu as terras. "Nós temos história, que é de 1874 para trás", afirma. A contribuição dos bandeirantes, dos tropeiros para a formação das cidades é sempre lembrada, mas a dos negros não, o que desagrada muito a comunidade, que quer ser reconhecida como contribuidora da história e que sejam relatadas as suas ações na sociedade.

João Fernandes lembra que José Joaquim de Camargo, seu tataravó, era negro e escravo. "Ele foi braço direito do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar", relata.

Como tinha algumas economias resultantes de seu trabalho, José Joaquim pôde comprar as terras, que eram ricas em minério. A primeira coisa que ele fez foi construir uma capela onde hoje é o bairro Itinga, a capela existe ainda nos dias atuais e é conhecida como Capela do Itinga. As terras onde hoje está esse bairro eram usadas para plantar arroz.

> ***Eles sabem que a maioria das terras hoje está ocupada e que será impossível reaver essas áreas, mas querem o direito dos impostos recolhidos pelos municípios ou as respectivas indenizações***

José Joaquim foi casado por duas vezes e teve sete filhos. Casou primeiro com Benedita Maria Nogueira, da Fazenda dos Pretos, com quem teve seis filhos. Anos depois realizou o segundo casamento com Delfina Leme do Espírito Santo, com quem teve um filho. Delfina era sobrinha do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar, Agenor Leme dos Santos.

A família se espalhou, as terras foram invadidas e a luta pela recuperação territorial e de direitos teve início há cerca de 100 anos, com um dos netos de José Joaquim, João Batista de Camargo, pai de Luiz Carlos Batista de Camargo, que desde os 14 anos de idade acompanha seu pai nessa verdadeira batalha. Luiz hoje está com 56 anos, são portanto 42 anos de visitas a terras, que ele diz conhecer muito bem. "Conheço toda a área ponto por ponto, sei inclusive como começaram as invasões", afirma ele, que é presidente da Associação Remanescentes de Quilombo do bairro do Itinga - Núcleo Sorocaba. Aqui na cidade, Luiz afirma que 27 famílias são quilombolas. "O bairro Inhayba pertence à gente também. Poucos sabem, mas lá tem um cemitério de escravos datado de 1730", revela.

Mesmo com a certidão de compra das terras deixada por José Joaquim, a comunidade quilombola está com dificuldade em ser reconhecida como tal. Primeiro a documentação ficou parada durante oito anos na Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp). Quando a responsabilidade passou para o Incra, em 2003, Os Camargo esperavam ter o problema solucionado de forma mais rápida, no entanto ainda aguardam a regularização de sua situação. "Só falta a demarcação, dizem que não tem verba, mas para fazer coisas da Copa eles têm, custa R$ 60 mil para fazer essa demarcação, mas não fazem. Nossa surra hoje é a caneta", diz João Fernandes.

As lutas pelas terras são feitas de forma organizada e as responsabilidades divididas em três associações: a de Votorantim, Sorocaba e Salto de Pirapora. Eles sabem que a maioria das terras hoje está ocupada e que será impossível reaver essas áreas, mas querem o direito dos impostos recolhidos pelos municípios ou as respectivas indenizações.

1.281 processos em andamento no Incra

Em todo o Brasil, o Incra possui 1.281 processos de regularização de territórios quilombolas em andamento. Até o momento, foram publicados 160 editais de Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTIDs), totalizando 1.651.425,5375 hectares em benefício de 21.758 famílias. Quinze deles foram publicados em 2012 e 2013. Outros 215 RTIDs estão em elaboração no Incra. O RTID é um documento essencial para a regularização das terras e é composto por relatório antropológico, relatório agroambiental, cadastro das famílias, levantamento fundiário da região, planta e memorial descritivo do território. (Fonte: Incra)



FUNDAÇÃO UBALDINO DO AMARAL
Cremos em Deus

CRUZEIRO DO SUL

PREÇO (R$):
dias úteis: 1,55
domingos: 2,75

ano 111 • nº 33.363
Editor responsável: Eduardo Santinon

DOMINGO
Sorocaba, 23 de março de 2014

edição concluída às 22h50
www.cruzeirodosul.inf.br

ERICK PINHEIRO



DIA DO RIO - Dezenas de embarcações fizeram ontem a tradicional descida do rio Sorocaba em um percurso de quatro quilômetros, um evento que objetiva conscientizar as pessoas para a importância da preservação dos mananciais e o uso racional da água. **Pág. A6**

VIOLÊNCIA

Um idoso é vítima de maus-tratos a cada dois dias

Dados do Centro de Referência do Idoso apontam que Sorocaba registra uma vítima de maus-tratos a cada dois dias. Em 2013 foram denunciados 212 casos, que englobam violência, negligência ou abandono. Neste ano já são 36 denúncias formalizadas. Segundo a coordenadora do órgão, Iara Santoro Cardoso Magno, as novas dinâmicas familiares influenciam no crescimento dos casos, pois as pessoas trabalham fora e os idosos ficam sem cuidados. **Pág. A4**

CDP recebe visitas, mas há queixas

A greve dos agentes penitenciários soma duas semanas e a situação interna dos detentos se agrava com os problemas de alimentação e falta de medicamentos, reclamam os parentes dos presos. **Pág. A5**

EMIDIO MARQUES



As visitas ocorreram normalmente ontem no CDP de Aparecidinha

Manutenção na ETA do Cerrado pode gerar falta de água **Pág. A11**

Degradação ambiental coloca represa em risco **Caderno de Domingo**

Penhor vira opção a quem tem restrição de crédito **Pág. B1**

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
2102-5110
Segunda-feira a sexta-feira: 8h às 18h
Sábado, Domingo e feriado: 8h às 11h
NÃO RECEBEU O JORNAL?
Atendemos diariamente até às 11h
CRUZEIRO DO SUL

opinião

Leia o editorial *Socorram as UPPs*, sobre os ataques às Unidades de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro, que levaram o governador Sérgio Cabral (PMDB) a pedir apoio de tropas federais. As UPPs, implantadas a partir do final de 2008 e recebidas com otimismo, perderam credibilidade devido a excessos cometidos por policiais, como ocorreu no caso Amarildo, torturado e morto dentro de uma delas. É hora de repensar esse modelo e também a atuação da PM nas comunidades. **Pág. A3**

SEMINOVOS CAREXPRESS
Hoje PLANTÃO
ATÉ AS 13H
CarExpress
RUA SETE |15| 3346.2223

EDIÇÃO DE HOJE:
64 PÁGINAS
TIRAGEM:
31.925 EXEMPLARES
INCLUI
Cruzeirinho e
Casa e acabamento

DISTRIBUÍDO PARA SOROCABA E 16 CIDADES ADJACENTES
Filiado : ANJ - APJ - IVC

ISSN 1415 - 5877

Clássico da melhor campanha

Santos e Palmeiras fazem o clássico de hoje, às 16h, na Vila Belmiro, para sacramentar quem fica com a melhor campanha do Paulistão. Para muitos analistas do futebol, o jogo será uma prévia da final do campeonato. Estarão em campo os melhores ataques da competição e a expectativa é de muitos gols. Um empate deixa o Verdão na liderança e fará final no Pacaembu, mas se perder, a decisão será na Vila. **Pág. D4**

EMIDIO MARQUES



Já garantido, São Paulo poupa titulares contra o Botafogo **Pág. D4**

Ituano busca vaga nas quartas de final contra Penapolense **Pág. D4**

Atlético Sorocaba tenta fugir da degola contra o Timão **Pág. D3**

Sob tensão, LSB perde mais uma pelo NBB **Pág. D1**

Stock Car abre temporada em Interlagos com Átila na 3ª fila **Pág. D2**

Maldonado enfrenta Gian Villante no UFC Night Fight **Pág. D2**

ERICK PINHEIRO



AJUDA DOS RIVAIS - O São Bento perdeu em casa para o Red Bull, por 3 a 1, desperdiçando pontos importantes para permanecer na ponta da tabela, mas por sorte contou com tropeços dos times rivais e permaneceu na segunda colocação. **Pág. D1**

DIVULGAÇÃO

Eu te Amo é atração no TMTV

A peça *Eu te Amo*, uma comédia romântica escrita por Arnaldo Jabor, é atração de hoje, às 19h, no Teatro Teotônio Vilela. **Pág. C3**



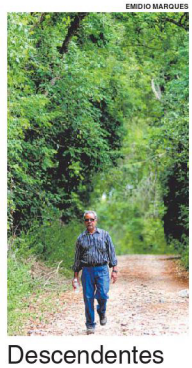


Cartunista Ziraldo é o destaque do suplemento infantil Cruzeirinho



Casa e Acabamento fala do tratamento de água das piscinas

EMIDIO MARQUES



Descendentes de escravo criam o caminho dos negros **Pág. A10**

Mato cobre sepulturas do cemitério Santo Antônio **Pág. A11**



QUILOMBO OS CAMARGO: APAGÃO HISTÓRICO

Descendentes de escravo mostram como era feito o Caminho dos Negros

Escritura datada de 1874 e guardada na Cúria Diocesana comprova a posse das terras

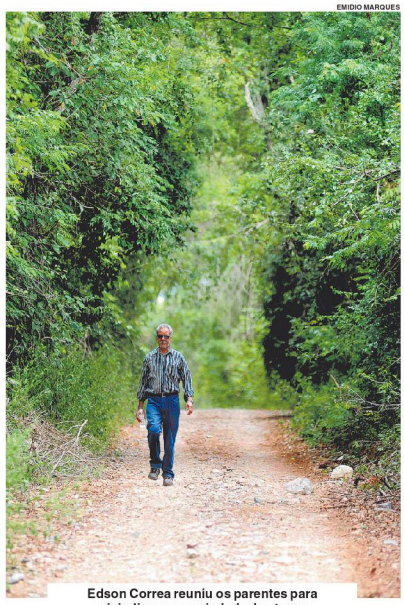
Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

ALDO V. SILVA



Os limites da propriedade são descritos por rios, córregos e cachoeiras

EMIDIO MARQUES



Edson Correa reuniu os parentes para reivindicar a propriedade das terras

Percorrido a pé, de carroça, a cavalo ou carro de boi pelos escravos, pelos alforriados e, mais tarde, os libertos pela Lei Áurea, o percurso feito pelos negros em Sorocaba e região, principalmente pelos parentes de José Joaquim de Camargo, está sendo traçado pela família como forma de resgatar a história de seu povo e também delimitar seu território. A ideia é que o Caminho dos Negros, futuramente, transforme-se em um roteiro turístico-cultural, para perpetuar esse registro.

O Caminho dos Negros parte de Sorocaba, passa por Araçoiaba da Serra, segue até Sarapuí, passa por Salto de Pirapora, Piedade e termina em Votorantim, na divisa com Sorocaba. E poderá contar com o apoio da Fundação Cultural Palmares. "Soube que a comunidade está desenvolvendo esse projeto. É algo que está em formulação, mas assim que eu receber a proposta pretendo encaminhar para Brasília, onde é a sede da Fundação, para que lá tenham conhecimento e analisem a possibilidade de parceria. Pode ser oferecido apoio inclusive de recursos", disse o chefe da representação regional da Fundação Cultural Palmares de São Paulo, Michel Yakini.

> *Chegaram a me oferecer R$ 200 milhões pra vender a escritura"*
> Edson Correa

Yakini informou que já está marcada uma reunião com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para abril, para tratar das questões do quilombo Os Camargo, como são conhecidos os descendentes de José Joaquim de Camargo. "Iremos ajudar nesse diálogo. A única pendência é a titulação junto ao Incra, se for possível em breve a gente terá boas notícias".

Conforme registrou a reportagem publicada no domingo passado, dia 16 de março, pelo **Cruzeiro do Sul**, a comunidade remanescente de quilombo Os Camargo aguarda há 14 anos por uma documentação que permitirá aos descendentes do ex-escravo serem incluídos nas políticas públicas nacionais. Trata-se do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), emitido pelo Incra, e que garante à família os seus direitos. Para ter em mãos esse documento, Os Camargo já passaram por uma série de etapas e agora estão na dependência de que o órgão realize a delimitação de seu território.

Histórias sobre terras, esconderijo e padres

Desde menino ele ouvia seu avô falar sobre terras e esconderijo de escritura, quase como se fosse uma lenda. Pelo menos para ele era assim pois duvidava de seu avô e desconfiava inclusive que ele estivesse caducando. Afinal, como é que um negro que tinha sido escravo poderia ser dono de terras? E se eles eram donos de terras, como é que estavam pobres? Esse assunto ficou na cabeça de Edson Correa durante anos, até que um dia resolveu comentar com uma estudante de Direito sobre esses relatos de seu avô. O fato que não se encaixava na cabeça de Edson era essa tal escritura estar no 'cartório dos padres', como falava seu avô. A estudante logo concluiu que tratava-se da Cúria Diocesana. E lá estava o documento: uma escritura datada de 2 de novembro de 1874 comprovando que José Joaquim de Camargo (tataravô de Edson) havia comprado terras do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar ao preço de 400 mil réis. A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras.

Como ele teria comprado? Edson explica que seu tataravô era um escravo alforriado, por isso recebia um pagamento por seus serviços. Esse dinheiro ele guardou e comprou as terras, que naquela época não eram muito caras. "Aconteceu que a família foi orientada a guardar o documento porque correria o risco de perder a posse das terras. Imagina se não iriam tirar das mãos dos negros, como realmente aconteceu. Então esse documento foi mantido em local seguro, pois um dia iria ficar para os descendentes", explica Edson, que começou a entender melhor sua própria história quando encontrou o documento e teve contato com outros parentes, histórias que foram juntadas e por fim completaram o quebra-cabeças.

Mesmo de posse da escritura, a luta continua. "Chegaram a me oferecer R$ 200 milhões pra vender a escritura", conta Edson, que não aceitou e se uniu aos primos João Fernandes e Luiz Carlos Batista de Camargo, entre outros parentes, para reivindicar a posse das terras, um total de 84 mil alqueires de extensão.

A última matéria da série sobre o Quilombo Os Camargo será publicada na edição do próximo domingo, dia 30.

A trajetória passada de pais para filhos

Os descendentes de José Joaquim de Camargo descrevem em detalhes cada pedacinho de terra que lhes pertence, e também os rios, córregos, riachos e cachoeiras que estão em suas propriedades. É dessa forma, baseados nesses pontos de referência, que sabem medir: seguindo a partir de determinado rio até chegar a algum outro ponto, limítrofe com terras de outra família. Os negros andavam muito por essas terras, abriam caminhos por meio da mata, por isso a facilidade em reconhecer territórios. Informações essas que sempre foram passadas de pai para filho. Acompanhe a trajetória do Caminho dos Negros:

EMIDIO MARQUES



Santuário Nossa Senhora dos Remédios, no bairro Itinga

SOROCABA - Entre os locais que os negros deixaram sua marca, aqui na cidade, em primeiro lugar está a Capela do Itinga (bairro situado na divisa com Salto de Pirapora), que começou a ser construída por José Joaquim de Camargo assim que comprou as terras. O sino da capela data de 1876, conforme dizem os descendentes do escravo alforriado. A capela pode ser considerada um símbolo da posse de terra da família Camargo, já que os descendentes dizem ter sido a primeira iniciativa do novo proprietário. A partir daí tem início a história das terras, que acabou perdendo-se no tempo devido às expropriações e inúmeras invasões sofridas ao longo dos anos.

O nome da capela também foi alterado e o local é conhecido hoje como Santuário Nossa Senhora dos Remédios. Ali os negros se encontravam para cultuar suas tradições como os lamentos africanos, os cantos e danças. Realizavam a prática de benzimentos, curandeirismos e trocas de ervas medicinais, lembra Edson Correa.

Atrás da capela, os negros conseguiam plantar arroz. Ali a irrigação era feita através do rio Ipanema, com taquaras de bambu.

Aqui na cidade, a área pertencente ao quilombo Os Camargo parte do córrego Lavapés (que corta a avenida São Paulo) e prossegue até o Centro, seguindo pela Barão de Tatuí. Nessa avenida, passa pela Igreja de João de Camargo e segue até o Campolim. Segundo a família, também fazem parte de seu território a área onde hoje estão instaladas a UFSCar, a Universidade do Cavalo e a Fundação Parque Zoológico de São Paulo (na divisa entre Araçoiaba e Salto de Pirapora). Do outro lado da cidade, a família diz que é proprietária também da região onde está situada a Capela do Inhayba.

ARAÇOIABA DA SERRA - Deste município, a família é proprietária de terras que não pertencem à zona urbana. "Mas uma parte passa por dentro da Fazenda Ipanema", afirma João Fernandes, primo de Edson e de Luiz, e tataraneto de José Joaquim de Camargo. "A parte onde fica situada a usina está dentro da nossa área. Meu tio Pedro de Camargo contava essa história. Meu tio João e minha avó também. Eles sabiam exatamente onde eram os limites", diz.

SARAPUÍ - A propriedade dos Camargo faz divisa, em Sarapuí, com o bairro Cocais. "É tudo mato ali, as nossas terras também não pegam a parte urbana da cidade", conta João Fernandes.

SALTO DE PIRAPORA - O rio Pirapora é uma boa referência em Salto de Pirapora quando o assunto é delimitar as terras dos Camargo. "O rio passa dentro do nosso terreno", afirma Luiz. São 8 quilômetros de extensão em direção a Pilar do Sul, e 40 quilômetros em direção a Votorantim, até a represa de Itupararanga. "Do córrego do Paruru da Light (Itupararanga) vindo para Salto de Pirapora é tudo dos Camargo", mapeia Luiz. São mais 30 quilômetros em direção ao local onde está instalada a Fundação Zoológico de São Paulo (local que faz divisa com Araçoiaba da Serra e que os três primos afirmam pertencer à família) e outros 12 quilômetros em direção a Piedade, sempre partindo da ponte do rio Pirapora. Neste município, sete pedreiras ocupam o território que a família reivindica: "uma da Cosipa, quatro da Votoran, uma da Minercal e outra dos Matarazzo", elenca Luiz.

Edson lembra ter ouvido que "o capitão Jesuíno de Cerqueira César, de quem meu tataravô comprou as terras, morava na área onde está situada a Fundação Parque Zoológico de São Paulo. Ele ficou doente e morreu naquele local. Ali tinha inclusive uma senzala", diz.

O bairro Capão Redondo também pertence à família. Fica em um vale e era muito usado por aqueles que fugiam e queriam se esconder. No local, onde até hoje - apesar das explorações de terra e caulim - resiste um jatobá. O caulim é usado na fabricação de cerâmicas, porcelanas, materiais de higiene, entre outros produtos.

PIEDADE - Nesta cidade, João conta que o território da família faz divisa com o bairro dos Leite, o Piraporão e a cachoeira da Macumba. "Tem fazenda ali nas nossas terras, mas não pega dentro da cidade, também", diz João.

VOTORANTIM - João afirma com toda a certeza que aproximadamente 70% de Votorantim pertence aos Camargo. São territórios da família o bairro Votocel, a área onde está situada a represa Itupararanga e a pedreira Santa Helena. "Temos documentos que comprovam que nossa gente vivia ali na área. Temos uma certidão de óbito de 1920, de Maximiliano de Camargo, que morava lá bem antes de começar a pedreira. A pedreira foi construída na década de 1930, depois que os moradores dos quilombos foram expulsos da área", diz. Os locais onde estão situados o shopping Iguatemi, a Praça de Eventos de Votorantim e a Capela da Penha também são da família. "Nosso tataravô que ajudou a construir a capela", afirma João. Ele ainda lembra que até hoje a estrada do quilombo é conhecida como Estrada do Quiló. "Os negros usavam para ir para a igreja de João de Camargo", conta João. Ele ainda faz questão de ressaltar que nas terras da família tem muitas cachoeiras.

ALDO V. SILVA



Neri Leme de Almeida

Morando de favor na própria casa

A dona de casa Neri Leme de Almeida, moradora de Salto de Pirapora, é bisneta de José Joaquim de Camargo. Ela sempre soube que sua família teve posse de terras no passado, mas ninguém conseguia explicar o que teria sido feito dessas áreas. Nascida em 3 de setembro de 1949 e batizada de Neri Leme de Camargo (ela conta que tirou o Camargo para incluir o Almeida após o casamento), Neri lembra que quando era pequena costumava brincar na senzala que havia onde morava. A família sabia que aquele local tinha sido no passado 'a casa do sinhô' e que ele tinha escravos, o que não sabiam é que eles mesmos eram descendentes desses escravos e que um deles, alforriado, havia comprado todo aquele território.

Hoje com 65 anos, Neri também luta por seus direitos e faz parte da Associação Remanescentes de Quilombo José Joaquim de Camargo - Núcleo Salto de Pirapora. "Meu pai trabalhava nas terras do Antonio Ermírio de Moraes, que cedia aquela casa pra gente morar, só depois que vimos os documentos que ficamos sabendo da verdade", relata.

Maldição de João de Camargo

Conforme Luiz Carlos Batista de Camargo, bisneto de José Joaquim de Camargo, o místico João de Camargo Barros teria parentesco com sua família. "Ele era primo do meu pai", afirma Luiz. "O João de Camargo foi ludibriado. Deram só aquela igrejinha pra ele, ali é tudo dele, até o Campolim", diz.

Edson Correa, primo de Luiz e tataraneto de José Joaquim de Camargo, lembra de ter ouvido uma história em que João de Camargo teria amaldiçoado os invasores das terras pertencentes aos negros. Enquanto essas terras não fossem devolvidas a seus verdadeiros donos, todas as famílias invasoras teriam uma morte trágica entre seus descendentes. Ele não sabe se é verdade, o que sabe é que duas famílias poderosas já sofreram a morte de seus filhos, por acidente aéreo e suicídio.

FUNDAÇÃO UBALDINO DO AMARAL
Cremos em Deus

CRUZEIRO DO SUL

PREÇO (R$):
dias úteis: 1,55
domingos: 2,75

Ano 111 • Nº 33.370
Editor responsável: Eduardo Santinon

DOMINGO
Sorocaba, 30 de março de 2014

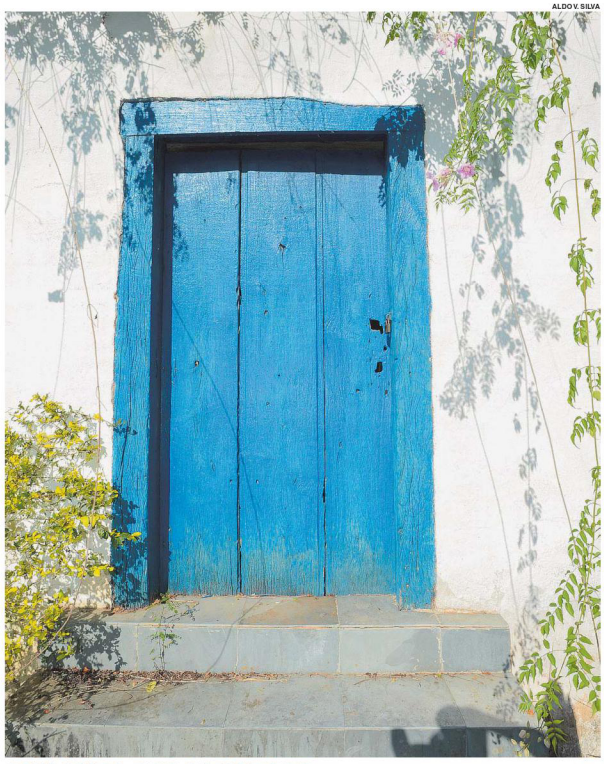
edição concluída às 23h30
www.cruzeirodosul.inf.br

DADOS DO IBGE

27,5% da população de Sorocaba não tem moradia própria

Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 27,5% da população de Sorocaba não possui casa própria. A cidade tem 178.777 residências; 49.247 são alugadas ou cedidas para os moradores. Entre os 129.530 imóveis próprios, 111.812 estão quitados e outros 17.718 em processo de aquisição. As informações fazem parte do Censo 2010. Famílias em situação de submoradias, coabitação ou aquelas para as quais o aluguel tem um grande peso no orçamento doméstico fazem parte das estatísticas de déficit habitacional. A Prefeitura tem 46.058 inscritos no programa habitacional e tem buscado recursos federais e estaduais, além de usar o próprio dinheiro, para tentar minimizar essa demanda. O município tem 30 vazios urbanos com potencial para receber empreendimentos habitacionais. **Pág. A4**

ALDO V. SILVA



QUILOMBO DOS CAMARGOS - Os descendentes do escravo alforriado José Joaquim de Camargo vivem dias inquietantes quanto ao futuro da posse da propriedade de Salto de Pirapora, conhecida como Quilombo dos Camargos. Uma das razões é que vestígios históricos foram apagados com o tempo e pela ação do homem. A outra é uma espécie de cobiça. A sorte da família foi encontrar a escritura do imóvel nos arquivos da Cúria Diocesana. **Pág. A7**

DIVULGAÇÃO



CIRCO - A 4ª Semana do Circo em Votorantim encerra hoje a sua programação. A agenda reservou a apresentação do espetáculo *Caramba, quanta bobagem*, às 16h, na Praça Lecy de Campos, em Votorantim; às 17h no Sesc Sorocaba, a Trupe Koskowisck mostra o mais recente trabalho, *Quiproquó* (foto); e às 20h, de volta à praça votorantinense, o grupo La Mínima encena *Rádio Varieté*. **Págs. C2 e C3**

Arrecadação municipal cresce 4,95% no bimestre

Pág. B1

Bombeiros de São Paulo poderão fechar estabelecimentos

Pág. A8

opinião

Leia o editorial *Empresas do bem*, sobre o desafio que jovens empreendedores assumem ao buscar, com criatividade, transformar problemas sociais em soluções e possibilidade de lucro. Empresas socialmente engajadas constroem sua riqueza no espaço deixado pelo capitalismo selvagem e predatório, e são uma promessa de dignidade para milhões de pessoas por todo o mundo. **Pág. A3**

WWW.MEMORIASREVELADAS.GOV.BR





Golpe ou revolução? A certeza é que foram anos marcantes e intensos e que até hoje refletem na política brasileira

Uns dizem que foi revolução; outros afirmam que foi golpe

Três ex-prefeitos de Sorocaba, que governaram Sorocaba durante o regime militar - Theodoro Mendes, Flávio Chaves e Cláudio Grosso -, denominam de maneira diferente aquele período. A pesquisadora da USP Maria Aparecida de Aquino é categórica: foi golpe. Já o advogado Hélder Alves da Costa destaca pontos positivos da ditadura. **Págs. A9 a A12**

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
2102-5110
Segunda-feira a sexta-feira: 8h às 18h
Sábado, Domingo e feriado: 8h às 11h
NÃO RECEBEU O JORNAL?
Atendemos diariamente até às 11h
CRUZEIRO DO SUL

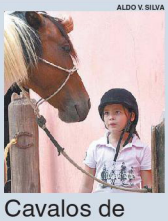
EDIÇÃO DE HOJE:
64 PÁGINAS
TIRAGEM:
32.051 EXEMPLARES
INCLUI OS SUPLEMENTOS
CRUZEIRINHO E CASA E ACABAMENTO

DISTRIBUÍDO PARA SOROCABA
E 16 CIDADES ADJACENTES
Filiado : ANJ - APJ - IVC

SEMINOVOS | CAREXPRESS
Hoje PLANTÃO ATÉ AS 13H
CarExpress RUA SETE |15| 3346.2223

ISSN 1415 - 5877

ALDO V. SILVA



Cavalos de raça geram negócios bilionários

caderno de domingo

DIVULGAÇÃO/ MARIA CLÁUDIA DALPIAN



Azulão desperta paixão nas crianças

Cruzeirinho

DIVULGAÇÃO/CAT.ARQ.BR/MARINA LUNA



Imóvel ganha atenção contra o tempo e a temperatura

casa e acabamento

LSB vence o Minas no finalzinho e fica na elite

Pág. D2

Jogos semifinais têm Palmeiras e Ituano; Santos e Penapolense

Pág. D4

Outro operário morre nas obras do Itaquerão; é o terceiro óbito

Pág. D3

EMIDIO MARQUES



Técnico Paulo Roberto vibra com a vitória

EMIDIO MARQUES



Markinho festeja gol marcado no final do jogo

G4 - O São Bento derrotou o Santo André, ontem no ABC, por 1 a 0, gol de Markinho aos 47 minutos do segundo tempo, em um lance que misturou sorte e competência. Com a vitória, o Azulão somou 31 pontos e, favorecido pelas derrotas de Mirassol e Marília, passou a ser o terceiro colocado da tabela. O time volta a campo no próximo sábado, às 16h, diante do Guaratinguetá, no CIC. **Pág. D1**

QUILOMBO OS CAMARGO: APAGÃO HISTÓRICO

Falta de indícios oculta vestígio de negros

Grande parte do conhecimento do povo afrobrasileiro deve-se aos relatos orais, passados de geração em geração

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

ALDO V. SILVA



Suposto casarão onde morava o proprietário da terra e dono dos escravos tinha fachada imponente para a época

FÁBIO ROGÉRIO



Capa de escritura de terras

Documentos queimados, invasões de territórios, expulsões, ameaças. Os negros sabiam da dificuldade que enfrentariam ao serem proprietários de terras, mas quando ganhavam um pedacinho de chão de seu "sinhô" ou mesmo conseguiam comprar parte de terras que pertenciam a seus donos, faziam o que estava ao seu alcance para garantir esses direitos às futuras gerações. Com o tempo, os vestígios de suas histórias foram sendo apagados, as senzalas destruídas, algumas prefeituras, câmaras e cartórios sofreram incêndios e assim grande parte do conhecimento do povo afrobrasileiro deve-se aos relatos orais, passados de geração em geração.

Vivem, ainda nos dias de hoje, marcados e com medo.

Os descendentes do escravo alforriado José Joaquim de Camargo são receosos e desconfiados, e confessam que temem morrer. Eles sabem que estão mexendo com "muita gente importante". Já receberam proposta para vender a escritura de suas terras e também já ouviram alguns "alertas", para pararem com isso. "Querem encobrir a nossa história", desabafa Luiz Carlos Batista de Camargo, bisneto do escravo alforriado.

A família conta que é difícil, mas está unida e quer que pelo menos sua história seja conhecida. Se não é possível resgatar a história de todos os negros, eles sabem que essas peças que a família está juntando podem representar a luta de seu povo, já que o que estão passando não é diferente do que muitos já vivenciaram.

Luiz Carlos conta que enquanto seu bisavô era vivo todo mundo respeitava suas terras, mas depois é que as invasões começaram, e por consequência o apagão histórico. "As pessoas foram ficando, ganhando posse e vendendo essas posses, muitas delas já passaram para mais de 10 proprietários", conta Luiz.

A sorte da família foi acreditar nas histórias contadas de geração em geração e por fim terem encontrado a escritura na Cúria Diocesana, bem guardada, graças à orientação que o escravo alforriado havia recebido.

Longa pesquisa

A família Camargo levou anos pesquisando, indo de cidade em cidade, visitando cartórios, em busca de informações e documentos. Conseguiu juntar muita coisa, mas outro tanto ficou perdido, já que muitos papéis viraram cinzas. "Minha avó por parte de mãe também era descendente de escravo, mas não conseguimos reunir informações porque pegou fogo no local onde eram guardados os documentos em Angatuba", relata Luiz.

Por conta dessas questões, os descendentes do escravo alforriado José Joaquim de Camargo conhecem muitas histórias sobre sua família, algumas facilmente comprovadas com documentos, como por exemplo a escritura datada de 2 de novembro de 1874, quando o negro considerado de confiança conseguiu comprar, por 400 mil réis, uma parte das terras de propriedade do seu sinhô, o capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar.

Outros relatos já são mais complicados de provar, pois não constam em lugar algum, como por exemplo o fato de ter muito dinheiro escondido nas terras da região, a questão dos escravos reprodutores e uma das poucas senzalas da região que estaria em uma propriedade em Salto de Pirapora. "Obter esse tipo de comprovação demanda tempo e dinheiro e ninguém tem interesse em financiar uma coisa como essas. Quem estuda história em Sorocaba e região faz por amor mesmo porque não existe interesse econômico", observa o professor e pesquisador da história regional e dos negros, Carlos Carvalho Cavalheiro. É por esses mesmos motivos - financeiro e também de pesquisa histórica - que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) não consegue terminar o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), que garantirá à família os seus direitos.

Carências no caminho

De acordo com a antropóloga Paula Elaine Covo, analista em reforma e desenvolvimento agrário do Incra e que está acompanhando o processo dos quilombolas representados pela família Camargo, não é possível estabelecer um prazo para a finalização do RTID. "Começamos os levantamentos antropológicos, fizemos alguns levantamentos para fazer a planta do território, demos uma olhada na situação documental e cartorial deles, mas tem várias situações que causam essa demora", explica.

Entre essas situações, a primeira, afirma Paula, é que o Incra não está conseguindo obter informações consistentes. "Tem alguns detalhes um pouco confusos que precisam ser conversados com a comunidade. Existe um trabalho de campo a ser feito e de escritório, não é questão de simplesmente juntar documentos. Essa é uma impressão errada que as pessoas têm do nosso trabalho", diz.

Paula argumenta que esse procedimento é naturalmente demorado. "É muito minucioso, além disso existem algumas situações próprias do funcionamento do setor público. Nós não temos os recursos o tempo todo, do jeito que a gente quer. Às vezes não temos oportunidade de nos deslocarmos a campo, temos de esperar orçamento para fazer algumas coisas", conta.

Sempre no início do ano, afirma Paula, os funcionários do Incra não têm como fazer muito trabalho de campo. "Por dependermos do repasse de verbas. E nós não temos apenas Os Camargo, temos 48 processos na superintendência. Cada um é um problema, temos muitos problemas e questões a serem vistas e equipe pequena", desabafa.

> *"Obter esse tipo de comprovação demanda tempo e dinheiro e ninguém tem interesse em financiar uma coisa como essas"*
> Carlos Carvalho Cavalheiro, professor e pesquisador

Reflexos da senzala

Morar em um lindo casarão, com 12 cômodos e muito espaço para brincar. Que criança não gostaria de viver em um local como esse? Luiz Carlos Batista de Camargo e sua irmã Neri contam que adoravam. No quintal tinha um enorme pau de madeira, onde tapavam o rosto para contar até 10 e sair atrás dos outros, que estavam escondidos. Mal sabiam que era um tronco onde muita gente já tinha apanhado.

Também era comum as crianças brincarem entre correntes e algemas, maiores e mais grossas que as da polícia. Sabiam que ali tinha sido uma senzala no passado, algo que para eles soava bem distante. Por serem brancos, nunca desconfiaram que bem ali, o seu bisavô tinha vivido durante anos como escravo.

Quando cresceram um pouco seu pai começou a contar as histórias da família, mas ninguém sabia que aquele pedaço de chão, em que viviam de favor, era propriedade deles. Isso porque não havia documentos. Tinham, então, de dividir o espaço com outras duas famílias, também de trabalhadores da fabricante de cimentos Votoran.

Em Salto de Pirapora ainda está preservado um casarão da época dos escravos, e conforme Luiz é semelhante a esse que ele nasceu. O casarão está em uma propriedade situada no bairro dos Pires, e é muito conhecido naquela região por ainda manter ali uma senzala. A reportagem foi até o local e viu o casarão antigo, que provavelmente teria sido a residência do sinhô. Ao lado há um anexo que hoje é usado para guardar ferramentas. Os descendentes de José Joaquim de Camargo dizem que ali era uma senzala, mas usada para a reprodução de escravos. A senzala dos trabalhadores, não se sabe se está num local mais afastado dentro da propriedade ou se foi demolida. "Esse casarão foi dos Pires de Camargo, que tinham grau de parentesco com a gente, mas eles venderam suas terras", explica Luiz.

Entre os diversos relatos sobre as histórias dos negros que conhece, Luiz conta que Salto de Pirapora era um local onde ocorreu muita reprodução de escravos.

Prática da reprodução

Luiz conta que seu bisavô mesmo era um escravo reprodutor. "Com o fim do tráfico de escravos, os senhores obrigavam os negros a se reproduzirem. O senhor que escolhia os parceiros. Às vezes a senzala já tinha casais formados, mas se o senhor mandava, a escrava tinha de se deitar com outro, o que gerava muita tristeza".

O relato faz sentido. De acordo com pesquisas históricas, houve uma série de leis publicadas a partir de 1850 voltadas à inibição do tráfico, inclusive entre províncias, mas com o aumento das lavouras, os proprietários precisavam de mais escravos. A prática da reprodução foi comum e perdurou até depois da Lei do Ventre Livre, de 1871, que considerava livre todos os filhos de escravas nascidos a partir da data da lei. Isso aconteceu porque era permitido aos senhores cuidar das crianças até os 21 anos e assim teriam mão de obra de graça até essa idade. "Meu bisavô teve muitos filhos antes do casamento. Ele era alforriado mas obedecia o patrão. Soube de uma história que certa vez ele teve de levar crianças para vender e tinha filhos dele ali junto e as crianças foram tudo chorando", conta Luiz.

José Joaquim de Camargo era de muita confiança do capitão Jesuíno. "Ele era capataz e era ele quem comprava e vendia escravos. Ele também surrava os escravos mandado pelo senhor, se não fizesse isso era punido".

Pedreira na propriedade

Como era alforriado, José Joaquim recebia por seus serviços e guardava as economias com o propósito de comprar terras. Conseguiu, mas tudo foi tirado da família. "Faz uns 70 anos que uma pedreira arranca pedras da nossa propriedade. Somente no ano passado o faturamento foi de cerca de 4 bilhões, enquanto nós estamos com parentes sem casa, outros vivendo em barraco e se sustentando através da reciclagem", lamenta Luiz, que reclama da demora do Incra em emitir o RTID.

Na reportagem anterior, publicada no domingo passado, dia 23, foi publicado que João Fernandes, tataraneto de José Joaquim de Camargo, disse que seu parente teria ajudado na construção da Capela da Penha, no entanto a informação saiu incorreta. A Capela da Penha foi construída com mãos escravas, mas não pelo escravo proprietário daquelas terras.

Uma nova informação divulgada na sexta-feira para a reportagem dará continuidade à série de matérias, que terminaria este domingo, porém se estende até o dia 6 de abril.

FOTOS: ALDO V. SILVA



Luiz Carlos mostra onde era o portão da propriedade



Esta construção pode ter sido usada como senzala



Restos de antiga carroça do tempo dos escravos

Esconder dinheiro tinha método cruel

Os senhores tinham uma estratégia cruel para guardar dinheiro. Luiz Carlos Batista de Camargo lembra de ter ouvido a seguinte história: "O senhor costumava chamar um negro para pedir para ele guardar o seu dinheiro, mas ele fazia da seguinte forma: ia acompanhando o negro até um determinado local que ele escolhia, mandava parar e cavar dois buracos. Depois mandava enterrar um baú de dinheiro em um dos buracos. Aí ele matava o negro e jogava no outro buraco, mas antes de matar ele mandava o escravo ficar vigiando o seu dinheiro. A pessoa morria com aquilo na cabeça e a alma ficava ali, vigiando pra sempre". O local até hoje é assombrado e Luiz sabe onde fica. "Está cheio de mato, fica em um local conhecido como Ponte Alta e está perto das pedreiras exploradas pela Votoran. Quem pode achar é a empresa".

Conforme Luiz, há muito dinheiro enterrado nas terras da região. "Às vezes o sinhô perdia o lugar onde tinha enterrado e ficava perturbado. Eu sei de tudo isso porque tenho sangue negro e a família contava muita coisa pra gente".

Xingou com gosto antes de se atirar no rio

Apanhar, sofrer humilhações, trabalhar de graça e comer muito mal, além de ter de se deitar com o sinhô. As situações enfrentadas eram inúmeras e piores para as mulheres, que ainda tinham de aguentar o ciúme da sinhá. Luiz Carlos Batista de Camargo conta que do lado da sua mãe a família também era de escravos e uma madrinha dela foi muito ousada. "Ela xingou tanto a sinhá de tudo quanto era nome, mas é claro que ela sabia muito bem o que lhe aconteceria. Então ela saiu correndo e pulou no rio, se matou para não sofrer o castigo", diz.

FUNDAÇÃO URALDINO DO AMARAL
Cremos em Deus

CRUZEIRO DO SUL

PREÇO (R$):
dias úteis: 1,55
domingos: 2,75

Ano 111 • Nº 33.377
Editor responsável: Eduardo Santinon

DOMINGO
Sorocaba, 6 de abril de 2014

edição concluída à 0h15
www.cruzeirodosul.inf.br

Mercedes larga na frente no GP do Bahrein com Rosberg e Hamilton na primeira fila

Pág. D4



AFP PHOTO/MARWAN NAAMANI

Nico Rosberg superou o companheiro e é o pole position, hoje, a partir das 12h (de Brasília)

Ituano e Santos começam hoje a decidir título do Paulistão no Pacaembu

Pág. D3

Cruzeiro traz encartado o álbum oficial da **Copa do Mundo 2014**



ERICK PINHEIRO



Loucura azul e branco

O São Bento fez a festa ontem de 7,5 mil torcedores no CIC com a vitória de 2 a 1 sobre o Guaratinguetá. Apesar do resultado, o acesso antecipado não ocorreu, já que todos os rivais diretos também venceram. Com isso, as definições da Série A2 ficaram todas para a última rodada, que será disputada no próximo sábado. O São Bento só depende de uma vitória em Catanduva, contra o time da casa, para garantir o retorno à elite do futebol paulista sem depender de ninguém. Pág. D1

TSE

Em dois anos, cresce 5,7% o eleitorado em Sorocaba

Sorocaba tem, atualmente, 436.650 pessoas aptas a votar nas próximas eleições. São 22.129 novos eleitores em relação ao número registrado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) há dois anos. O crescimento é maior do que o registrado no Estado de São Paulo, onde aumentou 3,4% no mesmo período.

O total de votantes da próxima eleição será definido em 7 de maio, quando termina o prazo para a população fazer a inscrição eleitoral, pedir transferência do título de eleitor ou alterar o local para uma seção especial. Pág. A4

ALDO V. SILVA



Membros do 'Comitê Copa Pra Quem?' realizaram manifestação nas ruas centrais de Sorocaba com o intuito de convocar a participação popular no Grande Ato Nacional em repúdio à realização da Copa do Mundo Fifa no Brasil. O ato está marcado para o próximo dia 15. O grupo teve apoio, mas também encontrou opinião contrária às manifestações nesta fase do evento mundial. Pág. A5

Pedreiro bebe, invade faixa e causa acidente na **Raposo Tavares**

Pág. A8

Negros e jovens são as vítimas da polícia em SP

Estudo realizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) mostra que 61% dos mortos pela polícia paulista, de 2009 a 2011, são negros e, em sua maioria, jovens de 15 a 29 anos. Pág. A10

Rapaz é preso acusado de usar casa para o preparo de droga

Pág. A8

PEDRO NEGRÃO



Um veículo Fiat Tipo pegou fogo na avenida General Osório, Vila Barão, no final da tarde de ontem. O motorista encostou o veículo e saiu caminhando. O carro foi totalmente queimado. As chamas, que chegaram a 5 metros de altura, foram contidas pela equipe do Corpo de Bombeiros. Pág. A8

Saae interrompe **distribuição de água hoje,** até o meio-dia

Pág. A11

Quilombos da região de Sorocaba não têm título do Incra

Pág. A6

opinião

Leia o editorial *Cuidado com os números*, sobre a divulgação errada do Ipea sobre estupros, que provocou rebuliço e causou a queda do diretor do instituto. O episódio é um alerta para a imprensa e a opinião pública, que têm nas pesquisas, estatísticas e estudos quantitativos uma fonte crescente de informações. Pág. A3

EDIÇÃO DE HOJE:
64 PÁGINAS
TIRAGEM:
32.866 EXEMPLARES

INCLUI OS SUPLEMENTOS CRUZEIRINHO E CASA E ACABAMENTO

DISTRIBUÍDO PARA SOROCABA E 16 CIDADES ADJACENTES
Filiado : ANJ - APJ - IVC

CITROËN C4 LOUNGE
DESBANCA VETERANOS JAPONESES
Notre Dame RAPOSO • (15) 3229.3333 TRUJILLO • (15) 3229.0333

ISSN 1415 - 5877



Exposição **O Pequeno Príncipe** é destaque

Cruzeirinho



Tráfico humano na região tem **mulheres como alvo**

Caderno de domingo



Cozinha vira ambiente de **convivência e até de leitura**

Casa e Acabamento

DIVULGAÇÃO



José Wilker morre de enfarte no RJ e será cremado hoje

Pág. A12



F1 2014 MitsubishiMotors MegaMit CAMPINAS | GUARULHOS | SOROCABA
GP DO BAHREIN / HOJE
06 Abril 2014, Bahrein - Sakhir, 12:00
Cordeiro Máquinas e Ferramentas

QUILOMBO OS CAMARGO: APAGÃO HISTÓRICO

Estado de São Paulo tem apenas 6 comunidades quilombolas tituladas

Na região de Sorocaba, nenhuma conseguiu ainda a titulação, nem mesmo o Cafundó, que já tem o reconhecimento

Daniela Jacinto
daniela.jacinto@jcruzeiro.com.br

Dados da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) divulgam que o Estado possui 79 comunidades apontadas como remanescentes de quilombos, incluindo as relacionadas pela Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone), entidade ligada à diocese de Eldorado. No entanto, até o momento 28 foram reconhecidas como remanescentes e apenas seis estão tituladas. Desde 2007, há sete anos, a situação permanece a mesma. Na região de Sorocaba, nenhuma das sete comunidades conseguiu a titulação ainda. A que está em processo mais avançado é a do Cafundó, em Salto de Pirapora, que obteve o reconhecimento, porém a titulação ainda não saiu. A titulação garante a propriedade das terras, o acesso às políticas públicas e demais direitos.

A titulação garante a propriedade das terras, o acesso às políticas públicas e demais direitos

Em Sorocaba e Votorantim, a família do escravo alforriado José Joaquim de Camargo, do quilombo Os Camargo, já teve iniciado o relatório antropológico e o levantamento para fazer as planta do território, mas a falta de recursos financeiros e de pessoal tem causado a demora, conforme informou a antropóloga Paula Elaine Covo, analista em reforma e desenvolvimento agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) na semana passada.

A família Os Camargo reivindica a propriedade de parte de terras em Sorocaba, Votorantim, Salto de Pirapora, Piedade, Sarapuí e Araçoiaba da Serra, num total de 84 mil alqueires de extensão. Os descendentes possuem uma escritura datada de 2 de novembro de 1874 comprovando que o escravo alforriado José Joaquim de Camargo comprou aquelas terras do capitão Jesuíno de Cerqueira Cezar ao preço de 400 mil réis. A escritura descreve a área adquirida, porém o faz por córregos e cachoeiras.

As lutas pelas terras são feitas de forma organizada e as responsabilidades divididas em três associações: a de Votorantim, Sorocaba e Salto de Pirapora. Eles sabem que a maioria das terras hoje estão ocupadas e que será impossível reavê-las, mas querem o reconhecimento histórico e as respectivas indenizações.

Os Camargo estão enfrentando a mesma dificuldade das outras comunidades: a morosidade do processo. Eles contam que primeiro a documentação ficou parada durante oito anos no Itesp. Quando o governo passou a responsabilidade pelo processo de reconhecimento das comunidades quilombolas para o Incra, em 2003, Os Camargo esperavam ter o problema solucionado de forma mais rápida, no entanto ainda aguardam a regularização de sua situação. No quadro que mostra as comunidades tituladas, as seis titulações têm como órgão expedidor o Itesp. Apenas uma titulação no Estado de São Paulo foi expedida pelo Incra, é aliás uma segunda titulação, ou seja, o processo todo já estava pronto.

Região sudeste está esquecida

As comunidades quilombolas reclamam que São Paulo é o Estado com menor número de titulações, com processos parados há anos. Para eles, a região sudeste está esquecida. Esse desabafo foi feito durante uma reunião realizada na terça-feira passada, dia 1º de abril, na sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e que contou com a presença de membros do Incra, da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), da Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (Conaq), representantes do Ministério Público Federal, Ministério Público Estadual, da Subcomissão de Quilombos do Estado de São Paulo, vinculada à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado, e principalmente da procuradora regional da república Maria Luiza Grabner.

Edson Correa e João Fernandes, da comunidade Os Camargo, participaram da reunião e contam que gostaram muito de ouvir o depoimento da procuradora, que acompanha a luta quilombola há mais de dez anos. "Ela disse que via com muita apreensão as mesas que estão sendo montadas para discutir as questões dos quilombos porque temia que acontecesse aqui o mesmo que presenciou em Brasília", disse João.

Em uma visita a Brasília, a procuradora se surpreendeu ao encontrar processos parados, fazendo um caminho burocrático que não estava seguindo as normas do Incra, mas sim rodando em outras mesas. "A procuradora disse que estava acompanhando essas questões em nível nacional e que ao ver o que estava acontecendo em Brasília, o Ministério Público entrou com ações para agilizar documentos do Incra que estavam parados", afirma João.

Edson, que também estava presente, lembra que a procuradora chegou a citar que a verba do Incra está diminuindo ano a ano porque como o serviço está parado, para o governo isso mostraria que não tem demanda, então consequentemente não está precisando de verba. "Ela também disse que enquanto isso essas pessoas estão precisando de escola, saúde, e então a procuradora sugeriu ao Incra que o órgão teria de defender a posse quilombola antes de sair o RTID [Relatório Técnico de Identificação e Delimitação] pra gente já ir conseguindo esses direitos".

Apesar da demora nos processos quilombolas em todo o Brasil, a procuradora disse durante a reunião que reconhece que em São Paulo a situação está mais morosa. "A doutora Maria Luiza disse que o Incra está resolvendo as questões mais fáceis primeiro. Ela disse que como o órgão é cobrado e precisa dar uma resposta, eles vão titulando as áreas mais fáceis e deixando as outras para trás", complementa Edson.

A procuradora, ainda segundo Edson, deixou bem claro a todos os que estavam presentes que essa seria uma "visão dantesca de uma política que está afundando" e que não está sendo feito nada para poder resgatá-la. "Nós sentimos que ela está com a gente. Ela ainda questionou a mesa de debates, perguntou se essa mesa regional iria andar, sendo que nacionalmente as coisas não estão funcionando".

Edson e João recordam terem ouvido a procuradora falar que o quilombo do Carmo, em São Roque seria uma das prioridades e que ela iria acompanhar. "Ela ainda se colocou à disposição pra ajudar o Incra", disseram, esperançosos em também ter sua situação resolvida.

A reportagem tentou entrevista com a procuradora, mas conforme sua assessoria, Maria Luiza estava em reunião.



Mesmo reconhecido, Cafundó tem muitas dificuldades

Neimar Lourenço Nascimento dos Santos, responsável pela Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (Conaq) e membro do quilombo Caçandoca, situado no litoral norte, próximo a Ubatuba, reclama da situação e lembra que nem mesmo no Cafundó, que já conseguiu o reconhecimento, está tudo resolvido. "A comunidade está parcialmente titulada", lamenta. Devido a esse fato, os moradores daquela localidade ainda sofrem com a falta de saneamento básico, escola e transporte, elenca Neimar. "Não chegou nada lá ainda. As políticas públicas do governo, do Brasil Quilombola, e a educação diferenciada pela Lei 10.639 não é aplicada, enfim, eles estão sem o básico para a dignidade do ser humano", diz.

Outro fato que dificulta o acesso aos direitos é que a maioria dos quilombolas não sabe como está a situação de sua comunidade. "É tudo muito obscuro, além disso nós também somos leigos no assunto. É difícil acompanhar esses trâmites jurídicos. Essa mesa de discussões é importante pois estaremos acompanhando tudo, com a presença do Ministério Público, com a ajuda de defensores públicos. Tem comunidades que tem advogados também", afirma.

Neimar explica que o principal para as comunidades é o reconhecimento. "Primeiro enfrentamos a demora no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), depois outra etapa que leva anos é para que sejam publicadas as titulações. Só o RTID não titula o território".

Criada em 1996, após o primeiro encontro das comunidades quilombolas do Brasil, há 18 anos, a Conaq representa as comunidades em nível nacional. "A gente tem uma secretaria em Brasília e temos coordenadores executivos dentro das mesas permanentes de regularização fundiária", explica Neimar, que entre outras conquistas do Conaq cita a criação do primeiro Conselho de Educação Quilombola do país, instalado no Estado de São Paulo.

Neimar, que esteve presente na reunião, também espera que o que foi acordado durante o encontro seja realizado. Durante a reunião, o Incra se propôs a algumas soluções. Conforme João, foi falado que primeiro se não der para fazer o RTID inteiro, que seja feita uma parte. "O Incra também disse que está vendo a possibilidade de contratação, para aumentar a capacidade da equipe. Ainda será apresentada pra gente a tabela do último encaminhamento de cada comunidade. E da parte das comunidades nós iremos monitorar o dinheiro público", diz o quilombola.

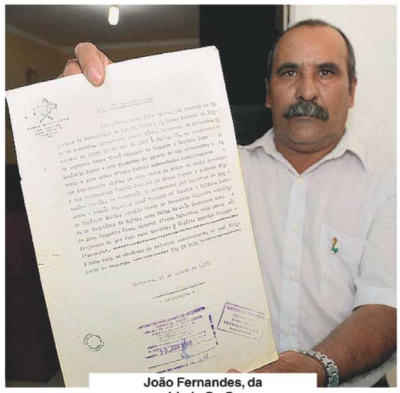
Durante o encontro foi proposto a resolver a dificuldade da demarcação de territórios usando mapas. "Alguém disse que bastaria pegar o antigo e verificar diante do novo, mas o Incra respondeu que não é tão simples assim para reconstituir uma escritura antiga", disse João.

Essa é a segunda reunião da mesa de discussões aberta em São Paulo para falar a respeito da situação das comunidades quilombolas no Estado. Durante a reunião ficou acertado um próximo encontro para o dia 3 de junho, às 14h. Para essa reunião serão convidados os prefeitos das cidades envolvidas. "A mesa será bimestral, com a ideia de levar quatro comunidades, onde será discutida a sua situação judicial", comenta Neimar.

As metas são resolver as situações das comunidades Cangume (Vale do Ribeira), Pilar do Sul e Carmo (São Roque), até o final de 2014. Durante o encontro também ficou acertado que será feito um trabalho com Os Camargo também. O Incra ainda anunciou que para 2015 serão acertadas as situações de mais seis comunidades. Para que seja mais ágil, as questões de algumas comunidades serão resolvidas em parceria com o Itesp.

Desde o dia 16 de março, o jornal Cruzeiro do Sul tem publicado todos os domingos reportagem sobre o quilombo Os Camargo, como forma de mostrar um recorte da história dos negros e da situação dos quilombolas no Brasil. A série termina hoje.

ALDO V. SILVA

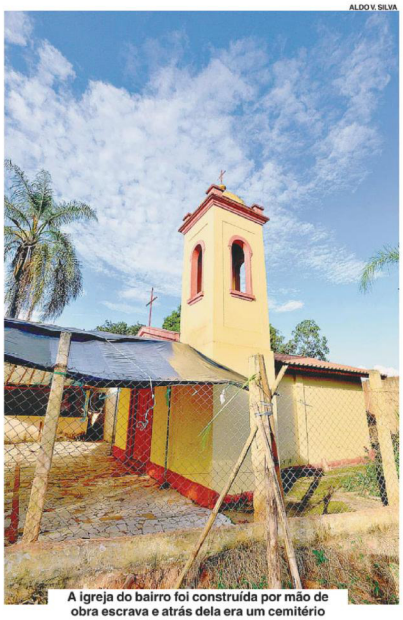


João Fernandes, da comunidade Os Camargo

De 31 de Março para José Joaquim de Camargo

Na segunda-feira passada, dia 31 de Março, dia em que se completaram os 50 anos do golpe militar, um grupo de estudantes encobriu o nome da principal avenida de Votorantim como forma de protesto contra o que consideram uma homenagem à data. Também os quilombolas são contra o nome da avenida e diante da proposta de mudança de nome, defendem que seja dado o de José Joaquim de Camargo, que seria proprietário da maior parte das terras do município. A solicitação foi protocolada na Câmara de Votorantim na semana passada.v

ALDO V. SILVA



A igreja do bairro foi construída por mão de obra escrava e atrás dela era um cemitério

Capitão do mato é visto até hoje

Quem mora no bairro Cubatão, em Votorantim, está acostumado a ouvir relatos dos vizinhos sobre um homem de capa preta que é visto rondando a região durante a noite. Dizem que é a alma do capitão do mato, que vaga até hoje por conta dos maus tratos aos negros. Mesmo quem mora no bairro há menos tempo que os mais antigos, já presenciou algo que pode ser considerado uma situação um tanto quanto inusitada. Gisele Navarro, 38 anos, conta que mora há 5 anos no local e que duvidada das histórias que ouvia. "Um vizinho, de idade avançada, costumava dizer que sempre via o homem com chapelão e capa preta sentado na esquina. E dizia que aquele era o capitão do mato. Um dia, meu cachorro estava latindo muito e achei estranho porque não tinha ninguém, quando me aproximei vi um homem alto, com chapéu largo e capa preta, que ficava ainda abrindo os braços e balançando a capa como se provocasse o cachorro", relata.

Ali no bairro os moradores ainda ouvem o choro de uma mulher e de uma criança, acompanhado de uma canção de ninar, mas sobre isso eles não têm nenhuma referência, não sabem dizer se seria uma escrava, sinhá ou camponesa. O que os moradores sabem é que a igreja da Comunidade Sagrado Coração de Jesus foi construída por mão de obra escrava e que atrás da igreja era cemitério. "Os meus vizinhos também dizem que ouvem até hoje o sino da igreja tocar, mesmo após ter sido roubado há muito tempo. O sino eu não escuto", diz Gisele, que mora em frente à pequena igreja.

> ***Os meus vizinhos também dizem que ouvem até hoje o sino da igreja tocar, mesmo após ter sido roubado há muito tempo. O sino eu não escuto"***
> Gisele Navarro

ALDO V. SILVA



Gisele Navarro, 38 anos, conta que já o viu

Túnel da Chácara dos Padres era usado para fuga

Um túnel em Votorantim foi muito usado pelos negros fugitivos para não serem capturados pelo capitão do mato. Esse túnel ficava na Chácara dos Padres, onde hoje resta apenas o terreno ao lado do shopping Panorâmico. Edson Correa, tataraneto do escravo José Joaquim de Camargo, sabe de diversos relatos contados por seus parentes sobre esse lugar. O principal é que os escravos fugiam e iam procurar a ajuda dos padres, que os abrigavam lá.

Naquela chácara os negros permaneciam e ajudavam os religiosos na limpeza e serviços gerais. Como o local é alto e dali era possível enxergar toda a cidade, os padres avisavam os negros fugitivos quando o capitão do mato estava a caminho. "E então eles corriam para o túnel, que tinha saída para o rio, próximo à cachoeira dos Guimarães. Infelizmente foi tudo demolido e o túnel aterrado. Até há pouco tempo ainda dava para ver as ruínas, mas agora com essa plantação de milho ficou impossível", lamenta Edson. Logo mais à frente, próximo à Praça de Eventos de Votorantim, era o "cangume", um local onde os escravos realizavam a festa da colheita. Já o local onde hoje é o pátio da Prefeitura de Votorantim era uma senzala. "Hoje não há nem vestígios", diz Edson.

ALDO V. SILVA



Edson Correa, tataraneto do escravo José Joaquim de Camargo mostra onde era o túnel

armador

Rendimento 365 dias no ano.

Com o 5º desenvolvimento econômico no estado, Sorocaba tem favorecido o setor hoteleiro.

3ª	150%	120	1/3
Cidade que mais gera empregos no Estado de SP.	Crescimento da cidade nos últimos 10 anos.	Países importam produtos produzidos em Sorocaba.	PIB das regiões de Campinas e Sorocaba em relação ao Estado.

Fonte: Cruzeiro do Sul e Folha de São Paulo

O Comfort Esplanada Sorocaba oferecerá aos seus clientes uma localização privilegiada, a 100 metros do shopping Iguatemi, no bairro mais nobre da cidade, que tem uma valorização imobiliária mensal acima da média da cidade e ao lado do maior centro comercial da região.

PRINCIPAIS FONTES DE RECEITA

- Hospedagem
- Locação Centro de Convenções
- Restaurante e bar
- Serviços de quarto
- Frigobar
- Lavanderia
- Estacionamento

PRINCIPAIS DIFERENCIAIS

- Localização privilegiada
- Centro de Convenções
- Categoria Midclass
- Proximidade aos principais acessos da cidade
- Gerenciamento Atlantica Hotels
- Serviços de altíssima qualidade
- Instalações completas
- Apartamentos decorados e muito confortáveis

Realização: midza.com.br

Coordenação de vendas futuras: aepatrimonio.com.br

Projeto: Rafael de Aquino arquitetura

Rede Administradora: Atlantica Hotels

Aprovado na Prefeitura Municipal de Sorocaba, conforme Alvará de Licença de Obras n.205/14, SEMOB/DLCON/SEP. Imagens meramente ilustrativas sujeitas à alteração. Comercialização proibida.

Comunidades da região

Nome	Localidade
Cafundó	Salto de Pirapora
Camargo	Votorantim, Sorocaba, Salto de Pirapora, Araçoiaba da Serra, Piedade e Sarapuí
Carmo	São Roque
Caxambu	Sarapuí
Fazenda Pilar	Pilar do Sul
Fazendinha dos Pretos	Salto de Pirapora
Jaó	Itapeva

Das mulheres negras tiraram até o leite

Destemidas e consideradas audaciosas, conforme registrado no livro "Mulheres Negras do Brasil", de autoria de Schuma Schumaher e Érico Vital Brasil, as africanas aparecem nos registros de levantes em navios. Em um desses momentos, em 1702, homens e mulheres cativos apoderaram-se de armas e lançaram-se sobre a tripulação. Depois de meia hora, dois mortos e outros feridos, os rebelados foram controlados. No dia seguinte, foram enforcados e ficaram pendurados no mastro. Durante a travessia, muitas negras se atiravam no mar, temendo o mal maior que as esperava.

Chegando aqui no Brasil, elas tiveram de se submeter aos mais variados tipos de serviços, começando pelos domésticos até a lavoura e a extração mineral, no caso daquelas que vieram para a região sudeste. Em todos os cantos do país, elas foram obrigadas a dormir com outros escravos, com a finalidade de reprodução, a satisfazer os desejos sexuais de seus patrões, e ainda tinham de amamentar os filhos das sinhás.

Apartadas de seus parentes, de seus amores, de seus filhos, eram tratadas como coisa. Os anúncios publicados em jornais da época mostram como eram vistas essas mulheres: "Vende-se por preço commodo uma preta sadia e moça, com muito e bom leite, com uma filha parda de 3 annos, muito bonita, tendo perdido há pouco um filho de 10 dias; trata-se na rua da Pedreira da Glória, 39". Em outro anúncio, o negócio rendia até mesmo aluguel: "Aluga-se uma de côr parda-livre com cria de um mez, e affiança-se a boa qualidade do leite. Quem precisar dirija-se a esta typographia". Em ambos os anúncios nota-se que a mulher africana era considerada uma mercadoria, que podia ser vendida ou mesmo alugada. Atenção para o termo empregado no segundo anúncio, que se refere ao filho como "cria".

DIVULGAÇÃO/GABINETE DE LEITURA SOROCABANO



Ama de leite.

Aluga-se uma de côr parda-livre, com cria de um mez, e affiança-se a boa qualidade do leite Quem precisar dirija-se a esta typographia.

A mulher africana era considerada uma mercadoria

Guerreiras

Em meados do século 16 até a década de 1850 foram traficados para o Brasil em torno de 4 milhões de pessoas, entre congos, angolas, benguelas, caçanges, minas e outros, dos mais diversos povos e grupos étnicos que habitavam as vilas, cidades e regiões do continente africano, cita o livro "Mulheres Negras do Brasil", que faz parte do acervo do Gabinete de Leitura Sorocabano. "A estratégia era trazer negros de línguas diferentes, povos diferentes, para que não se comunicassem e não organizassem motins", completa João Fernandes, tataraneto do escravo alforriado José Joaquim de Camargo. "Daí que foi criada a cupópia, para que eles tivesem uma única língua e pudessem se comunicar", diz.

Entre os grupos escravizados, as mulheres correspondiam a 20% dos homens. Apesar dos maus tratos sofridos, não baixaram suas cabeças. Muitas delas fugiram e foram líderes de quilombos. No livro consultado durante a pesquisa consta que foram encontrados alguns escritos sobre uma rainha, não se sabe se africana ou brasileira, de nome Teresa, que teria sido líder do quilombo de Quariterê, no Mato Grosso. Esse quilombo contava com parlamento e sistema de defesa com armas. A rainha tinha um conselheiro e a comunidade mantinha ali cultura de algodão e alimentos; como possuíam teares, também fabricavam tecidos.

Como surgiam os quilombolos e quilombolas

Os negros fugiam e se escondiam nas matas, outros tantos eram libertados e, desse modo, passavam a ocupar regiões inexploradas do País, formando comunidades com um modo de vida próprio. Assim surgiram os quilombos.

Os grupos atualmente chamados de remanescentes de comunidade de quilombos são os que permaneceram morando nas terras originalmente ocupadas pelos seus antepassados, escravos do período colonial. Ainda hoje a luta desses grupos é para garantir os territórios que conseguiram preservar durante séculos de resistência. Em alguns casos tentaram recuperar terras que lhes foram tiradas indevidamente. Assegurar o controle dessas terras é condição necessária e fundamental para a preservação de suas identidades culturais e para que tenham acesso a políticas públicas visando ao desenvolvimento sustentável das comunidades.

Em 1988 foram aprovados dispositivos transitórios na Constituição Federal reconhecendo a propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas. Os dispositivos impuseram ao Estado o dever de emitir-lhes os títulos respectivos. Esse ato, seja por compensação, seja por reparação à opressão histórica sofrida pelos descendentes dos africanos escravizados, reconheceu as terras de quilombos como patrimônio cultural, associado à previsão de tombamento de todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos como grupos formadores da sociedade.

Pela primeira vez na história foi reconhecida a existência da população negra no Brasil, acompanhada de um elemento inovador: a identidade etno-histórica como critério de identificação do grupo. Nos processos de regularização fundiária passam a ser levados em conta a propriedade coletiva e os componentes relativos às diferenças étnicas e culturais. E também o acesso à saúde, educação, água, luz, saneamento, etc. Do ponto de vista sociológico, quilombo é uma categoria relativamente recente, que deu nova significação ao que era conhecido como comunidades negras rurais.

(Fonte: Fundação Itesp: sua história e realizações. Evolução das políticas agrária e fundiária no Estado de São Paulo)

Tituladas no Estado de São Paulo

Território Quilombola	Comunidade	Nº de Comunidades	Nº de Famílias	Área (ha)	Município/UF	Órgão Expedidor	Data
Porto dos Pilões	Porto dos Pilões	1	51	5.908,6824	Iporanga/SP	Itesp	15/01/01
São Pedro	São Pedro	1	39	4.558,1986	Eldorado e Iporanga/SP	Itesp	15/01/01
Maria Rosa	Maria Rosa	1	20	3.375,6582	Iporanga/SP	Itesp	16/01/01
Ivaporunduva (1º título)	Ivaporunduva	1	102	672,2844	Eldorado/SP	Itesp	20/03/03
Pedro Cubas	Pedro Cubas	1	40	2.443,7210	Eldorado/SP	Itesp	20/03/03
Galvão	Galvão	1	32	1.869,5711	Eldorado e Iporanga/SP	Itesp	18/01/07
Ivaporunduva (2º título)	Ivaporunduva			2.035,1200	Eldorado/SP	Incra	20/05/10

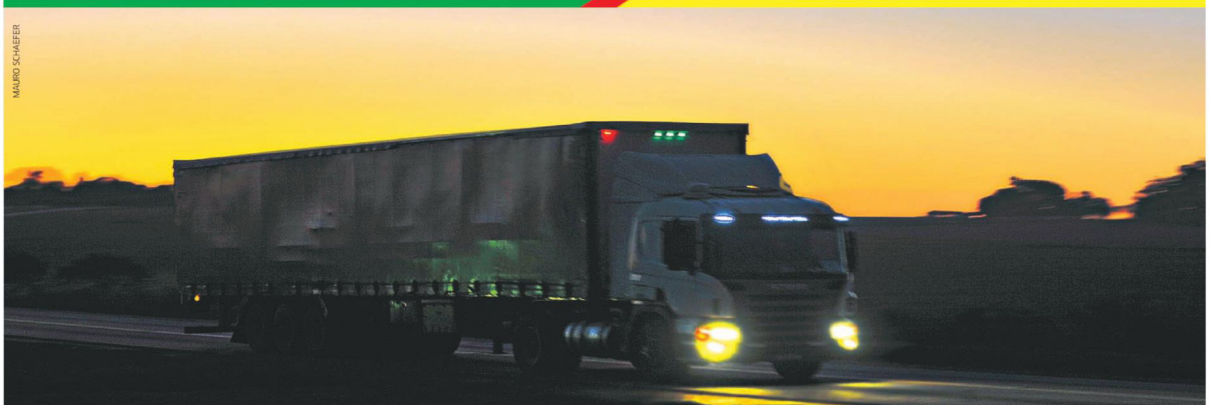
* A comunidade Praia Grande, situada em Iporanga e composta por 26 famílias, não consta no site do Incra e no entanto estava incluída nos dados do Itesp, e com previsão para titulação em 2008. (Fonte: Registros do Itesp de 2008 e site do Incra com dados de dezembro de 2013)

Futebol » Inter e Sport se enfrentam neste domingo no Beira-Rio » **Última página**

CORREIO DO POVO

ANO 119 | Nº 216 PORTO ALEGRE, **DOMINGO**, 4 DE MAIO DE 2014 SC, PR - R$ 2,50 | **RS - R$ 2,00**

MAURO SCHAEFER



‘ZUMBIS’ NO VOLANTE

Série de reportagens traz uma realidade de perigo nas estradas: o uso de drogas por caminhoneiros **Páginas 20 e 21**

SAMUEL MACIEL



Campos com criações de cavalo e rebanhos de ovelhas integram uma paisagem pouco conhecida dos porto-alegrenses **CORREIO RURAL**

EM DISCUSSÃO

O tamanho do campo na Capital

Caso Bernardo

Escola tenta retomar rotina

A escola onde o menino Bernardo estudava aos poucos retoma suas atividades normais e faixas e cartazes pedindo a volta de Bernardo foram retirados. **PÁGINA 22**

Rússia x Ucrânia

Mundo se volta para o conflito

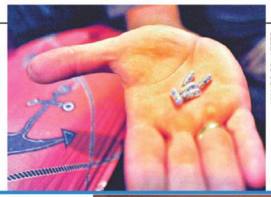
A Ucrânia é hoje um país dividido entre os que perpetuam uma aversão aos russos e os que se identificam cultural e politicamente com Moscou. No Leste, militantes pró-Rússia vêm tomando prédios públicos e controlando a entrada e a saída de pessoas. Na manhã de sábado, separatistas pró-Rússia libertaram observadores militares que estavam retidos em Slavianski desde 25 de abril. Os insurgentes tinham acusado os inspetores de espionagem. **PÁGINA 10**

Especial

Edição: **Luciamem Winck**
Textos: **Paulo Roberto Tavares e Cíntia Marchi**
Fotos: **Mauro Schaefer**
Apoio: **Jader Teixeira Filho**
Diagramação: **Jonathas Costa**

Uma falsa redução de fadiga

■ Rebite é a gíria usada pelos caminhoneiros para designar a substância chamada anfetamina. É um estimulante do sistema nervoso central, que faz o cérebro trabalhar mais depressa, causando nos usuários a sensação de diminuição da fadiga, pois consegue executar uma atividade por mais tempo, também diminui o sono e o apetite.



MAURO SCHAEFER

2,2 mil

km foi a distância percorrida pelas equipes do **Correio do Povo** e da TV Record durante a reportagem

'Zumbis' assombram as rodovias do Sul

Caminhoneiros drogados trafegam diariamente pela malha rodoviária brasileira. Alguns deixaram de lado as anfetaminas e passaram a usar cocaína. Muitos recorrem ao submundo do tráfico para comprar as drogas. Outros optam pelas tele-entregas.



A cocaína se transformou no novo "estimulante" dos caminhoneiros. Estudos comprovam que esses profissionais estão trocando a anfetamina pelo pó, na ilusão de que poderão suportar por mais tempo as longas jornadas de trabalho, que muitas vezes se estendem por mais de 16 horas. Estudos da Universidade de São Paulo (USP) e de instituições ligadas ao trânsito mostram que pelo menos 33% dos motoristas de caminhão utilizam "porcarias" – como dizem – para cumprir a carga horária. O **Correio do Povo** inicia neste domingo uma série de reportagens, que se estende até quarta-feira, mostrando a situação dos "zumbis do volante".

A USP fez um estudo com caminhoneiros que circulavam pelas rodovias federais do Rio e de São Paulo. De 308 profissionais entrevistados, 10 (3,5%) usavam cocaína. No interior paulista, o resultado foi mais preocupante: quase 13 profissionais dirigiam sob o efeito de substâncias tóxicas. Um dos fatores que torna o problema mais grave é que a frota de caminhões, no Brasil, atualmente, é de 2,2 milhões, rodando por todo o país.

Dados da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte Terrestre mostram que 75% dos acidentes envolvendo caminhões ocorrem por falha humana, principalmente por conta da fadiga e, em alguns casos, é possível comprovar que o motorista estava sob o efeito de alguma substância ilegal.

Um dos acidentes ocorridos em solo gaúcho vitimou o jornalista Paulo Ferreira, o Paulão, e o cinegrafista Ezequiel Barbosa, da TV Bandeirantes, que em 2012 morreram atingidos por um caminhão, na ERS 122, em Farroupilha. Testes de laboratório comprovaram a existência de anfetamina no organismo do caminhoneiro.

Para comprovar esta dura realidade, equipes do **Correio do Povo** e da TV Record/RS percorreram 2.258 quilômetros entre RS e SC trafegando pelas rodovias com maior circulação de caminhões, parando em postos de combustíveis onde a concentração de caminhoneiros é frequente. Em cinco dias, os repórteres entraram em um mundo diferente do que a maioria das pessoas está acostumada, vivenciando a degradação e as dificuldades por que passam esses profissionais e as pessoas que vivem no entorno. Nesta segunda-feira, os telejornais da Record também exibirão a reportagem.



DOCE ILUSÃO

Traficantes usam coca como engodo

Os caminhoneiros estão substituindo a anfetamina pela cocaína gradativamente, sem perceber o risco ainda maior que correm. Esta troca de substâncias tem explicações em uma espécie de estratégia aplicada pelos traficantes. Um caminhoneiro, que se identificou apenas como Juarez, 51 anos, aceitou falar com o **Correio do Povo**, sob a condição de que não fosse fotografado. Enquanto jantava em Itajaí (SC), em um restaurante anexo ao posto de combustível onde havia estacionado o caminhão, ele se dizia contra o uso de tóxico ao volante. "Nunca usei isso (droga)", garante o homem, que é natural da cidade de Bonito (MS).

De acordo com ele, os caminhoneiros estão sendo iludidos pela promessa de que os efeitos da cocaína são mais fortes do que os do rebite. Os motoristas são levados a acreditar que o pó deixa a pessoa acordada por mais tempo do que a anfetamina. "Eles chegam a dizer que o pó pode fazer com que o caminhoneiro fique 90 horas dirigindo e estas pareçam mais curtas, evitando o cansaço", conta Juarez, com 20 anos de profissão.

> Os meus colegas estão sendo iludidos com a promessa de que a cocaína lhes faz ficar mais tempo acordados.
>
> **Juarez**
> caminhoneiro

"Não critico quem consome essa droga, mas acho uma judiaria o que fazem com o próprio organismo", lamenta. Outro fator usado pelos traficantes para venderem mais a cocaína é o preço. Uma buchinha, com cerca de um grama, custa entre R$ 15,00 e R$ 20,00. Já a cartela de rebite, com oito a dez comprimidos, é vendido por R$ 60,00. Para Juarez, no final, o caminhoneiro paga quase a mesma coisa. "Fica apenas a ilusão de que com uma ou duas buchinhas irá mais longe", observa.

O caminhoneiro atesta, ainda, que o rebite é muito difícil de conseguir em alguns estados. "O Rio Grande do Sul é um deles", assegura o caminhoneiro, que é casado e pai de dois filhos. E fica orgulhoso quando revela que um deles é acadêmico de Engenharia Civil, em Campo Grande. "Em São Paulo, o comprimido (rebite) é encontrado com mais facilidade e em vários postos", conta. Juarez revela que sempre faz uma parada à noite, para descanso. No dia 25 de abril, em Itajaí, ele dormiu cedo. Na manhã seguinte partiu com a carga de eletroeletrônicos na direção de Curitiba (PR).

Colegas de profissão de Juarez concordam que a migração do rebite para a cocaína se dá muito mais em função da dificuldade de conseguir a droga, principalmente no Rio Grande do Sul. O rebite, que nada mais é do que um remédio para emagrecer, mas que teve as vendas controladas nas farmácias, quando não proibidas, faz com que a droga seja mais fácil de conseguir em cidades portuárias ou situadas na zona de fronteira. A cocaína pode ser comprada à beira da rodovia ou até mesmo pelo serviço de tele-entrega.

EFEITO

Dormindo de olhos abertos

O uso de drogas representa perigo nas rodovias. Afinal, é o mesmo que ingerir bebida alcoólica e sair pelas estradas dirigindo embriagado, com a diferença de que o motorista sob efeito do álcool dorme ao volante de olhos fechados, e o que está sob efeito de drogas, como cocaína, "dorme de olhos abertos" e não desvia de nada, fica completamente sem reação.

O perigo é o mesmo, pois tanto a bebida alcoólica quanto as drogas afetam a coordenação motora. E isso aumenta a probabilidade de acidentes. É uma mistura extremamente perigosa.

É a realidade que precisa mudar, pois muitas vidas acabam por conta da irresponsabilidade de caminhoneiros e motoristas. Do contrário, a sociedade continuará convivendo com acidentes trágicos, que ceifam vidas e abreviam sonhos.



Setor aponta muitos gargalos

■ O presidente do Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas e Logística no Rio Grande do Sul (Setcergs), Sérgio Gonçalves Neto, diz que "vê com bons olhos a alterações na lei". "Acho que ficará mais fácil de cumprir. As empresas estão se adaptando, mas existem entraves, especialmente em relação ao lugares de parada", pontua Gonçalves Neto.

> O Estado está sempre atrasado, sempre age depois do fato consumado.
>
> **André Luís Costa**
> Vice-presidente da Fecam



MAURO SCHAEFER

Lei do Descanso salva vidas

■ O coordenador do SOS Estradas, Rodolfo Alberto Rizzotto, acredita que a revogação da atual Lei do Descanso provocará aumento de mortes no Brasil. Para ele, a falta de condições para descansar tem motivados as tragédias. "Segundo nossos cálculos, tivemos 10 mil feridos a menos nas rodovias depois da aplicação da lei", compara.



Caminhoneiro fala abertamente sobre o uso de drogas e diz que as anfetaminas foram um trampolim para o consumo de cocaína. Ele cheira as carreiras dentro da cabine, às margens das rodovias

MAURO SCHAEFER

Pedro trocou rebite pelo pó

Cocaína era comprada com cartão de crédito

Ele tem 28 anos, é natural de Goiânia (GO) e está na estrada há sete anos. Percorrendo o país de Norte a Sul, Pedro (o nome é fictício) precisa ficar o máximo que pode ao volante, com o risco de perder dinheiro se ocorrer algum atraso nas entregas das cargas. Na noite fria do dia 25 de abril, Pedro estava em um posto de combustível, na cidade portuária de Itajaí. Conversava com colegas de profissão, sentado em um banco. O contato com a imprensa se deu de forma natural. Sem se preocupar com a presença dos jornalistas, o caminhoneiro admitiu ter cocaína, sem constrangimento, assim como os demais.

Enquanto caminhava na direção do caminhão, Pedro admite já ter usado anfetamina, o popular rebite. Mas com o tempo, o seu organismo foi exigindo doses maiores da droga. Além disso, ficou sabendo que os medicamentos – remédio para emagrecer – podem colaborar para o desencadeamento de sérios problemas cardíacos. Resultado: migrou para a cocaína, acreditando não ser tão nociva quanto "os comprimidos".

Segundo ele, há cerca de três anos era mais fácil comprar o entorpecente. Muitos adquiriam o pó pelo cartão de crédito, nos postos de combustíveis. Embora estivessem comprando cocaína, a nota fiscal discriminava a compra de óleo diesel. Atualmente, o patrulhamento nestes locais e uma vigilância mais cerrada inibiu o comércio por intermédio de frentistas. A alternativa foi recorrer a traficantes. "Não tem no posto (a cocaína)", ressalta. "A compra é feita por telentrega", explica.

O consumo do narcótico, segundo ele, deixa a pessoa mais confiante. Tão confiante que esquecem inclusive de dormir. As horas parecem não passar. Rodam quilômetros e quilômetros sob o efeito do entorpecente. "A pressão do horário para entregar a carga é o que nos leva a isso", justifica. "Se atrasarmos, somos descontados e, muitas vezes, ficamos no final da fila para podermos descarregar", diz.

No entanto, admite ter consciência dos riscos que o uso do pó implica. Para Pedro, os profissionais precisam ter em mente que sempre terá uma família esperando por eles. "Somos uma classe desvalorizada", reclama o caminhoneiro, pouco depois de fazer uso da droga.

LEI DO DESCANSO

Polêmica parece não ter fim

Sancionada há dois anos, a lei que disciplina a jornada de trabalho e o tempo de descanso dos motoristas profissionais volta às rodas de discussão. Parte dos deputados federais defende alterações na legislação, alegando adaptação à realidade dos caminhoneiros e motoristas de ônibus no Brasil. A votação de um projeto de lei, que permitiria mais horas de trabalho diário, entre outros, está prevista para ocorrer no Congresso Nacional.

De outro lado, parte da sociedade argumenta que, se a lei for alterada, provocará um retrocesso, sobretudo em relação à segurança nas estradas. O procurador do Ministério Público do Trabalho, Paulo Douglas Almeida de Moraes, diz que se a proposta for aprovada, alterando a homologada em 2012, recorrerá ao Supremo Tribunal Federal.

"Esta matéria que estão propondo é inconstitucional", diz o procurador, que coordena nacionalmente um trabalho em defesa da aplicação integral da lei em vigor. Segundo Moraes, o novo texto seria inconstitucional porque propõe 12 horas de direção, incluindo quatro horas extras, violando o limite de oito horas de trabalho e o descanso.

Segundo o procurador, o nível de descumprimento da legislação ainda é alto, mas a obediência de uma parcela dos motoristas já teria registrado resultados positivos. "Em menos de dois anos em vigor, estimamos que a lei evitou cerca de 1,6 mil mortes somente nas rodovias federais", relata. No Rio Grande do Sul, segundo dados do Departamento Estadual de Trânsito (Detran/RS), houve 1,77 mil acidentes com vítimas fatais, em 2013, e o registro de 1.984 mortes. Estas ocorrências envolveram 3.055 veículos. Destes, 497 (16,3%) foram caminhões. No ano anterior, contudo, o total de acidentes foi de 1.854, resultando em 2.091 mortes. Foram envolvidos 3.136 veículos, destes 445 (14,25%) eram caminhões.

MAURO SCHAEFER



Acidentes acontecem diariamente nas rodovias. Em 2013, 497 caminhões se envolveram em ocorrências na malha rodoviária gaúcha

EVITAR ACIDENTES

Descanso e segurança na pauta da categoria

O deputado federal Vilson Covatti, que é vice-presidente da comissão especial que discute as modificações na lei, diz que várias audiências foram realizadas no Rio Grande do Sul para construção das novas propostas. Foram feitas reuniões em Três Cachoeiras, Garibaldi, Uruguaiana, Porto Alegre e Palmeira das Missões. "Esta é uma lei burra que gera multas arbitrárias, porque falta infraestrutura no Brasil. Não é possível exigir obrigações, sem a contrapartida."

Segundo o parlamentar, a lei vigente provocou 30% de aumento nos custos de fretes, o que atinge os produtores rurais, agropecuaristas e empresas que escoam suas safras e produtos pelas estradas brasileiras. O vice-presidente da Federação dos Caminhoneiros Autônomos dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Fecam), André Luis Costa, reconhece que o entendimento sobre a legislação não é unânime. As empresas transportadoras e os trabalhadores, muitas vezes, diferem o modo de pensar em alguns pontos.

"O Estado não deveria determinar a postura de trabalho do motorista autônomo, se não oferece segurança e se não assegura o seu descanso", critica, ao salientar que "o Estado não se preparou para o volume de cargas transportadas".

>> O que muda

* Seis horas ininterruptas ao volante, por 30 minutos de descanso.
* Poderão ser feitas quatro horas extras diárias (pagas e compensadas no banco de horas).
* Sobre o tempo de descanso, a lei vigente diz que, depois de um dia de jornada, o intervalo para descanso deve ser de 11 horas. Pela proposta nova, permaneceriam as 11 horas, mas poderiam ser fracionadas, desde que garantido o descanso de oito horas, as outras três poderiam ser conciliadas com as paradas de meia hora e de refeição.

Balonismo » Competidor paulista é o vencedor do festival de Torres » **Página 16**

CORREIO DO POVO

ANO 119 | Nº 217 PORTO ALEGRE, **SEGUNDA-FEIRA**, 5 DE MAIO DE 2014 SC, PR - R$ 2,00 | **RS - R$ 1,50**

MAURO SCHAEFER



Página 19

Começa a vigorar nova portabilidade de crédito

Regras englobam todos os financiamentos e clientes podem transferir dívidas para outros bancos **Página 8**

CAMPEONATO BRASILEIRO

ALEXANDRE LOPS / DIVULGAÇÃO / CP



D'Alessandro e Aránguiz marcaram os gols do Colorado **ÚLTIMA PÁGINA**

2 a 1 | INTER VENCE O SPORT NO BEIRA-RIO

LUIZ FERNANDO MENEZES / FOLHAPRESS / CP



Ataque Tricolor criou boas chances mas não conseguiu marcar **PÁGINA 21**

0 a 0 | GRÊMIO TRAZ UM PONTO DE SANTOS

Cancha reta

Égua morre durante prova

A égua Índia Poty morreu ontem, ainda na pista, logo após vencer a primeira eliminatória do Grande Prêmio Gentil Carlesso, tradicional prova do Jockey Club de Alegrete. **PÁGINA 13**

Ucrânia

Sede da Polícia sofre ataque

Manifestantes pró-Rússia atacaram, ontem à tarde, a sede da Polícia da cidade de Odessa, no Sul da Ucrânia. **PÁGINA 10**



Especial

Edição: **Luciamem Winck**
Textos: **Paulo Roberto Tavares**
Fotos: **Mauro Schaefer**
Apoio: **Jáder Teixeira Filho**
Diagramação: **Jonathas Costa**

> É difícil conseguir rebite no RS. Os compridos são mais fáceis de comprar nos postos de combustível em São Paulo.
>
> **Antônio**
> Caminhoneiro

> Já me apaixonei por um caminhoneiro. Mas tive que esquecê-lo, pois ele era casado e não tinha outro jeito.
>
> **Jeniffer**
> Garota de programa

> A PRF age quando há uma denúncia. Abordamos o caminhão e apreendemos o rebite, se tiver.
>
> **Policial rodoviário**
> PRF/SC



MAURO SCHAEFER

Caminhoneiro gaúcho admite ter dirigido por quatro dias, sem parar, sob o efeito de anfetaminas. Teria ingerido dose excessiva de rebite para 'acelerar' a viagem

Morto-vivo por 96 horas

Histórias de verdadeiras loucuras feitas por caminhoneiros usando rebite ao volante são abundantes. É o caso de um desses profissionais que, em 24 de abril, estava em um posto de combustível, em Carazinho. Ele deu uma parada, segundo disse, para "descansar" e partiria no dia seguinte para São Paulo, com uma carga de hortifrutigranjeiros. Com 1,80 m de altura, comunicativo, Antônio (o nome é fictício), 20 anos, após estacionar no meio de outros "brutos" – apelido dos caminhões –, desceu da cabine e foi conversando com quem estava por perto. Oriundo de uma cidade próxima de Três Passos, com sotaque típico dos descendentes de italianos, quando soube que dois dos presentes eram repórteres do **Correio do Povo** e da TV Record RS, comentou sobre o caso Bernardo, perguntando se havia novidade.

Durante a conversa, não se negou a falar sobre o uso do rebite. Disse que usou a anfetamina por algum tempo e garante ter parado com a droga, apesar de ainda manter uma cartela, ainda com três comprimidos, na boleia do seu caminhão. "Muitos usam drogas devido à necessidade de cumprir o horário das entregas", justifica. Solteiro e morando com os pais, no ano passado ele começou a atuar no transporte interestadual. Em uma das viagens, teve contato com o rebite.

Estava cansado, mas precisava chegar no horário a São Paulo. Um colega lhe ofereceu um comprimido. "Se nos atrasamos, muitas vezes perdemos a vez de descarregar", conta Antônio. "Temos que ir para o fim da fila e perdemos a carga, que é perecível, e dinheiro", justifica. Em junho de 2012, em uma viagem para Pernambuco, saindo de Porto Alegre, não teve dúvidas: usou a anfetamina para "render mais". Diluiu quatro comprimidos em uma garrafa de água mineral, sem gás. Resultado: ficou 96 horas com os olhos abertos, sem saber ao certo se estava dormindo ou acordado.

Por sorte não se envolveu em nenhum acidente. Quando chegou ao destino, estava confuso em relação ao horário. "Olhava no relógio e ele marcava 11h", lembra. "Pensava que ainda era noite. Achava que era impossível ser aquele horário e ter sol", relata. A sensação causada, de acordo com ele, é de confiança, dando a impressão de que o sono não chega. Em certos momentos, mesmo estando com os olhos abertos, admite que não tinha noção do que ocorria na rodovia. O corpo fervia e o coração batia descompassado. "Você não pensa em nada quando toma o rebite", afirma. "Fiquei com os olhos abertos, agarrado na direção, cerrando os dentes. Me transformei num zumbi."

A partir desta segunda-feira, a TV Record RS apresenta uma série de reportagens sobre o assunto em seus telejornais.

ZUMBIS NO VOLANTE

MAURO SCHAEFER



Jeniffer é uma das que faz *trottoir* entre as carretas em busca de clientes

GAROTAS DE PROGRAMA

Drogas e sexo presentes nos pontos de parada

Não são apenas drogas que os caminhoneiros podem comprar nos postos de combustível, quando param. O sexo também é oferecido. Em Carazinho, em um posto de combustível da entrada da cidade, garotas, em uma versão gaúcha de *call girl*, oferecem o "serviço" aos motoristas por R$ 50,00. Uma delas, Jeniffer, disse ter 18 anos, apesar de aparentar bem menos. Ela e uma amiga visitam o local todas as noites, como ocorreu na noite de 24 de abril. Normalmente quando chegam já agendaram algum programa. Em outras ocasiões, recebem uma oferta.

Jeniffer não larga o telefone celular, pois é através do aparelho que os caminhoneiros solicitam o serviço. "Como repetem muito a mesma rota, já me conhecem", diz. "Eles têm o meu número e quando estão chegando na cidade, me ligam", completa. Elas normalmente permanecem por 2 horas (das 20h às 22h) fazendo *trottoir* por entre os caminhões e as carretas.

Ela afirma que não há saídas para motéis. O programa é feito na boleia do caminhão. Algumas vezes, salienta ela, o caminhoneiro não procura exatamente sexo. Quer desabafar, falar da vida e da família. "Eles falam das dificuldades com a família deles e nós das nossas", revela. "Somos quase como psicólogas", compara a garota, cujos pais sequer imaginam onde ela "trabalha". O dinheiro compensa. Por semana, fatura quase R$ 1 mil. Bem mais, de acordo com ela, do que é pago nas empresas da cidade. "O problema é meus pais não saberem de nada. Digo que vou na casa de uma amiga para conversar", revela.

Polêmica » Ação sobre piso do magistério é improcedente » **Taline Oppitz/Página 4**

ANO 119 | Nº 218 PORTO ALEGRE, **TERÇA-FEIRA**, 6 DE MAIO DE 2014 SC, PR - R$ 2,00 | **RS - R$ 1,50**

CORREIO DO POVO

MAURO SCHEFFER



Página 18

Salgado Filho será vistoriado pela Anac

Instalação do ILS II, equipamento antineblina, depende de liberação da Agência Nacional de Aviação Civil e deve ser instalado até o início da Copa do Mundo **Página 16**

SAMUEL MACIEL



Com forte neblina na manhã de ontem, aeroporto da Capital ficou fechado por mais de três horas, atrasando pelo menos 45 voos

PAULO NUNES



Andradas com pouca iluminação pública

Porto Alegre

Centro Histórico sem luz à noite

Ruas como Andradas, General Portinho e 7 de Setembro carecem de postes de iluminação pública, que estão desativados. **PÁGINA 15**

Proteção infantil

Medidas protetivas já são mais de 7 mil

Justiça gaúcha tem 7,79 mil medidas protetivas para crianças e adolescentes em trâmite. Mais de duas mil são de Porto Alegre. **PÁGINA 19**

Especial

Edição: **Luciamem Winck**
Textos: **Paulo Roberto Tavares**
Fotos: **Mauro Schaefer**
Apoio: **Jáder Teixeira Filho**
Diagramação: **Jonathas Costa**

> É um mundo cão. Sei que estou jurado de morte, por isso não me arrisco muito. Temo pela minha vida.
> **Marcos**
> Ex-caminhoneiro

> Nesta terça-feira, a TV Record RS dá sequência à série 'Zumbis' no Volante, em seus telejornais.

> É arriscado correr de um lado a outro da BR. Mas preciso garantir o sustento de minha família.
> **Pâmela**
> Travesti

Do caminhão para o tráfico

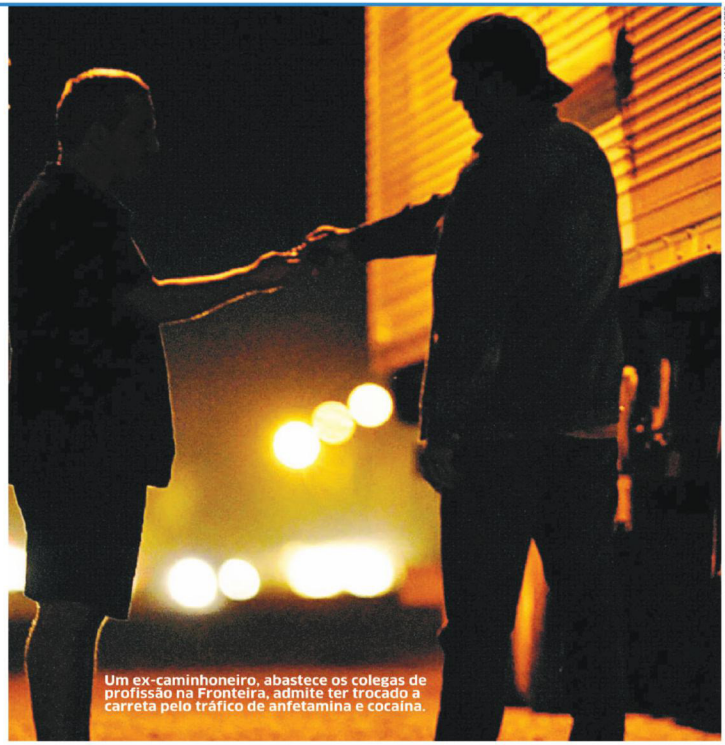
Caminhoneiro troca rodovias pelo submundo

Em Uruguaiana é possível comprar rebite, cocaína e inclusive armas. Um traficante de 52 anos concordou em falar com o **Correio do Povo**, desde que o encontro fosse na periferia da cidade e sem fotografia. O horário foi marcado para a madrugada de 23 de abril. No local combinado – uma rua sem calçamento e parca iluminação –, ele encontrou a reportagem.

Em princípio, parecia desconfiado. Depois aceitou contar como funciona o mundo das drogas na cidade. Segundo ele, quatro quadrilhas de traficantes dividem a área na vila Cobec. De comum acordo, agenciam a prostituição e negociam drogas. "Ali, o caminhoneiro encontra o rebite. O sexo, seja com garotas ou garotos, é oferecido normalmente", revela. "O motorista é que escolhe quem ele quer", afirma o traficante que diz se chamar Marcos. "E, a maioria desses adolescentes faz isso com o conhecimento dos pais", atesta.

O rebite vem, em grande parte, da Argentina, onde a venda é liberada e a fiscalização na Aduana, do lado argentino, não é muito rigorosa com pequenos pacotes, se preocupando mais com o que está no porta-malas. A cocaína é fornecida por traficantes da região. O mais irônico, segundo Marcos, é que os caminhoneiros brasileiros evitam usar o rebite quando estão em solo argentino. "Parece piada, mas na Argentina é o Exército que patrulha as estradas", revela. "E eles são bem pouco simpáticos aos brasileiros", ressalta o traficante, que foi caminhoneiro durante 20 anos e deixou a profissão devido a problemas cardíacos, resultantes do consumo excessivo de rebite. Atualmente, Marcos fornece drogas – essencialmente rebite – para ex-colegas de profissão e, por isso, mantém uma rivalidade com opositores no submundo. O ex-caminhoneiro se diz jurado de morte.

ZUMBIS NO VOLANTE



MAURO SCHAEFER

Um ex-caminhoneiro, abastece os colegas de profissão na Fronteira, admite ter trocado a carreta pelo tráfico de anfetamina e cocaína.

TRÁFICO

Nos bares, droga e sexo à vontade

Na região da Fronteira-Oeste, um gueto, conhecido como vila da Cobec, é o ponto para conseguir cocaína e rebite. Ao lado do Porto Seco da cidade e a poucos quilômetros da Argentina, a droga, via de regra, vem por telentrega. E são alguns motociclistas – Uruguaiana permite o serviço de moto-táxi – que levam a quantidade pedida pelos clientes, entre eles caminhoneiros.

O local está situado estrategicamente bem ao lado do estacionamento do porto, limitado por uma cerca de tela. Poucos metros separam os caminhoneiros dos bares existentes – identificados pela luz vermelha, na varanda –, onde eles conseguem drogas e sexo.

Na madrugada de 22 de abril, quando as equipes do **Correio do Povo** e da TV Record RS estiveram no lugar, estava tudo vazio. Na manhã daquele dia, a Polícia havia dado uma batida e afastado os frequentadores.

> Caminhoneiros encomendam rebite, cocaína, meninas ou meninos. Basta um telefonema.

MAURO SCHAEFER



Aviãozinho do narcotráfico esbarra com PMs e vai preso, em Uruguaiana

O lugar é um mundo à parte. Ruas de chão batido e com o esgoto correndo a céu aberto, malocas se aglomeram na parte dos fundos do terreno dos "bares" ou junto deles. Nas festas promovidas há oferta de drogas e garotas, muitas adolescentes.

Em 23 de abril, uma ação do Batalhão de Áreas Turísticas de Fronteira prendeu um rapaz de 26 anos, suspeito de ser um "aviãozinho" – gíria usada para definir o mensageiro do traficante. Os PMs seguiam na direção da BR 290, quando avistaram o rapaz, numa motocicleta, seguindo na direção oposta. Assustado com os policiais, empreendeu maior velocidade. Foi preso logo depois. Não foi encontrada droga com ele. Possivelmente, jogou fora. Na agenda de seu celular estavam gravados números de traficantes da cidade.

MAURO SCHAEFER



Profissionais do sexo oferecem drogas a caminhoneiros e particulares

PROMISCUIDADE

Travestis atuam no tráfico

Em Santa Catarina, travestis se arriscam na BR 470, quase no acesso a Blumenau. Eles, segundo um comerciante da região, servem como revendedores de drogas. Automóveis e caminhões começam a parar no local no final da noite. No lugar há uma parada de ônibus, que é usada para descansar por alguns travestis ou para negociar com algum cliente que se disponha a descer do veículo.

Sexo e drogas podem ser comprados a qualquer momento, mas tudo a dinheiro vivo. Os travestis, inclusive, se arriscam ao cruzar a rodovia para falar com algum interessado do outro lado da pista. A estrada é muito movimentada, pois além de levar a Blumenau, é a rota para se chegar em Itajaí. E o lugar é pouco iluminado, propiciando aos "clientes" um certo anonimato, pois também fica distante do Centro de Blumenau.

"É algo incrível", diz o comerciante, estabelecido nas proximidades. "Fazem de tudo e neste local, sem se importar com quem está por perto", reclama. O comerciante relata que, em certos dias, a área lateral do estabelecimento amanhece recheada de preservativos. Outros moradores da área também reclamam do barulho feito pelos caminhões, provocado pelas freadas ou arrancadas.

Futebol » Felipão define hoje seus convocados para a Copa do Mundo » **Última página**

CORREIO DO POVO

ANO 119 | Nº 219 PORTO ALEGRE, **QUARTA-FEIRA**, 7 DE MAIO DE 2014 SC, PR - R$ 2,00 | **RS - R$ 1,50**

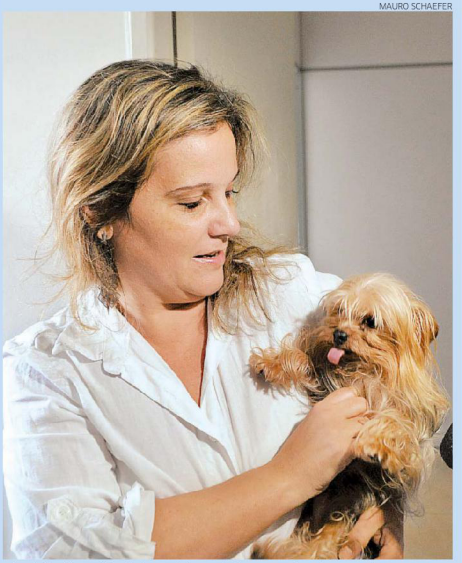
MAURO SCHAEFER



BUFÊ DE **DROGAS** NAS ESTRADAS

Página 20

MAURO SCHAEFER

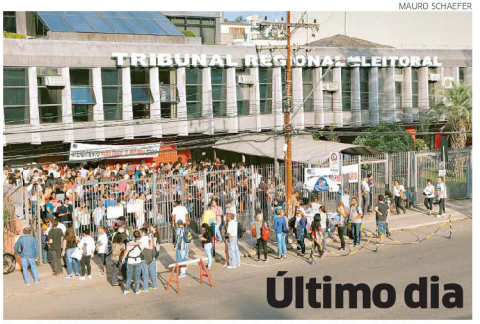


Cãozinho ficou 'detido' em delegacia à espera dos donos **PÁGINA 19**

Doze horas sem Chilly

Família reencontra cão roubado

MAURO SCHAEFER



Último dia

Termina hoje prazo para regularização do título de eleitor **PÁGINA 3**

CASO BERNARDO

Negada liberdade ao pai do menino

O desembargador da 3ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Nereu José Giacomolli, negou na tarde de ontem o pedido de *habeas corpus* em favor de Leandro Boldrini, preso temporariamente desde 14 de abril por suspeita de envolvimento na morte do filho, Bernardo Boldrini, de 11 anos. A defesa sustentou que a mulher de Leandro e madrasta do menino, Graciele Ugolini, e a amiga do casal, Edelvânia Wirganovicz, inocentaram o médico em depoimentos recentemente prestados à Polícia. No despacho que manteve a prisão, o desembargador registrou que o médico foi detido sob o fundamento na necessidade de privação de liberdade durante a investigação criminal, que ainda está em andamento. **PÁGINA 21**

Porto Alegre

Idoso morre atropelado após tropeço em buraco de calçada **Página 18**

Trensurb

Novas estações passam a cobrar

A partir de amanhã, as três novas estações da Trensurb – Industrial, Fenac e Novo Hamburgo – passarão a cobrar a tarifa dos usuários. As estações continuarão com testes de ajustes de sinalização. **PÁGINA 16**

ClassiCorreio EXPRESSO do Povo
As ofertas mais quentes estão aqui.

Especial

Edição: **Luciamem Winck**
Textos: **Paulo Roberto Tavares**
Fotos: **Mauro Schaefer**
Apoio: **Jáder Teixeira Filho**
Diagramação: **Jonathas Costa**

Encontro debate Lei do Motorista

■ A Associação Brasileira de Transportadores Internacionais (ABTI) realizará, no dia 16 de maio, o Seminário do Transporte Internacional em Direito do Trabalho, com abordagem a lei 12.619 – Lei do Motorista. O evento contará com apoio do SEST Senat Uruguaiana e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) do município. O objetivo é abrir espaço para debater a Lei do Motorista.

> A situação está pior. Os caminhoneiros passaram a usar drogas pesadas.
>
> **Paulo Douglas**
> Procurador do MPT/MS

Farmácias argentinas denunciam

■ Apesar de ser considerado fácil conseguir comprar rebite na Argentina, os traficantes e caminhoneiros têm que vencer uma barreira antes de conseguir os comprimidos. Segundo João Odilei, caminhoneiro aposentado, morador de Uruguaiana, não é tão simples. Em Paso de Los Libres, os atendentes das farmácias ficam atentos e denunciam os brasileiros que compram os remédios para emagrecer.

ZUMBIS NO VOLANTE

Caminhoneiros usam *crack* no centro do país

Uso de entorpecentes e barbitúricos foi detectado por autoridades do MPT

A TV Record exibe nesta quarta-feira, em seus telejornais, a última reportagem da série 'zumbis' no volante.

Enquanto alguns caminhoneiros no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina migram para a cocaína, no centro do país, a situação está mais grave. O alerta é do procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT) de Campo Grande (MS), Paulo Douglas. Além do *crack*, os motoristas também estão se valendo de barbitúricos, tóxicos conseguidos mais baratos nas estradas brasileiras. Douglas também é o coordenador nacional para a implantação da Lei do Descanso – ainda em trâmite – no âmbito dos MPTs.

Douglas lembra que, em 2007, ele e sua equipe fizeram uma pesquisa em Rondonópolis (SP), local de passagens de caminhoneiros, vindos de várias regiões do país. Na época, segundo ele, foi detectada a tendência da migração do rebite para a cocaína. "Agora, passados sete anos, a situação está ainda mais crítica", comenta o promotor de Justiça. "Parte dos caminhoneiros está usando drogas mais pesadas, como barbitúricos e *crack*." A justificativa, no entanto, ainda é a mesma: o cumprimento do horário. Para o promotor de Justiça, a implantação da Lei do Descanso é importante. No entanto, Douglas critica o atual texto, que subverte o que era pretendido na proposta original. "O texto preconiza uma parada de descanso de oito horas", explica. "Esse tempo não dá para o motorista jantar, tomar banho e tudo mais, de uma maneira civilizada", considera.

Douglas ressalta, também, que em um dos artigos da lei está escrito que se não tiver um local com segurança, o caminhoneiro não precisará cumprir a obrigatoriedade de parar para descansar. O motorista poderá seguir em frente e mais adiante, se encontrar algum lugar que considerar seguro, poderá descansar. Outro item é se a carga carregada for viva (gado, galinha), e esta precisar chegar viva ao destino, também não haverá a obrigatoriedade de cumprir o horário regulamentar de descanso.

Para o procurador é evidente que se a viagem não for planejada pela empresa, possivelmente, o motorista estará em local inseguro durante a jornada. O promotor acredita que a lei deve ser prestigiada, até para que locais para o descanso dos caminhoneiros sejam construídos e eles possam parar para descansar. "Quando começar a vigorar a norma (da obrigatoriedade do descanso), acabará sendo criado um nicho de negócios desse tipo", considera. "Se não houver a lei, apenas expectativa, qual o empresário que vai construir um local para parada de caminhoneiros que seja adequado?"

MAURO SCHAEFER



Para o procurador do MPT, é necessário que a Lei do Descanso seja prestigiada para que motoristas possam encontrar locais decentes para descansar

>> Perigo de morte

MAURO SCHAEFER



■ Um dos riscos nas estradas, além do leito das rodovias que estão em péssimo estado, são os caminhoneiros que dirigem com sono ou tomam substâncias tóxicas para impedir o sono. Via de regra, os motoristas que ingerem drogas tendem a ficar com os reflexos lentos e mais desatentos quanto à movimentação na estrada. Os que são obesos têm uma predisposição para sentir sonolência em alguns momentos. Tanto o rebite, que é um remédio inibidor do apetite e que só pode ser comprado com receita médica, e a cocaína, provocam efeitos como esgotamento físico e irritação, o que aumenta muito o risco de que sejam provocados graves acidentes.

CAMINHONEIROS DOPADOS

Dificuldade de constatar e controlar

PRF

■ Segundo o chefe operacional no Rio Grande do Sul da instituição, inspetor Alfonso Willenbring Junior, a identificação de caminhoneiros dopados é muito difícil de comprovar. Não é como o álcool, que o bafômetro acusa o grau de embriaguez. Um dos itens para perceber que o motorista está sob o efeito de uma substância tóxica é observar o seu comportamento, sempre alterado e abusando da velocidade. "Os caminhoneiros, que usam a droga, tomam em um posto. Não carregam consigo."

> Aquele caminhoneiro, que é autônomo e que toma rebite, tem que sair da estrada. Não ser mais contratado para o transporte de carga. Somos radicalmente contra o rebite ou qualquer outra droga.
>
> **Éder Dal'Lago**
> Presidente da Fecam

Fecam

■ O presidente da Federação dos Caminhoneiros Autônomos dos Estados do RS e SC, Éder Dal'Lago, se posicionou contrário ao texto da Lei do Descanso, aprovado pelo Senado. De acordo com ele, os caminhoneiros não encontram locais adequados para descansar, além de não poderem estacionar à beira da estrada ou nos postos da PRF. Em muitos postos, se o caminhoneiro não abastecer, ele não tem a permissão para estacionar. "Aquele caminhoneiro autônomo que toma rebite ou cheira coca, tem que sair da estrada", afirmou Dal'Lago.

Sindimercosul

■ O Sindicato dos Trabalhadores em Transporte de Carga Internacional considera que o uso de anfetaminas ou de drogas mais pesadas é consequência da carga horária desumana que o caminhoneiro tem que cumprir. O presidente da entidade, Jorge Frizzo, diz que as empresas contratam os fretes e estipulam os horários. Não se importam se a tabela é exequível. Muitas transportadoras aplicam multas aos profissionais que não conseguem cumprir o horário. "O profissional roda 27 horas e depois que descarrega tem que retornar ao Brasil com outra carga."

CRBM

■ Já existe um equipamento para detectar se o motorista está sob influência de drogas. O titular do Comando Rodoviário da Brigada Militar (CRBM), coronel Fernando Alberto Moreira, disse que a corporação pretende comprar um desses. Segundo ele, se algum caminhoneiro for flagrado com o remédio moderador de apetite terá que apresentar a receita médica. "Caso contrário, é levado à DP, o comprimido apreendido, e ele terá que provar que pode continuar a dirigir para ser liberado."

Setcergs

■ O presidente da entidade, Sérgio Neto, diz que o problema é de conhecimento de todos. O Setcergs, salienta ele, tem vários programas de combate ao uso tanto de drogas como do álcool. Segundo ele, quem usa mais o rebite ou a cocaína é o motorista autônomo, não os motoristas de uma empresa, que têm carteira de trabalho assinada. Ele considera um absurdo um motorista dirigir sob efeito de tóxicos, principalmente um veículo pesado como o caminhão. Neto elogiou a Lei do Descanso, considerando-a um marco para a categoria.

OPINIÃO **Paulo Tavares**



Pé na estrada

Quando a chefe de Produção do **Correio do Povo**, Luciamem Winck, convidou-me para fazer a série "Zumbis" nas estradas não tive dúvida em aceitar. Era uma oportunidade de rodar pelo RS e SC, tendo contato com o povo. Junto com o repórter fotográfico Mauro Schafer, o motorista Jáder Teixeira Filho e o jornalista da TV Record RS Sandro Faser, partimos para a jornada. Destino: Uruguaiana. Na favela onde ocorre a venda de rebite e coca, por mais estranho que pareça, o nosso primeiro contato não foi com as drogas, mas, sim, com a miséria. Esta nos acompanhou por toda a viagem, onde pudemos sentir de perto a degradação das pessoas que lutam para sobreviver, submetendo-se a traficantes ou vendendo, às vezes, o único bem que possuem: o corpo. E, nesse aspecto, não são apenas as garotas, os meninos adolescentes também estão nesse mercado.

ESPECIAL
Confira homenagem a CR pelos dez anos do Caderno de Domingo

Tribuna de Minas

FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES | JUIZ DE FORA, **DOMINGO**, 2 DE NOVEMBRO DE 2014 | ANO XXXIV - Nº 6716 - R$ 2,90

www.tribunademinas.com.br

Celebrações especiais para Dia de Finados

Várias missas serão celebradas hoje nos cemitérios, capelas e igrejas da cidade, marcando o Dia de Finados. Funcionários estarão de prontidão para ajudar na localização de jazigos. Um esquema especial de trânsito está em operação no entorno dos cemitérios Municipal e Parque da Saudade. **PÁGINA 4**

Para onde ir depois de formado

Juiz de Fora não tem condições de absorver todos os profissionais graduados aqui, mas os motivos que levam um recém-formado a optar por ficar na cidade ou escolher outro município para atuar dependem de muitos fatores. Especialistas apontam o que pesa na hora da escolha. **PÁGINA 7**

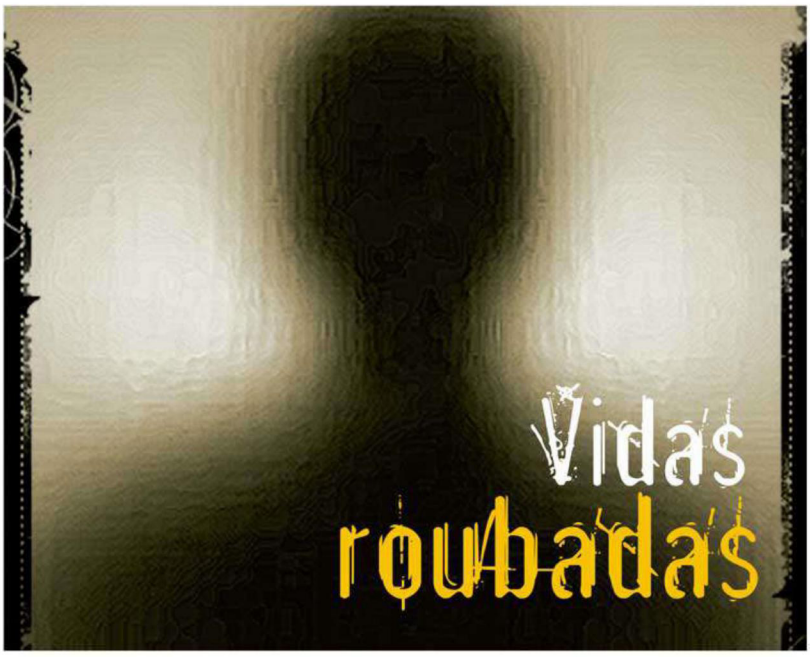
Jovem de 17 anos é estuprada

Adolescente foi abordada ao sair de casa no Bairro Teixeiras, por volta das 6h, quando ia em direção ao trabalho. Vítima reconheceu agressor, também suspeito de roubo a uma residência, como um morador da vizinhança. Homem foi levado para a delegacia para prestar depoimento. **PÁGINA 4**

RESIDÊNCIAS TERAPÊUTICAS

Pacientes resgatam dignidade perdida

Cem pessoas vão deixar unidade hospitalar só este ano em JF; desinstitucionalização é debatida em série da Tribuna. **Páginas 3 e 4**



ESPORTE



MARCELO RIBEIRO/30-10-14

Ponteiro da equipe de vôlei da UFJF, Manius sonha em colocar equipe local entre as oito melhores da Superliga

Manius quer UFJF entre as melhores

PÁGINA 1

Cloves Santos analisa Tupi na Série C

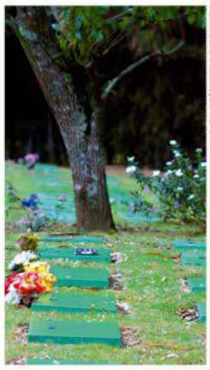
PÁGINA 4

ADJF perde e se despede da Liga Nacional

PÁGINA 3

A MORTE E A VIDA PELA LENTE DA CÂMERA

Ao recusar a morte por tentar "prender" o passado, a fotografia aborda o tema tanto na arte quanto discutindo a vida. **DOIS**



FERNANDO PRIAMO/30-10-14

OUTRAS IDEIAS COM MÁRCIA RODRIGUES

Dona de cemitério para pequenos animais, ela construiu o espaço, que conta com mais de 700 lápides, na Zona Rural de JF. **DOIS**



LEONARDO COSTA/29-10-14

RECEITA DE EMPADA DE QUEIJO SEM GLÚTEN

Alternativa para lanche, prato é sugestão de Francisco Mendonça, que promove evento sobre alimentação. **DOIS**

Urnas multiplicam nomes para 2016

Dos oito deputados estaduais e federais eleitos, quatro aparecem como potenciais candidatos à PJF. **Página 5**

DÓLAR COMERCIAL: Compra R$ 2,47 Venda R$ 2,47 PARALELO: Compra R$ 2,48 Venda R$ 2,60 TURISMO: Compra R$ 2,37 Venda R$ 2,56

RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL

Passo final na indústria da loucura

Série "Vidas roubadas" discute o processo de desinstitucionalização e os desafios de novo modelo de atendimento; só este ano, cem pessoas deixam hospital



OLAVO PRAZERES/18-09-14

DANIELA ARBEX
Repórter

Vidas roubadas

Quando o grupo chegou ao endereço da Rua Espírito Santo, no Centro, chamou a atenção de quem passava pela via. Os olhares destreinados na arte de enxergar os socialmente invisíveis exibiam incômodo. Pouco interessados no espanto alheio, dez homens que experimentaram uma existência de segregação em internações psiquiátricas de longa permanência tinham um compromisso inadiável com o futuro: conhecer a casa onde iriam morar sem amarras. Juntos, eles passaram pelo portão que dá acesso a um conjunto de apartamentos, mas, desta vez, as grades não estavam lá para proteger a sociedade da loucura deles e, sim, para afastar a violência urbana que, democraticamente, atinge a todos. Moradores de uma das dez novas residências terapêuticas em implantação no município até o final do ano, quando cem pessoas deixarão de ser pacientes da Casa de Saúde Esperança para tornarem-se usuários de serviços da cidade, eles inauguram, com atraso, uma nova fase na saúde mental: a do tratamento em liberdade.

A partir de hoje, a Tribuna publica a série "Vidas roubadas", que pretende discutir o processo de desinstitucionalização que desafia a cultura manicomial de Juiz de Fora, cidade conhecida por integrar o corredor da loucura, formado também por Barbacena e Belo Horizonte. Na década de 1980, os três municípios respondiam por 80% dos leitos psiquiátricos disponíveis no estado. Nesta época, os macro-hospícios somavam aqui quase dois mil leitos (ver quadro na página 4), a maior parte deles ocupado por pessoas que tinham como principal doença o abandono social. Trinta anos depois, restam 224 vagas na Casa de Saúde Esperança. Fundada em 1939, a unidade que está sob a gestão do Município constitui o último hospital psiquiátrico em funcionamento na cidade. A retirada dos pacientes cronificados é o passo final para o encerramento do capítulo da indústria da loucura, quando sete unidades psiquiátricas funcionavam a todo vapor, embora com qualidade questionável.

Alvo de denúncias de maus-tratos e precariedade ao longo do tempo, esses hospitais não resistiram às sucessivas denúncias e também às avaliações do Ministério da Saúde, cujos técnicos constataram atendimento abaixo do mínimo aceitável. "Como as cidades que têm parque manicomial, o município tinha uma convivência muito pacífica com os seus hospitais psiquiátricos. A maioria dos doentes foi cronificado. Por isso, não há como diferenciar a doença mental da doença da instituição", aponta a chefe do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Saúde, Andréia Stenner. Ela destaca que uma das principais propostas da reforma psiquiátrica é a extinção de leitos psiquiátricos de baixa qualidade - um modelo considerado segregador -, para a construção de serviços territorializados, inseridos dentro da comunidade, que visem à preservação do convívio social. Outra vertente é a garantia da oferta de leitos de referência em saúde mental nos hospitais gerais.

Mas onde estão os pacientes das instituições que foram fechadas ao longo do tempo? Como eles sobrevivem fora dos muros hospitalares? Qual é a situação da rede de serviços que se propõe a construir modelos mais humanizados de assistência e o que fazer para atender pessoas em surto dentro dessa nova realidade? Durante 30 dias, a Tribuna tentou encontrar respostas para essas questões, dando origem a quatro reportagens sobre o tema. Nenhuma delas, porém, pretende encerrar o assunto. Pelo contrário. Talvez marquem o início de novas dúvidas e discussões.

Para o coordenador nacional de Saúde Mental e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori, Juiz de Fora, assim como outros municípios brasileiros, passa por um processo de aprendizagem na questão dos direitos da pessoa com transtorno mental. Embora ele veja um descompasso entre aquilo que se pretende fazer e o que está efetivamente em execução na cidade, Tykanori classifica como positivo o engajamento da Secretaria de Saúde e de seus técnicos no processo de desinstitucionalização, que tem como proposta a implantação de serviços capazes de devolver a autonomia do sujeito. "A vontade política só não basta. Tem que trocar o pneu com o carro andando, e isso traz problemas, turbulências no trajeto e nem sempre é tão ágil e fácil como a gente gostaria. Mas os ganhos que se obtêm na construção das Redes de Atenção Psicossocial (Raps), na implantação tanto das residências terapêuticas, quanto dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), vão mudando a cara da cidade", acredita.

Leia mais na página 4

Continuação da página 3



FOTOS: OLAVO PRAZERES/18/09/14

Pacientes passeiam pelos cômodos da nova moradia. Waltencir Medeiros (ao centro) ainda escolheu o quarto e a cama que mais gostou

Residência terapêutica: casa nova, vida nova

"Casa nova. Vou ficar chique", comenta o homem à beira da escada que leva ao segundo piso do imóvel de cinco quartos. Internado por 31 anos, o paciente não lembra a própria idade e também não consegue dimensionar as perdas que teve. Como o contato social ainda é raridade para José da Silva, a saída do hospital para a primeira visita à residência terapêutica onde vai morar com outros nove pacientes é feita assim, com chinelo de dedo com um pé de cada par. Vestindo peças de roupas emprestadas dos outros internos que ficaram na Casa de Saúde Esperança, onde 159 homens e 61 mulheres ainda estão institucionalizados, ele demonstra curiosidade sobre o novo endereço. No antigo, restam 224 pessoas, mas somente 70 delas recebem visita semanal das famílias, o que corresponde a 31%. Aliás, a perda dos laços afetivos é uma das características das internações de longa permanência. Pacientes que recebem visitas de parentes, mas ainda assim estão institucionalizados há mais de 20 anos, têm a situação de abandono configurada para o Ministério da Saúde.

Esta é uma realidade experimentada pela maioria dos internos do Esperança. E, mesmo vivendo precariamente, muitos deles temem a mudança da antiga rotina. Por isso, a visita ao lugar onde os dez pacientes vão viver daqui para a frente começa tímida. Aos poucos, porém, os candidatos a moradores vão se apropriando do espaço. O processo de reconhecimento de terreno tem continuidade na escolha dos quartos onde eles deverão iniciar o resgate da individualidade. "Eles vêm conhecer a casa antes até da chegada dos móveis. É pensada toda a estratégia para a residência, até em termos de quem vai morar nela. Esse imóvel, por exemplo, foi pensado para pessoas com perfil para morar no Centro, a fim de que possam se beneficiar das atividades do Pró-Idoso, por exemplo. Esse trabalho é feito ainda dentro do hospital, porque o início da adaptação já começa lá dentro", explica Taísa de Araújo Serpa, psicóloga da Associação Casa Viva.

Pacientes começam a deixar Casa de Saúde Esperança, onde ainda estão 159 homens e 61 mulheres

Primeiras impressões

Nessa primeira visita à residência terapêutica, Waltencir Medeiros, 64 anos, não só elegeu um cômodo, mas sentiu-se à vontade para deitar na cama cujo colchão ainda estava no plástico. Ficou parado por vários minutos, tentando ouvir o que para ele era novidade: o silêncio. Pai de quatro filhos, Waltencir passou pela primeira internação psiquiátrica há 30 anos, em função de problemas com a bebida. Mas o que deveria ter caráter transitório, acabou tornando-se permanente. E, diante da oportunidade de deixar a unidade hospitalar após três décadas, ele resiste. "Queria passar mais um tempo lá, para conseguir pagar a conta da cantina. Devo dois refrigerantes", diz.

Outro membro do grupo afirma que adorou a casa, mas que não pode ir morar lá. "Não tenho dinheiro para comprá-la", respondeu, sem compreender de imediato que a mudança marca a nova fase da sua vida. Impressionado com o local, Joel Venâncio destaca os benefícios, embora demonstre receio de deixar o hospital. "Aqui é um lugarzinho muito bom. É limpo. O pior do hospital é que a gente fica preso. Mas na rua é muito perigoso, a gente sofre muito. Já fui muito maltratado por aí." A psicóloga Kelly Fabiane de Freitas Miranda lembra que o medo é um sentimento comum na sociedade. "Todo mundo tem medo do novo, e eles também. Mas as residências são um resgate da cidadania. Dentro das suas complexidades e do seu perfil, todos são capazes de viver em sociedade. Nesse novo modelo, o que se busca é a humanização da assistência."

Resgate da juventude

André de Jesus Silva, 31, tem pressa em se mudar. Há cinco anos internado em função de problemas mentais e uso de drogas psicoativas, ele enxerga na residência uma chance de resgatar os anos de juventude perdidos. Animado, percorreu cada canto da residência da Rua Espírito Santo. Quando alcançou a área externa do apartamento, animou-se: "Será que vai dar para fazer churrasquinho aqui?", questiona, arrancando risos da equipe técnica da ONG Associação Casa Viva, uma das responsáveis pela manutenção, por meio de convênio com a Prefeitura, de dez das 22 residências terapêuticas de Juiz de Fora. Do total, 19 já estão em funcionamento e outras três em processo de implantação.

Para José dos Passos, 54, que já chegou a viver na rua, o novo endereço pode ajudar a superar as dores do passado. "Minha história é triste. Prefiro não contar", comenta o homem internado pela primeira vez em 1983.

Paciente quer resgatar cidadania

José da Silva, 61 anos, também quer deixar para trás mais de três décadas de isolamento nos hospitais psiquiátricos por onde passou. "Isso é uma casa de verdade", diz, sorrindo, o homem que nunca teve realmente um lar. Quando criança, Silva e os três irmãos foram abandonados pela mãe e deixados sozinhos em um casebre na Zona Rural de Bicas. Ficaram por dias sem comida e sem a supervisão de um adulto, até que foram resgatados por vizinhos. Logo depois, eles foram separados, já que cada um foi entregue a uma família diferente. Um dos irmãos de José teve as mãos queimadas pela mulher que o criou como forma de castigo após o menino "mexer nas coisas dos outros".

Já José ficou com Tereza de Paula Oliveira, aposentada que ainda reside em Bicas e hoje tem 76 anos. Segundo ela, o filho de criação teve o primeiro surto psiquiátrico aos 17 anos, quando tentou agredir o marido dela. De Bicas, ele foi mandado para Barbacena, onde foi internado no Hospital Colônia, lugar que registrou a morte de 60 mil pessoas entre 1903 e 1980. "Como lá era muito triste, e ele sentia saudade de nós, eu o trouxe de volta para casa, mas os episódios de violência continuaram", revela Tereza, mulher analfabeta que passou a vida trabalhando na roça em colheitas de milho e arroz.

Trazido para Juiz de Fora, José passou a morar nos hospitais psiquiátricos. Atualmente, o benefício dele, cerca de um salário mínimo, é recebido pelo marido de Tereza e, segundo ela, gasto na compra de roupas, remédios e contas feitas na cantina das unidades por onde José passou. "Na próxima vez que o visitarmos, vamos levar um radinho. Foi um pedido dele", comentou Tereza. O rádio não deverá ser entregue na Casa de Saúde Esperança. Agora José da Silva tem endereço.



Grupo visita futura moradia depois de anos de internação

RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL

1984

Juiz de Fora contava com **1.723 leitos** em seis hospitais psiquiátricos. Não havia centros de atenção psicossocial (Caps)

2004

As vagas foram reduzidas para **580**, mas, na época, o dinheiro economizado com a extinção dos leitos psiquiátricos de baixa qualidade não foi reinvestido no setor. A cidade contava com apenas um Caps e uma residência terapêutica. Dois anos depois, foi criado o primeiro e único centro de convivência do Departamento de Saúde Mental

2014

Com o fechamento dos hospitais Cedofeita, Serro Azul, São Marcos, Clínica Pinho Masini, Aragão Villar e São Domingos, restam hoje **224 leitos** psiquiátricos na Casa de Saúde Esperança, cuja gestão foi assumida pelo município no ano anterior. Atualmente, Juiz de Fora possui cinco Caps, dois com funcionamento 24 horas e outro em transição para este modelo, além de 19 residências terapêuticas com 190 moradores. Outras três estão sendo implantadas



Chegada ao novo lar traz a expectativa da retomada de um cotidiano que se perdeu

'Sem história, eles têm vidas roubadas'

A residência terapêutica tem o objetivo de retomar a autonomia através de conquistas mínimas de um cotidiano que se perdeu. Esta é a forma como a chefe do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Saúde, Andréia Stenner, define o trabalho das moradias assistidas. Todas contam com cuidadores que ajudam a gerir a residência, fazendo o papel de mediadores. Embora o objetivo seja garantir que os moradores tenham, como qualquer outro cidadão, uma rotina doméstica, a contratação de técnicos de enfermagem é exigida por lei, para a garantia dos cuidados clínicos que se fizerem necessários e encaminhamento para a rede de atenção em saúde quando isso se fizer necessário. Outra exigência é que as residências tenham técnicos de nível superior com referência em saúde mental para acompanhar os casos e levantar as demandas psicossociais, que incluem a construção de projetos terapêuticos individuais. Cada residência tem cerca de dez moradores, e sua manutenção custa em média R$ 20 mil por mês, repassados pelo Ministério da Saúde.

De acordo com Taísa de Araújo Serpa, psicóloga da Associação Casa Viva, o passo mais importante na passagem de paciente para morador é a aposta em cada um. "Noventa por cento das pessoas que a gente retira dos hospitais saem de lá com a roupa do corpo. Já chegamos a buscar pessoas descalças. A primeira coisa que fazemos quando eles chegam nas residências terapêuticas é acabar com a uniformidade que ocorre nos manicômios, onde ninguém tem roupa, nem história, onde, literalmente, se tem vidas roubadas. Por isso, o trabalho nas residências é de devolver a cidadania e a autonomia, seja lá qual for a palavra de ordem da reforma psiquiátrica. Não se rompe com a lógica manicomial sem respeito à individualidade."

Adolescente de 17 anos é estuprada

Uma adolescente de 17 anos foi vítima de estupro na manhã de sábado. Conforme informações da Polícia Militar (PM), pouco antes das 6h, a jovem saía de casa para o trabalho, quando foi abordada por um homem armado, que a levou até um local em obras e a obrigou a manter relações sexuais com ele, que fugiu com o celular da vítima.

O estupro aconteceu na Rua João Moreira da Rocha, no Bairro Teixeiras. Segundo a PM, a jovem retornou para casa, e a mãe acionou a polícia. A adolescente reconheceu o autor, que moraria próximo à casa dela, e informou o nome dele à polícia. Durante o rastreamento - e de posse das características do suspeito - a PM teve informações de que o mesmo homem havia praticado um roubo à residência na Rua Porfírio Barbosa de Albuquerque, também no Teixeiras. Ele abordou a moradora com uma faca e levou o celular da segunda vítima, que não ficou ferida.

Segundo o tenente do 27º Batalhão Luiz Orione Delage, durante a busca, foi recebida a informação de que o suspeito havia retornado para a sua casa, onde foi encontrado escondido debaixo da cama. O homem foi encaminhado à 1ª Delegacia Regional de Polícia Civil, para prestar esclarecimentos. A jovem foi levada para o Hospital de Pronto Socorro (HPS), onde fez exames e foi medicada.

Celebrações especiais no Finados

Para homenagear os mortos, paróquias e cemitérios preparam uma programação especial. No Cemitério Municipal, no Poço Rico, que completa hoje 150 anos de fundação, haverá missas às 8h, 10h, 13h, 15h e 17h. Já no Parque da Saudade, no Santa Terezinha, as serão realizadas às 10h e às 15h.

Na Paróquia Nossa Senhora da Glória, que abriga o cemitério homônimo, na região central, as missas acontecem às 7h, 10h, 17h e 19h30. Às 8h30, a celebração ocorre no cemitério da igreja. Já na Capela São Roque, haverá missa às 9h. No Cemitério São Pedro, na Cidade Alta, o culto acontece às 9h30. Na paróquia homônima, a missa será às 18h. Além disso, haverá celebrações na Catedral às 7h, 8h30, 10h, 11h30, 16h, 18h e 19h30.

O trânsito no entorno dos cemitérios opera com modificações. No Poço Rico, a Rua Osório de Almeida está interditada entre a alça da Praça da República e a Rua Viscondessa de Cavalcanti. Já em Santa Terezinha, a Avenida Alencar Tristão, entre a Rui Barbosa e a Praça Santos Marcão, também funciona em mão dupla. Para acessar o Parque da Saudade, os veículos que saírem do Bandeirantes devem seguir pela Rua Grão Mogol (Ponte Vermelha), Avenida Rui Barbosa, ruas Santa Terezinha, Doutor José Eutrópio, Humberto de Campos e avenidas Rui Barbosa e Alencar Tristão.

Suspeito de crimes é preso em JF

Em uma operação conjunta entre as polícias civil de Cataguases, Leopoldina e Juiz de Fora, um homem de 22 anos, suspeito da prática de crimes em Cataguases, foi localizado na cidade. A operação foi realizada por volta das 17h de sexta-feira e envolveu nove investigadores dos três municípios.

Ele foi localizado na casa de uma tia no São Pedro. Durante a ação, ele teria tentado se esconder dentro da casa, mas foi preso e conduzido para a Delegacia Regional de Leopoldina.

Tribuna de Minas

FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES | JUIZ DE FORA, **TERÇA-FEIRA**, 4 DE NOVEMBRO DE 2014 | ANO XXXIV - Nº 6717 - R$ 1,70

www.tribunademinas.com.br

DESRESPEITO NAS RUAS

Ciclistas ignoram leis e abusam da velocidade

Condutores de bicicletas são flagrados por radares desrespeitando velocidade máxima e ultrapassando semáforos. Situação preocupa especialistas. **Página 3**



LEONARDO COSTA/09-10-14

Homem pedala em alta velocidade pela faixa divisória de pista da Avenida Itamar Franco, no Cascatinha, e tenta frear bicicleta com o pé, fazendo faísca

CONCURSO OFERECE SALÁRIOS DE R$ 16 MIL

DPU abre inscrições para defensor público federal. Prefeitura de Visconde do Rio Branco também tem seleção aberta. **PÁGINA 5**

CONTRIBUINTE PODE FAZER RASCUNHO DO IR 2015

Aplicativo lançado pela Receita Federal e já disponível permite que a declaração seja preenchida durante todo o ano. **PÁGINA 5**

MOSTRA DE FOTOS DE ALFREDO FERREIRA LAGE

Artista registrou paisagens, cenas cotidianas e poses artísticas no início do século XX, que integram mostra na UFJF. **DOIS**

GARAGEM GASTROBAR VENCE JF SABOR

Comandado pelo chef Pablo Oazen, restaurante leva 1º lugar nas categorias prato e sobremesa; Savoir-faire fica em segundo. **DOIS**

Deputado eleito, Isauro quer atuar pela Zona da Mata

PÁGINA 7

Um assassinato e três tentativas de homicídio no fim de semana

PÁGINA 3

Balança comercial tem pior outubro em 16 anos

PÁGINA 5

Furtos no cemitério



Depois do Dia de Finados, visitantes denunciam ação de vândalos e ladrões no Municipal. Página 3



Pacientes buscam resgate da cidadania

Após anos de internação em unidades psiquiátricas, luta é para recuperar identidade e direitos. **Página 4**

DÓLAR COMERCIAL: Compra R$ 2,50 Venda R$ 2,50 PARALELO: Compra R$ 2,52 Venda R$ 2,61 TURISMO: Compra R$ 2,42 Venda R$ 2,61

RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL

Busca por um lugar na sociedade

Sem referência após permanecerem longos anos em hospitais, ex-pacientes psiquiátricos agora querem retomar suas identidades

DANIELA ARBEX
Repórter



Em 1983, quando Fernando Carneiro de Andrade, na época com 31 anos, foi internado em um hospital psiquiátrico da cidade, em função de problemas com bebida, ele trabalhava na empresa de tecnologia Ericsson. Naquele ano, o Governo federal decretava uma maxidesvalorização do Cruzeiro, unidade monetária do país. No esporte, o piloto Nelson Piquet tornava-se bicampeão mundial de Fórmula 1. Já o cantor Michael Jackson apresentava ao planeta sua lendária música "Billie Jean", o single mais vendido do período. Em 2013, quando o técnico em eletrotécnica encerrou, então aos 60 anos, o ciclo de sucessivas internações - Fernando é o último paciente a deixar o Hospital São Domingos, fechado, no ano passado, em função de irregularidades no atendimento -, ele deparou-se com um mundo completamente diferente do que conhecia. No lugar do Cruzeiro, encontrou o Real como moeda brasileira. Nas pistas de corrida, o britânico Lewis Hamilton, o primeiro piloto negro campeão da Fórmula 1, estreava pela equipe Mercedes. Já o rei do pop estava morto há quatro anos. Ao ser resgatado do São Domingos e colocado em uma residência terapêutica, Fernando não tinha perdido só o contato com a realidade, mas também todos os seus documentos, tornando-se invisível para o mundo. Desde então, ele e outros 190 residentes de moradias assistidas lutam para conseguir um lugar na sociedade. Ao todo, 19 residências terapêuticas estão em funcionamento em Juiz de Fora, enquanto outras três passam pela fase de implantação.

"No hospital, eu me sentia horrível, porque tomava medicação pesada e ficava a maior parte do tempo deitado. Era muito desesperador. A situação ficou ainda pior no período que antecedeu o fechamento, já que o São Domingos estava sem estrutura e com uma alimentação sofrível. Também não havia boa assistência psicológica. Quando deixei a unidade, estava me sentindo uma pessoa inexistente para o mundo. Tinha perdido toda minha documentação. Ser inexistente é não ter referência nenhuma, não saber como vai ser o dia de amanhã, o que fazer para sair daquela situação, para onde ir e o que irá encontrar. É horrível olhar sua vida passada e ver que não se tem praticamente referência nenhuma do que você foi", desabafa Fernando, que é formado pela Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro. Além da formação técnica, ele chegou a cursar dois anos de engenharia na Universidade Santa Úrsula, instituição privada do Rio. Em Juiz de Fora, frequentou o ginásio no Colégio dos Jesuítas e morou no Bairu, em uma casa confortável e com um belo quintal que podia ser visto da janela do seu quarto.

Mesmo sem renda, Fernando tenta enxergar um futuro para ele, que está hoje numa residência terapêutica

O contato com a bebida se deu no início da adolescência, mas só aos 30 anos de idade, quando já estava doente, é que ele percebeu sua dependência. Neste momento, começou um ciclo de sucessivas internações. "Minha vida se resumiu a internações e recaídas", comenta. Também morou na rua por dois anos. "É muito difícil viver na rua, por não ter lugar para dormir, comer, nem o que vestir. É humilhante. Para qualquer pessoa que já teve a condição de vida que eu tive, chegar a esse fundo de poço é humilhante mesmo. Na rua, a gente se afunda mais no álcool. A bebida é uma fuga. Você se embriaga, dorme em qualquer lugar. Quando estava sóbrio, eu olhava para mim e via um lixo humano. Hoje não me sinto mais assim, mas como uma pessoa que perdeu muitas coisas que não tem como recuperar", revela.



DANIELA ARBEX/05-10-14

> **Me senti como um cidadão brasileiro, novamente, podendo colaborar com a democracia desse país. Estou feliz em voltar à sociedade aos poucos**
>
> Fernando Carneiro de Andrade, ao votar no primeiro turno das eleições

Perda dos laços afetivos

Quando saiu do São Domingos pela última vez, o ex-paciente havia perdido o contato com os dois irmãos. A situação foi agravada com a morte da mãe, em 2010. Dentro do hospital, ele só recebeu a notícia do falecimento da genitora meses depois do enterro dela. "Foi muito duro não poder enterrar a minha mãe. Eu gostaria de ter me despedido. Se eu pudesse, teria pedido perdão a ela", afirma Fernando, embora saiba que ela já o havia perdoado em vida. "Eu é que não me perdoo, porque, no fundo, sou responsável pela minha drogadição. Eu procurei socorro várias vezes, no AA (Alcoólicos Anônimos), na Igreja, mas não consegui fugir. É difícil viver com culpa, porque não se tem uma maneira de reconstruir as coisas. Não há como reatar os contatos íntimos com as pessoas que eu queria bem, que gostavam de mim. Estou afastado delas há muito tempo, eu perdi os laços afetivos completamente."

Mesmo sem nenhum tipo de renda atualmente, Fernando tenta enxergar um futuro. Diz que ainda se sente "preso" na residência terapêutica, por não conseguir retomar uma rotina. Através da Associação Casa Viva, no entanto, ele conseguiu tirar outra vez a carteira de identidade e a certidão de nascimento e regularizou sua situação no cartório eleitoral, já que não votava há 16 anos. Por isso, no primeiro turno das eleições, ao apertar as teclas da urna localizada numa escola do Bairro Santa Luzia, o técnico experimentou uma pontada de esperança. "Me senti como um cidadão brasileiro, novamente, podendo colaborar com a democracia desse país. Estou feliz em voltar à sociedade aos poucos."

'Foi difícil ficar internada, senti muito medo, solidão'

Sandra Honório da Silva, 33 anos, tem menos tempo de residência terapêutica do que Fernando. Mudou-se em dezembro do ano passado para uma das dez casas sob responsabilidade da Associação Casa Viva, no Bairro Santa Luzia, Zona Sul, e, ao chegar, foi tomada de espanto. "Nossa, é uma casa comum. Estou livre do hospital", relembra, sorrindo, dez meses depois de ganhar um endereço. Para quem passou 18 dos 32 anos de idade internada em hospitais psiquiátricos da cidade, sentir alegria no lugar do medo é uma novidade com a qual ela quer se acostumar.

"É a primeira vez que não tenho uma cama e um armário de ferro", diz a ex-paciente, ao tentar descrever a experiência da moradia assistida. Filha de uma moradora de rua, Sandra ficou até os 7 anos de idade ao lado da mãe, ambas dormindo ao relento na maior parte das vezes. Aos 5 anos, elas foram morar em um imóvel cedido por uma entidade religiosa, mas, no lugar de um lar, encontrou só paredes de tijolo. Água, luz e esgoto não existiam. Para piorar, mãe e filha foram expulsas por bandidos que atearam fogo em peças de roupas penduradas no varal. Dois anos depois, com 7 anos, Sandra passou a viver com uns tios. Quando completou 13 anos, foi internada com depressão no São Marcos, hospital psiquiátrico com descredenciamento indicado pelo Ministério da Saúde em 2007, após o Programa Nacional do Sistema Hospitalar (Pnash) considerar a estrutura insatisfatória para funcionamento. De lá, migrou para o Pinho Masini, com descredenciamento anunciado pelo órgão ministerial na mesma época do São Marcos e, por último, esteve internada na Clínica Aragão Villar, fechada em janeiro de 2013 pelo mesmo motivo que as outras duas unidades. "Foi muito difícil ficar internada nesses hospitais, senti muito medo, muita solidão. Essa casa terapêutica foi uma porta aberta, pois há muito tempo eu queria sair do hospital psiquiátrico para nunca mais voltar", afirma a mulher que diz não ter encontrado apoio na família que a criou. "Nunca me senti bem na casa da minha família. A partir do momento que não se é filho, não se tem aquele amor que precisa, como o afeto de uma mãe ou de um pai. Já no hospital, conheci muitas pessoas que não precisavam estar lá, algumas com deficiência mínima, mas que seus familiares internavam em hospital psiquiátrico, porque não a queriam dentro de casa, porque não tinham amor", destaca Sandra.

Novos passos

E, apesar de ter agora o que classifica como qualidade de vida, a moradora se esforça para dar novos passos. Comprou cadernos para voltar a estudar - ela parou na sexta série do ensino fundamental -, mas, antes, precisa ser reconhecida como cidadã. Como nunca teve carteira de identidade, ela enfrentou obstáculos para retirar, aos 33 anos de idade, o seu primeiro registro geral. Foi cinco vezes à Câmara Municipal para conseguir o documento. Em uma delas, a funcionária espantou-se: "Como você conseguiu viver todos esses anos sem identidade?", perguntou a mulher. Apesar da surpresa diante da situação de Sandra, a história da ex-paciente não é exceção. Voltar a existir para a sociedade é um desafio comum para quem foi institucionalizado por longos anos.

Diante do estigma que ainda marca pessoas com transtorno mental, Sandra dá um recado. "A sociedade deveria se conscientizar e se colocar no lugar de um doente mental. Muitas vezes, ele precisa apenas de uma chance, do apoio de uma casa terapêutica. É muito bom respirar liberdade", diz. Cuidadora de uma residência terapêutica, Lúcia Cândida Oliveira, 53 anos, diz ter aprendido com os moradores a lição que Sandra quer ensinar. "Eles me ensinaram a ser mais humana, que eu posso me doar." De acordo com a psicóloga Taísa de Araújo Serpa, 33, a aposta no sujeito é o passo mais importante na transição de paciente para morador. "Acreditar que essas pessoas podem tornar-se sujeitos de direito e desejo faz toda a diferença."

Para Sandra, que agora exibe sua identidade, este é apenas o início da mudança. "Consegui uma coisa muito importante. Com certeza, este é o começo da reconstrução da minha história. Eu, que já me sentia muito importante até aqui, estou mais", diz, sorrindo. A moradora também vai tentar na Justiça o cancelamento do seu processo de curatela, que garante que o seu benefício seja recebido por uma tia que está em endereço não localizado.


OLAVO PRAZERES/24-10-14

"Muitas vezes, o doente mental precisa apenas de uma chance"



Sandra conseguiu sua primeira identidade no mês passado: é apenas o início da mudança

Necessidade de solidificar estrutura

Parece simples, mas respirar liberdade demanda a criação de uma estrutura ainda em construção em Juiz de Fora. Apesar das residências terapêuticas serem uma realidade, para elas funcionarem adequadamente, é necessário que os cuidadores passem por processo formal de capacitação, e seus moradores consigam acessar, como qualquer outro cidadão, a rede de atenção básica, que é a porta de entrada para qualquer serviço. Na prática, as unidades de atenção primária à saúde e as que integram a rede de saúde convencional precisam estar capacitadas para integrar ao atendimento os usuários da saúde mental, a fim de que eles encontrem assistência fora dos serviços especializados em psiquiatria.

"Há a necessidade de a saúde mental se reestruturar para, junto com a atenção primária, atender esses pacientes integralmente", admite a coordenadora do Departamento de Saúde Mental, Andréia Stenner. Por sua vez, a própria rede de saúde mental precisa ser remodelada para atender à recém-criada rede de atenção psicossocial, que prevê o atendimento por território e inclui os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), os serviços de residência terapêutica e a rede de atenção hospitalar, cujos leitos para a saúde mental foram pactuados junto ao Ministério da Saúde.

Desta forma, além das 22 residências terapêuticas já em término de implantação, outras deverão ser criadas. Pelo menos essa é a intenção do secretário de Saúde, José Laerte Barbosa, que recentemente fez uma chamada pública que previa até 30 novas residências em Juiz de Fora. "O Ministério da Saúde ainda não disponibilizou para nós o recurso para criar novas residências, e, além das 22, precisamos de pelo menos mais 16. Como temos recursos acumulados na saúde mental, independentemente de o ministério liberar o recurso ou não, nós vamos fazer."

Em relação à rede hospitalar, a ideia é que o Hospital João Penido reserve 25 leitos para a saúde mental para o socorro às crises e para o atendimento de intercorrências relativas ao uso de álcool e outras drogas. O Ana Nery ficaria com 24 leitos de referência e o Serviço de Urgência Psiquiátrica, no HPS, contaria com mais 20, além de 16 leitos de retaguarda dos Caps Álcool e Drogas e do Caps Casa Viva.

Tribuna de Minas

FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES | JUIZ DE FORA, **QUARTA-FEIRA**, 5 DE NOVEMBRO DE 2014 | ANO XXXIV - Nº 6718 - R$ 1,70

www.tribunademinas.com.br

1.500 VAGAS ABERTAS EM CONCURSOS EM MG E NO RJ

Inscrições podem ser feitas para certames nas prefeituras de Timóteo e Itabirito, além do Instituto Nacional do Câncer. PÁGINA 5

MORTES VIOLENTAS CHEGAM A 120 EM JF

Corpo de jovem foi encontrado com oito perfurações a tiro, na manhã de ontem, em Humaitá. Vítima não foi identificada. PÁGINA 4



MARCELO RIBEIRO

2.500 MUDAS DE ESPÉCIES NATIVAS SÃO PLANTADAS

Cinquenta militares do Exército fazem reflorestamento em área perto de duas nascentes no Barbosa Lage, Zona Norte. PÁGINA 4

FELIPE SURIAN ESTÁ DE VOLTA AO COMANDO DO TUPI

Técnico do acesso em 2013 retorna para liderar o grupo na temporada 2015. Apresentação será hoje na sede social do clube. PÁGINA 9

DESAFIO NA SAÚDE MENTAL

Assistência fora de hospitais ainda carece de estrutura

Cidade precisa consolidar rede de atendimento, que inclui os Caps; além disso, é necessária mudança para que modelo manicomial não se repita. Página 3



FERNANDO PRIAMO 04-11-14

Lojas e shoppings antecipam a decoração de Natal para tentar aumentar as vendas de fim de ano. Página 5

JF será foco de Márcio Santiago

Deputado estadual eleito com 76.551 votos em 830 cidades, Márcio Santiago (PTB) diz que pretende articular com outros parlamentares para atender a demandas de todas as regiões que o elegeram, mas vai focar sua atuação em JF e na Zona da Mata. Líder religioso, ele afirma ser um defensor da família cristã. PÁGINA 7

Aécio volta ao Senado e se diz vitorioso

Aécio Neves (PSDB) voltou ontem ao Senado acompanhado por centenas de militantes. O tucano afirmou que a derrota o fortalece na oposição e que ele e Marina Silva (PSB) perderam vencendo. Aécio diz que irá cobrar propostas do Governo e criticou pedidos de impeachment e intervenção militar. PÁGINA 7

Dirceu assina termo e vai para casa

O ex-chefe da Casa Civil da Presidência José Dirceu assinou ontem termo na Vara de Execuções Penais e foi liberado para cumprir prisão em regime aberto, já autorizado pelo Supremo Tribunal Federal na semana passada. Condenado no processo do mensalão, o ex-ministro cumpriu 11 meses e 14 dias de prisão. PÁGINA 7

Saia para todos



Durante "saiaço" na UFJF, estudantes posam com nomes de vítimas de violência contra pessoas LGBT. Dois



Falso PM com farda e simulacro de arma

Motorista que se passava por cabo, inclusive nas redes sociais, responderá no Juizado Especial. Página 4

DÓLAR COMERCIAL: Compra R$ 2,50 Venda R$ 2,50 PARALELO: Compra R$ 2,50 Venda R$ 2,66 TURISMO: Compra R$ 2,44 Venda R$ 2,64

RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL

Desafio é não reproduzir modelo de manicômios

Humanização do atendimento exige, principalmente, implantação de novas estruturas de saúde

DANIELA ARBEX
Repórter



A humanização do modelo de atendimento a pessoas com transtornos mentais exige não só mudança de paradigma, mas, principalmente, implantação de novas estruturas de saúde. Com cinco Centros de Atenção Psicossocial (Caps) em funcionamento na cidade, dois deles por 24 horas, Juiz de Fora tem ampliado a sua rede de assistência, mas ainda enfrenta o desafio de alcançar uma cobertura territorializada, que se torne capaz de atender a população em todas as regiões do município. Na prática, a região Norte, uma das mais populosas, continua desassistida de Caps, contando apenas com o Centro de Atenção em Saúde Mental do Departamento de Saúde Mental localizado na Rua Tiradentes, no Bairro Santa Helena, região central. Mesmo nas áreas onde o centro está implantado, há problemas em relação à precariedade da infraestrutura, como é o caso do Caps Infantil (Caps I).

Localizado na Rua Engenheiro Moraes Sarmento, no Santa Catarina, o Caps I funciona há seis anos em uma casa alugada, porém inadequada para o atendimento de crianças e adolescentes com transtorno mental severo e persistente. As salas estão mofadas, em função de vazamentos constantes, o mobiliário sucateado, a cozinha sem condições de uso e a brinquedoteca, que deveria oferecer momentos lúdicos, está improvisada em um cômodo pequeno, onde os brinquedos são mantidos em caixas no chão. Apesar de o Caps I estar de malas prontas para o Bom Pastor, a manutenção do serviço por tanto tempo em um local como aquele é "constrangedora", admite o próprio secretário de Saúde, José Laerte. Ele aposta, porém, que os problemas serão solucionados com a mudança para o novo endereço.

Acompanhamento

Por mês, cerca de 500 crianças são acompanhadas no ambulatório do Caps I. Outras 15 frequentam o serviço diariamente e participam das oficinas de fotografia, educação física, jogos, desenho, artesanato, jornal. A maioria dos usuários apresenta quadros graves de psicose e transtorno de conduta, além de uso de droga.

Muitos são filhos de usuários de crack que tiveram sequelas em função do uso da mãe no período gestacional e após o nascimento. Há situações de crises convulsivas na criança, em função da abstinência da droga, e outras de risco de vida, já que alguns filhos receberam droga dos pais para que dormissem. Os usuários são, em sua maioria, da classe baixa, e muitos experimentam mais do que a pobreza, mas o abandono familiar. "Muitas dessas famílias não se responsabilizam pelo filho. Eles crescem, e a gente não consegue fazer com que parentes façam adesão ao tratamento, porque estão mais preocupados com os ganhos secundários da doença", explica Márcia Andrade Amoedo, psicóloga do Caps I, referindo-se aos benefícios financeiros previstos em lei.

De acordo com a equipe, um dos casos mais impactantes registrados no Caps é o de um adolescente de 14 anos com psicose e retardo grave que foi mantido em cárcere privado pela mãe. Na casa onde ele foi encontrado, havia um quarto fechado com grades, com espaço apenas para a passagem de comida. Exatamente em função do tamanho do problema é que o Caps I deveria ser um dos mais bem equipados da cidade, oferecendo espaço digno para meninos e meninas privados não de razão, mas de amor e cuidado.



FOTOS DANIELA ARBEX

Estrutura do Caps Infantil é precária. Na brinquedoteca, improviso é evidente

Falta de médicos também é problema

O Caps é um serviço estratégico que tem como função cuidar das demandas de saúde mental dos municípios, a partir de atendimentos em atenção psicossocial de pessoas com transtornos mentais graves por meio de equipes multidisciplinares e de oficinas terapêuticas. Como um lugar de passagem, atende casos agudos. Após estabilizarem, os usuários são contrarreferenciados para as unidades de atenção primária à saúde (Uaps) de origem, devendo recorrer à rede básica de saúde do município. Criado há 23 anos, o Caps Casa Viva já superou os desafios de infraestrutura. Diferente do Caps I, o primeiro Centro de Atenção Psicossocial a entrar em funcionamento na cidade conquistou a sede própria, na Rua Antônio José Martins, no Morro da Glória. A mudança para a nova sede ocorreu em março deste ano e garantiu mais espaço para as antigas oficinas de música, artesanato, alfabetização, ateliê de escultura, entre outros.

Por semana, 60 usuários frequentam o espaço que conta ainda com um ambulatório para consultas. O problema é que faltam médicos dispostos a receber salário inferior a R$ 2 mil. Outra questão diz respeito aos oito leitos de retaguarda para o atendimento de crises. Na prática, dois deles não foram implantados porque o cômodo projetado não comporta oito camas.

De mudança

Localizado na Rua Américo Lobo, no Bairu, o Caps II Leste também está de mudança para a Rua Floriano Peixoto. Por dia, o centro realiza uma média de 35 atendimentos, sendo referência territorial para oito Uaps e outros quatro bairros que ainda não possuem cobertura de postos de saúde: Manoel Honório, Bairu, Ladeira e Vitorino Braga.

Assim como o Casa Viva e o Caps Álcool e Drogas (AD), o Leste passará a oferecer atendimento 24 horas, quando terá oito leitos de referência. "Já tivemos que encaminhar nossos usuários para o Serviço de Urgência Psiquiátrica (SUP) por falta de leitos para atender a crise, embora, muitas vezes, o problema não seja só psicopatológico, mas familiar. Numa abordagem terapêutica, a intervenção medicamentosa não é a única, muitos contornos são feitos através da palavra", explica a coordenadora Janaína Nogueira. Ela destaca que a consolidação da rede de atendimento vem sendo trabalhada através da articulação com os outros serviços de saúde e com a assistência social do município e que um dos objetivos do trabalho é fazer com que os profissionais da atenção primária se apropriem, conjuntamente com o Caps e os serviços residenciais terapêuticos, dessa clientela.



Caps Casa Viva conquistou sede própria e garantiu mais espaço para oficinas

Proximidade com o usuário no Caps Álcool e Drogas

O Caps Álcool e Drogas vem passando por mudanças para estar mais próximo do usuário. No passado, os acolhimentos na cidade eram feitos somente com agendamento, algo difícil de dar certo, em função do público atendido. Agora, no entanto, quem chega no serviço é imediatamente acolhido. Com oito leitos de retaguarda para desintoxicação, o Caps AD mantém, ainda, atendimento individualizado de psiquiatria, psicologia, além de assistência de equipe multidisciplinar para o atendimento familiar e de grupo. Há ainda oficinas terapêuticas de marcenaria, jardinagem, culinária, artesanato, dança e música e uma sala de educação para jovens e adultos.

"Muitos usuários têm vergonha e dificuldade para chegar a uma sala de aula. Por isso, a parceria com a Secretaria de Educação foi uma conquista. Além disso, buscamos não só um projeto de tratamento, mas de vida. Nesse sentido, as oficinas têm um caráter terapêutico, mas também profissionalizante", explica a coordenadora Viviane de Souza.

O professor de psiquiatria da Unicamp Luís Fernando Tófoli considera importante o trabalho que os Caps AD vêm realizando no país, mas destaca a necessidade de os serviços de saúde mental adotarem efetivamente a redução de danos, conforme prevê a Política Nacional de Saúde Mental, e isso inclui a adoção de consultórios de rua, além de implantação de salas seguras de uso. "Oficialmente, os Caps AD deveriam funcionar na lógica da redução de danos, porque essa é a política. Mas a gente vê tudo que se possa imaginar, como Caps funcionando pelo viés normativo, da abstinência, outros que funcionam na perspectiva da reza. A perspectiva da redução de danos é a seguinte: ir onde o sujeito está. Quem chega no ambulatório é quem naturalmente está mais interessado em parar de usar. Quem não está interessado em parar é quem poderia ser trabalhado numa perspectiva de diminuir o impacto dos efeitos nocivos da droga e aumentar as possibilidades de cidadania. Por isso, não adianta esperar a pessoa chegar ao serviço."

'O mais difícil é a mudança cultural'

Chegar ao Caps HU não é tarefa fácil. Embora o imóvel esteja localizado no movimentado Bairro São Mateus, ele não conta com nenhuma placa de identificação, o que dificulta o reconhecimento do serviço. A justificativa para a ausência de indicação de que naquela área é feito um atendimento público a pessoas com transtorno mental é que a permanência no local é provisória, já que uma nova sede está em construção no Dom Bosco. Na prática, porém, a unidade, criada há 12 anos, permanece no endereço provisório há pelo menos quatro anos. Diferentemente dos outros Caps, o do HU tem compromisso não só com a assistência, mas com a formação e ensino, mantendo a residência de psiquiatria e psicologia.

Apesar de o Caps HU estar localizado na Zona Sul, o território de atendimento é referente aos bairros Borboleta, São Pedro, Santos Dumont, Teixeiras e São Pedro. Um dos objetivos do trabalho é desenvolver projetos terapêuticos individualizados. "Os encaminhamentos são feitos de acordo com as demandas apontadas por cada usuário ou percebidas por nós. Outro trabalho é o monitoramento das residências terapêuticas, pois todas as casas são vinculadas a um Caps. Este é um momento chave para fazer a capacitação em serviço, a fim de que possamos construir propostas de cuidado condizentes com a perspectiva da reforma psiquiátrica. Se não tomarmos muito cuidado, tiramos do hospital, colocamos o paciente na residência terapêutica e no Caps, mas não devolvemos a liberdade. Fechar um dispositivo e construir outro não é o mais complicado. O mais difícil é a mudança cultural, para que a gente não reproduza nos Caps e nas residências o modelo manicomial", alerta Sabrina Barra, assistente social do Caps HU.

Estudo sobre o Curumim vira livro

O trabalho aplicado no Curumim em Juiz de Fora serviu como pano de fundo para a tese de mestrado defendida pela professora Vanessa Novais. O estudo, vencedor do concurso organizado pelo Fundo de Apoio à Pesquisa na Educação Básica (Fapeb), deu origem ao livro "A socioeducação no município de Juiz de Fora - o programa Curumim", que será lançado hoje, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, às 16h.

A primeira edição do livro terá tiragem de 300 exemplares, a serem distribuídos às escolas e aos centros de pesquisas em São Paulo e Rio de Janeiro. As 247 páginas do volume trazem o olhar da autora para a ressignificação concedida às crianças e adolescentes assistidos pelos Curumins, a partir do conceito da "educação não-formal", que oferta atividades culturais e educativas fora do ambiente escolar. "O trabalho dos Curumins é pioneiro na América Latina. É uma ferramenta que precisa ter mais voz, corpo e valorização", ressalta Vanessa.

O interesse em estudar a rotina dos Curumins surgiu em 2006, quando a educadora percebeu mudanças significativas no comportamento e no rendimento escolar de alunos tidos como "problemas" na instituição que leciona, no São Pedro, que eram assistidos pelo Curumim do bairro. "Durante a pesquisa, pude perceber o quanto os profissionais são acolhedores e aplicam os conceitos da pedagogia freiriana (Paulo Freire), que preza pelo amor e atenção no desenvolvimento das habilidades e potencialidades dos assistidos."

O campo de pesquisa foi a própria unidade do Curumim de São Pedro e envolveu cerca de cem crianças e adolescentes. O Curumim está presente em oitos bairros da cidade: Bonfim, Vila Esperança, São Benedito, São Pedro, Santa Luzia, Jóquei Clube, Benfica e Vila Olavo Costa, oferecendo serviços e estrutura a crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social.

Eventos debatem alimentação

A alimentação saudável e seus desafios estarão em debate nesta semana em Juiz de Fora por meio de dois eventos: "Viva sem glúten", promovido pela empresa Chico Geraes, com apoio da Unipac Juiz de Fora, e a IV Semana da Nutrição da UFJF. A segunda edição do "Viva sem glúten" começa hoje e segue até sábado, no Espaço Mascarenhas, na Praça Antônio Carlos, no Centro. A proposta é alertar a população sobre os perigos causados pela ingestão do glúten, principalmente por pessoas portadoras da doença celíaca.

Além apresentar os segredos da culinária sem glúten, por meio de oficinas gratuitas do Senac, o evento contará com atividades pagas, bem como oficinas coordenadas por chefs mineiros e dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Na sexta-feira, o seminário abordará a doença celíaca e a intolerância ao glúten. Haverá participação das Associações dos Celíacos do Brasil e de profissionais de saúde e de nutrição. A programação completa e as inscrições estão no site www.vivasemgluten.com.br.

Paralela às atividades do "Viva sem glúten", a Faculdade de Nutrição da UFJF realiza, de hoje até sexta-feira, a IV Semana da Nutrição, que trará como tema os desafios e as tendências da alimentação coletiva na sociedade contemporânea. A atividade pretende unir comunidade acadêmica e profissionais, a partir de fóruns de discussão para troca de experiências e divulgação de inovações na área de gestão de unidades de alimentação e nutrição (UAN).

Tribuna de Minas

FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES JUIZ DE FORA, **SEXTA-FEIRA**, 7 DE NOVEMBRO DE 2014 ANO XXXIV - Nº 6720 - R$ 1,70

www.tribunademinas.com.br

HOMEM É CONDENADO POR USO DE FARDA MILITAR

Morador de Juiz de Fora postou fotos nas redes sociais usando fardamento privativo do Exército sem ser ligado às Forças Armadas. PÁGINA 3

PM É PRESO APÓS BRIGA DE TRÂNSITO NA ITAMAR FRANCO

Policial agrediu carona de Gol, que teve afundamento de face e nariz quebrado. Os dois motoristas tinham sintomas de ingestão de álcool. PÁGINA 3

FAMÍLIA É RENDIDA POR DUPLA ARMADA COM FACÃO

Ladrões invadiram imóvel no Costa Carvalho e amarraram casal e filho. Bandidos roubaram eletrônicos, joias e dinheiro. PÁGINA 3

MARIANO PROCÓPIO NA PINACOTECA DE SÃO PAULO

A tela "Tiradentes supliciado" é uma das 42 obras do museu juiz-forano em cartaz até março de 2015 na instituição paulista. DOIS



PERDA AMBIENTAL EM JF

Queimadas destroem 50 hectares de mata nativa

Área corresponde a 50 campos de futebol. Supressão da Mata Atlântica aumenta risco de deslizamentos e alagamento no período chuvoso. Página 3



Execução a tiros

Corpo de homem não identificado foi encontrado com 15 perfurações em estrada vicinal no Milho Branco. Página 3

Dólar fecha acima de R$ 2,56 pela primeira vez desde 2005

PÁGINA 5

Taxa de desemprego cai a 6,8% no segundo trimestre

PÁGINA 5

Na oposição, Lafayette vai cobrar ações

Reeleito para a ALMG, o deputado Lafayette Andrada (PSDB) encontrará um cenário diferente do que estava acostumado e fará oposição ao Governo. Do outro lado, Lafayette diz que irá fiscalizar as ações e cobrar as propostas apresentadas em campanha. PÁGINA 7

Gasolina aumenta 3%, e diesel, 5%

A Petrobras anunciou, ontem, o reajuste nos preços da gasolina e do diesel a vigorar a partir da 0h de hoje. A última alta havia sido em 30 de novembro de 2013. O aumento foi acertado na terça-feira pelo Conselho de Administração da estatal. PÁGINA 5



FERNANDO PINAMONTI/G1 - 1 - 14

Pancadas de chuva ainda não garantiram recuperação de mananciais, e rodízio continua

Defesa Civil atende 11 ocorrências

Pancadas de chuva causaram destelhamento parcial e escorregamento de talude, mas nenhum registro foi considerado grave. Apesar das precipitações, Cesama decide manter o rodízio no abastecimento de água, que entra na quarta semana. PÁGINA 3

Desafios do crack na saúde mental

O coordenador nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori, avalia a reforma psiquiátrica brasileira e os desafios impostos pelo consumo do crack. Segundo ele, existem cerca de 400 mil usuários da droga no país. PÁGINA 4

Um milhão enfrenta o Enem em Minas

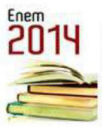
Maratona acontece amanhã e domingo. Confira o horário das provas e as condutas permitidas. Página 4

DÓLAR COMERCIAL: Compra R$ 2,54 Venda R$ 2,55 PARALELO: Compra R$ 2,51 Venda R$ 2,68 TURISMO: Compra R$ 2,50 Venda R$ 2,67

ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Milhares iniciam Enem amanhã

Exame tem 4 provas objetivas e redação; confira o que é permitido no teste



Depois de quase um ano de preparação e estudo para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), chegou, enfim, o fim de semana mais esperado. Amanhã e domingo, os estudantes realizam a avaliação que pode garantir uma vaga no ensino superior. Com a tensão que antecede o momento, é comum que os jovens se esqueçam de detalhes indispensáveis para a realização das provas, como a documentação correta e o horário de entrada (ver quadro).

A principal chave para o acesso ao ensino superior público do país é o Enem. É ele o responsável pelo preenchimento de 70% das vagas dos cursos da graduação da UFJF, já que o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que classifica os alunos, utiliza a nota desse exame.

O Enem é composto por quatro provas objetivas, com 45 questões de múltipla escolha cada, e de uma redação. Amanhã, os alunos respondem às questões de ciências humanas e suas tecnologias e ciências da natureza e suas tecnologias. São estipuladas quatro horas e 30 minutos para a entrega do teste. Já no domingo, os candidatos têm cinco horas e 30 minutos para resolver itens sobre linguagens, códigos e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias e ainda elaborar o texto. A saída definitiva dos locais de provas será autorizada após duas horas, mas para levar o caderno de questões para casa, o estudante precisa esperar até os 30 minutos finais.

Os gabaritos das provas objetivas serão divulgados até o próximo dia 12 no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no endereço portal.inep.gov.br/enem. A data de divulgação do resultado individual ainda não foi definida pela instituição.

Em Minas Gerais, cerca de um milhão de estudantes farão o Enem, o que representa um crescimento de 18% no número de inscrições em relação ao ano passado. Para reduzir a ansiedade dos candidatos, a Tribuna reuniu as principais orientações do Ministério da Educação (MEC) para o dia da prova (ver quadro). O descumprimento das regras pode levar à desclassificação do participante.

FIQUE ATENTO

Seguir as determinações é tão importante quanto fazer uma boa prova

Horário e local

- Os portões serão abertos amanhã e domingo ao meio-dia e fechados às 13h. O Inep recomenda chegar com uma hora de antecedência ao local
- Os sabatistas, participantes que indicaram no ato da inscrição que guardam os sábados por motivos religiosos, iniciam as provas às 19h, mas devem comparecer ao local indicado para a realização do exame no mesmo horário que os demais estudantes. Esses alunos não podem fazer qualquer espécie de consulta, comunicação ou manifestação do momento de ingresso na sala de espera até o término da prova
- O candidato pode verificar onde fará o exame no site do Inep (www.inep.gov.br/) e no cartão de confirmação da inscrição
- O instituto orienta que os alunos façam o trajeto até o lugar do exame antes do dia da prova, a fim de conhecerem o caminho e evitarem possíveis atrasos

O que levar

- Caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente. O uso de outra cor impossibilita a leitura ótica do cartão-resposta
- Documento de identificação original com foto. Em caso de perda ou roubo do documento, apresentar o boletim de ocorrência com data de, no máximo, 90 dias antes da prova
- Cartão de confirmação da inscrição. Quem não recebeu ou perdeu o comprovante pode imprimi-lo na página do Inep, informando CPF e senha
- Alimentos e água também são permitidos
- O Inep recomenda que o candidato vá com roupa confortável. Shorts, bermuda e chinelos são permitidos

Antes de começar

- Verifique se o caderno de questões contém a quantidade de itens indicada no cartão-resposta. Avise o fiscal caso note algum problema
- Transcreva para o cartão a frase da capa do caderno de questões e marque também a opção correspondente à cor da capa
- Folhas de rascunho e marcações assinaladas nos cadernos não serão consideradas para fins de correção
- Desligue celulares e equipamentos eletrônicos e guarde-os na embalagem fornecida pela equipe de aplicação

O que pode eliminar o candidato

- Qualquer consulta ou comunicação com outros alunos no horário da prova
- Ausentar-se em definitivo da sala antes de decorridas duas horas do início do exame
- Portar lápis, caneta de material não transparente, lapiseira, borrachas, livros, impressos, anotações, relógio e quaisquer dispositivos eletrônicos
- Usar óculos escuros, boné, chapéu ou similares

Fonte: Site do Inep

ENTREVISTA/ROBERTO TYKANORI, coordenador nacional de Saúde Mental

'Aceitação do diferente é fundamental'



DANIELA ARBEX
Repórter

A humanização do tratamento de pessoas com transtorno mental é o tema dessa entrevista exclusiva concedida à Tribuna pelo coordenador nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori. Ele fala sobre a redução de leitos no país, que, na última década, caíram de 50 mil para 27 mil, a construção de novos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) - cerca de 160 a cada ano - e o esforço de construir novos serviços residenciais terapêuticos. Também avalia a reforma psiquiátrica brasileira e os desafios impostos pelo consumo de crack no país. Para Tykanori, "a questão do crack obscurece o problema que envolve o grupo da sociedade que não consegue acessar o desenvolvimento econômico."

Tribuna - A estratégia baseada na humanização do tratamento de pessoas com transtorno mental e na formação de uma rede já se consolidou no país ou ainda estamos no processo de mudança do antigo modelo assistencial?

Roberto Tykanori - O processo de transição de modelo tem duas dimensões: uma é estrutural - construir serviços, substituindo a estrutura do hospital psiquiátrico, o que andou dois terços da meta nesta década. Só que essa transição significa sair de estruturas extremamente concentradas, que são os hospitais, em poucos lugares, para descentralizar e interiorizar o acesso ao cuidado em saúde mental, o que está acontecendo num ritmo razoável. De 2000 até hoje, já estamos com 2.140 Caps. Então, tem um crescimento razoável em torno de 160 Caps ao ano e isso foi criando uma redução lenta, mas gradual e firme da redução de leitos hospitalares.

- O Brasil ainda tem cerca de 30 mil leitos em hospitais psiquiátricos. Quais são os obstáculos para se extinguir os velhos manicômios.

- Hoje são menos de 27 mil leitos. Aí entra em um outro patamar. Eu diria que não é um problema de mudança de modelo da estrutura, mas de paradigma, de entendimento de qual o problema está em jogo. A grande maioria dos leitos ainda continua sendo ocupada por moradores, embora já tenha reduzido muito a proporção. De 2003 para cá se gerou quase oito mil novos moradores, o que significa que existe uma lógica de atendimento que, em algum momento, as pessoas consideram que tem que ter um depósito, um lugar para fechar as pessoas. Esse espírito segregativo, de manter o sujeito isolado, ainda é muito presente. Então essa transformação não é feita só com boa vontade. As pessoas precisam mudar de conceito e de prática. Para isso, a gente precisa ter esforços no sentido de qualificar tecnicamente, eticamente e politicamente os profissionais.

- Ainda há uma grande resistência da opinião pública em relação à mudança do modelo centralizado para a descentralização do atendimento. O principal argumento é: como tratar os doentes mais graves, que não conseguem viver sem supervisão institucional, em situações de crise?

- O argumento inicial é muito refutável, e ele mostra que não é consistente. Agora existem questões: o modo de abordar, se você segue esse raciocínio, a sua atitude gera o comportamento correspondente. Se você pensa: essas pessoas só podem ser cuidadas sob essas condições, isso também limita o modo como você encara a situação e acaba induzindo também a resposta do paciente. Um aspecto no qual se constrói esse argumento é que a pessoa em crise tem que estar num certo lugar de isolamento, com supervisão extremamente qualificada para garantir o cuidado, a evolução. Nos anos 1970, o diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde Mental Americano fez um experimento histórico. Ele pegou pessoas jovens identificadas como esquizofrênicas e mandou sortear. Um grupo faz tratamento tradicional. No grupo experimental, oito pessoas foram colocadas em uma casa, praticamente sem remédio,


DIVULGAÇÃO

"As pessoas precisam mudar de conceito e de prática"

e acompanhadas por leigos, experimento que durou 12 anos. A primeira constatação é que, no ambulatório tradicional, os sintomas reduzem rapidamente nas primeiras semanas, enquanto os que estavam sem remédio na casa tiveram maior demora para que a sintomatologia desaparecesse. Mas, depois de dois anos, pessoas que faziam o tratamento tradicional consumiam altas doses de remédio e ficavam presas em casa, intermediadas por internações breves e não breves (75% desse grupo estavam nessa condição). Já o outro grupo, na mesma proporção de 75%, estava vivendo bem, trabalhando, estudando.

- O senhor afirmou, em 2012, que tratar em liberdade é conquista inquestionável da reforma psiquiátrica. A reforma psiquiátrica brasileira é considerada tardia em relação à de outros países. Quais são os pontos positivos da nossa reforma?

- A primeira vantagem é isso: ter sido feita depois de outros países, porque se aprende mais. Tem uma desvantagem em relação à disponibilidade de recursos, porque todas as experiências que antecederam o Brasil ocorreram em países de capitalismo muito avançado. A partir do final da ditadura, o país está sendo reconstruído, e as instituições refeitas. Então não só tem uma certa fragilidade no processo da reforma psiquiátrica, mas é a mesma, eu diria, do nosso processo de país. Estamos num processo de reinvenção das instituições. A prática da democracia, do respeito, da aderência às normas coletivas é uma construção. Isso é o que viabiliza as pessoas viverem em liberdade, não só as pessoas com transtorno mental. Quando não se tem essas instituições, acaba-se recorrendo ao uso da força, tendo sociedades autoritárias, autárquicas e pouco democráticas. Nessas condições, então, faz sentido o uso da força para manter as pessoas segregadas. Contra isso é fundamental o espírito da democracia, da aceitação do diferente, como possibilidade legítima.

- O crack é considerado uma espécie de epidemia nacional, embora o termo não seja o correto. Mas a impressão que a sociedade tem é que as políticas públicas não se mostraram eficazes para enfrentar o problema.

- Primeiro o tamanho da dimensão precisa ser ajustado aos dados concretos. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas contratou uma pesquisa da Fiocruz, e temos hoje um perfil muito preciso dos usuários de crack, praticamente os usuários de crack na rua. Essa projeção dá menos de 400 mil pessoas no país, dimensão relativamente pequena num país de 200 milhões de habitantes. A pesquisa mostra que são pessoas jovens, mais de 80% são não brancos, mais de 50% não tem nem dois anos de ensino fundamental, pessoas com baixíssima empregabilidade e capacidade de entrar no mercado, que não acumularam nenhum tipo de hábito social e cultural para participar do jogo social.

- O que Ministério da Saúde tem feito?

- Uma forma de compreensão do fenômeno do crack surgiu com uma ação da Prefeitura de São Paulo, chamada 'De braços abertos'. São Paulo tinha um quarteirão ocupado por mais de 1.500 pessoas e, ao final do ano passado, elas começaram a construir barracos na rua. Este ano, a prefeitura abriu um ponto no meio deles, uma área com tela, banheiro e uma salinha pequena. Nesse espaço de mais ou menos 80 metros, as pessoas começaram a acolher quem quisesse entrar. No meio da confusão, tinha esse lugar que oferecia banho, água, sanduíche. Ali, em um dia, passaram mais de 500 pessoas, e eles perguntaram: o que vocês querem? O que precisam? A resposta foi casa, trabalho e estudo. Isso é muito interessante, porque aqueles ditos zumbis, tinham uma demanda coerente com a condição deles. A Prefeitura tinha como problema o esvaziamento das ruas. Aí resolveu negociar. Vamos arrumar lugar para vocês irem, trabalho e chance de estudar. Em troca, quero que saiam da rua. Na data marcada, eles desmontaram os barracos. A Prefeitura alugou cinco a dez pontos naquela região, colocou todo mundo nesses hotéis, ofereceu bolsa diária de R$ 15 por trabalho de varrição, - eles trabalham quatro horas por dia, recebem o dinheiro uma vez por semana e, no período da tarde, quem quiser pode estudar. O detalhe: não se discutiu nada sobre drogas, mas se resolveu responder aquilo que eles efetivamente estavam dizendo que era um problema para eles. Qual o efeito disso? Em três semanas, 60% dos 470 que participaram já estavam voluntariamente sob alguma forma de tratamento para droga. A grande maioria reduziu o consumo de 20 pedras por dia para cinco. Hoje são mais de 500 pessoas no projeto que estão se estabilizando. Nós apoiamos o processo de São Paulo e estamos discutindo mecanismos de estender esse tipo de colaboração para o país.

Seminário debate violência na infância

A segunda edição do seminário "Diagnóstico e prevenção da violência na infância e adolescência" será realizado hoje e amanhã pela Sociedade Mineira de Pediatria - Regional Zona da Mata. A ação busca debater, entre outros temas, os riscos à saúde da criança e do adolescente no mundo digital, as patologias da violência e o acolhimento da criança e do adolescente vitimizados em Juiz de Fora. O evento é voltado para estudantes e profissionais das áreas de saúde, educação, segurança, psicologia e serviço social.

De acordo com a presidente da Seccional da Zona da Mata da Sociedade Mineira de Pediatria, Mirna Salomão, existe uma lacuna importante na notificação da violência. "Ela pode ser física e psicológica, indo do espancamento até diferentes tipos de lesão. Nós ainda não temos em Juiz de Fora, assim como no Brasil, uma rede de assistência de atendimento da criança e do adolescente, vítima de violência. O que temos são algumas áreas organizadas, como por exemplo, a violência sexual contra a criança e o adolescente. Falta ter um fluxo definido e integrado entre a saúde, a educação, desenvolvimento social e a segurança. Nosso propósito é promover a difusão do conhecimento e a sensibilização da sociedade e do Poder Público para este assunto."

A programação do seminário pode ser consultada no site www.santacasajf.org.br. Já as inscrições podem ser feitas pelo site www.smp.org.br. No dia do evento, os participantes devem levar um livro infantil e um brinquedo, itens que serão destinados a ações sociais.


OLAVO PRAZERES/06-11-14

RESTAURANTE

A INSTALAÇÃO do sistema de ar-condicionado era uma antiga reivindicação dos usuários do Restaurante Popular. O local, onde são servidas cerca de duas mil refeições diárias, com o custo de R$ 2,00 por prato, contava apenas com climatizadores, que não eram suficientes para refrescar o ambiente. Ontem seis condicionadores de ar entraram em operação, proporcionando mais conforto aos usuários. O prefeito Bruno Siqueira (PMDB) foi conferir o funcionamento dos aparelhos e almoçou com os frequentadores. O Restaurante Popular fica aberto das 10h às 14h, de segunda a sexta-feira, na Rua Halfeld 305, Centro.

Tribuna de Minas

FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES | JUIZ DE FORA, **TERÇA-FEIRA**, 11 DE NOVEMBRO DE 2014 | ANO XXXIV - Nº 6723 - R$ 1,70

www.tribunademinas.com.br

MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Subnotificação dificulta radiografia do racismo

Falta de órgãos especializados desestimula denúncias em JF. Em Minas, a cada dois dias, um caso é registrado, entre eles, de preconceito no trabalho. **Página 3**

Mais uma execução a tiros em JF

Um pedreiro de 28 anos foi baleado em um bar perto da casa onde morava, na Olavo Costa. Leandro Sebastião da Silva teve perfurações no tórax, abdômen, tórax, ombros e braço. Suspeito do crime é um jovem, 24, que teria tido ajuda de dois adolescentes. No Linhares, rapaz também levou tiros. **PÁGINA 4**

72% dos gastos vieram de empresas

Os três deputados federais e os cinco deputados estaduais com domicílio eleitoral na cidade conseguiram arrecadar juntos R$ 7,1 milhões. Deste montante, R$ 5,1 milhões tiveram origem em doações de empresas, que foram responsáveis por 72,6% do total arrecadado pelo grupo. **PÁGINA 7**

Rádio Pirai



MARCELO RIBEIRO/10-11-14

Programa radiofônico do Departamento de Saúde Mental resgata autoestima de pacientes. Página 4

Até 10% mais caros, panetones ganham novos sabores

PÁGINA 8

Copa Bahamas define times adultos semifinalistas

PÁGINA 10



ARTHUR CARLOS MENDES/10-11-14

Acidente aconteceu com ônibus que saiu da rodoviária às 5h. Apesar do susto, não houve feridos na ocorrência

Susto na linha JF-Rio na BR-040

Um acidente com um ônibus da Real Expresso, que prestava serviços à Util, aconteceu na descida da Serra de Petrópolis. O motorista parou o coletivo contra um barranco. A Util diz que manobra ocorreu após ultrapassagem de outro veículo. Passageiros relataram que teria havido um problema no freio. **PÁGINA 3**

Polícia mata seis por dia no Brasil

A polícia brasileira matou 11.197 pessoas entre 2009 e 2013, número superior ao registrado pela polícia americana ao longo de 30 anos (11.090). Os dados são do 8º Anuário de Segurança Pública, que aponta ainda que, em 2013, a violência custou R$ 258 bilhões ao país - 5,4% do PIB. **PÁGINA 9**

CADEIRANTE FLAGRADO COM COLETE À PROVA DE BALA

Suspeito de tráfico, homem foi preso no Jardim de Alá, após denúncias. Namorada dele foi encontrada com mochila com drogas. **PÁGINA 4**

PRESO DA OPERAÇÃO 'ATHOS' É LIBERTADO

Aurélio David Salgado deixou penitenciária mediante alvará de soltura. Ele é um dos envolvidos em esquema descoberto pela PF. **PÁGINA 3**

COMEÇA NOVA EDIÇÃO DA OLIMPÍADA UNIVERSITÁRIA

Dez instituições de ensino superior locais estão inscritas para a disputa das 12 modalidades dos jogos, que iniciaram ontem. **PÁGINA 10**

PEDRAS PRECIOSAS E FÓSSEIS PRÉ-HISTÓRICOS

Exposição nos Correios conta a história da mineração com exemplares de museus do Rio, além de peças do Mariano Procópio. **DOIS**



Redação surpreende candidatos do Enem

Tema de publicidade infantil não estava entre os cotados. Pelo 2º ano, exame usa lei como assunto. **Página 5**

DÓLAR COMERCIAL: Compra R$ 2,55 Venda R$ 2,55 PARALELO: Compra R$ 2,63 Venda R$ 2,73 TURISMO: Compra R$ 2,53 Venda R$ 2,69

RADIOGRAFIA DA SAÚDE MENTAL

Histórias reconstruídas

Série de reportagens termina, mostrando que é possível mudar trajetórias fora dos manicômios

DANIELA ARBEX
Repórter



"Não desperdice a sua loucura." Com o slogan bem-humorado, a Rádio Piraí está mudando não só a história dos participantes do projeto do Centro de Convivência do Departamento de Saúde Mental, mas a forma como eles estão sendo vistos. Há um ano no ar, o programa exibido mensalmente nas redes sociais é feito por pessoas com diagnóstico de esquizofrenia, bipolaridade e outros tipos de transtorno mental. Juntos, os integrantes estão conseguindo provar que a doença é apenas uma faceta da trajetória deles. Com sonhos e desejo de conquistar um lugar ao sol, os criadores dos quadros "Cuca fresca", "Cada um no seu quadrado" e outros construídos durante o processo de gravação têm surpreendido a própria comunidade que um dia os excluiu. Além da rádio, os usuários da rede de saúde mental de Juiz de Fora contam com oficinas terapêuticas nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) que buscam resgatar a dignidade do sujeito em meio ao desafio diário da reinserção. Na última matéria da série "Vidas roubadas", a Tribuna mostra que devolver a cada ex-paciente psiquiátrico parte do que lhes foi arrancado é o primeiro passo na reconstrução dessas vidas.

Com mestrado em comunicação, a coordenadora do Centro de Convivência, Ilka de Araújo Soares, 50 anos, afirma que a Rádio Piraí está conseguindo mobilizar frequentadores do espaço que não tinham afinidade com outras atividades, como a do ateliê. "Na rádio, elas se tornaram extremamente produtivas. A primeira vez que o Walmir escutou sua voz, aquele vozeirão sendo aproveitado, transformando-se num produto final e tendo o resultado, ele resgatou sua autoestima e o respeito da família", salienta a psicanalista. Ilka refere-se a Walmir dos Santos Costa, o locutor da rádio que passou mais de 13 anos dos 44 de vida institucionalizado. Internado pela primeira vez aos 13 anos, ele só voltou a ver a família aos 21. "Passei por eletrochoque, cheguei a tomar injeção de entorta, vivi situações difíceis. Depois que minha família se afastou de mim, mergulhei nas drogas por 20 anos", relembra. A guinada na sua vida aconteceu há quatro anos, quando ele deixou a Clínica Aragão Villar e conheceu o Centro de Convivência, localizado na Rua Tiradentes, no Bairro Santa Helena. "Antigamente me chamavam de maluco, debochavam. Depois que passei a frequentar o centro, é que vi o que é viver em sociedade e ter liberdade, o que eu nunca tive. Hoje sou respeitado na minha comunidade. Agora estou descobrindo o que é viver. Com a rádio, eu me sinto importante, porque todo mundo lá no bairro só sabe falar do programa. Agora me elogiam, coisa que ninguém nunca fez."

Geraldo Vasconcelos Fajardo, 62, é o poeta da Piraí. Depois de uma adolescência de internações, o ex-paciente carregou por toda a vida o apelido de louco e inútil. Quase acreditou nisso, mas sua paixão pelas rimas alimentou o sonho de novos tempos. Por isso, Geraldo começou a compor versos em silêncio. Guardou tudo por décadas até ter a chance de mostrar seu trabalho na rádio. O usuário que estudou até a quarta série primária diz ter escrito mais de 300 poesias, a maior parte delas fala do quintal da sua infância em Piracatuba, de um tempo em que felicidade era sinônimo de apanhar frutas na casa do avô. "Estou feliz em poder falar das minhas poesias na rádio. O hospital psiquiátrico não é lugar para a gente, nosso lugar é aqui, dentro da sociedade", afirma o escritor.



MARCELO RIBEIRO/26-09-14

Rádio Piraí resgata autoestima de usuários da rede de saúde mental

Jardinagem traz esperança

No terreno onde todos viam apenas um matagal, Cláudia Aparecida Esteves dos Santos Teixeira e Laura Travassos Fagundes Netto enxergavam possibilidade. Foi assim que elas transformaram desordem em jardim. Através do projeto "Revitalizar", as duas técnicas do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD) criaram mais do que uma oficina de jardinagem no endereço do serviço: devolveram esperança. Um ano depois de sonharem, as duas veem o antigo espaço ganhar cores. Quem chega ao centro na Rua Silva Jardim encontra plantas, horta vertical, jardim suspenso e muita reciclagem. "Muitos só aderiram ao tratamento após a participação na oficina", comenta a assistente social Laura Netto.

Antônio José de Azevedo, 56 anos, é usuário antigo do Caps. Procurou o serviço depois de enfrentar sérios problemas com a bebida. Recaiu recentemente, mas o trabalho com o jardim tem ajudado o gerente de mecânica industrial a enfrentar o novo momento difícil. "Essas atividades resgatam a nossa autoestima. No caso da jardinagem, ela exige dedicação diária. Quase tudo plantado aqui tem a minha mão", orgulha-se, apontando para os pés de alface e mudas de hortelã. "A bebida me causou graves lesões no cérebro. Já a jardinagem está me mostrando que sou capaz de fazer algo novo", completa Antônio, que sonha em desenvolver, profissionalmente, as técnicas que aprendeu na oficina. A ideia é criar novos jardins e retirar deles renda para a compra dos insumos necessários ao projeto. Para Laura, a revitalização do antigo espaço fortalece a renovação do ideal de cuidado. "Tivemos a intenção de revitalizar o espaço e também fazer com que eles, aprendendo a cuidar das plantas, aprendam a cuidar de si mesmos."

FOTOS FELIPE COURI/02-10-14



Terreno onde antes só havia mato deu lugar a jardim e horta, que tem como um dos cuidadores Antônio José de Azevedo

Orgulho em ações cotidianas

O que o simples ato de alugar um filme representa? Para a maioria, nada, mas para pessoas que foram privadas de escolhas, significa a chance de recuperar autonomia. E foi assim, por meio da oficina de filmes, que o Caps Leste conseguiu despertar interesse dos usuários em alguma atividade. Para participar da oficina, o frequentador do serviço tem a chance de sair às ruas, caminhar até a locadora e exercer a liberdade de selecionar um título. No começo, foi tudo novidade para pessoas que não tinham passado pela experiência de caminhar nas ruas ao lado de alguém, já que muitos estavam acostumados a andar atrás de algum familiar envergonhado diante da deficiência do parente.

Antônio Carlos de Carvalho, 56 anos, é integrante da oficina. Depois de passar mais de uma década em situação de rua, o ex-vigia tenta recomeçar a caminhada. Sua história foi interrompida na década de 1980, quando ele trabalhava com guincho. Durante o expediente, Antônio ateou fogo no mato próximo onde estavam os veículos guinchados, e pelo menos sete carros ficaram destruídos. Por causa do episódio, que ele trata como acidente, passou mais de 20 anos internado em hospitais psiquiátricos. Questionado sobre a pior lembrança do passado, ele cita o dia da tragédia. "Foi terrível. Quando vi tudo queimando, fiquei desesperado. Aí dei uma de doido e me internaram", conta, tentando fazer graça sobre um episódio que lhe tirou o emprego e o contato com a família. Resgatado pelos dois filhos e encaminhado ao Caps, Antônio quer recuperar os sentidos da existência. "Na rua, passei frio, senti fome. Hoje vivo ao lado dos meus filhos", comemora.

Estudante do décimo período de psicologia da UFJF, Ernani Gomes, 24 anos, estagia há um ano e meio no Caps frequentado por Antônio Carlos. A experiência o ajudou a enxergar melhor a doença mental. "Aprendi que não existe um diagnóstico fechado, eles têm outras possibilidades e comportamentos diferentes do esperado. Mais do que medicamentos, eles precisam de acompanhamento, atenção e de escuta. Precisam ser reconhecidos como pessoas."

Para a coordenadora do Centro de Convivência do Departamento de Saúde Mental, Ilka de Araújo Soares, é esse respeito à singularidade de cada um que faz diferença no contexto da reforma psiquiátrica. "Não podemos criar os espaços perdendo de vista a intervenção individualizada e não normatizada. Senão, a gente cria novos manicômios e passa a ser excludente de novo."

> Ouça o programa da Rádio Piraí no site da Tribuna

Dias de isolamento ficam para trás

Flávia Beatriz Mendes, 34, estudante do ensino médio, também experimenta o gosto da convivência social. Assim como Walmir e Geraldo, ela participa da rádio e deixa para trás os dias de isolamento em casa após diagnóstico de esquizofrenia. A doença se manifestou anos depois de uma infância de maus-tratos, quando ouvia a mãe dizer que sentia vontade de lançá-la pela janela. Hoje ela faz piada dos problemas e tem uma definição própria da loucura. "Para mim, é bom ser diferente, porque, se todos fossem iguais, não teria graça. Louco não é simplesmente viver isolado, numa camisa de força. Ser louco é incomodar as pessoas que se acham muito certinhas. Nesse sentido, eu sou louca, sim", ri.

Cadeirante preso com colete à prova de balas

Um cadeirante, 23 anos, suspeito de tráfico de drogas no Jardim de Alá, Zona Sul, foi preso em flagrante pela PM, na noite de domingo, após ser flagrado usando um colete à prova de balas e supostamente ter tentado esconder drogas e munições. A manobra foi motivada por denúncia de moradores, que disseram estar sendo ameaçados de morte por um traficante do bairro. Militares da Patrulha de Prevenção a Homicídios (PPH) seguiram para a Rua Manoel Moreira de Morais e conseguiram abordar o homem, que usa uma cadeira de rodas para se locomover e já havia sido preso anteriormente por porte ilegal de arma.

Ao realizar busca pessoal, a PM verificou a presença do colete e questionou o rapaz. Ele alegou que usava a peça para se proteger enquanto se deslocava até um bar e que havia comprado o mesmo de uma pessoa não identificada. Durante a abordagem, policiais receberam informação de que a namorada do suspeito, 16, havia saído da casa dele carregando uma mochila. Os militares descobriram que ela havia ido até a residência de parentes dele no Santa Luzia e localizaram a bolsa.

Dentro da mochila foram encontrados 43 buchas de maconha e sete porções maiores da substância, um papelote de cocaína, 12 munições calibre 38 e outras cinco deflagradas. Nenhuma arma foi localizada. O suspeito e a namorada foram levados para a 1ª Delegacia Regional de Polícia Civil, em Santa Terezinha. A jovem foi liberada, e o homem encaminhado ao Ceresp.

Pedreiro é executado a tiros em bar

Mais um homicídio foi registrado na região Sudeste da cidade no fim de semana. O crime violento aconteceu por volta das 20h de sábado na Rua Hortogamini dos Reis, no Bairro Vila Olavo Costa. Segundo a Polícia Militar, o pedreiro Leandro Sebastião da Silva, 28 anos, foi executado com tiros de pistola ponto 40 em um bar perto da casa onde morava. A companheira dele, 24, relatou à PM que ouviu disparos e, assustada, seguiu até o estabelecimento onde Leandro disse que estaria. Ao chegar no local, ela encontrou o companheiro caído no chão ensanguentado e com perfurações à bala pelo corpo.

A PM foi acionada e, devido à demora do socorro médico, encaminhou a vítima ao Hospital de Pronto Socorro (HPS), onde o óbito foi constatado. De acordo com o boletim de ocorrência, não foi possível determinar a quantidade de tiros que atingiram o homem, mas ele foi alvejado no tórax, abdômen, ombros e braço esquerdo.

Militares receberam informações de que os suspeitos do assassinato seriam um jovem, 24, e dois adolescentes. O crime teria sido motivado por desavenças anteriores entre a vítima e o rapaz mais velho. Ninguém foi preso. Peritos da Polícia Civil estiveram no local do homicídio e recolheram cinco cápsulas de munição ponto 40. O corpo foi encaminhado para necropsia no Instituto Médico Legal (IML), e o caso será investigado pela Polícia Civil.

Esse foi o segundo assassinato na região Sudeste em três dias. Na quinta-feira, Saulo Amaral de Souza, 28, foi morto, também com tiros de pistola ponto 40, e sofreu dez perfurações pelo corpo em um escadão entre os bairros Vila Olavo Costa e Furtado de Menezes.

Outro baleado

Ainda na noite de sábado, um jovem, 18, foi baleado na Rua Diva Garcia, no Bairro Linhares, Zona Leste. De acordo com a PM, por volta das 20h30, o rapaz caminhava pela via pública junto com alguns colegas, quando foi surpreendido por dois ocupantes de uma moto. O carona sacou uma arma de fogo e disparou na direção dele, alvejando seu braço direito. Mesmo ferida, a vítima tentou correr, mas acabou sendo atingida por mais dois tiros, na região dorsal e nádegas.

O jovem foi socorrido pelo Samu e encaminhado ao Hospital e Maternidade Therezinha de Jesus, onde permaneceu internado para retirada dos projéteis. Conforme a PM, a vítima não apresentou suspeitos, e ninguém foi preso. A ocorrência seguiu para investigação na Polícia Civil.

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

» BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 15 DE JULHO DE 2018 (DOMINGO) » Número 20.142 » 116 páginas » R$ 4,00



Johannes Eisele/AFP

Uma nova ordem para o futebol

O chão vai tremer. Hoje, às 12h, Croácia e França fazem a final da Copa da Rússia. Mas, além disso, está em jogo o duelo entre Modric e Mbappé. Quem conquistar o prêmio de melhor jogador da competição abre o caminho para ganhar a Bola de Ouro. Ontem, a Bélgica bateu a Inglaterra e ficou com o terceiro lugar do Mundial. SUPERESPORTES, PÁGINAS 3 E 4



Jewel Samad/AFP

Em busca da **nova engenharia**

Proposta de reformulação dos cursos visa mais flexibilidade, prática, inovação e empreendedorismo.

TRABALHO & FORMAÇÃO, PÁGINAS 2 A 6



A aventura delas **em terras russas**

Maryane não se incomodou com a fama de país machista e viajou para a Rússia. Conheça as histórias de brasileiras que foram à Copa.

CAPA E PÁGINAS 20 A 25

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

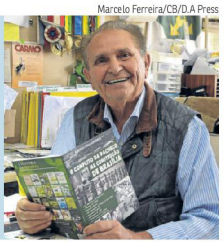


As letras de uma **cidade de ficção**

Adirson Vasconcelos é um dos personagens do caderno especial da série Brasília, patrimônio vivo, sobre escritores candangos.

SUPLEMENTO ESPECIAL

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Indefinição sobre Frejat acirra disputa pelo GDF

As negociações partidárias para a eleição ao Palácio do Buriti devem começar do zero nesta semana caso Jofran Frejat (PR) desista de concorrer ao governo. O ex-secretário de Saúde ameaçou abandonar a pré-candidatura alegando inaceitáveis interferências na campanha. Ele usou termos como "balcão de negócios", e disse que "não venderia a alma ao diabo". Líder das pesquisas, Frejat é o candidato mais cortejado para alianças. A desistência dele, na semana em que começam as convenções, provocaria a reformulação do quadro, principalmente entre as legendas de centro-direita. O governador Rollemberg seria um dos beneficiados, com a possível fragmentação da oposição. E o impasse provocado por Jofran Frejat terá impacto na sua própria chapa, caso ele permaneça na disputa: as declarações do ex-deputado federal irritaram vários dos atuais aliados. PÁGINA 13 E EIXO CAPITAL, 14

Luís Nova/Esp.CB/D.A Press



São João dá **sorte no amor**

As celebrações que tomam conta da cidade de março a julho inspiraram encontros. Conheça casais, como Bruno e Gabrielle (foto), que se apaixonaram durante a festa popular.

PÁGINA 20

Os veículos que movimentam Brasília

O **Correio** abre hoje uma série de reportagens sobre 58 anos de mobilidade na capital. Serão evocadas histórias, mas também apontadas as dificuldades, limitações e possíveis soluções para os problemas atuais.

PÁGINAS 16 E 17

Uma casa para os artistas

Personagens de diferentes gerações lembram histórias e falam sobre as novas perspectivas que se abrem com a reforma do Espaço Renato Russo da 508 Sul.

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

Ciência condena **os agrotóxicos**

Mais de 600 estudos atestam as consequências nocivas dos produtos químicos no corpo. Eles podem causar ou agravar cânceres, doenças degenerativas e endócrinas.

PÁGINA 12

A herança bilionária da dívida

Novo presidente da República terá de arcar com o pagamento de uma fatura diária de R$1 bi em juros. Valor pode ser elevado se não ocorrerem as reformas.

PÁGINA 6

Parcelamento de multa pode custar caro

Especialistas alertam que os juros altos aumentam muito o valor final do débito. Eles sugerem a busca de alternativas de crédito para saldar a dívida.

PÁGINA 7

A gratidão dos "javalis"

Os 12 garotos da Tailândia resgatados de caverna agradeceram aos socorristas, em vídeo no qual revelam senso de humor ao evocar o drama vivido.

PÁGINA 11

ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

ANOS 1950

Os eixos que unem o Brasil

São 58 anos de fundação e quase sete décadas de mobilidade em Brasília. Ônibus, caminhão, carro, motocicleta, avião, bicicleta, van, trem, metrô. Cada meio de locomoção ajuda a explicar como o cerrado bruto e selvagem se transformou em capital federal. O ***Correio*** *começa a publicar hoje uma série de reportagens sobre o desenvolvimento do transporte na cidade e o papel dele para a transformação do Brasil. Dos paus-de-arara ao boom de veículos; das rodovias transbrasilianas ao metrô; das bicicletas aos sistemas de transporte por aplicativo. As dificuldades, limitações e possíveis soluções serão abordadas nas próximas edições do jornal e no site. Dados históricos, estatísticos e populacionais, além de artigos assinados por especialistas, servirão para sustentar o recorte das narrativas. No primeiro capítulo, a importância de ônibus e caminhões para a construção de Brasília.*

» GUILHERME GOULART
» JÉSSICA EUFRÁSIO

Brasília é da terra. Da lama, da poeira, do suor do operário. Desacreditado, o cerrado se doa em nome da nova capital do Brasil. Máquinas pesadas tomam decisões. Determinam a paisagem, da árvore retorcida ao bicho. Casebres se misturam ao vaivém frenético de um canteiro de obras. A cidade corre contra o tempo para provar do que é capaz. Enquanto cariocas — opositores à empreitada — navegam nas insinuantes ondas da bossa nova, os candangos desafiam estradas isoladas para se arriscar nas águas de uma amanhã incerto. São os anos 1950 no Planalto Central.

A epopeia tem a escala como diferença. É monumental. Enxerga-se além do solo avermelhado. O presidente Juscelino Kubitschek comanda a empreitada. Caminha lado a lado com seu João, dona Maria e 6,2 mil fulanos e beltranas na região em 1956. De ônibus, caminhão, avião, trem e carroça; no lombo do cavalo e do burro; ou mesmo a pé, o Brasil se movimenta em direção a Brasília. É a interiorização do país continental na esteira do Plano de Metas, os 50 anos em 5. Logo, a população do DF aumentará 953%. Alcançará, em 1959, 65.288 habitantes, segundo o Censo Experimental de Brasília.

A Cidade Livre, única área urbana da futura capital, recebe o povaréu. A vida pulsa nas avenidas de terra batida do futuro Núcleo Bandeirante. Com mais encontros do que despedidas, jardineiras e caminhões paus-de-arara descarregam a todo instante brasileiros com o peito cheio de esperança. Viagens de semana duram quase um mês. Famílias e migrantes solitários à procura de emprego enfrentam o aperto de uma carroceria com outros tantos. Nordestinos, mineiros, goianos chegam por estradas abertas a toque de caixa. O olhar de quem se acerca por aqui desliza pelo horizonte de uma cidade em formação.

Rotas em desenvolvimento a conectam a Belém, Uberlândia, Belo Horizonte, Limeira, Santos e municípios de Goiás. Em 1957, 237km de vias internas e 387km de rodovias encontram-se pavimentados. Todos os dias, ônibus da Viação Araguarina cumprem itinerários entre Goiânia e Anápolis (GO). A partir dali, ainda há 12 horas de estrada de chão para superar os 150km até Brasília. Também há tráfego pelo ar. Pelo menos seis companhias operam na futura capital com linhas diretas ou alternadas. Em maio, pousam 268 aeronaves, embarcam 2.574 pessoas e desembarcam 2.799 passageiros.

Resistência

É como ficaram conhecidos os ônibus com a frente semelhante à de um caminhão. Esse tipo de veículo era bastante usado em médias e longas jornadas, principalmente nas áreas rurais, pois suportava a precariedade das estradas de chão batido.

Trem e caminhões

Quem chega faz fila nos acampamentos das construtoras na Vila Planalto. Servente de pedreiro, operador de máquina, motorista, merendeira, a cidade precisa de gente para o que der e vier. É só se cadastrar e engolir a labuta. No fim dos anos 1950, há um engenheiro para cada grupo de 375 habitantes. Um médico para cada 2.218 moradores. E um advogado para cada 3.573 pessoas. É fácil distinguir os operários. Usam botinas, chinelos e chapéus de palha. Arriscam-se, sem proteção, sobre vigas e andaimes. Muitos morrem nos esqueletos que sustentarão ministérios, palácios, prédios residenciais e comércios.

Ainda em 1957, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), responsável pela construção de Brasília, estuda a implementação de linhas férreas. O plano é ligá-la a Goiás, Minas Gerais e São Paulo por trilhos. Dois itinerários, um para cargas e outro para passageiros, tornam-se regulares. As viagens terminam em Anápolis e duram mais de dois dias. Apesar disso, o foco se mantém nas estradas.

Nas ruas sem asfalto, entretanto, poucos veículos desfilam. Predominam jipes, caminhões e algumas dezenas de ônibus. Como nem todos conseguem ir à Cidade Livre para sacar dinheiro nos raros bancos da região, até o pagamento dos operários depende de um meio de transporte. Uma vez por semana, uma jardineira percorre os acampamentos para que o tesoureiro da Novacap honre o ordenado. Quem trabalha para a estatal e tem veículo próprio recebe um pagamento extra para usá-lo — é o chamado fichamento. Os demais se viram como podem.

Em 1958, a decoradora Marilda Porto vem a Brasília para casar-se com Edson Porto, um dos primeiros médicos a exercer a profissão na capital. Sem carro, eles dependem da estrutura do hospital para comprar mantimentos. "Quando não havia emergências, podíamos ir de ambulância até o mercado na Cidade Livre. Aqui era muito isolado. JK fez bem criando estradas, porque o principal fator para o desenvolvimento de um lugar é promover o acesso a ele", observa a goiana de 78 anos, moradora da Asa Sul.

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do **CORREIO**.

Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press



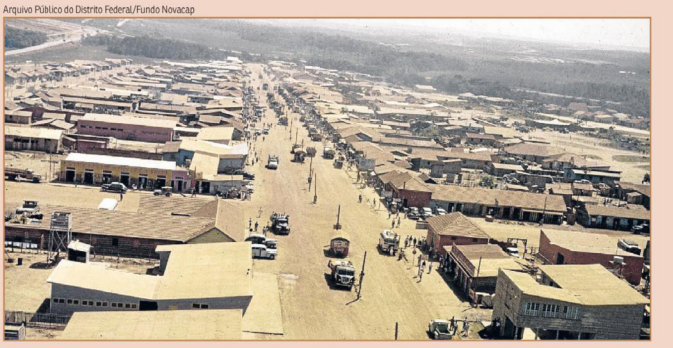
"Quando não havia emergências, podíamos ir de ambulância até o mercado na Cidade Livre. Aqui era muito isolado. JK fez bem criando estradas"

Marilda Porto, *decoradora*



Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press

Arquivo Público do Distrito Federal/Fundo Novacap



Vista geral da Cidade Livre nos anos 1950: estrada de terra batida, caminhões e nenhuma sinalização viária

Arquivo Público do Distrito Federal/Fundo Novacap



Ônibus e carroças dividiam a rua na década da construção

Arquivo Público do Distrito Federal/Fundo Novacap



O terminal do aeroporto comercial era de madeira

Arquivo Público do Distrito Federal/Fundo Novacap



As jardineiras serviam aos operários das empreiteiras, que viviam em locais como a Vila IAPI

De jipe para fiscalizar obras

O aeroporto comercial de Brasília é o 10º mais movimentado do país nos últimos anos da construção. Do hangar, o engenheiro civil Paulo Janot Borges enxerga, pela primeira vez, a imensidão brasiliense. O mineiro de Belo Horizonte desembarca na cidade com a missão de fiscalizar as empreiteiras em nome da Novacap. É recebido pelas chuvas de setembro de 1959: "Só havia lama quando cheguei, e o terminal de passageiros era um barracão de madeira."

Para cumprir o trabalho, Paulo Janot circula de jipe por toda a região. Observa a precária mobilidade local. "O governo optou pelo transporte rodoviário, porque era mais rápido de ser executado. Isso, além do combustível barato, favoreceu a circulação nas estradas", explica.

Apesar das dificuldades, Paulo sente-se privilegiado quase 60 anos depois. "Tive a oportunidade de ver uma cidade saindo do zero. Se fosse só pelo viés financeiro, não valeria tanto a pena. Não havia conforto, o transporte era raro e havia pouca diversão. A experiência valia mais pelo exercício da profissão, pelo aspecto técnico e pelo prazer de estar aqui no início", completa, aos 88 anos, o engenheiro aposentado, ainda morador da capital.

Às vésperas dos anos 1960, a cidade muda de plano. Sai do sonho para a realidade. Traços, curvas, arquitetura e arte, os grandes espaços que compõem a paisagem urbana até hoje provocam estranheza ao brasileiro. É moderna e se prepara para a inauguração. Há, sim, muitas conquistas a celebrar. A festa, no entanto, tem data para acabar. A comemoração — poucos sabiam — logo daria lugar à apreensão e à angústia. Um golpe contra a democracia surgia no horizonte.

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



O governo optou pelo transporte rodoviário, porque era mais rápido de ser executado. Isso, além do combustível barato, favoreceu a circulação nas estradas"

Paulo Janot Borges, *engenheiro civil aposentado*

Veja vídeo com Paulo Janot no tablet e no site do **CORREIO**.

LINHA DO TEMPO

Anos 1950

1956

- Em 2 de outubro, JK viaja a Brasília pela primeira vez, de avião, e aterrissa no Aeroporto de Vera Cruz, onde fica a antiga Rodoferroviária
- Uma semana depois, um novo campo de pouso provisório é aberto. Desta vez, nas proximidades da Fazenda Gama, onde, atualmente, fica o Brasília Country Club
- Constitui-se 3 de novembro como o início da construção de Brasília
- A Novacap abre avenidas de terra batida no Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre
- Há 80km de rodovias encascalhadas e 232 operários em atividade

1957

- Em janeiro, cria-se a linha Goiânia—Brasília. As viagens, pela Viação Araguarina, duram 12 horas
- Em 15 de fevereiro, a Shell instala bombas e tanques de gasolina e óleo diesel na cidade
- Em 23 de fevereiro, ocorre o primeiro pouso na pista de 2,4km do novo aeroporto. A bordo de um Douglas C-47 saído do Rio de Janeiro, estão o então presidente da Novacap, Israel Pinheiro, e parlamentares
- A inauguração oficial do aeroporto comercial de Brasília ocorre em 3 de maio. O terminal conta com pista de 3,3km, sendo 2,4km pavimentados, pista de operação de 45m e terminal de passageiros
- Real-Aerovias-Nacional, Vasp, Cruzeiro do Sul e Lóide Aéreo operam voos para Brasília
- O primeiro voo internacional é da Real-Aerovias. Uma aeronave do trajeto Miami—Rio de Janeiro faz um pouso de emergência no aeroporto comercial em 5 de dezembro
- Em 31 de dezembro, inicia-se o asfaltamento do Eixo Monumental

1958

- Fundado, em 7 de janeiro, o Aeroclube de Brasília
- Inauguradas, em 30 de junho, a rodovia Brasília—Anápolis e a Avenida das Nações
- O primeiro trem experimental parte de Alfredo Maia (RJ) rumo a Brasília em 20 de julho, com fim do trajeto em Anápolis (GO)
- Em agosto, começa a ser asfaltada a via entre o Palácio do Planalto e a Praça dos Três Poderes
- Em 28 de novembro, é lançada a estaca que marca o cruzamento do Eixo Monumental com o Eixão

1959

- Aberta a Rodovia Bernardo Sayão (BR-153 ou Transbrasiliana), entre Brasília e Belém
- Milhares de pessoas chegam a Brasília para o aniversário de JK, em 12 de setembro. O presidente inaugura viadutos, trechos dos eixos rodoviários e dois trevos no Plano Piloto
- Inaugurada, em 23 de novembro, a plataforma da Rodoviária do Plano Piloto
- Em 28 de novembro, 302km da rodovia Belo Horizonte—Brasília encontram-se pavimentados, e 560km, terraplanados

Fontes: Arquivo Público do Distrito Federal, Cedoc do **Correio Braziliense**, *Revista Brasília*

Artigo

por **Peter Furth**

Mario Figueiredo/Esp. CB/D.A Press



Professor de engenharia civil e meio ambiente da Northeastern University de Boston, em Massachusetts, nos Estados Unidos

Menos carro, mais caminhada

Nos anos 1950, arquitetos de todo o mundo derrubavam prédios para criar rodovias, porque acreditavam que o futuro dos transportes urbanos eram os automóveis. E, então, Brasília, nascida naquela era, foi construída em torno de estradas. Mas, agora, a insustentabilidade do transporte automotivo para as cidades ficou clara em pelo menos cinco dimensões. A primeira é a capacidade limitada de crescimento. À medida que a força de trabalho de uma cidade aumenta, linhas de trem podem multiplicar essa capacidade com locomotivas circulando com mais frequência. Estradas, porém, não podem comportar duas vezes mais carros, nem repetir isso.

Em segundo lugar, nós trouxemos os carros para as nossas cidades a fim de que eles nos ajudassem. Contudo, eles estão nos matando, em uma frequência que não toleraríamos em nenhuma outra indústria. Todos os dias, no Distrito Federal, uma pessoa é morta e 30 ou mais ficam gravemente feridas. O terceiro ponto é que a dependência dos automóveis segrega a sociedade, de modo que muitos empregos e atividades ficam fora do alcance daqueles que não têm condições de ter um automóvel.

Outra dimensão é o fato de que veículos contribuem enormemente com mudanças climáticas e com a poluição. Em quinto lugar, automóveis estão promovendo uma crise de saúde pública, fazendo com que andar se torne desnecessário e perigoso. Pela primeira vez na história da humanidade, temos uma geração que não se exercita o suficiente, e a obesidade resultante disso logo ultrapassará o fumo como a nossa maior ameaça à saúde pública.

Brasília pode se tornar uma cidade transitável a pé, de bicicleta e com um sistema público de transporte de alta qualidade. Para isso, o metrô, obviamente, precisaria ser estendido por toda a Asa Norte. O BRT é necessário no Eixo Monumental, da mesma forma que os ônibus expressos nas cidades-satélites. O sistema cicloviário demanda conexões críticas no centro e ao longo das rodovias para se tornar uma rede de verdade. Outra proposta é iniciar um programa de constante redução da oferta de estacionamentos e, ao mesmo tempo, aumentar os preços nesses locais para auxiliar o financiamento de melhorias na mobilidade.

Mas a maior necessidade é pela caminhada. É preciso remodelar as vizinhanças com calçadas para que as estações de metrô se tornem a porta da frente. Construir prédios residenciais com janelas viradas para esses caminhos a fim de que as pessoas se sintam seguras à noite. Mudar as lojas para que as entradas fiquem voltadas às praças, e as portas dos fundos, às ruas. Nos semáforos, os pedestres nunca devem aguardar mais do que 60 segundos. Nas travessias sem sinal, a instalação de ilhas de tráfego (espécie de canteiros centrais) permitirá aos carros reduzir a velocidade e, aos pedestres, atravessar uma via de cada vez.

Planos novos e arrojados são necessários para travessias seguras e atrativas no Eixão. Na área central, cruzamentos de largas avenidas nunca devem estar separados por mais de 200 metros, de modo que os pedestres não tenham de arriscar suas vidas correndo pela rua à procura de uma rota direta. Ao longo de toda essa região, deve ser dada prioridade a trajetos atraentes para caminhada a fim de que as pessoas possam aproveitar um passeio do escritório até o metrô, a um café ou ao parque. Brasília pode se adaptar a uma nova visão de mobilidade urbana? Acredito que sim. Fazendo isso, ela se tornará, novamente, uma cidade modelo.

Leia no próximo capítulo: os primeiros acidentes de trânsito e o esforço rumo à urbanização

www.correiobraziliense.com.br
LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 2018

NÚMERO 20.143 • 38 PÁGINAS • R$ 2,50

Franck Fife/AFP



O futebol é azul

» MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL À RÚSSIA

A França encantou o mundo com um time multiétnico, formado por descendentes de imigrantes que representam 17 nações. Ontem, venceu por 4 x 2 a Croácia — um adversário competente e que teve seu maestro, Modric, eleito o melhor jogador do torneio — e sagrou-se campeã da Copa da Rússia. Mas, para conquistar o bicampeonato mundial, os franceses precisaram se reinventar. Após o vice-campeonato na Eurocopa 2016, eles enxergaram mais rápido do que os 31 concorrentes na Copa que o futebol não é mais só posse de bola — o tiki-taka da campeã Espanha (2010), adaptado no tetra da Alemanha (2014). A França soube se defender, armar contra-ataques fulminantes e aproveitar as chances de gol. Em jogos aparentemente equilibrados, de repente, o placar indicava goleada. Sob o comando de Mbappé, 19, Pogba, 25, e Griezmann, 27, "os azuis" conquistaram o título e entraram para o primeiro escalão na nova ordem do planeta bola. O jovem Mbappé brilhou intensamente com arrancadas e dribles desconcertantes, e saiu coroado como novo príncipe do futebol. A França levantou a taça com todo o mérito.

Franck Fife/AFP



O INÍCIO / *Griezmann (D) bateu a falta que resultou no primeiro gol dos franceses no jogo*

Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press



FESTA EM BRASÍLIA / *Reunidos na embaixada da França, torcedores comemoraram o título*

Franck Fife/AFP



BRILHO / *Modric, o melhor da Copa, e Mbappé, o jovem talento*

Christophe Simon/AFP



DIPLOMACIA / *Presidentes de Croácia e França foram destaques*

Alexander Nemenov



PROTESTO / *Lovren tira membro do grupo Pussy Riot de campo*

CADERNO ESPECIAL DE ESPORTES

Reprodução/Internet



Mulher foi morta pelo ex-marido na frente das filhas

Funcionária do Ministério dos Direitos Humanos, Janaína Romão, 30 anos, levou cinco facadas de Stefanno de Amorim, num condomínio em Santa Maria. O crime covarde foi cometido diante das duas crianças do casal, de 4 e de 2 anos. O assassino fugiu.

PÁGINA 14

Novos passos da Panatenaico

Polícia Federal pede informações sobre a licitação do Jardins Mangueiral e do Centrad. Outra fase da operação, que apura desvios no Mané Garrincha, pode ser deflagrada.

PÁGINA 13

Eleições

Aliados pedem para Frejat não desistir da candidatura, mas decisão só sai amanhã

PÁGINA 13

Transporte quase travou a capital

Segundo capítulo da série sobre mobilidade em Brasília mostra as deficiências estruturais de uma cidade inaugurada com pompa no início da década de 1960.

PÁGINA 15

Peça de Fernando Guimarães agita o Teatro Dulcina

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

CB.Poder

O deputado federal Rogério Rosso (PSD-DF) é o entrevistado de hoje do programa, com transmissão da TV Brasília e do Facebook do **Correio**, *a partir das 13h25.*

ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846
DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

ANOS 1960

Arquivo Público do DF/Fundo Secretaria de Comunicação Social



Acidente no Plano Piloto: 90% deles eram causados por excesso de velocidade na década de 1960

Arquivo Público do DF/Fundo Secretaria de Comunicação Social



Passageiros aguardam papa-filas na Rodoviária: capacidade para até 120 pessoas dá origem ao apelido

Obstáculos ao progresso

A capital é inaugurada com pompa, mas as carências estruturais ficam expostas. Migração e aumento populacional, intensificado pelo nascimento dos primeiros brasilienses, revelam as deficiências de uma cidade em crescimento e às vésperas de um golpe militar. A precariedade no transporte atrapalha o vaivém nos anos 1960. É o que mostra o segundo capítulo da série iniciada no domingo

» JÉSSICA EUFRÁSIO
» GUILHERME GOULART

Brasília sente a pressão. Passada a rebordosa do 21 de abril, a capital tem muito a fazer. A urbanização incipiente vira armadilha. É gente de todo o canto que chega pelo aeroporto e por rodovias recém-abertas. No mesmo ritmo das obras, os problemas aparecem. Falta moradia para os 141.742 habitantes de 1960. Invasões, surto de doenças, incêndio em barracos, desconfiança quanto à qualidade da água. Tudo exige atenção do Estado.

A deficiência na infraestrutura respinga no transporte. Ônibus e caminhões comandam o tráfego no início da década. Pistas largas e sinalização precária convidam à imprudência. Logo ocorrem os primeiros acidentes graves. As colisões têm frequência quase diária. Em 4 de maio de 1960, o **Correio Braziliense** registra o atropelamento fatal do "sr. Temistocles Ribeiro de Carvalho (brasileiro, casado, de 29 anos)", "ontem, às 2,15 da madrugada". A reportagem — "Encontrado morto no Eixo Rodoviário" — denuncia a fuga do motorista.

É preciso tomar providências. A solução é deslocar homens da despreparada Guarda Especial de Brasília (GEB), vinculada à Novacap, para fiscalizar motoristas. A ordem é parar, com prisão, os apressadinhos. A Divisão de Trânsito do Departamento Federal de Segurança Pública faz ações educativas e instala lombadas nas superquadras do Plano Piloto. Pouco adianta: 90% das colisões têm como vilão o excesso de velocidade. Em 1964, o total de vítimas do asfalto passa de 100 em março.

Hora do rush

Com voos nacionais e internacionais, o Aeroporto de Brasília é o terceiro mais movimentado do país. Dois meses após a inauguração, 26.811 passageiros desembarcam na capital. Quem chega se surpreende com a cidade desestruturada, os monumentos em construção e a imensidão pouco arborizada. Apesar disso, o Distrito Federal toma forma. A Cidade Livre — ou Núcleo Bandeirante — perde o reinado. Ganha a concorrência do Plano Piloto, Paranoá, Gama, Taguatinga, Planaltina, Sobradinho e Candangolândia.

A expansão territorial impõe obstáculos além da segregação social e exige alternativas de locomoção. Viações particulares, como Pioneira, Planeta e São Sebastião, atendem aos moradores das cidades-satélites, algumas com papa-filas na frota. Mas veículos sujos, tarifas caras e ameaças de greve viram rotina. O governo arrisca soluções. Em 8 de maio de 1961, cria a Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília Ltda., a TCB. As operações começam em 1º de junho, com 35 ônibus.

Entre os primeiros contratados, está o goiano Carlos Caetano. Em 21 de novembro, o mais novo cobrador da estatal cumpre a tarefa na linha circular W3 Sul—L2 Sul. "Os ônibus vinham lotados, especialmente na hora do rush. Na W3, eles enchiam mais e, em geral, os passageiros eram operários. Depois, as viagens passaram a ter mais funcionários do governo", relembra.

Carlos testemunha o progresso. "Os ônibus circulavam entre locais como a Praça dos Três Poderes, Taguatinga e Vila Planalto. Eram veículos bem diferentes. Hoje, eles são maiores, modernos e confortáveis", compara, aos 79 anos. O aposentado passa mais de cinco décadas na TCB.

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



Os ônibus vinham lotados, especialmente na hora do rush. Na W3, eles enchiam mais"

***Carlos Caetano**, funcionário da TCB por 53 anos*

Veja vídeo com Carlos Caetano no tablet e no site do **CORREIO**.

Clássico

Inventado nos EUA na 2ª Guerra Mundial, o papa-filas chegou ao Brasil em 1957. O veículo tinha uma carroceria de ônibus sobre uma carreta tracionada por um cavalo de caminhão. Transportava 120 passageiros, um absurdo para a época — por isso, o apelido. O papa-filas logo saiu de circulação por ser lento, pesado e ruidoso.

Perigo na W3

É tempo de instabilidade política. O presidente da República, Jânio Quadros, renuncia, e o sucessor, João Goulart, é deposto. O Brasil acaba amordaçado pela ditadura em abril de 1964. Terminais rodoviários e aéreo viram pontos estratégicos do regime. Deixar o país depende de autorização do governo. Embarques no aeroporto ocorrem por grupos de cinco passageiros.

Em 13 de março de 1967, a regulação do transporte ganha um aliado: o Detran. O engenheiro civil Fernando Dias comanda a Engenharia de Trânsito da autarquia. "Criamos uma comissão para sinalização. Não havia nada. Tão logo o departamento foi instituído, deu-se início aos exames de admissão. Antes, eram promovidos pelo Detran de Goiás, com uma banca que vinha de Goiânia para aplicar provas", detalha, aos 84 anos, o chefe do Detran no DF em 1969.

Na Asa Sul, a W3 bomba. É a pista mais movimentada no fim da década. A imprudência assusta. Pedestres reclamam da bandalheira dos motoristas. A frouxidão na vigilância viária contrasta com a repressão militar, que sufoca a liberdade e prejudica a rotina acadêmica. Em 1968, 200 policiais invadem a UnB e atacam 500 estudantes. Em seguida, o governo decreta o AI-5. Os anos de chumbo estão à espreita na década de 1970.

Artigo

por **Ana Paula Borba Gonçalves Barros**

Arquivo pessoal



Urbanista, professora do Centro Universitário de Brasília (UniCeub) e doutora em transportes pelas universidades de Brasília e de Lisboa

Uma cidade para carros

O fato de Brasília ter sido idealizada sob premissas modernistas, que segmentam a cidade em setores, acaba por criar enormes vazios urbanos, o que fomenta o aumento das distâncias a serem percorridas nos deslocamentos diários. Um fator que desestimula isso é o fato de o Plano Piloto concentrar grande parte dos empregos do DF. Isso incentiva movimentos pendulares (casa—trabalho, casa—estudo), resultando em um baixíssimo Índice de Passageiros por Quilômetro (IPK). Para os operadores do transporte público coletivo por ônibus, essa taxa é considerada ineficiente economicamente. Assim, o custo recai aos usuários, que são obrigados a se deslocar em espaços inadequados e em péssimo estado de conservação.

A recente crise dos combustíveis mostrou a dependência das pessoas em relação aos veículos motorizados individuais. Cabe enfatizar que as características de Brasília e do DF tornam-se um desestímulo à mobilidade urbana sustentável, pois prejudicam qualquer tipo de deslocamento. Ainda, privilegiam os modos individuais motorizados, tornando o sonho de ter uma "cidade para pessoas" cada vez mais distante diante do entrave do tombamento de um projeto baseado em uma cidade para carros.

Um exemplo nítido é o Eixo Rodoviário, utilizado ao longo de seis dias da semana por motores a uma velocidade máxima permitida de 80km/h. Por que, então, não enterrá-lo? Faria-se um grande túnel subterrâneo para os carros e liberaria-se o nível superior às pessoas, com espaços de convivência, ciclovias e VLT. A mudança estimularia deslocamentos a pé e de bicicleta entre as quadras 100 e 200. Grande parte dos moradores deixaria os carros nas garagens para percorrer o "Eixão do Lazer Eterno (ELE)" em pequenas e médias distâncias, tornando a cidade mais amigável, viva, segura, saudável e sustentável.

Eis que surge a pergunta: e o tombamento? Simples. O desenho será mantido. O que muda é a maneira como ele será utilizado. Se não adequarmos uma jovem senhora de 58 anos chamada Brasília às tendências atuais, ela poderá, quem sabe, perder seus filhos e netos pouco a pouco. Outros questionamentos vêm à tona. Será que, havendo uma nova crise do petróleo, a jovem senhora sobreviverá? E, por fim, será que o mais adequado é estar na contramão do novo paradigma da mobilidade urbana?

LINHA DO TEMPO

1960-1969

- Jornais registram os dois primeiros acidentes de trânsito, um dia antes da fundação de Brasília
- Inaugurada, em 12 de março de 1960, a Rodoviária do Plano Piloto
- Aberta a estação de passageiros do Aeroporto de Brasília, que passa a receber voos da Pan American, na rota Buenos Aires—Nova York, e da Varig, com destino aos Estados Unidos
- A máxima "cabeça, tronco e rodas" nasce em Brasília. A primeira corrida automobilística ocorre dois dias após a inauguração. O Grande Prêmio Juscelino Kubitschek inclui Avenida das Nações, Eixo Rodoviário e Praça dos Três Poderes
- O governo inicia a urbanização da Cidade Livre em agosto de 1960. Algumas vias são asfaltadas e viram mão única
- Em 23 de abril de 1961, a EPTG é inaugurada
- Em 21 de abril de 1962, ocorre a primeira edição dos Mil Quilômetros de Brasília, campeonato disputado nas pistas da cidade
- Em 14 de julho de 1965, cria-se o Departamento de Tráfego e Concessões, com responsabilidade sobre itinerários, horários, tarifas e autorizações
- Saem as primeiras permissões de táxi em 1966
- Em 1967, o Departamento de Tráfego e Concessões emplaca 19.351 veículos. São 17.875 particulares e oficiais, 433 ônibus e 1.043 táxis
- A viagem inaugural da linha férrea, construída pelo Exército, é feita em 14 de março de 1967. O trem chega à Estação Bernardo Sayão, entre Núcleo Bandeirante e Guará
- Em 21 de abril de 1968, aponta no terminal ferroviário do DF o primeiro trem de passageiros
- A média mensal de passageiros nos 110 ônibus da TCB em 1968 é de 2,7 milhões. Hoje, em todas as empresas do DF, o índice é de 32 milhões de usuários

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do **CORREIO**.

Leia no próximo capítulo: os pegas agitam as madrugadas de Brasília e desafiam a ditadura militar

www.correiobraziliense.com.br
LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, TERÇA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 2018

NÚMERO 20.144 • 36 PÁGINAS • R$ 2,50

Frejat decide hoje se disputa GDF. Rosso, na fila, promete reajuste

O destino da pré-candidatura de Jofran Frejat ao Buriti deve ser decidida hoje em reunião com o ex-deputado federal Valdemar Costa Neto, cacique que manda no PR. Incomodado com pressões, Jofran diz não estar disposto a "vender a alma ao diabo" e afirma que só continuará no páreo se lhe for dada autonomia para tocar a campanha. De olho no lugar de Frejat, o deputado federal Rogério Rosso (PSD) disse ontem que será candidato caso o ex-secretário de Saúde saia da briga. E já fez até promessa. Disse que, se eleito, pagará a última parcela de reajuste salarial aos servidores no primeiro mês de governo. PÁGINA 17

CB.Poder

José Márcio Camargo, da equipe econômica de Henrique Meirelles, é o entrevistado de hoje, às 13h25, com transmissão pela TV Brasília e pelo Facebook do ***Correio****.*

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ao menos um homem participou de invasão a ministério

Quando chegaram ao prédio do Ministério do Trabalho, ontem, funcionários encontraram sala arrombada e documentos espalhados pelo chão no andar em que fica o data center. A pasta é alvo de investigação da Polícia Federal que apura fraude na emissão de registros sindicais.

PÁGINA 4

CONCURSO

Câmara em Goiás abre 75 vagas

A seleção é da Câmara Municipal de Goiânia e oferece oportunidade para candidatos com nível médio e com formação superior. Os salários variam de R$ 4.379,33 a R$ 6.737,44. As inscrições vão até 6 de agosto.

PÁGINA 6

Aposentados terão parte do 13º antecipado

Pelo decreto assinado por Temer, aposentados e pensionistas do INSS vão receber a primeira parcela do 13º salário e a remuneração, juntos, em agosto. A medida deve injetar R$ 21 bilhões na economia.

PÁGINA 3

Yuri Kadobnov/AFP



Trump e Putin: mais do que um presentinho

O presidente russo deu ao mandatário norte-americano a bola usada na Copa do Mundo, antes de decidirem estreitar relações e repudiar as investigações sobre interferência do Kremlin nas eleições dos EUA. Em casa, Trump foi severamente criticado.

PÁGINA 12

Arquivo Pessoal



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Vivendo e aprendendo

Brasilienses como Natália Karine e Constantino Pereira não fazem da música um meio de vida, mas, sempre que podem, aproveitam para aprimorar a arte em escolas da cidade.

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

Minervino Junior/CB/D.A Press



Ameaças no dia do enterro de Janaína

A segurança foi reforçada durante o sepultamento da servidora, 15ª vítima de feminicídio este ano no Distrito Federal. Principal suspeito do crime, ex-companheiro telefonou para a família e exigiu ficar com as filhas.

PÁGINA 20

Crise que nada! Eles querem é aumento

Apesar do rombo nas contas públicas e de não haver fonte de receita para pagar reajuste, parlamentares e magistrados fazem pressão para elevar os próprios salários. Caso isso ocorra, haverá aumento em cascata por todo o país.

PÁGINA 6

Transporte

1970: a invasão dos carros na capital do Brasil

A série Conexão Brasília apresenta a década em que os automóveis tomaram conta do DF, com mais de 110 mil veículos emplacados em poucos anos.

PÁGINA 19

Futebol

Para não sofrer em um mundo sem Copa

Acabou o Mundial da Rússia, mas a bola segue rolando: confira os torneios nacionais e internacionais com a participação de times brasileiros.

PÁGINA 15

Supremo barra cobrança de planos de saúde

Presidente do STF, Cármen Lúcia afirma que "vida não é negócio" e derruba cobrança de até 40% do valor de procedimentos em convênios com coparticipação. Assunto será avaliado por relator ou pelo plenário.

PÁGINA 7

ISSN 1008-2661
9 771808 266035

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846
DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

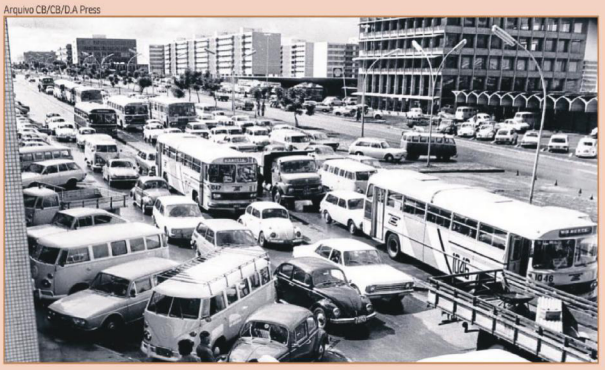
ANOS 1970

Arquivo CB/CB/D.A Press



Falta de estacionamento — e o desrespeito com as filas duplas — na 307 Sul em março de 1979

Arquivo CB/CB/D.A Press



No início da W3 Norte, ônibus disputam espaço com Fusca, Kombi, Brasília e Corcel em abril de 1976

A capital dos automóveis

Brasília faz valer o plano rodoviário nos anos 1970. Com mais de 110 mil veículos emplacados na década, os carros comandam as ruas. Ao volante, os pegas assustam em época de ditadura militar. O terceiro capítulo da série sobre mobilidade no DF também explora a ineficiência do transporte público no período em que as invasões são removidas do Plano Piloto

» GUILHERME GOULART
» JÉSSICA EUFRÁSIO

Hora de arrumar a casa. O plano de Lucio Costa se firma no horizonte, mas peca no acabamento. A conta-gotas, a instalação de equipamentos públicos impõe desafio diário aos operários da Novacap. Asfalto, semáforo, placa, meio-fio, jardim e poste de luz passam a compor a paisagem da Asa Sul. Na Asa Norte, a palavra de ordem é "rush" de urbanização. Acelera-se para sanar o atraso em relação ao bairro coirmão. Entre paus, pedras e concreto, Brasília é a cidade brasileira que mais cresceu em 10 anos. A população aumenta 284,4% e ultrapassa meio milhão. É o Distrito Federal em plena crise adolescente.

A rebeldia toma conta das ruas na fase mais dura do regime militar — perseguições, desaparecimentos e mortes mancham de sangue os porões da ditadura. Na capital, parte da juventude está mais interessada em adrenalina. Enquanto o brasileiro Emerson Fittipaldi comemora o bicampeonato mundial de Fórmula 1 em circuitos europeus, playboys e filhinhos de papai transformam os eixos em pistas de corrida. Pegas se espalham nas imediações do Hotel Nacional e da Rodoviária do Plano Piloto e nas vias W3 e W4 Sul. Reúnem centenas nas madrugadas dos fins de semana.

No início da década, porém, as manchetes se concentram nas falhas do transporte público. O sistema patina. Falta organização, pontualidade e troco nos ônibus. Sobram filas e reclamações. Os coletivos não dão conta da demanda. Boa parte da população mora longe do Plano Piloto — mais da metade vive em oito cidades-satélites. Taguatinga se sobressai. Ceilândia surge a partir da Campanha de Erradicação de Invasões (CEI). Em 1971, abriga gente do IAPI; das vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo; dos morros do Querosene e do Urubu; do Curral das Éguas; e da Placa das Mercedes.

Em 1975, discute-se, pela primeira vez, a adoção de transporte urbano sobre trilhos. A Secretaria de Viação e Obras considera caro o metrô tradicional e sugere bonde com know-how canadense. Também cogita-se a construção de vias expressas, comuns na Europa e nos Estados Unidos. O trem de passageiros ainda é uma realidade no DF, mas não sobreviverá à década de 1980. Enquanto isso, tarifas de táxi vão às alturas e o transporte público brasiliense apresenta-se como um dos piores do Brasil.

A 100 por hora

A escalada da frota transforma Brasília na capital dos automóveis. São 23 mil veículos emplacados em 1972; 88 mil em 1973; 110 mil em 1974 — a proporção de carro por habitante está no topo do ranking da América Latina. Propagandas maciças em rádio, tevê e jornal impulsionam o consumo e o desenvolvimento viário. No início de 1975, o DF está ligado a todas as regiões pelas BRs 020, 040, 060, 070, 080 e 251. Além disso, 12 estradas-parque conectam a cidade, com 294km de pistas. Duas pontes de acesso ao Lago Sul ficam prontas.

As pistas largas estimulam os rachas, oficialmente monitorados por agentes da ditadura. Os tempos de competições como os Mil Quilômetros de Brasília, permitidas pelo governo até 1970, ficam para trás. Mas as disputas, ilegais, ainda empolgam jovens corredores como Fernando Ramos. "As nossas vias eram fantásticas; por isso, saíram tantos pilotos bons daqui. Queríamos correr nas pistas oficiais, e os treinamentos ocorriam nos pegas, que não eram irresponsáveis como os de hoje", avalia o empresário, aos 70 anos.

Playboys esperam a chegada da família, jantam com os parentes e, no fim da noite, surrupiam o carro do papai. Alguns pedem o veículo emprestado para "sair com a namorada". O destino, no entanto, são as corridas clandestinas. Ao volante de Opalas, Gordinis e caminhonetes, a juventude leva os motores ao limite. A velocidade chega a incríveis 100 km/h. Carlos Zarur, 69, experimenta a sensação em um Fusca de 1.800 cilindradas. O carioca risca o asfalto entre 1968 e 1973. "Era revolucionário, principalmente em relação aos nossos pais. A cidade tinha ruas largas, asfaltadas e era toda nossa. Fomos muito felizes. A vida era ir para festinhas, namorar e, claro, correr", conta o jornalista.

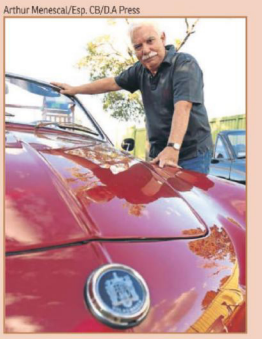
Os rachas chegam ao limite em 1979, com acidentes graves e atropelamentos fatais. A velocidade, entretanto, logo deixará de ser protagonista. A ideia do Milagre Econômico imposta pelos militares desmorona com o regime. E o país desacelera a ponto de a inflação destruir o poder de compra e a autoestima do brasileiro. Logo à frente, Brasília será, pela primeira vez, palco de grandes manifestações na luta pela redemocratização.

Arquivo pessoal



Carlos Zarur pilotava um Fusca de 1.800 cilindradas para alcançar 100km/h em pegas pela cidade: "Era revolucionário". Hoje, ele tem um Karmann Ghia conversível (ao lado), um dos 177 produzidos no mundo

Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press



PARA SABER MAIS

Refém do combustível

A crise do petróleo assombra o planeta na década do boom de automóveis no Brasil. Entre outubro de 1973 e março de 1974, o preço do produto aumenta 400%, impulsionado pela descoberta de que o recurso natural não é renovável. A supervalorização tem consequências diretas nos Estados Unidos e na Europa e desestabiliza a economia mundial.

Veja vídeo com Carlos Zarur no tablet e no site do CORREIO.

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do CORREIO.

LINHA DO TEMPO

1970-1979

» As obras da Ponte Presidente Médici, a atual Ponte das Garças, começam em junho de 1973. Em janeiro de 1974, o acesso alternativo ao Lago Sul é liberado para o trânsito

» Na tentativa de acabar com os pegas nas ruas, em 1973, o governo libera o estacionamento do Estádio Municipal de Brasília, o Pelezão, para as corridas

» Em fevereiro de 1974, inaugura-se o Autódromo Internacional Nelson Piquet

» Na metade da década, a equipe do arquiteto Antônio Danilo Barbosa desenvolve o Plano Diretor de Sinalização e as clássicas placas de Brasília. As cores — verde, azul e marrom, com setas brancas — são inspiradas na regulamentação de trânsito dos EUA

» Em fevereiro de 1976, é a vez da entrega da Ponte Costa e Silva, também no Lago Sul. Em 2015, o nome é alterado para Honestino Guimarães, líder estudantil morto na ditadura militar

» Em 22 de agosto de 1976, o fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek, morre em acidente automobilístico na Rodovia Presidente Dutra, no Rio de Janeiro

» Brasília termina a década com mais de 1 milhão de habitantes

Fonte: Cedoc do Correio Braziliense

Artigo

por **Milena de Lannoy**

Arquivo pessoal



Arquiteta e urbanista, mestre em arquitetura sustentável e especialista em reabilitação ambiental sustentável

Integração é a solução

O relatório entregue por Lucio Costa aos membros do júri do concurso para a nova capital falava que a cidade modernista "nascia do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz". Essa cidade de vanguarda é elogiada por pessoas e arquitetos do mundo inteiro. Lucio propôs uma técnica rodoviária inovadora para a época, sem cruzamentos e de acessos intuitivos, com largos e velozes eixos. Com sábias decisões, projetou uma capital que contemplava o avanço da indústria automobilística, permitindo às pessoas morar perto do trabalho e se deslocar de modo ágil e organizado. Como descreveu JK no livro *Por que Construí Brasília*, "já havíamos entrado na era do automóvel".

Entre 1985 e 1987, Lucio retornou à cidade e escreveu *Brasília Revisitada*. Ele observou o tráfego com a fluência de rodovias, e a facilidade de se atravessar a cidade livre de engarrafamentos. Mas traduziu como incompreensível até então não existir um serviço de ônibus municipal impecável, que aproveitasse as facilidades urbanísticas.

Em 1992, tiveram início as obras do sistema metroviário. Segundo o Metrô-DF, os trens transportam, em média, 160 mil passageiros por dia. Apesar de o desenho da cidade não favorecer esse modal, deve-se considerar as outras vantagens: transporte seguro, limpo, rápido e não poluente. Nesse último, ele perde só para a bicicleta, que também é saudável e econômica.

Nos últimos anos, as condições de mobilidade vêm se degradando não apenas em Brasília, mas no Brasil. O crescimento urbano difuso e fragmentado, impulsionado pela sedutora indústria automobilística, teve como consequência a dependência do carro, resultando na contramão da mobilidade urbana sustentável — que é a realização do direito de ir e vir a todos os cidadãos, garantido pelo instrumento da acessibilidade universal.

Segundo Carlos Henrique Carvalho, pesquisador do Ipea, as famílias brasileiras gastam mais com transporte privado do que com público em praticamente todas as faixas de renda. O problema é que o automóvel, além de confortável, proporciona status e satisfaz de forma individual. O número da frota de veículos de Brasília é incompreensível. A média é de 1,7 veículo para cada dois habitantes, realidade que faz com que os brasilienses passem cada vez mais tempo em engarrafamentos.

Em vários países, instalou-se uma nova mentalidade sobre o uso consciente de meios de transportes não poluentes, coletivos e individuais, como a bicicleta. Foi necessária uma condição de colapso para se repensar a mobilidade no nosso país. Em Brasília, o problema é um pouco mais complexo, pois existe a dinâmica das "cidades dormitórios". Metade da população trabalha no Plano Piloto e precisa percorrer grandes distâncias.

A solução deve ser baseada na integração dos diferentes modais. Portanto, da mesma forma que Lucio Costa propôs uma alternativa que atendeu de forma satisfatória as condições de trânsito por ao menos três ou quatro décadas, será necessário refletir quais as possibilidades que poderão ser implementadas por aqui e que ofereçam aos brasilienses, nos próximos 50 anos, formas de mobilidade sustentáveis e democráticas.

Leia no próximo capítulo: a ineficiência do sistema de transporte público

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, QUARTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2018

NÚMERO 20.145 • 50 PÁGINAS • R$ 2,50

VESTIBULAR

Universidade de Brasília (UnB) divulga lista com 407 candidatos aprovados em segunda chamada. Aula começa em 15 de agosto PÁGINA 21

CONCURSO

Secretaria de Educação fará seleção para contratação temporária de professores. Remuneração é de R$ 5 mil (40h) e R$ 2,5 mil (20h) PÁGINA 7

Renúncia de Frejat racha a oposição e ajuda Rollemberg

Ao retirar a pré-candidatura ao Palácio do Buriti, às vésperas das convenções partidárias, Jofran Frejat (PR) embola a corrida eleitoral no DF. Ex-secretário de Saúde, ele liderava as pesquisas de intenção de voto. Mas, incomodado com a pressão de aliados na formação da chapa, disse que não venderia a alma ao diabo e desistiu da disputa. Ao **Correio**, garantiu que a decisão foi tomada depois de "muita reza". Com ele fora do páreo, a oposição não tem, no momento, um candidato que empolgue. Com isso, o mais beneficiado pela decisão de Frejat é o governador Rodrigo Rollemberg (PSB), que concorre à reeleição. PÁGINAS 17 A 20

O 'diabo' está solto e vai aprontar na eleição

Crescem as especulações sobre quem é o "coisa ruim" exorcizado por Frejat e o papel que terá na campanha. EIXO CAPITAL, PÁGINA 18

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Anos 1980, do zebrinha ao desafio dos carros

Os pequenos ônibus que circulavam pelo Plano Piloto marcaram época. Dulce Maria (foto) tem saudade do coletivo, com bancos em forma de "u". Mas nem essa experiência de sucesso no transporte evitou o aumento da frota de veículos, como mostra a série do **Correio** sobre mobilidade. PÁGINA 24

Aposentados estão atolados no consignado

Os beneficiários da Previdência devem R$ 122 bilhões aos bancos em empréstimos. A dívida cresceu 12% em um ano. O 13º, anunciado para agosto, pode reduzir o endividamento. PÁGINA 6



Mandela, um líder celebrado pelas artes

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press



Em carta, covarde confessa crime

Stefanno Amorim (foto), 21 anos, foi preso ontem pela polícia acusado de matar a ex-mulher, Janaína Romão, 30 anos. Ele assumiu ter cometido o assassinato, a facadas, em Santa Maria. A funcionária do Ministério dos Diretos Humanos morreu na frente das filhas, de 4 e 2 anos. PÁGINA 22

Donald Trump:

"Me expressei mal"

Sob chuva de críticas, presidente dos EUA recua de declarações e admite que Rússia influenciou a eleição de 2016. PÁGINA 12

As mídias digitais e a

conexão TDAH

Estudo vê ligação entre uso intenso de tecnologia móvel e hiperatividade. PÁGINA 14

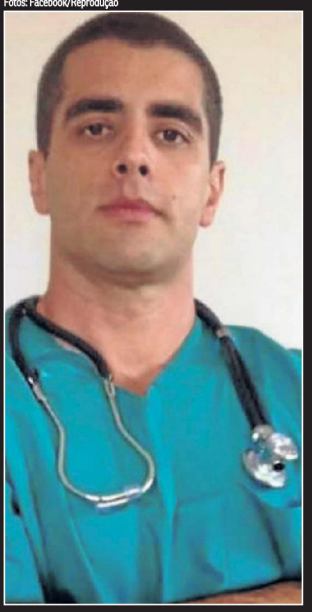
Entre no trem e reviva

Graciliano Ramos



Dr. Bumbum desaparece após morte e denúncias

Fotos: Facebook/Reprodução





Com quase um milhão de seguidores em redes sociais, o médico Denis Furtado (foto), 45 anos, é bastante conhecido em Brasília. Ele é suspeito de provocar a morte de Lilian Jamberci (foto), 46, em procedimento estético realizado em apartamento dele no Rio. A Polícia Civil do DF tem 15 ocorrências de crimes, como exercício ilegal da profissão. Denis e a mãe, Maria de Fátima, também médica, estão foragidos.

PÁGINA 5

ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

ANOS 1980

Descompasso coletivo

Turbulências marcam os anos 1980. A crise no abastecimento faz do Brasil um país instável. No DF, a frota de veículos cresce em progressão geométrica, e o transporte público esbarra na ineficiência. É o quarto capítulo da série sobre mobilidade

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do **CORREIO**.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Veja VÍDEO com Dulce Maria dos Santos no tablet e no site do **CORREIO**.

Eu estudava no Ceub, ia ao Conjunto Nacional e, mais tarde, nos anos 1990, ao Park Shopping. Tudo de zebrinha, que tinha os assentos dispostos em 'u'. Desse jeito, ficávamos de costas para a janela e de frente uns para os outros"

***Dulce Maria dos Santos,** 54 anos, moradora da 313 Norte*

» JÉSSICA EUFRÁSIO
» GUILHERME GOULART

Brasília cresce e aparece. Vira cidade grande nos anos 1980. São 1.176.935 habitantes no início da década — mais do que o dobro planejado por Lucio Costa para a virada do século. Nos últimos suspiros da ditadura militar e sob a agitação das Diretas Já, os problemas de mobilidade urbana, acumulados desde a fundação do Distrito Federal, ficam insustentáveis. Não há sequer estacionamento para a frota que se aproxima de 200 mil veículos. A metrópole cobra a conta. E desafia as autoridades públicas por uma solução.

As falhas no transporte coletivo deixam em evidência a fragilidade desse setor. A Secretaria de Serviços Públicos impõe linha dura às empresas permissionárias. Cobra-se o cumprimento e a pontualidade dos itinerários. Instalam-se placas e relógios nos terminais. Fiscais ganham uniforme e autoridade para exigir que os ônibus saiam no horário marcado. É a política do "custe o que custar", como prega o secretário à frente da pasta.

Na Estação Rodoviária de Brasília — a Rodoviária do Plano Piloto —, mais de 300 mil pessoas circulam diariamente. A aglomeração de gente provoca aborrecimentos nos horários de pico. Passageiros reclamam de filas, superlotação e falta de cuidado com os ônibus, além do mau humor dos cobradores e da imprudência dos motoristas. O governo adota uma forma de desafogar o terminal: transferir as linhas interestaduais para a Estação Ferroviária Monumental — mais tarde, a Estação Rodoferroviária —, jogada às traças desde 1976.

Para dar suporte aos coletivos e desafogar o trânsito, a novidade é o Serviço Especial de Transporte de Vizinhança. A campanha oficial tenta convencer o brasiliense a deixar o carro na garagem. Dá certo. As zebrinhas, como ficam conhecidos os microônibus listrados em vermelho e branco, caem no gosto dos moradores do Plano Piloto. As tarifas mais caras — quase o dobro do valor da passagem comum — e o tamanho menor emprestam uma certa sofisticação ao serviço executivo.

A mineira Dulce Maria dos Santos conhece Brasília nas férias de 1981, ano de estreia da iniciativa. A bordo das zebrinhas, ela se empolga com a cidade onde os pais moram. A então jovem de 17 anos só trocaria Minas Gerais por Brasília em 1982. "A gente saía da Asa Norte e ia tomar sorvete no Gilberto (Salomão, no Lago Sul). Era mais seguro. Em BH, os ônibus pareciam latas de sardinha", conta. Depois da mudança de endereço, Dulce continua a usar o transporte especial. "Eu estudava no Ceub, ia ao Conjunto Nacional e, mais tarde, nos anos 1990, ao Park Shopping. Tudo de zebrinha, que tinha os assentos dispostos em 'u'. Desse jeito, ficávamos de costas para a janela e de frente uns para os outros. Era ótimo. Sinto falta delas", relembra, aos 54 anos, a moradora da 313 Norte.

Por toda a plataforma

Entre cruzeiros, cruzados e planos econômicos, o país afunda na instabilidade na metade dos anos 1980. Há racionamento de comida. Salários congelados e remarcações constantes de preços derretem o poder aquisitivo do brasileiro. A crise do petróleo da década anterior ainda deixa rastros. O governo federal busca alternativas para reduzir a dependência do recurso fóssil. Uma das soluções tem carimbo made in Brazil. Consiste em um pacote de benefícios para incentivar a compra de carros movidos a álcool, biocombustível derivado da cana-de-açúcar desenvolvido com tecnologia nacional.

Na capital recém-tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade, o problema é outro. No fim da década, as ruas têm cheiro de gasolina, óleo diesel e sangue das vítimas da irresponsabilidade ao volante. Desrespeito às leis de trânsito, embriaguez e imperícia são as principais causas de colisões. Há 204.089 veículos emplacados e pouco investimento em educação e segurança. Em 10 anos, o número de mortes nas vias quase triplica. Passa de 214, em 1980, para 598 em 1989 — aumento de 179%. Abalada, a cidade se mobilizará em torno de campanhas por uma só causa: salvar vidas.

PARA SABER MAIS

Em nome da democracia

Com a redemocratização ao alcance das mãos na metade da década, o povo lança-se na campanha das Diretas Já. A pressão sobre os militares funciona parcialmente. Em 1985, os 21 anos de ditadura terminam com a eleição indireta de um presidente civil. Tancredo Neves vence o pleito, mas morre antes da posse. A Presidência cai no colo de José Sarney. A sombra do Exército some, em definitivo, três anos depois, em 1988, quando o deputado Ulysses Guimarães lidera o movimento de promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil.

LINHA DO TEMPO

1980-1989

Tadashi Nakagomi/CB/D.A Press - 10/2/80



» Em fevereiro de 1980, 10 mil pessoas se reúnem para o **1º Encontro Ciclístico do DF**

Arquivo /CB/D.A Press



» Instituído o **Serviço Especial de Transporte de Vizinhança (zebrinha)** em julho de 1980. As operações começam em 1981

» Também em 1981, entra em vigor o Sistema Integrado de Transportes Urbanos. Passageiros pagam por um bilhete e podem pegar vários ônibus se não deixarem os terminais

Marcos de Oliveira/CB/D.A Press - 9/4/81



» Diante da crise do petróleo, o governo reativa parte dos trens de passageiros. Em abril de 1981, o **Trem Bandeirante**, que faz o percurso Brasília—Campinas, está entre eles. A locomotiva sai da Estação da Luz, em São Paulo, e a chegada marca a inauguração do Setor Ferroviário de Passageiros da Rodoferroviária. Em 8 de maio, as viagens tornam-se semanais. Os trens Bandeirantes, da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, cumprem o itinerário em 25 horas

» Em abril de 1984, começa a duplicação da BR-040

» Em outubro de 1984, o GDF abre licitações para obras viárias nas cidades-satélites direcionadas ao transporte público

» O Eixão recebe placas de velocidade e avisos para pedestres. Canteiros são dispensados, e tachões, instalados em alguns trechos

» A região do Lago Paranoá ganha ciclovia, mas a estrutura atende apenas os moradores da vizinhança

» Em 1985, gastos com passagem comprometem 27,3% da renda dos moradores das cidades-satélites

F. Gualbetto/CB/D.A Press - 25/1/82



» Brasília recebe o título de Patrimônio Cultural da Humanidade da Unesco em 7 de dezembro de 1987

» No fim da década, os brasilienses pagam as tarifas mais caras do país para circular em um dos **4 mil táxis** da cidade

Fontes: Cedoc do **Correio Braziliense** e Departamento de Trânsito (Detran)

Artigo

por **Flávio Dias**



Arquivo pessoal

Especialista em transportes

Dilema moderno

Brasília é uma cidade-capital planejada antes de começar a ser construída, com vias espaçosas, mas para fluir até meio milhão de habitantes. Porém, encontra-se, hoje, com suas satélites e Entorno do DF, com um dilema moderno e típico das grandes cidades: que política de mobilidade urbana poderá inverter a curva crescente de engarrafamentos e acidentes, com altos custos para a sociedade?

Inicialmente, poder-se-ia listar antigas recomendações, mas que são igualmente necessárias nos dias atuais, tais como estimular o uso do transporte coletivo, diversificar e integrar os meios de transporte de interesse público e o horário de funcionamento das repartições, incentivar o trabalho em home offices, não construir cidades ou empreendimentos às margens das estradas, nem nestas instalar quebra-molas, semáforos, passagens de pedestres ou placas de Pare.

No entanto, o que temos há décadas é o velho sonho americano de se ter o carro próprio, o que, combinado com um transporte público de padrão ainda não confiável, remete-nos a um quadro complexo, com tendência a se tornar caótico. E quanto mais complexo é o problema de mobilidade urbana, maior é o custo social e mais engenhoso deverá ser o pacote de soluções. Este deve conter elementos que operem de forma eficiente e colaborativa, merecendo a instalação de um grupo multidisciplinar de vanguarda para aperfeiçoar ou refazer o modelo, considerando diversos aspectos, tais como a legislação, a tecnologia, o modo de operação e as mudanças culturais.

Dois exemplos podem ser considerados na "equação-solução" para a mobilidade urbana brasiliense. Um: o desenvolvimento de uma política de engenharia preventiva, reduzindo os conflitos de tráfego e tornando as vias, ao mesmo tempo, mais fluidas e seguras. Outro: a implantação de vias expressas, com pedágio urbano automático interligando grandes polos geradores de viagens conjugado com um plano diretor de estacionamentos.

Ambos subsidiariam o transporte coletivo, proporcionando um salto de qualidade, ofertando ao cidadão duas boas alternativas: o uso de transporte individual sem grandes engarrafamentos e com disponibilidade de estacionamento em áreas críticas; e um transporte público coletivo com oferta e capilaridade ampliada, deixando-se de tratar seus usuários como "sardinhas enlatadas".

De modo geral, o poder público terá melhores resultados em suas políticas de mobilidade quando conduzir a coisa pública como um pai educando os filhos a partir de bons exemplos.

Leia no próximo capítulo: a campanha Paz no Trânsito une a cidade pelo fim da violência no asfalto

www.correiobraziliense.com.br
LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, QUINTA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 2018

NÚMERO 20.146 • 60 PÁGINAS • R$ 2,50

Uma coleção de crimes na ficha policial do Dr. Bumbum



Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press

Investigado pela morte de uma paciente durante um procedimento estético, o médico Denis Furtado responde a pelo menos 22 denúncias em vários estados e no DF. Entre as ocorrências, homicídio e porte de armas, além de exercício ilegal da medicina. Ele e a mãe (foto), Maria de Fátima, estão foragidos. Segundo a advogada de Denis, seu cliente não apareceu porque desenvolveu síndrome do pânico após o incidente.

PÁGINA 5

Nova tentação da oposição para possuir Jofran Frejat

Um dia depois de anunciar que abria mão de disputar o governo do DF porque não estava disposto a vender a alma ao diabo, Jofran Frejat (PR) voltou a ser alvo de nova investida para reassumir a cabeça de chapa do grupo de oposição. O ex-secretário de Saúde terá até as 14h desta quinta-feira para tomar uma decisão. E os sinais de que ele cairá em tentação eram fortes até a noite de ontem. No caso de Frejat não ceder ao apelo, a coligação deve sacramentar um novo nome. Brigam pela vaga os deputados federais Izalci Lucas (PSDB) e Rogério Rosso (PSD). Também na oposição ao governador Rodrigo Rollemberg (PSB), o Novo confirmou ontem uma chapa puro-sangue que será encabeçada por Alexandre Guerra, herdeiro da rede Giraffas, tendo como vice o médico cirurgião Erickson Blun.



Alckmin fecha com PTB e soma mais tempo na televisão

PR tenta manter o Centrão unido na corrida ao Planalto

Bolsonaro esbarra em dificuldades para definir vice

PÁGINAS 2, 3, 4, 17 E EIXO CAPITAL, 18

CONCURSO

FAB abre 259 vagas

O posto é de sargento. Podem se candidatar pessoas de ambos os sexos. Inscrição vai de 12 de agosto a 10 de setembro.

PÁGINA 6

Lillian Suwanrumpha/AFP



O recomeço dos javalis — Depois de 25 dias de um drama que comoveu o mundo, os 12 meninos e o treinador resgatados de uma caverna na Tailândia voltaram para casa. Com declarações emocionadas e agradecimentos, a equipe dos Javalis Selvagens deixou o hospital. A maioria deles fala do salvamento como um milagre. PÁGINA 12

UnB entre as 16 melhores da América Latina

A Universidade de Brasília subiu três posições no ranking da Times Higher Education, que abrange 10 países e 129 instituições. A Universidade Católica do DF aparece pela primeira vez na pesquisa.

PÁGINA 20

O sobe e desce da gasolina nos postos do DF

A média de preço do litro combustível em Brasília é de R$ 4,60, segundo levantamento do **Correio**. Mas a variação é grande: vai de R$ 4,26 a R$ 4,79.

PÁGINA 7

Paulo Cavera/Divulgação



A CAPITAL

em duas rodas

O Capital Moto Week chega à 15ª edição com a previsão de atrair à Granja do Torto mais de 700 mil apaixonados por motocicletas e rock. "É um encontro de muita paz e confraternização", diz o organizador, Marco Portinho.

DIVERSÃO &ARTE, CAPA

Pressiona o líder!

Diante de um Maracanã lotado, São Paulo vence o Flamengo e fica a um ponto do rubro-negro, que ainda mantém a ponta do Brasileirão. Ex-rubro-negro, Éverton marcou o gol da vitória e foi comedido na comemoração. PÁGINA 16

Fabio Mota/Estadão Conteudo



Avanços na luta contra o vitiligo

Novo tratamento da doença, até hoje sem cura, retirou as manchas da pele de ratos em duas semanas, e elas não voltaram.

PÁGINA 14

Das tragédias nas ruas à Paz no Trânsito

Série de reportagens mostra como campanha liderada pelo **Correio** ajudou a reduzir as mortes em acidentes nos anos 1990.

PÁGINA 19

ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

ANOS 1990

Nos passos da paz

Brasília ganha contornos de metrópole nos anos 1990. Da posse do primeiro presidente eleito após a ditadura aos caras-pintadas; do confisco da poupança ao Plano Real; a cidade centraliza o debate político e econômico. Acidentes de trânsito alcançam recordes. E o metrô começa a virar realidade. Eis o quinto capítulo da série de reportagens sobre mobilidade

» GUILHERME GOULART
» JÉSSICA EUFRÁSIO

Um inimigo espreita às vésperas do novo milênio. Ao volante, no pedal da bicicleta, na garupa da moto, no banco do ônibus, na faixa de pedestre, não há lugar seguro no trânsito. A imprudência sobre rodas assusta enquanto Brasília se consolida. Cidade-satélite vira região administrativa na década de 1990. Há 18 no total. Algumas recém-criadas, como Samambaia e Sudoeste. Distâncias maiores reivindicam transporte eficiente. Mas o serviço público frustra o trabalhador. E incentiva o automóvel a exercer a soberania.

Ao fim da década, a frota chegará a 632.610 veículos para 2 milhões de pessoas — a proporção será de um carro para cada três habitantes. O índice, entre os mais altos das Américas, resulta na insegurança nas pistas, observada logo nos primeiros anos. Em 1991, o trânsito mata mais do que doença e crimes: 70% das mortes acontecem no asfalto. Uma das causas é a má formação dos motoristas. O rigor nos exames para obter habilitação no DF reprova 60% dos candidatos. Rejeitados tiram CNH no Entorno.

O desrespeito à vida chega ao limite em 1995. São 652 mortes em 578 acidentes fatais, um recorde nos índices do Detran. A média é de quase dois óbitos por dia. O Eixo Rodoviário vira Eixão da Morte. Nos anos seguintes, Fátima, Daniel, Luís Ricardo, Geraldo, Patrícia, Ozéas, Natálio, David, Regina e Wolner e outras centenas sucumbem à violência das pistas. Pressionado, o governo local adota ações preventivas. Elas começam em julho de 1995 com a criação do Programa de Segurança para o Trânsito, coordenado por seis secretarias do GDF. A iniciativa envolve fiscalização de velocidade, obrigatoriedade do uso do cinto de segurança, cerco à embriaguez ao volante, além de melhoria nas vias e monitoramento de estatísticas.

Ícone

Um caso, porém, implicaria mudanças efetivas. Em 10 de agosto de 1996, o atropelamento do pedreiro Elias Barboza de Oliveira Júnior, no Lago Norte, por Fabrício Klein, é emblemático. Ao lado do motorista, está o pai, o ministro dos Transportes, Odacir Klein. Uma semana depois, o **Correio** inicia série de reportagens e incentiva a população a aderir à campanha Paz no Trânsito. Por 29 dias, o jornal publica histórias de acidentes. Conta mortos e feridos. Narra o drama de famílias. Até que, em 15 de setembro, uma passeata no Eixão reúne milhares vestidos de branco. A mobilização ganha símbolo: uma mão aberta no centro de uma placa de sinalização.

Entre os 25 mil participantes está a atriz Adriana Nunes, do grupo de comédia Os Melhores do Mundo. Acompanhada de integrantes da extinta trupe A Culpa é da Mãe, ela vai à passeata para defender a responsabilidade nas vias. "Fomos porque o povo não pode esperar por tudo. Quando vamos às ruas, é para dizer o que queremos", afirma. Adriana perdeu o pai em um acidente automobilístico em 1990. Aos 48 anos, a brasiliense aplaude os resultados. "Com o tempo, houve aumento na conscientização, mas isso não pode acontecer só pela rigidez das leis. Tem de vir da educação", ensina.

Pare e respeite

O ano de 1996 também fica marcado pela instalação de barreiras eletrônicas e pardais. O auxílio da tecnologia para aplicar multas encoraja outra medida que tornará a cidade referência nacional: o respeito à faixa de pedestre. De janeiro a março de 1997, policiais militares ficam a postos nas principais áreas de travessia, obrigando motoristas a parar diante da pintura no asfalto.

No fim da década, após quatro anos de Paz no Trânsito, a mortalidade despenca pela metade. A velocidade média, em 36 meses, cai de 90km/h para 55km/h. No novo milênio, com ou sem bug, a mobilidade terá mais desafios à frente. Um deles é a farra das vans piratas. O outro, a defesa de um dos pilares mais frágeis do sistema: os ciclistas.

Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press





Carlos Moura/CB/D.A Press - 15/9/96

Veja VÍDEO com Adriana Nunes no tablet e no site do **CORREIO**.

"Fomos (à passeta Paz no Trânsito) porque o povo não pode esperar por tudo. Quando vamos às ruas, é para dizer o que queremos"

***Adriana Nunes**, atriz (também na foto menor, com a trupe A Culpa é da Mãe)*

Zuleika de Souza/CB/D.A Press - 15/9/96



Em 15 de setembro de 1996, 25 mil pessoas tomaram o Eixão contra a guerra no asfalto



Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do **CORREIO**.

LINHA DO TEMPO

1990-1999

- Em janeiro de 1991, cria-se grupo de trabalho para elaborar os primeiros estudos sobre o impacto ambiental do metrô. Em 1992, começam as obras do modal em Samambaia
- Implanta-se o Eixão do Lazer em junho de 1991. Norte e sul da via são abertos para ciclistas e pedestres todos os domingos e feriados
- Apesar das obras inacabadas, o governador Joaquim Roriz inaugura o metrô em 1994
- Conhecida como Estrada da Morte, a Estrada Parque Contorno (DF-001) ganha pista dupla em dois trechos. A via liga a BR-060 à BR-040
- Em 1993, o Detran começa a expedir novos modelos da CNH. Com tecnologia inglesa, mais informações e mais seguro, o documento funciona como instrumento de identificação
- Em todo esse ano, a tarifa de ônibus sobe 2.000%. Queixas frequentes fazem com que o Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU) adote o Código Disciplinar. As normas preveem rigidez no atendimento, além de multas para empresas que descumprirem horários e pecarem na manutenção e na limpeza dos veículos
- Em 1994, instala-se a primeira lombada eletrônica de Brasília, no Eixo W, na 111 Sul
- Após 14 anos sem manutenção, a Rodoviária do Plano Piloto passa por uma reforma geral
- Em 1996, o DF tem 2,1 mil ônibus em circulação
- Cria-se, no mesmo ano, o Batalhão de Trânsito da Polícia Militar
- A campanha de respeito à faixa de pedestres, iniciada em 1º de abril de 1997, aumenta o rigor da fiscalização nas travessias
- Em 23 de setembro de 1997, é instituído o novo Código de Trânsito Brasileiro (CTB)
- Em dezembro de 1997, o primeiro trem do metrô faz viagens experimentais
- Aterradas em 1989, as oito passagens subterrâneas da Asa Norte, sob o Eixo Rodoviário, são reabertas em julho de 1997. Os túneis haviam sido fechados sob a justificativa de que serviam apenas para abrigar mendigos

Fontes: Cedoc do **Correio Braziliense** e Detran

PARA SABER MAIS

Retomada do desenvolvimento

O Plano Real marca a década com a retomada de um novo ciclo de desenvolvimento no Brasil — em 1990, parte da recuperação econômica ocorre com a liberação das importações de veículos e a revogação da Lei de Informática, que proibia a compra de peças mais modernas dos carros estrangeiros. Após seguidas tentativas de controlar a inflação, a 10ª moeda brasileira entra em vigor em 1º de julho de 1994. É o governo de Itamar Franco, tendo Fernando Henrique Cardoso como ministro da Fazenda.

Artigo

por **Ricardo Correa da Silva**



Mineirinho Junior/CB/D.A Press

Mestre em planejamento urbano e regional e sócio fundador da TcUrbes, empresa responsável pelo projeto de requalificação cicloviária do DF

Mobilidade afetiva

Brasília é uma cidade de projeto inacabado. Foi pensada em um contexto e em uma época específicos. Além disso, era para ser construída em um tempo determinado. Um dos jurados do concurso para projeto da então nova capital resumiu esse cenário ao comentar o projeto vencedor na ata do concurso. Escreveu que devemos partir do geral para o particular e não o contrário. O que é mais geral pode ser expresso de maneira simples e breve. Esse "particular" é o espaço das pessoas, que carece de novas ideias, algo que possa se somar ao Plano Piloto previsto por Lucio Costa.

Brasília é hoje uma das cidades mais motorizadas do mundo. Mais de 70% das viagens dentro da cidade são feitas de carro — em São Paulo, a proporção é de cerca de 30%. Essa relação com a cidade dominada por carros gera um círculo vicioso, em que nunca o espaço das pessoas é pensado ou realizado de forma articulada. Em Brasília, o excesso de área verde desagrega por falta de uso específico. Hoje, para a maioria dos moradores, só se torna possível vencer esses vazios de carro.

Pode-se refletir como seria o espaço particular que falta ser planejado e ocupado em Brasília. Seria possível pensar a capital alinhada aos ODSs (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável), elaborados pela ONU. Neles, a prioridade desses vazios seriam as pessoas, em uma escala que não aquela vista de avião ou helicóptero (geral), mas pelo indivíduo (particular), com lazer infantil, lugares para encontros e bicicletas e com velocidade reduzida do carro, oferecendo segurança para o pedestre. Como consequência, mais saúde e menos estresse. Um meio ambiente mais úmido e com menos poluição sonora, qualidade de deslocamento, atração de economia criativa, com acessibilidade universal, orgulho e autoestima da população.

Eis, assim, uma cidade com mobilidade afetiva, com diferentes cheiros, cores e que, a cada passo, proporciona agradável surpresa. Com o projeto finalizado, Brasília poderia virar o símbolo de capital tropical no mundo. A cidade tem hoje 120m² de área verde por habitante (a ONU recomenda 10 vezes menos), que poderiam ser transformados em solo produtivo, na primeira agrofloresta urbana em larga escala. Em cerca de 20 anos, poderia se alimentar metade da população.

Dessa forma, no aniversário de 100 anos, Brasília estaria preparada para mostrar o caminho de um novo país, um modelo para as pessoas. A dinâmica urbana se alinharia, gradativamente, a todos os ODSs, expandindo-se para o DF. Foi justamente esse um dos objetivos do fomento da nova capital: a ocupação do interior do país. Nada mais natural do que ela voltar a ser exemplo da contemporaneidade brasileira.

Leia no próximo capítulo: as bicicletas lutam por espaço e respeito, enquanto o transporte clandestino promove uma farra nas ruas

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEXTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 2018

NÚMERO 20.147 • 74 PÁGINAS • R$ 2,50



Cacá Bernardes/Divulgação



Arquivo pessoal/Divulgação

Brasília cai
no riso!

Peças como *A visita da Velha senhora*, com Denise Fraga (E), e *Sexo — A comédia*, de Os Melhores do Mundo, são divertidas atrações do teatro no fim de semana.



Marcos Hermes/Divulgação

Celebração da música brasileira

Martinho da Vila, Zeca Pagodinho e Chico Buarque são alguns dos homenageados por Diogo Nogueira no show *Munduê*. O sambista festeja 10 anos de carreira.

Dm Divirta-se mais



Reprodução/Internet

Uma parceria
doida demais

Cauã Reymond e Tatá Werneck são protagonistas de *Uma quase dupla*, filme em cartaz nos cinemas.

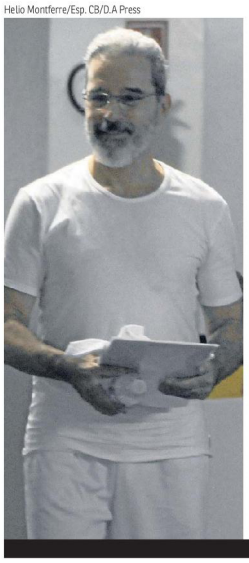


Rodrigo Nunes/Esp. CB/D.A Press

Pra combater
o frio

Caldos, lasanhas e risotos são opções de pratos quentes para as noites de inverno. Veja um roteiro dessas e de outras delícias.

Helio Montferre/Esp. CB/D.A Press



Estevão perde regalia e vai para uma cela de segurança máxima

A Justiça decidiu acabar com os privilégios do ex-senador na Papuda. Ele cumpria a pena de 26 anos de prisão na ala de vulneráveis do Centro de Detenção Provisória. Luiz Estevão estava numa cela que ele mesmo reformou antes de ser preso e onde — segundo investigações da Operação Bastilha, que derrubaram a cúpula da penitenciária — tinha acesso a alimentos diferenciados, recebia visitas em horários distintos dos demais detentos e administrava as empresas das quais é dono. A partir de agora, o empresário ficará recluso no pavilhão de segurança máxima. Também foram mandados para essa mesma ala o ex-ministro Geddel Vieira Lima e o ex-deputado federal Márcio Junqueira.

PÁGINA 17

Brasilienses sonham com R$ 62 milhões

Esse é o valor do prêmio acumulado para o sorteio 2061 da Mega-Sena, que será realizado amanhã. Se ganhar a bolada, o garçom Carlos Soares da Silva, 54, voltará para a terra natal, João Pessoa, e vai "aproveitar a vida".

PÁGINA 7

Rodrigo Zago/Divulgação



Na técnica e
na força bruta

Time feminino de rúgbi da UnB coleciona mais um bom resultado em torneio regional: objetivo é tornar o esporte mais conhecido. PÁGINA 15

Jose Lucena/Futura Press/Folhapress



Pressão sobre Dr. Bumbum

Preso ontem com a mãe, o médico Denis Furtado também teve o registro cassado pelo CRM do Distrito Federal e não pode mais exercer a profissão. Os dois são acusados da morte de uma mulher numa cirurgia estética. Eles ficarão presos por 30 dias, no Rio. Denis disse que não vê erro em ter feito o procedimento em casa e o que ocorreu foi "fatalidade". PÁGINA 5

Centrão fecha com Alckmin. Josué será vice

Depois de negociar com Ciro Gomes (PDT), DEM, PP, PRB, PR e Solidariedade fecham apoio ao candidato do PSDB. Filho do ex-vice-presidente José Alencar, Josué Alencar (PR) deve compor a chapa. Com três minutos na TV, o bloco espera oficializar o acordo até 5 de agosto.

Denise Rothenburg / No Nordeste, PP e PR podem não se engajar na campanha de Alckmin

Luiz Carlos Azedo / Influentes com Temer, militares já discutem sucessão no Exército

PÁGINAS 2 A 4

Frejat ensaia volta. Rosso está no páreo

Enquanto o ex-secretário de Saúde pode anunciar, na segunda-feira, a retomada da pré-candidatura, o deputado federal do PSD tem nome lançado ao Buriti por Cristovam Buarque.

PÁGINAS 18 E 19. EIXO CAPITAL, 18

Concurso

TRF-2: 10 vagas de juiz e salário de R$ 27,5 mil

PÁGINA 7

Crime da 113

Condenada, delegada perde aposentadoria

PÁGINA 20

ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

ANOS 2000

Na rota da pirataria

Brasília vira o milênio carente de transporte sustentável. O metrô e a bicicleta se apresentam como alternativas, enquanto a frota ultrapassa 1 milhão. Na brecha da ineficiência, abrigam-se vans piratas. É o sexto capítulo da série sobre mobilidade

» JÉSSICA EUFRÁSIO
» GUILHERME GOULART

O Distrito Federal abriga 2 milhões de habitantes nos anos 2000. Há 30 regiões administrativas. Centenas de condomínios irregulares avançam sem controle, a ponto de pressionar o Estado pela regularização e por infraestrutura básica. Um dos primeiros setores sufocados é o transporte público. O sistema, deficiente para atender à demanda diária de mais de 200 mil passageiros, entra em colapso, apesar da recém-estabelecida operação do metrô. A falta de investimentos incentiva a proliferação de um mal que persistirá pela década: as vans piratas.

O problema é antigo. Arrasta-se desde 1998, com a campanha de Joaquim Roriz para o Palácio do Buriti. Uma das promessas do futuro governador é regulamentar o serviço alternativo. Com a vitória nas urnas, 2,3 mil motoristas e cobradores na clandestinidade — o mesmo número de ônibus do sistema convencional — cobram o apoio eleitoral. A operação informal exige de Roriz a legalidade. A pressão surte efeito em junho de 2001. Lei aprovada na Câmara Legislativa prevê 476 permissões para as vans atenderem os condomínios.

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do CORREIO.

Farra clandestina

A liberação provoca a ira dos donos das empresas de ônibus, que reclamam de prejuízos milionários e dão início a uma guerra de ações judiciais. Em setembro de 2003, há 4,5 mil vans piratas, responsáveis pelo vaivém de mais de 230 mil pessoas — 30% dos passageiros da capital. Aos condutores alternativos autorizados a rodar, misturam-se milhares de oportunistas. A ascensão dos ilegais vira farra, e eles perdem o aval da população.

Até então, tolerava-se o serviço pelas falhas do transporte público — em 2006, dos 2.331 coletivos, 65% (1,5 mil) são velharias com mais de sete anos de uso. Mas denúncias de trabalho infantil, corrupção, clonagem de permissões e desrespeito às leis de trânsito, como excesso de velocidade e superlotação, queimam o filme dos agora 6 mil clandestinos. Fiscaliza-se. Multa-se. Apreende-se. Nada os afeta. São necessárias uma mudança de governo e uma tragédia para se chegar à solução. Em 20 de abril de 2007, seis morrem e 11 ficam feridos em acidente na Barragem do Paranoá. É o fim das vans, substituídas por micro-ônibus.

Kleber Lima/CB/D.A Press - 18/7/08



Mal da década: entre os anos 2000 e 2007, as vans irregulares chegaram a 6 mil no Distrito Federal, com serviço marcado pela irresponsabilidade e imprudência

Pedais contra a inércia coletiva

Tal qual ônibus e vans, a competição entre carros e bicicletas é acirrada. Com a quantidade de veículos na casa do milhão — são 200 novos automóveis por dia na cidade —, os mais frágeis perdem a batalha. O total de acidentes fatais sobre duas rodas chega a 69 em 2003, a taxa mais alta da década (**veja Vulneráveis**). Uma dessas vítimas é Luís Henrique Barros Meireles, 29 anos. Na manhã de 9 de fevereiro, Lula — como era conhecido — treina no acostamento da QI 27 do Lago Sul, quando um Monza o atropela. O atleta não resiste e morre no hospital.

O caso vira símbolo da luta por mais segurança ao pedal. Uma semana depois, a ONG Rodas da Paz ergue a bandeira do respeito aos ciclistas. Beth Veloso é a primeira presidente da entidade. Em 1996, ela atua na campanha Paz no Trânsito como repórter do **Correio Braziliense**. Sete anos depois, em 2003, um fato na família da jornalista intensifica o sentimento de que algo precisa ser feito. "O meu ex-marido é ciclista, e eu percebia o risco que ele corria a cada pedalada. Um dia, ele chegou em casa bem machucado. Contou-me que havia sido atropelado. Aquilo foi um choque muito grande", relembra.

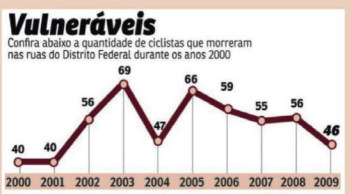
A ONG surge dias depois, por iniciativa de Beth, em parceria com um grupo de amigos. "Ali, nasceu uma perspectiva de mobilidade e de uma convivência pacífica no trânsito. A proposta não era proteger apenas as bicicletas. Era uma campanha de mobilização e conscientização", detalha. O primeiro protesto ocorre no cemitério, no enterro de Lula. O ato consolida a organização como entidade de defesa da paz. "Foi um despertar de uma inércia coletiva, porque a violência no trânsito não escolhe vítimas", completa.

Em resposta à cobrança, o governo cria, em 2005, o Programa Cicloviário do Distrito Federal. São construídas quatro ciclovias. A primeira liga o Lago Norte ao Varjão por 12,4km. As demais ficam em Samambaia, no Itapoã e entre São Sebastião e Jardim Botânico. A década termina com 400 mil ciclistas e 1,1 milhão de automóveis. Mais opções de transporte pedem passagem. Nos próximos anos, a tecnologia auxiliará a locomoção. Bicicletas compartilhadas, horários de ônibus ao alcance dos dedos, além de aplicativos de mapas, caronas e transporte individual, oferecem alternativas ecológicas, baratas e eficientes.

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press - 23/5/04



Ciclistas do 1º passeio da Rodas da Paz passam pela Ponte JK



PARA SABER MAIS

Sobre Águas Claras

Um dos pontos mais sensíveis da mobilidade urbana no DF é Águas Claras. O projeto da cidade fincada entre Guará e Taguatinga, de autoria do arquiteto e urbanista Paulo Zimbres, é de 1991. O plano para a localidade deixava de lado as superquadras para abrigar áreas mistas e um setor de indústria.

A prática, porém, desvirtuou a ideia original. A previsão de prédios com 12 pavimentos foi alterada para 30. Isso atingiu gravemente a densidade populacional da região criada em 2003. Desde então, ela acumula problemas de tráfego, com pistas estreitas e quantidade excessiva de semáforos. Em contrapartida, tem quatro estações de metrô para 148,9 mil habitantes.

LINHA DO TEMPO

2000-2009

- Em 3 de julho de 2002, cria-se o Serviço de Transporte Público Alternativo de Condomínio (STPAC)
- Inaugurada, em 15 de dezembro de 2002, a Ponte JK
- É criada, em fevereiro de 2003, a ONG Rodas da Paz. Em maio, cerca de 1,6 mil pessoas participam do 1º Passeio Ciclístico Rodas da Paz
- Em 2005, o Detran elenca seis pontos críticos no DF, com retenções e congestionamentos frequentes
- Em junho de 2006, cerca de 50 mil brasilienses usam o metrô
- Em setembro de 2007, é aprovado o Brasília Integrada, projeto que prevê terminais, viadutos e quatro corredores viários, além de catracas eletrônicas nos ônibus
- Em 2008, Brasília tem 1,04 milhão de veículos emplacados
- Em 19 de junho de 2008, a lei seca é incorporada ao Código de Trânsito Brasileiro
- Após duas décadas, é concluída, em 2008, a duplicação da BR-060
- Em vigor, em agosto de 2009, a lei do Sistema Cicloviário do DF
- Em 2009, lei distrital obriga a instalação de bicicletários em pontos de grande circulação

Fontes: Cedoc do **Correio Braziliense** e Detran

Artigo

por **Adriana Modesto**



Arquivo pessoal

Doutoranda em Transportes pela Universidade de Brasília (UnB)

Aprendizagem significativa

Quando o assunto é mobilidade urbana, o modelo pedagógico da formação de condutores, as ações educativas e o planejamento de transportes requerem reflexão. Inicialmente, indaga-se: o modelo de formação para o trânsito, tendo em vista competências, habilidades e respectivos mecanismos avaliativos, tem formado ou retroalimentado um tráfego inseguro? Os educadores de trânsito estão familiarizados com as teorias da aprendizagem e do conhecimento adequadas ao educando adulto? Na formação teórica, treina-se ou forma-se?

A preocupação justifica-se, pois, em processos educativos cujos sujeitos são adultos, há a necessidade da adequação das abordagens, considerando-se o ciclo de vida. Consorte, os mecanismos de aprendizagem devem contemplar as experiências pregressas e a lógica do vivente valorizando o seu cotidiano. A sensibilidade do educador no que tange a essas variáveis corroboram a aprendizagem significativa. Supõe-se que falhas no processo de formação ou requalificação retroalimentam um trânsito inseguro.

Perscrutando as ações educativas dos órgãos de trânsito, é inevitável o questionamento: tornamo-nos peritos em colorir os meses, ou essas iniciativas, de fato, têm logrado êxito na redução de acidentes? Ressalta-se a diferença entre comunicar e formar. O questionamento dá-se em razão de certo incômodo durante o mês de maio (amarelo), marcado por uma overdose de distribuição de panfletos e kits, ações em pontos centrais e tradicional veiculação da epidemiologia do trânsito.

Advoga-se pela descentralização dessas ações, priorizando contextos de maior vulnerabilidade social cuja prevalência é de pedestres e ciclistas, assim como a realização de ações de fluxo contínuo fundamentadas nos pressupostos da aprendizagem significativa. No entanto, a responsabilidade por um trânsito seguro deve ser extensiva à sociedade. Nesse sentido, chama-se a atenção para a tentativa da Universidade de Brasília (UnB) em resgatar o seu protagonismo no que se convencionou como movimento Paz no Trânsito, realizando, nos dois últimos anos, mobilizações de conscientização voltadas para o segmento acadêmico. Faz-se o adendo de que a maior prevalência nos acidentes é de jovens.

Finalmente, acredita-se que o planejamento de transportes deve ser norteado por uma abordagem holística. Nesse sentido, destaca-se o engajamento da UnB, por meio do Centro Interdisciplinar de Estudos em Transportes (Ceftru), ao conferir protagonismo a segmentos sociais negligenciados a partir da realização de seminários e a edição dos livros *Acessibilidade e mobilidade urbana na perspectiva da pessoa surda* e *Acessibilidade e mobilidade urbana na perspectiva da equidade e inclusão social*, na esperança de sensibilizar os gestores públicos quanto ao atendimento da integralidade das demandas sociais inerentes à mobilidade.

Leia no próximo capítulo: a tecnologia em nome da mobilidade

www.correiobraziliense.com.br
LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SÁBADO, 21 DE JULHO DE 2018

NÚMERO 20.148 • 36 PÁGINAS • R$ 2,50

Solidariedade em homenagem a Janaína



Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press

Servidores do Ministério dos Direitos Humanos realizam ato para lembrar a colega, assassinada pelo ex-marido. Eles também vão arrecadar dinheiro para ajudar as filhas e a família da vítima do feminicídio. PÁGINA 20

Das promessas de mudança aos aplicativos

Na série sobre mobilidade, o **Correio** mostra os anos 2010, que começaram com obras que poderiam ter melhorado o transporte na cidade. O surgimento de serviços como o Uber abriu novas perspectivas. PÁGINA 19


Diversão&Arte

O BUMBA MEU BOI ENTRE O BALÉ E O POPULAR

A cultura sem fronteiras

No espetáculo *O casamento de Matheus e Catirina*, balé clássico e quadrilhas juninas se unem para contar a tradicional história do Bumba meu boi.

DIVERSÃO & ARTE, CAPA

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



Sempre é hora de aprender

Professor do Ceja-Cesas, Virgínio Beltrami oferece cursos profissionalizantes para estudantes mesmo nos períodos de férias. O foco é a educação profissional.

PÁGINA 22

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Corrida no "mar" de Brasília

Competidores de todo o país começam a disputar, a partir de hoje, o Campeonato Brasileiro de parapente. Por causa do clima propício da região nesta época do ano, muitos esperam bater recordes. O público pode aguardar um espetáculo colorido no céu. Um dos locais de pouso é a Esplanada.

PÁGINA 16

Gasolina tem preço mais baixo desde fim da greve

O litro do combustível no Distrito Federal pode ser comprado a R$ 4,16. Esse era, ontem, o menor preço. Outra boa notícia é que o valor médio recuou para R$ 4,56 — o mais baixo desde o encerramento da paralisação dos caminhoneiros, quando chegou a atingir R$ 4,87. Chefe de pista do posto que vende a gasolina mais barata do DF, Rodrigo Souza atribui o custo menor às recentes reduções de preço feitas pela Petrobras. "Essa queda vem do último repasse", afirmou. PÁGINA 9

Defensoria Pública abre 440 vagas para estágio

PÁGINA 7

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Isolado, Ciro mira o PSB

Em convenção, PDT confirma a candidatura do ex-governador ao Planalto, um dia depois de o Centrão — formado por DEM, Solidariedade, PP, PRB e PR, e com o qual Ciro Gomes negociava — fechar com o tucano Alckmin. O pedetista ainda tenta aliança com PSB para sair do isolamento.

PÁGINAS 2 A 5

Convenções

Indecisão de Frejat trava candidaturas

Grupos políticos do DF devem fechar as chapas somente após o ex-secretário de Saúde decidir se disputa ou não o GDF. Nem Rollemberg, que tenta a reeleição, definiu todas as vagas.

PÁGINA 17

Saúde

Improviso é marca da atuação da ANS

Responsável por regular os planos privados, a agência trabalha sem diversos diretores, que não foram nomeados. O presidente é interino. Consumidores questionam o papel do órgão.

PÁGINA 8

Nicholas Kamm/AFP



Grampo liga Trump a modelo da Playboy

Advogado gravou, dois meses antes da eleição, conversa em que o magnata discutia pagamentos a Karen McDougal, que afirma ter tido um caso extraconjugal com o atual presidente americano. PÁGINA 12

Dimitrios Kambouris/AFP



ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

ANOS 2010

Tecnologia na era da mobilidade

Minervino Junior/CB/D.A Press



> O início (do sistema de transporte por aplicativo) foi uma época de confusão. Comprei um carro e apostei no negócio, porque vi que muita gente estava ganhando dinheiro"
>
> *Dorival Apolinário Antunes, motorista da Uber*

Veja VÍDEO com Dorival Apolinário Antunes no tablet e no site do CORREIO.

Brasília vive a expectativa de grandes eventos esportivos nos anos 2010. A euforia resulta em projetos de necessidade duvidosa. A modernidade reserva embates entre taxistas e motoristas de aplicativos. É o penúltimo capítulo da série sobre transporte

» GUILHERME GOULART
» JÉSSICA EUFRÁSIO

A inovação, aliada ao empreendedorismo, inspira o Distrito Federal nos anos 2010. Prestes a superar 3 milhões de habitantes, a capital tem a chance de repensar a infraestrutura viária. O incentivo passa por eventos de apelo internacional: a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, além das Olimpíadas Rio-2016. As novidades começam no primeiro ano da década, com a entrega da Rodoviária Interestadual. A ampliação da Estrada Parque Taguatinga (EPTG) é outra novidade, mas falhas, como paradas de ônibus do lado errado e pistas exclusivas subutilizadas, comprometem a eficiência.

A entrega de mais obras, no entanto, só ocorre às vésperas do Mundial, em 2014. O governo duplica a DF-047 e reconstrói o Balão Sarah Kubitschek, ambos no Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek. Também conclui o Expresso DF Eixo Sul (BRT) e aprontou o viaduto no fim da W3 Sul. A aposta no VLT, transporte movido à energia elétrica, esbarra na Justiça por suspeitas de irregularidade na licitação. A cidade, porém, perde o bonde da modernidade. Nenhuma das iniciativas reformula a mobilidade urbana ou aperfeiçoa os equipamentos viários, que logo darão sinais de degradação.

No trânsito, o motorista sente os efeitos da lei seca com a política da tolerância zero. Quem é flagrado em blitz tem a CNH suspensa por um ano, perde sete pontos na habilitação e paga multa pesada. Há, ainda, risco de ir para a cadeia, a depender do índice verificado no bafômetro. De 2008, ano de implementação da norma, até maio de 2017, Detran, DER e Polícia Militar autuam 120.640 condutores bêbados. O maior número de flagrantes nesse período é do ano passado. São 24.890 alcoolizados ao volante, média de 68 por dia.

Um deles é o bancário Deilly Rodrigues, 40 anos. Em 2013, a quinta-feira de futebol termina em drinques, cervejas e dor de cabeça — desta vez, sem relação com ressaca. A caminho de casa, ele é parado pela fiscalização na Asa Norte. O teste de alcoolemia denuncia a embriaguez. Resultado: suspensão da CNH e punição no valor de quase R$ 2 mil. "Terei de fazer um curso de reciclagem", lamenta. O morador de Águas Claras vende um dos carros da família e recorre ao metrô e à bicicleta. "Aos fins de semana, a minha mulher costuma ser a motorista. Quando não vamos juntos, vou de carona ou peço um carro pelo celular", conta.

Oportunidade

A saída adotada por Deilly, dois anos depois de perder a habilitação, é uma das novidades da década. Apesar da grande adesão, o sistema de transporte por aplicativo provoca polêmica ao chegar à capital, em 2015. O serviço é diferenciado. Conta com veículos novos, água, doces e condutores educados, além de praticidade na hora de pedi-lo — por meio de smartphones. Mas um detalhe provoca a ira de taxistas: a tarifa mais barata. A categoria alerta para a falta de regulamentação da atividade. Mas reage com violência. Ameaças e agressões marcam os protestos. Em alguns casos, clientes são retirados à força dos veículos rivais. Em outros, os concorrentes são atacados com cassetetes.

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no site do CORREIO.

No fim da discussão, a qualidade da alternativa tecnológica vence a queda de braço. O novo modelo se consolida. Em março de 2018, é legalizado. Uber, Cabify, 99 e Easy começam a fazer parte da rotina do brasiliense. A Uber é uma das primeiras empresas do setor. Logo emprega 15 mil motoristas e atende 800 mil passageiros em Brasília. O brasiliense Dorival Apolinário Antunes, 28, embarca na oportunidade no primeiro ano da companhia. "O início foi uma época de confusão. Comprei um carro e apostei no negócio, porque vi que muita gente estava ganhando dinheiro", diz. Para ele, uma das virtudes da modalidade é atender as regiões administrativas. "A maioria delas sequer tinha pontos de táxi. Os aplicativos as alcançam e oferecem preços menores. Muita gente elogia a comodidade quando entra no meu carro", acrescenta.

Ainda em 2018, o desabamento de uma garagem na 210 Norte e a queda de parte de um viaduto no Eixão Sul evidenciam deficiências de uma cidade quase sexagenária e carente de manutenção. Há poucas políticas públicas com foco na melhoria dos transportes. Associações do setor e ONGs engajam-se na busca por soluções. A próxima década exigirá concentração de esforços do governo, da iniciativa privada e de instituições independentes para encontrar caminhos que levem a uma mobilidade sustentável.

LINHA DO TEMPO

2010-2018

- A partir de setembro de 2010, o uso de cadeirinhas para transporte de crianças de até 7 anos e meio torna-se obrigatório em veículos de passeio
- Em 25 de julho de 2010, é inaugurada a Rodoviária Interestadual de Brasília

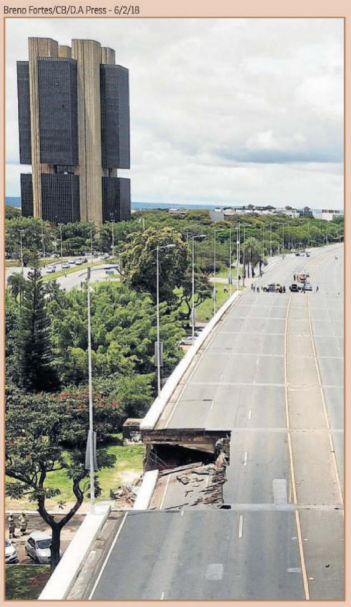
Bruno Peres/CB/D.A Press - 3/11/10



- Ao custo de R$ 313 milhões, a obra de ampliação da EPTG é entregue à população em outubro de 2010, mesmo inacabada. A empreitada leva um ano e nove meses para ser concluída e não resolve os problemas de mobilidade entre Taguatinga, Águas Claras e Vicente Pires
- Vendido como bairro ecológico, o Setor Noroeste começa a receber os primeiros moradores em 2012. O limite previsto é de 40 mil habitantes e 220 prédios
- No mesmo ano, a Inframerica ganha a licitação para administrar o aeroporto de Brasília. A empresa detém 51% de participação na concessão pública e inicia obras de ampliação
- Em 2014, o terminal aeroviário da cidade é o segundo maior em movimentação no Brasil. Em novembro, a pista, com área para receber 52 aeronaves por hora, torna o aeroporto líder em capacidade no país
- Campanha de 2016 do Departamento de Trânsito difunde o slogan "Pare de dirigir teclando". A média de multas aplicadas para esse tipo de infração é de 140 por dia
- Em dezembro de 2017, o Detran adquire drones para fiscalizar os motoristas brasilienses
- Em julho de 2018, o DF adota a Zona 30, que estabelece a velocidade máxima de 30km/h em algumas vias. A iniciativa está em fase de testes na UnB
- **Parte do viaduto** da Galeria dos Estados, no início do Eixão Sul, desaba em 6 de fevereiro de 2018. O incidente acontece no fim da manhã de uma terça-feira, em horário de grande fluxo de veículos no local. Ninguém fica ferido

Fontes: Cedoc do **Correio Braziliense** e Detran

Breno Fortes/CB/D.A Press - 6/2/18



Artigo

por **Pastor Willy Gonzales Taco**



Arquivo pessoal

Professor do Programa de Pós-Graduação em Transportes do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade de Brasília (UnB)

Modelo para o futuro

No contexto mundial, o planejamento e a gestão do sistema de transporte e da sua infraestrutura têm se tornado fundamentais na vida das cidades. Para isso, surgem conceitos de Cidades Sustentáveis, Cidades Vulneráveis, Cidades Seguras, Cidades Resilientes, Cidades Inteligentes (Smart Cities). De certa forma, eles são respostas aos diversos eventos disruptivos, provocados por ações da natureza ou humanas, que afetam a acessibilidade e a mobilidade urbana.

As cidades estão se tornando cada vez mais dependentes de infraestruturas críticas cuja incapacidade ou destruição geram impacto significativo no bem-estar, na saúde e na segurança dos cidadãos e/ou na economia da região. É essencial que essas infraestruturas sejam capazes de resistir a catástrofes. No caso de Brasília, podem-se citar eventos de disrupção, tais como o descarrilamento de uma composição de trem do metrô, o desabamento do viaduto de uma importante rodovia ou a inundação de passarelas subterrâneas.

Em um cenário de tendência à rápida expansão das cidades, seguida pelo fenômeno das mudanças climáticas globais, as tensões exógenas e endógenas ao sistema de transportes se tornam mais frequentes e extremas. Acidentes podem levar ao bloqueio de uma faixa de uma via local ou ao fechamento de uma rodovia por algumas horas e são responsáveis pela disrupção da rede de transporte, um dos componentes funcionais do sistema.

Ainda nas tensões endógenas, as interrupções intencionais, tais como manifestações, grandes eventos e greves, podem ser mais duradouras se comparadas àquelas de forças naturais. Além disso, os efeitos na rede de transporte e no sistema urbano podem ser maiores. Em Brasília, o sistema de transportes é composto por uma infraestrutura predominantemente rodoviária, com menor participação do modo metroferroviário. Diante desse cenário, faz-se necessário discutir qual modelo de cidade necessitamos para o presente e para o futuro.

Para isso, é fundamental que a discussão envolva a população, os gestores e as operadoras do sistema de transportes. E que estejamos dotados de ferramentas e processos de gestão que agreguem dados e informações dos componentes desse sistema face aos possíveis riscos e falhas dele. Isto é, diante dos eventos e de suas ocorrências, que os interessados possam ter acesso a ferramentas de tomada de decisão, tornando, no caso dos usuários, eficaz o seu deslocamento. De forma segura, confortável e justa para realizar suas atividades e viver a cidade. A cidade de Juscelino, Brasília, a nossa cidade.

Leia no próximo capítulo: soluções para a mobilidade no século 21

www.correiobraziliense.com.br
LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

» BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 22 DE JULHO DE 2018 (DOMINGO) » Número 20.149 » 110 páginas » R$ 4,00

Revista do CORREIO

É O PAPAI QUE TOMA CONTA!

Enquanto Luana Mello vai ao trabalho, Júlio César cuida da pequena Verônica e dos afazeres domésticos. Uma relação de respeito e parceria.

CAPA E PÁGINAS 20 A 25

Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press



Balé aos 90 anos

Conheça a história de Angel Vianna, uma bailarina que mantém vivo o amor à arte de dançar. "Quero dar um recado por meio do meu corpo e dos meus sentimentos", destaca ela, que se apresenta na cidade a partir do dia 27.

PÁGINAS 12 E 13



Ed Alves/CB/D.A Press

Escola de mestres

O olhar humanista das professoras Creusa Pereira e Gina Vieira faz parte da tradição brasiliense criada por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro na educação.

ESPECIAL - BRASÍLIA PATRIMÔNIO VIVO

XÔ, CLIMA SECO...

TRATE DA PELE E HIDRATE-SE BASTANTE. CONFIRA AS DICAS

PÁGINA 34

A VEZ DOS YOUTUBERS

ARTISTAS SAEM DA INTERNET PARA BRILHAR TAMBÉM NA TEVÊ

PÁGINAS 32 E 33

PIS-Pasep injeta mais R$ 16 bi na economia

Os cerca de 16 milhões de brasileiros que têm direito a essa nova etapa de saque, com início em 8 de agosto, devem aproveitar o dinheiro para quitar dívidas. Mas o comércio aposta num alento para o consumo

PÁGINA 7

Linchamentos na Índia

Pelo menos 30 pessoas foram assassinadas depois de boatos sobre sequestros de crianças.

PÁGINA 12

Conexão pela música

Cientistas constatam que canções ativam áreas do cérebro ligadas à interação social.

PÁGINA 14

CRISE AFETA EMPREGADOS

Preocupação com dívidas interfere na produtividade de trabalhadores da iniciativa privada. A falta de educação financeira é um problema comum.

TRABALHO, CAPA

Carlos Vieira/CB/D.A Press



AMOR, MOTO E ROCK!

O casal de gaúchos Paulo Paviani, 56 anos, e Maria Negrino, 62, fez uma aventura de 2.160km pelas estradas do país para chegar à 15ª edição do Brasília Capital Moto Week."Viajamos em quatro: eu, a pequena (Maria), a moto e Deus", diz Paulo. PÁGINA 24

Alckmin na mira de Bolsonaro

Deputado do PSL endureceu o discurso com o ex-governador. Acusou o tucano de reunir "a nata de tudo o que não presta no Brasil ao lado dele". A reação veio depois de o Centrão se aproximar do PSDB visando as eleições de outubro.

PÁGINA 4

Viagens eleitorais

Pré-candidatos ao Planalto focam regiões onde podem ter melhor desempenho

PÁGINA 2

Força evangélica

Partidos buscam nomes ligados a esse segmento religioso para turbinar campanha

PÁGINA 17

Flip celebra Hilda Hilst

Festa Literária Internacional de Paraty começa com atrações como o americano Colson Whitehead.

DIVERSÃO & ARTE



Gilvan de Souza / Flamengo



Segue o líder!

Flamengo vence o Botafogo no Maracanã com dois gols marcados no início do jogo, incluindo uma pintura de Matheus Sávio (à esquerda, na foto). Lucas Paquetá fechou o placar e ajudou o rubro-negro carioca a se consolidar na liderança com 30 pontos. Hoje, o Atlético-MG enfrenta o Palmeiras fora de casa e o Grêmio pega o Vasco no Rio de Janeiro para se manterem no G4 do Brasileirão.

PÁGINAS 15 E 16

Que transporte vamos utilizar no futuro?

Especialistas discutem soluções capazes de fazer com que a mobilidade urbana no Distrito Federal seja sustentável e civilizada.

PÁGINAS 20 E 21

ISSN 1808-2661

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166 (61) 99256.3846 DIÁRIOS ASSOCIADOS

CONEXÃO BRASÍLIA: SETE DÉCADAS EM MOVIMENTO

Do Plano Piloto às asas do futuro

Brasília busca saídas para o amanhã. Liderada por entidades e ONGs das mais diversas áreas, a capital federal tem à disposição ideias e soluções capazes de transformar o transporte de forma sustentável e eficiente nas próximas décadas. É o que conta o último capítulo da série de reportagens sobre mobilidade

» JÉSSICA EUFRÁSIO
» GUILHERME GOULART

Imagine a capital federal assistida por um sistema de transporte público gratuito e de qualidade. Projete a cidade com menos carros e velocidade reduzida. Agora, visualize-a com corredores verdes, conectados à malha viária, terminais, ciclovias e calçadas. Tudo isso compondo um modelo integrado, capaz de interligar todos os meios de locomoção de forma moderna e sustentável.

Pois uma Brasília assim, aparentemente utópica, amadurece na cabeça de muita gente. Educadores, pesquisadores e estudiosos vinculados a coletivos, ONGs e entidades das mais diversas áreas encaram o desafio de repensar a mobilidade urbana. E o melhor: adotando o Distrito Federal como tubo de ensaio. Tais especialistas assumem a responsabilidade de promover um recomeço na movimentação humana, com foco na saúde, na diversidade e na preservação do meio ambiente.

Uma dessas pessoas é Cleo Manhas, assessora política do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc). O engajamento dela passa pelo projeto MobCidades — Mobilidade, Orçamento e Direitos, que reúne 10 organizações civis em sete unidades da Federação, além do DF. Um dos pilares da iniciativa, financiada pela União Europeia, são os transportes. "Somos um grupo de ativistas que pensa a cidade de forma democrática. Em torno dessa ideia, fundamos, em 2012, o Movimento Nossa Brasília (**leia Vanguarda**)", diz a empreendedora goiana, há 30 anos na capital.

Entre várias atribuições, o Nossa Brasília defende a regulamentação do setor como direito social, colocando-o no mesmo patamar da saúde e da educação. "Aqui na cidade, investe-se muito em infraestrutura para a locomoção individual. Precisamos implementar, por exemplo, uma política de redução progressiva da tarifa do transporte coletivo até que seja gratuito e de qualidade", defende Cleo, articuladora da organização.

Luis Antônio Lindau, diretor do Projeto Cidades do WRI Brasil, também dedica a vida ao amanhã. Ele defende que o progresso urbano passa pela mobilidade. "Estamos atrasados 30 anos em relação a algumas cidades europeias. As mais desenvolvidas controlam o uso do carro. O automóvel gera uma série de impactos, como congestionamento e emissão de poluentes; por isso, o custo social dele deveria ser cobrado no deslocamento ou no estacionamento", explica. Para o engenheiro civil, o dinheiro arrecadado serviria para um fundo revertido em investimentos no transporte coletivo e em infraestrutura viária.

"Em algumas situações, vale a pena ter carro, mas é preciso controlá-lo. A circulação dele deveria ser restringida no centro, no Plano Piloto, facilitando estacionamento lá na ponta, fora da área central", sugere. "Brasília não foi projetada para a quantidade de pessoas que tem hoje. Também não é convidativa ao pedestre. E o BRT deveria operar da forma correta.

Acompanhe a série Conexão Brasília: sete décadas em movimento no tablet e no site do **CORREIO**.

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



A cidade continua sendo moldada para facilitar a vida do motorista, enquanto pessoas que se deslocam de qualquer outra forma são prejudicadas"

Renata Florentino, *diretora administrativa da ONG brasiliense Rodas da Paz*

Victor Moriyama/WRI Brasil



A circulação dele (carro) deveria ser restringida no centro, no Plano Piloto, facilitando estacionamento lá na ponta, fora da área central"

Luis Antônio Lindau, *diretor do Projeto Cidades do WRI Brasil*

Outros elementos, como metrô e bicicleta, estão aí, já existem, mas é preciso utilizá-los melhor. É simples resolver o problema. É só começar e ter uma estratégia", complementa o PhD em transportes.

Competitividade

Para fazer essa engrenagem funcionar, é preciso garantir três condições essenciais, como detalha Otavio Cunha, presidente da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU). A solução para os coletivos imaginada por ele tem um tripé como base: a contemplação de toda a área geográfica do DF e Entorno, a garantia da regularidade dos serviços, além de preço acessível.

Na visão do administrador de empresas, a incorporação desse modelo não está distante. Corredores e faixas seletivas para ônibus são investimentos imediatos, baratos e capazes de gerar resultados rápidos e expressivos. Segundo o especialista, quanto mais deles estiverem em circulação, mais frequentes serão as viagens diárias. A mudança também intensificaria a preferência por esse tipo de serviço e diminuiria a competitividade entre modais públicos e individuais.

Outra proposta é o investimento em trens de superfície, VLT e metrô, integrados entre si. Otavio reforça a necessidade de políticas nacionais para a reformulação do transporte sobre trilhos. "O metrô de Brasília levou 20 anos para ficar pronto e, quando terminou, estava ultrapassado. As estações são pequenas e não suportam composições com mais de quatro carros. Uma possibilidade, neste caso, é duplicar o número de vagões. É caro e demorado, mas não significa que não devemos tentar", diz o presidente da NTU.

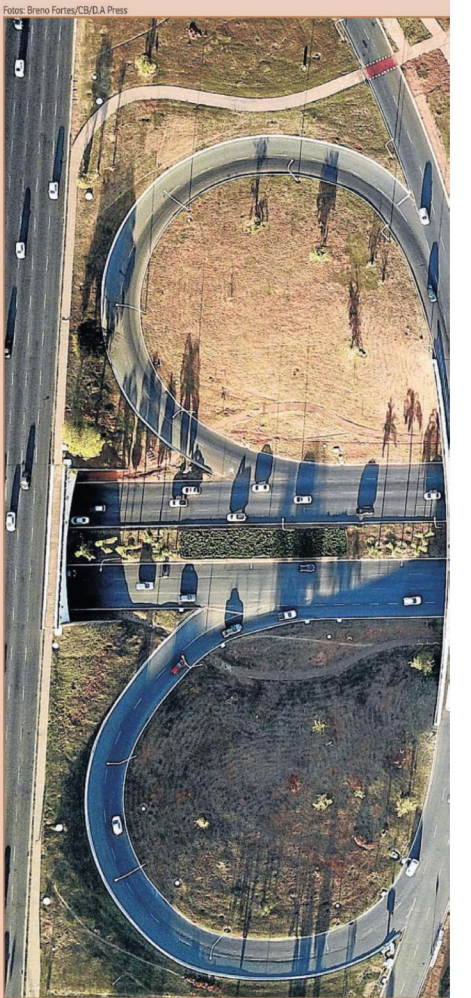
Degradação

Complementar o serviço de ônibus e favorecer a circulação de meios coletivos e menos poluentes são algumas das formas de desafogar uma cidade engolida por 1,7 milhão de automóveis (**veja A escalada da frota no DF**). Para Renata Florentino, diretora administrativa da ONG brasiliense Rodas da Paz, o transporte público precisa de uma virada com suporte do governo local. Ela acredita que as operadoras do sistema não devem apenas prestar serviço, mas também precisam ser alvo de cobrança e fiscalização.

Doutora em ciências sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp), Renata considera fundamental a mobilidade ativa frente ao carro e à motocicleta. "É visível que a cidade continua sendo moldada para facilitar a vida do motorista, enquanto pessoas que se deslocam de qualquer outra forma são prejudicadas. Elas passam a querer migrar para a moto ou para o próprio veículo assim que têm oportunidade. Isso coloca a cidade em um cenário insustentável a médio e longo prazos", analisa.

Congestionamento, poluição, degradação do espaço público com estacionamentos irregulares e improvisados são algumas das consequências desse panorama. Sem as mudanças sugeridas pela população e por entidades do setor, a diretora administrativa da Rodas da Paz prevê um contexto em que, ainda com menos carros, Brasília não será capaz de atender pedestres, ciclistas ou até motoristas. "A infraestrutura urbana e viária não servirá mais e, talvez, será mais difícil fazer as adaptações necessárias para tornar a cidade do futuro mais inclusiva e sustentável", pondera.

Fotos: Breno Fortes/CB/D.A Press



Vista aérea da tesourinha que liga a W3 Norte e a W3 Sul, um dos princi

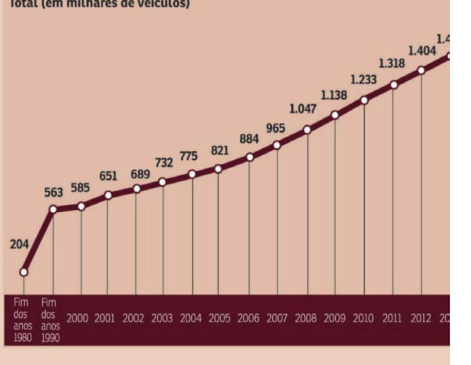


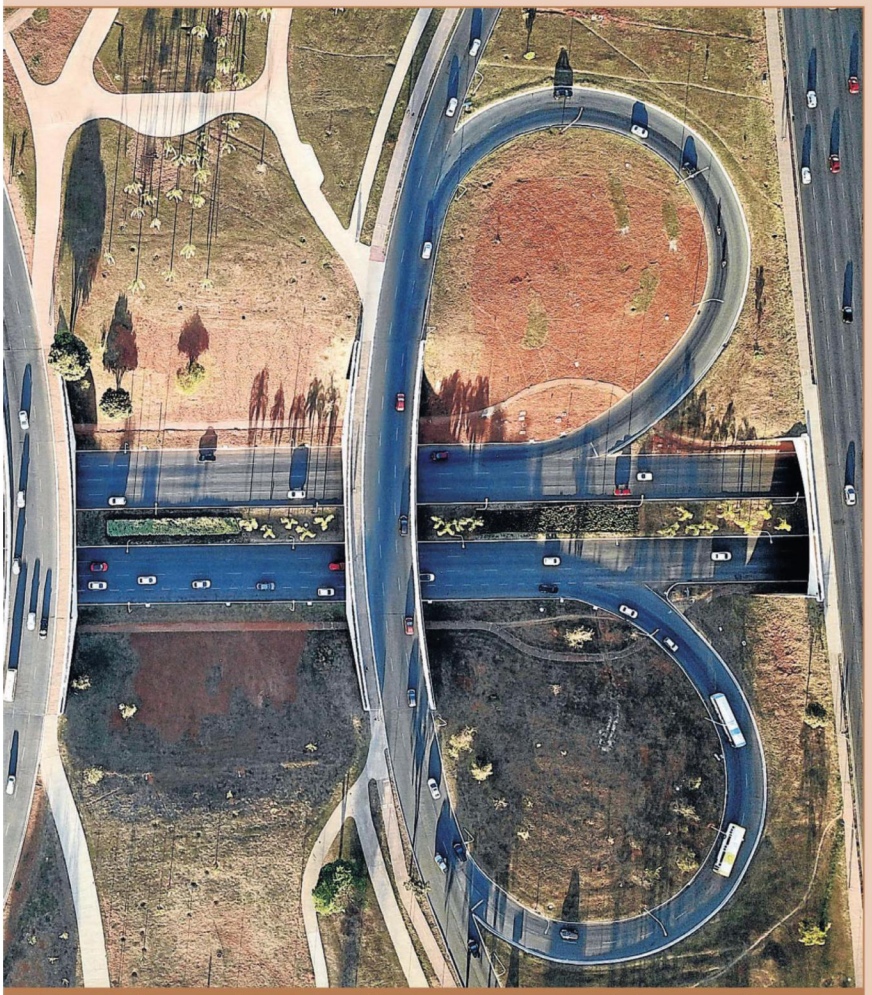
A ciclovia no Parque Cidade une transporte sustentável com preservaç

A escalada da frota no DF

Confira o total de veículos emplacados na capital federal, segundo levantamen Departamento de Trânsito (Detran):

Total (em milhares de veículos)





pais símbolos de Brasília: 58 anos depois da fundação, a mobilidade da capital federal busca soluções inteligentes para as próximas gerações

Vanguarda

Saiba como atuam as entidades consultadas pelo **Correio**:

NOSSA BRASÍLIA

O movimento da sociedade civil organizado em redes se apresenta com cinco grupos temáticos — agricultura urbana, cultura, gênero e sexualidade, resíduos sólidos e mobilidade urbana — e abre espaço de participação política a fim de combater as desigualdades. O grupo articula pessoas, movimentos sociais, iniciativas e organizações comunitárias que compartilham a defesa do direito à cidade e dos direitos humanos com uma perspectiva crítica, popular e coletiva. Site: *www.movimentonossabrasilia.org.br.*

NTU

Fundada em 1987, a Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU) é uma entidade de classe nacional criada para representar as operadoras de ônibus urbanos e metropolitanos frente ao poder público e à sociedade civil. Com o objetivo de fortalecer e alavancar o desenvolvimento sustentável da mobilidade urbana, a entidade tem atuado como interlocutora do setor de transporte público de passageiros e assume a representação das empresas do ramo em âmbito nacional. Site: *www.ntu.org.br.*

RODAS DA PAZ

A Rodas da Paz é uma organização não governamental, apartidária e sem fins lucrativos instituída em 2003 para reagir à violência e ao crescente número de acidentes e mortes no trânsito do Distrito Federal. A ONG promove ações de conscientização em prol da segurança nas ruas, com especial atenção para os usuários de bicicletas. Entre essas iniciativas estão palestras educativas, manifestos, além de atenção sobre a atuação do Estado. Site: *www.rodasdapaz.org.br.*

WRI BRASIL

O World Resources Institute (WRI) Brasil é uma organização sem fins lucrativos focada em pesquisa e aplicação de metodologias, estratégias e ferramentas. A entidade faz parte do WRI, organização global de pesquisa, que promove caminhos inovadores para um planeta sustentável por meio de seis grandes áreas: clima, florestas, cidades, água, energia e alimentos. O trabalho do WRI se estende por mais de 50 países e mantém dois escritórios no Brasil (São Paulo e Porto Alegre), com atuação desde 2006. Site: *www.wribrasil.org.br.*

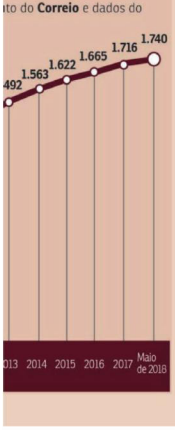


ção do meio ambiente

Integração do sistema

As iniciativas oficiais para o setor passam pelo Programa de Mobilidade do DF, o Circula Brasília, lançado em 2016. Com mais de 80 ações, o projeto prioriza o transporte coletivo e não motorizado. Além de reformas estruturais, como a do Trevo de Triagem Norte, entre a Asa Norte e o Lago Norte, investe-se na criação de aplicativos e na sustentabilidade (**leia Ações do governo**). "Brasília foi construída para o carro, mas podemos, sim, rever isso com conceitos modernos e por meio de um sistema integrado", ressalta o secretário de Mobilidade, Fábio Damasceno.

A intenção do governo é interligar o uso de metrô, ônibus, BRT, bicicleta e até calçadas. "A proposta é fazer com que os motoristas deixem o carro nos estacionamentos dos terminais de ponta e, dali, acessem o transporte integrado. Depois, ele pode voltar, pegar o veículo, buscar o filho na escola, fazer supermercado. Funcionaria dessa forma, inclusive, com os ônibus do Entorno. Esse é o futuro que começamos a construir", acrescenta Fábio.



O QUE VEM POR AÍ

Mobilidade Made in Germany
Data: 4 de agosto, das 12h às 18h
Local: Embaixada da Alemanha (Avenida das Nações, Quadra 807, Lote 25)
Entrada: gratuita

Residência Móvel
Inscrições: seleção de artistas visuais interessados em pesquisar sobre deslocamento urbano no DF
Edital: *goo.gl/UmVeLA*
Data: até 6 de agosto
Informações: *navecurso001@gmail.com*

Lançamento do livro *Acessibilidade e mobilidade urbana na perspectiva da equidade e inclusão social*
Data: 17 de agosto, às 18h
Local: Auditório do Ceftru da UnB
Entrada: gratuita

AÇÕES DO GOVERNO

Confira as principais iniciativas do Circula Brasília

Investimentos



- Dezessete terminais rodoviários
- Passarelas na Estrutural
- **Trevo de Triagem Norte**, entre o fim da Asa Norte e o Lago Norte
- Via de Ligação Torto Colorado
- Estações do metrô na 106 Sul, 110 Sul e EPTG

Melhorias do sistema

- Criação de 70 linhas de ônibus e readequação de 1,7 mil
- Entrega de duas estações do BRT: Vargem Bonita e Ipê
- Renovação da frota

Sustentabilidade

- Entrega de nove ônibus movidos a biodiesel B-20
- Entrega do primeiro ônibus 100% elétrico

Tecnologia

- Entrega do aplicativo + Ônibus à população. Em fase de testes: permite ao passageiro consultar horários em tempo real. A posição dos veículos é monitorada por GPS

Bilhete único

- Integração entre ônibus, metrô e BRT

Ciclomobilidade

- Lançamento, em 2017, do Plano Cicloviário +BIKE
- Ampliação das estações de bicicletas compartilhadas (48)
- Aumento da infraestrutura cicloviária do DF, hoje com 465km
- 65km de ciclovias em obras
- Entrega do +Bike, aplicativo que permite cadastrar e retirar bicicletas das estações

Artigo

por **Clésio Andrade**



CNT/Divulgação

Presidente da Confederação Nacional do Transporte (CNT)

R$ 6 bilhões em infraestrutura

O Distrito Federal, assim como todos os grandes centros urbanos brasileiros, enfrenta graves problemas de infraestrutura. O DF cresceu muito mais rápido do que Juscelino Kubitschek poderia imaginar quando, 60 anos atrás, decidiu construir Brasília e mudar o centro do poder político do país para o Planalto Central.

De acordo com o IBGE, o DF é a unidade da Federação que vem apresentando o maior crescimento populacional. Entre 2012 e 2017, a população aumentou 11,4%. Na mesma tendência, a frota da região cresceu 20% nos últimos cinco anos e ultrapassou a marca de 1,7 milhão de veículos registrados no Detran.

Esse crescimento vertiginoso não teve um aporte correspondente de investimentos em infraestrutura. Desde que Brasília foi construída, pouco se investiu nesse setor. E pior. Os investimentos vêm caindo ano a ano. Para se ter uma ideia, em 2008, os investimentos federais em infraestrutura de transporte no DF foram de R$ 66 milhões, caindo até chegar a R$ 28 milhões em 2017. As consequências imediatas são estrangulamento do trânsito, atrasos no desenvolvimento e queda na qualidade de vida da população.

O Plano de Transporte e Logística, construído pela CNT a título de contribuição para a formulação de políticas públicas para o setor, indica que o DF deveria investir cerca de R$ 6 bilhões em infraestrutura para tirar o atraso de décadas. Esses são investimentos necessários para recuperar, modernizar e diversificar a infraestrutura da região. No plano da CNT estão previstas as obras do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), que não saíram do papel, assim como as expansões do metrô e do BRT, também emperradas. Com isso, o DF teria uma combinação de transporte público ferroviário e rodoviário que poderia atender com mais agilidade e economia as demandas de toda a região.

Também estão previstas no Plano de Transporte e Logística obras de manutenção de rodovias e avenidas para melhorar e ampliar a capacidade das vias urbanas. Alguns avanços têm sido registrados, como as obras da saída norte de Brasília, que estão em andamento. Mas há muito a ser feito.

O Distrito Federal precisa realizar fortes investimentos. Só assim poderá oferecer uma infraestrutura moderna de mobilidade urbana e alcançar bases necessárias para se desenvolver, gerar empregos, renda e qualidade de vida para a população.